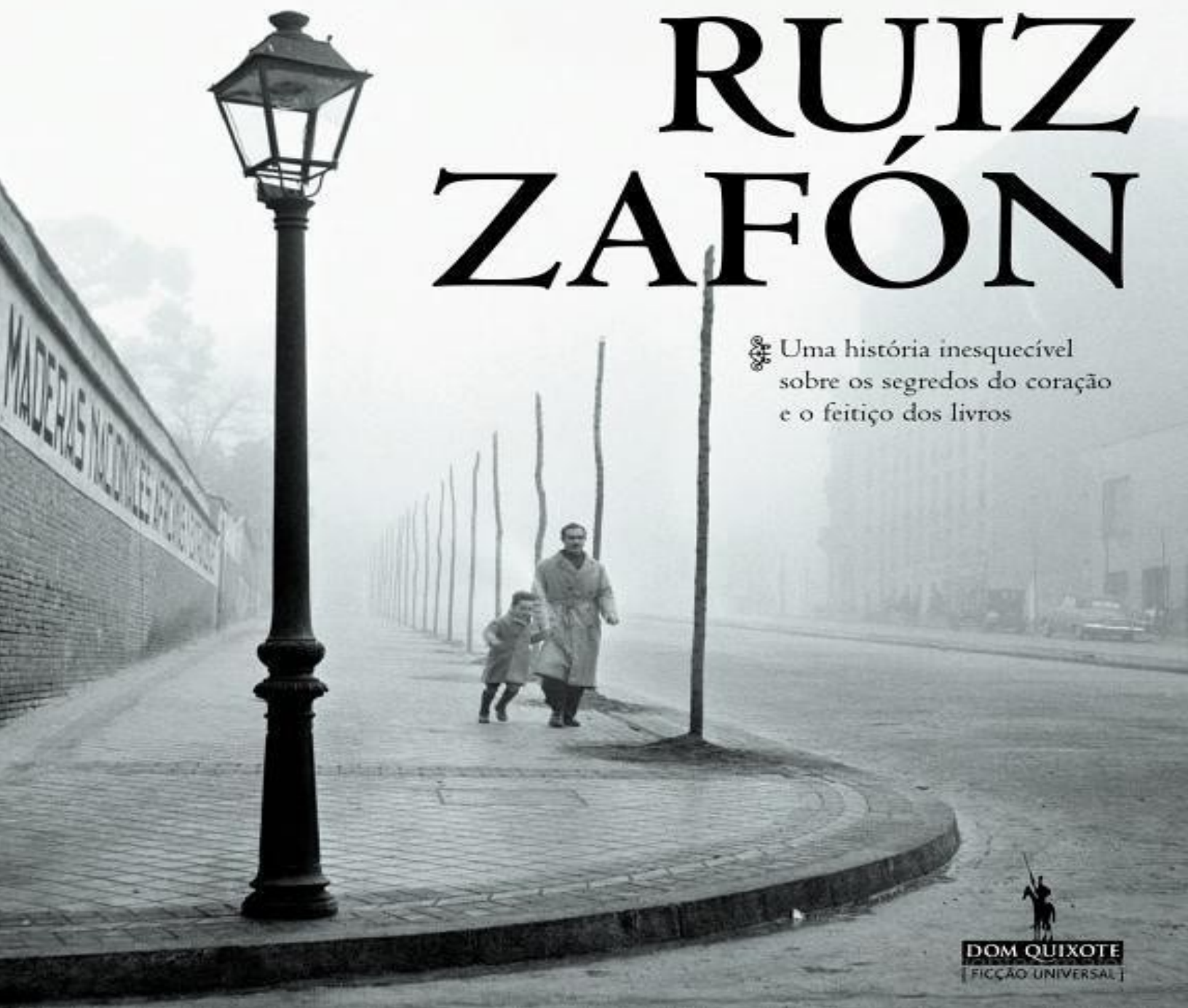


A SOMBRA DO VENTO

CARLOS RUIZ ZAFÓN

⌘ Uma história inesquecível
sobre os segredos do coração
e o feitiço dos livros





A SOMBRA DO VENTO

Carlos Ruiz Zafón

Índice

[O Cemitério dos Livros Esquecidos](#)

[Dias de Cinza – 1945-1949](#)

[Miséria e Companhia – 1950-1952](#)

[Génio e Figura – 1953](#)

[Cidade de Sombras – 1954](#)

[Núria Monfort: Memória de Aparições – 1933-1955](#)

[A Sombra do Vento – 1955](#)

[27 de Novembro de 1955 – Post Mortem](#)

[1956 – As Águas de Março](#)

[1966 – Dramatis Personae](#)

*Para Joan Ramon Planas,
que mereceria coisa melhor.*

O Cemitério dos Livros Esquecidos.



Ainda me lembro daquele amanhecer em que o meu pai me levou pela primeira vez a visitar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Desfiavam-se os primeiros dias do Verão de 1945 e caminhávamos pelas ruas de uma Barcelona apanhada sob céus de cinza e um sol de vapor que se derramava sobre a Rambla de Santa Mónica numa grinalda de cobre líquido.

– Não podes contar a ninguém aquilo que vais ver hoje, Daniel - advertiu o meu pai. – Nem ao teu amigo Tomás. A ninguém.

– Nem sequer à mamã? – inquiri eu, a meia-voz.

O meu pai suspirou, amparado naquele sorriso triste que o perseguia como uma sombra pela vida.

– Claro que sim – respondeu, cabisbaixo. – Para ela não temos segredos. A ela podes contar tudo.

Pouco depois da guerra civil, um surto de cólera tinha levado a minha mãe. Enterráramo-la em Montjuic no dia do meu quarto aniversário. Só me lembro de que choveu todo o dia e toda a noite e que quando perguntei ao meu pai se o céu chorava lhe faltou a voz para me responder. Seis anos depois, a ausência da minha mãe era para mim ainda uma miragem, um silêncio gritante que até então não tinha aprendido a emudecer com palavras. O meu pai e eu vivíamos num pequeno andar da Rua Santa Ana, junto da praça da igreja. O andar ficava situado mesmo por cima da livraria especializada em edições de colecionador e livros usados herdada do meu avô, um bazar encantado que o meu pai contava que um dia passasse para as minhas mãos. Criei-me entre livros, fazendo amigos invisíveis em páginas que se desfaziam em pó e cujo cheiro ainda conservo nas mãos. Em criança aprendi a conciliar o sono enquanto explicava à minha mãe na penumbra do meu quarto as incidências da jornada, as minhas andanças no colégio, o que tinha aprendido nesse dia... Não podia ouvir a sua voz ou sentir o seu contacto, mas a sua luz e o seu calor ardiam em cada recanto daquela casa e eu, com a fé dos que ainda podem contar os seus anos pelos dedos das mãos, acreditava que, se fechasse os olhos e falasse com ela, ela me poderia ouvir de onde estivesse. Às vezes, o meu pai ouvia-me da sala de jantar e chorava às escondidas.

Lembro-me de que naquele alvorecer de Junho acordei a gritar. O coração batia-me no peito como se a alma quisesse abrir caminho e desatar a correr pelas escadas abaixo. O meu pai correu alvoroçado ao meu quarto e tomou-me nos braços, tentando acalmar-me.

– Não consigo lembrar-me da cara dela. Não consigo lembrar-me da cara da mamã – murmurei ofegante.

O meu pai abraçou-me com força.

– Não te preocupes, Daniel. Eu lembrar-me-ei pelos dois.

Olhámo-nos na penumbra, procurando palavras que não existiam. Foi a primeira vez que me apercebi de que o meu pai envelhecia e de que os seus olhos, olhos de névoa e de perda, olhavam sempre para trás. Pôs-se de pé e abriu as cortinas para deixar entrar a tibia luz do alvorecer.

– Anda, Daniel, veste-te. Quero mostrar-te uma coisa – disse ele.

– Agora? Às cinco da manhã?

– Há coisas que só se podem ver no meio das trevas – insinuou o meu pai brandindo um sorriso enigmático que provavelmente tinha tomado de empréstimo de algum volume de Alexandre Dumas.

As ruas ainda languesciam entre neblinas e guardas-nocturnos quando chegámos à porta da rua. Os candeeiros das Ramblas desenhavam uma avenida de vapor, pestanejando ao mesmo tempo que a cidade se espreguiçava e se desfazia do seu disfarce de aguarela. Ao chegar à Rua Arco del Teatro aventurámo-nos rumo ao Raval sob a arcada que prometia uma abóbada de bruma azul. Segui o meu pai através daquele caminho estreito, mais cicatriz que rua, até que o relume das Ramblas se perdeu atrás de nós. A claridade do amanhecer filtrava-se das varandas e cornijas em sopros de luz enviesada que não chegavam a roçar o solo.

Finalmente, o meu pai deteve-se defronte de um portão de madeira trabalhada enegrecido pelo tempo e pela humidade. Diante de nós erguiase o que me pareceu o cadáver abandonado de um palácio, ou um museu de ecos e sombras.

– Daniel, não podes contar a ninguém o que vais ver hoje. Nem ao teu amigo Tomás. A ninguém.

Um homenzinho com traços de ave de rapina e cabeleira prateada abriunos a porta. O seu olhar aquilino poisou em mim, impenetrável.

– Bom dia, Isaac. Este é o meu filho Daniel – anunciou o meu pai. - Está quase a fazer onze anos, e um dia ficará ele a tomar conta da loja. Já tem idade para conhecer este lugar.

O tal Isaac convidou-nos a entrar com um leve gesto de assentimento.

Uma penumbra azulada cobria tudo, insinuando apenas traços de uma escadaria de mármore e uma galeria de frescos povoados de figuras de anjos e criaturas fabulosas. Seguimos o guardião através daquele corredor palaciano e

chegámos a uma grande sala circular onde uma autêntica basílica de trevas jazia sob uma cúpula retalhada por feixes de luz que pendiam lá do alto. Um labirinto de corredores e estantes repletas de livros subia da base até à cúspide, desenhando uma colmeia tecida de túneis, escadarias, plataformas e pontes que deixavam adivinhar uma gigantesca biblioteca de geometria impossível. Olhei para o meu pai, boquiaberto. Ele sorriu-me, piscando-me o olho.

– Bem-vindo ao Cemitério dos Livros Esquecidos, Daniel.

Salpicando os corredores e plataformas da biblioteca perfilava-se uma dúzia de figuras. Algumas delas voltaram-se para cumprimentar de longe, e reconheci os rostos de diversos colegas do meu pai do grémio de alfarrabistas. Aos meus olhos de dez anos, aqueles indivíduos afiguravam-se uma confraria secreta de alquimistas a conspirar nas costas do mundo. O meu pai ajoelhou-se ao pé de mim e, sustendo-me o olhar, falou-me com aquela voz leve das promessas e das confidências.

– Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que alguém desliza o olhar pelas suas páginas, o seu espírito cresce e torna-se forte. Há já muitos anos, quando o meu pai me trouxe pela primeira vez aqui, este lugar já era velho. Talvez tão velho como a própria cidade. Ninguém sabe de ciência certa desde quando existe, ou quem o criou. Dir-te-ei o que o meu pai me disse a mim. Quando uma biblioteca desaparece, quando uma livraria fecha as suas portas, quando um livro se perde no esquecimento, os que conhecemos este lugar, os guardiães, asseguramo-nos de que chegue aqui. Neste lugar, os livros de que já ninguém se lembra, os livros que se perderam no tempo, vivem para sempre, esperando chegar um dia às mãos de um novo leitor, de um novo espírito. Na loja nós vendemo-los e compramo-los, mas na realidade os livros não têm dono. Cada livro que aqui vês foi o melhor amigo de alguém. Agora só nos têm a nós, Daniel. Achas que vais poder guardar este segredo?

O meu olhar perdeu-se na imensidade daquele lugar, na sua luz encantada. Fiz um sinal de assentimento e o meu pai sorriu.

– E sabes o melhor? – perguntou.

Abanei a cabeça em silêncio.

– O costume é que a primeira vez que alguém visita este lugar tem de escolher um livro, aquele que preferir, e adoptá-lo, assegurando-se de que ele nunca desapareça, de que permaneça sempre vivo. É uma promessa muito importante. Para toda a vida – explicou o meu pai. – Hoje é a tua vez.

Pelo espaço de quase meia hora deambulei entre os meandros daquele labirinto que cheirava a papel velho, a pó e a magia. Deixei que a minha mão roçasse as avenidas de lombadas expostas, tentando a minha escolha. Avistei, entre

os títulos sumidos pelo tempo, palavras em línguas que reconhecia e dezenas de outras que era incapaz de catalogar. Percorri corredores e galerias em espiral povoadas de centenas, milhares de volumes que pareciam saber mais acerca de mim do que eu deles. Daí a pouco, assaltou-me a ideia de que atrás da capa de um daqueles livros se abria um universo infinito por explorar e de que, para além daqueles muros, o mundo deixava passar a vida em tardes de futebol e folhetins radiofónicos, contentando-se em ver até onde alcança o seu umbigo e pouco mais. Talvez fosse aquele pensamento, talvez o acaso ou o seu parente de gala, o destino, mas naquele mesmo instante soube que já tinha escolhido o livro que ia adoptar. Ou talvez devesse dizer o livro que me ia adoptar a mim. Assomava timidamente no extremo de uma estante, encadernado a pele cor de vinho e sussurrando o seu título em letras douradas que ardiam à luz que a cúpula destilava lá do alto. Aproximei-me dele e acariciei as palavras com a ponta dos dedos, lendo em silêncio:

A Sombra do Vento **JULIÁN CARAX**

Nunca tinha ouvido mencionar aquele título ou o seu autor, mas não me importou. A decisão estava tomada. Por ambas as partes. Peguei no livro com extremo cuidado e folhee-o, deixando esvoaçar as suas páginas. Libertado da sua cela na estante, o livro exalou uma nuvem de pó dourado. Satisfeito com a minha escolha, voltei pelo mesmo caminho ao longo do labirinto levando o meu livro debaixo do braço com um sorriso impresso nos lábios. Talvez a atmosfera feiticeira daquele lugar tivesse levado a melhor sobre mim, mas tive a certeza de que aquele livro tinha estado ali à minha espera durante anos, provavelmente desde antes de eu nascer.

Naquela tarde, de volta ao andar da Rua Santa Ana, refugiei-me no meu quarto e decidi ler as primeiras linhas do meu novo amigo. Antes que me apercebesse, tinha caído dentro dele sem remédio. O romance relatava a história de um homem em busca do seu verdadeiro pai, que nunca tinha chegado a conhecer e cuja existência só descobriria graças às últimas palavras que a mãe pronunciava no seu leito de morte. A história daquela busca transformava-se numa odisseia fantasmagórica na qual o protagonista lutava por recuperar uma infância e uma juventude perdidas, e na qual, lentamente, descobríamos a sombra de um amor maldito cuja lembrança o havia de perseguir até ao fim dos seus dias. À medida que avançava, a estrutura do relato começou a lembrar-me uma daquelas bonecas russas que contêm inumeráveis miniaturas de si mesmas no interior. Passo a passo, a

narração decompunha-se em mil histórias, como se o relato tivesse penetrado numa galeria de espelhos e a sua identidade se cindisse em dúzias de reflexos diferentes e ao mesmo tempo um só. Os minutos e as horas deslizaram como uma miragem. Horas mais tarde, aprisionado pelo relato, mal dei pelas badaladas da meia-noite na catedral a repicar ao longe. Enterrado na luz de cobre que o candeeiro flexível projectava, mergulhei num mundo de imagens e sensações como nunca as tinha conhecido. Personagens que se me afiguraram tão reais como o ar que respirava arrastaram-me para um túnel de aventura e mistério do qual não queria escapar. Página a página, deixei-me envolver pelo sortilégio da história e pelo seu mundo até que o sopro do amanhecer acariciou a minha janela e os meus olhos cansados deslizaram pela última página. Deitei-me na penumbra azulada do alvorecer com o livro sobre o peito e escutei o rumor da cidade adormecida a gotejar sobre os telhados salpicados de púrpura. O sono e a fadiga batiam à minha porta, mas resisti a render-me. Não queria perder o feitiço da história nem dizer adeus ainda às suas personagens.

Numa ocasião ouvi um cliente habitual comentar na livraria do meu pai que poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho até ao seu coração. Aquelas primeiras imagens, o eco dessas palavras que julgamos ter deixado para trás, acompanham-nos toda a vida e esculpem um palácio na nossa memória ao qual, mais tarde ou mais cedo – não importa quantos livros leiamos, quantos mundos descubramos, tudo quanto aprendamos ou esqueçamos -, vamos regressar.

Para mim aquelas páginas enfeitiçadas serão sempre as que encontrei entre os corredores do Cemitério dos Livros Esquecidos.

Dias de Cinza

1945-1949

1.



Um segredo vale o que valem aqueles de quem temos de guardá-lo. Ao acordar, o meu primeiro impulso foi dar parte da existência do Cemitério dos Livros Esquecidos ao meu melhor amigo. Tomás Aguilar era um colega de estudos que dedicava o tempo livre e o talento à descoberta de geringonças engenhosíssimas mas de escassa aplicação prática, como o dardo aerostático ou o pião-dínamo. Ninguém melhor que Tomás para compartilhar aquele segredo. Sonhando acordado, imaginava o meu amigo Tomás e eu próprio apetrechados ambos de lanternas e bússola, prestes a desvendar os segredos daquela catacumba bibliográfica. Depois, recordando a minha promessa, decidi que as circunstâncias aconselhavam o que nos romances de intriga policial se denominava outro *modus operandi*. Ao meio-dia abordei o meu pai para o questionar acerca daquele livro e de Julián Carax, que no meu entusiasmo tinha imaginado célebres em todo o mundo. O meu plano era deitar mão a todas as suas obras e lê-las de fio a pavio em menos de uma semana. Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que o meu pai, livreiro de raça e bom conhecedor dos catálogos editoriais, nunca tinha ouvido falar de *A Sombra do Vento* ou de Julián Carax. Intrigado, o meu pai inspeccionou a página com os dados da edição.

– Segundo isto, este exemplar faz parte de uma edição de dois mil e quinhentos exemplares impressa em Barcelona, por Cabestany Editores, em Dezembro de 1935.

– Conheces essa editora?

– Fechou há anos. Mas a edição original não é esta, e sim outra de Novembro do mesmo ano, mas impressa em Paris... A editora é Galliano Neuval. Não me diz nada.

– Então o livro é uma tradução? – perguntei, desconcertado.

– Não refere que o seja. Pelo que aqui se vê, o texto é original.

– Um livro em castelhano, editado primeiro em França?

– Não será a primeira vez, com os tempos que correm – aduziu o meu pai. – Se calhar o Barceló pode-nos ajudar...

Gustavo Barceló era um velho colega do meu pai, dono de uma livraria cavernosa na rua Fernando, que capitaneava a fina-flor do grémio de alfarrabistas. Vivia perpetuamente agarrado a um cachimbo apagado que desprendia eflúvios de mercado persa e descrevia-se a si próprio como o último romântico. Barceló sustentava que na sua linhagem havia um parentesco distante com lorde Byron, apesar de ser natural de Caldas de Montbuy. Talvez no intuito de evidenciar esta ligação, Barceló vestia invariavelmente à maneira de um dândi do século dezenove, usando lenço de pescoço, sapatos de verniz brancos e um monóculo sem graduação que segundo as más-línguas não tirava nem na intimidade da retrete. Na realidade, o parentesco mais significativo a seu crédito era o do progenitor, um industrial que tinha enriquecido por meios mais ou menos turvos em finais do século XIX. Segundo me explicou o meu pai, Gustavo Barceló, tecnicamente, nadava em dinheiro, e a livraria era mais paixão que negócio. Amava os livros sem reserva e, embora ele o negasse rotundamente, se alguém entrava na sua livraria e se apaixonava por um exemplar cujo preço não podia comportar, ele fazia um abatimento até onde fosse necessário, ou inclusivamente oferecia-lho se calculasse que o comprador era um leitor de categoria e não um diletante borboleteador. À margem destas peculiaridades, Barceló possuía uma memória de elefante e uma pedantaria que não lhe ficava atrás em porte ou sonoridade, mas se alguém sabia de livros estranhos, era ele. Naquela tarde, depois de fechar a loja, o meu pai sugeriu que fôssemos até ao café Els Quatre Gats, na Rua Montsió, onde Barceló e os seus compinchas mantinham uma tertúlia bibliófila sobre poetas malditos, línguas mortas e obras-primas abandonadas à mercê da traça.

Els Quatre Gats ficava a um pulo de casa e era um dos meus recantos predilectos de toda a Barcelona. Era ali que os meus pais se tinham conhecido no ano de 32, e eu atribuía em parte o meu bilhete de ida para a vida ao encanto daquele velho café. Dragões de pedra custodiavam a fachada encravada num cruzamento de sombras e os seus candeeiros de gás congelavam o tempo e as lembranças. No interior, as pessoas fundiam-se com os ecos de outras épocas. Guarda-livros, sonhadores e aprendizes de génio compartilhavam mesa com a miragem de Pablo Picasso, Isaac Albéniz, Federico Garcia Lorca ou Salvador Dali. Ali, qualquer pobre diabo se podia sentir por uns instantes figura histórica pelo preço de um garoto.

– Ora, Sempere – proclamou Barceló ao ver entrar o meu pai -, o filho pródigo. A que se deve a honra?

– A honra deve-a ao meu filho Daniel, don Gustavo, que acaba de fazer uma descoberta.

– Então venham sentar-se ao pé de nós, que há que celebrar esta efeméride – proclamou Barceló.

– Efeméride? – sussurrei ao meu pai.

– O Barceló só se expressa em esdrúxulas – respondeu o meu pai a meia voz. – Tu não digas nada, que ele ganha coragem.

Os companheiros de tertúlia abriram lugar para nós no seu círculo e Barceló, que gostava de se mostrar liberal em público, insistiu em convidar-nos.

– Que idade tem o moço? – inquiriu Barceló, olhando-me de soslaio.

– Quase onze anos – declarei.

Barceló sorriu-me, velhaco.

– Ou seja, dez. Não ponhas anos a mais, mariola, que a vida lá tos porá. Vários dos companheiros de tertúlia murmuraram o seu assentimento.

Barceló fez sinais a um criado com aspecto iminente de ser declarado monumento histórico para que se aproximasse a fim de tomar nota.

– Um conhaque para o meu amigo Sempere, do bom, e para o rebento um batido de leite, que tem de crescer. Ah, e traga umas lasquinhas de presunto, mas que não sejam como as de antes, hem?, que para borracha já temos a casa Pirelli – rugiu o livreiro.

O criado assentiu e partiu, arrastando os pés e a alma.

– É o que eu digo – comentou o livreiro. – Como é que há-de haver trabalho, se neste país as pessoas não se reformam nem depois de mortas? Veja o Cid. É que não há remédio.

Barceló saboreou o seu cachimbo apagado, com o olhar aquilino a perscrutar com interesse o livro que eu segurava nas mãos. Apesar da sua fachada brincalhona e de tanto palavreado, Barceló era capaz de farejar uma boa presa como um lobo fareja o sangue.

– Ora vejamos – disse Barceló, fingindo desinteresse. – Que me trazem vocês?

Dirigi um olhar ao meu pai. Ele assentiu. Sem mais preâmbulos, estendi o livro a Barceló. O livreiro pegou-lhe com mão conhecedora. Os seus dedos de pianista exploraram rapidamente textura, consistência e estado. Exibindo o seu sorriso florentino, Barceló localizou a página de edição e inspeccionou-a com intensidade policial pelo espaço de um minuto. Os outros observavam-no em silêncio, como se esperassem um milagre ou autorização para respirar de novo.

– Carax. Interessante – murmurou num tom impenetrável.

Estendi de novo a mão para recuperar o livro. Barceló arqueou as sobrancelhas, mas devolveu-mo com um sorriso glacial.

– Onde é que o encontraste, garoto?

– É um segredo – repliquei, sabendo que o meu pai devia estar a sorrir por

dentro.

Barceló franziu o cenho e desviou o olhar para o meu pai.

– Amigo Sempere, porque é o senhor e por todo o apreço que lhe tenho e em honra à amizade que nos une como a dois irmãos, fiquemo-nos por quarenta duros(*1) e não se fala mais nisso.

**1. O duro equivale a cinco pesetas. A designação é uma reminiscência da antiga moeda espanhola chamada peso duro ou, abreviadamente, duro, que tinha esse valor. (N. T.)*

– Isso vai ter de o discutir com o meu filho – aduziu o meu pai. – O livro é dele.

Barceló ofereceu-me um sorriso lupino.

– Que dizes, pequenote? Quarenta duros não é mau para uma primeira venda... Sempere, este seu miúdo há-de fazer carreira neste negócio.

Os companheiros de tertúlia riram-se da graça. Barceló olhou para mim satisfeito, puxando da sua carteira de pele. Contou os quarenta duros, que naquela época eram uma verdadeira fortuna, e estendeu-mos. Eu limitei-me a recusar em silêncio. Barceló franziu o cenho.

– Olha que a cobiça é inevitavelmente um pecado mortal, hem? – aduziu.

– Vamos, sessenta duros e abres uma caderneta de aforro, que na tua idade há que pensar no futuro.

Recusei de novo. Barceló lançou um olhar irado ao meu pai através do monóculo.

– Não olhe para mim – disse o meu pai. – Eu aqui venho só como acompanhante.

Barceló suspirou e observou-me detidamente.

– Vamos lá a ver, menino; mas o que é que tu queres?

– O que eu quero é saber quem é Julián Carax, e onde posso encontrar outros livros que ele tenha escrito.

Barceló riu dissimuladamente e meteu de novo a carteira ao bolso.

– Era, um académico. Mas o que dá você a comer a este miúdo, Sempere? – gracejou.

O livreiro inclinou-se para mim com tom confidencial e, por um instante, pareceu-me entrever no seu olhar um certo respeito que lá não estava momentos atrás.

– Vamos fazer um negócio – disse ele. – Amanhã, domingo, à tarde, passas pela biblioteca do Ateneo e perguntas por mim. Tu trazes o teu livro para que eu o possa examinar bem, e eu conto-te o que sei de Julián Carax. *Quid pro quo*.

– *Quid pro* quê?

– Latim, rapaz. Não há línguas mortas, mas sim cérebros amodorrados.

Parafraseando, significa que não há duros a quatro pesetas, mas que simpatizei contigo e te vou fazer um favor.

Aquele homem destilava uma oratória capaz de aniquilar moscas em voo, mas suspeitei de que, se queria averiguar alguma coisa sobre Julián Carax, mais me valeria ficar de boas relações com ele. Sorri-lhe beatificamente, mostrando o meu deleite com os latinórios e o seu verbo fácil.

– Não te esqueças, amanhã, no Ateneo – sentenciou o livreiro. – Mas leva o livro, ou não há negócio.

– De acordo.

A conversa desvaneceu-se lentamente no murmúrio dos restantes companheiros de tertúlia, derivando para a discussão de uns documentos encontrados nas caves do Escorial que sugeriam a possibilidade de don Miguel de Cervantes não ter sido senão o pseudónimo literário de uma peluda mulherança toledana. Barceló, ausente, não participou no debate bizantino e limitou-se a observar-me do seu monóculo com um sorriso velado. Ou talvez olhasse somente para o livro que eu segurava nas mãos.

2.

Naquele domingo, as nuvens tinham resvalado do céu e as ruas jaziam submergidas sob uma lagoa de neblina ardente que fazia suar os termómetros nas paredes. A meio da tarde, rondando já os trinta graus, parti rumo à rua Canuda para o meu encontro com Barceló no Ateneo levando o meu livro debaixo do braço e uma cortina de suor na testa. O Ateneo era – e ainda é – um dos muitos recantos de Barcelona onde o século XIX ainda não recebeu notícia da sua reforma. A escadaria de pedra subia de um pátio palaciano até uma retícula fantasmagórica de galerias e salões de leitura onde invenções como o telefone, a pressa ou o relógio de pulso eram anacronismos futuristas. O porteiro, ou talvez fosse tão-só uma estátua de uniforme, mal pestanejou à minha chegada. Deslizei até ao primeiro andar, bendizendo as pás de uma ventoinha que sussurrava entre leitores adormecidos a derreterem-se como cubos de gelo sobre os seus livros e jornais.

A silhueta de don Gustavo Barceló recortava-se junto das vidraças de uma galeria que dava para o jardim interior do edifício. Apesar da atmosfera quase tropical, o livreiro vestia a sua habitual roupa de cerimónia de figurino e o seu monóculo brilhava na penumbra como uma moeda no fundo de um poço. Junto dele distingui uma figura enfiada num vestido de alpaca branca que se me afigurou como um anjo esculpido em brumas. Ao eco dos meus passos, Barceló semicerrou os

olhos e fez-me um sinal para que me aproximasse.

– Daniel, não é? – perguntou o livreiro. – Trouxeste o livro?

Assenti em duplicado e aceitei a cadeira que Barceló me oferecia junto dele e da sua misteriosa acompanhante. Durante vários minutos, o livreiro limitou-se a sorrir placidamente, alheio à minha presença. Não tardou que abandonasse toda a esperança de que ele me apresentasse a quem quer que fosse a dama de branco. Barceló comportava-se como se ela não estivesse ali e nenhum dos dois pudesse vê-la. Observei-a de soslaio, receoso de encontrar o seu olhar, que continuava perdido em nenhum sítio. O rosto e os braços vestiam uma pele pálida, quase translúcida. Tinha as feições afiladas, desenhadas a traço firme sob uma cabeleira negra que brilhava como pedra humedecida. Calculei-lhe uns vinte anos, no máximo, mas havia qualquer coisa no seu porte e no modo como a alma parecia cair-lhe aos pés, como os ramos de um salgueiro, que me fez pensar que não tinha idade. Parecia presa naquele estado de perpétua juventude reservado aos manequins das montras de aparato. Estava a tentar ler-lhe a pulsação por baixo daquela garganta de cisne quando me apercebi de que Barceló me observava fixamente.

– Então, vais-me dizer onde encontraste esse livro? – perguntou.

– Fá-lo-ia, mas prometi ao meu pai guardar o segredo – aduzi.

– Estou a ver. O Sempere e os seus mistérios – disse Barceló. – Já imagino onde. Tiveste uma bela vaca, garoto. A isso é que eu chamo encontrar uma agulha num campo de açucenas. Vamos lá a ver, deixas-mo ver?

Estendi-lhe o livro, e Barceló tomou-o nas mãos com infinita delicadeza.

– Leste-o, suponho.

– Sim, senhor.

– Invejo-te. Sempre me pareceu que o momento para ler Carax é quando ainda se tem o coração jovem e a mente limpa. Sabias que este foi o último romance que escreveu?

Abanei silenciosamente a cabeça.

– Sabes quantos exemplares como este há no mercado, Daniel?

– Milhares, suponho.

– Nenhum – precisou Barceló. – Excepto o teu. Os restantes foram queimados.

– Queimados?

Barceló limitou-se a oferecer um sorriso hermético, passando folhas do livro e acariciando o papel como se fosse uma seda única no universo. A dama de branco voltou-se lentamente. Os seus lábios esboçaram um sorriso tímido e trémulo. Os seus olhos apalpavam o vazio, pupilas brancas como o mármore. Engoli em seco. Era cega.

– Não conheces a minha sobrinha Clara, pois não? – perguntou Barceló.

Limitei-me a dizer com a cabeça que não, incapaz de despregar os olhos daquela criatura com tez de boneca de porcelana e olhos brancos, os olhos mais tristes que alguma vez vi.

– Na realidade, a especialista em Julián Carax é a Clara, foi por isso que a trouxe – disse Barceló. – Mais ainda, pensando bem, acho que com vossa licença me vou retirar para outra sala a fim de inspeccionar este volume enquanto vocês falam das vossas coisas. Acham bem?

Olhei para ela, atónito. O livreiro, pirata até à sepultura e alheio às minhas reservas, limitou-se a dar-me uma palmadinha nas costas e partiu com o meu livro debaixo do braço.

– Impressionaste-o, sabes? – disse a voz atrás de mim.

Voltei-me para descobrir o sorriso leve da sobrinha do livreiro, tenteando no vazio. Tinha uma voz de cristal, transparente e tão frágil que me pareceu que as suas palavras se quebrariam se a interrompesse a meio da frase.

– O meu tio disse-me que te ofereceu uma boa quantia pelo livro de Carax, mas que tu a recusaste – acrescentou Clara. – Conquistaste o seu respeito.

– Qualquer um o diria – suspirei.

Observei que Clara inclinava a cabeça ao sorrir e que os seus dedos brincavam com um anel que parecia uma grinalda de safiras.

– Que idade tens? – perguntou.

– Quase onze anos – respondi. – E a menina? Clara riu perante a minha insolente inocência.

– Quase o dobro, mas também não é caso para me tratares por você.

– Parece mais nova – assinalei, pressentindo que aquilo podia ser uma boa saída para a minha indiscrição.

– Então vou confiar em ti, porque não sei que aspecto tenho - retorquiu, sem abandonar o seu sorriso a meia haste. – Mas, se te pareço mais nova, tanto mais razão para me tratares por tu.

– Como queira, menina Clara.

Observei detidamente as suas mãos abertas como asas sobre o regaço, a cintura frágil a insinuar-se sob as pregas de alpaca, o desenho dos ombros, a extrema palidez da garganta e o desenho dos lábios, que teria querido acariciar com as pontas dos dedos. Nunca até aí tinha tido a oportunidade de examinar uma mulher tão de perto e com tanta precisão sem receio de me encontrar com o seu olhar.

– Para onde é que estás a olhar? – perguntou Clara, não sem uma certa malícia.

– O seu tio diz que a menina é uma especialista em Julián Carax - improvisei, com a boca seca.

– O meu tio seria capaz de dizer o que quer que fosse para passar um

bocado a sós com um livro que o fascine – aduziu Clara. – Mas tu deves perguntar a ti mesmo como alguém que é cego pode ser especialista em livros se não os pode ler.

– Não me tinha ocorrido, para dizer a verdade.

– Para quem tem quase onze anos não mentes mal. Tem cuidado, senão ainda acabas como o meu tio.

Receando meter água pela enésima vez, limitei-me a permanecer sentado em silêncio, contemplando-a aparvalhado.

– Anda, aproxima-te – disse ela.

– Desculpe?

– Aproxima-te sem medo. Não te vou comer.

Levantei-me da cadeira e aproximei-me até onde Clara estava sentada. A sobrinha do livreiro levantou a mão direita, procurando-me às apalpadelas. Sem saber bem como devia proceder, fiz outro tanto e ofereci-lhe a minha mão. Tomou-a na sua mão esquerda, e Clara ofereceu-me em silêncio a sua direita. Compreendi intuitivamente o que me pedia, e guiei-a até ao meu rosto. O seu tacto era ao mesmo tempo firme e delicado. Os dedos dela percorreram-me as faces e as maçãs do rosto.

Permaneci imóvel, quase sem me atrever a respirar enquanto Clara lia as minhas feições com as mãos. Enquanto o fazia, sorria para si e pude reparar que os seus lábios se semicerravam, como que murmurando em silêncio. Senti o roçar das suas mãos na testa, no cabelo e nas pálpebras. Deteve-se sobre os meus lábios, desenhando-os em silêncio com o indicador e o anular. Os dedos cheiravam a canela. Engoli em seco, notando que a pulsação me disparava à doida e agradecendo à divina providência que não houvesse testemunhas oculares para presenciar o meu rubor, que teria bastado para acender um charuto a um palmo de distância.

3.

Naquela tarde de brumas e chuva miúda, Clara Barceló roubou-me o coração, a respiração e o sono. Ao abrigo da luz enfeitiçada do Ateneo, as suas mãos escreveram na minha pele uma maldição que havia de me perseguir durante anos. Enquanto eu a contemplava arrebatado, a sobrinha do livreiro explicou-me a sua história e como ela tinha tropeçado, também por casualidade, nas páginas de Julián Carax. O acidente tivera lugar numa aldeia da Provença. O seu pai, advogado de prestígio ligado ao gabinete do presidente Companys(*1), tinha tido a clarividência de mandar a filha e a mulher para casa da irmã do outro lado da fronteira no início da guerra civil. Não faltou quem opinasse que aquilo era um

exagero, que em Barcelona não ia acontecer nada e que em Espanha, berço e pináculo da civilização cristã, a barbárie era coisa dos anarquistas, e estes, de bicicleta e com remendos nas peúgas, não podiam ir muito longe. Os povos nunca se vêem ao espelho, dizia sempre o pai de Clara, e muito menos com uma guerra à frente do nariz. O advogado era um bom leitor da história e sabia que o futuro se lia nas ruas, nas fábricas e nos quartéis com mais clareza do que na imprensa da manhã. Durante meses escreveu-lhes todas as semanas. Ao princípio fazia-o do escritório da rua Diputación, mais tarde sem remetente e, finalmente, às escondidas, de uma cela no castelo de Montjuic onde, como a tantos, ninguém o viu entrar e de onde nunca voltou a sair.

**1. Lluís Companys i Jover (1882-1940) proclamou o Estado catalão e foi presidente do Parlamento catalão e da Generalitat, em 1934 e novamente entre 1936 e 1939. Quando as tropas do general Franco ocuparam a Catalunha, foi para França, onde a Gestapo o entregou às autoridades espanholas, para ser condenado à morte e executado. (N. T.)*

A mãe de Clara lia as cartas em voz alta, dissimulando mal o pranto e saltando os parágrafos que a filha depreendia sem necessidade de os ler. Mais tarde, à meia-noite, Clara convencia a sua prima Claudette a ler-lhe de novo as cartas do pai na íntegra. Era assim que Clara lia, com olhos de empréstimo. Nunca ninguém a viu derramar uma lágrima, nem quando deixaram de receber correspondência do advogado nem quando as notícias da guerra fizeram supor o pior.

– O meu pai sabia desde o princípio o que se ia passar – explicou Clara. – Permaneceu ao lado dos amigos porque pensava que era essa a sua obrigação. O que o matou foi a lealdade a pessoas que, quando lhes chegou a hora, o atraíçaram. Nunca confies em ninguém, Daniel, especialmente nas pessoas que admiras. São essas que te cravarão as maiores punhaladas.

Clara pronunciava estas palavras com uma dureza que parecia forjada em anos de segredo e sombra. Perdi-me no seu olhar de porcelana, olhos sem lágrimas nem mentiras, ouvindo-a falar de coisas que na altura eu não percebia. Clara descrevia pessoas, cenários e objectos que nunca vira com os seus próprios olhos com um pormenor e uma precisão de mestre da escola flamenga. O seu idioma eram as texturas e os ecos, a cor das vozes, o ritmo dos passos. Explicou-me que, durante os anos do exílio em França, ela e a sua prima Claudette tinham partilhado um tutor e professor particular, um cinquentão borracho com filáucias de literato que alardeava ser capaz de recitar a *Eneida* de Virgílio em latim sem sotaque e que tinham apodado de *Monsieur* Roquefort em virtude do peculiar aroma que a sua pessoa destilava apesar dos banhos romanos de água-de-colónia com que temperava a sua pantagruélica pessoa. *Monsieur* Roquefort, apesar das suas notáveis

peculiaridades (entre as quais avultava uma firme e militante convicção de que o chouriço e em particular as morcelas que Clara e a mãe recebiam dos parentes de Espanha eram remédio santo para a circulação e o mal da gota), era homem de gostos refinados. Desde jovem ia a Paris uma vez por mês para enriquecer o seu acervo cultural com as últimas novidades literárias, visitar museus e, murmurava-se, passar uma noite de folga nos braços de uma ninfeta que tinha baptizado de Madame Bovary apesar de se chamar Hortense e que possuía uma certa propensão para a penugem facial. Nas suas excursões culturais, *Monsieur* Roquefort costumava frequentar uma banca de livros usados postada defronte de Notre-Dame e fora ali que, por casualidade, tropeçara uma tarde de 1929 num romance de um autor desconhecido, um tal Julián Carax. Sempre aberto às novidades, *Monsieur* Roquefort adquirira o livro mais que qualquer outra coisa porque o título se lhe revelava sugestivo e ele costumava sempre ler qualquer coisa ligeira no comboio de regresso. O romance tinha por título *A Casa Vermelha*, e na contracapa aparecia uma imagem esfumada do autor, talvez uma fotografia ou um apontamento a carvão. Segundo o texto biográfico, Julián Carax era um jovem de vinte e sete anos que nascera com o século na cidade de Barcelona e agora vivia em Paris, escrevia em francês e actuava profissionalmente como pianista nocturno numa casa de alterne. O texto da sobrecapa, pomposo e bafiento ao gosto da época, proclamava em prosa prussiana que aquela era a primeira obra de um valor deslumbrante, um talento proteico e insigne, promessa de futuro para as letras europeias sem paralelo no mundo dos vivos. Contudo, a sinopse seguidamente referida dava a entender que a história continha elementos vagamente sinistros e de tom folhetinesco, o que aos olhos de *Monsieur* Roquefort era sempre um ponto a favor, porque a ele, a seguir aos clássicos, o que mais agradava eram as intrigas de crime e alcova.

A Casa Vermelha relatava a atormentada vida de um misterioso indivíduo que assaltava casas de brinquedos e museus para roubar bonecos e fantoches, aos quais posteriormente arrancava os olhos e que levava para a sua residência, um fantasmagórico internadouro abandonado nas margens do Sena. Ao irromper uma noite numa mansão sumptuosa da avenue Foix para dizimar a colecção privada de bonecos de um magnate enriquecido através de turvas artimanhas durante a revolução industrial, a sua filha, uma menina da boa sociedade parisiense, muito fina e lida, apaixonava-se pelo ladrão. À medida que o tortuoso romance avançava, enxameado de incidências escabrosas e episódios à meia-luz, a heroína deslindava o mistério que levava o enigmático protagonista, que nunca revelava o seu nome, a cegar os bonecos, descobria um horrível segredo sobre o seu próprio pai e a sua colecção de figuras de porcelana e mergulhava inevitavelmente num final de tragédia gótica sem conta.

Monsieur Roquefort, que era um corredor de fundo nas lides literárias e que

se orgulhava de possuir uma ampla colecção de cartas assinadas por todos os editores de Paris recusando os volumes de verso e prosa que ele lhes enviava sem trégua, identificou a editora que tinha publicado o romance como uma casa de vão de escada, conhecida, quando muito, pelos seus volumes de cozinha, costura e outras artes do lar. O dono da banca de livros usados contou-lhe que o romance tinha acabado de sair e que conseguira arrancar um par de resenhas em dois jornais de província, junto das notas necrológicas. Em poucas linhas, os críticos tinham-se desbocado a seu bel-prazer e haviam recomendado ao novel Carax que não deixasse o seu emprego de pianista, porque na literatura era evidente que não ia chamar a atenção. *Monsieur* Roquefort, a quem o coração e a bolsa amoleciam diante das causas perdidas, decidira investir meio franco e levava o romance do tal Carax juntamente com uma edição requintada do grande mestre, de quem se sentia herdeiro não reconhecido, Gustave Flaubert.

O comboio para Lyon ia repleto até mais não poder ser e *Monsieur* Roquefort não teve outro remédio senão compartilhar o seu compartimento da segunda classe com um par de religiosas que, mal deixaram a estação de Austerlitz, não pararam de lhe lançar olhares de reprovação, murmurando disfarçadamente. Perante semelhante escrutínio, o mestre optou por resgatar aquele romance da pasta e entrincheirar-se atrás das suas páginas. Qual não foi a sua surpresa quando, centenas de quilómetros mais tarde, descobriu que tinha esquecido as irmãs, o vaivém do comboio e a paisagem que deslizava como um sonho mau dos irmãos Lumière através das janelas do comboio. Leu toda a noite, alheio aos roncos das religiosas e às estações fugazes na névoa. Ao voltar a última página, despontava o alvorecer, *Monsieur* Roquefort descobriu que tinha lágrimas nos olhos e o coração envenenado de inveja e espanto.

Naquela mesma segunda-feira, *Monsieur* Roquefort telefonou para a editora de Paris a fim de solicitar informações sobre o tal Julián Carax. Depois de muita insistência, uma telefonista de tom asmático e disposição virulenta respondeu-lhe que o senhor Carax não tinha direcção conhecida, que fosse como fosse já não estava relacionado com a editora em questão e que o romance *A Casa Vermelha* tinha vendido exactamente setenta e sete exemplares desde o dia da sua publicação, presumivelmente adquiridos na sua maioria pelas meninas de virtude fácil e outros frequentadores habituais do local onde o autor desfiava nocturnos e polacas a troco de umas moedas. O resto dos exemplares tinha sido devolvido e transformado em pasta de papel para imprimir missais, multas e bilhetes de lotaria. A mísera sorte do misterioso autor acabou por conquistar as simpatias de *Monsieur* Roquefort. Durante os dez anos seguintes, em cada uma das suas visitas a Paris, percorreria alfarrabistas em busca de mais obras de Julián Carax. Nunca encontrara nenhuma. Quase ninguém tinha ouvido falar do autor, e aqueles a quem o nome dizia alguma

coisa pouco sabiam. Havia quem afirmasse que tinha publicado mais alguns livros, sempre em editoras de pequena monta e com tiragens irrisórias. Esses livros, se realmente existiam, eram impossíveis de encontrar. Um livreiro afirmou uma vez ter tido nas mãos um exemplar de um romance de Julián Carax chamado *O Ladrão de Catedrais*, mas já lá ia muito tempo e não estava totalmente seguro. Em finais de 1935 chegaram-lhe notícias de que um novo romance de Julián Carax, *A Sombra do Vento*, tinha sido publicado por uma pequena editora de Paris. Escreveu para a editora a fim de adquirir vários exemplares. Nunca recebeu resposta. No ano seguinte, na Primavera de 36, o seu antigo amigo da banca de livros da margem do Sena perguntara-lhe se continuava interessado em Carax. *Monsieur* Roquefort afirmara que nunca se rendia. Era já uma questão de teimosia: se o mundo se empenhava em enterrar Carax no esquecimento, a ele não lhe apetecia ir na onda. O amigo explicara-lhe que semanas atrás tinha circulado um rumor acerca de Carax. Parecia que por fim a sorte mudara. Ia contrair matrimónio com uma dama de boa posição e tinha publicado um novo romance depois de vários anos de silêncio que, pela primeira vez, recebera uma resenha favorável no *Le Monde*. Mas precisamente quando parecia que os ventos iam mudar de rumo, explicara o livreiro, Carax tinha-se visto implicado num duelo no cemitério de Père Lachaise. As circunstâncias que rodearam este acontecimento não eram claras. Tudo o que se sabia era que o duelo tivera lugar no alvorecer do dia em que Carax tinha de contrair matrimónio, e que o noivo não chegara a comparecer na igreja.

Havia opiniões para todos os gostos: uns faziam-no morto naquele duelo e o seu cadáver abandonado numa sepultura anónima; outros, mais optimistas, preferiam acreditar que Carax, implicado em algum assunto turvo, tivera de abandonar a sua noiva no altar e fugir de Paris para regressar a Barcelona.

4.

A sepultura sem nome nunca foi encontrada e pouco depois circulara outra versão: Julián Carax, perseguido pela desgraça, morrera na sua cidade natal na mais absoluta das misérias. As raparigas do bordel onde tocava piano tinham feito uma colecta para lhe pagarem um enterro decente. Quando chegou o vale, o cadáver já tinha sido enterrado numa vala comum, juntamente com os corpos de mendigos e gente sem nome que aparecia a flutuar no porto ou que morria de frio nas escadas do metro.

Mesmo que fosse só por espírito de contradição, *Monsieur* Roquefort não esqueceu Carax. Onze anos depois de ter descoberto *A Casa Vermelha*, decidiu emprestar o romance às suas duas alunas com a esperança de que talvez aquele

estranho livro as entusiasmasse a adquirirem o hábito da leitura. Clara e Claudette eram à data duas meninas de quinze anos com as veias a arder de hormonas e com o mundo a piscar-lhes o olho das janelas da sala de estudo. Apesar dos esforços do tutor, até ao momento tinham demonstrado ser imunes ao encanto dos clássicos, às fábulas de Esopo ou ao verso imortal de Dante Alighieri. *Monsieur* Roquefort, receando que o seu contrato fosse rescindido quando a mãe de Clara descobrisse que os seus labores docentes estavam a formar duas analfabetas com a cabeça cheia de caraminholas, optou por lhes passar o romance de Carax com o pretexto de que era uma história de amor das que faziam chorar baba e ranho, o que era uma meia verdade.

– Nunca me tinha sentido agarrada, seduzida e envolvida por uma história como a que aquele livro narrava – explicou Clara. – Até então para mim as leituras eram uma obrigação, uma espécie de multa a pagar a professores e tutores sem saber muito bem para quê. Não conhecia o prazer de ler, de explorar portas que se nos abrem na alma, de nos abandonarmos à imaginação, à beleza e ao mistério da ficção e da linguagem. Tudo isso para mim nasceu com aquele romance. Já beijaste alguma vez uma rapariga, Daniel?

Engasgou-se-me o cerebelo e a saliva transformou-se-me em serradura.

– Bem, ainda és muito novo. Mas é essa mesma sensação, essa faísca da primeira vez que não se esquece. Este mundo é um mundo de sombras, Daniel, e a magia é um bem escasso. Aquele livro mostrou-me que ler me podia fazer viver mais e mais intensamente, que me podia devolver a vista que tinha perdido. Só por isso, aquele livro que não importava a ninguém mudou a minha vida.

Chegado a este ponto, eu tinha ficado reduzido a um basbaque, à mercê daquela criatura a cujas palavras e a cujos encantos eu não tinha maneira, nem vontade, de resistir. Desejei que nunca deixasse de falar, que a sua voz me envolvesse para sempre e que o seu tio nunca mais regressasse para quebrar aquele instante que me pertencia só a mim.

– Durante anos procurei outros livros de Julián Carax – continuou Clara. – Perguntava em bibliotecas, em livrarias, em escolas... sempre em vão. Ninguém tinha ouvido falar dele ou dos seus livros. Não conseguia perceber. Mais tarde chegou aos ouvidos de *Monsieur* Roquefort uma estranha história acerca de um indivíduo que se dedicava a percorrer livrarias e bibliotecas em busca de obras de Julián Carax e que, se as encontrasse, as comprava, roubava ou conseguia por qualquer meio; logo a seguir deitava-lhes fogo. Ninguém sabia quem era, nem por que o fazia. Um mistério mais a somar ao próprio enigma de Carax. Com o tempo, a minha mãe decidiu que queria regressar a Espanha. Estava doente, e o seu lar e o seu mundo tinham sido sempre Barcelona.

Secretamente, eu albergava a esperança de conseguir averiguar alguma

coisa sobre Carax aqui, visto que ao fim e ao cabo Barcelona tinha sido a cidade onde ele nascera e onde tinha desaparecido para sempre no princípio da guerra. A única coisa que encontrei foram becos sem saída, mesmo contando com a ajuda do meu tio. À minha mãe, na sua própria busca, aconteceu outro tanto. A Barcelona que encontrou no seu regresso já não era a que tinha deixado. Deparou com uma cidade de trevas, na qual o meu pai já não vivia, mas que continuava enfeitiçada pela sua recordação e pela sua lembrança em cada recanto. Como se não lhe bastasse aquela desolação, empenhou-se em contratar um indivíduo para averiguar o que tinha sido exactamente feito do meu pai. Após meses de investigações, tudo o que o investigador conseguiu recuperar foi um relógio de pulso partido e o nome do homem que tinha matado o meu pai nos fossos do castelo de Montjuic. Chamava-se Fumero, Javier Fumero.

Disseram-nos que este indivíduo, e não era o único, começara como pistoleiro a soldo da FAI e tinha namoriscado com anarquistas, comunistas e fascistas, enganando-os a todos, vendendo os seus serviços ao melhor licitador e que, após a queda de Barcelona, se passara para a facção vencedora e entrara na corporação da polícia. Hoje é um inspector famoso e condecorado. Do meu pai ninguém se lembra. Como podes imaginar, a minha mãe apagou-se nuns meses apenas. Os médicos disseram que era o coração, e eu acho que por uma vez acertaram. Por morte da minha mãe fui viver com o meu tio Gustavo, que era o único parente que restava à minha mãe em Barcelona. Eu adorava-o, porque me trazia sempre livros de presente quando nos vinha visitar. Foi ele a minha única família, e o meu melhor amigo, todos estes anos. Embora o vejas assim, um pouco arrogante, na realidade tem uma alma boa como o pão.

Todas as noites sem falta, mesmo que esteja morto de sono, me lê um bocadinho.

– Se quiser, eu poderia ler para si – assinalei solícito, arrependendo-me imediatamente da minha ousadia, convencido de que para Clara a minha companhia só podia constituir um estorvo, quando não uma piada.

– Obrigada, Daniel – retorquiu ela. – Gostaria imenso.

– Quando quiser.

Assentiu lentamente, procurando-me com o seu sorriso.

– Lamentavelmente, não conservo esse exemplar de *A Casa Vermelha* – disse ela. – *Monsieur* Roquefort recusou-se a desfazer-se dele. Poderia tentar contar-te o argumento, mas seria como descrever uma catedral dizendo que é um monte de pedras que terminam em bico.

– Estou certo de que o contaria muito melhor do que isso – murmurei. As mulheres têm um instinto infalível para saber quando um homem se apaixonou perdidamente por elas, especialmente se o indivíduo em questão tiver falta de juízo e

for menor de idade. Eu satisfazia todos os requisitos para que Clara Barceló me mandasse passear, mas preferi acreditar que a sua condição de invisual me garantia uma certa margem de segurança e que o meu crime, a minha total e patética devoção por uma mulher que tinha o dobro da minha idade, da minha inteligência e da minha estatura, permaneceria na sombra. Perguntava a mim mesmo o que poderia ela ver em mim para me oferecer a sua amizade, se não porventura um pálido reflexo dela própria, um eco de solidão e perda.

Nos meus sonhos de colegial seríamos sempre dois fugitivos a cavalo na lombada de um livro, dispostos a escaparem-se através de mundos de ficção e sonhos em segunda mão.

Quando Barceló regressou arrastando um sorriso felino tinham passado duas horas que a mim me haviam sabido a dois minutos. O livreiro estendeu-me o livro e piscou-me o olho.

– Olha bem para ele, sacripanta, que depois não quero que me venhas dizer que te fiz alguma troca, hem?

– Eu confio no senhor – assinalei.

– Valente parvoíce. Ao último sujeito que me veio com essa (um turista ianque, convencido de que quem tinha inventado a feijoada era o Hemingway nas festas de San Fermín), vendi-lhe um Fuenteovejuna assinado por Lope de Vega a esferográfica, imagina lá tu, de modo que o melhor é teres os olhos abertos, que neste negócio dos livros não se pode confiar nem no índice.

Anoitecia quando saímos de novo para a Rua Canuda. Uma brisa fresca penteava a cidade, e Barceló tirou o gabão para o colocar sobre os ombros de Clara.

Não vendo oportunidade mais propícia em potência, deixei cair como quem não quer a coisa que, se achassem bem, podia passar no dia seguinte pelo seu domicílio para ler em voz alta alguns capítulos de *A Sombra do Vento* a Clara. Barceló olhou-me de soslaio e soltou uma gargalhada seca à minha custa.

– Olha, miúdo, que estás a ganhar embalagem – resmungou, embora o seu tom denunciasse o seu beneplácito.

– Bom, se não lhes calha bem, talvez outro dia ou...

– Quem tem a palavra é a Clara – disse o livreiro. – No andar já temos sete gatos e duas catatuas. Não virá mal nenhum de termos uma alimária a mais ou a menos.

– Espero-te então amanhã por volta das sete – concluiu Clara. – Sabes a direcção?

Houve um tempo, em criança, em que, talvez por ter crescido rodeado de livros e livreiros, decidi que queria ser romancista e levar uma vida de melodrama. A origem do meu sonho literário, além daquela maravilhosa simplicidade com que se vê tudo aos cinco anos, era uma prodigiosa peça de artesanato e precisão que estava exposta numa loja de canetas de tinta permanente na Rua de Anselmo Clave, mesmo atrás do Governo Militar. O objecto da minha devoção, uma sumptuosa caneta negra debruada com sabia Deus quantos requintes e rubricas, dominava a montra como se se tratasse de uma das jóias da coroa. O aparo, um prodígio em si mesmo, era um delírio barroco de prata, ouro e mil pregas que reluzia como o farol de Alexandria. Quando o meu pai me levava a passear, eu não me calava enquanto ele não me levava a ver a caneta. O meu pai dizia que aquela devia ser, pelo menos, a caneta de um imperador. Eu, secretamente, estava convencido de que com semelhante maravilha se podia escrever o que quer que fosse, desde romances até enciclopédias, e inclusivamente cartas cujo poder tinha de estar acima de qualquer limitação postal. Na minha ingenuidade, achava que o que eu pudesse escrever com aquela caneta chegaria a todo o lado, inclusivamente àquele sítio incompreensível para onde o meu pai dizia que a minha mãe tinha ido e do qual nunca voltava.

Um dia ocorreu-nos entrar na loja e perguntar pela famigerada engenhoca. Calhou ser aquela que era a rainha das canetas de tinta permanente, uma Montblanc Meisterstück de série numerada, que tinha pertencido, ou assim assegurava o empregado com solenidade, nada menos que a Victor Hugo. Daquele aparo de ouro, fomos informados, tinha brotado o manuscrito de *Os Miseráveis*.

– Tal como o Vichy Catalán brota da nascente de Caldas – testemunhou o empregado.

Segundo nos disse, tinha-a adquirido pessoalmente a um coleccionador vindo de Paris e certificara-se da autenticidade da peça.

– E que preço tem este caudal de prodígios, se não é indiscrição? - inquiriu o meu pai.

A simples menção da cifra fez-lhe fugir as cores da cara, mas eu estava já irremediavelmente entusiasmado. O empregado, tomando-nos talvez por catedráticos de física, pôs-se a endossar-nos um aranzel incompreensível sobre as ligas de metais preciosos, esmaltes do Extremo Oriente e uma revolucionária teoria sobre êmbolos e vasos comunicantes, tudo isso parte da ignota ciência teutónica que sustentava o traço glorioso daquela figura de proa da tecnologia gráfica. Em seu favor tenho de dizer que, apesar de devermos ter aspecto de pelintras, o empregado nos deixou manusear a caneta quanto quisemos, a encheu de tinta para nós e me ofereceu um pergaminho para que eu pudesse anotar o meu nome e assim iniciar a minha carreira literária na esteira de Victor Hugo. A seguir, depois de lhe dar com um pano para lhe puxar de novo o brilho, devolveu-a ao seu trono de honra.

– Talvez outro dia – cochichou o meu pai.

Uma vez na rua, disse-me com voz mansa que não nos podíamos permitir o seu preço. A livraria dava à conta para nos sustentar e ter-me num bom colégio. A caneta Montblanc do augusto Victor Hugo teria de esperar. Eu não disse nada, mas o meu pai deve ter lido a decepção no meu rosto.

– Faremos uma coisa – propôs. – Quando tiveres idade para começar a escrever, voltamos lá e compramo-la.

– E se a levarem antes?

– Esta ninguém a leva, podes crer. E, se não, pedimos a don Federico que nos faça uma, que o homem tem umas mãos de ouro.

Don Federico era o relojoeiro do bairro, cliente ocasional da livraria e provavelmente o homem mais educado e cortês de todo o hemisfério ocidental. A sua reputação de habilidoso ia do bairro da Ribera até ao mercado do Ninot. Outra reputação o perseguia, esta de índole menos decorosa e relativa à sua predilecção erótica por efebos musculosos do lúmpen mais viril e a uma certa afeição por se vestir de Estrellka Castro(*1).

**1. Cançonetista, bailarina e actriz espanhola, conhecida por Tonadillem, nascida em Sevilha em 1912 e falecida em Madrid em 1983, protagonista de uma série de filmes de tema folclórico e patriótico no pós-guerra espanhol. (N. T.)*

– E se don Federico não tiver queda para as canetas? – inquiri com divina inocência.

O meu pai arqueou uma sobranceira, talvez receando que aqueles rumores maledicentes me tivessem corrompido a inocência.

– Don Federico percebe alguma coisa de tudo quanto é alemão e é capaz de fazer um Volkswagen, se preciso for. Além disso, seria preciso ver se as canetas de tinta permanente já existiam no tempo de Victor Hugo.

Há por aí muito espertalhão.

A mim, o cepticismo historicista do meu pai não me impressionava. Eu acreditava na lenda a pés juntos, embora não visse com maus olhos que don Federico me fabricasse um sucedâneo. Lá viria o tempo de me pôr à altura de Victor Hugo. Para meu consolo, e tal como o meu pai tinha predito, a caneta Montblanc permaneceu durante anos naquela montra, que visitávamos religiosamente todos os sábados de manhã.

– Ainda lá está – dizia eu, maravilhado.

– Está à tua espera – dizia o meu pai. – Sabe que um dia será tua e que escreverás uma obra-prima com ela.

– Eu quero escrever uma carta. À mamã. Para não se sentir sozinha. O meu pai observou-me sem pestanejar.

– A tua mãe não está sozinha, Daniel. Está com Deus. E conosco, embora não a possamos ver.

Essa mesma teoria tinha-me sido exposta no colégio pelo padre Vicente, um jesuíta veterano que era um mãos rotas para explicar todos os mistérios do universo – desde o gramofone até à dor de queixais - citando o Evangelho segundo São Mateus, mas na boca do meu pai soava a que nem as pedras acreditavam naquilo.

– E para que é que Deus a quer?

– Não sei. Se algum dia o virmos, perguntar-lho-emos.

Com o tempo abandonei a ideia da carta e supus que, já agora, seria mais prático começar com a obra-prima. À falta da caneta, o meu pai emprestou-me um lápis Staedtler número dois com o qual garatujava num caderno. A minha história, casualmente, girava à volta de uma prodigiosa caneta de tinta permanente de espantosa aparência com a da loja e que, além disso, estava enfeitiçada. Mais concretamente, a caneta estava possuída pela alma torturada de um romancista que tinha morrido de fome e frio, e que fora o seu dono. Ao cair nas mãos de um aprendiz, a caneta empenhava-se em plasmar no papel a última obra que o autor não pudera terminar em vida. Não me lembro de de onde a copiei ou de onde veio, mas a verdade é que nunca voltei a ter uma ideia semelhante. As minhas tentativas de plasmá-la na página, porém, revelaram-se desastrosas. Uma anemia de invenção assolava a minha sintaxe e os meus voos metafóricos recordavam-me os dos anúncios de banhos efervescentes para os pés que costumava ler nas paragens dos eléctricos. Eu culpava o lápis e ansiava pela caneta que havia de me converter num mestre. O meu pai seguia os meus acidentados progressos com um misto de orgulho e preocupação.

– Que tal a tua história, Daniel?

– Não sei. Suponho que se tivesse a caneta tudo seria diferente.

Segundo o meu pai, aquele era um raciocínio que só poderia ter ocorrido a um literato em embrião.

– Continua a dar-lhe, que, antes de terminares a tua obra-prima, eu comprota.

– Prometes?

Respondia sempre com um sorriso. Para sorte do meu pai, as minhas aspirações literárias não tardaram a desvanecer-se e ficaram relegadas para o terreno da oratória. Para isso contribuiu a descoberta dos brinquedos mecânicos e de todo o tipo de engenhocas de latão que se podiam encontrar no mercado de Los Encantes a preços mais conformes com a nossa economia familiar. A devoção infantil é amante infiel e caprichosa, e daí a pouco eu só tinha olhos para os mecanos e barcos de corda. Não voltei a pedir ao meu pai que me levasse a visitar a caneta de Victor Hugo, e ele não voltou a mencioná-la. Aquele mundo parecia ter-se esfumado para

mim, mas durante muito tempo a imagem que tive do meu pai, e que ainda hoje conservo, foi a daquele homem magro enfiado num fato velho que lhe ficava grande e com um chapéu em segunda mão que tinha comprado na Rua Condal por sete pesetas, um homem que não se podia permitir oferecer ao filho uma famigerada caneta que não servia para nada mas que parecia significar tudo. Naquela noite, no meu regresso do Ateneo, encontrei-o à minha espera na sala de jantar, mostrando aquela mesma cara de derrota e anseio.

– Já pensava que te tinhas perdido por aí – disse. – Telefonou o Tomás Aguilar. Disse que tinham combinado encontrar-se. Esqueceste-te?

– Foi o Barceló, que se enrola como uma persiana – disse eu, fazendo um sinal afirmativo. – Já não sabia como me havia de livrar dele.

– É bom homem, mas um pouco chato. Deves ter fome. A Merceditas trouxe-nos um pouco de sopa que tinha feito para a mãe. Aquela rapariga é uma jóia.

Sentámo-nos à mesa a degustar a esmola de Merceditas, a filha da vizinha do terceiro, que segundo todos ia para freira e santa, mas que eu já tinha visto um par de vezes asfixiando de beijos um marinheiro de mãos hábeis que às vezes a acompanhava até à porta do prédio.

– Esta noite estás com um ar meditabundo – disse o meu pai, procurando conversa.

– É capaz de ser a humidade, que dilata o cérebro. É o que diz o Barceló.

– Há-de ser mais qualquer coisa. Estás preocupado com alguma coisa, Daniel?

– Não. Estava só a pensar.

– Em quê?

– Na guerra.

O meu pai assentiu com ar sombrio e sorveu a sua sopa em silêncio. Era um homem reservado e, embora vivesse no passado, quase nunca o mencionava. Eu tinha crescido na convicção de que aquela lenta procissão do pós-guerra, um mundo de quietude, miséria e rancores velados, era tão natural como a água da torneira, e que aquela tristeza muda que sangrava pelas paredes da cidade ferida era o verdadeiro rosto da sua alma. Uma das armadilhas da infância é que não é preciso compreender para sentir. Na altura em que a razão é capaz de compreender o sucedido, as feridas no coração já são demasiado profundas. Naquela noite primitiva de Verão, caminhando por aquele anoitecer escuro e traiçoeiro de Barcelona, não conseguia apagar do pensamento o relato de Clara à volta do desaparecimento do pai. No meu mundo, a morte era uma mão anónima e incompreensível, um vendedor a domicílio que levava mães, mendigos ou vizinhos nonagenários como se se tratasse de uma lotaria do inferno. A ideia de que a morte pudesse caminhar ao meu lado, com rosto humano e coração envenenado de ódio, envergando uniforme ou

gabardina, que fizesse bicha no cinema, risse nos bares ou levasse as crianças a passear ao parque da Ciudadela de manhã e à tarde fizesse desaparecer alguém nas masmorras do castelo de Montjuic, ou numa vala comum sem nome nem cerimoniais, não me entrava na cabeça. Dando voltas àquilo, ocorreu-me que talvez aquele universo de cartão-pedra que eu dava por bom não fosse mais que uma decoração.

Naqueles anos roubados, o fim da infância, como os comboios espanhóis, chegava quando chegava.

Compartilhámos aquela sopa de caldo de sobras com pão, rodeados pelo murmúrio pegajoso dos folhetins radiofónicos que se infiltravam pelas janelas abertas para a praça da igreja.

– Então, que tal tudo hoje com don Gustavo?

– Conheci a sobrinha dele, a Clara.

– A cega? Dizem que é uma beldade.

– Não sei. Eu não reparo.

– É o melhor que tens a fazer.

– Disse-lhes que se calhar passava amanhã lá por casa, ao sair do colégio, para ler qualquer coisa à pobrezinha, que está muito sozinha.

Se tu me deres licença.

O meu pai examinou-me de soslaio, como se perguntasse a si mesmo se era ele que estava a envelhecer prematuramente ou eu a crescer depressa de mais.

Decidi mudar de assunto, e a única coisa que pude encontrar foi o que me consumia as entranhas.

– Na guerra, é verdade que levavam as pessoas para o castelo de Montjuic e nunca mais ninguém as via?

O meu pai esvaziou a colherada de sopa sem se perturbar e olhou-me detidamente, com o sorriso breve a escorregar-lhe dos lábios.

– Quem te disse isso? O Barceló?

– Não. O Tomás Aguilar, que às vezes conta histórias no colégio. O meu pai disse lentamente que sim.

– Em tempo de guerra acontecem coisas que são muito difíceis de explicar, Daniel. Muitas vezes, nem eu sei o que realmente significam.

Às vezes é melhor deixar as coisas como estão.

Suspirou e sorveu a sopa sem vontade. Eu observava-o, calado.

– Antes de morrer, a tua mãe fez-me prometer que nunca te falaria da guerra, que não deixaria que recordasses nada do que aconteceu.

Não soube o que responder. O meu pai semicerrou os olhos, como se procurasse alguma coisa no ar. Olhares ou silêncios, ou talvez a minha mãe para que corroborasse as suas palavras.

– Às vezes penso que me enganei ao ligar ao que ela disse. Não sei.

– É a mesma coisa, papá...

– Não, não é a mesma coisa, Daniel. Nada é a mesma coisa depois de uma guerra. E sim, é verdade que houve muita gente que entrou naquele castelo e nunca saiu.

Os nossos olhares encontraram-se brevemente. Daí a pouco, o meu pai levantou-se e refugiou-se no seu quarto, ferido de silêncio. Levantei os pratos e depusitei-os na pequena pia de mármore da cozinha para os lavar. Ao voltar ao salão, apaguei a luz e sentei-me no velho cadeirão do meu pai. O sopor da rua adejava nas cortinas. Não tinha sono, nem vontade de o tentar. Aproximei-me da varanda e assomei até ver o relume vaporoso que os candeeiros da Puerta del Angel vertiam. A figura recortava-se num retalho de sombra deitado sobre o empedrado da rua, inerte. O ténue pestanejar âmbar da brasa de um cigarro reflectia-se nos seus olhos. Vestia de escuro, uma mão enfiada no bolso do casaco, a outra a acompanhar o charuto que tecia uma teia de aranha de fumo azul em torno do seu perfil. Observava-me em silêncio, com o rosto velado a contraluz da iluminação da rua. Permaneceu ali pelo espaço de quase um minuto a fumar com abandono, o olhar fixo no meu. Depois, ao ouvirem-se as badaladas da meia-noite na catedral, a figura fez um leve aceno com a cabeça, um cumprimento por detrás do qual depreendi um sorriso que

não podia ver. Quis corresponder, mas tinha ficado paralisado. A figura voltou-se e vi-a afastar-se coxeando ligeiramente. Noutra noite qualquer talvez mal tivesse reparado na presença daquele estranho, mas assim que o perdi de vista na neblina senti um suor frio na fronte e faltou-me a respiração. Tinha lido uma descrição idêntica daquela cena em *A Sombra do Vento*. No relato, o protagonista assomava todas as noites à varanda à meia-noite e descobria que um estranho o observava das sombras, fumando com abandono. O seu rosto ficava sempre velado na escuridão e só os seus olhos se insinuavam na noite, ardendo como brasas. O estranho permanecia ali, com a mão direita enfiada no bolso de um casaco preto, para depois se afastar, coxeando. Na cena que eu acabava de presenciar, aquele estranho poderia ser qualquer noctívago, uma figura sem rosto nem identidade. No romance de Carax, aquele estranho era o diabo.

6.

Um sono espesso de esquecimento e a perspectiva de que naquela tarde voltaria a ver Clara persuadiram-me de que a visão não tinha passado de uma casualidade. Talvez aquele inesperado surto de imaginação febril fosse apenas presságio do prometido e ansiado salto que, segundo todas as vizinhas da escada, ia

fazer de mim um homem, se não de proveito, pelo menos de boa presença. Às sete em ponto, vestindo a minha roupa de ver a Deus e destilando vapores de água-de-colónia Varón Dandy que tinha tomado de empréstimo ao meu pai, postei-me na residência de don Gustavo Barceló disposto a estrear-me como leitor a domicílio e peganhento de salão. O livreiro e a sobrinha compartilhavam um andar palaciano na praça Real. Uma criada de uniforme, touca e uma vaga expressão de legionário abriu-me a porta com reverência teatral.

– O menino deve ser o menino Daniel – disse. – Eu sou a Bernarda, às suas ordens.

Bernarda afectava um tom cerimonioso que navegava com sotaque de Cáceres cerrado a sete chaves. Com pompa e circunstância, Bernarda guiou-me através da residência dos Barceló. O andar, um primeiro piso, rodeava o prédio e descrevia um círculo de galerias, salões e corredores que para mim, habituado à modesta residência familiar na Rua Santa Ana, se assemelhava a uma miniatura do Escorial. Estava bem de ver que don Gustavo, além de livros, incunábulo e todo o tipo de arcana bibliografia, coleccionava estátuas, quadros e retábulos, para não falar em abundante fauna e flora. Segui Bernarda através de uma galeria a abarrotar de folhagem e espécimes dos trópicos que constituíam um verdadeiro jardim de inverno. As vidraças da galeria tamisavam uma luz dourada de pó e vapor. O sopro de um piano flutuava no ar, lânguido e arrastando as notas com desamparo. Bernarda abria caminho por entre a vegetação brandindo os seus braços de estivador portuário à guisa de machetes.

Eu seguia-a de perto, estudando o ambiente e reparando na presença de meia dúzia de felinos e um par de catatuas de cor raivosa e tamanho enciclopédico que, segundo me explicou a criada, Barceló tinha baptizado como Ortega e Gasset, respectivamente. Clara esperava-me num salão do outro lado deste bosque que dava para a praça. Enfiada num vaporoso vestido de algodão azul-turquesa, o objecto dos meus turvos anseios tocava piano ao abrigo de um sopro de luz que se coava pela rosácea. Clara tocava mal, fora de tempo e enganando-se em metade das notas, mas a mim a sua serenata soava-me a glória e o vê-la erguida em frente do teclado, com um meio sorriso e a cabeça de lado, inspirava-me uma visão celestial. Ia pigarrear para assinalar a minha presença, mas os eflúvios de Varón Dandy denunciaram-me. Clara parou de súbito o seu concerto e um sorriso envergonhado salpicou-lhe o rosto.

– Por um momento pensei que eras o meu tio – disse. – Ele proibiu-me de tocar Mompou, porque diz que o que eu faço com ele é um sacrilégio.

O único Mompou que eu conhecia era um padre macilento e de propensão flatulenta que nos dava aulas de física e química, e a associação de ideias afigurou-se-me grotesca, quando não improvável.

– Pois eu acho que tocas às mil maravilhas – assinalei.

– Ora, ora. O meu tio, que é um melómano de proveito, até me arranjou um professor de música para me emendar. É um compositor jovem que promete muito. Chama-se Adrián Neri e estudou em Paris e Viena. Tenho de to apresentar. Está a compor uma sinfonia que a orquestra Ciudad de Barcelona vai estreiar, porque o tio dele está na junta directiva. É um génio.

– O tio ou o sobrinho?

– Não sejas malicioso, Daniel. Tenho a certeza de que o Adrián te vai cair divinamente.

Como um piano de cauda de um sétimo andar, pensei.

– Apetece-te lancha qualquer coisa? – ofereceu Clara. – A Bernarda faz uns biscoitos de canela de comer e chorar por mais.

Lanchámos como a realeza, devorando tudo quanto a criada nos punha ao alcance. Eu ignorava o protocolo destas ocasiões e não sabia muito bem como proceder. Clara, que parecia ler sempre os meus pensamentos, sugeriu-me que quando quisesse podia ler *A Sombra do Vento* e que, já agora, podia começar pelo princípio. Deste modo, emulando aquelas vozes da Rádio Nacional que recitavam vinhetas de recorte patriótico pouco depois da hora das ave-marias com exemplar prosopopeia, lancei-me a revisitar o texto do romance uma vez mais. A minha voz, um tanto entorpecida ao princípio, foi-se relaxando paulatinamente e depressa me esqueci de que estava a recitar para voltar a mergulhar na narração, descobrindo cadências e rodeios na prosa que fluíam como motivos musicais, enigmas de timbre e pausa em que não reparara na minha primeira leitura.

Novos pormenores, fiapos de imagens e miragens despontaram entre linhas, como a tessitura de um edifício que se contempla de diferentes ângulos. Li pelo espaço de uma hora, atravessando cinco capítulos até que senti a voz seca e meia dúzia de relógios de parede ressoaram em todo o andar recordando-me que já se me estava a fazer tarde. Fechei o livro e observei Clara, que me sorria serenamente.

– Lembra-me um pouco *A Casa Vermelha* – disse. – Mas esta parece uma história menos sombria.

– Não te fies nisso – disse eu. – É só o princípio. Depois as coisas complicam-se.

– Tens de ir já embora, não é? – perguntou Clara.

– Receio bem que sim. Não é que queira, mas...

– Se não tens mais nada que fazer, podes voltar amanhã – sugeriu Clara.

– Mas não quero abusar da...

– Às seis? – propus. – Digo isso porque assim teremos mais tempo.

Aquele encontro na sala de música no andar da Praça Real foi o primeiro de muitos mais ao longo daquele Verão de 1945 e dos anos que se seguiram. Não

tardou que as minhas visitas ao andar dos Barceló se tornassem quase diárias, menos às terça e quintas, dias em que Clara tinha aulas de música com o tal Adrián Neri. Passava lá horas e com o tempo aprendi de cor cada sala, cada corredor e cada planta do bosque de don Gustavo. *A Sombra do Vento* durou-nos um par de semanas, mas não nos custou nada encontrar sucessores com os quais preencher as nossas horas de leitura. Barceló dispunha de uma fabulosa biblioteca e, à falta de mais títulos de Julián Carax, passeámo-nos por dúzias de clássicos menores e de frivolidades maiores. Algumas tardes quase não líamos, e dedicávamo-nos só a conversar ou inclusivamente a ir dar um passeio pela praça ou a caminhar até à catedral. Clara gostava imenso de se sentar a ouvir os murmúrios das pessoas no claustro e adivinhar o eco dos passos nas vielas de pedra. Pedia-me que descrevesse as fachadas, as pessoas, os carros, as lojas, os candeeiros e as montras à nossa passagem. Amiudadas vezes, dava-me o braço e eu guiava-a pela nossa Barcelona particular, uma que só ela e eu podíamos ver.

Acabávamos sempre numa leitaria da rua Petritxol, compartilhando um prato de natas ou um batido de chocolate com melindres. Às vezes as pessoas olhavam-nos de esguelha, e não era um nem dois empregados de mesa espertalhões que se referiam a ela como «a tua irmã mais velha», mas eu não fazia caso de piadas e insinuações. Outras vezes, não sei se por malícia ou por prazer mórbido, Clara fazia-me confidências extravagantes que eu não sabia como encaixar. Um dos seus temas favoritos era o de um estranho, um indivíduo que se aproximava dela às vezes quando estava sozinha na rua, e lhe falava com voz entrecortada.

O misterioso indivíduo, que nunca mencionava o seu nome, fazia-lhe perguntas sobre don Gustavo, e inclusivamente sobre mim. Numa ocasião tinha-lhe acariciado a garganta. A mim estas histórias martirizavam-me sem piedade. Noutra ocasião, Clara assegurou que tinha implorado ao suposto estranho que lhe deixasse ler o rosto com as mãos.

Ele guardara silêncio, o que ela interpretara como um sim. Quando erguera as mãos para a cara do estranho, ele detivera-a de chofre, não sem antes dar oportunidade a Clara de apalpar o que lhe parecera couro.

– Como se tivesse uma máscara de pele – dizia.

– Isso és tu que estás a inventar, Clara.

Clara jurava e trejurava que era verdade, e eu rendia-me, atormentado pela imagem daquele desconhecido de duvidosa existência que se comprazia em acariciar aquele pescoço de cisne, e vá lá saber-se que mais, enquanto a mim só me era permitido desejá-lo. Se tivesse parado a pensar, teria compreendido que a minha devoção por Clara não era mais que uma fonte de sofrimento. Talvez fosse por isso que a adorava mais, por essa estupidez eterna de perseguir aqueles que nos fazem sofrer. Ao longo daquele Verão, eu só temia o dia em que voltassem a começar as

aulas e não dispusesse de todo o dia para o passar com Clara.

Bernarda, que ocultava uma natureza de mãe-galinha debaixo do seu semblante severo, acabou por se afeiçoar a mim à força de tanto me ver e, à sua maneira, decidiu adoptar-me.

– Nota-se que este rapaz não tem mãe, o senhor repare bem – costumava dizer a Barceló. – Cá a mim faz-me imensa pena, pobrezinho.

Bernarda tinha chegado a Barcelona pouco depois da guerra, fugindo da pobreza e de um pai que quando estava de bem lhe pregava tarefas e a tratava por pateta, feia e porca, e quando estava de mal a encurralava nas pocilgas, bêbado, para a apalpar até ela chorar de terror e ele deixá-la ir, dando-lhe roda de hipócrita e estúpida, como a mãe.

Barceló tinha tropeçado nela por casualidade quando Bernarda trabalhava num lugar de hortalíça do mercado do Borne e, seguindo uma intuição, oferecera-lhe emprego ao seu serviço.

– Entre nós há-de ser como no *Pigmalião* – anunciou. – Você será a minha Eliza e eu o seu professor Higgins.

Bernarda, cujo apetite literário se saciava com a *Folha Dominical*, olhou-o de esguelha.

– Oiça, eu posso ser pobre e ignorante, mas sou muito honesta.

Barceló não era exactamente George Bernard Shaw, mas, embora não tivesse conseguido dotar a sua pupila da dicção e da graça de don Manuel Azana, os seus esforços haviam acabado por refinar Bernarda e ensinar-lhe maneiras e falares de donzela de província. Tinha vinte e oito anos, mas a mim sempre me pareceu que arrastava mais dez, ainda que fosse só no olhar. Era muito misseira e devota da virgem de Lurdes até ao ponto do delírio. Ia diariamente à basílica de Santa Maria del Mar para ouvir o ofício das oito e confessava-se no mínimo três vezes por semana. Don Gustavo, que se declarava agnóstico (coisa que Bernarda suspeitava ser uma afecção respiratória, como a asma, mas de padrões), opinava que era matematicamente impossível que a criada pecasse o suficiente para manter semelhante ritmo de confissões.

– Pois se tu és a bondade em pessoa – dizia, indignado. – Essa gente que vê pecado em toda a parte é doente da alma e, se queres que te diga, dos intestinos. A condição básica do beato ibérico é a prisão de ventre crónica.

Ao ouvir semelhantes blasfémias, Bernarda persignava-se em quintuplicado. Mais tarde, de noite, dizia uma oração extra pela alma poluta do senhor Barceló, que tinha bom coração, mas a quem, de tanto ler, os miolos tinham apodrecido, como a Sancho Pança. Volta não volta, Bernarda arranjava namorados que lhe batiam, lhe sacavam o pouco dinheiro que tinha numa caderneta de aforro, e mais tarde ou mais cedo a deixavam a ver navios. De cada vez que se dava uma destas crises, Bernarda

fechava-se no quarto que tinha na parte de trás do andar a chorar durante dias e jurava que se ia matar com veneno para os ratos ou beber uma garrafa de lixívia. Barceló, depois de esgotar todas as suas artimanhas de persuasão, assustava-se a valer e tinha de mandar chamar o serralheiro de serviço para que abrisse a porta do quarto e o seu médico de família para que administrasse a Bernarda um sedativo de cavalo. Quando a desgraçada acordava dois dias depois, o livreiro comprava-lhe rosas e levava-a ao cinema a ver um filme de Cary Grant, que segundo ela, depois de José António, era o homem mais bonito da história.

– Oiça, e dizem que o Cary Grant tem gostos esquisitos – murmurava ela, empanturrando-se de quadradinhos de chocolate. – Será possível?

– Tolices – sentenciava Barceló. – O bronco e o tapado vivem em estado de permanente inveja.

– Que bem que o senhor fala. Vê-se que andou naquela tal universidade do sorvete.

– Sorbonne – corrigia Barceló, sem acrimónia.

Era muito difícil não gostar de Bernarda. Sem ninguém lho ter pedido, cozinhava e cosia para mim. Arranjava-me a roupa, os sapatos, penteavame, cortava-me o cabelo, comprava-me vitaminas e pasta de dentes, e chegou até a oferecer-me uma medalhinha com um frasco de vidro que continha água benta trazida de Lourdes de autocarro por uma irmã sua que vivia em San Adrián del Besós. Às vezes, enquanto se empenhava em me examinar o cabelo à procura de lêndeas e outros parasitas, falava-me em voz baixa.

– A menina Clara é a melhor coisinha que há no mundo, e queira Deus que eu caia morta se algum dia me vier à cabeça criticá-la, mas não está certo o menino obcecar-se muito com ela, se é que percebe o que eu quero dizer.

– Não te preocupes, Bernarda, porque somos só amigos.

– Pois é isso mesmo que eu digo.

Para ilustrar os seus argumentos, Bernarda passava então a relatar-me alguma história que tinha ouvido na rádio em redor de um rapaz que se apaixonara indevidamente pela professora e ao qual, por obra de algum sortilégio justiceiro, tinham caído o cabelo e os dentes ao mesmo tempo que a cara e as mãos se lhe recobriam de fungos recriminatórios, uma espécie de lepra do libidinoso.

– A luxúria é uma coisa muito má – concluía Bernarda. – Digo-lho eu.

Don Gustavo, apesar das piadas que dizia à minha custa, via com bons olhos a minha devoção por Clara e a minha entusiástica entrega de acompanhante. Eu atribuía a sua tolerância ao facto de que provavelmente me considerava inofensivo. De vez em quando continuava a deixar-me cair suculentas ofertas para adquirir o romance de Carax.

Dizia-me que tinha comentado o assunto com alguns colegas do grémio de

alfarrabistas e todos eram unânimes em que um Carax agora podia valer uma fortuna, especialmente em França. Eu dizia sempre que não e ele limitava-se a sorrir, ladino. Tinha-me entregado uma cópia das chaves do andar para eu entrar e sair sem estar dependente de ele ou Bernarda estarem em casa para me abrirem a porta. O meu pai era farinha de outro saco. Com o passar dos anos tinha ultrapassado o seu escrúpulo inato em abordar qualquer tema que o preocupasse a valer. Uma das primeiras consequências deste progresso foi ter começado a mostrar a sua clara desaprovação relativamente à minha relação com Clara.

– Devias andar com amigos da tua idade, como o Tomás Aguilar, ao qual já não ligas nenhuma e é um óptimo rapaz, e não com uma mulher que já tem idade para se casar.

– Que importância há-de ter a idade de cada um, se somos bons amigos?

O que mais me doeu foi a alusão a Tomás, porque era verdade. Havia meses que não ia sair com ele, quando dantes éramos inseparáveis. O meu pai observou-me com reprovção.

– Daniel, tu não sabes nada de mulheres, e essa brinca contigo como um gato com um canário.

– Quem não sabe nada de mulheres és tu – replicava eu, ofendido. – E muito menos da Clara.

As nossas conversas sobre o assunto raramente iam além de um intercâmbio de censuras e olhares. Quando não estava no colégio ou com Clara, dedicava todo o meu tempo a ajudar o meu pai na livraria. A arrumar o armazém das traseiras da loja, a levar encomendas, a fazer recados ou a atender os clientes habituais. O meu pai queixava-se de que eu não punha a cabeça nem o coração no trabalho. Eu, por minha vez, replicava que passava a vida inteira ali e que não percebia que razão de queixa tinha ele. Muitas noites, sem conseguir conciliar o sono, recordava aquela intimidade, aquele pequeno mundo que ambos tínhamos compartilhado nos anos que se seguiram à morte da minha mãe, os anos da caneta de Victor Hugo e das locomotivas de latão. Recordava-os como anos de paz e tristeza, um mundo que se desvanecia, que se tinha vindo a evaporar desde aquele amanhecer em que o meu pai me levava a visitar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Um dia o meu pai descobriu que eu tinha oferecido o livro de Carax a Clara e encolerizou-se.

– Decepcionaste-me, Daniel – disse. – Quando te levei àquele lugar secreto, disse-te que o livro que escolhesses era uma coisa especial, que tu o ias adoptar e que devias responsabilizar-te por ele.

– Nessa altura tinha dez anos, papá, e isso era uma brincadeira de crianças. O meu pai olhou-me como se eu o tivesse apunhalado.

– E agora tens catorze e não só continuas a ser uma criança, como és uma criança que se julga um homem. Vais ter muitos desgostos na vida, Daniel. E não há-

de tardar nada.

Naqueles dias eu queria crer que o meu pai se ressentia por eu passar tanto tempo com os Barceló. O livreiro e a sobrinha viviam num mundo de luxos que o meu pai mal podia farejar. Pensava que o aborrecia que a criada de don Gustavo se comportasse comigo como se fosse minha mãe e que o ofendia que eu aceitasse que alguém pudesse desempenhar esse papel. Às vezes, enquanto eu andava pelas traseiras da loja a fazer embrulhos ou a preparar uma remessa, ouvia um ou outro cliente gracejar com o meu pai.

– O que o senhor tem a fazer, Sempere, é procurar uma boa rapariga, que agora o que mais por aí há são viúvas jeitosas e na flor da vida, o senhor bem me entende. Uma boa moça ajeita a vida a uma pessoa, meu amigo, e tira-lhe vinte anos de cima. O que um par de mamas não conseguir...

O meu pai nunca respondia a estas insinuações, mas a mim pareciam-me cada vez mais sensatas. Numa ocasião, num dos nossos jantares que se tinham transformado em combates de silêncios e olhares roubados, eu trouxe o assunto à baila. Julgava que, se fosse eu a sugeri-lo, facilitaria as coisas. O meu pai era um homem bem parecido, de aspecto limpo e cuidado, e constava que mais de uma mulher do bairro o via com bons olhos.

– Para ti foi muito fácil encontrar uma substituta para a tua mãe - replicou ele com amargura. – Mas para mim não existe e não tenho qualquer interesse em procurá-la.

À medida que o tempo passava, as insinuações do meu pai e de Bernarda, e inclusivamente de Barceló, começaram a afectar-me. Havia qualquer coisa dentro de mim que me dizia que me estava a meter num caminho sem saída, que não podia esperar que Clara visse em mim mais do que um rapaz ao qual levava dez anos de vantagem. Sentia que cada dia se me tornava mais difícil estar junto dela, sentir o contacto das suas mãos ou dar-lhe o braço quando passeávamos. Chegou um ponto em que a mera proximidade dela se traduzia quase numa dor física. Este facto não escapava a ninguém, e a Clara menos do que a qualquer outra pessoa.

– Creio que temos de falar, Daniel – dizia ela. – Acho que não me portei bem contigo...

Nunca a deixava acabar as suas frases. Saía da sala com qualquer desculpa e fugia. Eram dias em que julguei estar a confrontar-me com o calendário numa corrida impossível. Receava que o mundo de miragens que tinha construído em redor de Clara se aproximasse do fim. Estava longe de imaginar que os meus problemas mal tinham começado.

MISÉRIA E COMPANHIA

1950-1952

7.



o dia em que fiz dezesseis anos conjurei a pior de todas as ideias funestas que tinha concebido ao longo da minha curta existência.

Por minha conta e risco, tinha decidido organizar um jantar de aniversário e convidar Barceló, Bernarda e Clara. O meu pai opinava que isso era um erro.

– São os meus anos – repliquei cruelmente. – Trabalho para ti todos os demais dias do ano. Ao menos por uma vez, faz-me a vontade.

– Faz o que quiseses.

Os meses precedentes tinham sido os mais confusos da minha estranha amizade com Clara. Já quase nunca lia para ela. Clara evitava sistematicamente qualquer ocasião que implicasse ficar a sós comigo.

Sempre que a visitava, o tio estava presente fingindo ler o jornal, ou Bernarda materializava-se azafamando-se à socapa e lançando-me olhares de soslaio. Outras vezes, a companhia vinha na forma de uma ou várias das amigas de Clara, sempre armadas de um recato e de um semblante virginal, patrulhando as proximidades de Clara com um missal na mão e um olhar policial que mostrava sem rebuços que eu estava a mais, que a minha presença envergonhava Clara e o mundo. O pior de todos, porém, era o maestro Neri, cuja infausta sinfonia permanecia inconclusa. Era um fulano bem posto, um rapazola de San Gervasio que, apesar de se armar em Mozart, a mim, ressumando brilhantina, me fazia lembrar mais Carlos Gardel. De génio eu só lhe encontrava o mau feitio. Fazia tagatés a don Gustavo sem dignidade nem decoro e namoriscava com Bernarda na cozinha, fazendo-a rir com os seus ridículos presentes de sacos de amêndoas doces e beliscões no rabo. Eu, em poucas palavras, tinha-lhe um ódio de morte. A antipatia era mútua. Neri aparecia sempre por lá com as suas partituras e o seu porte arrogante, olhando-me como se eu fosse um criadito indesejável e fazendo todo o género de reparos à minha presença.

– Olha, menino, não tens de ir fazer os trabalhos de casa?

– E o senhor, maestro, não tinha uma sinfonia para acabar?

No final, entre todos levavam a melhor sobre mim e eu ia-me embora cabisbaixo e derrotado, desejando ter tido a lábia de don Gustavo para pôr aquele presunçoso no seu lugar.

No dia dos meus anos, o meu pai desceu à padaria da esquina e comproume o melhor bolo que encontrou. Pôs a mesa em silêncio, colocando as pratas e o serviço bom. Acendeu velas e preparou um jantar com os pratos que supunha serem os meus favoritos. Não trocámos palavra durante toda a tarde. Ao anoitecer, o meu pai retirou-se para o seu quarto, enfiou o seu melhor fato e regressou com um embrulho envolvido em papel celofane que colocou na mesinha da sala de jantar. O meu presente. Sentou-se à mesa, serviu-se de um copo de vinho branco e esperou. O convite dizia que o jantar era às oito e meia. Às nove e meia estávamos ainda à espera. O meu pai observava-me com tristeza, sem dizer nada. A mim ardia-me a alma de raiva.

– Deves estar contente – disse eu. – Era isto que querias?

– Não.

Bernarda apareceu meia hora mais tarde. Vinha com cara de enterro e um recado da menina Clara. Desejava-me muitas felicidades, mas lamentava não poder comparecer ao meu jantar de aniversário. O senhor Barceló tivera de se ausentar da cidade durante uns dias por questões de negócios e Clara vira-se obrigada a alterar a hora da sua aula de música com o maestro Neri. Ela tinha vindo porque era a sua tarde de folga.

– A Clara não pode vir porque tem uma aula de música? – perguntei, atónito.

Bernarda baixou a vista. Estava quase a chorar quando me estendeu um pequeno embrulho que continha a sua prenda e me beijou ambas as faces.

– Se não gostar, pode-se trocar – disse.

Fiquei a sós com o meu pai, contemplando o serviço bom, as pratas e as velas a consumirem-se em silêncio.

– Lamento, Daniel – disse o meu pai. Assenti, em silêncio, encolhendo os ombros.

– Não vais abrir a tua prenda? – perguntou.

A minha única resposta foi o bater da porta com força ao sair. Desci as escadas com fúria, sentindo os olhos marejados de lágrimas de ira ao sair para a rua desolada, banhada de luz azul e de frio. Tinha o coração envenenado e tremia-me o olhar. Comecei a caminhar sem rumo, ignorando o estranho que me observava imóvel da *Puerta del Ángel*.

Vestia o mesmo fato escuro, com a mão direita enfiada no bolso do casaco.

Os seus olhos desenhavam fiapos de luz ao clarão de um charuto.

Coxeando levemente, começou a seguir-me.

Andei a calcorrear as ruas sem rumo durante mais de uma hora até chegar à base do monumento a Cristóvão Colombo. Caminhei até aos molhes e sentei-me nos degraus que mergulhavam nas águas tenebrosas junto ao molhe das gaivotas. Alguém tinha fretado uma excursão nocturna e podiam-se ouvir os risos e a música que vinham a flutuar da procissão de luzes e reflexos na doca do porto. Recordei os dias em que o meu pai e eu fazíamos a travessia nos barcos até à ponta do esporão. Dali podia ver-se a ladeira do cemitério na montanha de Montjuic e a cidade dos mortos, infinita. Às vezes eu acenava com a mão, julgando que a minha mãe continuava ali e nos via passar. O meu pai repetia o meu aceno. Havia já anos que não embarcávamos num barco, embora eu soubesse que ele às vezes ia sozinho.

– Uma boa noite para o remorso, Daniel – disse-me a voz das sombras. - Um cigarro?

Pus-me em pé de um salto, com um frio súbito no corpo. Uma mão oferecia-me um cigarro do meio da escuridão.

– Quem é o senhor?

O estranho adiantou-se até ao umbral da escuridão, deixando o rosto velado. Um sopro de fumo azul brotava do seu cigarro. Reconheci de imediato o fato negro e aquela mão oculta no bolso do casaco. Os olhos brilhavam-lhe como contas de vidro.

– Um amigo – disse. – Ou isso aspiro a ser. Cigarro?

– Não fumo.

– Ainda bem. Lamentavelmente, não tenho mais nada para te oferecer, Daniel.

A sua voz era arenosa, ferida. Arrastava as palavras e soava apagada e distante, como os discos de setenta e oito rotações por minuto que Barceló coleccionava.

– Como sabe o meu nome?

– Sei muitas coisas de ti. O nome é o menos.

– Que mais sabe?

– Podia envergonhar-te, mas não tenho tempo nem vontade. Bastará dizer que sei que tens uma coisa que me interessa. E estou disposto a pagarte bem por isso.

– Parece-me que o senhor se enganou na pessoa.

– Não; eu nunca me engano na pessoa. Para outras coisas, sim, mas na pessoa nunca. Quanto queres por ele?

– Por quê?

– *A Sombra do Vento*.

– O que é que o faz pensar que o tenho?

– Isso está fora de discussão, Daniel. É apenas uma questão de preço.

Há muito tempo que sei que o tens. As pessoas falam. Eu escuto.

– Então deve ter ouvido mal. Eu não tenho esse livro. E se o tivesse, não o venderia.

– A tua integridade é admirável, sobretudo nesta época de fala-baratos e lambe-botas, mas comigo escusas de fazer comédia. Diz-me quanto. Mil duros? A mim o dinheiro não me preocupa. O preço faze-lo tu.

– Já lhe disse: não está à venda, não o tenho – repliquei. – Enganouse, bem vê.

O estranho permaneceu em silêncio, imóvel, envolto no fumo azul daquele cigarro que parecia nunca acabar. Notei que não cheirava a tabaco, mas sim a papel queimado. Papel bom, de livro.

– Talvez sejas tu que te estás a enganar agora – sugeri.

– Está-me a ameaçar?

– Provavelmente.

Engoli em seco. Apesar da minha bravata, aquele indivíduo deixava-me completamente aterrorizado.

– E posso saber por que está o senhor tão interessado?

– Isso é comigo.

– E comigo também, se o senhor me ameaça para eu lhe vender um livro que não tenho.

– Simpatizo contigo, Daniel. Tens fibra e pareces esperto. Mil duros?

Com isso podes comprar muitíssimos livros. Livros bons, e não essa porcaria que guardas tão ciosamente. Anda lá, mil duros e amigos como dantes.

– O senhor e eu não somos amigos.

– Somos, sim, mas tu ainda não deste por isso. Não te culpo, com tantas coisas na cabeça. Por uma mulher assim, qualquer um perde o senso comum.

A referência a Clara gelou-me o sangue.

– Que sabe o senhor da Clara?

– Atrever-me-ia a dizer que sei mais do que tu, e que o melhor para ti seria esquecê-la, embora já saiba que não o farás. Eu também já tive dezesseis anos...

Uma terrível certeza atingiu-me de súbito. Aquele homem era o estranho que abordava Clara na rua, incógnito. Era real. Clara não tinha mentido. O indivíduo deu um passo em frente. Eu recuei. Nunca tinha sentido tanto medo na vida.

– A Clara não tem o livro, mais vale que o saiba. Não se atreva a tocar-lhe outra vez.

– A tua amiga não me preocupa, Daniel, e um dia hás-de partilhar o meu sentir.

O que eu quero é o livro. Prefiro obtê-lo às boas e que ninguém saia

prejudicado. Faço-me entender?

À falta de melhores ideias, desatei a mentir como um velhaco.

– Quem o tem é um tal Adrián Neri. Músico. Se calhar o nome diz-lhe qualquer coisa.

– Não me diz coisa nenhuma, e isso é o pior que se pode dizer de um músico. Tens a certeza que não inventaste esse tal Adrián Neri?

– Quem me dera.

– Então, já que parece que são tão bons amigos, se calhar tu podes persuadi-lo a devolver-to. Estas coisas, entre amigos, resolvem-se sem problemas. Ou preferes que o peça à tua amiga Clara?

Abanei a cabeça.

– Eu falarei com o Neri, mas não acredito que mo devolva, ou que ainda o tenha – improvisei. – E para que quer o senhor o livro? Não me diga que é para o ler.

– Não. Sei-o de cor.

– É coleccionador?

– Uma coisa parecida.

– Tem mais livros de Carax?

– Tive-os a certa altura. Julián Carax é a minha especialidade, Daniel.

Percorro o mundo à procura dos livros dele.

– E que faz com eles se não os lê?

O estranho emitia um som surdo, agónico. Demorei uns segundos a perceber que estava a rir.

– A única coisa que se deve fazer com eles, Daniel – replicou.

Extraíu então uma caixa de fósforos do bolso. Pegou num e acendeu-o. A chama iluminou pela primeira vez o seu semblante. Gelou-se-me a alma.

Aquela personagem não tinha nariz, nem lábios, nem pálpebras. O seu rosto era apenas uma máscara de pele negra e cicatrizada, devorada pelo fogo. Aquela era a tez morta que tinha roçado por Clara.

– Queimá-los – sussurrou, com a voz e o olhar envenenados de ódio. Um sopro de brisa apagou o fósforo que segurava nos dedos, e o seu rosto ficou de novo oculto na escuridão.

– Voltaremos a ver-nos, Daniel. Eu nunca esqueço uma cara e creio que a ti, desde hoje, tão-pouco – disse pausadamente. – Para teu bem, e para o da tua amiga Clara, espero que tomes a decisão certa e esclareças este assunto com o tal senhor Neri, que por sinal tem nome de falabarato.

Eu não confiaria nem um bocadinho nele.

Sem mais, o estranho fez meia-volta e partiu na direcção dos molhes, uma silhueta a evaporar-se na escuridão envolta no seu riso de trapo.

Um manto de nuvens faiscando electricidade cavalgava do lado do mar.

Teria largado a correr para me refugiar do aguaceiro que se avizinhava, mas as palavras daquele indivíduo começavam a fazer o seu efeito. Tremiam-me as mãos e as ideias. Levantei a vista e vi o temporal derramar-se como manchas de sangue negro entre as nuvens, cegando a lua e estendendo um manto de trevas sobre os telhados e as fachadas da cidade. Tentei apertar o passo, mas a inquietude carcomia-me por dentro e caminhava perseguido pelo aguaceiro com pés e pernas de chumbo. Abriguei-me debaixo do toldo de um quiosque de imprensa, tentando ordenar os pensamentos e decidir como proceder. Um trovão descarregou perto, rugindo como um dragão a enfiar pela embocadura do porto, e senti o solo tremer debaixo dos pés. A pulsação frágil da iluminação eléctrica que desenhava fachadas e janelas desvaneceu-se uns segundos mais tarde. Nos passeios encharcados, os candeeiros pestanejavam, extinguindo-se como velas ao vento. Não se via uma alma nas ruas e o negrume da falta de luz espargiu-se como um hálito fétido que ascendia das condutas que vertiam para os canos de esgoto. A noite fez-se opaca e impenetrável, a chuva uma mortalha de vapor. «Por uma mulher assim, qualquer um perde o senso comum...» Comecei a correr Ramblas acima com um único pensamento na cabeça: Clara.

Bernarda tinha dito que Barceló estava fora da cidade por questões de negócios. Aquele era o seu dia de folga, e tinha por costume ir passar a noite a casa da sua tia Reme e das suas primas de San Adrián del Besós. Isso deixava Clara sozinha no andar cavernoso da Praça Real e aquele indivíduo sem rosto e as suas ameaças soltos na tempestade sabe Deus com que ideias. Enquanto me apressava sob o aguaceiro em direcção à Praça Real, não conseguia arredar do pensamento a ideia de que tinha posto Clara em perigo ao oferecer-lhe o livro de Carax. Cheguei à entrada da praça ensopado até aos ossos. Corri a abrigar-me debaixo dos arcos da Rua Fernando. Pareceu-me ver contornos de sombra a rastejar atrás de mim. Mendigos. A porta da rua estava fechada. Procurei no meu molho de chaves o jogo que Barceló me tinha dado. Trazia comigo as chaves da loja, do andar de Santa Ana e da residência dos Barceló. Um dos vagabundos aproximou-se de mim, murmurando se eu o podia deixar passar a noite no vestíbulo. Fechei a porta antes que ele pudesse acabar a frase.

A escada era um poço de sombra. O hálito dos relâmpagos filtrava-se entre as comissuras do portão e salpicava os contornos dos degraus. Avancei às apalpadelas e encontrei o primeiro degrau com um tropeção. Agarrei-me ao corrimão e subi lentamente as escadas. Daí a pouco, os degraus desfizeram-se numa planície e

compreendi que tinha chegado ao patamar do andar principal. Apalpei as paredes de mármore frio, hostil, e encontrei os relevos da porta de carvalho e as aldrabas de alumínio. Procurei o orifício da fechadura e introduzi a chave às apalpadelas. Quando a porta do andar se abriu, uma franja de claridade azul cegou-me momentaneamente e um sopro de ar cálido acariciou-me a pele. O quarto de Bernarda ficava situado na parte posterior do andar, junto da cozinha. Dirigi-me lá primeiro, embora tivesse a certeza de que a criada estava ausente. Bati com os nós dos dedos à porta dela e, como não obtivesse resposta, permiti-me abrir a alcova. Era um quarto simples, com uma cama grande, um armário escuro com espelhos fumados e uma cómoda sobre a qual Bernarda tinha colocado suficientes santos, virgens e estampas para abrir um santuário. Fechei a porta e, ao voltar-me, quase me parou o coração ao vislumbrar uma dezena de olhos azuis e escarlata a avançar do fundo do corredor. Os gatos de Barceló já me conheciam de sobra e toleravam a minha presença. Rodearam-me, miando suavemente, e, ao comprovarem que as minhas roupas ensopadas de chuva não desprendiam o calor desejado, abandonaram-me com indiferença.

O quarto de Clara estava situado no outro extremo do andar, junto da biblioteca e da sala de música. Os passos invisíveis dos gatos seguiam-me através do corredor, expectantes. Na penumbra intermitente da tempestade, o andar de Barceló afigurava-se-me cavernoso e sinistro, diferente do que tinha aprendido a considerar a minha segunda casa. Alcancei a parte dianteira do andar que dava para a praça. O jardim de inverno de Barceló abriu-se diante de mim, denso e impenetrável. Internei-me na mata de folhas e ramos. Por um instante assaltou-me a ideia de que, se o estranho sem rosto se tinha infiltrado no edifício, provavelmente era aquele o lugar que escolhera para se ocultar. Para me esperar. Quase me pareceu perceber aquele cheiro a papel queimado que soltava no ar, mas compreendi que aquilo que o meu olfacto tinha detectado era simplesmente tabaco. Assaltou-me um ameaço de pânico. Naquela casa ninguém fumava, e o cachimbo de Barceló, sempre apagado, era puro atrezzo.

Cheguei à sala de música e o esplendor de um relâmpago incendiou as volutas de fumo que flutuavam no ar como grinaldas de vapor. O teclado do piano formava um sorriso interminável junto da galeria. Atravessei a sala de música e cheguei até à porta da biblioteca. Estava fechada. Abri-a e a claridade da praceta que rodeava a biblioteca principal do livreiro ofereceu-me um cálido acolhimento. As paredes forradas de estantes repletas formavam uma oval em cujo centro repousava uma mesa de leitura e duas poltronas de marechal-de-campo. Sabia que Clara guardava o livro de Carax numa vitrina junto do arco da praceta. Dirigi-me sigilosamente até lá. O meu plano, ou ausência dele, tinha sido apropriar-me do livro, tirá-lo de lá, entregá-lo àquele lunático e perdê-lo de vista para sempre.

Ninguém daria pela ausência do livro, excepto eu.

O livro de Julián Carax esperava-me como sempre, a lombada a assomar ao fundo de uma prateleira. Tomei-o nas mãos e apertei-o contra o peito, como se abraçasse um velho amigo que estivesse a ponto de atraí-lo. Judas, pensei. Dispuse-me a sair dali sem dar a conhecer a minha presença a Clara. Levaria o livro e desapareceria para sempre da vida de Clara Barceló. Saí da biblioteca com passo leve. A porta do quarto de Clara adivinhava-se ao fundo do corredor. Imaginei-a deitada na sua cama, adormecida. Imaginei os meus dedos a acariciarem-lhe a garganta, a explorarem um corpo que tinha memorizado de pura ignorância. Voltei-me, disposto a abandonar seis anos de quimeras, mas houve qualquer coisa que me deteve os passos antes de alcançar a sala de música. Uma voz assobiando atrás de mim, atrás da porta. Uma voz profunda, que sussurrava e ria. No quarto de Clara. Avancei lentamente na direcção da porta. Pousei os dedos na maçaneta da porta. Tremiam-me os dedos. Tinha chegado tarde. Engoli em seco e abri a porta.

9.

O corpo nu de Clara jazia sobre os lençóis brancos que brilhavam como seda lavada. As mãos do maestro Neri deslizavam sobre os seus lábios, o pescoço e o peito. Os seus olhos brancos levantavam-se para o tecto, estremecendo sob as investidas com que aquele professor de música a penetrava entre as coxas pálidas e trémulas. As mesmas mãos que me tinham lido o rosto seis anos atrás nas trevas do Ateneo aferravam agora as nádegas do maestro, reluzentes de suor, cravando-lhe as unhas e guiando-o até às suas entranhas com uma ânsia animal, desesperada. Senti que me faltava o ar. Devo ter permanecido ali, paralisado, a observá-los pelo espaço de quase meio minuto, até que o olhar de Neri, incrédulo ao princípio, incendiado de ira a seguir, deu pela minha presença. Ainda a ofegar, atónito, deteve-se. Clara aferrou-o sem compreender, esfregando o corpo contra o dele, lambendo-lhe o pescoço.

– Que foi? – gemeu. – Por que é que paras?

Os olhos de Adrián Neri ardiam de fúria.

– Nada – murmurou. – Já volto.

Neri pôs-se de pé e lançou-se na minha direcção como um obus, apertando os punhos. Nem o vi aproximar-se. Não conseguia despregar os olhos de Clara, envolvida em suor, esbaforida, com as costelas a desenharem-se sob a pele e os seios a tremer de desejo. O professor de música agarrou-me pelo pescoço e arrastou-me para fora do quarto. Senti que os meus pés mal roçavam o solo e, por muito que o tentasse, não consegui libertarme do aperto de Neri, que me levava

como um fardo através do jardim-deinverno.

– A alma vou-ta eu despedaçar a ti, desgraçado – murmurava entre dentes.

Levou-me de rastos até à porta do andar e, uma vez ali, abriu-a e lançou-me com força ao patamar. O livro de Carax tinha-me caído das mãos. Apanhou-o e atirou-mo à cara com raiva.

– Se te volto a ver por aqui, ou sei que te aproximaste da Clara na rua, juro que te mando para o hospital com a tarefa que te prego, sem me importar a ponta dum corno a idade que tens – disse friamente. - Entendidos?

Pus-me laboriosamente de pé e descobri que no meio do esforço Neri me tinha rasgado o casaco e o orgulho.

– Como é que entraste?

Não respondi. Neri suspirou, abanando a cabeça.

– Vamos, dá-me as chaves – atirou Neri, contendo a fúria.

– Que chaves?

Da bofetada que me aplicou, caí ao chão. Levantei-me com sangue na boca e um zumbido no ouvido esquerdo que me perfurava a cabeça como o assobio de um eléctrico. Apalpei a cara e senti o corte que me tinha rachado os lábios a arder debaixo dos dedos. Um anel de sinete brilhava no dedo anular do professor de música, ensanguentado.

– As chaves, já te disse.

– Vá à merda – cuspi.

Não vi o murro vir. Tive apenas uma sensação como se um martelo pilão me tivesse arrancado o estômago pela raiz. Dobrei-me em dois como um fantoche quebrado, sem respiração, cambaleando contra a parede. Neri agarrou-me de um puxão pelos cabelos e escarafunchou-me nos bolsos até dar com as chaves. Deslizei para o chão, agarrado ao estômago, a choramingar de agonia, ou de raiva.

– Diga à Clara que...

Fechou-me a porta na cara e eu fiquei na escuridão absoluta. Procurei o livro às apalpadelas no negrume. Encontrei-o e escapuli-me com ele pelas escadas abaixo, apoiando-me às paredes, arquejando. Saí para o exterior cuspiendo sangue e respirando pela boca às golfadas. O frio e o vento cingiram-me a roupa ensopada, mordentes. O lanho na cara queimava-me.

– Sente-se bem? – perguntou-me uma voz na sombra.

Era o mendigo ao qual tinha recusado a minha ajuda um pedaço antes. Assenti, evitando o seu olhar, envergonhado. Comecei a andar.

– Espere um bocado, pelo menos até a chuva abrandar – sugeriu o mendigo.

Pegou-me pelo braço e guiou-me até um recanto por baixo dos arcos onde guardava um fardo e um saco com roupa velha e suja.

– Tenho um pouco de vinho. Não é mau. Beba um pouco. Há-de assentar-

lhe bem para aquecer. E para desinfetar isso...

Bebi um gole da garrafa que me oferecia. Sabia a gasóleo clarificado com vinagre, mas o seu calor acalmou-me o estômago e os nervos. Umas gotas salpicaram-me a ferida e vi estrelas na noite mais negra da minha vida.

– Bom, hem? – sorriu o mendigo. – Força, chegue-lhe mais um golinho, que isto até levanta um morto.

– Não, obrigado. Para si – murmurei.

O mendigo bebeu um longo gole. Observei-o detidamente. Parecia um guarda-livros cinzento de ministério que não mudasse de fato há quinze anos. Ofereceu-me a mão e eu apertei-lha.

– Fermín Romero de Torres, aposentado. Muito prazer em conhecê-lo.

– Daniel Sempere, doido rematado. O prazer é todo meu.

– Não se rebaixe, que em noites destas tudo parece pior do que é. Aqui onde me vê, sou um optimista nato. Não tenho a menor dúvida de que o regime tem os dias contados. Segundo todos os indícios, os americanos vão-nos invadir quando menos esperarmos e hão-de pôr o Franco num lugar de faz-de-conta em Melilla. E eu recuperarei o meu lugar, a reputação e a honra perdida.

– A que se dedicava o senhor?

– Serviço de informações. Alta espionagem – disse Fermín Romero de Torres. – Só lhe direi que era o homem de Macia(*1) em Havana.

**1. Francesc Macia (1859-1933), militar de carreira, fundou em 1922 o partido nacionalista radical Estat Català. Exilado durante a ditadura de Primo de Rivera, regressou a Espanha em 1931 e integrou o seu partido na Esquerda Republicana de Catalunya. Depois do triunfo nas eleições de Abril de 1931, proclamou unilateralmente a República Catalã, embora três dias depois aceitasse a sua transformação em Generalitat. Foi o primeiro presidente eleito desta instituição de autogoverno, em 1932. (N. T.)*

Acenei afirmativamente. Outro doido. A noite de Barcelona colecionavaos às mãos cheias. E aos idiotas como eu, também.

– Oiça, esse lanho tem mau aspecto. Deram-lhe uma tarefa de três em pipa, hem?

Levei os dedos à boca. Ainda sangrava.

– Assunto de saias? – inquiriu. – Bem podia tê-lo evitado. As mulheres deste país, digo-lho eu que já corri mundo, são umas beatonas e umas frígidas. É como lhe digo. Eu cá lembro-me de uma mulatinha que deixei em Cuba. Oiça, é outro mundo, hem?, outro mundo. É que as gajas caribenhas se nos arrimam ao corpo com aquele ritmo ilhéu e nos sussurram «ai queridinho, faz-me gozar, faz-me gozar», e um homem como deve ser, com sangue nas veias, não lhe digo nada...

Pareceu-me que Fermín Romero de Torres, ou fosse qual fosse o seu

verdadeiro nome, ansiava quase tanto pela conversa anódina como por um banho quente, um prato de lentilhas com chouriço e uma muda de roupa lavada. Dei-lhe trela durante um pedaço, à espera de que me acalmasse a dor. Não me custou grandemente, porque aquele homenzinho só precisava de um ou outro aceno pontual de alguém que fizesse de conta que o ouvia. Estava o mendigo para me relatar os pormenores de um plano secreto para raptar dona Carmen Polo de Franco quando reparei que já chovia com menos força e que a tempestade parecia afastar-se lentamente para norte.

– Faz-se-me tarde – murmurei, pondo-me de pé.

Fermín Romero de Torres fez um sinal afirmativo com uma certa tristeza e ajudou-me a levantar, fazendo menção de me limpar o pó da roupa ensopada.

– Ficaré então para outro dia – disse, resignado. – É que eu cá perco pela boca. Começo a falar e... oiça, aquilo do sequestro fica aqui entre nós, hem?

– Não se preocupe. Sou um túmulo. E obrigado pelo vinho.

Afastei-me na direcção das Ramblas. Detive-me no umbral da praça e dirigi a vista para o andar dos Barceló. As janelas permaneciam às escuras. Quis odiar Clara, mas não fui capaz. Odiar de verdade é um talento que se aprende com os anos. Jurei a mim mesmo que não voltaria a mencionar o seu nome, ou a recordar o tempo que tinha perdido ao seu lado. Por alguma estranha razão, senti-me em paz. A ira que me tinha feito perder as estribeiras evaporara-se. Receei que voltasse, e com sanha redobrada, no dia seguinte. Receei que os ciúmes e a vergonha me consumissem lentamente, uma vez caídas pelo seu próprio peso as peças de tudo quanto tinha vivido naquela noite. Faltavam várias horas para o alvorecer e ainda me faltava fazer uma coisa antes de voltar a casa com a consciência tranquila.

A Rua Arco del Teatro continuava ali, apenas uma brecha de penumbra. Um riacho de água negra tinha-se formado no centro da viela e internava-se em procissão funerária direito ao coração do Raval. Reconheci o velho portão de madeira e a fachada barroca à qual o meu pai me tinha conduzido num amanhecer seis anos atrás. Subi os degraus e resguardei-me da chuva debaixo da arcada da porta da rua que cheirava a urina e a madeira podre. O Cemitério dos Livros Esquecidos cheirava mais a morto que nunca. Não me lembrava de que a aldraba era um rosto de diabinho. Peguei-lhe pelos cornos e bati três vezes à porta. O eco cavernoso espalhou-se no interior. Daí a pouco voltei a bater, desta vez seis batidas, mais fortes, até me doer o punho. Passaram outros tantos minutos e comecei a pensar que não devia haver já ninguém naquele lugar. Enrodilhei-me contra a porta e tirei o livro de Carax do interior do casaco. Abri-o e li de novo aquela primeira frase que me tinha capturado anos atrás.

Naquele Verão choveu todos os dias e, embora muitos dissessem que era castigo de Deus porque tinham aberto na aldeia um casino junto à igreja, eu sabia

que a culpa era minha e só minha porque aprendera a mentir e guardava ainda nos lábios as últimas palavras da minha mãe no seu leito de morte: nunca gostei do homem com quem me casei, mas sim de outro que me disseram que tinha morrido na guerra; procura-o e diz-lhe que morri a pensar nele, porque é ele o teu verdadeiro pai. Sorri, recordando aquela primeira noite de leitura febril seis anos atrás. Fechei o livro e dispus-me a tocar pela terceira e última vez. Antes que pudesse roçar a aldraba com os dedos, o portão abriu-se o suficiente para insinuar o perfil do guarda trazendo uma candeia de azeite.

– Boa noite – murmurei. – Isaac, não é verdade?

O guarda observou-me sem pestanejar. O brilho da candeia esculpia os seus traços angulosos em âmbar e escarlata, e conferia-lhe uma inequívoca semelhança com o diabinho da aldraba.

– Você é o Sempere filho – murmurou com voz fatigada.

– O senhor tem uma memória excelente.

– E você um sentido de oportunidade que mete nojo. Sabe que horas são?

O seu olhar cáustico tinha detectado o livro debaixo do meu casaco.

Isaac fez um gesto inquisitivo com a cabeça. Extraí o livro e mostrei-lho.

– Carax – disse ele. – Deve haver quando muito dez pessoas nesta cidade que saibam quem é ou que tenham lido esse livro.

– Pois uma delas anda empenhada em deitar-lhe fogo. Não me ocorre melhor esconderijo do que este.

– Isto é um cemitério, não uma caixa-forte.

– Precisamente. Do que este livro precisa é de que o enterrem onde ninguém o possa encontrar.

Isaac lançou um olhar receoso à viela. Abriu um pouco a porta e fez-me sinais para que me enfiasse lá dentro. O vestíbulo escuro e insondável cheirava a cera queimada e a humidade. Podia-se ouvir um gotejar intermitente na escuridão. Isaac estendeu-me a candeia para que eu a segurasse enquanto ele extraía do sobretudo um molho de chaves que teria sido a inveja de um carcereiro. Conjurando alguma ciência ignota, descobriu a que procurava e introduziu-a numa fechadura protegida por uma carcaça de vidro repleta de relês e rodas dentadas que sugeria uma caixa de música à escala industrial. A uma volta de pulso, o mecanismo estalou como as entranhas de um autómato e vi as alavancas e os fulcros deslizarem num bailado mecânico assombroso até travarem o portão com um emaranhado de barras de aço que mergulhou numa estrela de orifícios nas paredes de pedra.

– Nem o Banco de Espanha – comentei impressionado. – Parece uma coisa tirada de Júlio Verne.

– Kafka – clarificou Isaac, recuperando a candeia e encaminhando-se para as profundezas do edifício. – No dia em que você compreender que o negócio dos

livros é uma miséria pegada e decidir aprender a roubar um banco, ou a criar um, que vem a dar no mesmo, venha ter comigo e eu explico-lhe umas coisas sobre fechaduras.

Segui-o através dos corredores que recordava com frescos de anjos e quimeras. Isaac segurava a candeia ao alto, projectando uma bolha intermitente de luz vermelhusca e evanescente. Coxeava vagamente, e o sobretudo de flanela esfiapado que vestia assemelhava-se a um manto fúnebre. Ocorreu-me que aquele indivíduo, a meio caminho entre Caronte e o bibliotecário de Alexandria, se sentiria a seu bel-prazer nas páginas de Julián Carax.

– Sabe alguma coisa de Carax? – perguntei.

Isaac deteve-se no fim de uma galeria e olhou para mim, indiferente.

– Não muito. O que me contaram.

– Quem?

– Alguém que o conheceu bem, ou assim julgava. O coração deu-me um baque.

– Quando foi isso?

– Quando ainda me penteava. Você devia andar de fraldas, e não parece que tenha evoluído muito, para dizer a verdade. Olhe para si: está a tremer – disse.

– É por causa da roupa molhada, e do frio que faz aqui dentro.

– Para a próxima há-de avisar-me e eu acendo o aquecimento central para o receber em braços, seu anjinho. Venha, siga-me. Aqui é o meu escritório, que tem fogão-de-sala e qualquer coisa para lhe pôr por cima enquanto lhe secamos a roupa. E um pouco de mercurocromo e água oxigenada também não lhe calhavam mal, que vem com uma cara que parece saído da esquadra da Via Layetana.

– Não se incomode, palavra.

– Não me incomodo nada. Faço-o por mim, não por si. Passada essa porta, sou eu que dito as regras e aqui os únicos mortos são os livros. Vamos a ver se não me apanha uma pneumonia e tenho de chamar o pessoal da morgue. Depois já nos encarregamos desse livro. Em trinta e oito anos ainda nunca vi nenhum que desatasse a correr.

– Não sabe como lho agradeço...

– Deixe-se de parvoíces. Se o deixei entrar, é por respeito ao seu pai, de contrário deixá-lo-ia na rua. Faça o favor de me seguir. E, se se portar bem, se calhar conto-lhe o que sei do seu amigo Carax.

De esguelha, quando se convenceu de que eu não o podia ver, reparei que se lhe escapava um sorriso de espertalhão consumado. Isaac estava claramente a divertir-se com o seu papel de sinistro cérbero. Eu também sorri para mim mesmo. Já não me restava a menor dúvida sobre a quem pertencia o rosto do diabinho da aldraba.

Isaac pôs-me um par de mantas finas pelos ombros e ofereceu-me uma taça com uma mistela fumegante que cheirava a chocolate quente com ratafia.

– Estava-me o senhor a contar de Carax...

– Não há muito que contar. A primeira pessoa a quem ouvi falar de Carax foi a Toni Cabestany, o editor. Falo-lhe de há vinte anos, quando ainda não existia a editora. Sempre que voltava das suas viagens a Londres, Paris ou Viena, Cabestany aparecia por cá e conversávamos um bocado.

Tínhamos ficado ambos viúvos e ele lamentava-se de que agora éramos casados com os livros, eu com os velhos e ele com os de contabilidade. Éramos bons amigos. Numa das suas visitas contou-me que acabava de adquirir por dez réis de mel coado os direitos em castelhano dos romances de um tal Julián Carax, um barcelonês que vivia em Paris. Isso deve ter sido no ano de 28 ou 29. Ao que parece, Carax trabalhava como pianista num bordel de pouca monta em Pigal-le à noite e escrevia de dia num sótão miserável no bairro de Saint Germain. Paris é a única cidade no mundo onde morrer de fome ainda é considerado uma arte. Carax publicara um par de romances em França que se tinham revelado um absoluto fracasso de vendas. Ninguém dava um chavo por ele em Paris, e Cabestany sempre gostou de comprar barato.

– Então, Carax escrevia em castelhano ou em francês?

– Vá-se lá saber. Provavelmente as duas coisas. A mãe era francesa, professora de música, creio eu, e ele tinha vivido em Paris desde os dezenove ou vinte anos de idade. Cabestany dizia que recebiam de Carax os manuscritos em castelhano. Se eram uma tradução ou o original, para ele tanto fazia. O idioma favorito de Cabestany era o da peseta, o resto não lhe fazia qualquer diferença. Cabestany tinha pensado que talvez, com um golpe de sorte, conseguisse colocar uns milhares de exemplares de Carax no mercado espanhol.

– E conseguiu?

Isaac franziu o cenho, escanceando-me um pouco mais da sua beberagem reparadora.

– Parece-me que o que teve mais saída, *A Casa Vermelha*, vendeu uns noventa.

– Mas continuou a publicar Carax, embora perdesse dinheiro – observei.

– Assim é. Para dizer a verdade, não sei porquê. O Cabestany não era propriamente um romântico. Mas talvez todo o homem tenha os seus segredos... Entre 28 e 36 publicou-lhe oito romances. Onde o Cabestany fazia realmente dinheiro era nos catecismos e numa série de folhetins cor-de-rosa protagonizados por

uma heroína da província, Violeta LaFleur, que se vendiam muito bem em quiosques. Quanto aos romances de Carax, suponho eu, editava-os por gosto e para contrariar Darwin.

– Que foi feito do senhor Cabestany? Isaac suspirou, levantando o olhar.

– A idade, que a todos nós cobra a factura. Adoeceu e teve alguns problemas de dinheiro. Em 1936, o filho mais velho tomou a editora a seu cargo, mas era daqueles que não sabem ler nem o tamanho das cuecas. A empresa foi por água abaixo em menos de um ano. Felizmente, o Cabestany não chegou a ver o que os seus herdeiros faziam ao fruto de uma vida de trabalho nem o que a guerra fazia ao país. Levou-o uma embolia na noite de Todos os Santos, com um Cohíba na boca e uma menina de vinte e cinco anos nos joelhos. O filho era feito doutra massa. Arrogante como só os imbecis podem ser. A sua primeira grande ideia foi tentar vender as existências de livros do catálogo da editora, o legado do pai, para os transformar em pasta de papel ou coisa assim. Um amigo, outro franganote com casa em Caldetas e um Bugatti, tinha-o convencido de que as fotonovelas de amor e o Mein Kampfsc iam vender à grande e que seria preciso celulose às mancheias para satisfazer a procura.

– Chegou a fazê-lo?

– Não teve tempo. Pouco depois de tomar as rédeas da editora, apareceu-lhe um indivíduo em casa e fez-lhe uma oferta muito generosa. Queria adquirir toda a existência de romances de Julián Carax que ainda restasse em armazém e oferecia-se para os pagar ao triplo do seu preço de mercado.

– Não me diga mais. Para os queimar – murmurei. Isaac sorriu, surpreendido.

– É verdade. E você que parecia pateta, com tanta pergunta e sem saber nada.

– Quem era esse indivíduo? – perguntei.

– Um tal Aubert ou Coubert, não me lembro bem.

– Láin Coubert?

– O nome diz-lhe alguma coisa?

– É o nome de uma personagem de *A Sombra do Vento*, o último romance de Carax.

Isaac franziu o cenho.

– Uma personagem de ficção?

– No romance, Láin Coubert é o nome que o diabo emprega.

– Um tanto teatral, se quer que lhe diga. Mas seja quem for, pelo menos tinha sentido de humor – avaliou Isaac.

Eu, que ainda tinha fresca a recordação do meu encontro com aquela personagem, não lhe achava graça nem por sombras, mas reservei a minha opinião

para melhor oportunidade.

– Esse indivíduo, Coubert, ou lá como se chame, tinha a cara queimada, desfigurada?

Isaac observou-me com um sorriso a meio caminho entre a troça e a preocupação.

– Não faço a menor ideia. A pessoa que me contou tudo isto não o chegou a ver, e soube-o porque o Cabestany filho o contou à secretária no dia seguinte. De caras queimadas não referiu nada. Quer dizer que não foi buscar isso a nenhum folhetim?

Sacudi a cabeça, retirando importância ao assunto.

– Como acabou o caso? O filho do editor vendeu os livros ao Coubert? - perguntei.

– O pateta alegre do franganote quis-se armar em esperto. Pediu mais dinheiro do que o Coubert lhe oferecia, e este retirou a proposta. Dias mais tarde, o armazém da editora Cabestany em Pueblo Nuevo ardeu até aos alicerces pouco depois da meia-noite. E de graça. Suspirei.

– Que aconteceu aos livros de Carax? Perderam-se?

– Quase todos. Felizmente, a secretária do Cabestany, ao saber da oferta, teve um pressentimento e, por sua conta e risco, foi ao armazém e levou para casa um exemplar de cada título de Carax. Era ela que mantinha toda a correspondência com Carax e, ao longo dos anos, tinham entabulado uma certa amizade. Chamava-se Nuria, e parece-me que era ela a única pessoa na editora, e provavelmente em toda a Barcelona, que lia os romances de Carax. A Nuria tem um fraquinho pelas causas perdidas. Em pequena recolhia animaizinhos da rua e levava-os para casa. Com o tempo passou a adoptar romancistas malditos, se calhar porque o pai quis sê-lo e nunca o conseguiu.

– Parece-me que o senhor a conhece muito bem. Isaac brandiu o seu sorriso de diabrete.

– Mais do que ela julga. É minha filha.

Assolaram-me o silêncio e a dúvida. Quanto mais ouvia daquela história, mais perdido me sentia.

– Consta-me que Carax voltou a Barcelona em 1936. Há quem diga que morreu cá. Ainda tinha família na cidade? Alguém que pudesse saber dele?

Isaac suspirou.

– Vá-se lá saber. Os pais de Carax tinham-se separado havia uns tempos, creio eu. A mãe fora para a América do Sul, onde se voltou a casar. Com o pai, que eu saiba, não falava desde que partiu para Paris.

– Porquê?

– Sei lá eu! As pessoas complicam a vida, como se ela não fosse

suficientemente complicada.

– Sabe se ainda é vivo?

– Espero que sim. Era mais novo do que eu, mas eu já saio pouco e há anos que não leio a necrologia porque os conhecidos caem como tordos e uma pessoa fica acagaçada. Por sinal, Carax era o apelido da mãe. O pai apelidava-se Fortuny. Tinha uma chapelaria na Ronda de San António, e tanto quanto sei não se dava muito com o filho.

– Será possível então que ao voltar a Barcelona Carax se tivesse sentido tentado a ir ver a sua filha Nuria, dado que tinham uma certa amizade, mesmo que não estivesse de boas relações com o pai?

Isaac riu amargamente.

– Provavelmente sou a pessoa menos indicada para o saber. No fim de contas, sou pai dela. Sei que uma vez, em 32 ou 33, a Nuria foi a Paris por causa de assuntos do Cabestany, e que ficou alojada em casa de Julián Carax um par de semanas. Quem me contou isso foi o Cabestany, porque segundo ela esteve num hotel. A minha filha na altura era solteira e a mim cheirava-me que Carax andava um pouco embeijado por ela. A minha Nuria é das que despedaçam corações simplesmente ao entrar numa loja.

– Quer dizer que eram amantes?

– Você gosta mesmo de folhetins, hem? Olhe, eu na vida privada da Nuria nunca me meti, porque a minha também não é propriamente para emoldurar.

Se um dia você tiver uma filha, bênção que eu não desejo a ninguém, porque a lei da vida é que mais tarde ou mais cedo nos despedace o coração, enfim, como ia dizendo, se algum dia tiver uma filha começará sem dar por isso a dividir os homens em duas categorias: os que suspeita que dormem com ela e os que não. Quem disser que não, mente com quantos dentes tem na boca. A mim cheirava-me que Carax era dos primeiros, pelo que para mim vinha a dar no mesmo se era um génio ou um pobre desgraçado, e sempre o tive por um desavergonhado.

– Se calhar o senhor estava enganado.

– Não se ofenda, mas você ainda é muito novo e de mulheres sabe tanto como eu de lagares de azeite.

– Isso também é verdade – convim. – Que aconteceu aos livros que a sua filha levou do armazém?

– Estão aqui.

– Aqui?

– Onde pensa que saiu este livro que você encontrou no dia em que o seu pai o trouxe cá?

– Não percebo.

– Pois é bem simples. Uma noite, dias depois do incêndio do armazém do

Cabestany, a minha filha Nuria apareceu aqui. Estava nervosa. Dizia que havia alguém que a tinha andado a seguir e que receava que o tal Coubert quisesse apoderar-se dos livros para os destruir. A Nuria disse-me que vinha esconder os livros de Carax. Enfiou-se na sala grande e escondeu-os no labirinto de estantes, como quem enterra tesouros. Não lhe perguntei onde os tinha posto, nem ela mo disse.

Antes de se ir embora disse-me que, mal conseguisse encontrar Carax, viria buscá-los. Pareceu-me que ainda continuava apaixonada por Carax, mas não disse nada. Perguntei-lhe se o tinha visto recentemente, se sabia alguma coisa dele. Disse-me que havia meses que não tinha notícias suas, praticamente desde que ele tinha enviado as suas últimas correcções do manuscrito do seu último livro de Paris. Se me mentiu, não lhe posso dizer. O que sei é que, depois desse dia, a Nuria nunca mais voltou a saber de Carax e aqueles livros ficaram aqui, a criar pó.

– Acha que a sua filha acederia a falar comigo de tudo isto?

– Bem, a minha filha, para tudo o que seja falar, está sempre pronta, mas não sei se poderá dizer-lhe alguma coisa que este seu criado não lhe tenha contado já. Repare que isto se passou já há muito tempo. E a verdade é que não nos damos tão bem como eu quereria. Vemo-nos uma vez por mês. Vamos comer por aqui perto e logo a seguir ela vai-se embora como veio. Sei que há uns anos se casou com um bom rapaz: jornalista e um pouco apatetado, para dizer a verdade, daqueles que andam sempre metidos em sarilhos políticos, mas de bom coração. Casou-se pelo civil, sem convidados. Eu soube um mês mais tarde. Nunca me apresentou o marido. Miquel, chama-se ele. Ou coisa parecida. Suponho que não está lá muito orgulhosa do pai, e não a culpo. Agora é outra mulher. Olhe que até aprendeu a fazer malha e dizem-me que já não se veste à Simone de Beauvoir. Um destes dias virei a saber que passei a ser avô. Há anos que trabalha em casa como tradutora de francês e italiano. Não sei onde foi ela buscar o talento, para dizer a verdade. Ao pai é claro que não foi. Deixe que lhe escreva a direcção dela, embora não saiba se é grande ideia dizer-lhe que vai da minha parte.

Isaac anotou umas garatujas no canto de um jornal velho e estendeu-me o recorte.

– Agradeço-lho. Nunca se sabe, se calhar ela lembra-se de alguma coisa... Isaac sorriu com uma certa tristeza.

– Em criança lembrava-se de tudo. De tudo. Depois os filhos crescem e a pessoa já não sabe o que pensam nem o que sentem. E é assim que tem de ser, suponho eu. Não conte à Nuria o que eu lhe expliquei, hem? O que aqui dissemos fica entre nós.

– Não se preocupe. Acha que ela ainda pensa em Carax? Isaac suspirou longamente, baixando o olhar.

– Sei lá eu! Não sei se gostou dele a sério. Estas coisas ficam no coração de cada um, e ela agora é uma mulher casada. Eu na sua idade tive uma namoradinha, Teresita Boadas, chamava-se ela, que cosia aventais na têxtil Santamaría da Rua Comercio. Ela tinha dezesseis anos, menos dois do que eu, e foi a primeira mulher por quem me apaixonei. Não faça essa cara, que eu bem sei que vocês, os jovens, julgam que nós, os velhos, nunca nos apaixonámos. O pai da Teresita tinha uma carroça de gelo no mercado do Borne e era mudo de nascença.

Não imagina o medo que tive no dia em que lhe pedi autorização para me casar com a filha e ele passou cinco minutos a olhar-me fixamente, sem se descoser e com o picador do gelo na mão. Andava eu a juntar dinheiro há dois anos para comprar uma aliança quando a Teresita adoeceu.

Qualquer coisa que tinha apanhado na oficina, disse ela. Em seis meses morria-me de tuberculose. Ainda me recordo de como o mudo gemia no dia em que a enterrámos no cemitério de Pueblo Nuevo.

Isaac sumiu-se num profundo silêncio. Não me atrevi nem a respirar. Daí a pouco ergueu a vista e sorriu-me.

– Estou-lhe a falar de há cinquenta e cinco anos, não é brincadeira nenhuma. Mas, para lhe ser sincero, não passa um dia que não me recorde dela, dos passeios que dávamos até às ruínas da Exposição Universal de 1888 e de como ela se ria de mim quando lhe lia os poemas que escrevia nas traseiras da mercearia do meu tio Leopoldo. Lembro-me até da cara de uma cigana que nos leu a sina na praia do Bogatell e nos disse que ficaríamos toda a vida juntos. À sua maneira, não mentia. Que lhe posso dizer?

Sim, acho que a Nuria ainda se lembra desse homem, embora não o diga.

E, para dizer a verdade, isso não sei se alguma vez perdoarei a Carax.

Você ainda é muito novo, mas eu sei o que essas coisas doem. Se quer saber a minha opinião, Carax era um ladrão de corações, e levou o da minha filha para a sepultura ou para o inferno. Só lhe peço uma coisa, se por acaso a vir e falar com ela: que me diga como está. Que averigue se é feliz. E se perdoou ao pai.

Pouco antes do alvorecer, levando somente uma candeia de azeite, penetrei uma vez mais no Cemitério dos Livros Esquecidos. Ao fazê-lo, imaginava a filha de Isaac a percorrer aqueles mesmos corredores escuros e intermináveis com determinação idêntica à que me guiava a mim: salvar o livro. A princípio julguei que recordava a rota seguida na minha primeira visita àquele lugar pela mão do meu pai, mas depressa compreendi que os meandros do labirinto arqueavam os corredores em volutas que era impossível recordar. Três vezes tentei seguir uma rota que julgara memorizar, e três vezes o labirinto me devolveu ao mesmo ponto do qual tinha partido. Isaac esperava-me ali, sorridente.

– Pensa voltar algum dia por ele? – perguntou.

– Claro que sim.

– Nesse caso, talvez quisesse montar uma pequena armadilha,

– Armadilha?

– É um pouco duro de entendimento, jovem, não é? Lembre-se do Minotauro.

Levei uns segundos a perceber a sua sugestão. Isaac extraiu um velho canivete do bolso e estendeu-mo.

– Faça uma pequena marca em cada esquina que dobre, um sinal que só você conheça. É madeira velha e tem tantos riscos e estrias que ninguém dará por isso, a menos que saiba do que está à procura...

Segui o seu conselho e penetrei de novo no coração da estrutura. De cada vez que mudava de rumo detinha-me para marcar as estantes com um C e um X do lado do corredor pelo qual me decidia. Vinte minutos mais tarde tinha-me perdido completamente nas entranhas da torre e o lugar onde ia enterrar o romance revelou-se por acaso. À minha direita vislumbrei uma fileira de tomos sobre a desamortização devidos à pena do insigne Jovellanos. Aos meus olhos de adolescente, semelhante camuflagem teria dissuadido até as mentes mais tortuosas. Extraí uns quantos e inspecionei a segunda fileira oculta atrás daquelas paredes de prosa granítica. Entre nuvenzinhas de pó, várias comédias de Moratín e um flamante Curialy Guelfa alternavam com o Tractatus Theo-logicopoliticus de Espinosa. Como toque de graça, optei por confinar o Carax entre um anuário de sentenças judiciais dos tribunais civis de Gerona de 1901 e uma colecção de romances de Juan Valera. Para ganhar espaço, decidi levar o livro de poesia do Século de Ouro que os separava e no seu lugar enfiei *A Sombra do Vento*.

Despedi-me do romance com uma piscadela de olho e voltei a colocar no seu lugar a antologia de Jovellanos, amuralhando a primeira fila. Sem mais cerimoniais afastei-me dali, guiando-me pelos sinais que tinha ido deixando no caminho. Enquanto percorria túneis e túneis de livros na penumbra, não pude evitar que uma sensação de tristeza e desalento me embargasse. Não podia evitar pensar que se eu, por puro acaso, tinha descoberto todo um universo num só livro desconhecido no meio da infinidade daquela necrópole, dezenas de milhar mais ficariam inexplorados, esquecidos para sempre. Senti-me rodeado de milhões de páginas abandonadas, de universos e almas sem dono, que se afundavam num oceano de escuridão enquanto o mundo que palpitava fora daqueles muros perdia a memória sem disso se aperceber dia após dia, sentindo-se tanto mais sábio quanto mais esquecia.

Despontavam as primeiras luzes do alvorecer quando regressei ao andar da Rua Santa Ana. Abri silenciosamente a porta e enfiei-me pelo umbral sem acender a luz. Da sala de visitas podia ver-se a casa de jantar ao fim do corredor, com a mesa

ainda ataviada de festa. O bolo continuava lá, intacto, e os talheres permaneciam à espera do jantar. A silhueta do meu pai recortava-se imóvel no cadeirão, observando da janela.

Estava acordado e ainda vestia o seu fato de sair. Volutas de fumo erguiam-se preguiçosamente de um cigarro que segurava entre o indicador e o anular, como se fosse uma caneta. Havia anos que não via o meu pai fumar.

– Bom dia – murmurou, apagando o cigarro num cinzeiro quase repleto de beatas meio fumadas.

Olhei para ele sem saber o que dizer. O seu olhar ficava velado a contraluz.

– A Clara telefonou várias vezes esta noite, um par de horas depois de saíres – disse. – Parecia muito preocupada. Deixou recado para lhe ligares, fosse às horas que fosse.

– Não penso voltar a ver a Clara, nem a falar com ela – disse eu.

O meu pai limitou-se a acenar afirmativamente em silêncio. Deixei-me cair numa das cadeiras da casa de jantar. O olhar caiu-me ao chão.

– Vais dizer-me onde estiveste?

– Por aí.

– Pregaste-me um susto de morte.

Não havia cólera na sua voz, nem praticamente censura, apenas cansaço.

– Bem sei. E lamento-o – respondi.

– Que foi que fizeste na cara?

– Escorreguei na chuva e caí.

– Essa chuva devia ter uma boa direita. Põe qualquer coisa.

– Não é nada. Nem noto – menti. – Do que preciso é de ir dormir. Não me tenho em pé.

– Pelo menos abre o teu presente antes de ires para a cama – disse o meu pai.

Apontou para o embrulho envolvido em papel celofane que tinha depositado na noite anterior em cima da mesa da casa de jantar. Hesitei um instante. O meu pai assentiu. Peguei no embrulho e sopesei-o.

Estendi-o ao meu pai sem abrir.

– O melhor é que o devolvas. Não mereço nenhum presente.

– Os presentes dão-se por prazer de quem oferece, não por mérito de quem recebe – disse o meu pai. – Além disso, já não se pode devolver.

Abre-o.

Desfiz o cuidadoso envoltório na penumbra do alvorecer. O embrulho continha uma caixa de madeira trabalhada, reluzente, debruada com rebites dourados. Iluminou-se-me o sorriso antes de a abrir. O som do fecho a abrir-se era requintado, de mecanismo de relojoaria. O interior do estojo era forrado de veludo

azul-escuro. A fabulosa caneta Montblanc Meisterstück de Victor Hugo repousava no centro, deslumbrante. Tomei-a nas mãos e contemplei-a à luz da varanda. Sobre a mola de ouro da tampa estava gravada uma inscrição.

Daniel Sempere, 1953

Olhei para o meu pai, boquiaberto. Acho que nunca o vi tão feliz como me pareceu naquele instante. Sem uma palavra, levantou-se da sua poltrona e abraçou-me com força. Senti que se me apertava a garganta e, à falta de palavras, mordi a voz.

Génio e Figura

1953

11.



Naquele ano, o Outono cobriu Barcelona com um manto de folhas caídas que rodopiava nas ruas como pele de serpente. A lembrança daquela longínqua noite de aniversário tinha-me arrefecido os ânimos, ou talvez fosse a vida que tivesse decidido conceder-me um ano sabático das minhas desgraças de folhetim para que começasse a amadurecer. Fiquei surpreso comigo mesmo quase não pensando em Clara Barceló, ou em Julián Carax, ou naquele fantoche sem rosto que cheirava a papel queimado e se declarava uma personagem fugida das páginas de um livro. Ao chegar a Novembro tinha completado um mês de sobriedade, sem me aproximar uma única vez da Praça Real para mendigar um vislumbre de Clara na janela. O mérito, devo confessar, não foi totalmente meu. As coisas na livraria estavam a animar e o meu pai e eu não sabíamos para onde nos virarmos com o trabalho.

– Por este andar vamos ter de arranjar outra pessoa para nos ajudar na pesquisa das encomendas – comentava o meu pai. – Do que precisávamos era de alguém muito especial, meio detective meio poeta, que leve barato e não se assuste com as missões impossíveis.

– Acho que tenho o candidato adequado – disse eu.

Encontrei Fermín Romero de Torres no seu lugar habitual debaixo dos arcos da Rua Fernando. O mendigo estava a recompor a primeira folha da Hoja del Lunes a partir de pedaços recolhidos num cesto de papéis. A ilustração do dia era sobre obras públicas e desenvolvimento.

– Valha-me Deus! Outro pântano? – ouvi-o exclamar. – Esta gente do fascio ainda acaba por nos transformar a todos numa raça de beatas e batráquios.

– Viva – disse eu suavemente. – Lembra-se de mim?

O mendigo ergueu a vista, e o rosto iluminou-se-lhe de repente com um sorriso escancarado.

– Bons olhos o vejam! Que é feito de si, meu amigo? Aceita um golinho de

tinto, não é verdade?

– Hoje sou eu que ofereço – disse eu. – Tem apetite?

– Homem, não diria que não a uma boa mariscada, mas estou por tudo. No caminho para a livraria, Fermín Romero de Torres relatou-me toda a sorte de correrias que tinha vivido naquelas semanas a fim de se evadir às forças de segurança do Estado, e mais particularmente à sua Némesis, um tal inspector Fumero, com o qual aparentemente tinha um longo historial de conflitos.

– Fumero? – perguntei, recordando-me de que era esse o nome do soldado que tinha assassinado o pai de Clara Barceló no castelo de Montjuïc no princípio da guerra.

O homenzinho acenou afirmativamente, pálido e aterrado. Tinha um ar famélico, sujo, e tresandava a meses de vida na rua. O desgraçado não fazia ideia de para onde o conduzia, e percebi no seu olhar um certo susto e uma crescente angústia que se esforçava por mascarar de verborreia incessante. Quando chegámos à loja, o mendigo lançou-me um olhar de preocupação.

– Ande, entre. Esta é a livraria do meu pai, ao qual quero apresentá-lo.

O mendigo encolheu-se num molho de cascão e nervos.

– Não, não, de maneira nenhuma, que eu não estou apresentável e este é um estabelecimento de categoria; vou envergonhá-lo...

O meu pai assomou à porta, deu uma rápida olhadela ao mendigo e a seguir olhou-me de soslaio.

– Papá, apresento-te Fermín Romero de Torres.

– Para o servir – disse o mendigo quase a tremer.

O meu pai sorriu-lhe serenamente e estendeu-lhe a mão. O mendigo não se atrevia a apertá-la, envergonhado pelo seu aspecto e pela sujidade que lhe cobria a pele.

– Oiça, é melhor eu ir-me embora e deixá-los aos dois – tartamudeou.

O meu pai agarrou-o suavemente pelo braço.

– Nada disso, que o meu filho disse-me que o senhor vem almoçar connosco.

O mendigo olhou-nos, atónito, aterrado.

– Por que é que não vai lá acima a casa e toma um bom banho quente? – disse o meu pai. – Depois, se lhe apetecer, descemos a pé até Can Sole.

Fermín Romero de Torres balbuciou qualquer coisa ininteligível. O meu pai, sem esmorecer o sorriso, guiou-o rumo à porta da rua e teve praticamente de o arrastar pela escada acima até ao andar enquanto eu fechava a loja.

Com muita oratória e tácticas sub-reptícias conseguimos enfiá-lo na banheira e despojá-lo dos seus andrajos. Nu parecia uma fotografia de guerra e tremia como um frango depenado. Tinha marcas profundas nos pulsos e nos

tornozelos, e o torso e as costas estavam cobertos de terríveis cicatrizes que só de ver faziam doer. O meu pai e eu trocámos um olhar de horror, mas não dissemos nada.

O mendigo deixou-se levar como uma criança, assustado e a tremer.

Enquanto eu procurava roupa lavada no arcaz para o vestir, escutava a voz do meu pai a falar com ele sem parar. Encontrei um fato que o meu pai já nunca vestia, uma camisa velha e alguma roupa interior. Da muda que o mendigo trazia nem os sapatos se podiam aproveitar. Escolhi-lhe uns que o meu pai quase nunca calçava porque lhe ficavam apertados.

Embrulhei os andrajos em papel de jornal, incluindo umas cuecas que exibiam a cor e a consistência do presunto serrano, e meti-os no caixote do lixo. Quando voltei à casa de banho, o meu pai estava a fazer a barba a Fermín Romero de Torres na banheira. Pálido e a cheirar a sabonete, parecia um homem vinte anos mais novo. Pelo que vi, tinham se tornado amigos. Fermín Romero de Torres, talvez sob o efeito dos sais de banho, tinha embalado.

– Tome nota do que lhe digo, senhor Sempere, se a vida não tivesse querido que a minha carreira fosse no mundo da intriga internacional, aquilo de que eu gostava, do coração, eram as humanidades. Em criança senti o apelo do verso e quis ser Sófocles ou Virgílio, porque a mim a tragédia e as línguas mortas deixam-me arrepiado, mas o meu pai, que Deus tenha, era um casmurro de pouca visão e sempre quis que um dos seus filhos entrasse na Guarda Civil, e nenhuma das minhas sete irmãs teria sido admitida na Benemérita, apesar do problema de pêlo facial que sempre caracterizou as mulheres da minha família por parte da mãe.

No seu leito de morte, o meu progenitor fez-me jurar que, se não chegasse a envergar o tricórnio, pelo menos me tornaria funcionário público e abandonaria toda e qualquer pretensão de seguir a minha vocação para a lírica. Eu sou dos de antigamente, e a um pai, mesmo que seja burro, há que obedecer, compreende o senhor? Mesmo assim, não julgue que desdenhei o cultivo do intelecto nos meus anos de aventura.

Li alguma coisa e poder-lhe-ia recitar de cor fragmentos escolhidos da A Vida É Sonho.

– Vamos, chefe, vista esta roupa, faça favor, que aqui a sua erudição está completamente fora de dúvida – disse eu, acorrendo em auxílio do meu pai. O olhar de Fermín Romero de Torres derretia-se de gratidão.

Saiu da banheira, reluzente. O meu pai envolveu-o num toalhão. O mendigo ria-se de puro prazer ao sentir o tecido lavado sobre a pele.

Ajudei-o a enfiar a muda, que lhe ficava uns dez tamanhos acima. O meu pai desfez-se do cinto e estendeu-mo para que o pusesse ao mendigo.

– O senhor está uma verdadeira estampa – dizia o meu pai. – Não é

verdade, Daniel?

– Qualquer pessoa o tomaria por um artista de cinema.

– Deixe-se disso, que eu já não sou o que era. Perdi a minha musculatura hercúlea na prisão e desde então...

– Pois a mim, o senhor parece-me o Charles Boyer, pela pinta – objectou o meu pai. – O que me lembra que queria propor-lhe uma coisa.

– Eu por si, se preciso for, senhor Sempere, até mato. Basta-lhe dizer-me o nome e eu liquido o tipo sem dor.

– Não será preciso tanto. O que eu lhe queria oferecer é um emprego na livraria. Trata-se de procurar livros raros para os nossos clientes. É quase um lugar de arqueologia literária, para o qual é tão preciso conhecer os clássicos como as técnicas básicas do preço exorbitante.

Não lhe posso pagar muito, de momento, mas comerá à nossa mesa e, até lhe arranjarmos uma boa pensão, ficará hospedado aqui em casa, se achar bem.

O mendigo olhou-nos a ambos, mudo.

– Que me diz? – perguntou o meu pai. – Junta-se à equipa? Pareceu-me que ia dizer qualquer coisa, mas nesse preciso momento Fermín Romero de Torres desatou a chorar.

Com o seu primeiro ordenado, Fermín Romero de Torres comprou um chapéu cinéfilo, uns sapatos de chuva e empenhou-se em oferecer-nos ao meu pai e a mim um prato de rabo de touro, que preparavam às segundas-feiras num restaurante a um par de ruas da Praça Monumental. O meu pai tinha-lhe arranjado um quarto numa pensão da rua Joaquín Costa onde, graças à amizade da nossa vizinha Merceditas com a patroa, se pôde obviar a formalidade de preencher a folha de informações sobre o hóspede para a polícia e assim manter Fermín Romero de Torres longe do olfacto do inspector Fumero e dos seus sequazes. Às vezes vinha-me à memória a imagem das tremendas cicatrizes que lhe cobriam o corpo. Sentia-me tentado a perguntar-lhe por elas, receando talvez que o inspector Fumero tivesse alguma coisa que ver com o assunto, mas havia qualquer coisa no olhar do pobre homem que sugeria que era melhor não mencionar o assunto. Ele no-lo contaria um dia, quando lhe parecesse oportuno.

Todas as manhãs, às sete em ponto, Fermín esperava-nos à porta da livraria, com um aspecto impecável e sempre com um sorriso nos lábios, disposto a trabalhar uma jornada de doze ou mais horas sem descanso. Tinha descoberto uma paixão pelo chocolate e pelos braços de gitano que não ficava atrás do seu entusiasmo pelos grandes da tragédia grega, com o que tinha ganho algum peso. Usava um escanhado de menino bem, penteava o cabelo para trás com brilhantina e andava a deixar crescer um bigode fininho para estar na moda. Trinta dias depois de emergir daquela banheira, o ex-mendigo estava irreconhecível. Porém, apesar da

espectacularidade da sua transformação, onde realmente Fermín Romero de Torres nos tinha deixado boquiabertos era no campo de batalha. Os seus instintos detectivescos, que eu tinha atribuído a efabulações febris, eram de uma precisão cirúrgica. Nas suas mãos, as encomendas mais estranhas solucionavam-se em dias, quando não em horas. Não havia título que não conhecesse, nem argúcia para o conseguir que não lhe ocorresse para o adquirir a bom preço. Introduzia-se nas bibliotecas particulares de duquesas da Avenida Pearson e diletantes do círculo equestre a golpe de lábia, assumindo sempre identidades fictícias, e conseguia que lhe oferecessem os livros ou lhos vendessem por tuta e meia.

A transformação do mendigo em cidadão exemplar parecia milagrosa, uma daquelas histórias que os padres de paróquia se compraziam em contar para ilustrar a infinita misericórdia do Senhor, mas que se afiguravam sempre demasiado perfeitas para serem verdadeiras, como os anúncios de elixir para fazer crescer o cabelo nas paredes dos eléctricos. Três meses e meio depois de Fermín ter começado a trabalhar na livraria, o telefone do andar da Rua Santa Ana acordou-nos às duas da manhã de um domingo. Era a dona da pensão onde Fermín Romero de Torres estava hospedado. Com a voz entrecortada explicou-nos que o senhor Fermín Romero de Torres se tinha fechado no quarto por dentro, estava a gritar como um louco, a dar murros nas paredes e a jurar que, se alguém entrasse, se mataria ali mesmo cortando a garganta com uma garrafa partida.

– Não chame a polícia, por favor. Vamos imediatamente.

Saímos a toda a pressa rumo à Rua Joaquín Costa. Estava uma noite fria, de vento cortante e um céu de breu. Passámos a correr diante da Casa de La Misericórdia e da Casa de La Piedad, fazendo orelhas moucas a olhares e sussurros que sibilavam de portais escuros que cheiravam a esterco e a carvão. Chegámos à esquina da rua Ferlandina. Joaquín Costa caía como uma brecha de colmeias enegrecidas a fundirem-se nas trevas do Raval. O filho mais velho da dona da pensão esperava-nos na rua.

– Chamaram a polícia? – perguntou o meu pai.

– Ainda não – respondeu o filho.

Corremos escada acima. A pensão ficava no segundo andar, e a escada era uma espiral de sujidade que mal se adivinhava sob o brilho ocre de lâmpadas nuas e cansadas que pendiam de um fio descarnado. Dona Encarna, viúva de um cabo da Guarda Civil e dona da pensão, recebeu-nos à porta do andar embrulhada num roupão azul-celeste e ostentando uma cabeça de rolos a condizer.

– Olhe, senhor Sempere, isto é uma casa séria e de categoria. Sobram-me as ofertas e não tenho nada que tolerar estas cenas – disse enquanto nos guiava através de um corredor escuro que cheirava a humidade e a amoníaco.

– Eu compreendo – murmurava o meu pai.

Ouviam-se os gritos de Fermín Romero de Torres a dilacerar as paredes ao fundo do corredor. Das portas entreabertas assomavam várias caras chupadas e assustadas, caras de pensão e sopa aguada.

– Vamos embora, e os outros toca a dormir, porra, que isto não é nenhuma revista do Molino – exclamou dona Encarna com fúria.

Detivemo-nos diante da porta do quarto de Fermín. O meu pai bateu suavemente com os nós dos dedos.

– Fermín? Está aí? Sou o Sempere.

O uivo que atravessou a parede gelou-me o coração. Até dona Encarna perdeu a compostura de governanta e levou as mãos ao coração, oculto sob as pregas abundantes da sua frondosa peitaça.

O meu pai tornou a bater.

– Fermín? Vamos, abra.

Fermín uivou de novo, atirando-se contra as paredes, gritando obscenidades até enrouquecer. O meu pai suspirou.

– A senhora tem a chave deste quarto?

– Claro que sim.

– Dê-ma.

Dona Encarna hesitou. Os outros inquilinos tinham voltado a assomar ao corredor, brancos de terror. Aqueles gritos haviam de se ouvir desde a Capitania.

– E tu, Daniel, vai a correr chamar o doutor Baró, que mora aqui ao lado, no 12 de Riera Alta.

– Oiça, não seria melhor chamar um padre? Porque a mim este parece-me endemoninhado – propôs dona Encarna.

– Não. Com um médico já vai muito bem. Vamos, Daniel. Corre. E a senhora dê-me essa chave, se faz favor.

O doutor Baró era um solteirão insone que passava as noites a ler Zola e a ver estereogramas de raparigas em trajes menores para combater o tédio. Era cliente habitual da loja do meu pai e ele mesmo se qualificava de mata-sanos de segunda categoria, mas tinha mais olho para fazer diagnósticos certos que metade dos médicos com presunções que tinham consultório na Rua Muntaner. Grande parte da sua clientela era composta por rameiras velhas do bairro e desgraçados que mal lhe podiam pagar, mas que ele atendia igualmente.

Eu tinha-o ouvido dizer mais de uma vez que o mundo era um urinol e que estava à espera de que o Barcelona ganhasse o campeonato do caraças de uma vez para morrer em paz. Abriu-me a porta de roupão, a cheirar a vinho e com um cigarro apagado nos lábios.

– Daniel?

– Venho da parte do meu pai. É uma emergência.

Quando regressámos à pensão deparámos com dona Encarna a soluçar de puro susto, o resto dos inquilinos com cor de círio gasto e o meu pai segurando nos braços Fermín Romero de Torres a um canto do quarto.

Fermín estava nu, a chorar e a tremer de terror. O quarto estava espatifado, as paredes manchadas daquilo que não saberia dizer se era sangue ou excrementos. O doutor Baró deu uma rápida vista de olhos à situação e, com um gesto, indicou ao meu pai que tinham de deitar Fermín na cama. O filho de dona Encarna, que aspirava a pugilista, ajudou-os. Fermín gemia e revolvía-se como se um verme lhe estivesse a devorar as entranhas.

– Mas o que é que tem este pobre homem, por Deus? O que é que tem? – gemia dona Encarna da porta, sacudindo a cabeça.

O médico tomou-lhe o pulso, inspeccionou-lhe as pupilas com uma lanterna e, sem proferir palavra, pôs-se a preparar-lhe uma injeção de um frasco que trazia na maleta.

– Segurem-no. Isto vai pô-lo a dormir. Daniel, ajuda-nos.

Entre os quatro imobilizámos Fermín, que se sacudi violentamente quando sentiu a picada da agulha na coxa. Retesaram-se-lhe os músculos como cabos de aço, mas daí a segundos os olhos turvaram-se-lhe e o corpo tombou inerte.

– Oiça, tenha cuidado, que este homem é muito fraquinho e qualquer coisa que lhe dê o mata – disse dona Encarna.

– Não se preocupe. Está só adormecido – disse o médico, examinando as cicatrizes que cobriam o corpo famélico de Fermín.

Vi-o abanar a cabeça em silêncio.

– Fills de puta – murmurou.

– De que são essas cicatrizes? – perguntei. – Cortes?

O doutor Baró disse com a cabeça que não, sem erguer a vista. Procurou um cobertor entre os despojos e cobriu o seu paciente.

– Queimaduras. Este homem foi torturado – explicou. – Essas marcas foram feitas por um ferro de soldar.

Fermín dormiu durante dois dias. Ao acordar não se lembrava de nada, excepto que julgava ter acordado numa cela escura e depois nada mais.

Sentiu-se tão envergonhado pela sua conduta que se pôs de joelhos a pedir perdão a dona Encarna. Jurou-lhe que lhe ia pintar a pensão e, como sabia que ela era muito devota, mandar dizer dez missas por ela na igreja de Belén.

– O senhor o que tem a fazer é pôr-se bom, e não me pregar mais sustos destes, que eu já estou velha para isto.

O meu pai pagou os estragos e rogou a dona Encarna que desse outra oportunidade a Fermín. Ela assentiu de bom grado. A maioria dos seus inquilinos eram deserdados e gente sozinha no mundo como ela. Passado o susto, criou ainda

mais afecto a Fermín e fez-lhe prometer que tomaria umas pastilhas que o doutor Baró lhe tinha receitado.

– Eu por si, dona Encarna, até engulo um tijolo, se preciso for. Com o tempo todos fizemos de conta que tínhamos esquecido o sucedido, mas nunca mais voltei a levar de brincadeira as histórias do inspector Fumero. Depois daquele episódio, para não o deixar só, levávamos quase todos os domingos Fermín Romero de Torres a lancha ao café Novedades.

Depois subíamos a pé até ao cinema Fémina, na esquina da Diputación com o Paseo de Gracia. Um dos arrumadores era amigo do meu pai e deixava-nos introduzir-mo-nos pela saída de incêndio da plateia a meio No-Do(*1), sempre no momento em que o Generalíssimo cortava a fita inaugural de algum novo pântano, o que dava cabo dos nervos a Fermín Romero de Torres.

**1. Apócope de Noticiário Documental, organismo cinematográfico documental criado em 1942 como órgão de propaganda do regime franquista, que produzia um semanário semanal de actualidades cuja projecção era obrigatória em todas as salas de cinema antes do filme programado. (N. T.)*

– Que vergonha – dizia, indignado.

– Não gosta de cinema, Fermín?

– Aqui para nós, esta coisa da sétima arte não me diz nada. No meu entender não passa de pasto para atordoar a plebe embrutecida, pior que o futebol ou os touros. O cinematógrafo nasceu como invenção para entreter as massas analfabetas, e cinquenta anos mais tarde não mudou grande coisa.

Toda aquela reticência mudou radicalmente no dia em que Fermín Romero de Torres descobriu Carole Lombard.

– Que busto, Jesus, Maria e José, que busto! – exclamou em plena projecção, possuído. – Aquilo não são mamas, são duas caravelas!

– Cale-se, seu grosseirão, ou chamo imediatamente o empregado - resmungou uma voz de confessorário situada um par de filas atrás de nós. – Não querem lá ver a pouca-vergonha? Que país de porcalhões!

– O melhor é baixar a voz, Fermín – aconselhei.

Fermín Romero de Torres não me ouvia. Estava perdido no suave vaivém daquele decote milagroso, com o sorriso arroubado e os olhos envenenados de technicolor. Mais tarde, caminhando de volta pelo Paseo de Gracia, observei que o nosso detective bibliográfico continuava em transe.

– Acho que vamos ter de lhe arranjar uma mulher – disse eu. – Uma mulher há-de alegrar-lhe a vida, vai ver.

Fermín Romero de Torres suspirou, com a mente a rebobinar ainda as delícias da lei da gravidade.

– Fala por experiência própria, Daniel? – perguntou inocentemente.

Limitei-me a sorrir, sabendo que o meu pai me observava de soslaio.

Depois daquele dia, Fermín Romero de Torres habituou-se a ir todos os domingos ao cinema. O meu pai preferia ficar em casa a ler, mas Fermín Romero de Torres não perdia uma sessão. Comprava uma lata de quadradinhos de chocolate e sentava-se na fila dezessete a devorá-los, esperando a aparição estelar da diva de turno. O argumento não lhe interessava nada, e não parava de falar até uma senhora de consideráveis atributos encher a tela.

– Estive a pensar no que o Daniel disse no outro dia sobre arranjar-me uma mulher – disse Fermín Romero de Torres. – Se calhar tem razão. Na pensão há um novo inquilino, um ex-seminarista sevilhano muito divertido que de vez em quando leva lá umas gajas imponentes. Oiça, como a raça melhorou! Não sei como é que o faz, porque o rapaz é uma fraca figura, mas se calhar atordoa-as a padre-nossos. Como está no quarto ao lado, eu ouço tudo e, a julgar pelo que se ouve, o frade deve ser um artista. O que um uniforme faz! Como é que gosta das mulheres, Daniel?

– Não sei muito de mulheres, para dizer a verdade.

– Saber, ninguém sabe, nem Freud nem elas próprias, mas isto é como a electricidade, não é preciso saber como funciona para apanhar um choque nos dedos. Vamos, conte lá. Como é que lhe agradam? A mim que me desculpem, mas uma mulher tem de ter forma de fêmea e onde uma pessoa se agarre, mas você tem cara de quem gosta delas magras, que é um ponto de vista que eu respeito muitíssimo, hem?, não me interprete mal.

– Para lhe ser sincero, não tenho muita experiência com as mulheres. Melhor, nenhuma.

Fermín Romero de Torres olhou para mim detidamente, intrigado perante esta manifestação de ascetismo.

– Eu julgava que aquilo daquela noite, sabe, a tareia...

– Se tudo doesse como uma bofetada...

Fermín pareceu ler-me o pensamento, e sorriu solidariamente.

– Pois olhe, pode estar descansadinho que o melhor das mulheres é descobri-las. Não há nada que chegue à primeira vez. Uma pessoa não sabe o que é a vida enquanto não despe pela primeira vez uma mulher.

Botão a botão, como se estivesse a descascar uma batata-doce bem quentinha numa noite de Inverno. Ahhhhh...

Daí a poucos segundos, Verónica Lake fazia a sua entrada em cena, e Fermín tinha saltado de dimensão. Aproveitando uma cena em que Verónica Lake descansava, Fermín anunciou que ia fazer uma visita ao quiosque de venda de guloseimas do vestíbulo para repor existências. Depois de passar meses de fome, o

meu amigo tinha perdido o sentido da medida, mas graças ao seu metabolismo de relâmpago nunca chegava a perder aquele ar esfomeado e esqualido do pós-guerra. Fiquei sozinho, quase sem seguir a acção na tela. Mentiria se dissesse que pensava em Clara.

Pensava só no seu corpo, a tremer sob as investidas do professor de música, reluzente de suor e de prazer. Desviou-se-me o olhar da tela e só então reparei no espectador que acabava de entrar. Vi a sua silhueta avançar até ao centro da plateia, seis filas mais adiante, e sentar-se.

Os cinemas estavam cheios de gente só, pensei. Como eu.

Procurei concentrar-me em retomar o fio da acção. O galã, um detective cínico mas de bom coração, explicava a uma personagem secundária por que razão as mulheres como Verónica Lake eram a perdição de todo o homem que se preza e, mesmo assim, não havia outro remédio senão amá-las com desespero e perecer atraído pela sua perfídia. Fermín Romero de Torres, que se estava a converter em crítico especializado, denominava este género de histórias «a história da louva-a-deus».

Segundo ele não eram senão fantasias misóginas para empregados de escritório com problemas de obstipação e beatas fanadas de aborrecimento que sonhavam entregar-se ao vício e levar uma vida de puta imunda. Sorri ao imaginar os comentários de pé de página que teria feito o meu amigo crítico caso não tivesse comparecido ao seu encontro com o quiosque de guloseimas. Gelou-se-me o sorriso em menos de um segundo. O espectador sentado seis filas à frente tinha-se voltado e estava a olhar-me fixamente. O feixe nebuloso do projector perfurava as trevas da sala, um sopro de luz pestanejante que mal desenhava linhas e manchas de cor. Reconheci instantaneamente o homem sem rosto, Coubert.

O seu olhar sem pálpebras brilhava, afiado. O seu sorriso sem lábios derretia-se na escuridão. Senti dedos frios a cerrarem-se sobre o meu coração. Duzentos violinos deflagraram na tela, houve tiros, gritos e a cena fundiu-se a negro. Por um instante, a plateia mergulhou na escuridão absoluta e só consegui ouvir as pulsações que me martelavam nas têmporas. Lentamente, iluminou-se uma nova cena na tela, desfazendo a escuridão da sala em vapores de penumbra azul e púrpura. O homem sem rosto tinha desaparecido. Voltei-me e consegui ver uma silhueta a afastar-se pela coxia da plateia e cruzar-se com Fermín Romero de Torres, que voltava do seu safari gastronómico. Enfiou pela fila dentro e retomou a sua cadeira. Estendeu-me um quadradinho de pralina e observou-me com uma certa reserva. – Está branco como uma nádega de freira, Daniel. Sente-se bem? Um hálito invisível varria a plateia.

– Está aqui um cheiro esquisito – comentou Fermín Romero de Torres. – Parece de peido rançoso, de notário ou procurador.

- Não. Cheira a papel queimado.
- Tome lá um Sugus de limão, ande, que cura tudo.
- Não me apetece.
- Então guarde-o, nunca se sabe quando um Sugus nos vai livrar dum apuro.

Guardei o caramelo no bolso do casaco e naveguei pelo resto do filme sem prestar atenção nem a Verónica Lake nem às vítimas dos seus fatais encantos. Fermín Romero de Torres tinha-se perdido no espectáculo e nos seus quadradinhos de chocolate. Quando as luzes se acenderam no final da sessão, pareceu-me ter acordado de um sonho mau e senti-me tentado a tomar a presença daquele indivíduo na plateia por uma ilusão, um truque da memória, mas o seu breve olhar na escuridão tinha bastado para me fazer chegar a mensagem. Não se esquecera de mim, nem do nosso pacto.

12.

O primeiro efeito da chegada de Fermín depressa se fez notar: descobri que tinha muito mais tempo livre. Quando Fermín não andava à caça e captura de algum volume exótico para satisfazer as encomendas dos clientes, ocupava-se em organizar as existências da loja, idealizar estratégias de promoção comercial no bairro, puxar o lustro à tabuleta e às vidraças ou deixar as lombadas dos livros reluzentes com um pano e álcool. Dada a conjuntura, optei por investir o meu tempo de lazer em dois aspectos que tinha deixado descurados nos últimos tempos: continuar a dar voltas ao enigma de Carax e, sobretudo, tentar passar mais tempo com o meu amigo Tomás Aguilar, do qual tinha saudades.

Tomás era um rapaz meditabundo e reservado que as pessoas temiam pelo seu aspecto de ferrabrás, sério e ameaçador. Tinha uma constituição de lutador, ombros de gladiador e um olhar duro e penetrante. Tínhamo-nos conhecido muitos anos antes numa briga durante a minha primeira semana nos jesuítas de Caspe. O pai fora buscá-lo a seguir às aulas, acompanhado de uma menina presumida que se revelou ser a irmã de Tomás.

Ocorreu-me fazer uma piada imbecil sobre ela e, antes que pudesse pestanejar, Tomás Aguilar caiu sobre mim com um dilúvio de murros que me deixou várias semanas combalido. Tomás fazia dois de mim em tamanho, força e ferocidade. Naquele duelo de pátio, rodeado por um coro de miúdos sedentos de combate sangrento, perdi um dente e ganhei um novo sentido das proporções.

Não quis dizer ao meu pai nem aos padres quem me tinha sovado daquela maneira, nem explicar-lhes que o pai do meu adversário contemplava a tarefa comprazido com o espectáculo e fazendo coro com os restantes alunos.

– Foi por minha culpa – disse, dando por encerrado o assunto.

Três semanas mais tarde, Tomás aproximou-se de mim durante o recreio.

Eu, morto de medo, fiquei paralisado. Este vem acabar comigo, pensei.

Começou a balbuciar, e daí a pouco percebi que a única coisa que queria era desculpar-se pela sova, porque sabia que tinha sido um combate desigual e injusto.

– Quem tem de te pedir desculpa sou eu por me ter metido com a tua irmã – disse eu. – Tê-lo-ia feito no outro dia, mas partiste-me a boca antes que eu pudesse falar.

Tomás baixou o olhar, envergonhado. Observei aquele gigante tímido e silencioso que vagueava pelas aulas e corredores do colégio como uma alma sem dono. Todos os restantes rapazes – comigo à frente – tinham medo dele, e ninguém lhe falava ou ousava cruzar o olhar com ele. Com os olhos baixos, quase a tremer, perguntou-me se queria ser seu amigo.

Disse-lhe que sim. Ofereceu-me a mão e eu apertei-a. O seu aperto doía, mas aguentei-me. Nessa mesma tarde, Tomás convidou-me para lanche em sua casa e mostrou-me a colecção de estranhas engenhocas feitas a partir de peças de sucata que guardava no seu quarto.

– Fui eu que as fiz – explicou-me, orgulhoso.

Eu era incapaz de perceber o que eram ou pretendiam ser, mas calei-me e assenti com admiração. Parecia-me que aquele matulão solitário tinha construído os seus próprios amigos de latão e que eu era o primeiro a quem os apresentara. Era o seu segredo. Eu falei-lhe da minha mãe e do muito que sentia a sua falta. Quando se me embargou a voz, Tomás abraçou-me em silêncio. Tínhamos dez anos. Desde aquele dia, Tomás Aguilar converteu-se no meu melhor – e eu no seu único – amigo.

Apesar da sua aparência beligerante, Tomás era uma alma pacífica e bondosa a quem o aspecto evitava toda e qualquer confrontação. Gaguejava bastante, especialmente quando falava com alguma pessoa que não fosse a mãe, a irmã ou eu, o que era muitíssimo raro. Fascinavam-no as invenções extravagantes e os engenhos mecânicos, e não tardei a descobrir que levava a cabo autópsias em todo o tipo de engenhocas, desde gramofones até máquinas de somar, a fim de averiguar os seus segredos. Quando não estava comigo ou a trabalhar para o pai, Tomás passava a maior parte do tempo encerrado no quarto, a construir artefactos incompreensíveis. Tudo o que lhe sobrava de inteligência faltava-lhe em sentido prático. O seu interesse pelo mundo real concentrava-se em aspectos como o sincronismo dos semáforos da Gran Via, os mistérios das fontes luminosas de Montjuïc ou os autómatos do parque de atracções do Tibidabo.

Tomás trabalhava todas as tardes no escritório do pai e às vezes, ao sair, passava pela livraria. O meu pai interessava-se sempre pelos seus inventos e

obsequiava-o com manuais de mecânica ou biografias de engenheiros como Eiffel e Edison, que Tomás idolatrava. Com os anos, Tomás criara um grande afecto pelo meu pai e andava havia uma eternidade a procurar inventar para ele um sistema automático para arquivar fichas bibliográficas a partir das peças de uma velha ventoinha. Havia quatro anos que estava a trabalhar no projecto, mas o meu pai continuava a mostrar entusiasmo pelo progresso do mesmo para que Tomás não perdesse o entusiasmo. A princípio preocupava-me como iria Fermín reagir perante o meu amigo.

– O menino deve ser o amigo inventor do Daniel. Tenho muitíssimo prazer em cumprimentá-lo. Fermín Romero de Torres, assessor bibliográfico da livraria Sempere, às suas ordens.

– Tomás Aguilar – gaguejou o meu amigo, sorrindo e apertando a mão a Fermín.

– Cuidado, que isso que o menino tem não é uma mão, mas sim uma prensa hidráulica, e eu preciso de manter dedos de violinista para os meus labores na empresa.

Tomás largou-o, desculpando-se.

– E, entretanto, como se manifesta o menino em face do teorema de Fermat? – perguntou Fermín, esfregando os dedos.

Acto contínuo começaram a enredar-se numa incompreensível discussão sobre matemática arcana que a mim me parecia mandarim. Fermín tratava-o sempre por o menino, ou por doutor, e fazia de contas que não dava pelo gaguejar do rapaz. Tomás, para corresponder à infinita paciência que Fermín mostrava para com ele, trazia-lhe caixas de quadradinhos de chocolate suíço envolvidos com fotografias de lagos de um azul impossível, vacas em pastos verde-tecnicolor e relógios de cuco.

– O seu amigo Tomás tem talento, mas falta-lhe direcção na vida e um pouco de descaramento, que é o que faz carreira – opinava Fermín Romero de Torres. – A mente científica tem destas coisas. Senão, veja Albert Einstein. Tanta invenção de prodígios e o primeiro para o qual encontram aplicação prática é a bomba atómica, e ainda por cima sem sua autorização. Além disso, com aquele aspecto de pugilista que o Tomás tem, vão levantar-lhe muitas dificuldades nos círculos académicos, porque nesta vida a única coisa que fala de cátedra é o preconceito.

Motivado para salvar Tomás de uma vida de penúrias e incompreensão, Fermín tinha decidido que o que era preciso era fazê-lo exercitar a sua oratória latente e a sua sociabilidade.

– O homem, como bom símio, é um animal social e imperam nele o amiguismo, o nepotismo, a trapaça e a mexeriqueice como norma intrínseca de conduta ética – argumentava. – É pura biologia.

– Não será tanto assim.

– Que anjinho que é às vezes, Daniel!

Tomás tinha herdado o aspecto de duro do pai, um próspero administrador de propriedades que tinha escritório na Rua Pelayo junto aos armazéns El Siglo. O senhor Aguilar pertencia àquela raça de mentes privilegiadas que têm sempre razão. Homem de convicções profundas, estava seguro, entre outras coisas, de que o filho era um espírito pusilânime e um deficiente mental. Para compensar essas vergonhosas taras, contratava toda a espécie de professores particulares com o objectivo de normalizar o seu primogénito. «Quero que trate o meu filho como se fosse um imbecil, entendidos?», tinha-o ouvido dizer em numerosas ocasiões. Os professores tentavam tudo, inclusivamente a súplica, mas Tomás tinha por costume dirigir-se a eles apenas em latim, língua que dominava com fluidez papal e na qual não gaguejava. Mais tarde ou mais cedo, os tutores a domicílio demitiam-se por desespero e medo de que o rapaz estivesse possuído e lhes estivesse a dirigir consignas demoníacas em aramaico. A única esperança do senhor Aguilar era que o serviço militar fizesse do filho um homem de proveito.

Tomás tinha uma irmã um ano mais velha do que nós, Beatriz. Era a ela que se devia a nossa amizade, porque, se não a tivesse visto naquela longínqua tarde pela mão do pai, à espera do fim das aulas, e não me tivesse decidido a fazer um gracejo de péssimo gosto sobre ela, o meu amigo nunca se teria atirado a mim para me pregar uma coça de pau e eu nunca teria tido a coragem de falar com ele. Bea Aguilar era o vivo retrato da mãe, e a menina dos olhos do pai. Ruiva e de uma palidez de morte, andava sempre enfiada em caríssimos vestidos de seda ou lã fresca. Tinha uma figura de manequim e caminhava direita como um fuso, satisfeita consigo mesma e julgando-se a princesa da sua própria história. Tinha os olhos azuis esverdeados, mas ela insistia em dizer que eram cor de «esmeralda e safira». Apesar de ter passado uma data de anos nas teresianas, ou talvez por isso mesmo, quando o pai não estava a ver, Bea bebia anis em copo alto, usava meias de seda da La Perla Gris e maquilhava-se como as vampes cinematográficas que perturbavam o sono do meu amigo Fermín. Eu não a podia ver nem pintada, e ela correspondia à minha franca hostilidade com lânguidos olhares de desdém e indiferença. Bea tinha um namorado a fazer o serviço militar como alferes em Múrcia, um falangista empertigado chamado Pablo Cascos Buendía, que pertencia a uma família antiquíssima e proprietária de numerosos estaleiros nas rias. O alferes Cascos Buendía, que passava metade da vida de licença graças a um tio seu no Governo Militar, andava sempre a vomitar prelecções sobre a superioridade genética e espiritual da raça espanhola e a iminente decadência do Império bolchevique.

– Marx morreu – dizia solenemente.

– Em 1883, concretamente – dizia eu.

– Tu cala-te, desgraçado, olha que ainda te prego uma murraça que te mando para La Rioja.

Mais de uma vez tinha visto Bea a sorrir de si para si perante as tolices que o seu namorado alferes proferia. Nessa altura erguia o olhar e observava-me, impenetrável. Eu sorria-lhe com aquela cordialidade débil dos inimigos de trégua indefinida, mas afastava rapidamente os olhos. Antes queria morrer do que admiti-lo, mas no fundo do meu ser tinha medo dela.

13.

No princípio desse ano, Tomás e Fermín Romero de Torres decidiram unir os respectivos engenhos num novo projecto que, segundo eles, haveria de nos livrar, ao meu amigo e a mim, de fazermos o serviço militar.

Fermín, em particular, não compartilhava o entusiasmo do senhor Aguilar pela experiência castrense.

– O serviço militar só serve para descobrir a percentagem de brancos que contam para o censo – opinava ele. – E isso descobre-se nas duas primeiras semanas, não são precisos dois anos. Exército, casamento, Igreja e banca: os quatro cavaleiros do Apocalipse. Sim, sim, ria-se.

O pensamento anarco-libertário de Fermín Romero de Torres havia de perigar uma tarde de Outubro em que, por acasos do destino, recebemos na loja a visita de uma velha amiga. O meu pai tinha ido fazer uma avaliação de uma colecção de livros a Argentona e não voltaria antes do anoitecer. Eu fiquei a atender ao balcão da loja enquanto Fermín, com as suas habituais manobras de equilibrista, se empenhou em encarrapitar-se na escada e arrumar a última estante de livros que ficava apenas a um palmo do tecto. Pouco antes de fechar, quando o sol já se pusera, a silhueta de Bernarda recortou-se atrás do balcão. Estava vestida de quinta-feira, o seu dia livre, e cumprimentou-me com a mão. Iluminou-se-me a alma só de a ver e fiz-lhe sinal para entrar.

– Ai, que grande que o menino está! – disse ela do umbral. – É que quase nem o conhecia... Já está um homem!

Abraçou-me, soltando umas lagrimzinhas e apalpando-me a cabeça, os ombros e a cara, para ver se eu me teria desfeito na sua ausência.

– Sente-se a sua falta lá em casa, menino – disse, baixando o olhar.

– E eu senti a tua falta, Bernarda. Anda, dá-me um beijo.

Beijou-me timidamente e eu preguei-lhe um par de sonoros beijos em cada face. Riu-se. Vi nos seus olhos que estava à espera de que lhe perguntasse por Clara, mas eu não pensava fazê-lo.

– Estás hoje muito bonita, e muito elegante. Como foi que te decidiste a vir-nos visitar?

– Bem, a verdade é que já há tempos que queria vir vê-lo, mas bem sabe como as coisas são, e eu cá ando sempre muito ocupada, que o senhor Barceló, embora seja muito sábio, é como uma criança, e eu cá tenho de fazer das tripas coração. Mas o que me traz é que, já vê, amanhã é o dia do aniversário da minha sobrinha, a de San Adrián, e eu gostaria de lhe dar uma prenda. Tinha pensado em oferecer-lhe um livro, com muita letra e poucos bonecos, mas como sou burra e não percebo...

Antes que eu pudesse responder, a loja foi sacudida por um estrondo balístico ao precipitarem-se das alturas umas obras completas de Blasco Ibanez de capa dura. Bernarda e eu erguemos a vista, sobressaltados. Fermín escorregava pelas escadas abaixo como um trapezista, um sorriso florentino estampado no rosto e os olhos impregnados de luxúria e arrebatamento.

– Bernarda, este é...

– Fermín Romero de Torres, assessor bibliográfico de Sempere e filho, aos seus pés, minha senhora – proclamou Fermín, pegando na mão de Bernarda e beijando-a cerimoniosamente.

Em questão de segundos, Bernarda ficou como um pimentão.

– Ai, que o senhor está enganado, eu de senhora...

– No mínimo marquesa – atalhou Fermín. – Eu tenho obrigação de saber, que calcorreio o mais fino da Avenida Pearson. Permita-me a honra de a escoltar até esta nossa secção de clássicos juvenis e infantis onde providencialmente observo que temos um compêndio com o melhor de Emílio Salgari e da épica narração de Sandokan.

– Ai, não sei, vidas de santos faz-me espécie, porque o pai da menina era muito da CNT, sabe?

– Não se preocupe, porque tenho aqui nada mais, nada menos que A Ilha Misteriosa de Júlio Verne, relato de alta aventura e grande conteúdo educativo, devido aos avanços tecnológicos.

– Se o senhor acha bem...

Eu ia-os seguindo em silêncio, observando como Fermín se babava e como Bernarda se perturbava com as atenções daquele homenzinho com pinta de charutanga e lábia de feirante que a olhava com o ímpeto que reservava para as tabletes de chocolate Nestlé.

– E o menino Daniel, o que é que diz?

– Aqui o especialista é o senhor Romero de Torres; podes confiar nele.

– Pois então levo esse da ilha, se os senhores mo embrulharem. Quanto devo?

– Oferta da casa – disse eu.

– Ah, não, de maneira nenhuma...

– Minha senhora, se mo permite e assim me torna o homem mais ditoso de Barcelona, quem oferece é Fermín Romero de Torres.

Bernarda olhou-nos a ambos, sem palavras.

– Oiça, é que eu pago o que compro e isto é um presente que quero dar à minha sobrinha...

– Então permitir-me-á, à guisa de moeda de troca, que a convide para lanchar – lançou Fermín, alisando o cabelo.

– Anda, mulher – encorajei-a eu. – Vais ver como se divertem. Olha, eu embrulho-te isto enquanto o Fermín vai buscar o casaco.

Fermín apressou-se a ir às traseiras da loja pentear-se, perfumar-se e vestir o casaco. Passei-lhe uns quantos duros da caixa para que convidasse Bernarda.

– Onde a levo? – sussurrou-me, nervoso como um miúdo.

– Eu levá-la-ia ao Els Quatre Gats – disse eu. – Que me conste dá sorte para assuntos do coração.

Estendi o embrulho com o livro a Bernarda e pisquei-lhe o olho.

– Quanto lhe devo então, menino Daniel?

– Não sei. Depois digo-te. O livro não tinha o preço marcado e tenho de perguntar ao meu pai – menti.

Vi-os saírem de braço dado, perdendo-se na Rua Santa Ana, pensando que se calhar alguém no céu estava de serviço e por uma vez concedia àquele par umas gotas de felicidade. Pendurei a tabuleta de FECHADO na montra.

Passei por um momento às traseiras da loja para rever o livro onde o meu pai apontava as encomendas e ouvi a campainha da porta ao abrir-se.

Pensei que seria Fermín, que tivesse deixado alguma coisa, ou talvez o meu pai que já tinha voltado de Argenton.

– Faz favor?

Passaram vários segundos sem que chegasse uma resposta. Eu continuei a dar uma vista de olhos ao livro de encomendas. Ouvi uns passos na loja, lentos.

– Fermín? Papá?

Não obtive resposta. Pareceu-me distinguir um riso abafado e fechei o livro de encomendas. Talvez algum cliente tivesse ignorado a tabuleta de FECHADO. Dispunha-me a atendê-lo quando ouvi o som de vários livros a caírem das estantes da loja. Engoli em seco. Peguei num corta-papel e aproximei-me lentamente da porta da parte de trás da loja. Não me atrevi a chamar de novo.

Daí a pouco ouvi novamente os passos, a afastarem-se. A campainha da porta soou de novo e senti uma baforada de ar da rua. Assomei à loja.

Não havia ninguém. Corri até à porta da rua e fechei-a a sete chaves.

Respirei fundo, sentindo-me ridículo e cobarde. Dirigia-me de novo à parte de trás da loja quando vi aquele pedaço de papel em cima do balcão. Ao aproximar-me verifiquei que se tratava de uma fotografia, uma velha estampa de estúdio das que se costumavam imprimir numa placa de cartão grosso. Os bordos estavam queimados e a imagem, esfumada, parecia sulcada pelo rasto de dedos sujos de carvão. Examinei-a debaixo de um candeeiro. Na fotografia podia ver-se um par de jovens, a sorrir para a câmara. Ele não parecia ter mais de dezessete ou dezoito anos, com o cabelo claro e traços aristocráticos, frágeis. Ela afigurava-se talvez um pouco mais nova do que ele, um ou dois anos, no máximo. Tinha a tez pálida e um rosto cinzelado, cingido por um cabelo negro, curto, que acentuava um olhar enfeitiçado, envenenado de alegria. Ele passava-lhe o braço pela cintura e ela parecia sussurrar qualquer coisa, trocista. A imagem transmitia uma calidez que me arrebatou um sorriso, como se naqueles dois desconhecidos tivesse reconhecido velhos amigos.

Atrás deles podia ver-se a montra de uma loja, repleta de chapéus passados de moda. Concentrei-me no par. A roupa parecia indicar que a imagem tinha pelo menos vinte e cinco ou trinta anos. Era uma imagem de luz e de esperança que prometia coisas que só existem nos olhares de pouca idade. As chamas tinham devorado quase todo o contorno da fotografia, mas ainda se podia adivinhar um rosto severo atrás daquele balcão vetusto, uma silhueta espectral a insinuar-se por trás das letras gravadas no vidro.

Filhos de António Fortuny Casa fundada em 1888.

Na noite em que tinha regressado ao Cemitério dos Livros Esquecidos, Isaac contara-me que Carax usava o apelido da mãe, e não o do pai:

Fortuny. O pai de Carax tinha uma chapelaria na Ronda de San António.

Observei de novo o retrato daquele par e tive a certeza de que aquele rapaz era Julián Carax, a sorrir-me do passado, incapaz de ver as chamas que se cerravam sobre ele.

CIDADE DE SOMBRAS

1954

14.



a manhã seguinte, Fermín compareceu ao trabalho nas asas de Cupido, sorridente e a assobiar boleros. Noutras circunstâncias tê-lo-ia interrogado acerca do seu lanche com Bernarda, mas nesse dia não estava com disposição para a lírica. O meu pai tinha ficado de entregar uma encomenda às onze da manhã ao professor Javier Velázquez no seu gabinete da faculdade, na Praça Universidad. A Fermín, a simples menção do académico inspirava urticária, e com essa desculpa ofereci-me eu para lhe levar os livros.

– Esse indivíduo é um pedante, um crápula e um lambe-botas fascista - proclamou Fermín, levantando o punho no ar ao modo inequívoco de quando lhe dava o prurido justiceiro. – Com a treta da cadeira e do exame final, o tipo até a assionária era capaz de papar, caso se proporcionasse.

– Não se exceda, Fermín. O Velázquez paga muito bem, sempre adiantado, e recomenda-nos aos quatro ventos – recordou-lhe o meu pai.

– É dinheiro manchado do sangue de virgens inocentes – protestou Fermín. – Deus sabe que nunca fui para a cama com uma mulher menor de idade, e não foi por falta de vontade ou oportunidades; que hoje os senhores vêem-me já acabado, mas houve tempo em que tive presença e galhardia como os que as tinham, e mesmo assim, por causa das dúvidas e se me cheirava que eram um pouco galdérias, exigia a cédula de identificação ou, na sua falta, autorização paterna por escrito para não faltar à ética.

O meu pai pôs os olhos em alvo.

– Consigo é impossível discutir, Fermín.

– É que, se tenho razão, tenho razão.

Peguei no embrulho que eu mesmo tinha preparado na noite anterior, um par de Rilkes e um ensaio apócrifo atribuído a Ortega em torno das tapas e da profundidade do sentir nacional, e deixei Fermín e o meu pai entregues ao seu debate de usos e costumes.

Estava um dia esplêndido, com um céu azul espectacular e uma brisa limpa e fresca que cheirava a Outono e a mar. A minha Barcelona favorita foi sempre a de Outubro, quando a alma lhe sai a passear e a pessoa se torna mais sábia só de beber da fonte de Canaletas, que durante esses dias, por puro milagre, não sabe nem a cloro. Avançava a passo ligeiro, evitando engraxadores, mangas-de-alpaca que voltavam do cafezinho de meio da manhã, cauteleiros e um bailado de varredores que pareciam estar a polir a cidade a pincel, sem pressa e com traço pontilhista. Já nessa época, Barcelona começava a encher-se de automóveis, e por alturas do semáforo da Rua Balmes observei postadas em ambos os passeios quadrigas de empregados de escritório de gabardina cinzenta e olhar esfomeado, a comer um Studebaker com os olhos como se se tratasse de uma cançonetista em roupão de quarto. Subi pela Balmes até à Gran Via, vendo-me e desejando-me com semáforos, eléctricos, automóveis e até motocicletas com sidecar. Numa montra vi um cartaz da casa Phillips que anunciava a chegada de um novo messias, a televisão, que se dizia que ia mudar a nossa vida e nos ia transformar a todos em seres do futuro, como os americanos. Fermín Romero de Torres, que estava sempre ao corrente de todas as invenções, tinha já profetizado o que ia acontecer.

– A televisão, amigo Daniel, é o Anticristo, e digo-lhe que bastarão três ou quatro gerações para que as pessoas não saibam nem dar peidos por sua conta e o ser humano regresse às cavernas, à barbárie medieval e a estados de imbecilidade que a lesma já ultrapassou lá para o pleistoceno. Este mundo não morrerá de uma bomba atómica, como dizem os jornais, morrerá de riso, de banalidade, fazendo uma piada de tudo, e aliás uma piada sem graça.

O professor Velázquez tinha o gabinete no segundo andar da Faculdade de Letras, ao fundo de uma galeria com um pavimento ladrilhado xadrezístico e luz em pó que dava para o claustro sul. Encontrei o professor à porta de uma aula, fazendo de conta que ouvia uma aluna de figura espectacular que envergava um vestido grená que lhe cingia a figura e deixava assomar umas barrigas das pernas helénicas reluzentes em meias de seda fina. O professor Velázquez tinha fama de dom-joão e não faltava quem dissesse que a educação sentimental de toda a menina de bom nome não estava completa sem um proverbial fim-de-semana num hotelzinho no Paseo de Sitges a recitar alexandrinos tête-à-tête com o distinto catedrático. Eu, com instinto comercial, cuidei de não interromper a sua conversa e decidi matar o tempo fazendo uma radiografia à pupila avantajada. Talvez fosse a caminhada a passo ligeiro que me tinha levantado o ânimo, talvez fossem os meus dezoito anos e o facto de passar mais tempo entre as musas aprisionadas em tomos velhos do que na companhia de raparigas de carne e osso, que me pareciam sempre a anos-luz do fantasma de Clara Barceló, mas naquele momento, lendo cada dobra da anatomia daquela aluna que unicamente podia ver de costas mas que imaginava a três

dimensões e em perspectiva alexandrina, os dentes puseram-se-me tão compridos como palmatórias.

– Ora esta, então não é que é o Daniel? – exclamou o professor Velázquez. – Pois olha, ainda bem que vens tu e não aquele mastronço da última vez, aquele com nome de toureiro, que me pareceu que ou estava bebido ou estava bom para ser fechado à chave e deitar a chave fora.

Imagina que teve a ideia de me perguntar a etimologia da palavra banabóia, com um tom de troça mais que deslocado.

– É que o médico o tem sob uma medicação fortíssima. Qualquer coisa do fígado.

– Não admira, se anda todo o dia entornado – resmungou Velázquez. – Eu se fosse a vocês chamava a polícia. De certeza que esse fulano tem ficha. E o cheiro que deita dos pés, louvado seja Deus, que há muito vermelho de merda à solta por aí que não se lava desde que a República caiu.

Dispunha-me a inventar qualquer desculpa decorosa para escusar Fermín quando a estudante que tinha estado a conversar com o professor Velázquez se voltou e caiu-me a alma aos pés.

Vi-a sorrir-me e fiquei com as orelhas a arder.

– Olá, Daniel – disse Beatriz Aguilar.

Cumprimentei-a com a cabeça, mudo ao ter-me descoberto a mim mesmo babado sem saber pela irmã do meu melhor amigo, a Bea dos meus temores.

– Ah, mas vocês já se conhecem? – perguntou Velázquez, intrigado.

– O Daniel é um velho amigo da família – explicou Bea. – E o único que teve a coragem de me dizer alguma vez que sou uma pirosa e uma convencida.

Velázquez olhou para mim, atónito.

– Já lá vão dez anos – matizei eu. – E não o disse a sério.

– Pois eu ainda estou à espera de que me peças desculpa. Velázquez riu de boa vontade e tirou-me o embrulho das mãos.

– Parece-me que estou aqui a mais – disse, abrindo o embrulho. – Ah, estupendo. Ouve, Daniel, diz ao teu pai que ando à procura de um livro intitulado Matamoros: Cartas da Juventude de Ceuta, de Francisco Franco Bahamonde, com prólogo e anotações de Pemán.

– Pode contar com ele. Dizemos-lhe alguma coisa num par de semanas.

– Aceito-te a palavra e vou a correr, que estão trinta e duas mentes em branco à minha espera.

O professor Velázquez piscou-me o olho e desapareceu no interior da aula, deixando-me a sós com Bea. Eu não sabia para onde olhar.

– Ouve, Bea, sobre aquilo do insulto, palavra que...

– Estava a brincar contigo, Daniel. Bem sei que aquilo era coisa de miúdos

e o Tomás bateu-te que chegasse.

– Ainda me dói.

Bea sorria no que parecia espírito de paz, ou pelo menos de trégua.

– Além disso, tinhas razão, sou um bocado piroso e às vezes um pouco convencida – disse Bea. – Não simpatizas muito comigo, não é verdade, Daniel?

A pergunta colheu-me totalmente de surpresa, desarmado e assustado com a facilidade com que se perde a antipatia a quem se tem por inimigo mal deixa de se comportar como tal.

– Não, isso não é verdade.

– O Tomás diz que, na realidade, não é que antipatizes comigo, é que não vais à bola com o meu pai e fazes-mo pagar a mim, porque com ele não te atreves. E não te culpo. Com o meu pai ninguém se atreve.

Fiquei branco, mas daí a uns segundos dei por mim a sorrir e a assentir.

– Vai-se a ver e o Tomás conhece-me melhor que eu próprio.

– Não te admires. O meu irmão topa-nos a todos, o que acontece é que nunca diz nada. Mas se algum dia lhe der na cabeça abrir a boca, vem a casa abaixo. Ele aprecia-te muito, sabes?

Encolhi os ombros, baixando o olhar.

– Está sempre a falar de ti, e do teu pai e da livraria e daquele amigo que vocês têm a trabalhar convosco, que o Tomás diz que é um génio por descobrir. Às vezes parece que pensa que vocês são mais a sua verdadeira família do que aquela que tem em casa.

Encontrei-lhe o olhar, duro, aberto, sem medo. Não soube o que dizer-lhe e limitei-me a sorrir. Senti que me encurralava com a sua sinceridade e lancei os olhos ao pátio.

– Não sabia que estudavas aqui.

– Este é o meu primeiro ano.

– Letras?

– O meu pai acha que as ciências não são para o sexo fraco.

– Sim. Muito número.

– Não me importo, porque do que eu gosto é de ler, e além disso aqui conhece-se gente interessante.

– Como o professor Velázquez? Bea sorriu de lado.

– Posso estar no primeiro ano, mas sei o suficiente para os topar à légua, Daniel. Especialmente os da categoria dele.

Perguntei a mim mesmo em que categoria devia classificar-me a mim.

– Além disso, o professor Velázquez é amigo do meu pai. Estão os dois no Conselho da Associação para a Protecção e Fomento da Zarzuela e da Lírica Espanhola.

Adoptei uma expressão de estar muito impressionado.

– E que tal o teu namorado, o alferes Cascos Buendía? Sumiu-se-lhe o sorriso.

– O Pablo vem de licença daqui a três semanas.

– Deves estar contente.

– Muito. É um rapaz estupendo, embora eu imagine o que deves pensar dele.

Duvido, pensei. Bea observava-me, vagamente tensa. Ia mudar de assunto, mas a língua antecipou-se-me.

– O Tomás diz que vocês se vão casar e que vão viver para El Ferrol.

Ela assentiu sem pestanejar.

– Assim que o Pablo terminar o serviço militar.

– Deves estar impaciente – disse eu, sentindo o travo a mau humor na minha própria voz, uma voz insolente que não sabia de onde vinha.

– Não me importo, na verdade. A família dele tem propriedades lá, um par de estaleiros, e o Pablo vai ficar à frente de um. Tem muito talento para a liderança.

– Nota-se.

Bea apertou o sorriso.

– Além disso, de Barcelona já eu vi tudo o que havia para ver, depois de tantos anos...

Vi-lhe o olhar cansado, triste.

– Consta-me que El Ferrol é uma cidade fascinante. Cheia de vida. E o marisco, dizem que é fabuloso, especialmente a santola.

Bea suspirou, sacudindo a cabeça. Pareceu-me que queria chorar de raiva, mas era demasiado orgulhosa. Riu-se tranquilamente.

– Dez anos e ainda não perdeste o prazer de me insultar, não é verdade, Daniel? Vá lá, então, desabafa à tua vontade. A culpa é minha, por achar que se calhar podíamos ser amigos, ou fazer de conta que o éramos, mas suponho que não chego aos calcanhares do meu irmão.

Desculpa ter-te feito perder tempo.

Fez meia volta e começou a andar pelo corredor que conduzia à biblioteca. Vi-a afastar-se através dos ladrilhos brancos e pretos, a sua sombra a cortar as cortinas de luz que caíam das vidraças.

– Espera, Bea.

Amaldiçoei-me e desatei a correr atrás dela. Detive-a a meio do corredor, segurando-a pelo braço. Lançou-me um olhar que queimava.

– Desculpa. Mas estás enganada: a culpa não é tua. Quem não chega aos calcanhares do teu irmão ou dos teus sou eu. E se te insultei foi por inveja daquele imbecil que tens por namorado e por raiva de pensar que alguém como tu partiria

para El Ferrol ou para o Congo a fim de ir atrás dele.

– Daniel...

– Estás enganada comigo, porque podemos mesmo ser amigos se tu me deixares tentar, agora que sabes o pouco que valho. E também estás enganada acerca de Barcelona, porque, embora julgues que já viste tudo o que havia para ver, garanto-te que não é assim, e que, se me deixares, to demonstrarei.

Vi que se lhe iluminava o sorriso e uma lágrima lenta, de silêncio, lhe caía pela face.

– É bom que estejas a falar verdade – disse ela. – Porque senão, digo ao meu irmão e ele arranca-te a cabeça como se fosse uma rolha.

Estendi-lhe a mão.

– Acho justo. Amigos? Ofereceu-me a sua.

– A que horas saís das aulas na sexta-feira? – perguntei. Ela hesitou um instante.

– Às cinco.

– Estarei à tua espera no claustro às cinco em ponto, e antes que anoiteça demonstrar-te-ei que há uma coisa em Barcelona que ainda não viste e que não podes ir para El Ferrol com aquele idiota que não posso acreditar que ames, porque se o fizeres a cidade perseguir-te-á e morrerás de desgosto.

– Pareces muito seguro de ti mesmo, Daniel.

Eu, que nunca estava seguro nem das horas que eram, assenti com a convicção do ignorante. Fiquei a vê-la afastar-se por aquela galeria infinita até que a sua silhueta se fundiu na penumbra e perguntei a mim mesmo o que é que tinha feito.

15.

A chapelaria Fortuny, ou o que dela restava, languescia ao pé de um estreito edifício enegrecido de fuligem e de aspecto miserável na Ronda de San António, junto da Praça de Goya. Ainda se conseguiam ler as letras gravadas sobre os vidros embaciados de sujidade, e uma tabuleta em forma de chapéu de feltro continuava a ondular na fachada, prometendo desenhos à medida e as últimas novidades de Paris. A porta estava trancada com um cadeado que parecia estar lá havia pelo menos dez anos. Colei a testa ao vidro, procurando penetrar com o olhar o interior nas trevas.

– Se vem por causa do aluguer, chega tarde – disse uma voz atrás de mim. – O administrador do prédio já se foi embora.

A mulher que me tinha falado devia rondar os sessenta anos e vestia o uniforme nacional de viúva devota. Um par de rolos assomava por baixo de um lenço cor-de-rosa que lhe cobria o cabelo, e as pantufas de tecido acolchoado faziam

jogo com umas meias cor de carne de meio cano.

Parti do princípio que era a porteira do prédio.

– Ai a loja está para alugar? – perguntei.

– Não vinha por isso?

– Em princípio não, mas nunca se sabe, se calhar estou interessado.

A porteira franziu o cenho, pensando se me havia de catalogar de pantomineiro ou conceder-me o benefício da dúvida. Adoptei o mais angelical dos meus sorrisos.

– A loja fechou há muito tempo?

– Há pelo menos doze anos, quando o velho morreu.

– O senhor Fortuny? Conhecia-o?

– Há quarenta e oito anos que estou nesta escada, rapaz.

– Então se calhar conheceu também o filho do senhor Fortuny.

– O Julián? Pois claro.

Tirei do bolso a fotografia queimada e mostrei-lha.

– Acha que me poderia dizer se o jovem que aparece na fotografia é Julián

Carax?

A porteira olhou-me com uma certa desconfiança. Tomou a fotografia nas mãos e cravou o olhar nela.

– Reconhece-o?

– Carax era o apelido de solteira da mãe – clarificou a porteira, com uma certa reprovação. – Este é o Julián, sim. Lembro-me dele muito loirinho, embora aqui na fotografia pareça que tem o cabelo mais escuro.

– Poderia dizer-me quem é a rapariga que está com ele?

– E quem é que pergunta?

– Desculpe, o meu nome é Daniel Sempere. Estou a tentar averiguar alguma coisa sobre o senhor Carax, sobre o Julián.

– O Julián foi para Paris, aí pelo ano de 18 ou 19. O pai queria metê-lo no Exército, sabe? Eu acho que a mãe o levou para livrar o pobrezinho. Aqui ficou só o senhor Fortuny, no andar lá de cima.

– Sabe se o Julián alguma vez regressou a Barcelona? A porteira olhou-me em silêncio.

– O senhor não sabe? O Julián morreu nesse mesmo ano, em Paris.

– Perdão?

– Digo eu que o Julián faleceu. Em Paris. Pouco tempo depois de ter lá chegado. Mais lhe valia ter ido para o Exército.

– Posso perguntar como é que a senhora sabe isso?

– Como é que havia de ser? Porque o pai dele me disse. Assenti lentamente.

– Compreendo. Disse-lhe de que morreu ele?

– O velho não dava muitos pormenores, para dizer a verdade. Um dia, pouco tempo depois de o Julián ter partido, chegou uma carta para ele e, quando perguntei ao pai, ele disse-me que o filho tinha morrido e que, se chegasse mais alguma coisa para ele, a deitasse fora. Por que é que faz essa cara?

– O senhor Fortuny mentiu-lhe. O Julián não morreu em 1919.

– Que me diz?

– O Julián viveu em Paris, pelo menos até ao ano de 35, e depois regressou a Barcelona.

O rosto da porteira iluminou-se.

– Então o Julián está aqui, em Barcelona? Onde?

Assenti, convencido de que deste modo a porteira se entusiasmaria a contar-me mais.

– Mãe de Deus... Pois olhe que me dá uma alegria, bem, se é que está vivo, porque era um miúdo muito meigo, um bocado esquisito e fantasioso, isso é verdade, mas tinha qualquer coisa que conquistava o coração de uma pessoa. Não havia de servir para soldado, isso via-se à légua. A minha Isabelita gostava imenso dele. Olhe que durante uma temporada julguei que acabariam por se casar e tudo, coisas de miúdos... Deixa-me ver outra vez essa fotografia?

Estendi-lhe novamente a fotografia. A porteira contemplava-a como se fosse um talismã, um bilhete de volta à sua juventude.

– Parece mentira, olhe, como se o estivesse a ver agora mesmo... e aquele desgraçado a dizer que ele tinha morrido. Não há dúvida que há gente no mundo que existe para que haja de tudo. E que foi feito do Julián em Paris? De certeza que enriqueceu. A mim sempre me pareceu que o Julián ia para rico.

– Não exactamente. Tornou-se escritor.

– De histórias?

– Uma coisa parecida. Escrevia novelas.

– Para a rádio? Ai, que bonito. Pois não me espanta nada, sabe o senhor? Em pequenito passava a vida a contar histórias aos miúdos daqui do bairro. No Verão, às vezes a minha Isabelita e as primas subiam ao terraço de noite para o ouvirem. Diziam que nunca contava duas vezes a mesma história. Lá que eram todas de mortos e almas, isso eram. Bem lhe digo que era um miúdo um bocado estranho. Se bem que, com aquele pai, o que é de estranhar é que não tenha saído chanfrado. Não me espanta que no fim a mulher o tenha deixado, porque era um desgraçado. Note que eu não me meto em coisa nenhuma, hem? Eu acho tudo muito bem, mas aquele homem não era bom. Numa escada, no fim de contas tudo se sabe. Ele batia-lhe, sabe? Ouviam-se sempre gritos na escada, e não foi uma nem duas vezes que a polícia teve de cá vir. Eu percebo que às vezes o marido tem que bater na mulher

para que ela o respeite, não digo que não, que há muita galdéria e as raparigas já não são como antigamente, mas é que este gostava de a surrar porque sim, compreende? A única amiga que aquela pobre mulher tinha era uma rapariga nova, a Viçenteta, que vivia no quarto segunda. Às vezes a coitada refugiava-se em casa da Viçenteta para que o marido não a surrasse mais. E contava-lhe coisas...

– Como por exemplo?

A porteira adoptou um ar confidencial, arqueando uma sobrancelha e olhando para os lados de soslaio.

– Como por exemplo o miúdo não ser do chapeleiro.

– O Julián? Quer dizer que o Julián não era filho do senhor Fortuny?

– Foi o que a francesa disse à Viçenteta, não sei se por despeito ou vá-se lá saber porquê. A mim quem mo contou foi a rapariga anos depois, quando eles já não moravam aqui.

– E então quem era o verdadeiro pai do Julián?

– A francesa nunca quis dizer. Se calhar nem sabia. Bem sabe como são os estrangeiros.

– E acha que era por isso que o marido lhe batia?

– Vá-se lá saber. Três vezes tiveram que a levar para o hospital, repare bem, três. E o grande porco tinha a desfaçatez de contar a toda a gente que a culpa era dela, que era uma bêbada e dava trambolhões pela casa simplesmente por se meter nos copos. A mim não me venham com essas. Arranjava sempre sarilhos com todos os vizinhos. Ao meu falecido marido, que Deus tenha, acusou-o uma vez de o ter roubado na loja, porque segundo ele todos os murcianos eram uns vadios e uns ladrões, e repare bem que nós somos de Úbeda...

– Dizia a senhora que reconhecia a rapariga que aparece ao lado do Julián na fotografia?

A porteira concentrou-se de novo na imagem.

– Nunca a tinha visto. Muito gira.

– Pela fotografia dir-se-ia que eram namorados – sugeri, para ver se lhe espicaçava a memória.

Estendeu-ma, abanando a cabeça.

– Eu de fotografias não percebo nada. E, que eu saiba, o Julián não tinha namorada, mas imagino eu que se a tivesse não mo teria dito. Vime e desejei-me para saber que a minha Isabelita tinha andado metida com ele... Vocês, os jovens, nunca contam nada. Quem não consegue parar de falar somos nós, os velhos.

– Lembra-se dos amigos dele, alguém em especial que aparecesse por cá?

A porteira encolheu os ombros.

– Ai, já lá vai tanto tempo! Além disso, nos últimos anos o Julián já parava pouco por aqui, sabe? Tinha arranjado um amigo no colégio, um menino de muito

boas famílias, os Aldaya, não lhe digo nada. Agora já não se fala deles, mas nessa altura eram como se fosse a família real. Muito dinheiro. Eu sei porque às vezes mandavam um carro para vir buscar o Julián. Só queria que o senhor visse que carro. Nem o Franco, oiça. Com chofer, todo reluzente. O meu Paço, que percebia disso, disse-me que era um rolsroi, ou coisa que o valha. Não é brincadeira nenhuma.

– Lembra-se do nome desse amigo do Julián?

– Olhe, com um apelido como Aldaya, não são precisos nomes, não sei se me entende. Também me lembro doutro rapaz, um pouco apatetado, um tal Miquel. Não me pergunte nem que apelido nem que cara tinha.

Parecia que tínhamos chegado a um ponto morto e receei começar a perder o interesse da porteira. Decidi seguir um pressentimento.

– Mora alguém agora no andar dos Fortuny?

– Não. O velho morreu sem fazer testamento e a mulher, que eu saiba, ainda está em Buenos Aires e nem ao enterro veio.

– Porquê Buenos Aires?

– Porque não conseguiu encontrar um sítio mais longe dele, digo eu. Não a culpo, para dizer a verdade. Deixou tudo nas mãos de um advogado, um tipo muito esquisito. Eu nunca o vi, mas a minha filha Isabelita, que vive no quinto primeira, mesmo por baixo, diz que às vezes, como tem a chave, vem de noite e passa horas a passear pelo andar e depois vai-se embora. Uma vez até me disse que parecia que se ouviam saltos de mulher. Imagine.

– Se calhar eram andas – sugeri.

Olhou-me sem compreender. Obviamente, para a porteira o assunto era muito sério.

– E ninguém mais visitou o andar em todos estes anos?

– Uma vez apareceu aqui um tipo muito sinistro, daqueles que estão constantemente a sorrir, uma cara de páscoa, mas que não engana ninguém. Disse que era da Brigada Criminal. Queria ver o andar.

– Disse porquê?

A porteira abanou a cabeça.

– Lembra-se do nome dele?

– Inspector não-sei-quê. Nem acreditei que fosse polícia. O assunto cheirava a esturro, não sei se me entende. A coisa pessoal. Despachei-o com vento fresco e disse-lhe que não tinha as chaves do andar e que, se queria alguma coisa, telefonasse ao advogado. Disse-me que voltava, mas nunca mais o tornei a ver por aqui. Nem quero.

– Não terá por acaso o nome e a direcção do advogado, pois não?

– Teria de o perguntar ao administrador do prédio, o senhor Molins. Tem o

escritório aqui perto, no 28 da Floridablanca, sobreloja. Diga que vai da parte da senhora Aurora, uma sua criada.

– Agradeço-lhe muito. E diga-me, dona Aurora, então o andar dos Fortuny está vazio?

– Vazio, não, porque ninguém levou nada de lá em todos os anos desde que o velho morreu. Olhe que às vezes até cheira mal. Eu diria que há ratazanas e tudo, repare bem.

– Acha que seria possível dar-lhe uma vista de olhos? Se calhar encontramos alguma coisa que nos indique o que foi feito realmente do Julián...

– Ai, eu não posso fazer isso. Tem que falar com o senhor Molins, que é quem o leva lá.

Sorri-lhe com malícia.

– Mas a senhora há-de ter a chave mestra, imagino eu. Embora dissesse a esse indivíduo que não... Não me diga que não morre de curiosidade por saber o que há lá dentro.

Dona Aurora olhou-me de esguelha.

– Você é um demónio.

A porta cedeu como a laje de um sepulcro, com um gemido brusco, exalando o hálito fétido e viciado do interior. Empurrei o portão para o interior, desvendando um corredor que mergulhava no negrume. O ar tresandava a fechado e a humidade. Volutas de sujidade e pó coroavam as esquinas do tecto, pendendo como cabelos brancos. As lajes quebradas do chão estavam recobertas pelo que parecia um manto de cinzas. Reparei naquilo que pareciam marcas de pegadas a internarem-se no andar.

– Santa Mãe de Deus – murmurou a porteira. – Há aqui mais merda que no poleiro dum galinheiro.

– Se prefere, entro eu sozinho – sugeri.

– Isso era o que você queria. Vamos, ande para a frente, que eu vou atrás.

Fechámos a porta atrás de nós. Por um instante, até o olhar se nos habituar à penumbra, permanecemos imóveis no umbral do andar. Ouvi a respiração nervosa da porteira e apercebi-me do acre bafo a suor que ela exalava. Senti-me como um ladrão de sepulturas, com a alma envenenada de cobiça e ânsia.

– Oiça, o que será aquele barulho? – perguntou a porteira, inquieta.

Havia qualquer coisa que adejava nas trevas, alertada pela nossa presença.

Pareceu-me entrever uma forma pálida a revoltear no extremo do corredor.

– Pombos – disse eu. – Devem ter-se enfiado por uma janela quebrada e feito ninho aqui.

– Pois olhe que esses passarocos metem-me um nojo tremendo – disse a porteira. – Com o que chegam a cagar.

– Esteja descansada, dona Aurora, que só atacam quando têm fome.

Avançámos uns passos até ao fim do corredor. Chegámos a uma sala de jantar que dava para a varanda. Apreciava-se o contorno de uma mesa desengonçada coberta por uma toalha esfiapada que parecia uma mortalha. Velavam-na quatro cadeiras e um par de cristaleiras veladas de sujidade que custodiavam a loiça, uma colecção de copos e um serviço de chá. A uma esquina permanecia o velho piano vertical da mãe de Carax. As teclas tinham enegrecido e mal se viam as juntas debaixo do manto de pó. Diante da varanda empalidecia uma poltrona de saia coçada. Junto dela havia uma mesa de café sobre a qual repousavam umas lentes de leitura e uma Bíblia encadernada a pele pálida e debruada com filetes dourados, das que se ofereciam então pela primeira comunhão. Ainda conservava o fitilho, uma fita de cordão escarlata.

– Olhe, foi nessa poltrona que encontraram o velho morto. O médico disse que estava lá há dois dias. Que triste morrer assim, sozinho como um cão! E olhe que foi ele que o procurou, mas mesmo assim, olhe que me faz pena.

Aproximei-me da poltrona mortuária do senhor Fortuny. Junto da Bíblia estava uma pequena caixa com fotografias a preto e branco, retratos velhos de estúdio. Ajoelhei-me a examiná-las, quase hesitando em roçá-las com os dedos. Pensei que estava a profanar as recordações de um pobre homem, mas a curiosidade foi mais forte. A primeira imagem mostrava um casal jovem com uma criança que não teria mais de quatro anos. Reconheci-a pelos olhos.

– Aí os tem. O senhor Fortuny em novo, e ela...

– O Julián não tinha irmãos ou irmãs?

A porteira encolheu os ombros, suspirando.

– Diziam por aí que ela tinha abortado uma gravidez por causa de uma das tarefas do marido, mas eu não sei. As pessoas gostam muito da mexeriqueice, é o que é. Uma vez, o Julián contou aos miúdos da escada que tinha uma irmã que só ele podia ver, que saía dos espelhos como se fosse de vapor e que vivia com o próprio Satanás num palácio debaixo dum lago. A minha Isabelita teve pesadelos para um mês inteiro. Olhe que às vezes aquele miúdo era mórbido.

Lancei uma olhadela à cozinha. A vidraça de uma pequena janela que dava para um pátio interior estava quebrada, e podia ouvir-se o esvoaçar nervoso e hostil de pombos do outro lado.

– Todos os andares têm a mesma distribuição? – perguntei.

– Os que dão para a rua, quer-se dizer os da segunda porta, sim, mas este, sendo o andar de cima, é um bocado diferente – explicou a porteira. – Aí tem a cozinha e um lavadouro que dá para a clarabóia.

Por este corredor há três quartos e ao fundo uma casa de banho. Bem mobilados são muito jeitosos, não julgue lá. Este é parecido com o da minha

Isabelita, claro que agora parece um túmulo.

– Sabe qual era o quarto do Julián?

– A primeira porta é o quarto principal. A segunda dá para um quarto mais pequeno. Se calhar era esse, digo eu.

Entrei no corredor. A tinta das paredes soltava-se às tiras. Ao fundo do corredor, a porta da casa de banho estava entreaberta. Um rosto observava-me do espelho. Poderia ser o meu ou o da irmã que vivia nos espelhos daquele andar. Tentei abrir a segunda porta.

– Está fechada à chave – disse. A porteira olhou-me, atónita.

– Essas portas não têm fechadura – murmurou.

– Esta, tem.

– Então deve ter sido o velho que a mandou pôr, porque nos outros andares...

Baixei o olhar e observei que o rasto de pegadas no pó chegava até à porta fechada.

– Entrou alguém no quarto – disse eu. – Recentemente.

– Não me assuste – disse a porteira.

Abeirei-me da outra porta. Não tinha fechadura. Cedeu ao contacto, deslizando para o interior com um gemido ferrugento. No centro descansava uma velha cama de palanquim, desfeita. Os lençóis amarelejavam como sudários. Um crucifixo dominava sobre a cama. Havia um pequeno espelho sobre uma cómoda, uma bacia, um jarro e uma cadeira. Um armário entreaberto repousava contra a parede. Contornei a cama até uma mesa-de-cabeceira coberta com um vidro que aprisionava estampas de antepassados, recordações de funerais e bilhetes de lotaria. Em cima da mesinha havia uma caixa de música de madeira trabalhada e um relógio de bolso congelado para sempre nas cinco e vinte. Tentei dar corda à caixa de música, mas a melodia encravou ao fim de seis notas. Abri a gaveta da mesa-de-cabeceira. Encontrei um estojo de óculos vazio, um cortaunhas, uma cigarreira e uma medalha de Nossa Senhora de Lourdes. Mais nada.

– Tem de haver uma chave daquele quarto nalgum lado – disse eu.

– Será o administrador que a tem. Olhe, eu cá acho que o melhor é irmos embora e...

Tombaram-me os olhos na caixa de música. Levantei a tampa e encontrei lá, a bloquear o mecanismo, uma chave dourada. Peguei nela, e a caixa de música retomou o seu tilintar. Reconheci uma melodia de Ravel.

– Tem de ser esta a chave – sorri para a porteira.

– Oiça, se o quarto estava fechado, por alguma coisa havia de ser. Mesmo que seja só por respeito pela memória do...

– Se prefere, pode ficar à minha espera na portaria, dona Aurora.

– Você é um demónio. Ande, abra de uma vez.

16.

Um bafo de ar frio assobiou pelo buraco da fechadura, lambendo-me os dedos enquanto eu introduzia a chave. O senhor Fortuny mandara instalar na porta do quarto desocupado do filho uma fechadura que fazia três da que tinha na porta do andar. Dona Aurora olhava-me com apreensão, como se estivéssemos prestes a abrir a caixa de Pandora.

– Este quarto dá para a fachada da rua? – perguntei. A porteira abanou a cabeça.

– Tem uma janela pequena, um respiradouro que dá para a clarabóia.

Empurrei a porta para o interior. Abriu-se diante de nós um poço de escuridão, impenetrável. A ténue claridade atrás de nós precedeu-nos como um hálito que mal conseguia arranhar as sombras. A janela que assomava ao pátio estava tapada com as páginas amareladas de um jornal. Arranquei as folhas de jornal e uma agulha de luz vaporosa perfurou as trevas.

– Jesus, Maria e José! – murmurou a porteira junto a mim.

O quarto estava infestado de crucifixos. Pendiam do tecto, ondulando do extremo de cordéis, e cobriam as paredes fixados com pregos. Contavam-se por dezenas. Podiam adivinhar-se nos recantos, gravados a faca nos móveis de madeira, riscados nas lajes, pintados avermelho nos espelhos. As pegadas que chegavam até ao umbral da porta traçavam um rasto no pó em torno de uma cama nua até ao estrado, apenas já um esqueleto de arame e madeira carcomida. No extremo da alcova, debaixo da janela da clarabóia, havia uma escrivaninha de consola fechada e coroada por um trio de crucifixos de metal. Abri-a cuidadosamente. Não havia pó nas juntas do fole de madeira, pelo que supus que a escrivaninha fora aberta não havia muito. A escrivaninha tinha seis gavetas. Os fechos tinham sido forçados. Inspeccionei-as uma a uma. Vazias. Ajoelhei-me diante da escrivaninha. Apalpei com os dedos os riscos na madeira. Imaginei as mãos de Julián Carax a traçarem aquelas garatujas, hieróglifos cujo sentido o tempo levara. No fundo da escrivaninha adivinhava-se uma pilha de cadernos e uma taça com lápis e canetas. Peguei num dos cadernos e dei-lhe uma olhadela. Desenhos e palavras soltas. Exercícios de cálculo. Frases soltas, citações de livros. Versos inacabados. Todos os cadernos pareciam iguais. Alguns desenhos repetiam-se página após página, com diferentes matizes. Chamou-me a atenção uma figura de homem que parecia feito de chamas. Outra descrevia aquilo que poderia ser um anjo ou um réptil enroscado numa cruz. Adivinhavam-se esboços de um casarão de aspecto extravagante, sulcado de

torreões e arcos catedralescos. O traço mostrava segurança e um certo instinto. O jovem Carax mostrava o traço de um desenhador de certo talento, mas todas as imagens se ficavam por esboços. Estava para devolver o último caderno ao seu lugar sem o inspecionar quando alguma coisa deslizou de entre as suas páginas e caiu aos meus pés. Era uma fotografia na qual reconheci a mesma rapariga que aparecia na imagem queimada tirada ao pé daquele edifício. A rapariga posava num sumptuoso jardim e, entre as copas das árvores, adivinhava-se a forma da casa que acabava de ver esboçada nos desenhos de Carax. Reconheci-a de imediato. A torre de «El Frare Blanc», na Avenida del Tibidabo. No verso da fotografia vinha uma inscrição que dizia simplesmente:

Com amor, Penélope.

Guardei-a no bolso, fechei a escrivaninha e sorri para a porteira.

– Está visto? – perguntou, ansiosa por sair daquele lugar.

– Quase – disse eu. – Há bocado a senhora disse-me que pouco tempo depois de o Julián partir para Paris chegou uma carta para ele, mas que o pai lhe disse que a deitasse fora...

A porteira hesitou um instante, e depois assentiu.

– Meti a carta na gaveta da cómoda da sala de visitas do vestíbulo, para o caso de a francesa algum dia voltar. Ainda lá deve estar...

Avançámos até à cómoda e abrimos a gaveta superior. Um envelope ocre languescia no meio de uma colecção de relógios parados, botões e moedas que tinham deixado de estar em curso vinte anos atrás. Peguei no envelope e examinei-o.

– Leu-a?

– Oiça, por quem me toma?

– Não se ofenda. Seria o mais normal, dadas as circunstâncias, pensando a senhora que o pobre Julián estava morto...

A porteira encolheu os ombros, baixando o olhar e retirando-se na direcção da porta. Aproveitei o momento para guardar a carta no bolso interior do casaco e fechar a gaveta.

– Olhe, não vá fazer uma ideia errada – disse a porteira.

– Pois claro que não. Que dizia a carta?

– Era de amor. Como as da rádio, mas mais triste, isso é verdade, porque aquela parecia ser verdadeira. Olhe que ao lê-la me deu vontade de chorar.

– A senhora é toda coração, dona Aurora.

– E você é um demónio.

Naquela mesma tarde, depois de me despedir de dona Aurora e de lhe prometer que a manteria informada acerca das minhas pesquisas sobre Julián Carax, dirigi-me ao escritório do administrador do imóvel. O senhor Molins tinha visto

melhores tempos e agora languescia num escritório imundo sepultado numa sobreloja da Rua Floridablanca. Molins era um indivíduo risonho e rotundo agarrado a um charuto meio fumado que parecia crescer-lhe do bigode. Era difícil determinar se estava a dormir ou acordado, porque respirava como quem ressona. Tinha o cabelo oleoso e espalmado sobre a testa, o olhar porcino e pícaro. Vestia um fato pelo qual não dariam nem dez pesetas no mercado de Los Encantes, mas compensava-o com uma estrepitosa gravata de colorido tropical. A julgar pelo aspecto do gabinete, ali já só se administravam musaranhos e catacumbas de uma Barcelona de antes da Restauração.

– Estamos em remodelação – disse Molins à guisa de desculpa.

Para quebrar o gelo, deixei cair o nome de dona Aurora como se se tratasse de uma velha amiga da família.

– Olhe que a verdade é que em nova não era nada de deitar fora - comentou Molins. – Os anos puseram-na pesadona; claro que eu também não sou o que era. Aqui onde me vê, eu na sua idade era um Adónis. As gajas punham-se de joelhos para eu lhes fazer um favor, quando não um filho.

O século vinte é uma merda. Enfim, o que é que se lhe oferece, jovem?

Impingi-lhe uma história mais ou menos plausível sobre um suposto parentesco distante com os Fortuny. Depois de cinco minutos de conversa fiada, Molins arrastou-se até ao seu arquivo e deu-me a direcção do advogado que tratava dos assuntos de Sophie Carax, a mãe de Julián.

– Vamos lá a ver... José Maria Requejo, rua León XIII, 59. Se bem que lhe enviemos todos os semestres a correspondência para um apartado de correios da central da Via Layetana.

– Conhece o doutor Requejo?

– Devo ter falado uma ou outra vez com a secretária pelo telefone. Na verdade, as diligências com ele são todas feitas pelo correio e quem trata delas é a minha secretária, que hoje está no cabeleireiro. Os advogados de hoje não têm tempo para o contacto formal de antigamente.

Já não há cavalheiros na profissão. Ao que parecia, tão-pouco havia direcções fiáveis. Uma simples vista de olhos ao guia de ruas que havia em cima da secretária do administrador confirmou-me o que suspeitava: a direcção do suposto advogado Requejo não existia. Assim fiz saber ao senhor Molins, que absorveu a notícia como uma piada.

– Não me lixe – disse, a rir. – Que lhe dizia eu? Aldrabões.

O administrador reclinou-se no cadeirão e emitiu outro dos seus roncões.

– Terá por acaso o número desse apartado de correio?

– Segundo a ficha é o 2837, embora eu não perceba os números que a minha secretária faz, porque o senhor bem sabe que as mulheres para a matemática não

servem; para o que servem, é para...

– Permite-me que veja a ficha?

– Ora essa, era o que faltava. Veja o senhor.

Estendeu-me a ficha e examinei-a. Os números percebiam-se perfeitamente. O apartado de correio era o 2321. Aterrou-me pensar na contabilidade que se devia fazer naquele escritório.

– Teve muitos contactos com o senhor Fortuny em vida? – perguntei.

– Mais ou menos. Um homem muito austero. Lembro-me de que, quando soube que a francesa o tinha deixado, o convidei a ir às putas com uns amigalhões aqui a um sítio fabuloso que conheço ao lado de La Paloma.

Para ele desanuviar, hem?, mais nada. E olhe que deixou de me dirigir a palavra e de me cumprimentar na rua, como se eu fosse invisível. O que é que acha?

– Fico parvo. Que mais me pode contar da família Fortuny? Lembra-se bem deles?

– Eram outros tempos – murmurou com saudade. – A verdade é que eu já conhecia o avô Fortuny, que fundou a chapelaria. Do filho, não sei que lhe conte. Ela, essa, sim, era um portento. Que mulher! E honesta, hem?, apesar de todos os boatos e falatórios que corriam por aí...

– Como o de o Julián não ser filho legítimo do senhor Fortuny?

– E o senhor onde é que ouviu isso?

– Como lhe disse, sou da família. Tudo se sabe.

– Nunca se provou nada disso.

– Mas falou-se – convidei.

– As pessoas para abrir o bico estão sempre prontas. O homem não vem do macaco, vem da galinha.

– E que diziam as pessoas?

– Apetece-lhe um copinho de rum? É de Igualada, mas tem cá um travozinho das Caraíbas... É óptimo.

– Não, obrigado, mas faça-lhe companhia. Entretanto vá-me contando...

Antoni Fortuny, a quem todos chamavam o chapeleiro, tinha conhecido Sophie Carax em 1899 diante dos degraus da catedral de Barcelona. Vinha de fazer uma promessa a Santo Eustáquio, que, de entre todos os santos com capela particular, tinha fama de ser o mais diligente e o menos escrupuloso na hora de fazer milagres de amor. Antoni Fortuny, que já tinha feito trinta anos e transbordava de celibato, queria uma esposa e queria-a já. Sophie era uma jovem francesa que vivia num lar para meninas na rua Riera Alta e dava aulas particulares de solfejo e piano aos rebentos das famílias mais privilegiadas de Barcelona. Não tinha família nem

património, apenas a sua juventude e a formação musical que o pai, pianista de um teatro de Nimes, lhe conseguira deixar antes de morrer de tuberculose em 1886. Antoni Fortuny, em contrapartida, era um homem em vias de prosperidade. Tinha herdado recentemente o negócio do pai, uma reputada chapelaria na Ronda de San António na qual aprendera o ofício que um dia sonhava ensinar ao seu próprio filho. Sophie Carax afigurou-se-lhe frágil, bela, jovem, dócil e fértil. Santo Eustáquio tinha cumprido de acordo com a sua reputação. Após quatro meses de cortejo insistente, Sophie aceitou a sua oferta de casamento. O senhor Molins, que tinha sido amigo do avô Fortuny, advertiu Antoni de que se casava com uma desconhecida, que Sophie lhe parecia uma boa rapariga, mas que talvez aquele enlace fosse demasiado conveniente para ela, que esperasse pelo menos um ano... Antoni Fortuny replicou que já sabia o suficiente da sua futura esposa. O resto não interessava. Casaram-se na basílica de El Pino e passaram a lua-de-mel de três dias numas termas de Mongat. Na manhã antes de partir, o chapeleiro perguntou confidencialmente ao senhor Molins como devia proceder nos mistérios de alcova. Molins, sarcástico, disse-lhe que perguntasse à mulher. O casal Fortuny regressou a Barcelona apenas dois dias depois. Os vizinhos disseram que Sophie chorava ao entrar na escada. A Viçenteta juraria anos mais tarde que Sophie lhe dissera que o chapeleiro não lhe tinha posto um dedo em cima e que, quando ela o quisera seduzir, lhe tinha chamado rameira e se sentira repugnado com a obscenidade do que ela propunha. Seis meses mais tarde, Sophie anunciou ao marido que trazia um filho nas entranhas. O filho de outro homem.

Antoni Fortuny tinha visto o seu próprio pai bater na mãe uma infinidade de vezes e fez o que considerava procedente. Só se deteve quando achou que uma só roçadura mais a mataria. Mesmo assim, Sophie negou-se a desvendar a identidade do pai da criança que trazia no ventre. Antoni Fortuny, aplicando a sua lógica particular, decidiu que se tratava do demónio, pois aquele não era senão o filho do pecado, e o pecado só tinha um pai: o maligno. Convencido assim de que o pecado se tinha enfiado no seu lar e entre as coxas da esposa, o chapeleiro habituou-se a pendurar crucifixos por todo o lado: nas paredes, nas portas de todos os quartos e no tecto. Quando Sophie o encontrou a semear de cruzes a alcova a que a tinha confinado, assustou-se e, com lágrimas nos olhos, perguntou-lhe se tinha endoidecido. Ele, cego de raiva, voltou-se e esbofeteou-a. «Uma puta, como as outras», cuspiu ao expulsá-la a pontapé para o patamar da escada depois de a desancar a golpes de correia. No dia seguinte, quando Antoni Fortuny abriu a porta de casa para descer a fim de abrir a chapelaria, Sophie

continuava ali, coberta de sangue seco e a tiritar de frio. Os médicos nunca conseguiram consertar completamente as fracturas da mão direita. Sophie Carax nunca mais voltaria a tocar piano, mas deu à luz um rapaz ao qual viria a chamar Julián em memória do pai que tinha perdido cedo de mais, como tudo na vida. Fortuny pensou em pô-la fora de casa, mas achou que o escândalo não seria bom para o negócio. Ninguém compraria chapéus a um homem com fama de cornudo. Era um contra-senso. Sophie passou a ocupar uma alcova escura e fria na parte de trás do andar. Ali daria à luz o filho com a ajuda de duas vizinhas da escada. Antoni não voltou a casa senão três dias depois. «Este é o filho que Deus te deu – anunciou-lhe Sophie. – Se queres castigar alguém, castiga-me a mim, mas não a uma criança inocente. O menino precisa de um lar e de um pai. Os meus pecados não são dele. Rogo-te que te apiedes de nós.»

Os primeiros meses foram difíceis para ambos. Antoni Fortuny tinha decidido rebaixar a mulher à categoria de criada. Já não compartilhavam nem a cama nem a mesa, e raras vezes trocavam uma palavra a não ser para dirimir alguma questão de ordem doméstica. Uma vez por mês, normalmente coincidindo com a lua cheia, Antoni Fortuny marcava presença na alcova de Sophie de madrugada e, sem dizer palavra, investia a sua antiga esposa com ímpeto mas escasso ofício. Aproveitando estes raros e beligerantes momentos de intimidade, Sophie tentava congregar-se com ele sussurrando palavras de amor, prodigalizando carícias experientes. O chapeleiro não era homem para futilidades e o soçobro do desejo evaporava-se-lhe em questão de minutos, quando não segundos. Dos ditos assaltos de camisa de noite arregaçada não resultou filho algum. Depois de uns anos, Antoni Fortuny deixou definitivamente de visitar a alcova de Sophie e adquiriu o hábito de ler as Sagradas Escrituras até bem entrada a madrugada, procurando nelas alívio para o seu tormento.

Com a ajuda dos Evangelhos, o chapeleiro fazia um esforço por suscitar no seu coração um amor por aquele menino de olhar profundo que gostava de fazer brincadeiras com tudo e inventar sombras onde não as havia. Apesar do seu empenho, não sentia o pequeno Julián como filho do seu sangue, nem se reconhecia nele. O menino, por seu turno, não parecia interessar-se em demasia pelos chapéus nem pelos ensinamentos do catecismo. Chegado o Natal, Julián entretinha-se a recompor as figuras do presépio e urdir intrigas nas quais o Menino Jesus tinha sido raptado pelos três reis magos do Oriente com fins escabrosos. Depressa adquiriu a mania de desenhar anjos com dentes de lobo e inventar histórias de espíritos encapuçados que saíam das paredes e comiam as ideias das pessoas

enquanto dormiam. Com o tempo, o chapeleiro perdeu toda a esperança de encaminhar aquele rapaz para uma vida de proveito. Aquele menino não era um Fortuny e nunca o seria. Alegava que se aborrecia no colégio e regressava com os cadernos todos repletos de garatujas de seres monstruosos, serpentes aladas e edifícios vivos que andavam e devoravam os incautos. Já nessa altura era claro que a fantasia e a invenção lhe interessavam infinitamente mais do que a realidade quotidiana que o rodeava. De todas as decepções que amealhou na vida, nenhuma doía tanto a Antoni Fortuny como aquele filho que o demónio lhe tinha enviado para zombar dele.

Aos dez anos, Julián anunciou que queria ser pintor, como Velázquez, pois sonhava acometer as telas que o grande mestre não tinha conseguido chegar a pintar em vida, argumentava, por causa de tanto retratar por obrigação os débeis mentais da família real. Para acabar de compor as coisas, Sophie, talvez para matar a solidão e recordar o pai, teve a ideia de lhe dar aulas de piano, Julián, que adorava a música, a pintura e todas as matérias desprovidas de proveito e benefício na sociedade dos homens, depressa aprendeu os rudimentos da harmonia e decidiu que preferia inventar as suas próprias composições a seguir as partituras do livro de solfejo, o que era contranatura. Por essa altura, Antoni Fortuny ainda julgava que parte das deficiências mentais do rapaz se devia à sua dieta, demasiado influenciada pelos hábitos de cozinha francesa da mãe. Era bem sabido que a exuberância de manteigas produzia a ruína moral e aturdia o entendimento. Proibiu Sophie de cozinhar com manteiga para todo o sempre. Os resultados não foram exactamente os esperados.

Aos doze anos, Julián começou a perder o seu febril interesse pela pintura e por Velázquez, mas as esperanças iniciais do chapeleiro foram de pouca dura. Julián abandonava os sonhos do Prado por outro vício muito mais pernicioso. Tinha descoberto a biblioteca da rua del Carmen e devotava todas as tréguas que o pai lhe concedia na chapelaria a ir ao santuário dos livros e devorar volumes de romance, de poesia e de história. Um dia antes de perfazer os treze anos anunciou que queria ser alguém chamado Robert Louis Stevenson, claramente um estrangeiro. O chapeleiro anunciou-lhe que dificilmente chegaria a canteiro. Teve então a certeza de que o filho não passava de um ignorante.

Amiudadas vezes, sem conseguir conciliar o sono, Antoni Fortuny contorcia-se na cama de raiva e frustração. No fundo do coração gostava daquele rapaz, dizia de si para si. E, embora ela não o merecesse, também gostava da mulherzinha que o traía desde o primeiro dia. Amava-os com

toda a sua alma, mas à sua maneira, que era a correcta. Só pedia a Deus que lhe mostrasse o modo como os três podiam ser felizes, preferivelmente também à sua maneira. Implorava ao Senhor que lhe enviasse um sinal, um sussurro, uma migalha da sua presença. Deus, na sua infinita sabedoria e talvez esmagado pela avalanche de petições de tantas almas atormentadas, não respondia. Enquanto Antoni Fortuny se desfazia em remorsos e mágoas, Sophie, do outro lado da parede, apagava-se lentamente, vendo a sua vida naufragar num sopro de enganos, de abandono, de culpa. Não amava o homem ao qual servia, mas sentia-se sua, e a possibilidade de o abandonar e levar o filho para outro lugar afigurava-se-lhe inconcebível. Recordava com amargura o verdadeiro pai de Julián, e com o tempo aprendeu a odiá-lo e a detestar tudo quanto ele representava, que não era senão tudo o que ela desejava. À falta de conversas, o casal começou a trocar gritos. Insultos e recriminações afiadas voavam pelo andar como facas, crivando quem ousasse interpor-se na sua trajectória, habitualmente Julián. Mais tarde, o chapeleiro nunca se lembrava exactamente da razão pela qual tinha batido na mulher. Lembrava-se apenas do fogo e da vergonha, jurava então a si mesmo que aquilo nunca mais voltaria a acontecer, que se fosse necessário se entregaria às autoridades para que o confinassem a uma penitenciária.

Com a ajuda de Deus, Antoni Fortuny tinha a certeza de que podia vir a ser um homem melhor do que seu pai tinha sido. Mas, mais tarde ou mais cedo, os punhos encontravam de novo a carne tenra de Sophie e, com o tempo, Fortuny sentiu que, se não podia possuí-la como marido, o faria como verdugo. Deste modo, às escondidas, a família Fortuny deixou passar os anos, silenciando os seus corações e as suas almas, até ao ponto em que, de tanto calar, se esqueceram das palavras para expressar os seus verdadeiros sentimentos e se transformaram em estranhos que conviviam debaixo do mesmo tecto, um de tantos na cidade infinita.

Passava já das duas e meia quando regresssei à livraria. Ao entrar, Fermín lançou-me um olhar sarcástico do alto de uma escada, onde puxava o lustro a uma colecção dos *Episódios Nacionais*(*1) do insigne don Benito.

**1. Refere-se à colecção de romances históricos em 46 volumes de Benito Pérez Galdós. (N. T.)*

– Bons olhos o vejam. Já o julgávamos a fazer as Américas, Daniel.

– Entretive-me pelo caminho. E o meu pai?

– Como o Daniel não vinha, foi ele fazer o resto das entregas.

Encarregou-me de lhe dizer que esta tarde ia a Tiana avaliar a biblioteca

privada de uma viúva. O seu pai é daqueles que as fazem pela calada. Disse para o Daniel não esperar por ele para fechar.

– Estava zangado?

Fermín abanou a cabeça, descendo da escada com uma agilidade felina.

– Qual quê! O seu pai é um santo. Aliás estava muito contente por ver que o Daniel tinha arranjado uma namorada.

– O quê?

Fermín piscou-me o olho, derretendo-se.

– Ah, malandreco, que andava tão caladinho. E que menina, oiça, é de fazer parar o trânsito. De uma finura que não lhe digo nada. Vê-se que andou em bons colégios, embora tivesse cá um vício no olhar... Olhe, se eu não tivesse o coração conquistado pela Bernarda, porque ainda não lhe falei do nosso lanche... até fazia faíscas, oiça, faíscas que parecia a noite de São João...

– Fermín – interrompi-o. – De que diabo está você a falar?

– Da sua namorada.

– Eu não tenho namorada, Fermín.

– Bem, hoje em dia vocês, os jovens, chamam a isso qualquer coisa, «guerlifrend», ou...

– Pare lá com isso, Fermín. De que é que está a falar?

Fermín Romero de Torres olhou para mim desconcertado, unindo os dedos de uma mão e gesticulando à maneira siciliana.

– Ora vamos a ver. Esta tarde, há coisa de uma hora ou hora e meia, uma menina toda jeitosa passou por aqui e perguntou por si. O seu pai e este seu criado estávamos de corpo presente e posso-lhe assegurar sem margem para dúvidas que a rapariga não tinha aspecto de ser uma aparição. Poder-lhe-ia descrever até o cheiro. A lavanda, mas mais doce. Como um bolinho acabado de fazer.

– E o bolinho disse porventura que era minha namorada?

– Assim com todas as letras, não, mas sorriu como que de esguelha, bem sabe, e disse que o esperava na sexta-feira à tarde. Nós limitámo-nos a somar dois e dois.

– Bea... – murmurei eu.

– Ergo, existe – observou Fermín, aliviado.

– Sim, mas não é minha namorada – disse eu.

– Pois não sei de que é que o Daniel está à espera.

– É a irmã do Tomás Aguilar.

– O seu amigo inventor? Assenti.

– Mais uma razão. Nem que fosse a irmã de Gil Robles, oiça; porque é boa como o milho. Eu, no seu lugar, já estaria a afiar o dente.

– A Bea já tem namorado. Um alferes que está a fazer o serviço militar.

Fermín suspirou, irritado.

– Ah, o Exército, praga e reduto tribal do corporativismo simiesco.

Tanto melhor, porque assim o Daniel pode pôr-lhe a armação sem remorsos.

– Está a delirar, Fermín. A Bea vai-se casar quando o alferes acabar o serviço militar.

Fermín sorriu-me, ladino.

– Pois veja lá que a mim cheira-me que aquela rapariga não se casa.

– Você lá sabe.

– De mulheres, e de outros misteres mundanos, bastante mais que o Daniel. Como nos ensina Freud, a mulher deseja o contrário daquilo que pensa ou declara, o que, bem vistas as coisas, não é assim tão terrível, porque o homem, como nos ensina o Calino, obedece em contrapartida aos ditames do seu aparelho genital ou digestivo.

– Não me venha com discursos, Fermín, que a mim não me engana o senhor. Se tem alguma coisa a dizer, sintetize.

– Pois olhe que, em sucinta essência, lhe digo: aquela não tinha cara de se casar com o Cascorro(*1).

**1. Alusão ao soldado espanhol Eloy Gonzalo Garcia, conhecido por Herói de Cascorro, povoação de Cuba, onde deu provas de heroísmo, em 1896. (N. T)*

– Ah, não? E então de que é que tinha cara, diga lá? Fermín aproximou-se de mim com um ar confidencial.

– De prazer mórbido – observou, erguendo as sobrancelhas com ar de mistério. – E que conste que o digo como um elogio.

Como sempre, Fermín tinha razão. Vencido, optei por jogar no seu terreno.

– Por falar em prazer mórbido, conte lá da Bernarda. Houve beijo ou não houve beijo?

– Não me ofenda, Daniel. Recordo-lhe que está a falar com um profissional da sedução, e isso do beijo é para amadores e diletantes de pantufa. A mulher de verdade conquista-se pouco a pouco. É tudo uma questão de psicologia, como uma boa faena na praça.

– Ou seja, deu-lhe tampa.

– A Fermín Romero de Torres nem São Roque dá tampas. O que acontece é que o homem, voltando a Freud e passe a metáfora, aquece como uma lâmpada: ao rubro num ápice e frio outra vez num ai. A fêmea, porém, aquece como um ferro de engomar, está a perceber? Pouco a pouco, a fogo lento, como a boa *escudellà*(*2). Mas lá quando aquece, não há quem pare aquilo. Como os altos-fornos da Biscaia.

**2 Sopa típica catalã. (N. T)*

Sopesei as teorias termodinâmicas de Fermín.

– É isso que o senhor está a fazer com a Bernarda? – perguntei. – Pôr o ferro ao lume?

Fermín piscou-me o olho.

– Aquela mulher é um vulcão à beira da erupção, com uma libido de magma ígneo e um coração de santa – disse, derretendo-se todo. – Para estabelecer um paralelismo veraz, lembra-me a minha mulatinha lá em Havana, que era uma beata muito devota. Mas, como no fundo sou um cavalheiro dos de antigamente, não me aproveito, e com um casto beijo na face me conformei. Porque eu não tenho pressa, sabe? Há por aí pategos que acham que se puserem a mão no cu a uma mulher e ela não se queixar, já a têm no papo.

Aprendizes. O coração da fêmea é um labirinto de subtilezas que desafia a mente grosseira do macho trapaceiro. Se quiser realmente possuir uma mulher, tem de pensar como ela, e a primeira coisa é conquistar-lhe a alma. O resto, o doce envoltório macio que nos faz perder o sentido e a virtude, vem por acréscimo.

Aplaudi o seu discurso com solenidade.

– O senhor está um verdadeiro poeta, Fermín.

– Não, eu estou com Ortega e sou um pragmático, porque a poesia mente, embora em bonito, e o que eu digo é mais verdade que o pão com tomate.

Já lá dizia o mestre, mostre-me um dom-joão e eu mostro-lhe um mariconço disfarçado. Para mim é a permanência, o perene. Tomo-o a si por testemunha de que farei da Bernarda uma mulher, se não honrada, porque isso já ela é, pelo menos feliz.

Sorri-lhe, assentindo. O seu entusiasmo era contagioso e a sua métrica invencível.

– Cuide-me bem dela, Fermín. Que a Bernarda tem demasiado coração e já apanhou demasiadas decepções.

– Pensa que eu não dou por isso? Com franqueza, pois se ela o tem escrito na testa como um atestado do patronato de viúvas de guerra!

Digo-lho eu, que nisto de encaixar sacanices tenho muitíssima experiência: eu àquela mulher encho-a de felicidade nem que seja a última coisa que faço neste mundo.

– Palavra?

Estendeu-me a mão com gravidade templária. Apertei-lha.

– Palavra de Fermín Romero de Torres.

Tivemos uma tarde morta na loja, apenas com um par de curiosos. Em vista do panorama, sugeri a Fermín que tirasse o resto da tarde livre.

– Ande, vá procurar a Bernarda e leve-a ao cinema ou a ver montras na rua Puertaferri de braço dado, que ela gosta imenso disso.

Fermín apressou-se a pegar-me na palavra e correu a arranjar-se na parte de

trás da loja, onde guardava sempre uma muda impecável e toda a sorte de águas-de-colónia e unguentos num estojo que teria feito a inveja de dona Concha Piquer. Quando saiu parecia um galã de grande filme, mas com trinta quilos a menos nos ossos. Vestia um fato que tinha sido do meu pai e um chapéu de feltro que lhe ficava um par de números acima, problema que solucionava colocando bolas de papel de jornal debaixo da copa.

– A propósito, Fermín. Antes de se ir embora... Queria pedir-lhe um favor.

– Com certeza. O senhor mande, que eu cá estou para obedecer.

– Vou-lhe pedir que isto fique entre nós, hem? Ao meu pai nem uma palavra.

Sorriu de orelha a orelha.

– Ah, malandreco. Alguma coisa relacionada com aquela miúda imponente, hem?

– Não. Isto é um assunto de investigação e intriga. Da sua especialidade, digamos.

– Bem, eu de miúdas também sei umas coisas. Digo isto porque, se um dia tiver qualquer consulta técnica a fazer, já sabe. Com toda a confiança, que eu para isso sou como um médico. Sem parvoeiras.

– Tê-lo-ei em conta. Agora, o que precisaria de saber é a quem pertence um apartado de correio na estação central da Via Layetana. O número 2321. E, se for possível, quem levanta o correio que lá vai parar. Acha que poderia dar-me uma mãozinha?

Fermín anotou o número no peito do pé, por baixo da meia, a esferográfica.

– Isso é canja. A mim não há organismo oficial que me resista. Dê-me uns dias e entregar-lhe-ei um relatório completo.

– Combinámos que ao meu pai nem uma palavra, hem?

– Não se preocupe. Faça de contas que eu sou a esfinge de Keops.

– Fico-lhe agradecido. E agora ande, vá-se embora e divirta-se.

Despedi-me dele com uma saudação militar e vi-o partir galhardo como um galo rumo ao galinheiro. Não deviam ter passado nem cinco minutos desde que Fermín saíra quando ouvi as campainhas da porta e ergui a vista das colunas de números e riscos. Um indivíduo abrigado com uma gabardina cinzenta e um chapéu de feltro acabava de entrar. Ostentava um bigode pincelado e uns olhos azuis e vítreos. Exibia um sorriso de vendedor, falso e forçado. Lamentei que Fermín não estivesse ali, porque ele tinha um jeitão para se livrar dos caixeiros-viajantes de cânforas e bugigangas que ocasionalmente entravam pela livraria dentro.

O visitante brindou-me com o seu sorriso untuoso e falso, pegando ao acaso no tomo de uma pilha por arrumar e valorizar que havia junto da entrada. Todo ele comunicava desprezo por tudo quanto via. Não me vais vender nem as boas-tardes,

pensei eu.

– Tanta letra, hem? – disse ele.

– É um livro; costumam ter bastantes letras. Em que posso ajudá-lo, cavalheiro?

O indivíduo devolveu o livro à pilha, assentindo com displicência e ignorando a minha pergunta.

– É o que eu digo. Ler é para as pessoas que têm muito tempo e nada que fazer. Como as mulheres. Quem tem de trabalhar não tem tempo para histórias. Na vida é preciso mourejar. Não acha?

– É uma opinião. Procurava alguma coisa em especial?

– Não é uma opinião; é um facto. É o que se passa neste país, que as pessoas não querem trabalhar. Muito vadio é o que há, não acha?

– Não sei, cavalheiro. Talvez. Aqui, como vê, só vendemos livros.

O indivíduo aproximou-se do balcão, com o olhar sempre a revoltear pela loja e poisando ocasionalmente no meu. O seu aspecto e a sua postura eram-me vagamente familiares, embora não soubesse dizer de onde. Havia qualquer coisa nele que me fazia pensar numa daquelas figuras que aparecem em cartas de antiquário ou adivinho, uma personagem fugida das gravuras de um incunábulo. Tinha a presença fúnebre e incandescente, como uma maldição com o traje domingueiro.

– Se me disser em que posso servi-lo...

– Quem lhe vinha prestar um serviço a si era eu. O senhor é o proprietário deste estabelecimento?

– Não. O proprietário é o meu pai.

– E o seu nome é?

– O meu ou o do meu pai?

O indivíduo endereçou-me um sorriso zombeteiro. Uma cara de páscoa, pensei.

– Depreendo então que a tabuleta de Sempere e filhos se refere a ambos.

– É muito perspicaz. Posso perguntar-lhe qual é o motivo da sua visita, se não está interessado num livro?

– O motivo da minha visita, que é de cortesia, é avisá-lo de que chegou à minha atenção que os senhores têm relações com gente de má vida, em particular invertidos e meliantes.

Observei-o atónito.

– Perdão?

O indivíduo cravou o olhar em mim.

– Falo de pandeiros e ladrões. Não me diga que não sabe do que falo.

– Lamento dizer que não tenho a mais remota ideia, nem qualquer interesse

em continuar a ouvi-lo.

O indivíduo assentiu, adoptando uma atitude hostil e irada.

– Pois vai ter de gramar. Suponho que está ao corrente das actividades do cidadão Federico Flaviá.

– Don Federico é o relojoeiro do bairro, uma excelente pessoa, e duvido muito que seja um meliante.

– Eu falava de pandeiros. Consta-me que essa bichona frequenta o vosso estabelecimento, suponho que para vos comprar romancecos românticos e pornografia.

– E posso perguntar-lhe o que tem o senhor com isso?

Por única resposta extraiu a sua carteira e estendeu-a aberta sobre o balcão. Reconheci um cartão de identificação policial emporcalhado com o semblante do indivíduo, um tanto mais novo. Li até onde dizia «Inspector-chefe Francisco Javier Fumero Almuniz».

– Jovem, fale-me com respeito, senão prego-lhes a si e ao seu pai uma porrada que lhes cai o cabelo por venderem lixo bolchevique. Entendido?

Quis replicar, mas as palavras tinham-me ficado congeladas nos lábios.

– Mas bem, não é esse pandeiro que hoje me traz até aqui. Mais tarde ou mais cedo acabará na esquadra, como todos os da laia dele, e eu o espevitarei. O que me preocupa é que tenho informações de que os senhores empregam um vulgar gatuno, um indesejável da pior espécie.

– Não sei de quem me fala, senhor inspector.

Fumero soltou o seu risinho servil e pegajoso, de camarilha e coscuvilhice.

– Só Deus sabe que nome utilizará agora. Há anos dava pelo nome de Wilfredo Camagúey, ás do mambo, e dizia ser especialista em vudu, professor de dança de D. Juan de Borbón e amante da Mata Hari. Outras vezes adopta nomes de embaixadores, artistas de variedades e toureiros.

Já perdemos a conta.

– Lamento não o poder ajudar, mas não conheço ninguém chamado Wilfredo Camagúey.

– Com certeza que não, mas sabe a quem me refiro, não sabe?

– Não.

Fumero riu de novo. Aquele riso forçado e amaneirado definia-o e resumia-o como um índice.

– O senhor gosta de dificultar as coisas, não gosta? Olhe, eu vim aqui como amigo para os avisar e prevenir de que quem mete um indesejável em casa acaba com os dedos escaldados e o senhor trata-me como aldrabão.

– De maneira nenhuma. Agradeço-lhe a sua visita e a sua advertência, mas garanto-lhe que não há...

– Não me venha com essas merdas, porque se me der nos cornos enfio-lhe um par de galhetas e fecho-lhe a chafarica, entendido? Mas hoje estou bem disposto, de maneira que o vou deixar só com a advertência. O senhor lá sabe as companhias que escolhe. Se gosta de pandeiros e de ladrões, lá terá alguma coisa de ambos. Comigo, é pão pão, queijo queijo. Ou está do meu lado ou contra mim. É assim a vida. Em que ficamos?

Eu não disse nada. Fumero assentiu, soltando outra risadinha.

– Muito bem, Sempere. É lá consigo. Começamos mal, o senhor e eu. Se quer problemas, tê-los-á. A vida não é como os romances, sabe? Na vida há que tomar partido. E está à vista aquele que o senhor escolheu. O dos que perdem por serem burros.

– Vou-lhe pedir que saia, por favor.

Afastou-se até à porta arrastando a sua risadinha sibilina.

– Voltaremos a ver-nos. E diga ao seu amigo que o inspector Fumero o tem debaixo de olho e lhe manda muitos cumprimentos.

A visita do infausto inspector e o eco das suas palavras incendiaram-me a tarde. Depois de quinze minutos a correr de um lado para o outro atrás do balcão com um nó nas tripas, decidi fechar a livraria antes da hora e sair à rua para caminhar sem rumo. Não conseguia tirar do pensamento as insinuações e as ameaças que aquele aprendiz de magarefe tinha feito. Perguntava a mim mesmo se devia alertar o meu pai e Fermín sobre aquela visita, mas supus que era essa precisamente a intenção de Fumero, semear a dúvida, a angústia, o medo e a incerteza entre nós.

Decidi que não ia fazer o seu jogo. Por outro lado, as insinuações acerca do passado de Fermín alarmavam-me. Envergonhei-me de mim mesmo ao descobrir que por um instante tinha dado crédito às palavras do polícia. Depois de dar muitas voltas ao assunto, decidi selar aquele episódio num canto qualquer da minha memória e ignorar as suas implicações. De regresso a casa, passei defronte da relojoaria do bairro. Don Federico cumprimentou-me do balcão, fazendo-me sinais para entrar no seu estabelecimento. O relojoeiro era uma personagem afável e sorridente que nunca se esquecia de dar as suas felicitações por ocasião das festas e à qual se podia sempre recorrer para resolver qualquer apuro, com a certeza de que ele encontraria a solução. Não pude evitar sentir um calafrio ao sabê-lo na lista negra do inspector Fumero, e perguntei a mim mesmo se devia avisá-lo, embora não imaginasse como, sem me imiscuir em matérias que não eram da minha incumbência. Mais confundido que nunca, entrei na relojoaria e sorri-lhe.

– Como estás, Daniel? Vens cá com uma cara!

– Um dia mau – disse eu. – Como vai tudo, don Federico?

– Sobre rodas. Os relógios cada vez são mais mal feitos e farto-me de trabalhar. Se isto continua assim, vou ter de arranjar um ajudante. O teu amigo, o

inventor, não estaria interessado? De certeza que tem boa mão para isto.

Não me custou imaginar o que opinaria o pai de Tomás Aguilar sobre a perspectiva de o filho aceitar um emprego no estabelecimento de don Federico, maricas oficial do bairro.

– Eu depois falo com ele.

– A propósito, Daniel. Tenho aqui o despertador que o teu pai me trouxe há duas semanas. Não sei o que ele fez, mas mais lhe valeria comprar um novo do que arranjá-lo.

Lembrei-me de que às vezes, nas noites de Verão asfíxiantes, o meu pai tinha a mania de ir dormir para a varanda.

– Caiu-lhe à rua – disse eu.

– Bem me parecia. Diz-lhe que me diga o que resolve. Eu posso-lhe arranjar um Radiant por muito bom preço. Se quiseres, olha, leva-o e ele que o experimente. Se gostar, depois mo paga. E, se não, devolves-mo.

– Muito obrigado, don Federico.

O relojoeiro pôs-se a embrulhar a engenhoca em questão.

– Alta tecnologia – disse, satisfeito. – A propósito, gostei imenso do livro que no outro dia o Fermín me vendeu. Um de Graham Greene. Aquele Fermín é uma contratação de primeira.

Acenei afirmativamente.

– Sim, é óptimo.

– Reparei que nunca anda de relógio. Diz-lhe que passe por aqui e tratamos disso.

– Assim farei. Obrigado, don Federico.

Ao dar-me o despertador, o relojoeiro observou-me detidamente e arqueou as sobrancelhas.

– De certeza que não se passa nada, Daniel? Só um dia mau? Acenei afirmativamente outra vez, sorrindo.

– Não se passa nada, don Federico. Passe bem.

– Tu também, Daniel.

Ao chegar a casa encontrei o meu pai adormecido no sofá com o jornal sobre o peito. Deixei o despertador em cima da mesa com um recado que dizia «da parte de don Federico: que deites fora o antigo», e deslizei silenciosamente até ao meu quarto. Deitei-me na cama na penumbra e adormeci a pensar no inspector, em Fermín e no relojoeiro. Quando acordei eram já duas da manhã. Assomei ao corredor e vi que o meu pai se tinha retirado para o quarto dele com o despertador novo. O andar estava nas trevas e o mundo parecia-me um lugar mais escuro e sinistro do que se me tinha afigurado na noite anterior. Compreendi que, no fundo, nunca tinha chegado a acreditar que o inspector Fumero fosse real. Agora parecia-

me um entre mil. Fui à cozinha e servi-me de um copo de leite frio. Perguntei a mim mesmo se Fermín estaria bem, são e salvo na sua pensão.

De volta ao meu quarto procurei afastar do pensamento a imagem do polícia. Tentei conciliar de novo o sono, mas compreendi que tinha perdido o comboio.

Acendi a luz e decidi examinar o envelope dirigido a Julián Carax que tinha subtraído a dona Aurora naquela manhã e que ainda trazia no bolso do casaco. Coloquei-o sobre a secretária debaixo da luz do candeeiro flexível. Era um envelope apergaminhado, de bordos serrados que amareleciam e toque argiloso. O carimbo, apenas uma sombra, dizia «18 de Outubro de 1919». O selo de lacre tinha-se soltado, provavelmente graças aos bons ofícios de dona Aurora. No seu lugar restava uma mancha vermelhusca como um roçagar de batom que beijava o fecho sobre o qual se podia ler o remetente:

V. Penélope Aldaya
Avenida del Tibidabo, 32, Barcelona.

Abri o envelope e extraí a carta, uma folha de cor ocre nitidamente dobrada ao meio. Um traço de tinta azul deslizava com vigor nervoso, desvanecendo-se paulatinamente e voltando a ganhar intensidade de umas tantas em tantas palavras. Tudo naquela folha falava de outro tempo: o traço escravo do tinteiro, as palavras arranhadas sobre o papel grosso pelo gume do aparo, o toque rugoso do papel. Alisei a carta sobre o tampo e li-a, quase sem respirar.

Querido Julián:

Esta manhã soube pelo Jorge que realmente deixaste Barcelona e partiste em busca dos teus sonhos. Sempre temi que esses sonhos não te deixassem nunca ser meu, nem

de ninguém. Teria gostado de te ver uma última vez, poder olhar-te nos olhos e dizer-te coisas que não sei contar a uma carta. Nada correu como tínhamos planeado. Conheço-te bem de mais e sei que não me escreverás, que nem sequer me enviarás a tua direcção, que quererás ser outro. Sei que me odiarás por não ter aparecido como te prometi. Que julgarás que te falhei. Que não tive coragem.

Tantas vezes te imaginei, sozinho naquele comboio, convencido de que te tinha traído. Muitas vezes procurei encontrar-te através do Miquel, mas ele disse-me que já não querias saber de mim para nada. Que mentiras te contaram, Julián? Que te disseram de mim? Por que acreditaste neles?

Agora já sei que te perdi, que perdi tudo. E ainda assim não posso deixar que partas

para sempre e me esqueças sem que saibas que não te guardo rancor, que o sabia desde o princípio, que sabia que te ia perder e que tu nunca havias de ver em mim o que eu via em ti. Quero que saibas que te amei desde o primeiro dia e que te continuo a amar, agora mais do que nunca, mesmo que te custe.

Escrevo-te às escondidas, sem que ninguém o saiba. O Jorge jurou que se te voltar a ver te matará. Já não me deixam sair de casa, nem assomar à janela. Não me parece que alguma vez me perdoem. Alguém de confiança prometeu-me que te enviará esta carta. Não menciono o seu nome para não o comprometer. Não sei se as minhas palavras te chegarão. Mas para o caso de assim acontecer e decidires voltar à minha procura, aqui encontrarás a maneira de o fazer. Enquanto escrevo, imagino-te naquele

comboio, carregado de sonhos e com a alma despedaçada de traição, fugindo de todos nós e de ti próprio. Há tantas coisas que não te posso contar, Julián! Coisas que nunca soubemos e é melhor que nunca saibas.

Não desejo nada mais no mundo do que a tua felicidade, Julián, que tudo aquilo a que aspiras se torne realidade e que, mesmo que me esqueças com o tempo, um dia venhas a compreender o muito que te amei.

Para sempre,
Penélope.

17.

As palavras de Penélope Aldaya, que li e reli naquela noite até as saber de cor, dissiparam de uma penada o mau sabor que me tinha deixado a visita do inspector Fumero. Depois de passar a noite em claro, absorto naquela carta e na voz que nela intuía, saí de casa com a madrugada. Vesti-me em silêncio e deixei uma mensagem ao meu pai na mesa do vestíbulo, dizendo-lhe que tinha de fazer alguns recados e que estaria de volta à livraria às nove e meia. Ao assomar à porta, as ruas languesciam ocultas ainda sob um manto azulado que lambia as sombras e os charcos que a chuva miudinha semeara durante a noite. Abotoei o casacão até ao pescoço e encaminhei-me a passo ligeiro rumo à Praça da Catalunha. As escadas do metro exalavam uma cortina de vapor tépido que ardia em luz de cobre. Nas bilheteiras dos caminhos-de-ferro catalães comprei um bilhete de terceira classe até

à estação de Tibidabo. Fiz o trajecto num vagão povoado de impedidos, criadas e jornaleiros levando sanduíches do tamanho de um tijolo embrulhadas em folhas de jornal.

Refugiei-me no negrume dos túneis e apoiei a cabeça na janela, semicerrando os olhos enquanto o comboio percorria as entranhas da cidade até aos pés do Tibidabo. Ao emergir de novo na rua pareceu-me redescobrir outra Barcelona. Estava a amanhecer e um fio de púrpura rasgava as nuvens e salpicava as fachadas dos palacetes e casarões senhoriais que flanqueavam a Avenida del Tibidabo. O eléctrico azul rastejava preguiçosamente entre neblinas. Corri atrás dele e consegui trepar para a plataforma traseira sob o olhar severo do revisor. A cabina de madeira estava quase vazia. Um par de frades e uma dama enlutada de pele cinzenta embalavam-se adormecidos com o vaivém da carruagem de cavalos invisíveis.

– Só vou até ao número trinta e dois – disse ao revisor, oferecendo o meu melhor sorriso.

– Pois é como se fosse até ao Finisterra – replicou ele, indiferente. - Aqui até os soldados de Cristo pagaram bilhete. Quem não é pagante vai no calcante. E não lhe levo nada pela rima.

O duo de frades, que calçava sandálias e um manto de serapilheira castanha de austeridade franciscana, assentiu, mostrando cada um o seu bilhete cor-de-rosa a título de prova.

– Pois então apeio-me – disse. – Porque não tenho trocado.

– Como queira. Mas espere pela próxima paragem, que eu não quero acidentes.

O eléctrico subia quase a ritmo de passeio, acariciando a sombra do arvoredor e observando sobre os muros e jardins de mansões com alma de castelo que eu imaginava povoadas de estátuas, fontes, cavaliças e capelas secretas. Assomei a um lado da plataforma e distingi a silhueta da torre de «El Frare Blanc» recortando-se entre as árvores.

Ao aproximar-se da esquina de Román Macaya, o eléctrico abrandou a marcha até parar quase completamente. O condutor fez soar a sua campainha e o revisor lançou-me um olhar de censura.

– Ande lá, espertalhão. Despache-se, que tem aí mesmo o número trinta e dois.

Apeei-me e ouvi o chocalhar do eléctrico azul perder-se na bruma. A residência da família Aldaya ficava do outro lado da rua. Protegia-a um portão de ferro forjado entrelaçado de hera e folhagem. Recortada entre as barras adivinhava-se uma portinhola fechada a sete chaves. Sobre as grades, ligado em serpentes de ferro preto, lia-se o número 32. Tentei espreitar dali o interior do prédio, mas mal se

adivinham as arestas e os arcos de um torreão escuro. Um rasto de ferrugem sangrava do buraco da fechadura da portinhola. Ajoelhei e tentei obter dali uma visão do pátio. Vislumbrava-se apenas uma madeixa de ervas selvagens e o contorno do que me pareceu uma fonte ou um lago do qual emergia uma mão estendida, apontando para o céu. Levei uns instantes a perceber que se tratava de uma mão de pedra, e que havia outros membros e silhuetas que não lograva distinguir submergidos na fonte. Mais adiante, entre as cortinas de ervas daninhas, adivinhava-se uma escadaria de mármore quebrada e coberta de escombros e folhagem. A fortuna e a glória dos Aldaya tinham mudado de direcção havia muito tempo. Aquele lugar era um túmulo.

Recuei uns passos, contornando a esquina para deitar uma vista de olhos à ala sul da casa. Dali conseguia obter-se uma visão mais clara de uma das alas do palacete. Naquele instante distingi pelo rabo do olho a silhueta de um indivíduo com ar famélico ataviado com um roupão azul que brandia um vasculho com o qual martirizava a folhagem sobre o passeio. Observava-me com um certo receio e supus que fosse o porteiro de um dos prédios limítrofes.

Sorri-lhe como só quem passou muitas horas atrás de um balcão sabe fazer.

– Muito bons dias – entoei cordialmente. – Sabe se a casa dos Aldaya está fechada há muito tempo?

Observou-me como se eu o tivesse interrogado acerca da quadratura do círculo. O homenzinho levou ao queixo uns dedos que amareleciam e permitiam supor uma debilidade pelos Celtas sem filtro. Lamentei não trazer comigo um maço de tabaco para me congarçar com ele.

Escarafunchei nos bolsos do casaco, para ver que oferenda se propiciava.

– Vinte ou vinte e cinco anos pelo menos, e que assim continue – disse o porteiro com aquele tom e dócil das pessoas condenadas a servir à força de pancada.

– Há muito tempo que o senhor aqui está? O homenzinho assentiu.

– Este seu criado está aqui ao serviço dos senhores Miravell desde 20.

– Não faz ideia do que foi feito da família Aldaya, pois não?

– Bem, já saberá que perderam muita coisa quando foi da República - disse.

– Quem semeia ventos... Eu o pouco que sei foi o que ouvi em casa dos senhores Miravell, que dantes eram amigos da família. Creio que o filho mais velho, Jorge, foi para o estrangeiro, para a Argentina. Está visto que tinham fábricas lá. Gente de muito dinheiro.

Não terá por acaso um cigarro?

– Lamento, mas posso oferecer-lhe um caramelo Sugus, que está demonstrado que tem a mesma nicotina que um Montecristo e além disso uma data de vitaminas.

O porteiro franziu o cenho com uma certa incredulidade. Ofereci-lhe o Sugus de limão que Fermín me tinha dado havia uma eternidade e que descobrira dentro da dobra do forro do meu bolso. Conteí que não estivesse rançoso.

– É bom – sentenciou o porteiro, saboreando o caramelo gomoso.

– Está a mascar o orgulho da indústria confeitadeira nacional. O Generalíssimo mama-os como se fossem amêndoas. E diga-me cá, alguma vez ouviu falar na filha dos Aldaya, a Penélope?

O porteiro apoiou-se no vasculho à maneira de pensador erecto de Rodin.

– Acho que o senhor está enganado. Os Aldaya não tinham filhas. Eram todos rapazes.

– Tem a certeza? Consta-me que aí por 1919 vivia nesta casa uma jovem chamada Penélope Aldaya, que provavelmente era irmã do tal Jorge.

– Pode ser, mas já lhe digo que eu só aqui estou desde 20.

– E o prédio, a quem pertence agora?

– Que eu saiba ainda está à venda, embora se falasse em deitá-lo abaixo e construir um colégio. É o melhor que têm a fazer, para dizer a verdade. Arrasá-lo até aos alicerces.

– Por que diz isso?

O porteiro olhou-me com ar confidencial. Ao sorrir observei que lhe faltavam pelo menos quatro dentes da gengiva superior.

– Essa gente, os Aldaya. Não eram flor que se cheire, o senhor sabe o que se diz.

– Receio bem que não. O que é que se diz?

– O senhor sabe. Os barulhos e o resto. Eu, acreditar nessas histórias, não acredito, hem?, mas dizem que não foi um nem dois que borraram as cuecas ali dentro.

– Não me diga que a casa está assombrada – disse eu, reprimindo um sorriso.

– Ria-se, ria-se. Mas não há fumo sem fogo...

– O senhor viu alguma coisa?

– O que se chama ver, não. Mas ouvi.

– Ouviu? O quê?

– Olhe, uma vez, há-de haver anos, uma noite que acompanhei o Joanet, porque ele insistiu, hem?, que eu ali não era perdido nem achado... dizia eu, que ouvi ali uma coisa estranha. Parecia um choro.

O porteiro ofereceu-me uma imitação de viva voz do som a que se referia. A mim pareceu-me a litania de um tísico a trautear modinhas.

– Era capaz de ser o vento – sugeri.

– Era capaz, mas a mim, para dizer a verdade, caíram-me aos pés. Oiça, não

terá outro caramelo desses, não?

– Aceite-me uma pastilha Juanola. Tonificam muitíssimo depois do doce.

– Força – conveio o porteiro, estendendo a mão para relectar.

Entreguei-lhe a caixa inteira. O safanão do alcaçuz pareceu lubrificar-lhe um pouco mais a língua sobre aquela rocambolesca história do palacete Aldaya.

– Cá para nós que ninguém nos ouve, aqui há gato. Uma vez o Joanet, o filho do senhor Miravell, que é um matulão que faz dois do senhor (basta dizer-lhe que está na selecção nacional de andebol)... pois uns amigalhaços do senhor Joanet tinham ouvido falar da casa dos Aldaya e meteram-se nisso. E ele meteu-me a mim para o acompanhar, porque muita conversa mas não se atrevia a entrar sozinho. O senhor sabe, franganotes. Empenhou-se em enfiar-se lá dentro de noite para armar em galaroz para a namorada e por pouco não se mijou em cima de mim. Porque agora o senhor está a vê-la de dia, mas de noite esta casa é outra, hem? O caso é que o Joanet diz que subiu ao segundo andar (porque eu me recusei a entrar, oiça, que isso não deve ser legal, embora nessa altura a casa já estivesse abandonada há pelo menos dez anos) e disse que havia qualquer coisa lá. Pareceu-lhe ouvir uma espécie de voz num quarto mas, quando quis entrar, fechou-se-lhe a porta na cara. O que é que me diz a isto?

– Digo que deve ter sido uma corrente de ar – disse eu.

– Ou de outra coisa – observou o porteiro, baixando a voz. – No outro dia davam na rádio: o universo está cheio de mistérios. Repare que parece que encontraram o verdadeiro santo sudário em pleno centro de Sardanyola. Tinham-no cosido na tela dum cinema, para o esconder dos muçulmanos, que a querem usar para dizer que Jesus Cristo era negro.

Que me diz a isto?

– Não tenho palavras.

– É o que eu lhe digo. Muito mistério. Deviam deitar este prédio abaixo e deitar cal no terreno.

Agradei ao senhor Remigio a informação e dispus-me a descer a avenida de volta a San Gervasio. Ergui a vista e vi que a montanha do Tibidabo amanhecia entre nuvens de gaze. Apeteceu-me de repente ir até ao funicular e escalar a ladeira até ao antigo parque de atracções que fica lá em cima para me perder entre os seus carrosséis e os seus salões de autómatos, mas tinha prometido estar na livraria a horas. De volta à estação do metro imaginei Julián Carax a descer por aquele mesmo passeio e a contemplar aquelas mesmas fachadas solenes que pouco tinham mudado desde então, com as suas escadarias e jardins de estátuas, talvez à espera daquele eléctrico azul que trepava em pontas dos pés até ao céu. Ao chegar ao princípio da avenida, puxei da fotografia de Penélope Aldaya a sorrir no pátio do palacete familiar.

Os seus olhos prometiam a alma lavada e um futuro por escrever. «Ama-te, Penélope.»

Imaginei um Julián Carax com a minha idade a segurar aquela imagem nas mãos, talvez à sombra da mesma árvore que me abrigava a mim. Quase me parecia vê-lo, sorridente, seguro de si, a contemplar um futuro tão amplo e luminoso como aquela avenida, e por um instante pensei que não havia ali mais fantasmas que os da ausência e da perda, e que aquela luz que me sorria era de empréstimo e só valia enquanto a pudesse segurar com o olhar, segundo a segundo.

18.

Ao regressar a casa verifiquei que Fermín ou o meu pai já tinham aberto a livraria. Subi um momento ao andar para comer qualquer coisa rápida.

O meu pai tinha-me deixado torradas, marmelada e um termo de café na mesa da casa de jantar. Dei boa conta de tudo aquilo e voltei a descer em menos de dez minutos. Entrei na livraria pela porta de trás da loja que dava para o vestíbulo do edifício e dirigi-me ao meu armário. Pus o avental que costumava utilizar na loja para proteger a roupa do pó de caixas e estantes. No fundo do armário guardava uma caixa de latão que ainda cheirava a bolachas da Camprodón. Guardava lá todo o tipo de bugigangas inúteis mas das quais era incapaz de me desfazer: relógios e canetas irremediavelmente estragadas, moedas velhas, peças de miniaturas, caricas, cápsulas de bala que tinha encontrado no Parque do Laberinto e postais antigos da Barcelona do princípio do século. No meio de toda aquela misturada flutuava ainda o velho pedaço de jornal onde Isaac Monfort me tinha apontado a direcção da sua filha Nuria na noite em que eu fora ao Cemitério dos Livros Esquecidos para esconder *A Sombra do Vento*. Estudei-o à luz poeirenta que caía entre as estantes e caixas empilhadas. Fechei a caixa e guardei a direcção no porta-moedas.

Assomei à loja, decidido a ocupar a mente e as mãos na tarefa mais banal que aparecesse à mão de semear.

– Bom dia – anunciei.

Fermín classificava o conteúdo de várias caixas que tinham chegado de um coleccionador de Salamanca, e o meu pai via-se e desejava-se para decifrar um catálogo alemão de apócrifa luterana que tinha um nome de enchido fino.

– E melhores tardes nos dê Deus – cantarolou Fermín, em velada alusão ao meu encontro com Bea.

Não lhe dei o prazer de responder e decidi enfrentar o inevitável pincel mensal de pôr o livro de contabilidade em dia, cotejando recibos e guias de remessa, cobranças e pagamentos. A embalar a nossa serena monotonia havia a rádio, que nos

obsequiava com uma selecção de momentos escolhidos na carreira de António Machín, muito em voga na época. Ao meu pai os ritmos caribenhos mexiam-lhe um pouco com os nervos, mas tolerava-os porque recordavam a Fermín a sua saudosa Cuba.

A cena repetia-se todas as semanas: o meu pai fazia orelhas moucas e Fermín abandonava-se num vago meneio ao compasso do danzón pontuando os interlúdios comerciais com anedotas das suas aventuras em Havana. A porta da loja estava aberta e entrava um aroma doce a pão fresco e a café que convidava ao optimismo. Decorrido um bocado a nossa vizinha, Merceditas, que vinha das compras no mercado da Boquería, parou diante da montra e assomou à porta.

– Boas tardes, senhor Sempere – cantarolou.

O meu pai sorriu-lhe, ruborizado. Eu tinha a impressão de que ele gostava de Merceditas, mas a sua ética de frade cartuxo conferia-lhe um silêncio inquebrantável. Fermín olhava-se de soslaio, lambendo os beiços e seguindo o suave baloiçar das ancas como se acabasse de entrar um braço de gitano pela porta. Merceditas abriu um saco de papel e obsequiou-nos com três maçãs reluzentes. Imaginei que ainda lhe andava às voltas na cabeça a ideia de trabalhar na livraria e fazia poucos esforços por esconder a antipatia que Fermín, o usurpador, parecia inspirar-lhe.

– Olhe que lindas. Vi-as e disse cá para mim: estas são para os senhores Sempere – disse em tom obsequioso. – Que eu sei que os senhores, os intelectuais, gostam de maçãs, como Isaac Peral.

– Isaac Newton, anjinha – precisou Fermín, solícito. Merceditas lançou-lhe um olhar assassino.

– Já cá faltava o espertalhão. Agradeça mas é que eu lhe tenha trazido também uma, e não uma toranja, que era o que você merecia.

– Mas, mulher, para mim a oferenda que as suas mãos núbéis me fazem desta, a fruta do pecado original, inflama-me a fibra de...

– Faça-me o favor, Fermín – atalhou o meu pai.

– Sim, senhor Sempere – acatou Fermín, batendo em retirada. Estava Merceditas para ripostar a Fermín quando se ouviu um burburinho.

Ficámos todos em silêncio, expectantes. Na rua erguiam-se vozes de indignação e desencadeava-se uma algaravia de murmurações. Merceditas assomou à porta, prudente. Vimos passar vários comerciantes aturdidos, abanando disfarçadamente a cabeça. Não tardou a aparecer don Anacleto Olmo, inquilino do imóvel e porta-voz oficioso da Real Academia da Língua na escada. Don Anacleto era catedrático de instituto, licenciado em Literatura Espanhola e Humanidades várias, e compartilhava o segundo primeira com sete gatos. Nos momentos que a docência lhe deixava livres fazia um biscate como redactor de textos de contracapa

para uma editora de prestígio e, corria o rumor, compunha versos de erótica crepuscular que publicava com o pseudónimo de Rodolfo Pitón. No trato pessoal, don Anacleto era um homem afável e encantador, mas em público sentia-se obrigado a representar o papel de rapsodo e afectava uns falares que lhe tinham granjeado a alcunha de Gongorino.

Naquela manhã, o catedrático vinha com a cara roxa de aflição, e quase lhe tremiam as mãos com que segurava a bengala de marfim. Olhámos os quatro para ele, admirados.

– Que se passa, don Anacleto? – perguntou o meu pai.

– Não me diga que morreu o Franco – observou Fermín, esperançado.

– Você cale-se, seu animal – cortou Merceditas. – E deixe o senhor doutor falar.

Don Anacleto respirou fundo e, recuperando a compostura, passou a darnos parte dos acontecimentos com a sua costumada majestosidade.

– Amigos, a vida é drama e até as mais nobres criaturas do Senhor saboreiam o fel de um destino caprichoso e contumaz. Ontem à noite, de madrugada, enquanto a cidade dormia aquele sono tão merecido dos povos laboriosos, don Federico Flaviá i Pujades, estimado vizinho que tanto contribuiu para o enriquecimento e solaz deste bairro no seu mister de relojoeiro lá do seu estabelecimento sito a três portas apenas desta sua livraria, foi detido pelas forças de segurança do Estado.

Senti que me caía a alma aos pés.

– Jesus, Maria e José – apostilou Merceditas.

Fermín bufou, decepcionado, pois estava à vista que o chefe do Estado continuava a gozar de excelente saúde. Don Anacleto, já embalado, tomou fôlego e dispôs-se a continuar.

– Ao que parece, e a fazer fé no relato fidedigno que me foi revelado por fontes próximas da Direcção Geral da Polícia, dois condecorados membros da Brigada Criminal incógnitos surpreenderam don Federico pouco depois da meia-noite ataviado de fúfia e entoando canções de letra picante no palco dum tugúrio da rua Escudillers, para grande gáudio de uma assistência presumivelmente composta por débeis mentais. Estas criaturas esquecidas de Deus, fugidas na mesma tarde do manicómio de uma ordem religiosa, tinham arriado as calças no frenesi do espectáculo e bailaricavam sem decoro, dando palmas com a hombridade erecta e as ventas babeantes.

Merceditas persignou-se, surpreendida pelo cariz escabroso que os factos adquiriam.

– As mães de alguns dos pobres inocentes, ao serem informadas do latrocínio, apresentaram denúncia por escândalo público e atentado à moral mais

elementar. A imprensa, ave rapace que medra na desgraça e no opróbrio, não tardou a farejar a carniça e, graças às argúcias de um bufo profissional, não tinham transcorrido nem quarenta minutos da chegada à cena dos dois membros da autoridade quando compareceu no referido local Kiko Calabuig, repórter do jornal El Caso, mais conhecido como Remenamerda(*1), disposto a cobrir os factos que fosse mister para que a sua crónica negra chegasse antes do fecho da edição de hoje, onde, escusado será dizer, se qualifica com grosseria sensacionalista o espectáculo registado no local de dantesco e arrepiante em caracteres de corpo vinte e quatro.

**1. Equivalente, em catalão, a Remexanamerda. (N. T.)*

– Não pode ser – disse o meu pai. – Mas parecia que don Federico se tinha corrigido.

Don Anacleto assentiu com veemência pastoral.

– Sim, mas não se esqueça do rifoneiro, acervo e voz do nosso sentir mais profundo, que lá diz: a cabra puxa sempre para o monte, e nem só de brometo vive o homem. E ainda os senhores não ouviram o pior.

– Pois vá vossa mercê direita ao assunto, que com tantos voos metafóricos já me está a dar vontade de aliviar o ventre – protestou Fermín.

– Não ligue a este animal, que eu gosto muito da maneira como o senhor fala. E como o No-Do, senhor doutor – intercedeu Merceditas.

– Obrigado, filha, mas sou apenas um humilde professor. Mas voltando ao que dizia, sem mais delongas, preâmbulo nem floritura. Ao que parece, o relojoeiro, que no momento da detenção dava pelo nome artístico de La Nina er Peine, foi já detido em circunstâncias similares num par de ocasiões que constam nos anais do dia-a-dia criminal dos guardiães da paz.

– Diga antes malfeitores com crachá – atirou Fermín.

– Eu em política não me meto. Mas posso dizer-lhes que, após derrubarem o pobre don Federico do palco com uma garrafada certa, os dois agentes conduziram-no à esquadra da Via Layetana. Noutra conjuntura, com sorte, a coisa não teria passado de acontecimento burlesco e se calhar um par de bofetadas e/ou vexações menores, mas deu-se a funesta circunstância de ontem à noite andar por ali o célebre inspector Fumero.

– Fumero – murmurou Fermín, ao qual a simples menção da sua némesis tinha causado um estremecimento.

– O próprio. Como ia dizendo, o adail da segurança dos cidadãos, recém chegado de uma rusga triunfal a um estabelecimento ilegal de apostas e corridas de carochas situado na Rua Vigatans, foi informado do sucedido pela angustiada mãe de um dos rapazes tresmalhados do manicómio e presumível cérebro da fuga, Pepet Guardiola. Nisto, o notável inspector, que ao que parece trazia no bucho doze

copinhos de Soberano desde o jantar, decidiu tomar parte no assunto. Após estudar as agravantes em questão, Fumero aprestou-se a indicar ao sargento de serviço que tanta (e cito o vocábulo na sua mais desbragada literalidade apesar da presença de uma menina pelo seu valor documental em relação ao acontecimento) paneleiragem merecia uma lição e aquilo de que o relojoeiro, ou seja don Federico Flaviá i Pujades, solteiro e natural da localidade de Ripollet, precisava, para seu bem e da alma imortal dos rapazinhos mongolóides cuja presença era acessória mas determinante no caso, era passar a noite no calabouço comum da subcave da instituição na companhia de uma selecta plêiade de vadios. Como provavelmente os senhores saberão, a dita cela é célebre no seio do elemento criminoso pelo carácter inóspito e precário das suas condições sanitárias, e a inclusão de um cidadão vulgar na lista de hóspedes é sempre motivo de folguedo, pelo que aporta de lúdico e original à monotonia da vida prisional.

Chegado a este ponto, don Anacleto passou a esboçar um breve mas afectuoso bosquejo do carácter da vítima, aliás de todos bem conhecido.

Escusado será que lhes recorde que o senhor Flaviá i Pujades foi bafejado com uma personalidade frágil e delicada, todo ele bondade e piedade cristã. Se uma mosca se introduz na relojoaria, em vez de a matar à sapatada, abre a porta e as janelas de par em par para que o insecto, criatura do Senhor, seja levado pela corrente de volta ao ecossistema. Don Federico, ao que me consta, é um homem de fé, muito devoto e envolvido nas actividades da paróquia que, não obstante, teve toda a vida de conviver com uma tenebrosa atracção para o vício que, em raríssimas ocasiões, o venceu e o atirou para a rua disfarçado de mulherzinha. A sua habilidade para reparar desde relógios de pulso até máquinas de costura foi sempre proverbial e a sua pessoa apreciada por todos quantos o conhecemos e frequentamos o seu estabelecimento, inclusivamente por aqueles que não viam com bons olhos as suas ocasionais escapadas nocturnas ostentando cabeleira postiça, travessa e vestidos às bolas.

– O senhor fala como se ele estivesse morto – arriscou Fermín, consternado.

– Morto, não, graças a Deus.

Suspirei, aliviado. Don Federico vivia com uma mãe octogenária e totalmente surda, conhecida no bairro como La Pepita e famosa por largar uns traques tempestuosos que faziam cair aturdidos os pardais da sua varanda.

– Mal imaginava La Pepita que o seu Federico – continuou o catedrático – tinha passado a noite numa cela imunda, onde um orfeão de chulos e faquistas o teriam rifado qual puta para depois, uma vez saciados das suas carnes magras, lhe ministrarem uma tarefa mestra enquanto os restantes presos cantavam alegremente em coro «paneleiro, paneleirão, come merda panascão».

Apoderou-se de nós um silêncio sepulcral. Merceditas soluçava. Fermín

quis consolá-la com um terno abraço, mas ela libertou-se de um salto.

19.

– Imaginem o quadro – concluiu don Anacleto para consternação de todos.

O epílogo da história não melhorava as expectativas. A meio da manhã, um furgão cinzento da esquadra tinha deixado don Federico estendido à porta de sua casa. Estava ensanguentado, com o vestido às tiras, sem a sua peruca nem a sua colecção de bijutaria fina. Tinham-lhe urinado em cima e trazia a cara cheia de equimoses e cortes. O filho da padeira encontrara-o encolhido à porta, chorando como uma criança e tremendo.

– Não há direito, não senhor – comentou Merceditas, postada à porta da livraria, longe das mãos de Fermín. – Pobrezinho, ele que é bom como o pão e não se mete com ninguém!

Gosta de se vestir de fufia e andar por aí a cantar? E que mais dá? A gente sempre é muito má! Don Anacleto mantinha-se calado, com o olhar baixo. – Má, não – objectou Fermín. - Imbecil, o que não é a mesma coisa. O mal pressupõe uma determinação moral, intenção e um certo pensamento. O imbecil ou bruto não pára para pensar nem para raciocinar. Age por instinto, como animal de estábulo, convencido de que está a fazer o bem, de que tem sempre razão, e orgulhoso por andar a lixar, com vossa licença, todo aquele que se lhe afigura diferente dele próprio, seja na cor, na crença, no idioma, na nacionalidade ou, como no caso de don Federico, nos seus hábitos de lazer. O que é preciso no mundo é mais gente verdadeiramente má e menos casmurros limítrofes.

– Não diga disparates. O que é preciso é um pouco mais de caridade cristã e menos mau feitio, que isto parece um país de alimárias - atalhou Merceditas. – Muita ida à missa, mas a Nosso Senhor Jesus Cristo aqui nem Deus liga.

– Não mencionemos a indústria do missal, que é parte do problema e não da solução, Merceditas.

– Já cá faltava o ateu. Que mal é que lhe fez a si o clero, pode-se saber?

– Vamos, não se peguem – interrompeu o meu pai. – E você, Fermín, vá ter com don Federico e veja se ele precisa de alguma coisa, que se vá à farmácia ou que se lhe compre alguma coisa no mercado.

– Sim, senhor Sempere. É para já. É que a mim a oratória perde-me, o senhor bem sabe.

– O que o perde a si é a pouca vergonha e a irreverência que tem no pêlo – apostilou Merceditas. – Blasfemo! Do que precisava era que lhe limpassem a alma com ácido clorídrico.

– Olhe, Merceditas, é só porque me consta que a senhora é uma boa pessoa (se bem que um tanto curta de entendimento e mais ignorante que um lorpa), e neste momento estamos na presença de uma emergência social no bairro perante a qual é preciso dar prioridade a certos esforços, porque senão eu ia esclarecer-lhe um par de pontos cardeais.

– Fermín! – clamou o meu pai.

Fermín fechou o bico e saiu a correr pela porta. Merceditas observava-o com ar reprovador.

– Esse homem vai meter os senhores em sarilhos no dia em que menos esperem, tome atenção ao que eu lhe digo. No mínimo é anarquista, maçom e até judeu. Com aquele narigão...

– Não lhe ligue importância. Ele faz tudo aquilo por espírito de contradição. Merceditas abanou a cabeça em silêncio, irritada.

– Bom, deixo-vos, visto que estou pluriempregada e me falta o tempo.

Bom dia.

Fizemos reverentemente uma inclinação de cabeça e vimo-la partir, empertigada e castigando a rua com os saltos dos sapatos. O meu pai respirou fundo, como se quisesse inspirar a paz recuperada. Don Anacleto languescia ao seu lado, com o rosto branqueado por momentos e o olhar triste e outonal.

– Este país foi-se por água abaixo – disse, desmontando já da sua oratória colossal.

– Vamos, anime-se, don Anacleto. É que as coisas sempre assim foram, aqui e em todo o lado; o que acontece é que há momentos baixos e quando nos tocam de perto vê-se tudo mais negro. Vai ver que don Federico arrebita, que é mais forte do que todos pensamos.

O catedrático abanava dissimuladamente a cabeça.

– É como a maré, sabe? – dizia, absorto. – A barbárie, quero eu dizer.

Vai-se e a pessoa julga-se a salvo, mas volta sempre, volta sempre... e afoga-nos. Eu vejo isso todos os dias no instituto. Valha-me Deus.

Símios, é o que me aparece nas aulas. Darwin era um sonhador, garanto-lhe.

Nem evolução nem coisa que se pareça. Por cada um que raciocina, tenho de lidar com nove orangotangos.

Limitámo-nos a assentir docilmente. O catedrático despediu-se com um cumprimento e partiu, cabisbaixo e cinco anos mais velho do que entrara. O meu pai suspirou. Olhámo-nos brevemente, sem saber o que dizer. Perguntei a mim mesmo se devia referir-lhe a visita do inspector Fumero à livraria. Isto foi um aviso, pensava eu. Uma advertência.

Fumero tinha utilizado o pobre don Federico como telegrama.

– Passa-se alguma coisa contigo, Daniel? Estás branco.

Suspirei e baixei o olhar. Passei a relatar-lhe o incidente com o inspector Fumero na outra noite, as suas insinuações. O meu pai escutava-me, engolindo a fúria que lhe ardia nos olhos.

– A culpa é minha– disse eu. – Devia ter dito qualquer coisa... O meu pai abanou a cabeça.

– Não. Tu não podias saber, Daniel.

– Mas...

– Nem te passe pela cabeça pensar nisso. E ao Fermín, nem uma palavra.

Sabe Deus como ia reagir se soubesse que esse indivíduo anda outra vez atrás dele.

– Mas alguma coisa teremos de fazer.

– Procurar que não se meta em sarilhos.

Assenti, não muito convencido, e dispus-me a continuar a tarefa que Fermín tinha iniciado enquanto o meu pai voltava à sua correspondência.

Entre parágrafo e parágrafo, o meu pai lançava-me um ou outro olhar de soslaio. Fingi não dar por isso.

– Que tal ontem com o professor Velázquez, tudo bem? – perguntou, desejoso de mudar de assunto.

– Sim. Ficou contente com os livros. Comentou comigo que anda à procura de um livro de cartas de Franco.

– O Matamoros. Mas se é apócrifo... Uma piada de Madariaga. Que foi que lhe disseste?

– Que já estávamos a tratar disso e lhe dizíamos alguma coisa dentro de duas semanas, no máximo.

– Bem feito. Poremos o Fermín a tratar disso e cobrar-lho-emos a peso de ouro.

Assenti. Continuámos com a aparente rotina. O meu pai continuava a olhar para mim. Aí vem, pensei.

– Ontem passou por cá uma rapariga muito simpática. Diz o Fermín que é a irmã do Tomás Aguilar?

– Sim.

O meu pai assentiu, ponderando o acaso com uma expressão de *ora-vê-lá tu*.

Concedeu-me um minuto de trégua antes de voltar ao ataque, desta vez com ar de se lembrar repentinamente de qualquer coisa.

– Ouve, a propósito, Daniel: hoje vamos ter um dia muito morto e estou cá a pensar que se calhar te apetece tirá-lo para ti e para as tuas coisas. Além disso, ultimamente parece-me que trabalhas de mais.

– Estou bem, obrigado.

– Olha que até estava a pensar em deixar o Fermín aqui e ir ao Liceo com o Barceló. Esta tarde levam o Tannhäuser e ele convidou-me, porque tem vários lugares de plateia.

O meu pai fazia de contas que lia a correspondência.

– E desde quando é que gostas de Wagner? Ele encolheu os ombros.

– A cavalo dado... Aliás com o Barceló não interessa qual é a ópera que levam, porque ele passa toda a representação a comentar a jogada e a criticar o vestuário e o ritmo. Pergunta-me muito por ti. Vê lá se um dia o vais ver à loja.

– Um dia destes.

– Então, se achas bem, hoje deixamos o Fermín ao comando e nós vamo-nos divertir um bocado, que já é tempo. E se precisares de algum dinheiro...

– Papá, a Bea não é minha namorada.

– E quem é que fala de namoradas? Nada disso. É lá contigo. Se precisares, tira da caixa, mas deixa uma nota para o Fermín depois não se assustar ao fechar o dia.

Dito isto, fez-se distraído e perdeu-se na parte de trás da loja com um sorriso de orelha a orelha. Consultei o relógio. Eram dez e meia da manhã. Tinha combinado encontro com Bea no claustro da universidade às cinco e, com muita pena minha, o dia ameaçava tornar-se-me mais comprido que Os Irmãos Karamazov.

Daí a pouco regressou Fermín de casa do relojoeiro e informou-nos de que um comando de vizinhas tinha montado guarda permanente para tratar do pobre don Federico, ao qual o médico tinha encontrado três costelas partidas, contusões múltiplas e uma rasgadura rectal de antologia.

– Foi preciso comprar alguma coisa? – perguntou o meu pai.

– Remédios e unguentos já tinham para abrir uma botica, pelo que me permiti levar-lhe umas flores, um frasco de água-de-colónia Nenuco e três boiões de Fruco de pêssago, que é o preferido de don Federico.

– Fez bem. Depois me diz quanto lhe devo – disse o meu pai. – E a ele, como o achou?

– Feito em caca, para quê mentir? Só de o ver encolhido na cama como um novelo, a gemer que queria morrer, deu-me uma ânsia assassina, imagine o senhor. Espetava comigo neste preciso momento armado até aos dentes na Brigada Criminal e limpava o sarampo a meia dúzia de patetas, a começar por aquela pústula supurante do Fumero.

– Isto quer é calma, Fermín. Proíbo-o terminantemente de fazer seja o que for.

– Como queira, senhor Sempere.

– E La Pepita, como está ela a reagir?

– Com uma presença de espírito exemplar. As vizinhas têm-na dopada à

base de baldes de *brandy* e quando a vi tinha caído inerte em torpor no sofá, onde ressonava como um varrasco e expelia umas bufas que perfuravam a tapeçaria.

– Génio e figura. Fermín, vou-lhe pedir que fique hoje na loja, que eu vou num instante ver don Federico. Depois fiquei de me encontrar com Barceló. E o Daniel tem coisas a fazer.

Ergui a vista mesmo a tempo para surpreender Fermín e o meu pai a trocarem um olhar de cumplicidade.

– Que belo par de casamenteiras! – disse eu.

Ainda se riam de mim quando saí a porta a deitar faíscas.

Varria as ruas uma brisa fria e cortante que semeava pinceladas de vapor à sua passagem. Um sol incisivo arrancava ecos de cobre ao horizonte de telhados e campanários do bairro gótico. Faltavam ainda várias horas para o meu encontro com Bea no claustro da universidade e decidi tentar a sorte e ir visitar Nuria Monfort, com a esperança de que ainda morasse na direcção que o pai me tinha proporcionado tempos atrás.

A Praça de San Felipe Neri é apenas um respiradouro no labirinto de ruas que tecem o bairro gótico, oculta atrás das antigas muralhas romanas. Os impactos do fogo de metralhadora nos dias da guerra salpicam os muros da igreja. Naquela manhã, um grupo de miúdos brincava aos soldados, alheio à memória das pedras. Uma mulher jovem, com o cabelo sulcado de madeixas prateadas, contemplava-os sentada num banco, com um livro entreaberto nas mãos e um sorriso ausente. De acordo com as indicações, Nuria morava num edifício no umbral da praça. Podia ainda ler-se a data de construção no arco de pedra enegrecida que coroava a porta da rua, 1801. O saguão mal deixava adivinhar um compartimento de sombras pelo qual subia uma escada enrolada numa espécie de espiral. Consultei a colmeia de caixas de correio de latão.

Os nomes dos inquilinos podiam ler-se nuns pedaços de cartolina amarelenta inseridos numa ranhura como de costume.

Miquel Moliner / Nuria Monfort

3.º-2.a

Subi lentamente, quase receando que o imóvel se desmoronasse caso me atrevesse a pisar com firmeza aqueles degraus diminutos, de casa de bonecas. Havia duas portas por patamar, sem número nem distinção. Ao chegar ao terceiro escolhi uma ao acaso e bati com os nós dos dedos. A escada cheirava a humidade, a pedra envelhecida e a argila. Bati várias vezes sem obter resposta. Decidi tentar a sorte

com a outra porta. Bati três vezes com o punho. Dentro do andar podia ouvir-se um rádio a todo o volume transmitindo o programa «Momentos para a Reflexão com o padre Martin Calzado».

Abriu-me a porta uma senhora de roupão acolchoado aos quadrados azulturquesa, pantufas e um capacete de rolos. Na penúria de luz pareceu-me um mergulhador. Atrás dela, a voz aveludada do padre Martin Calzado dedicava umas palavras ao patrocinador do programa, os produtos de beleza Aurorín, predilectos dos peregrinos ao santuário de Lourdes e verdadeiro remédio santo para pústulas e verrugas irreverentes.

– Boa tarde. Estava à procura da senhora Monfort.

– A Nurieta? Enganou-se na porta, jovem. É ali em frente.

– Desculpe, minha senhora. É que bati e ninguém estava.

– Não será um credor, pois não? – perguntou de imediato a vizinha, com o receio da experiência.

– Não. Venho da parte do pai da senhora Monfort.

– Ah, bom. A Nurieta deve estar lá em baixo, a ler. Não a viu ao subir?

Ao descer à rua verifiquei que a mulher dos cabelos prateados e do livro nas mãos continuava varada no seu banco da praça. Observei-a detidamente.

Nuria Monfort era uma mulher mais que atraente, de traços talhados para figurinos de moda e retratos de estúdio, à qual a juventude parecia escapar-se pelo olhar. Havia qualquer coisa do pai naquela figura frágil e pincelada. Imaginei que devia rondar os quarenta e poucos, deixando-me levar, porventura, pelos traços de cabelo prateado e pelas linhas que fanavam um rosto que, à média luz, teria podido passar por dez anos mais novo.

– Senhora Monfort?

Olhou-me como quem desperta de um transe, sem me ver.

– O meu nome é Daniel Sempere. O seu pai deu-me os seus elementos há algum tempo e disse-me que talvez me pudesse falar de Julián Carax.

Ao ouvir estas palavras, toda a expressão de devaneio se desvaneceu do seu rosto. Depreendi que não tinha sido acertado mencionar o pai.

– O que é que quer? – perguntou com receio.

Senti que, se não ganhasse a sua confiança naquele mesmo instante, teria perdido a minha oportunidade. A única cartada que podia jogar era dizer a verdade.

– Permita-me que me explique. Há oito anos, quase por acaso, encontrei no Cemitério dos Livros Esquecidos um romance de Julián Carax que a senhora lá tinha escondido para evitar que um homem que dá pelo nome de Laín Coubert o destruísse – disse eu.

Olhou-me fixamente, imóvel, como se temesse que o mundo se fosse desmoronar à sua volta.

- Só lhe vou roubar uns minutos – acrescentei. – Prometo-lho. Assentiu, abatida.
- Como está o meu pai? – perguntou, evitando o meu olhar.
- Bem. Agora um pouco mais velho. Tem muitas saudades suas. Nuria Monfort deixou escapar um suspiro que não consegui decifrar.
- O melhor é vir lá a casa. Não quero falar disto na rua.

20.

Nuria Monfort vivia em sombras. Um estreito corredor conduzia à sala de jantar que fazia as vezes de cozinha, biblioteca e escritório. De caminho pude entrever um quarto de dormir modesto, sem janelas. Aquilo era tudo. O resto da habitação reduzia-se a uma minúscula casa de banho, sem duche nem lavatório, pela qual penetrava todo o tipo de aromas, desde os cheiros do bar de baixo ao hálito de canalizações e tubagens que rondavam o século. Aquela casa jazia em perpétua penumbra, uma varanda de escuridões sustida entre paredes desbotadas. Cheirava a tabaco negro, a frio e a ausências. Nuria Monfort observava-me enquanto eu fingia não reparar no carácter precário da sua residência.

– Vou à rua ler porque no andar quase não há luz – disse. – O meu marido prometeu oferecer-me um candeeiro flexível quando voltar a casa.

– O seu marido está de viagem?

– O Miquel está na prisão.

– Desculpe, não sabia...

– Não tinha obrigação nenhuma de saber. Não me envergonha dizer-lho, porque o meu marido não é um criminoso. Desta última vez levaram-no por escrever oitavas para o sindicato dos metalúrgicos. Isso já faz dois anos. Os vizinhos julgam que está na América, de viagem. O meu pai também não sabe, e eu não gostaria que ficasse a saber.

– Fique descansada. Por mim não o há-de saber – disse eu.

Urdu-se um silêncio tenso e imaginei que ela via em mim um espião de Isaac.

– Deve ser difícil governar a casa sozinha – disse eu tontamente, para preencher aquele vazio.

– Não é fácil. Tiro o que posso com as traduções, mas com o meu marido na prisão não dá para grande coisa. Os advogados depenaram-me e estou cheia de dívidas até ao pescoço. Traduzir dá quase tão pouco como escrever.

Observou-me como se esperasse alguma resposta. Limitei-me a sorrir docilmente.

– A senhora traduz livros?

– Já não. Agora comecei a traduzir impressos, contratos e documentos de alfândega, porque são muito mais bem pagos. Traduzir literatura rende uma miséria, embora um pouco mais que escrevê-la, para dizer a verdade.

A administração do condomínio já tentou pôr-me um par de vezes na rua.

Atrasar-me nos pagamentos das despesas do condomínio é o menos. Imagine você, falando línguas e andando de calças. Não é um nem dois que me acusam de ter neste andar uma casa de encontros. Outro galo me cantaria...

Esperei que a penumbra ocultasse o meu rubor.

– Desculpe. Não sei por que lhe conto tudo isto. Estou a envergonhá-lo.

– A culpa é minha. Eu é que perguntei.

Riu-se, nervosa. A solidão que se soltava daquela mulher queimava.

– Você parece-se um pouco com o Julián – disse de repente. – Na maneira de olhar e nos gestos. Ele fazia como você. Ficava calado, a olhar para a pessoa sem que ela conseguisse saber o que pensava, e a pessoa ia e como uma parva contava-lhe coisas que mais valia estar calada... Posso oferecer-lhe alguma coisa? Café com leite?

– Nada, obrigado. Não se incomode.

– Não é maçada nenhuma. Ia fazer um para mim.

Houve qualquer coisa que me fez desconfiar que aquele café com leite era toda a sua refeição do meio-dia. Declinei novamente o convite e via retirar-se para um canto da casa de jantar onde havia um forno eléctrico.

– Fique à vontade – disse, virando-me as costas.

Olhei em meu redor e perguntei a mim mesmo como Nuria Monfort tinha o escritório numa secretária que ocupava a esquina ao pé da varanda. Uma máquina de escrever Underwood repousava junto de um candeeiro e uma estante repleta de dicionários e manuais. Não havia fotografias de família, mas a parede em frente da secretária estava coberta de postais, todos eles imagens de uma ponte que me lembrava ter visto algures mas que não consegui identificar, talvez Paris ou Roma. Ao pé deste mural, a secretária respirava uma arrumação e uma meticulosidade quase obsessiva. Os lápis estavam afiados e alinhados na perfeição. Os papéis e pastas estavam ordenados e dispostos em três fileiras simétricas. Quando me volvei apercebi-me de que Nuria Monfort me observava do umbral do corredor. Contemplava-me em silêncio, como se olham os estranhos na rua ou no metro. Acendeu um cigarro e permaneceu onde estava, com o rosto velado nas volutas de fumo azul. Pensei que Nuria Monfort destilava, a contragosto, traços de mulher fatal, daquelas que deslumbravam Fermín quando apareciam entre as trevas de uma estação de Berlim envoltas em halos de luz impossível, e que talvez o seu próprio aspecto a aborrecesse.

– Não há muito que contar – começou. – Conheci o Julián há mais de vinte anos, em Paris. Naquela altura eu trabalhava para a editora Cabestany. O senhor Cabestany tinha adquirido os direitos dos romances do Julián por dez pesetas. Eu tinha começado a trabalhar no departamento de administração, mas quando o senhor Cabestany soube que falava francês, italiano e um pouco de alemão, pôs-me a tratar das aquisições e fez-me sua secretária pessoal. Entre as minhas funções contava-se manter a correspondência com autores e editores estrangeiros com quem a editora tinha relações, e foi assim que entrei em contacto com Julián Carax.

– O seu pai contou-me que eram bons amigos.

– O meu pai deve ter-lhe dito que tivemos uma aventura, ou coisa assim.

Não é verdade? Segundo ele, eu desato a correr atrás de qualquer par de calças como se fosse uma cadela no cio.

A sinceridade e o desembaraço daquela mulher roubavam-me as palavras.

Tardei demasiado a urdir uma resposta aceitável. Por essa altura, Nuria Monfort sorria de si para si e abanava a cabeça.

– Não lhe ligue. O meu pai foi buscar essa ideia a uma viagem que tive de fazer a Paris no ano de 33 para resolver uns assuntos do senhor Cabestany com a Gallimard. Estive uma semana na cidade e hospedei-me no apartamento do Julián pela simples razão de que o senhor Cabestany preferia poupar o dinheiro do hotel. Está a ver que romântico. Até então tinha mantido a minha relação com Julián Carax estritamente por carta, normalmente para tratar de assuntos de direitos de autor, provas tipográficas e questões de edição. O que sabia dele, ou imaginava, tinha-o tirado da leitura dos manuscritos que nos enviava.

– Ele contava-lhe alguma coisa acerca da sua vida em Paris?

– Não. O Julián não gostava de falar dos seus livros ou de si mesmo.

Não me pareceu que fosse feliz em Paris, embora me desse a impressão de que era uma daquelas pessoas que não podem ser felizes em lado nenhum.

A verdade é que nunca cheguei a conhecê-lo a fundo. Ele não deixava.

Era um homem muito reservado e às vezes parecia-me que o mundo e as pessoas tinham deixado de lhe interessar. O senhor Cabestany tinha-o por muito tímido e um tanto lunático, mas a mim pareceu-me que o Julián vivia no passado, encerrado com as suas recordações. O Julián vivia portas adentro, para os seus livros e dentro deles, como um prisioneiro de luxo.

– Diz isso como se o invejasse.

– Há prisões piores que as palavras, Daniel.

Limitei-me a acenar afirmativamente, sem saber muito bem a que se referia ela.

– O Julián falava alguma vez dessas recordações, dos seus anos em Barcelona?

– Muito pouco. Na semana que estive em casa dele, em Paris, contou-me alguma coisa sobre a família. A mãe era francesa, professora de música.

O pai tinha uma chapelaria, ou coisa assim. Sei que era um homem muito religioso, muito austero.

– O Julián explicou-lhe o tipo de relação que tinha com ele?

– Sei que se davam como o cão e o gato. A coisa vinha de longe. De facto, a razão de ser da ida do Julián para Paris foi evitar que o pai o pusesse no Exército. A mãe tinha-lhe prometido que, antes que tal sucedesse, o levaria para longe daquele homem.

– Esse homem era o pai dele, no fim de contas.

Nuria Monfort sorriu. Fazia-o apenas com uma insinuação na comissura dos lábios e um brilho triste e fatigado no olhar.

– Mesmo que o fosse, nunca se comportou como tal e o Julián nunca o considerou assim. Numa ocasião confessou-me que, antes de se casar, a mãe tivera uma aventura com um desconhecido cujo nome nunca quis revelar. Esse homem era o verdadeiro pai do Julián.

– Isso parece o começo de *A Sombra do Vento*. Acha que ele lhe contou a verdade?

Nuria Monfort assentiu.

– O Julián explicou-me que tinha crescido vendo a maneira como o chapeleiro, porque era assim que lhe chamava, insultava e batia na mãe.

Depois entrava no quarto do Julián para lhe dizer que era filho do pecado, que tinha herdado o carácter débil e miserável da mãe e que ia ser toda a vida um desgraçado, um falhado em qualquer coisa que se propusesse.

– O Julián sentia rancor em relação ao pai?

– O tempo esfria estas coisas. Nunca me pareceu que o Julián o odiasse.

Talvez tivesse sido melhor assim. A minha impressão é que tinha perdido completamente o respeito ao chapeleiro à força de tanta fita. O Julián falava disso como se não lhe importasse, como se fizesse parte de um passado que tinha deixado para trás, mas essas coisas nunca se esquecem. As palavras com que se envenena o coração de um filho, por mesquinhez ou por ignorância, ficam enquistadas na memória e mais tarde ou mais cedo queimam-lhe a alma.

Perguntei a mim mesmo sealaria por experiência própria e veio-me de novo à mente a imagem do meu amigo Tomás Aguilar a ouvir estoicamente as arengas do seu angustiado progenitor.

– Que idade tinha então o Julián?

– Oito ou dez anos, imagino. Suspirei.

– Mal teve idade de entrar para o Exército, a mãe levou-o para Paris.

Não me parece que se tenham sequer despedido. O chapeleiro nunca

entendeu que a família o abandonasse.

– Ouviu o Julián mencionar alguma vez uma rapariga chamada Penélope?

– Penélope? Acho que não. Havia de me lembrar.

– Era uma namorada dele, de quando ainda vivia em Barcelona.

Extraí uma fotografia de Carax e Penélope Aldaya e estendi-lha. Vi que se lhe iluminava o sorriso ao ver um Julián Carax adolescente.

Devoravam-na a nostalgia, a perda.

– Que novinho que ele era aqui... Esta é que é a tal Penélope? Fiz um gesto afirmativo.

– Muito gira. O Julián arranjava sempre maneira de acabar rodeado de mulheres bonitas.

Como a senhora, pensei.

– Sabe se tinha muitas...?

Aquele sorriso de novo, à minha custa.

– Namoradas? Amigas? Não sei. Para dizer a verdade, nunca o ouvi falar de nenhuma mulher na vida. Uma vez, para o espicaçar, perguntei-lhe.

Deve saber que ele ganhava a vida tocando piano numa casa de alterne.

Perguntei-lhe se não se sentia tentado, todo o dia rodeado de beldades de virtude fácil. Não achou graça à piada. Respondeu-me que ele não tinha direito de amar ninguém, que merecia estar sozinho.

– Disse porquê?

– O Julián nunca dizia o porquê.

– Mesmo assim, pouco antes de regressar a Barcelona em 1936, o Julián Carax ia-se casar.

– Foi o que se disse.

– A senhora duvida? Encolheu os ombros, céptica.

– Como lhe digo, em todos os anos que nos conhecemos, o Julián nunca me tinha mencionado nenhuma mulher em especial, e muito menos uma com a qual se fosse casar. Isso do suposto casamento chegou-me aos ouvidos mais tarde. Neuval, o último editor de Carax, contou a Cabestany que a noiva era uma mulher vinte anos mais velha que o Julián, uma viúva endinheirada e doente. Segundo Neuval, essa mulher tinha andado a mantê-lo durante anos. Os médicos davam-lhe seis meses de vida, quando muito um ano. Segundo Neuval, ela queria casar-se com o Julián para que ele fosse o seu herdeiro.

– Mas a cerimónia nunca chegou a realizar-se.

– Se é que alguma vez existiu tal plano ou tal viúva.

– Ao que me consta, Carax viu-se envolvido num duelo, ao amanhecer do mesmo dia em que ia contrair matrimónio. Sabe com quem ou porquê?

– Neuval supôs que se tratava de alguém relacionado com a viúva. Um

parente afastado e cobiçoso que receava ver a herança ir parar às mãos de um adventício. Neuval publicava sobretudo folhetins, e parece-me que o género lhe tinha subido à cabeça.

– Vejo que não dá muito crédito à história do casamento e do duelo.

– Não. Nunca acreditei nela.

– Que acha então que aconteceu? Por que regressou Carax a Barcelona?

Sorriu com tristeza.

– Há dezessete anos que faço a mim mesma essa pergunta.

Nuria Monfort acendeu outro cigarro. Ofereceu-me um. Senti-me tentado a aceitar, mas disse que não com a cabeça.

– Mas deve ter alguma suspeita – sugeri.

– Tudo o que sei é que no Verão de 1936, pouco depois de deflagrar a guerra, um funcionário da morgue municipal telefonou para a editora a dizer que tinham recebido três dias antes o cadáver de Julián Carax.

Tinham-no encontrado morto numa viela do Raval, andrajosamente vestido e com uma bala no coração. Trazia com ele um livro, um exemplar de *A Sombra do Vento*, e o passaporte. O carimbo indicava que tinha atravessado a fronteira com a França um mês antes. Onde estivera durante esse tempo, ninguém sabe. A polícia contactou o pai, mas este negou-se a tomar conta do corpo alegando que não tinha nenhum filho.

Passados dois dias sem que ninguém reclamasse o cadáver, foi enterrado numa vala comum no cemitério de Montjuic. Não pude sequer levar-lhe umas flores, porque ninguém me soube dizer onde tinha sido enterrado. O funcionário da morgue, que ficara com o livro que encontrara no casaco do Julián, teve a ideia de telefonar dias depois para a editora Cabestany. Foi assim que eu soube do sucedido. Não consegui perceber.

Se restava alguém ao Julián a quem recorrer em Barcelona, era eu, ou quando muito o senhor Cabestany. Éramos os seus únicos amigos, mas nunca nos disse que tinha voltado. Apenas soubemos que tinha regressado a Barcelona depois de morto...

– Conseguiu averiguar mais alguma coisa depois de receber a notícia?

– Não. Eram os primeiros meses da guerra e o Julián não era o único que tinha desaparecido sem deixar rasto. Já ninguém fala disso, mas há muitas sepulturas sem nome como a do Julián. Perguntar era como bater com a cabeça na parede. Com a ajuda do senhor Cabestany, que por essa altura já estava muito doente, apresentei queixa à polícia e puxei todos os cordelinhos que pude. A única coisa que consegui foi receber a visita de um inspector jovem, um tipo sinistro e arrogante, que me disse que o melhor era deixar de fazer perguntas e concentrar os meus esforços numa atitude mais positiva, porque o país estava em plena cruzada. Foram estas as suas

palavras. Chamava-se Fumero, é tudo o que recordo. Agora parece que é uma grande personagem. Mencionam-no muito nos jornais. Se calhar já ouviu falar dele.

Engoli em seco.

– Vagamente.

– Não voltei a ouvir falar do Julián até que um indivíduo se pôs em contacto com a editora e se interessou por adquirir os exemplares que restassem em armazém dos romances de Carax.

– Laín Coubert.

Nuria Monfort acenou afirmativamente.

– Tem ideia de quem era esse homem?

– Tenho uma suspeita, mas não estou segura. Em Março de 1936, lembro-me porque nessa altura estávamos a preparar a edição de *A Sombra do Vento*, uma pessoa telefonou para a editora a pedir a direcção dele. Disse que era um velho amigo e que queria visitar o Julián em Paris. Fazer-lhe uma surpresa. Passaram-mo a mim e eu disse que não estava autorizada a dar-lhe essa informação.

– Disse-lhe quem era?

– Um tal Jorge.

– Jorge Aldaya?

– É possível. O Julián tinha-o mencionado em mais de uma ocasião.

Parece-me que tinham estudado juntos no colégio de San Gabriel e que às vezes se referia a ele como se tivesse sido o seu melhor amigo.

– Sabia que Jorge Aldaya era o irmão da Penélope? Nuria Monfort franziu o cenho, desconcertada.

– Deu a direcção do Julián em Paris ao Aldaya? – perguntei.

– Não. Fiquei de pé atrás.

– Que disse ele?

– Riu-se de mim, disse-me que logo a arranjaria por outra via e desligou-me o telefone.

Parecia haver qualquer coisa a carcomê-la. Comecei a suspeitar onde nos conduzia a conversa.

– Mas voltou a ouvir falar dele, não é assim? Ela assentiu nervosamente.

– Como lhe dizia, pouco tempo depois do desaparecimento do Julián, aquele homem apareceu na editora Cabestany. Por essa altura, o senhor Cabestany já não podia trabalhar e era o filho mais velho que tinha tomado conta da empresa. O visitante, Laín Coubert, ofereceu-se para comprar todos os restos de existências que houvesse dos romances do Julián. Eu pensei que devia tratar-se de uma piada de mau gosto. Laín Coubert era uma personagem de *A Sombra do Vento*.

– O diabo.

Nuria Monfort fez um gesto de assentimento.

– Chegou a ver Laín Coubert?

Fez que não e acendeu o seu terceiro cigarro.

– Não. Mas ouvi parte da conversa com o filho no gabinete do senhor Cabestany.

Deixou a frase pendurada, como se receasse completá-la ou não soubesse como fazê-lo. Tremia-lhe o cigarro nos dedos.

– A voz dele – disse. – Era a mesma voz do homem que tinha telefonado dizendo ser Jorge Aldaya. O filho do Cabestany, um imbecil arrogante, quis pedir-lhe mais dinheiro. O tal Coubert disse que tinha de pensar na oferta. Nessa mesma noite, o armazém da editora em Pueblo Nuevo ardeu, e com ele os livros do Julián.

– Menos os que a senhora salvou e escondeu no Cemitério dos Livros Esquecidos.

– Assim é.

– Tem alguma ideia do motivo pelo qual alguém quereria queimar todos os livros de Julián Carax?

– Por que é que se queimam os livros? Por estupidez, por ignorância, por ódio... vá-se lá saber.

– Por que acha a senhora que foi? – insisti.

– O Julián vivia nos seus livros. Aquele corpo que acabou na morgue era apenas uma parte dele. A sua alma está nas suas histórias. Numa ocasião perguntei-lhe em quem se inspirava para criar as suas personagens e ele respondeu-me que em ninguém. Que todas as suas personagens eram ele próprio.

– Então, se alguém quisesse destruí-lo, teria de destruir essas histórias e essas personagens, não é assim?

Aquele sorriso abatido, de derrota e cansaço, aflorou de novo.

– Você faz-me lembrar o Julián – disse. – Antes de perder a fé.

– A fé em quê?

– Em tudo.

Aproximou-se na penumbra e pegou-me na mão. Acariciou-me a palma em silêncio, como se quisesse ler-me as linhas na pele. A mão tremia-me sob o seu contacto. Fiquei surpreso comigo mesmo a desenhar mentalmente o contorno do seu corpo sob aquelas roupas envelhecidas, de empréstimo.

Desejava tocá-la e sentir a pulsação a arder-lhe debaixo da pele. Os nossos olhares tinham-se encontrado e tive a certeza de que ela sabia o que eu estava a pensar. Senti-a mais sozinha que nunca. Ergui os olhos e encontrei-me com o seu olhar sereno, de abandono.

– O Julián morreu sozinho, convencido de que ninguém se ia lembrar dele nem dos seus livros e de que a sua vida não tinha significado nada - disse ela. – Ele teria gostado de saber que alguém o queria manter vivo, que o recordava. Ele

costumava dizer que existimos enquanto alguém nos recorda.

Invadiu-me o desejo quase doloroso de beijar aquela mulher, uma ânsia como nunca tinha experimentado, nem sequer convocando o fantasma de Clara Barceló. Ela leu-me o olhar.

– Faz-se tarde para si, Daniel – murmurou.

Uma parte de mim desejava ficar, perder-se naquela estranha intimidade de penumbras com aquela desconhecida e ouvi-la dizer como os meus gestos e silêncios lhe recordavam Julián Carax.

– Sim – balbuciei.

Acenou afirmativamente sem dizer nada e acompanhou-me até à porta. O corredor afigurou-se-me eterno. Abriu-me a porta e saí para o patamar.

– Se vir o meu pai, diga-lhe que estou bem. Minta-lhe.

Despedi-me dela a meia-voz, agradecendo-lhe o seu tempo e oferecendo-lhe cordialmente a mão. Nuria Monfort ignorou o meu gesto formal. Pôs-me as mãos sobre os braços, inclinou-se e beijou-me na face. Olhámo-nos em silêncio e desta vez aventurei-me a procurar os seus lábios, quase a tremer. Pareceu-me que se entreabriam e que os seus dedos procuravam o meu rosto. No último instante, Nuria Monfort recuou e baixou o olhar. – Acho que é melhor ir-se embora, Daniel – sussurrou. Pareceu-me que ia chorar e, antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, fechou-me a porta. Fiquei no patamar e senti a sua presença do outro lado da porta, imóvel, perguntando a mim mesmo o que tinha acontecido ali dentro. Do outro lado do patamar, a vigia da vizinha pestanejava. Enderecei-lhe um cumprimento e lancei-me pelas escadas abaixo. Quando cheguei à rua ainda levava o seu rosto, a sua voz e o seu cheiro cravados na alma.

Arrastei o roçar dos seus lábios e do seu hálito sobre a pele por ruas repletas de gente sem rosto que escapava de gabinetes e lojas. Ao meter pela Rua Canuda investi contra mim uma brisa gelada que cortava o bulício. Agradei o ar frio no rosto e encaminhei-me para a universidade. Ao atravessar as Ramblas abri caminho até à Rua Tallers e perdi-me no seu estreito canhão de penumbras, pensando que tinha ficado aprisionado naquela casa de jantar escura na qual imaginava agora Nuria Monfort sentada a sós na sombra, a arrumar os seus lápis, as suas pastas e as suas recordações em silêncio, com os olhos envenenados de lágrimas.

21.

Abateu-se a tarde quase à traição, com um hálito frio e um manto púrpura que resvalava entre os resquícios das ruas. Apertei o passo e vinte minutos mais

tarde a fachada da universidade emergiu como um navio ocre varado na noite. O porteiro da Faculdade de Letras lia na sua guarita as penas mais influentes da Espanha do momento na edição da tarde de El Mundo Deportivo. Já quase não pareciam restar estudantes no recinto. O eco dos meus passos acompanhou-me através dos corredores e galerias que conduziam ao claustro, onde o rubor das luzes amarelentas mal inquietava a penumbra. Assaltou-me a ideia de que Bea me tinha pregado uma partida e me marcara encontro ali àquela hora de ninguém para se vingar da minha presunção. As folhas das laranjeiras do claustro pestanejavam como lágrimas de prata e o rumor da fonte serpenteava entre os arcos. Auscultei o pátio com o olhar a misturar decepção e, porventura, um certo alívio cobarde. Ali estava. A sua silhueta recortava-se diante da fonte, sentada num dos bancos a escalar com o olhar as abóbadas do claustro.

Detive-me no umbral para a contemplar e, por um instante, pareceu-me ver nela o reflexo de Nuria Monfort a sonhar acordada no seu banco da praça. Reparei que não trazia a pasta nem os livros e suspeitei de que talvez não tivesse tido aulas nessa tarde. Talvez tivesse comparecido ali somente para se encontrar comigo. Engoli em seco e penetrei no claustro. Os meus passos no empedrado denunciaram-me e Bea ergueu a vista, sorrindo surpreendida, como se a minha presença ali fosse um acaso.

– Julguei que não vinhas – disse Bea.

– Isso mesmo pensava eu – retruquei.

Permaneceu sentada, muito direita, com os joelhos apertados e as mãos recolhidas sobre o regaço. Perguntei a mi mesmo como era possível sentir alguém tão longe e, no entanto, poder ler cada prega dos seus lábios.

– Vim porque te quero demonstrar que estavas enganado no que disseste no outro dia, Daniel. Que vou casar com o Pablo e que, seja o que for que me mostres esta noite, vou para El Ferrol assim que ele acabar o serviço militar.

Olhei-a como se olha um comboio que se escapa. Apercebi-me de que tinha passado os dias a caminhar sobre nuvens e caiu-me o mundo das mãos.

– E eu pensava que tinhas vindo porque te apetecia ver-me. – Sorri sem forças.

Observei que se lhe afogava o rosto de acanhamento.

– Estava a brincar – menti. – O que era a sério era a minha promessa de te mostrar uma faceta da cidade que ainda nunca viste. Pelo menos, assim terás um motivo para te lembrares de mim, ou de Barcelona, para onde quer que vás.

Bea sorriu com uma certa tristeza e evitou o meu olhar.

– Estive vai-não-vai para me enfiar num cinema, sabes? Para não te ver hoje – disse ela.

– Porquê?

Bea observava-me em silêncio. Encolheu os ombros e ergueu os olhos como se quisesse caçar palavras em voo que lhe fugiam.

– Porque tinha medo de que porventura tivesses razão – disse finalmente. Suspirei. Amparava-nos o anoitecer e aquele silêncio de abandono que une os estranhos, e senti-me com coragem para dizer não importava o quê, mesmo que fosse pela última vez.

– Gostas dele ou não?

Ofereceu-me um sorriso que se desfazia pelas costuras.

– Não tens nada com isso.

– Isso é verdade – disse eu. – Só tu é que tens. Esfriou-se-lhe o olhar.

– E a ti que mais te dá?

– Não tens nada com isso – disse eu. Não sorriu. Tremiam-lhe os lábios.

– As pessoas que me conhecem sabem que aprecio o Pablo. A minha família e...

– Mas eu sou quase um estranho – interrompi. – E gostaria de o ouvir da tua boca.

– Ouvir o quê?

– Que gostas dele a sério. Que não te casas com ele para sair de casa, ou para deixar Barcelona e a tua família longe, onde não te possam fazer mal. Que partes e não que foges.

Brilhavam-lhe os olhos de lágrimas de raiva.

– Não tens o direito de me dizer isso, Daniel. Tu não me conheces.

– Diz-me que estou enganado e vou-me embora. Gostas dele? Olhámo-nos por um longo espaço de tempo em silêncio.

– Não sei – murmurou por fim. – Não sei.

– Alguém disse uma vez que no momento em que paramos a pensar se gostamos de alguém, já deixámos de gostar dessa pessoa para sempre – disse eu.

Bea procurou a ironia no meu rosto.

– Quem disse isso?

– Um tal Julián Carax.

– Amigo teu?

Fiquei surpreso comigo mesmo a assentir.

– Mais ou menos.

– Vais ter de mo apresentar.

– Esta noite, se quiseses.

Deixámos a universidade sob um céu incendiado de nódoas negras.

Caminhávamos sem rumo fixo, mais para nos acostumarmos ao passo um do outro do que para chegar a qualquer sítio. Refugiámo-nos no único assunto que tínhamos em comum, o seu irmão Tomás. Bea falava dele como de um estranho de

quem se gosta, mas se conhece mal. Fugia ao meu olhar e sorria nervosamente. Senti que se arrependia do que me tinha dito no claustro da universidade, que ainda lhe doíam as palavras que a comiam por dentro.

– Ouve, sobre aquilo que te disse há bocado – disse de repente, sem vir a propósito -, não vais contar nada ao Tomás, não é verdade?

– Claro que não. A ninguém.

Riu nervosa.

– Não sei o que me deu. Não te ofendas, mas às vezes uma pessoa sente-se mais à vontade para falar com um estranho do que com as pessoas que conhece. Por que será?

Encolhi os ombros.

– Provavelmente porque um estranho nos vê como somos, e não como quer acreditar que somos.

– Isso também é do teu amigo Carax?

– Não, isto acabo eu de inventar para te impressionar.

– E como me vês tu a mim?

– Como um mistério.

– Esse é o elogio mais estranho que alguma vez me fizeram.

– Não é um elogio. É uma ameaça.

– Porquê?

– Os mistérios é preciso resolvê-los, averiguar o que escondem.

– Se calhar decepçionas-te ao ver o que há lá dentro.

– Se calhar surpreendo-me. E tu também.

– O Tomás não me tinha dito que tivesses tanta lata.

– É que a pouca que tenho a reservo toda para ti.

– Porquê?

Porque me metes medo, pensei.

Refugiámo-nos num velho café ao pé do teatro Poliorama. Retirámo-nos para uma mesa junto à janela e pedimos uns sanduíches de presunto serrano e um par de cafés com leite para nos aquecermos. Daí a pouco o empregado, um tipo esquelético com máscara de diabrete, aproximou-se da mesa com ar oficioso.

– Foro os chores que pedira a sande de presunto?

Fizemos que sim.

– Sinto munto comunicar-les, em nome da drêção, que já na temos nem uma lasca de presunto. Posso oferecer-les choriço preto, de carne, misto, almongas ou chitorras(*I). Géneros de premeira, fesquíssimos. Tamãe tenho sardinhas descabeche, pró caso de na poderem engerir produtos de carne por motivos de consçência regiosa.

**1. Chistorra é um enchido de origem Navarra, com carne de porco e de vaca, entremeada e toucinho, que se come principalmente frito. A queda do «s» corresponde à pronúncia peculiar do indivíduo. (N. T.)*

Come sexta-feira...

– Eu com o café com leite já fico bem, palavra – respondeu Bea. Eu estava a morrer de fome.

– E se nos arranjasse duas de batatas fritas com molho picante? – disse eu.
– E um pouco de pão também, por favor.

– É pa já, cavalheiro. E esculpem lá a falta de géneros. Normalmente tenho de tu, até caviá bolchevique. Mas esta tarde foi a semifinal da Taça Doropa e caiu-nos cá um rô de pessoal. Ca ganda jogo!

O empregado afastou-se com ar cerimonioso. Bea observava-o, divertida.

– Onde é este sotaque? Jaén?

– Santa Coloma de Gramanet – precisei. – Tu andas pouco de metro, não andas?

– O meu pai diz que o metro anda cheio de gentalha e que, se uma pessoa anda sozinha, os ciganos lhe deitam a mão.

Ia a dizer qualquer coisa, mas calei-me. Bea riu. Mal chegaram os cafés e a comida, pus-me a dar conta de tudo aquilo sem pretensões de delicadeza. Bea não comeu nada. Com ambas as mãos à volta da chávena fumegante, observava-me com um meio sorriso, entre a curiosidade e o espanto.

– E então, o que é que me vais mostrar hoje que eu ainda nunca vi?

– Várias coisas. De facto, o que te vou mostrar faz parte de uma história. Não me disseste no outro dia que do que gostavas era de ler?

Bea fez que sim, arqueando as sobrancelhas.

– Pois bem, esta é uma história de livros.

– De livros?

– De livros malditos, do homem que os escreveu, de uma personagem que se escapou das páginas de um romance para o queimar, de uma traição e de uma amizade perdida. É uma história de amor, de ódio e dos sonhos que vivem na sombra do vento.

– Falas como a badana de um romance barato, Daniel.

– Deve ser porque trabalho numa livraria e vi demasiados. Mas esta é uma história real. Tão certa como este pão que nos serviram ter pelo menos três dias. E, como todas as histórias reais, começa e acaba num cemitério, embora não o género de cemitério que imaginas.

Sorriu como fazem as crianças às quais se promete uma adivinha ou um truque de magia.

– Sou toda ouvidos.

Esgotei o último gole de café e contemplei-a uns instantes em silêncio.

Pensei no muito que desejava refugiar-me naquele olhar fugidio que se temia transparente, vazio. Pensei na solidão que me ia assaltar nessa noite quando me despedisse dela, sem mais truques nem histórias com que enganar a sua companhia. Pensei no pouco que tinha para lhe oferecer e no muito que queria receber dela.

– Rangem-te os miolos, Daniel – disse ela. – Que estás tu a tramar?

Iniciei o meu relato com aquele alvorecer distante em que acordara sem conseguir recordar o rosto da minha mãe e não parei até recordar o mundo de penumbras que tinha intuído naquela mesma manhã em casa de Nuria Monfort. Bea escutava-me em silêncio com uma atenção que não revelava julgamento ou presunção. Contei-lhe a minha primeira visita ao Cemitério dos Livros Esquecidos e da noite que passara a ler *A Sombra do Vento*.

Contei-lhe do meu encontro com o homem sem rosto e daquela carta assinada por Penélope Aldaya que trazia sempre comigo sem saber porquê.

Contei-lhe que nunca tinha chegado a beijar Clara Barceló, nem ninguém, e de como me tinham tremido as mãos ao sentir o roçar dos lábios de Nuria Monfort na pele apenas umas horas atrás. Contei-lhe que até àquele momento não tinha compreendido que aquela era uma história de gente só, de ausências e de perda, e que por essa razão me tinha refugiado nela até a confundir com a minha própria vida, como quem escapa através das páginas de um romance porque aqueles que precisa de amar são apenas sombras que vivem na alma de um estranho.

– Não digas nada – murmurou Bea. – Leva-me apenas a esse sítio. Era já noite cerrada quando nos detivemos diante do portão do Cemitério dos Livros Esquecidos nas sombras da Rua Arco del Teatro. Segurei na aldraba do diabrete e bati três vezes. Soprava um vento frio impregnado de cheiro a carvão. Abrigávamo-nos debaixo do arco da entrada enquanto esperávamos. Encontrei o olhar de Bea a uns centímetros apenas do meu.

Sorria. Daí a pouco ouviram-se uns passos leves a aproximarem-se do portão e chegou-nos a voz fatigada do guardião.

– Quem vem lá? – perguntou Isaac.

– Sou o Daniel Sempere, Isaac.

Pareceu-me ouvi-lo praguejar entre dentes. Seguiram-se os mil rangidos e queixumes da fechadura kafkiana. Finalmente, a porta cedeu uns centímetros, revelando o rosto aquilino de Isaac Monfort à luz de uma candeia. Ao ver-me, o guardião suspirou e pôs os olhos em alvo.

– Eu, também, não sei por que pergunto – disse. – Quem mais poderia ser a estas horas?

Isaac estava enfiado no que me pareceu uma estranha mestiçagem de

roupão, albornoz e sobretudo do exército russo. As pantufas acolchoadas combinavam na perfeição com uma boina de lã aos quadrados, com borla e barrete.

– Espero não o ter arrancado da cama – disse eu.

– Nem pensar. Mal tinha começado a oração ao Menino Jesus. Lançou um olhar a Bea como se acabasse de ver um molho de cartuchos de dinamite acesos aos pés.

– Espero para seu bem que isto não seja o que parece – ameaçou.

– Isaac, esta é a minha amiga Beatriz e, com sua licença, gostaria de lhe mostrar este lugar. Não se preocupe, é de toda a confiança.

– Já conheci lactantes com mais senso comum do que você, Sempere.

– É só um instante.

Isaac deixou escapar um resfolego de derrota e examinou Bea com detença e receio policial.

– A menina já sabe que anda em companhia dum débil mental? Bea sorriu cortesmente.

– Começo a ter uma ideia.

– Divina inocência. Sabe as regras?

Bea fez um aceno afirmativo. Isaac abanou dissimuladamente a cabeça e fez-nos passar, auscultando como sempre as sombras da rua.

– Fui ver a sua filha Nuria – deixei cair casualmente. – Está bem.

Trabalhando muito, mas bem. Manda-lhe cumprimentos.

– Sim, e dardos envenenados. Que falta de jeito que você tem para aldrabar, Sempere! Mas agradeço-lhe o esforço. Vamos, entrem.

Uma vez lá dentro, estendeu-me a candeia e passou a fechar novamente a fechadura sem nos prestar mais atenção.

– Quando tiverem acabado, já sabem onde me encontrar.

O labirinto dos livros adivinhava-se em ângulos espectrais que despontavam sob o manto de trevas. A candeia projectava uma bolha de claridade vaporosa aos nossos pés. Bea deteve-se no umbral do labirinto, atónita. Sorri, reconhecendo no seu rosto a mesma expressão que o meu pai devia ter visto no meu anos atrás. Penetrámos nos túneis e galerias do labirinto, que rangia à nossa passagem. As marcas que eu tinha deixado na minha última incursão continuavam lá.

– Vem cá, quero-te mostrar uma coisa – disse eu. Mais de uma vez perdi o meu próprio rasto e tivemos de voltar um pouco atrás à procura do último sinal. Bea observava-me com um misto de alarme e fascinação. A minha bússola mental sugeria que a nossa rota se tinha perdido num nó de espirais que subia lentamente até às entranhas do labirinto.

Finalmente consegui refazer os meus passos no emaranhado de corredores e túneis até meter por um estreito corredor que parecia uma passarela estendida na

direcção do negrume. Ajoelhei-me junto da última estante e procurei o meu velho amigo oculto atrás da fila de volumes sepultados por uma camada de pó que brilhava como geada à luz da candeia. Tomei o livro nas mãos e estendi-o a Bea.

– Apresento-te Julián Carax.

– *A Sombra do Vento* – leu Bea acariciando as letras esvaídas da capa.

– Posso levá-lo? – perguntou.

– Todos menos esse.

– Mas isso não é justo. Depois do que me contaste, este é justamente o que eu quero.

– Um dia, talvez. Mas não hoje.

Tirei-lho das mãos e voltei a ocultá-lo no lugar.

– Voltarei sem ti e levá-lo-ei sem que tu saibas – disse ela, de brincadeira.

– Não o encontrarias em mil anos.

– Isso é o que tu julgas. Já vi as tuas marcas e eu também conheço a história do Minotauro.

– O Isaac não te deixaria entrar.

– Enganas-te. Simpatiza mais comigo do que contigo.

– Sabes lá?

– Sei ler olhares.

A contragosto, acreditei nela e escondi o meu.

– Escolhe outro qualquer. Olha, este daqui promete. *O Porco da Meseta, esse Desconhecido: em Busca das Raízes do Toucinho Ibérico*, de Anselmo Torquemada. De certeza que vendeu mais exemplares que qualquer um de Julián Carax. Do porco aproveita-se tudo.

– Este outro atraindo-me mais.

– *Tess dos Ubervilles*. É a versão original. Atreves-te com Thomas Hardy em inglês?

Olhou-me de esguelha.

– Então, está arrematado.

– Não vês? Até parece que estava à minha espera. Como se estivesse aqui escondido para mim desde antes de eu nascer.

Olhei-a, atónito. Bea franziu o sorriso.

– Que disse eu?

Nessa altura, sem pensar, mal lhe roçando os lábios, beijei-a.

Era já quase meia-noite quando chegámos à porta da rua da casa de Bea.

Tínhamos feito quase todo o caminho em silêncio, sem nos atrevermos a dizer o que pensávamos. Caminhávamos separados, escondendo-nos um do outro. Bea caminhava direita com o seu Tess debaixo do braço e eu seguia-a a um palmo, com o seu sabor nos lábios. Arrastava ainda o olhar de soslaio com que Isaac me

tinha brindado ao deixar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Era um olhar que conhecia bem e que tinha visto mil vezes no meu pai, um olhar que me perguntava se fazia a menor ideia do que estava a fazer. As últimas horas tinham transcorrido noutro mundo, um universo de roçagares, de olhares que não entendia e que aniquilavam a razão e a vergonha. Agora, de regresso àquela realidade que estava sempre à espreita nas sombras do Ensanche, o encantamento soltava-se e apenas me restava o desejo doloroso e uma inquietude que não tinha nome. Um simples olhar a Bea bastou-me para compreender que as minhas reservas eram apenas um sopro na ventania que a comia por dentro. Detivemo-nos defronte da porta da rua e olhámo-nos sem fazer sequer menção de fingir. Um guarda-nocturno cantigueiro aproximava-se sem pressa, a cantarolar boleros acompanhando-se a si próprio com o tilintar ritmado dos seus arbustos de chaves.

– Se calhar preferes que não nos voltemos a ver – alvitrei sem convicção.

– Não sei, Daniel. Não sei nada. É isso que tu queres?

– Não. Claro que não. E tu?

Encolheu os ombros, esboçando um sorriso sem força.

– O que é que achas? – perguntou. – Antes menti-te, sabes? No claustro.

– Em quê?

– Em dizer que não te queria ver hoje.

O guarda-nocturno rondava-nos brandindo um sorrisinho de esguelha, obviamente indiferente àquela minha primeira cena de porta da rua e sussurros que a ele, na sua veteranice, se devia afigurar banal e batida.

– Por mim não há pressa – disse ele. – Vou fumar um cigarrinho à esquina e logo me dirão.

Esperei que o guarda-nocturno se tivesse afastado.

– Quando é que te vou ver outra vez?

– Não sei, Daniel.

– Amanhã?

– Por favor, Daniel. Não sei.

Assenti. Ela acariciou-me a cara.

– Agora é melhor ires.

– Sabes ao menos onde me podes encontrar, não? Ela assentiu.

– Estarei à espera.

– Eu também.

Afastei-me com o olhar preso no seu. O guarda-nocturno, perito nestes lances, já acorria a abrir-lhe a porta da rua.

– Desavergonhado – sussurrou-me de passagem, não sem uma certa admiração. – Belo borracho.

Esperei até que Bea tivesse entrado no edifício e parti a passo ligeiro,

volvendo o olhar atrás a cada passo. Lentamente, invadiu-me a certeza absurda de que tudo era possível e pareceu-me que até aquelas ruas desertas e aquele vento hostil cheiravam a esperança. Ao chegar à Praça de Cataluna reparei que um bando de pombas se tinha congregado no centro da praça. Cobriam-no todo, como um manto de asas brancas que baloiçava em silêncio. Pensei em contornar o recinto, mas nesse preciso momento reparei que o bando me abria passagem sem levantar voo. Avancei às apalpadelas, observando como as pombas se afastavam à minha passagem e voltavam a cerrar fileiras atrás de mim. Ao chegar ao centro da praça ouvi o rumor dos sinos da catedral a repicar a meia-noite.

Detive-me um instante, varado num oceano de aves prateadas, e pensei que aquele tinha sido o dia mais estranho e maravilhoso da minha vida.

22.

Ainda havia luz na livraria quando passei em frente da montra. Pensei que talvez o meu pai tivesse ficado até tarde a pôr a correspondência em dia ou a procurar qualquer desculpa para me esperar acordado e tentar arrancar-me alguma coisa sobre o meu encontro com Bea. Observei uma silhueta a compor uma pilha de livros e reconheci o perfil enxuto e nervoso de Fermín em plena concentração. Bati no vidro com os nós dos dedos. Fermín assomou, gratamente surpreendido, e fez-me sinal para assomar pela entrada para a parte de trás da loja.

– Ainda a trabalhar, Fermín? É que é tardíssimo.

– Na realidade estava a fazer tempo para passar depois por casa do pobre don Federico e velá-lo. Organizámos uns turnos com o Eloy, o da óptica. No fundo, também não durmo muito. Duas, três horas no máximo.

Claro que o Daniel também não me fica atrás. Passa da meia-noite, pelo que infiro que o seu encontro com a miúda foi um êxito clamoroso.

Encolhi os ombros.

– A verdade é que não sei – admiti.

– Apalpou-a?

– Não.

– Bom sinal. Nunca se fie nas que deixam que as apalpem às boas à primeira. Mas menos ainda nas que precisam que um padre lhes dê a aprovação. O lombo, passe a analogia carnal, está no meio. Se a coisa se proporcionar, claro está, não seja menino do coro e aproveite. Mas se o que procura é uma coisa séria, como é o meu caso com a Bernarda, recorde-se desta regra de ouro.

– O seu caso é uma coisa séria?

– Mais que séria. Espiritual. E o desta miúda, Beatriz, o que é? Que é

aleijadinha de boa salta à vista, mas o busílis da questão é: será das que apaixonam ou das que entontecem as vísceras menores?

– Não faço a menor ideia – retorqui. – As duas coisas, diria eu.

– Olhe, Daniel, isso é como o enfartamento. Nota alguma coisa aqui, na boca do estômago? Como se tivesse engolido um tijolo. Ou é só um calor geral?

– É mais isso do tijolo – disse, embora não pusesse completamente de parte o calor.

– Então é que o assunto é a sério. Deus o leve em bem. Ande, sente-se, que eu faço-lhe um chá de tília.

Acomodámo-nos à volta da mesa que havia na parte de trás da loja, rodeados de livros e de silêncio. A cidade dormia e a livraria parecia um bote à deriva num oceano de paz e sombra. Fermín estendeu-me uma chávena fumegante e sorriu-me com um certo embaraço. Havia qualquer coisa que lhe rondava a cabeça.

– Posso fazer-lhe uma pergunta de índole pessoal, Daniel?

– Com certeza.

– Peço-lhe que responda com toda a sinceridade – disse, e pigarreou.

– Acha que eu poderia vir a ser pai?

Deve ter lido a perplexidade no meu rosto e apressou-se a acrescentar:

– Não quero dizer pai biológico, porque parecerei um tanto ou quanto enfezado, mas graças a Deus a providência quis dotar-me da potência e da fúria viril dum Miura. Refiro-me a outro tipo de pai. Um bom pai, sabe como é.

– Um bom pai?

– Sim. Como o seu. Um homem com cabeça, coração e alma. Um homem que seja capaz de ouvir, guiar e respeitar uma criança, e de não sufocar nela os seus próprios defeitos. Alguém que um filho não só ame por ser seu pai, mas que admire pela pessoa que é. Alguém com quem se queira parecer.

– Por que me pergunta isso, Fermín? Eu pensava que o senhor não acreditava no casamento nem na família. O jugo e tudo isso, lembra-se?

Fermín fez que sim.

– Olhe, tudo isso são caganifâncias. O casamento e a família não são mais do que aquilo que fazemos deles. Sem isso, não são mais que uma caterva de hipocrisias. Ninharias e palavreado. Mas, se há amor de verdade, do qual nunca se fala nem se apregoa aos quatro ventos, do que se nota e se demonstra...

– O senhor parece-me um homem novo, Fermín.

– É o que sou. A Bernarda fez-me desejar ser um homem melhor do que sou.

– Porquê?

– Para a merecer. O Daniel agora não percebe isso, porque é jovem. Mas com o tempo verá que o que conta às vezes não é o que se dá, mas sim o que se

cede. A Bernarda e eu estivemos a falar. Ela é uma mãe-galinha, o Daniel bem sabe. Ela não diz, mas parece-me que a maior felicidade que aquela mulher poderia ter nesta vida era ser mãe. E eu gosto mais daquela mulher que do pêssego em calda. Basta dizer que sou capaz de passar por uma igreja depois de trinta e dois anos de abstinência clerical e recitar os salmos de São Serafim ou o que for preciso por ela.

– Vejo-o muito lançado, Fermín. Pois se ainda agora a conheceu...

– Olhe, Daniel, na minha idade ou se começa a ver a jogada com clareza ou está-se bem lixado. Esta vida vale a pena ser vivida por três ou quatro coisas, e o resto é adubo para o campo. Eu já fiz muita tolice, e agora sei que a única coisa que quero é fazer a Bernarda feliz e morrer um dia nos braços dela. Quero voltar a ser um homem respeitável, sabe? Não por mim, que a mim o respeito deste orfeão de macacos a que chamamos humanidade deixa-me completamente murcho, mas por ela. Porque a Bernarda acredita nestas coisas, nas novelas radiofónicas, nos padres, na respeitabilidade e na virgem de Lourdes. Ela é assim e eu gosto dela como ela é, sem que me mudem nem um pêlo daqueles que lhe aparecem no queixo. E por isso quero ser alguém de quem ela possa estar orgulhosa. Quero que pense: o meu Fermín é um pedaço de homem, como o Cary Grant, o Hemingway ou o Manolete.

Cruzei os braços, sopesando o assunto.

– Falou de tudo isso com ela? De terem um filho os dois?

– Não, valha-me Deus. Por quem me toma? Acha que eu ando por esse mundo fora a dizer às mulheres que tenho vontade de as emprenhar? E não é que me falte a vontade, hem?, porque àquela tonta da Merceditas era capaz de lhe fazer agora mesmo uns trigêmeos e ficava nas minhas sete quintas, mas...

– A Bernarda disse-lhe que quer constituir família?

– Essas coisas não precisam de se dizer, Daniel. Vêem-se na cara.

Assenti.

– Pois então, valha a minha opinião o que valer, tenho a certeza de que o senhor será um pai e um marido formidável. No entanto, não acredite em todas essas coisas, porque assim não as dará por garantidas.

Derreteu-se-lhe a cara de alegria.

– Está a falar a sério?

– Claro que sim.

– Pois olhe que me tira um peso enorme de cima. Porque só de me lembrar do meu progenitor e pensar que pudesse vir a ser para alguém o que ele foi para mim, dá-me vontade de me esterilizar.

– Não se preocupe, Fermín. Aliás, não há provavelmente tratamento que vergue o seu vigor inseminador.

– Também é verdade – reflectiu. – Vamos, vá lá descansar, que eu não quero empatá-lo mais.

– Não empata nada, Fermín. Tenho a impressão de que não vou pregar olho.
– Quem corre por gosto... A propósito, aquilo de que me falou sobre aquele apartado de correio, lembra-se?

– Já averiguou alguma coisa?

– Já lhe disse que o deixasse por minha conta. Hoje ao meio-dia, à hora de almoço, fui até aos Correios e troquei umas palavras com um velho conhecido que trabalha lá. O apartado de correio 2321 figura em nome de um tal José Maria Requejo, advogado com escritório na Rua León XIII.

Permiti-me verificar a direcção do sujeito e não me surpreendeu averiguar que não existe, embora imagine que isso já o Daniel sabe. A correspondência dirigida a esse apartado vem sendo desde há anos levantada por uma pessoa. Sei-o porque algumas das encomendas que são recebidas de uma corretora predial vêm registadas e ao levantá-las é preciso assinar um pequeno recibo e apresentar a documentação.

– Quem é? Um funcionário do doutor Requejo? – perguntei.

– Até aí não consegui chegar, mas duvido. Ou muito me engano ou o tal Requejo existe no mesmo plano que a Virgem de Fátima. Só lhe posso dizer o nome da pessoa que levanta a correspondência: Nuria Monfort.

Fiquei branco.

– Nuria Monfort? Tem a certeza disso, Fermín?

– Eu próprio vi alguns desses recibos. Em todos constava o nome e o número do bilhete de identidade. Deduzo pela cara de vômito com que ficou que esta revelação o surpreende.

– Bastante.

– Posso perguntar quem é essa tal Nuria Monfort? O funcionário com quem falei disse-me que se lembrava perfeitamente dela porque foi há um par de semanas recolher a correspondência e, na sua opinião imparcial, era muito boa, mais que a Vénus de Milo, e mais firme de peito. E eu confio na avaliação dele porque antes da guerra era catedrático de estética, mas como era primo afastado do Largo Caballero, claro, agora lambe selos de uma peseta...

– Hoje mesmo estive com essa mulher, na casa dela – murmurei. Fermín observou-me, atónito.

– Com a Nuria Monfort? Começo a pensar que me enganei a seu respeito, Daniel. Está um autêntico estoura-vergas.

– Não é o que o Fermín pensa.

– Pois quem perde é o Daniel. Eu na sua idade fazia como El Molino, passe de manhã, à tarde e à noite.

Observei aquele homenzinho enxuto e ossudo, todo nariz e tez amarelenta, e apercebi-me de que se estava a tornar o meu melhor amigo.

– Posso contar-lhe uma coisa, Fermín? Uma coisa que me anda às voltas na cabeça desde há uns tempos.

– Claro que sim. Seja o que for. Especialmente se for escabroso e disser respeito a essa sujeita.

Pela segunda vez naquela noite pus-me a relatar para Fermín a história de Julián Carax e do enigma da sua morte. Fermín escutava com extrema atenção, tomando notas num caderno e interrompendo-me ocasionalmente para me perguntar algum pormenor cuja relevância me escapava. Ao ouvirme a mim mesmo, tornavam-se-me cada vez mais evidentes as lacunas que havia naquela história. Não foi uma nem duas vezes que fiquei em branco, com os pensamentos perdidos em tentar discernir por que motivo Nuria Monfort mentira. Que significado tinha o facto de ela ter andado a levantar durante anos a correspondência dirigida a um escritório de advogados inexistente que supostamente tomava conta do andar da família Fortuny-Carax na Ronda de San António? Não me apercebi de que estava a formular a pergunta em voz alta.

– Não podemos saber ainda por que razão lhe mentiu essa mulher – disse Fermín. – Mas podemos-nos aventurar a supor que, se o fez em relação a esse assunto, pode tê-lo feito, e provavelmente fê-lo, em relação a tantos outros.

Suspirei, perdido.

– Que sugere o Fermín?

Fermín Romero de Torres suspirou com ar de alta filosofia.

– Eu lhe direi o que podemos fazer. Este domingo, se achar bem, aparecemos como quem não quer a coisa no colégio de San Gabriel e fazemos algumas averiguações sobre as origens da amizade entre esse Carax e o outro garoto, o ricaço...

– Aldaya.

– Eu para os padres tenho um jeitão tremendo, vai ver, mesmo que seja por esta pinta de frade desavergonhado que tenho. Quatro lisonjas e meto-os no bolso.

– Quer dizer...?

– Homem! Garanto-lhe que estes vão cantar como a Escolanía de Montserrat.

23.

Passei o sábado em transe, ancorado atrás do balcão da livraria com a esperança de ver Bea aparecer pela porta como por encanto. Cada vez que o telefone tocava, largava a correr para o atender, arrebatando o auscultador ao meu pai ou a Fermín. A meio da tarde, depois de uma vintena de chamadas de clientes e

sem notícias de Bea, comecei a aceitar que o mundo e a minha miserável existência chegavam ao fim. O meu pai tinha saído para avaliar uma colecção em San Gervasio e Fermín aproveitou a conjuntura para me espetar outra das suas lições magistrais sobre os meandros das intrigas amorosas.

– Sossegue, senão ainda cria uma pedra no fígado – aconselhou Fermín. - Isto da corte é como o tango: absurdo e pura floritura. Mas o homem é o Daniel e é a si que lhe compete tomar a iniciativa.

Aquilo começava a adquirir um cariz funesto.

– A iniciativa? Eu?

– Que quer? Algum preço tinha de ter o poder mijar de pé.

– Mas é que a Bea deu-me a entender que seria ela a dizer-me qualquer coisa.

– Muito pouco percebe o Daniel de mulheres! Aposto o meu subsídio de Natal em como a franganota está neste momento em casa a ver languidamente à janela armada em Dama das Camélias, à espera de que o Daniel chegue para a salvar do bruto do senhor seu pai a fim de a arrastar numa espiral incontível de luxúria e pecado.

– Tem a certeza?

– Ciência pura.

– E se ela resolveu que não me quer voltar a ver?

– Olhe, Daniel. As mulheres, com notáveis excepções como a sua vizinha Merceditas, são mais inteligentes do que nós, ou no mínimo mais sinceras consigo próprias sobre o que querem ou não. Outra coisa é que o digam a uma pessoa ou ao mundo. O Daniel está confrontado com o enigma da natureza. A fêmea, babel e labirinto. Se a deixa pensar, está perdido. Não se esqueça: coração quente, mente fria. O código do sedutor.

Estava Fermín para me esmiuçar as particularidades e tecnicismos da arte da sedução, quando soou a campainha da porta e vimos entrar o meu amigo Tomás Aguilar. O coração deu-me um salto. A providência negava-me Bea mas enviava-me o irmão. Tomás trazia o rosto sombrio e um ar de certo desalento.

– Mas que ar funerário que nos traz, don Tomás – comentou Fermín. - Aceita-nos ao menos um cafezinho, não é verdade?

– Não digo que não – disse Tomás, com a reserva habitual.

Fermín passou a servir-lhe uma chávena da beberagem que guardava no seu termo e que soltava um suspeito aroma a xerez.

– Algum problema? – perguntei. Tomás encolheu os ombros.

– Nada de novo. O meu pai hoje tem o dia livre e preferi sair para arejar um bocado.

Engoli em seco.

– Porquê?

– Vá-se lá saber. Ontem à noite a minha irmã Bea chegou às tantas. O meu pai estava à espera dela acordado e um tanto ou quanto tocado, como sempre. Ela recusou-se a dizer de onde vinha ou com quem tinha estado e o meu pai ficou numa fúria.

Esteve até às quatro da manhã a barafustar a tratá-la de pega para cima e jurar-lhe que a ia pôr no olho da rua a pontapé.

Fermín lançou-me um olhar de alarme. Senti que as gotas de suor que me corriam pelas costas baixavam vários graus de temperatura.

– Esta manhã – continuou Tomás -, a Bea fechou-se no quarto e não saiu durante todo o dia. O meu pai pespegou-se na sala de jantar a ler o ABC e a ouvir zarzuelas no rádio com o volume no máximo. No entreacto da Luisa Fernanda tive de sair porque estava a dar em doido.

– Bom, com certeza que a sua irmã estaria com o namorado, não? - espicçou Fermín. – É o mais natural.

Atirei-lhe um pontapé por baixo do balcão, que Fermín driblou com agilidade felina.

– O namorado está a fazer a tropa – precisou Tomás. – Não vem de licença a não ser daqui a um par de semanas. Além disso, quando sai com ele está em casa às oito, o mais tardar.

– E não faz ideia de onde esteve nem com quem?

– Ele já lhe disse que não, Fermín – intervim eu, ansioso por mudar de assunto.

– E o seu pai também não? – insistiu Fermín, que estava a divertir-se à grande.

– Não. Mas jurou averiguá-lo e partir-lhe as pernas e a cara mal saiba quem é.

Fiquei lívido. Fermín serviu-me uma chávena da sua beberagem sem perguntar. Esvaziei-a de um gole. Sabia a gasóleo morno. Tomás observava-me em silêncio, de olhar impenetrável e obscuro.

– Vocês ouviram? – perguntou repentinamente Fermín. – Assim como um rufo de tambor de salto mortal.

– Não.

– As tripas deste vosso criado. Olhem, de repente deu-me cá uma fome...

Importam-se que os deixe sozinhos um bocado e vá ali à padaria ver se saco algum bolo? Isto para não falar daquela empregada nova recém chegada de Réus que é podre de boa e pode ser que vá ao castigo. Chama-se Maria Virtudes, mas a miúda tem cá um vício... De maneira que lhes desejo que falem dos seus assuntos, hem?

Em dez segundos Fermín tinha desaparecido por encanto, rumo ao seu

lanche e ao seu encontro com a ninfeta. Tomás e eu ficámos sozinhos rodeados de um silêncio que prometia mais solidez que o franco suíço.

– Tomás – comecei, com a boca seca. – Ontem à noite a tua irmã esteve comigo.

Contemplou-me quase sem pestanejar. Engoli em seco.

– Diz qualquer coisa – disse eu.

– Tu não estás bom da cabeça.

Passou um minuto de murmúrios na rua. Tomás segurava o seu café, intacto.

– Estás a falar a sério? – perguntou.

– Só me encontrei com ela uma vez.

– Isso não é resposta.

– Importavas-te? Encolheu os ombros.

– Tu lá sabes o que fazes. Deixarias de te encontrar com ela só porque eu to pedisse?

– Sim -menti. – Mas não mo peças. Tomás baixou a cabeça.

– Tu não conheces a Bea – murmurou.

Calei-me. Deixámos passar vários minutos sem dizer palavra, vendo as figuras cinzentas a espreitar da montra, pedindo por tudo que alguma se decidisse a entrar e salvar-nos daquele silêncio envenenado. Ao fim de um pedaço, Tomás abandonou a chávena em cima do balcão e dirigiu-se para a porta.

– Vais-te já embora? Assentiu.

– Não nos vemos amanhã um bocado? – perguntei eu. – Poderíamos ir ao cinema, com o Fermín, como antigamente.

Parou junto da saída.

– Só to direi uma vez, Daniel. Não faças mal à minha irmã.

Ao sair cruzou-se com Fermín, que vinha carregado com um saco de bolos fumegantes. Fermín ficou a vê-lo perder-se na noite, sacudindo a cabeça. Deixou os bolos em cima do balcão e ofereceu-me uma ensaimada(*1) acabada de fazer. Declinei a oferta. Não seria capaz de engolir nem uma aspirina.

**1. Bolo típico catalão, constituído por uma folha de massa folhada enrolada em espiral e coberta de açúcar. (N. T.)*

– Aquilo já lhe passa, Daniel. Vai ver. Estas coisas, entre amigos, são normais.

– Não sei – murmurei.

Encontrámo-nos às sete e meia da manhã de domingo no café Canaletas, onde Fermín me ofereceu um café com leite e uns brioches cuja textura, mesmo barrados de manteiga, Albergava uma certa similitude com a da pedra-pomes. Quem nos atendeu foi um empregado que exibia um emblema da Falange na lapela e um bigode cortado a lápis. Não parava de cantarolar e, ao perguntarmos-lhe a causa do seu excelente humor, explicou-nos que tinha sido pai no dia anterior. Quando o felicitámos insistiu em oferecer-nos uma Faria a cada um para que a fumássemos durante o dia à saúde do seu primogénito.

Dissemos que assim faríamos. Fermín olhava-o de esguelha, com o cenho franzido, e suspeitei que tramava qualquer coisa.

Durante o pequeno-almoço, Fermín deu por inaugurada a jornada detectivesca com um esboço geral do enigma.

– Tudo começa com a amizade sincera entre dois rapazes, Julián Carax e Jorge Aldaya, colegas de turma desde a infância, como o Tomás e o Daniel. Durante anos tudo corre bem. Amigos inseparáveis com uma vida inteira pela frente. No entanto, a certa altura dá-se um conflito que quebra essa amizade. Para parafrasear os dramaturgos de salão, o conflito tem nome de mulher e chama-se Penélope. Muito homérico. Está a seguir-me?

A única coisa que me veio à mente foram as últimas palavras de Tomás Aguilar na noite anterior, na livraria: «Não faças mal à minha irmã.»

Senti náuseas.

– Em 1919, Julián Carax parte rumo a Paris qual vulgar Ulisses - continuou Fermín. – A carta assinada por Penélope, que ele nunca chega a receber, estabelece que nessa altura a jovem está em reclusão na sua própria casa, prisioneira da família por motivos pouco claros, e que a amizade entre Aldaya e Carax feneceu. Mais ainda, pelo que Penélope nos conta, o irmão, Jorge, jurou que, se voltar a ver o seu velho amigo Julián, o matará. Palavras pesadas para o fim de uma amizade. Não é preciso ser Pasteur para depreender que o conflito é consequência directa da relação entre Penélope e Carax.

Cobria-me a fronte um suor frio. Senti que o café com leite e os quatro bocados que tinha engolido me subiam pela garganta acima.

– Contudo, temos de supor que Carax nunca chega a saber o sucedido a Penélope, porque a carta não lhe chega às mãos. A sua vida perde-se entre névoas de Paris, onde desenvolverá uma existência fantasmagórica entre o seu emprego de pianista num estabelecimento de variedades e uma desastrosa carreira como romancista de nenhum êxito. Estes anos em Paris são um mistério. Tudo o que deles

resta é uma obra literária esquecida e virtualmente desaparecida. Sabemos que em determinado momento decide contrair matrimónio com uma enigmática e abastada dama que tem o dobro da idade dele. A natureza de tal casamento, se havemos de nos ater aos testemunhos, parece mais um acto de caridade ou amizade por parte de uma dama doente do que um lance romântico. Tudo leva a crer que a mecenas, temendo pelo futuro económico do seu protegido, opta por lhe deixar a sua fortuna e despedir-se deste mundo com uma cambalhota para maior glória do protectorado das artes. Os parisienses são assim.

– Talvez fosse um amor genuíno – fiz notar, num fio de voz.

– Oiça, Daniel, sente-se bem? Ficou branquíssimo e está a suar em bica.

– Sinto-me perfeitamente – menti.

– Voltando à vaca fria. O amor é como os enchidos: há paio de lombo e há mortadela. Tudo tem o seu lugar e função. Carax tinha declarado que não se sentia digno de amor algum e, de facto, não sabemos de nenhum romance registado durante os seus anos em Paris. Claro que, trabalhando numa casa de passe, talvez os ardores primários do instinto fossem cobertos através da confraternização entre funcionários da empresa, como se se tratasse de um bónus ou, nunca se disse com maior propriedade, do bodo de Natal. Mas isto é pura especulação: voltemos ao momento em que é anunciado o casamento entre Carax e a sua protectora.

É então que volta a aparecer o Jorge Aldaya no mapa deste nebuloso assunto. Sabemos que contacta com o editor de Carax em Barcelona a fim de averiguar o paradeiro do romancista. Pouco tempo depois, na manhã do dia do casamento, Julián Carax bate-se em duelo com um desconhecido no cemitério de Père Lachaise e desaparece. O casamento nunca chega a ter lugar. A partir daí, tudo se confunde.

Fermín deixou cair uma pausa dramática, dirigindo-me o seu olhar de alta intriga.

– Supostamente, Carax atravessa a fronteira e, demonstrando uma vez mais o seu proverbial sentido da oportunidade, regressa a Barcelona em 1936, justamente em pleno deflagrar da guerra civil. As suas actividades e paradeiro em Barcelona durante essas semanas são confusos. Supomos que permanece durante um mês na cidade e que durante esse tempo não contacta com nenhum dos seus conhecidos. Nem com o pai nem com a sua amiga Nuria Monfort. É encontrado morto pouco mais tarde nas ruas, assassinado a tiro. Não tarda a fazer a sua aparição uma funesta personagem que se diz chamar Laín Coubert, nome que toma de empréstimo a uma personagem do último romance do próprio Carax, que para mais ignomínia não é senão o príncipe dos infernos. O suposto diabrete declara-se disposto a apagar do mapa o pouco que resta de Carax e destruir os seus livros para sempre. Para acabar de compor o melodrama, aparece como um homem sem rosto, desfigurado pelo fogo.

Um vilão fugido de uma opereta gótica no qual, para confundir mais as coisas, a Nuria Monfort julga reconhecer a voz de Jorge Aldaya.

– Lembro-lhe que Nuria Monfort me mentiu – disse eu.

– Certo, mas se bem que a Nuria Monfort lhe tenha mentido é possível o fizesse mais por omissão e talvez para se desvincular dos factos. Há poucas razões para dizer a verdade, mas para mentir o número é infinito. Oiça, tem a certeza de que se sente bem? Tem a cara duma cor que parece uma tetilla(*1) galega.

**1. Queijo típico galego, em forma de mama, por isso assim designado. (N. T.)*

Abanei a cabeça e saí à pressa rumo aos sanitários.

Vomitei o pequeno-almoço, o jantar e uma boa parte da ira que tinha em cima. Lavei a cara com a água gelada do lavatório e contemplei o meu reflexo no espelho enevoadado sobre o qual alguém tinha garatujado com um lápis de cera a legenda «Girón cabrão»(*2). Ao voltar à mesa verifiquei que Fermín estava ao balcão, a pagar a conta e a discutir futebol com o empregado que nos tinha atendido.

**2. José António Girón de Velasco (1911-1995), político espanhol falangista que foi ministro do Trabalho entre 1941 e 1957 e viria a ser chefe do núcleo duro do falangismo nos últimos tempos do franquismo. (N. T.)*

– Melhor? – perguntou. Assenti.

– Isso é uma baixa de pressão – disse Fermín. – Tome um Sugus, que cura tudo.

Ao sair do café, Fermín insistiu em que tomássemos um táxi até ao colégio de San Gabriel e deixássemos o metro para outro dia, argumentando que estava uma manhã de mural comemorativo e que os túneis eram para as ratazanas.

– Um táxi até Sarriá vai custar uma fortuna – objectei.

– Oferta do montepio dos cretinos – atalhou Fermín -, que aqui o patriota enganou-se no troco e fizemos negócio. E o Daniel não está em condições de viajar debaixo da terra.

Assim apetrechados de fundo ilícitos, postámo-nos numa esquina ao princípio da Rambla de Cataluna e esperámos a chegada de um táxi.

Tivemos de deixar passar uns quantos, porque Fermín declarou que, uma vez que entrava num automóvel, queria pelo menos um Studebaker. Levámos um quarto de hora a dar com um veículo do seu agrado, que Fermín mandou parar com grandes gesticulações. Fermín insistiu em ir no banco da frente, o que lhe deu ocasião de se embrenhar numa discussão com o condutor acerca do ouro de Moscovo e de José Estaline, que era o seu ídolo e guia espiritual à distância.

– Houve três grandes figuras neste século: Dolores Ibárruri, Manolete e José

Estaline – proclamou o taxista, disposto a obsequiar-nos com uma pormenorizada hagiografia do ilustre camarada.

Eu viajava comodamente no assento de trás, alheio à perorata, com a janela aberta e gozando o ar fresco. Fermín, encantado por se passear num Studebaker, dava trela ao condutor, pontuando de vez em quando o enlevado esboço do líder soviético, que o taxista glosava com questões de duvidoso interesse historiográfico.

– Pois consta-me que sofre muitíssimo da próstata desde que engoliu um caroço de nêspira e que agora só consegue urinar quando lhe trauteiam A Internacional – deixou cair Fermín.

– Propaganda fascista – esclareceu o taxista, mais devoto que nunca. - O camarada mijá como um touro. Tomara o Vòlga ter tamanho caudal para si.

O debate de alta política acompanhou-nos através de todo o trajecto pela Via Augusta rumo à parte alta da cidade. O dia clareava e uma brisa fresca vestia o céu de azul ardente. Ao chegar à Rua Ganduxer, o condutor guinou à direita e iniciámos a lenta subida até ao Paseo de La Bonanova.

O colégio de San Gabriel erguia-se no centro de um arvoredor ao cimo de uma rua estreita e serpenteante que subia desde a Bonanova. A fachada, salpicada de janelões em forma de punhal, recortava os perfis de um palácio gótico de tijolo vermelho, suspenso em arcos e torreões que assomavam sobre as copas de um bananal em arestas cardinalícias.

Mandámos embora o táxi e penetrámos num frondoso jardim juncado de fontes das quais emergiam querubins bafientos e sulcado de carreiros de pedra que rastejavam entre as árvores. De caminho para a entrada principal, Fermín pôs-me a par da instituição com uma das suas habituais lições magistrais de história social.

– Embora neste momento lhe pareça o mausoléu de Rasputine, o colégio de San Gabriel foi no seu tempo uma das mais prestigiosas e exclusivas instituições de Barcelona. No tempo da República degradou-se porque os novos-ricos de então, os novos industriais e banqueiros a cujos rebentos tinham recusado vagas durante anos porque os seus apelidos cheiravam a novo, decidiram criar as suas próprias escolas onde os tratassem com reverência e onde eles pudessem recusar vagas aos filhos dos outros. O dinheiro é como qualquer outro vírus: uma vez podre a alma que o alberga, parte à procura de sangue fresco. Neste mundo, um apelido dura menos que uma amêndoa coberta. Nos seus bons tempos, digamos entre 1880 e 1930, mais ou menos, o colégio de San Gabriel acolhia a fina-flor dos franganotes de linhagem bafienta e bolsa sonante. Os Aldaya e companhia vinham para este sinistro lugar em regime de internato para confraternizarem com os seus semelhantes, ouvirem missa e aprenderem história para assim a poderem repetir *ad nauseam*.

– Mas Julián Carax não era propriamente um deles – observei.

– Bom, às vezes estas egrégias instituições oferecem uma ou duas bolsas de

estudo para os filhos do jardineiro ou de um engraxador para assim mostrarem a sua grandeza de espírito e caridade cristã – expôs Fermín.

– A maneira mais eficaz de tornar os pobres inofensivos é ensiná-los a quererem imitar os ricos. É esse o veneno com que o capitalismo cega...

Agora não se embrenhe na doutrina social, Fermín, que se um destes padres o ouve, correm-nos daqui a pontapé – cortei, reparando que um par de sacerdotes nos observava com um misto de curiosidade e reserva do alto da escadaria que subia até ao portão do colégio e perguntando a mim mesmo se teriam ouvido alguma coisa da nossa conversa.

Um deles adiantou-se exibindo um sorriso cortês e as mãos cruzadas sobre o peito com gesto episcopal. Devia rondar os cinquenta anos e a sua magreza e uma cabeleira rala conferiam-lhe um ar de ave de rapina.

Tinha um olhar penetrante e desprendia um aroma a água-de-colónia fresca e a naftalina.

– Bom dia. Sou o padre Fernando Ramos – anunciou. – Em que posso servirlos?

Fermín estendeu a mão, que o sacerdote observou brevemente antes de apertar, sempre escudado atrás do seu sorriso glacial.

– Fermín Romero de Torres, assessor bibliográfico de Sempere e filhos, que tem todo o gosto em cumprimentar vossa devotíssima excelência. Aqui à minha beira o meu colaborador, bem como amigo, Daniel, jovem de futuro e reconhecida qualidade cristã.

O padre Fernando observou-nos sem pestanejar. Apeteceu-me que a terra me engolisse.

– O prazer é todo meu, senhor Romero de Torres – replicou cordialmente.

– Posso perguntar-lhes o que traz tão extraordinário duo à nossa humilde instituição?

Decidi intervir antes que Fermín largasse outro disparate ao sacerdote e tivéssemos de sair dali a sete pés.

– Senhor padre Fernando, estamos a tentar localizar dois antigos alunos do colégio de San Gabriel: Jorge Aldaya e Julián Carax.

O padre Fernando apertou os lábios e arqueou uma sobrancelha.

– Julián morreu há mais de quinze anos e Aldaya foi para a Argentina - disse secamente.

– O senhor padre conhecia-os? – perguntou Fermín.

O olhar incisivo do sacerdote deteve-se em cada um de nós antes de responder.

– Fomos colegas de turma. Posso perguntar qual é o vosso interesse no assunto?

Estava eu a pensar como responder àquela pergunta, quando Fermín se me antecipou.

– Acontece que nos veio parar à mão uma série de artigos que pertencem ou pertenceram, pois a jurisprudência a este respeito é confusa, aos dois referidos sujeitos.

– E qual é a natureza dos ditos artigos, se não é indiscrição?

– Rogo a Vossa Mercê que aceite o nosso silêncio, pois Deus sabe bem que abundam na matéria motivos de consciência e secretismo que nada têm que ver com a supina confiança que Vossa Excelentíssima e a ordem que com tanta galhardia e piedade representa nos merecem – largou Fermín a toda a velocidade.

O padre Fernando observava-o à beira do pasmo. Optei por retomar de novo a conversa antes que Fermín recuperasse o fôlego.

– Os artigos a que o senhor Romero de Torres faz referência são de índole familiar, recordações e objectos de valor puramente sentimental.

O que desejaríamos pedir-lhe, padre, se não for muita maçada, era que nos falasse daquilo que recorda de Julián e Aldaya nos seus tempos de estudantes.

O padre Fernando observava-nos ainda com receio. Tornou-se-me óbvio que não lhe bastavam as explicações que lhe tínhamos dado para justificar o nosso interesse e granjear a sua colaboração. Lancei um olhar de socorro a Fermín, rogando que ele desencantasse alguma argúcia com a qual conquistássemos o padre.

– Sabe que o senhor se parece um pouco com Julián, em novo? – perguntou de repente o padre Fernando.

O olhar de Fermín iluminou-se. Aí vem, pensei. Jogamos tudo nesta cartada.

– Vossa Reverência é um lince – proclamou Fermín, fingindo assombro. - A sua perspicácia desmascarou-nos sem misericórdia. Há-de chegar pelo menos a cardeal ou papa.

– De que está o senhor a falar?

– Não é óbvio e patente, Ilustríssima?

– Para dizer a verdade, não.

– Contamos com o seu segredo de confissão?

– Isto é um jardim, e não um confessionário.

– Basta-nos a sua discrição eclesiástica.

– Têm-na.

Fermín suspirou profundamente e olhou para mim com ar melancólico.

– Daniel, não podemos continuar a mentir a este santo soldado de Cristo.

– Claro que não... – corroborei, completamente perdido.

Fermín aproximou-se do sacerdote e murmurou-lhe em tom confidencial:

– Pater, temos motivos de solidez pétrea para suspeitar que aqui o nosso amigo Daniel não é senão um filho secreto do falecido Julián Carax. Daí o nosso

interesse em reconstituir o seu passado e recuperar a memória de uma eminência ausente que a parca quis arrebatat do lado de um pobre rapazinho.

O padre Fernando cravou o olhar em mim, atónito.

– Isso é verdade?

Assenti. Fermín deu-me uma palmada nas costas, compungido.

– Olhe para ele, pobrezinho, à procura de um progenitor perdido nas névoas da memória. Que há de mais triste do que isso? Conte-me vossa santíssima mercê.

– Os senhores têm provas que sustentem as vossas afirmações?

Fermín agarrou-me pelo queixo e ofereceu o meu rosto como moeda de pagamento.

– Que mais prova anseia o senhor padre que esta fronha, testemunha muda e fidedigna do feito paterno em questão?

O sacerdote pareceu hesitar.

– Ajuda-me, senhor padre? – implorei, ladino. – Por favor... O padre Fernando suspirou, incomodado.

– Não vejo mal nisso, suponho – disse finalmente. – Que querem saber?

– Tudo – disse Fermín.

25.

O padre Fernando recapitulava as suas recordações com um certo tom de homilia. Construía as suas frases com esmero e sobriedade magistral, dotando-as de uma cadência que parecia encerrar uma moral por acréscimo que nunca se chegava a materializar. Anos de magistério tinham-lhe deixado aquele tom firme e didáctico de quem está habituado a ser ouvido, mas pergunta a si mesmo se é escutado.

– Se não me falha a memória, Julián Carax entrou como aluno do colégio de San Gabriel no ano de 1914. Simpatizei logo com ele, porque fazíamos ambos parte do grupo de alunos que não provinham de famílias abastadas.

Chamavam-nos o comando *Mortsdegana(*1)*. Cada um de nós tinha a sua história especial. Eu conseguira uma vaga de bolsa de estudo graças ao meu pai, que durante vinte e cinco anos trabalhou nas cozinhas desta casa. Julián tinha sido aceite graças à intercessão do senhor Aldaya, que era cliente da chapelaria Fortuny, propriedade do pai de Julián.

**1. Mortos de fome, em catalão. (N. T.)*

Eram outros tempos, claro está, e nessa altura o poder ainda estava concentrado em famílias e em dinastias. É um mundo desaparecido, os últimos

restos levou-os a República, suponho que para bem, e o que dele resta são esses nomes no timbre de empresas, bancos e consórcios sem cara. Como todas as grandes cidades antigas, Barcelona é um somatório de ruínas. As grandes glórias de que muitos se vangloriam, palácios, fábricas e monumentos, insígnias com as quais nos identificamos, não são mais que cadáveres, relíquias de uma civilização extinta.

Chegado a este ponto, o padre Fernando deixou uma solene pausa na qual pareceu que esperava a resposta da congregação com algum latinório ou uma réplica do missal.

– Bem pode dizer ámen, reverendo padre. Que grande verdade! – adiantou Fermín para vencer o incómodo silêncio.

– Falava-nos do primeiro ano do meu pai no colégio – fez notar com suavidade.

O padre Fernando acenou afirmativamente.

– Já nessa altura dava pelo nome de Carax, embora o seu primeiro apelido fosse Fortuny(*1). Ao princípio, alguns dos rapazes faziam troça dele por isso, e por ser um dos *Mortsdegana*, claro. Também faziam troça de mim porque era o filho do cozinheiro. No fundo do seu coração, Deus encheu-os de bondade, mas repetem aquilo que ouvem em casa.

**1. Como é sabido, em Espanha o apelido do pai antecede o da mãe, ao contrário do que acontece entre nós. (N. T.)*

– Anjinhos – pontuou Fermín.

– O que lembra o senhor padre do meu pai?

– Bem, já foi há tanto tempo... O melhor amigo do seu pai nessa altura não era o Jorge Aldaya, mas sim um rapaz chamado Miquel Moliner. O Miquel provinha de uma família quase tão endinheirada como os Aldaya e atrever-me-ia a dizer que era o aluno mais extravagante que vi nesta escola. O reitor tinha-o por endemoninhado porque recitava Marx em alemão durante a missa.

– Sinal inequívoco de possessão – corroborou Fermín.

– O Miquel e o Julián davam-se muito bem. Às vezes reuníamo-nos os três durante a hora do recreio do meio-dia e o Julián explicava-nos histórias. Outras vezes falava-nos da sua família e dos Aldaya...

O sacerdote pareceu hesitar.

– Mesmo depois de abandonar a escola, o Miquel e eu mantivemos o contacto durante uns tempos. Nessa altura o Julián já tinha partido para Paris. Sei que o Miquel tinha saudades dele e amiudadas vezes falava dele e recordava confidências que lhe tinha feito tempos atrás.

Depois, quando eu entrei para o seminário, o Miquel disse que eu me tinha passado para o inimigo, de brincadeira, mas a verdade é que nos distanciámos.

– Diz-lhe alguma coisa que o Miquel se tenha casado com uma tal Nuria Monfort?

– O Miquel, casado?

– Acha estranho?

– Suponho que não deveria, mas... Não sei. A verdade é que há muitos anos que não sei do Miquel. Desde antes da guerra.

– Ele mencionou-lhe alguma vez o nome de Nuria Monfort?

– Não, nunca. Nem que pensasse casar-se ou que tivesse namorada... Oíçam, não estou totalmente seguro de que deva falar-lhes de tudo isto. São coisas que o Julián e o Miquel me contaram a título pessoal, no entendimento de que ficavam entre nós...

– E vai negar a um filho a possibilidade de recuperar a memória do pai?

– perguntou Fermín.

O padre Fernando debatia-se entre a dúvida e, pareceu-me, o desejo de recordar, de recuperar aqueles dias perdidos.

– Suponho que passaram tantos anos que já não faz mal. Ainda me lembro do dia em que o Julián nos explicou como tinha conhecido os Aldaya e como, sem se aperceber, a vida se lhe transformara...

... Em Outubro de 1914, um artefacto que muitos tomaram por um jazigo rolante parou uma tarde diante da chapelaria Fortuny, na Ronda de San António. Dele emergiu afigura altiva, majestosa e arrogante de don Ricardo Aldaya, já então um dos homens mais ricos não só de Barcelona, mas de Espanha, cujo império de indústrias têxteis se estendia a cidadelas e colónias ao longo dos rios de toda a Catalunha. A sua mão direita segurava as rédeas da banca e das propriedades territoriais de meia província. A esquerda, sempre em actividade, puxava os cordelinhos da administração provincial, da câmara municipal, de vários ministérios, do episcopado e do serviço portuário de alfândegas.

Naquela tarde, o rosto de bigodes exuberantes, patilhas régias e testa descoberta que a todos intimidava precisava de um chapéu. Entrou na loja de don Antoni Fortuny e, depois de deitar uma sucinta vista de olhos às instalações, olhou de esguelha o chapeleiro e o seu ajudante, o jovem Julián, e disse o seguinte: «Disseram-me que daqui, apesar das aparências, saem os melhores chapéus de Barcelona. O Outono parece malencarado e vou precisar de seis cartolas, uma dúzia de chapéus de feltro, boinas de caça e qualquer coisa para levar para as Cortes de Madrid. Está a tomar nota ou espera que lho repita?» Aquele foi o início de um laborioso, e lucrativo, processo em que pai e filho uniram esforços para satisfazer a

encomenda de don Ricardo Aldaya. A Julián, que lia os jornais, não escapava aposição de Aldaya, e disse de si para si que não podia deixar ficar mal o pai naquela altura, no momento mais crucial e decisivo do seu negócio. Desde que o potentado entrara na sua loja, o chapeleiro levitava de gozo. Aldaya tinha-lhe prometido que, se ficasse satisfeito, ia recomendar o seu estabelecimento a todas as suas amizades. Isso significava que a chapelaria Fortuny, de uma loja digna mas modesta, saltaria para as mais altas esferas, vestindo cabeçorras e cabecinhas de deputados, presidentes de câmara, cardeais e ministros.

Os dias daquela semana passaram por encanto. Julián não foi às aulas e passou jornadas de dezoito e vinte horas a trabalhar na oficina das traseiras da loja. O pai, rendido de entusiasmo, abraçava-o de vez em quando e até o beijava sem dar por isso. Chegou ao extremo de oferecer à sua mulher Sophie um vestido e um par de sapatos novos pela primeira vez em catorze anos. O chapeleiro não parecia o mesmo. Um domingo esqueceu-se de ir à missa e nessa mesma tarde, transbordante de orgulho, rodeou Julián com os braços e disse-lhe, com lágrimas nos olhos: «O avô ficaria orgulhoso de nós.»

Um dos processos mais complexos na já desaparecida ciência da chapelaria, técnica e politicamente, era tirar medidas. Don Ricardo Aldaya tinha um crânio que, segundo Julián, roçava o terreno do amelonado e agreste. O chapeleiro teve consciência das dificuldades mal avistou a testa daquele homem importante, e nessa mesma noite, quando Julián lhe disse que lhe lembrava certos fragmentos do maciço de Montserrat, Fortuny não pôde deixar de concordar. «Pai, com todo o respeito, sabe que eu tenho melhor mão que o senhor, que se enerva.

Deixe-me ser eu afazê-lo.» O chapeleiro acedeu de bom grado e, no dia seguinte, quando Aldaya apareceu no seu Mercedes Benz, Julián recebeu-o e conduziu-o ao ateliê. Aldaya, ao verificar que quem ia tirar as medidas era um rapaz de catorze anos, enfureceu-se: «Mas que é isto? Um garoto? Antes andar em cabelo.» Julián, que tinha consciência do significado público da personagem mas que não se sentia absolutamente nada intimidado por ela, replicou: «Senhor Aldaya, em cabelo não é fácil o senhor andar, que esse cocuruto da cabeça parece a Plaza de Las Arenas, e se não lhe fazemos rapidamente um jogo de chapéus, ainda lhe confundem a cachimónia com o plano Cerda.»(*1) Ao ouvir estas palavras, Fortuny julgou que morria. Aldaya, impávido, cravou os olhos em Julián.

**1. Ildefonso Cerda (1815-1876) foi o autor do projecto do Ensanche de Barcelona, datado de 1859. (N. T.)*

Então, para surpresa de todos, desatou a rir como há anos não fazia.

«Este seu garoto há-de ir longe, Fortunato», sentenciou Aldaya, que não havia maneira de aprender o nome do chapeleiro.

Foi deste modo que averiguaram que don Ricardo Aldaya estava farto precisamente até à ponta dos poucos cabelos que tinha de que todos o receassem, adulassem e se lançassem por terra à sua passagem, com vocação de capacho. Desprezava os lambe-botas, os medricas e toda a pessoa que demonstrasse qualquer tipo de debilidade física, mental ou moral. Ao deparar com um humilde rapaz, que quase nem aprendiz era, que tinha o descaramento e a ironia de fazer troça dele, Aldaya decidiu que realmente dera com a chapelaria ideal e duplicou a encomenda. Durante aquela semana compareceu todos os dias de boa vontade ao encontro marcado para que Julián lhe tirasse as medidas e lhe provasse modelos. Antoni Fortuny ficava maravilhado ao ver como o líder da sociedade catalã se desmanchava a rir com as piadas e histórias que lhe contava aquele filho que lhe era desconhecido, com o qual nunca falava e que há anos não mostrava indício algum de ter sentido do humor. No final daquela semana, Aldaya puxou o chapeleiro de parte e levou-o para um canto afim de falar confidencialmente.

– Olhe lá, Fortunato, este seu filho é um talento e o senhor tem-no aqui morto de pasmaceira a limpar o pó aos musaranhos de uma loja de três vinténs.

– Isto é um bom negócio, don Ricardo, e o rapaz revela uma certa habilidade, embora lhe falte atitude.

– Lérias. Em que colégio é que o senhor o tem?

– Bem, ele anda na escola do...

– Isso são fábricas de jornaleiros. Na juventude, o talento, o génio, se não se lhes der atenção, desvirtuam-se e devoram aquele que os possui. Há que encarreirá-lo. Apoiá-lo. Está a perceber, Fortunato?

– Está enganado em relação ao meu filho. Ele, de génio, não tem nadinha. Pois se até para passar em geografia é um sarilho... Os professores já me dizem que tem a cabeça cheia de caraminholas, e muito má atitude, tal como a mãe, mas aqui ao menos sempre terá um ofício honesto e...

– Fortunato, o senhor aborrece-me. Hoje mesmo vou falar com a Junta Directiva do colégio de San Gabriel e vou-lhes indicar que aceitem o seu filho na mesma turma que o meu primogénito, o Jorge. Menos que isso, é ser miserável.

O chapeleiro ficou de olhos arregalados. O colégio de San Gabriel era o viveiro da nata da alta sociedade.

– Mas, don Ricardo, olhe que eu não poderia custear...

– Ninguém lhe disse que tinha de pagar um real. Da educação do rapaz trato eu. O senhor, como pai, só tem de dizer que sim.

– Pois claro que sim, era o que faltava, mas...

– Então não se fala mais nisso. Desde que o Julián aceite, claro está.

– Ele faz o que eu lhe mandar, era só o que faltava.

Neste ponto da conversa, Julián assomou à porta da parte de trás da loja, com um molde nas mãos.

– Don Ricardo, quando quiser...

– Diz-me, Julián, o que é que tens de fazer esta tarde?-perguntou Aldaya. Julián olhou alternadamente para o pai e para o industrial.

– Bem, ajudar aqui na loja do meu pai.

– Fora isso.

– Pensava ir à biblioteca de...

– Gostas de livros, hem?

– Sim, senhor.

-Já leste Conrad? O Coração das Trevas?

– Três vezes.

O chapeleiro franziu o cenho, completamente perdido.

– E esse Conrad quem é, pode-se saber?

Aldaya silenciou-o com um gesto que parecia forjado para calar assembleias de accionistas.

– Tenho em casa uma biblioteca com catorze mil volumes, Julián. Eu em novo lia muito, mas agora já não tenho tempo. Por falar nisso, tenho três exemplares autografados por Conrad em pessoa. O meu filho Jorge não entra na biblioteca nem de rastos. A única pessoa que pensa lá em casa é a minha filha Penélope, de modo que todos aqueles livros se estão a desperdiçar. Gostarias de os ver?

Julián disse que sim, sem fala. O chapeleiro presenciava a cena com uma inquietude que não conseguia definir. Todos aqueles nomes lhe eram desconhecidos. Os romances, como toda a gente sabia, eram para as mulheres e as pessoas que não tinham nada que fazer. O Coração das Trevas soava-lhe, no mínimo, a pecado mortal.

– Fortunato, o seu filho vem comigo, que lhe quero apresentar o meu Jorge. Sossegue, que logo lho devolvemos. Diz-me cá, rapaz, já entraste alguma vez num Mercedes Benz?

Julián deduziu que aquele era o nome do mastodonte imperial que o industrial utilizava para se deslocar. Abanou a cabeça.

– Pois já não é sem tempo. É como subir ao céu, mas não é preciso morrer.

Antoni Fortuny viu-os partir naquela carruagem de luxo desafortado e, quando procurou no seu coração, só sentiu tristeza. Naquela noite, enquanto jantava com Sophie (que trazia o seu vestido e os sapatos novos e quase não mostrava marcas nem cicatrizes), perguntou a si mesmo em que se tinha enganado desta vez. Precisamente quando Deus lhe devolvia um filho, Aldaya tirava-lho.

– Tira esse vestido, mulher, que pareces uma rameira. E que eu não volte a ver este vinho na mesa. Já chega e sobra dele destemperado com água. A avareza ainda acaba por nos apodrecer.

Julián nunca tinha atravessado para o outro lado da Avenida Diagonal.

Aquela linha de arvoredos, terrenos de construção e palácios varados à espera de uma cidade era uma fronteira proibida. Da parte de cima da Diagonal estendiam-se aldeias, colinas e paragens de mistério, de riqueza e lenda. À sua passagem, Aldaya falava-lhe do colégio de San Gabriel, de novos amigos que ele nunca tinha visto, de um futuro que não julgara possível.

– E a que aspiras tu, Julián? Na vida, quero eu dizer.

– Não sei. Às vezes penso que gostaria de ser escritor. Romancista.

– Como Conrad, hem? És muito novo, claro. E diz-me uma coisa: a banca não te tenta?

– Não sei, senhor. A verdade é que nunca me tinha passado pela cabeça.

Nunca vi mais de três pesetas juntas. A alta finança é um mistério para mim.

Aldaya riu-se.

– Não há mistério nenhum, Julian. O truque está em não juntar as pesetas de três em três, mas sim de três milhões em três milhões. Nessa altura não há enigma que valha. Nem a Santíssima Trindade.

Naquela tarde, subindo pela Avenida del Tibidabo, Julián julgou que cruzava as portas do paraíso. Mansões que se lhe afiguraram catedrais flanqueavam o caminho. A meio do trajecto, o motorista guinou e atravessaram o gradeamento de uma delas. Um exército de criados pôs-se imediatamente em marcha para receber o senhor. Tudo o que Julián podia ver era um casarão majestoso de três andares. Nunca lhe tinha ocorrido que

peessoas reais vivessem num lugar assim. Deixou-se arrastar pelo vestibulo, atravessou uma sala abobadada onde uma escadaria de mármore subia perfilada por cortinados de veludo, e penetrou numa grande sala cujas paredes estavam forradas de livros desde o chão até ao infinito.

– Que tal? -perguntou Aldaya. Julián mal o ouvia.

– Damián, diga ao menino Jorge que desça agora mesmo à biblioteca.

Os criados, sem rosto nem presença audível, deslizavam à mais pequena ordem do amo com a eficácia e a docilidade de um corpo de insectos bem adestrados.

– Vais precisar doutro guarda-roupa, Julián. Há muito bruto que só repara nas aparências... Direi à Jacinta que se encarregue disso, tu não te preocupes. E é quase melhor que não digas nada ao teu pai, não vá ele ficar aborrecido. Olha, aqui vem o Jorge. Jorge, quero que conheças um rapaz estupendo que vai ser o teu novo colega de turma. Julián Fortu...

– Julián Carax – precisou ele.

– Julián Carax – repetiu Aldaya, satisfeito. – Gosto da maneira como soa. Este é o meu filho Jorge.

Julián estendeu a mão e Jorge Aldaya apertou-lha. Tinha um contacto mole, desprovido de vontade. O seu rosto exhibia o cinzelado puro e pálido conferido pelo facto de ter crescido naquele mundo de bonecas.

Vestia uma roupa e calçava uns sapatos que a Julián se afiguraram romanescos. O seu olhar denunciava um ar de suficiência e arrogância, de desprezo e cortesia adocicada. Julián sorriu-lhe abertamente, lendo insegurança, receio e vazio sob aquela carapaça de pompa e circunstância.

– É verdade que nunca leste nenhum destes livros?

– Os livros são aborrecidos.

– Os livros são espelhos: só se vê neles o que a pessoa tem dentro - replicou Julián.

Don Ricardo Aldaya riu novamente.

– Bem, deixo-os a sós para que se conheçam. Julián, vais ver que o Jorge, debaixo dessa carinha de menino mimado e convencido, não é tão parvo como parece. Tem alguma coisa do pai.

As palavras de Aldaya pareceram cair como punhais no rapaz, embora não abrandasse nem um milímetro o sorriso. Julián arrependeu-se da sua réplica e sentiu pena do rapaz.

– Tu deves ser o filho do chapeleiro – disse Jorge, sem malícia. - Ultimamente o meu pai fala muito de ti.

– É a novidade. Espero que não ligués muita importância a isso.

Debaixo desta carinha de intrometido sabichão, não sou tão idiota como pareço.

Jorge sorriu-lhe. Julián pensou que sorria como as pessoas que não têm amigos, com gratidão.

– Anda, vou-te mostrar o resto da casa.

Deixaram para trás a biblioteca e afastaram-se na direcção da porta principal, rumo aos jardins. Ao atravessar a sala na base da escadaria, Julián ergueu a vista e vislumbrou de raspão uma silhueta a subir com a mão sobre o corrimão. Sentiu que se perdia numa visão. A rapariga devia ter doze ou treze anos e ia escoltada por uma mulher madura, miúda e rosada, com todos os traços de uma aia. Exibia um vestido azul acetinado. O seu cabelo era cor de amêndoa e a pele dos ombros e a garganta esbelta pareciam deixar passar a luz. Parou ao cimo das escadas e voltou-se um instante. Por um segundo, os olhares de ambos encontraram-se e ela concedeu-lhe apenas um esboço de sorriso. Depois, a aia rodeou com os braços os ombros da rapariga e guiou-a até ao umbral de um corredor pelo qual desapareceram ambas. Julián baixou a vista e encontrou-se de novo com Jorge.

– Aquela é a Penélope, a minha irmã. Já a hás-de conhecer. É um bocado chanfrada. Passa o dia a ler. Anda, vem, quero-te mostrar a capela da cave. Segundo as cozinheiras, está assombrada.

Julián seguiu docilmente o rapaz, mas o mundo escorregava-lhe debaixo dos pés. Pela primeira vez desde que tinha entrado no Mercedes Benz de don Ricardo Aldaya compreendeu o propósito. Tinha sonhado com ela em inúmeras ocasiões, com aquela mesma escada, aquele vestido azul e aquela expressão no olhar de cinza, sem saber quem era nem por que lhe sorria. Quando saiu para o jardim deixou-se guiar por Jorge até às cocheiras e campos de ténis que se estendiam mais adiante. Só então voltou o olhar atrás e a viu, à janela do segundo andar. Mal distinguia a sua silhueta, mas soube que ela lhe estava a sorrir e que, de alguma maneira, também ela o tinha reconhecido.

Aquele vislumbre efêmero de Penélope Aldaya ao cimo das escadas acompanhou-o durante as suas primeiras semanas no colégio de San Gabriel. O seu novo mundo tinha muitas hipocrisias, e nem todas eram do seu agrado. Os alunos de San Gabriel comportavam-se como príncipes altivos e arrogantes e os professores assemelhavam-se a criados dóceis e ilustrados. O primeiro amigo que Julián lá fez, além de Jorge Aldaya, foi um rapaz chamado Fernando Ramos, filho de um dos cozinheiros do colégio, que nunca tinha imaginado que acabaria vestindo sotaina e dando

aulas nas mesmas salas onde tinha crescido. Fernando, ao qual os demais chamavam o Cozinhas e que tratavam como criado, possuía uma inteligência desperta mas quase não tinha amigos entre os alunos. O seu único companheiro era um rapaz extravagante chamado Miquel Moliner, que viria a converter-se com o tempo no melhor amigo que Julián alguma vez teve naquela escola. Miquel Moliner, ao qual sobrava cérebro e faltava paciência, comprazia-se em irritar os professores pondo em dúvida todas as suas afirmações por meio da aplicação de jogos dialécticos que denunciavam tanto engenho como sanha viperina. Os outros temiam a sua língua afiada e consideravam-no um membro de outra espécie, o que, de algum modo, não andava muito longe da verdade. Apesar dos seus traços boémios e do pouco tom aristocrático que exibia, Miquel era filho de um industrial que enriquecera até ao absurdo graças ao fabrico de armas.

– É verdade, Carax? Dizem-me que o teu pai faz chapéus – disse-lhe ele, quando Fernando Ramos os apresentou.

– Julián para os amigos. Dizem-me que o teu faz canhões.

– Só os vende. Saber fazer, não sabe fazer senão dinheiro. Os meus amigos, entre os quais só conto Nietzsche e aqui o colega Fernando, chamam-me Miquel.

Miquel Moliner era um rapaz triste. Padecia de uma doentia obsessão com a morte e todos os assuntos de âmbito fúnebre, matéria a cuja consideração dedicava uma boa parte do seu tempo e talento. A mãe tinha morrido três anos antes num estranho acidente doméstico que um qualquer médico insensato se atrevera a qualificar de suicídio. Fora Miquel que encontrara o cadáver reluzente sob as águas do poço do palacete de Verão que a família tinha em Argentona. Quando a içaram com cordas, verificou-se que os bolsos do casaco estavam cheios de pedras. Havia também uma carta escrita em alemão, a língua materna da mãe, mas o senhor Moliner, que nunca se tinha dado ao trabalho de aprender o idioma, queimara-a nessa mesma tarde sem permitir que ninguém a lesse.

Miquel Moliner via a morte em todo o lado, nas folhas caídas, nos pássaros tombados dos ninhos, nos velhos e na chuva, que tudo levava.

Tinha um talento especial para o desenho, e perdia-se amiúde durante horas em desenhos a carvão onde aparecia sempre uma dama entre brumas e praias desertas que Julián imaginava ser a mãe.

– Que queres tu ser quando fores grande, Miquel?

– Eu nunca vou ser grande – dizia enigmaticamente.

O seu principal entretenimento, afora o desenho e contradizer todo o bicho careta, eram as obras de um enigmático médico austríaco que com

os anos viria a ser célebre: Sigmund Freud.

Miquel Moliner, que graças à falecida mãe lia e escrevia alemão na perfeição, possuía vários volumes com escritos do médico vienense. O seu terreno favorito era o da interpretação dos sonhos. Costumava perguntar às pessoas o que tinham sonhado, para a seguir proceder a um diagnóstico do paciente. Dizia sempre que ia morrer novo e que não se importava. De tanto pensar na morte, julgava Julián, tinha acabado por lhe encontrar mais sentido do que à vida. – No dia em que eu morrer, tudo o que tenho será teu, Julián - costumava dizer. – Menos os sonhos.

Para além de Fernando Ramos, Moliner e Jorge Aldaya, Julián depressa travou conhecimento com um rapaz tímido e um tanto arisco chamado Javier, filho único dos porteiros de San Gabriel, que viviam num modesto casinhoto postado à entrada dos jardins do colégio. Javier, que, tal como Fernando, o resto dos rapazes consideravam pouco menos que um laçao indesejável, deambulava sozinho pelos jardins e pátios do recinto, sem entabular contacto com ninguém. De tanto vaguear pelo colégio, tinha acabado por aprender todos os meandros do edifício, os túneis das caves, as passagens que subiam até às torres e toda a sorte de esconderijos labirínticos de que já ninguém se lembrava. Era o seu mundo secreto, e o seu refúgio. Andava sempre com um canivete que tinha subtraído das gavetas do pai e gostava de talhar com ele figuras de madeira que guardava no pombal do colégio. O pai, Ramón, o porteiro, era veterano da guerra de Cuba, onde tinha perdido uma mão e (murmurava-se com uma certa malícia) o testículo direito com uma chumbada disparada pelo próprio Theodore Roosevelt na carga da Baía dos Porcos. Convencido de que a ociosidade era a mãe de todos os vícios, Ramón o Unicolhónio (como os alunos o apodavam) tinha encarregado o filho de recolher as folhas secas do pinhal e do pátio das fontes num saco. Ramón era bom homem, um tanto ou quanto tosco e fatalmente condenado a escolher más companhias. A pior delas era a mulher. O Unicolhónio tinha-se casado com uma mulherança de escassas luzes e delírios de princesa com traços de criada de servir que gostava de se insinuar ligeira de roupas à vista do filho e dos alunos do colégio, o que era motivo de folguedo e desatino semanal. O seu nome de baptismo era Maria Craponcia, mas ela fazia-se chamar Yvonne, porque lhe parecia de mais bom-tom. Yvonne tinha por costume interrogar o filho a respeito das possibilidades de progresso social que lhe iam granjear as amizades que, julgava ela, o filho estava a entabular com a fina-flor da sociedade barcelonesa. Questionava-o sobre afortuna deste e daquele, imaginando-se engalanada de sedas de macaca e sendo recebida para tomar

chá com bolos de massa folhada nos grandes salões da boa sociedade.

Javier procurava passar o mínimo tempo possível em casa e agradecia as tarefas que o pai lhe impunha, por mais duras que fossem. Todas as desculpas serviam para estar sozinho, para se refugiar no seu mundo secreto a talhar as suas figuras de madeira. Quando os alunos do colégio o viam de longe, alguns riam-se ou atiravam-lhe pedras. Um dia Julián sentiu tanta pena ao ver uma pedrada abrir-lhe a testa e derrubá-lo sobre os escombros, que decidiu acorrer em seu auxílio e oferecer-lhe a sua amizade.

Ao princípio, Javier pensou que Julián vinha acabar com ele enquanto os outros se riam às gargalhadas.

– O meu nome é Julián – disse, estendendo a mão. – Os meus amigos e eu íamos jogar umas partidas de xadrez no pinhal e estava cá a pensar se te apeteceria vir connosco.

– Eu não sei jogar xadrez.

– Eu até há duas semanas, também não. Mas o Miquel é um bom professor... O rapaz olhava com receio, à espera da chacota, do ataque escondido a qualquer momento.

– Não sei se os teus amigos quererão que eu esteja convosco...

– Foi ideia deles. Que dizes?

A partir daquele dia, Javier juntava-se-lhes às vezes ao terminar as tarefas que lhe tinham sido atribuídas. Costumava permanecer calado, a escutar e a observar os demais. Aldaya tinha um certo medo dele.

Fernando, que tinha vivido na própria carne o desprezo dos outros em consequência da sua origem humilde, desfazia-se em amabilidades com o enigmático rapaz. Miquel Moliner, que lhe ensinava os rudimentos do xadrez e o observava com olho clínico, era o que estava menos convencido de todos.

– O tipo é chanfrado. Caça gatos e pombas e martiriza-os durante horas com a faca. Depois enterra-os no pinhal.

– Quem é que diz isso?

– Ele próprio mo contava no outro dia enquanto eu lhe explicava o salto do cavalo. Também me contava que às vezes a mãe se mete na cama dele à noite e o apalpa.

– Devia estar a entrar contigo.

– Duvido. Aquele gajo não é bom da cabeça, Julián, e provavelmente a culpa não é dele.

Julián fazia um esforço por ignorar as advertências e profecias de Miquel, mas a verdade é que se lhe estava a tornar difícil entabular uma

relação amistosa com o filho do porteiro. Yvonne, em especial, não via Julián, nem Fernando Ramos, com bons olhos. De toda a tropa de rapazitos, eles eram os únicos que não tinham cheta. Dizia-se que o pai de Julián era um humilde lojista e que a mãe não tinha ido além de professora de música. «Essa gente não tem dinheiro nem classe nem elegância, querido - preleccionava a mãe -, quem te convém é o Aldaya, que é de uma família muito bem.» «Sim, mãe— respondia ele-, como queira.» Com o tempo, Javier pareceu começar a confiar nos seus novos amigos. Abria ocasionalmente a boca, e estava a talhar um jogo de peças de xadrez para Miquel Moliner, em agradecimento pelas suas lições. Um belo dia, quando ninguém o esperava ou julgava possível, descobriram que Javier sabia sorrir e que tinha um riso bonito e alvo, riso de criança.

– Vês? É um rapaz vulgar de Lineu – argumentava Julián.

Miquel Moliner, porém, não estava completamente sossegado e observava o estranho rapaz com desconfiança, e receio, quase científicos.

– O Javier está obcecado contigo, Julián – disse-lhe um dia. – Faz tudo para conquistar a tua aprovação.

– Que disparate! Para isso já tem um pai e uma mãe; eu sou só um amigo.

– Um inconsciente, é o que tu és. O pai dele é um pobre homem que tomara ele encontrar as nalgas na altura de se espremer, e a dona Yvonne é uma harpia com um cérebro de pulga que passa o dia afazer-se encontrada em trajes menores convencida de que é a dona Maria Guerrero(*1), ou qualquer coisa pior que prefiro não mencionar. O rapaz, como é natural, procura um substituto, e tu, anjo salvador, caís do céu e dás-lhe a mão. San Julián de La Fuente, patrono dos deserdados.

***1. Famosa actriz de teatro espanhola, nascida em 1868 e falecida em 1928.**

(N. T)

– Esse tal doutor Freud está-te a apodrecer a moleirinha, Miquel. Todos nós precisamos de ter amigos. Até tu.

– Aquele rapaz não tem nem nunca terá amigos. Tem alma de aranha. E se não, veremos. Pergunto a mim mesmo o que sonhará ele...

Mal suspeitava Miquel Moliner que os sonhos de Francisco Javier eram mais parecidos com os do seu amigo Julián do que julgaria possível.

Numa ocasião, meses antes de Julián entrar para o colégio, o filho do porteiro estava a apanhar as folhas caídas no pátio das fontes quando chegou o faustoso automóvel de don Ricardo Aldaya. Naquela tarde, o industrial trazia companhia. Vinha escoltado por uma aparição, um anjo de

luz envolvido em seda que parecia levitar sobre o solo. O anjo, que não era senão a sua filha Penélope, apeou-se do Mercedes e caminhou até à fonte, agitando a sombrinha e parando a chapinhar nas águas do lago com a mão. Como sempre, a sua aia Jacinta seguia-a solícita, atenta ao mais pequeno gesto da rapariga. Pouco teria importado que viesse escoltada por um exército de criados: Javier só tinha olhos para a rapariga. Receou que, se pestanejasse, a visão se esfumaria. Permaneceu ali paralisado, a espiar a miragem, de respiração suspensa. Pouco depois, como se tivesse intuído a sua presença e o seu olhar furtivo, Penélope ergueu a vista para ele. A beleza daquele rosto afigurou-se-lhe dolorosa, insustentável. Pareceu-lhe entrever a menção de um sorriso nos lábios dela. Aterrado, Javier correu a ocultar-se no alto da torre das cisternas junto ao pombal do sótão do colégio, o seu esconderijo predilecto. Ainda lhe tremiam as mãos quando pegou nas suas ferramentas de talhar e começou a trabalhar numa nova peça que queria se assemelhasse ao rosto que acabava de vislumbrar. Quando nessa noite regressou à residência do porteiro, horas mais tarde que o habitual, a mãe esperava-o, meio nua e furiosa. O rapaz baixou os olhos receando que, se a mãe lhe lesse o olhar, visse nele a rapariga do lago e soubesse o que ele tinha estado a pensar.

– E onde é que te metes, ranhoso de merda?

– Desculpe, mãe. Perdi-me.

– Tu estás perdido desde o dia em que nasceste.

Anos mais tarde, cada vez que introduzia o revólver na boca de um prisioneiro e premia o gatilho, o inspector-chefe Francisco Javier Fumero haveria de evocar o dia em que vira o crânio da mãe estoirar como uma melancia madura nas imediações de um restaurante ao ar livre de Las Planas e não sentira nada, apenas o tédio das coisas mortas. A Guarda Civil, alertada pelo empregado do estabelecimento, que tinha ouvido o disparo, encontrara o rapaz sentado numa rocha, segurando a escopeta no regaço, ainda morna. Contemplava impávido o corpo decapitado de Maria Craponcia, aliás Yvonne, coberto de insectos. Ao ver os guardas aproximarem-se, limitara-se a encolher os ombros, com o rosto salpicado de gotas de sangue como se estivesse comido da variola.

Seguindo os soluços, os guardas encontraram Ramón o Unicolhónio encolhido ao pé de uma árvore a trinta metros dali, no meio do mato.

Tremia como uma criança e fora incapaz de se fazer entender. O tenente da Guarda Civil, depois de muito meditar, determinara que o acontecimento tinha sido um trágico acidente e assim o fizera constar no atestado, que não na sua consciência. Ao perguntarem ao rapaz se podiam

fazer alguma coisa por ele, Francisco Javier Fumero perguntara se podia ficar com aquela velha escopeta, porque quando fosse mais crescido queria ser soldado...

– Sente-se bem, senhor Romero de Torres?

A súbita aparição de Fumero no relato do padre Fernando Ramos deixara-me gelado, mas o efeito sobre Fermín tinha sido fulminante. Estava amarelento e tremiam-lhe as mãos.

– É uma baixa de tensão – improvisou Fermín num fio de voz. – Este clima catalão às vezes atormenta-nos, às pessoas do sul.

– Posso oferecer-lhe um copo de água? – perguntou o sacerdote, consternado.

– Se não for maçada para Vossa Ilustríssima. E talvez um quadradinho de chocolate, por causa daquilo da glucose...

O sacerdote serviu-lhe um copo de água, que Fermín esvaziou avidamente.

– A única coisa que tenho são rebuçados de eucalipto. Serve?

– Deus lhe pague.

Fermín engoliu um punhado de rebuçados e, daí a pouco, pareceu recuperar uma certa palidez.

– Tem a certeza de que aquele rapaz, o filho do porteiro que perdeu heroicamente o escroto defendendo as colónias, se chamava Fumero,

Francisco Javier Fumero?

– Sim. Absolutamente. Os senhores conhecem-no, por acaso?

– Não – entoámos os dois em polifonia. O padre Fernando franziu o cenho.

– Não seria de estranhar. Francisco Fumero veio a tornar-se uma personagem tristemente célebre.

– Não estamos certos de o compreender...

– Compreendem-me às mil maravilhas. Francisco Javier Fumero é inspector-chefe da Brigada Criminal de Barcelona e a sua reputação é sobejamente conhecida inclusivamente pelos que não saímos deste recinto. E o senhor ao ouvir o seu nome encolheu vários centímetros, diria eu.

– Agora que vocência o refere, o nome tem uma certa entoação familiar... O padre Fernando olhou-nos de esguelha.

– Este rapaz não é filho de Julián Carax. Estou enganado?

– Filho espiritual, Eminência, o que moralmente tem mais peso.

– Em que género de embrulhada estão os senhores metidos? Quem foi que os mandou cá?

Tive então a certeza de que estávamos a ponto de ser postos fora a pontapé do gabinete do sacerdote e optei por silenciar Fermín e, por uma vez, jogar a cartada

da honestidade.

– Tem razão, senhor padre. Julián Carax não é meu pai. Mas ninguém nos mandou cá. Há anos tropecei por acaso num livro de Carax, um livro que se julgava desaparecido, e desde então procurei averiguar mais sobre ele e esclarecer as circunstâncias da sua morte. O senhor Romero de Torres prestou-me a sua ajuda...

– Que livro?

– *A Sombra do Vento*. O senhor leu-o?

– Eu li todos os romances de Julián.

– Conserva-os?

O sacerdote abanou a cabeça.

– Posso perguntar o que lhes fez?

– Anos atrás alguém entrou no meu quarto e deitou-lhes fogo.

– Suspeita de alguém?

– Claro. De Fumero. Não é por isso que os senhores aqui estão? Fermín e eu trocámos um olhar de perplexidade.

– O inspector Fumero? Por que havia ele de querer queimar esses livros?

– Quem, senão ele? Durante o último ano que passámos juntos no colégio, Francisco Javier tentou matar Julián com a escopeta do pai. Se Miquel não o tivesse detido...

– Por que foi que tentou matá-lo? Julián tinha sido o seu único amigo.

– O Francisco Javier estava obcecado com a Penélope Aldaya. Ninguém o sabia. Não me parece que a própria Penélope tivesse reparado na existência do rapaz. Manteve o segredo durante anos. Ao que parece seguia o Julián sem que ele o soubesse. Acho que um dia o viu beijá-la.

Não sei. O que sei é que tentou matá-lo em plena luz do dia. O Miquel Moliner, que nunca tinha confiado no Fumero, lançou-se sobre ele e deteve-o no último momento. Ainda se pode ver o buraco da bala junto da entrada. Cada vez que lá passo recordo-me daquele dia.

– Que aconteceu a Fumero?

– Ele e a família foram expulsos do recinto. Acho que o Francisco Javier foi metido num internato durante uma temporada. Nunca mais soubemos dele a não ser um par de anos mais tarde, quando a mãe morreu num acidente de caça. Não houve tal acidente. O Francisco Javier Fumero é um assassino.

– Se eu lhe contasse... – murmurou Fermín.

– Olhe que não se perdia nada se os senhores me contassem alguma coisa, alguma coisa verídica, para variar.

– Podemos-lhe dizer que não foi Fumero que queimou os seus livros.

– Então quem foi?

– Foi com toda a certeza um homem com o rosto desfigurado pelo fogo que

diz chamar-se Laín Coubert.

– Esse não é...? Assenti.

– O nome de uma personagem de Carax. O diabo.

O padre Fernando reclinou-se no seu cadeirão, quase tão perdido como nós.

– O que parece cada vez mais claro é que a Penélope Aldaya é o centro de todo este assunto, e é dela que menos sabemos.

– Não me parece que possa ajudá-los nisso. Mal a vi, de longe, duas ou três vezes. Tudo o que sei dela é o que o Julián me contou, que não era muito. A única pessoa a quem alguma vez ouvi mencionar o nome da Penélope foi a Jacinta Coronado.

– Jacinta Coronado?

– A aia da Penélope. Tinha criado o Jorge e a Penélope. Gostava loucamente deles, especialmente da Penélope. Às vezes ia ao colégio buscar o Jorge, porque don Ricardo Aldaya não gostava que os filhos passassem um segundo sem a vigilância de alguém da casa. Jacinta era um anjo. Tinha ouvido dizer que eu, como Julián, éramos rapazes de recursos modestos e trazia-nos sempre qualquer coisa para lanchar porque julgava que passávamos fome. Eu dizia-lhe que o meu pai era o cozinheiro, que não se preocupasse, que de comer não me faltava. Mas ela insistia. Eu esperava-a às vezes e falava com ela.

Era a mulher mais bondosa que alguma vez conheci. Não tinha filhos, nem namorado conhecido. Estava sozinha no mundo e tinha dado a vida para criar os filhos dos Aldaya. Adorava a Penélope com toda a sua alma.

Ainda fala dela...

– O senhor padre ainda está em contacto com Jacinta?

– Vou visitá-la às vezes ao asilo de Santa Lucía. Ela não tem ninguém.

O Senhor, por razões que estão vedadas ao nosso entendimento, nem sempre premeia em vida. Jacinta já é uma mulher de muita idade e continua tão sozinha como sempre esteve.

Fermin e eu trocámos um olhar.

– E a Penélope? Nunca a visitou?

O olhar do padre Fernando era um poço de negrume.

– Ninguém sabe o que foi feito da Penélope. Aquela rapariga era a vida da Jacinta. Quando os Aldaya foram para a América e ela a perdeu, perdeu tudo.

– Por que foi que não a levaram com ela? A Penélope foi também para a Argentina, com o resto dos Aldaya? – perguntei.

O sacerdote encolheu os ombros.

– Não sei. Ninguém voltou a ver a Penélope ou a ouvir falar dela a partir de 1919.

– O ano em que Carax foi para Paris – observou Fermín.

– Os senhores têm de me prometer que não vão incomodar aquela pobre velhota para desenterrar recordações dolorosas.

– Por quem nos toma o senhor padre? – perguntou Fermín, abespinhado.

Suspeitando que não nos ia arrancar mais nada, o padre Fernando fez-nos jurar-lhe que o manteríamos informado do que averiguássemos. Fermín, para o tranquilizar, empenhou-se em jurar sobre um Novo Testamento que jazia na secretária do sacerdote.

– Deixe os Evangelhos sossegados. Basta-me a sua palavra.

– O senhor não deixa passar nada, hem, padre? Que fera!

– Vamos, eu acompanho-os à saída.

Guiou-nos através do jardim até ao gradeamento de lanças e deteve-se a uma distância prudente da saída, contemplando a rua que serpenteava a descer até ao mundo real, como se receasse evaporar-se caso se aventurasse uns passos mais além. Perguntei a mim mesmo quando teria sido a última vez que o padre Fernando abandonara o recinto do colégio de San Gabriel.

– Tive muita pena quando soube que o Julián tinha falecido – disse com voz serena. – Apesar de tudo o que depois aconteceu e de nos termos distanciado com o tempo, fomos bons amigos: o Miquel, o Aldaya, o Julián e eu. Até o Fumero. Sempre julguei que íamos ser inseparáveis, mas a vida deve saber qualquer coisa que nós não sabemos. Nunca voltei a ter amigos como aqueles, e não me parece que os volte a ter. Espero que encontre o que procura, Daniel.

26.

A manhã ia quase a meio quando chegámos ao Paseo de La Bonanova, cada um absorto nos seus próprios pensamentos. Não me restavam dúvidas de que os de Fermín se concentravam na sinistra aparição do inspector Fumero no assunto. Olhei-o de esguelha e apercebi-me do seu semblante pesaroso, carcomido de inquietude. Um manto de nuvens escuras estendia-se como sangue derramado e destilava estilhas de luz da cor das folhas caídas.

– Se não nos apressamos, levamos com uma das grandes – disse eu.

– Ainda não. Aquelas nuvens têm cara de noite, de nódoa negra. São das que esperam.

– Não me diga que também percebe de nuvens.

– Viver na rua ensina mais à pessoa do que ela desejaria saber. Só de pensar naquilo do Fumero deu-me uma fome horrorosa. Que me diz de irmos até ao bar da praça de Sarriá e abotoarmo-nos com dois sanduíches de tortilha com muitíssima cebola?

Metemos rumo à praça, onde uma horda de velhotes namoriscava o pombal local, reduzindo a vida a um jogo de migalhas e de espera. Arranjámos uma mesa junto à porta do bar, onde Fermín passou a dar boa conta das dois sanduíches, a dele e a minha, uma imperial, dois quadrados de chocolate e um garoto com um cheiro de rum. De sobremesa tomou um Sugus. Na mesa contígua, um homem observava Fermín de soslaio por cima do jornal, provavelmente a pensar o mesmo que eu.

– Não sei onde é que enfia tudo isso, Fermín.

– Na minha família fomos sempre de metabolismo acelerado. A minha irmã Jesusa, que Deus tenha, era capaz de lanchar uma tortilha de morcela e alho francês e seis ovos a meio da tarde e depois portar-se como um cossaco ao jantar. Chamavam-lhe a Fígados, porque sofria de mau hálito. Era igualzinha a mim, sabe? Com esta mesma tromba e este corpo serrano, bastante magro de carnes. Um médico de Cáceres disse-lhe uma vez que nós, os Romero de Torres, éramos do vínculo perdido entre o homem e o peixe-martelo, porque noventa por cento do nosso organismo é cartilagem, maioritariamente concentrado no nariz e no pavilhão auricular. Na aldeia confundiam muito a Jesusa comigo, porque a desgraçada nunca chegou a desenvolver peito e começou a fazer a barba antes de mim. Morreu de tísica aos vinte e dois anos, virgem terminal e apaixonada em segredo por um padre santarrão que quando se cruzava com ela na rua lhe dizia sempre. «Viva, Fermín, estás um homenzinho.» Ironias da vida.

– Tem saudades dela?

– Da família?

Fermín encolheu os ombros, varado num sorriso nostálgico.

– Sei lá! Poucas coisas enganam mais que as recordações. Veja o padre... E o Daniel? Tem saudades da sua mãe?

Baixei o olhar.

– Muito.

– Sabe do que mais me lembro da minha? – perguntou Fermín. – Do cheiro. Cheirava sempre a lavado, a pão doce. Tanto fazia que tivesse passado o dia a trabalhar no campo ou que trouxesse vestidos os mesmos andrajos de toda a semana. Cheirava sempre a tudo o que há de bom neste mundo. E olhe que era bruta. Praguejava como um carroceiro, mas cheirava como as princesas das histórias. Ou pelo menos assim me parecia. E o Daniel? De que mais se lembra da sua mãe?

Hesitei um instante, arranhando as palavras que me fugiam da voz.

– Nada. Há já anos que não me consigo lembrar da minha mãe. Nem como era a cara dela, a voz, ou o cheiro. Perderam-se-me no dia em que descobri Julián Carax e nunca mais voltaram.

Fermín observava-me cautelosamente, medindo a resposta.

– Não tem nenhum retrato dela?

– Nunca quis vê-los – disse eu.

– Porquê?

Nunca tinha contado isto a ninguém, nem sequer ao meu pai ou ao Tomás.

– Porque tenho medo. Tenho medo de procurar um retrato da minha mãe e descobrir nela uma estranha. Isto há-de parecer-lhe uma tolice.

Fermín abanou a cabeça.

– E por isso acha que se conseguir desvendar o mistério de Julián Carax e resgatá-lo do esquecimento, o rosto da sua mãe voltará para si? Olhei-o em silêncio. Não havia ironia nem julgamento no seu olhar. Por um instante, Fermín Romero de Torres pareceu-me o homem mais lúcido e sábio do universo.

– Talvez – disse, sem pensar. Por volta do meio-dia metemo-nos num autocarro de volta ao centro. Sentámo-nos à frente, mesmo atrás do condutor, circunstância que Fermín aproveitou para entabular um debate com ele acerca dos muitos progressos, técnicos e cosméticos, que notava nos transportes públicos de superfície em relação à última vez que os tinha utilizado, lá para 1940, particularmente no referente à sinalização, como demonstrava um cartaz que rezava: «É proibido cuspir e dizer palavrões.» Fermín examinou o cartaz de esguelha e optou por lhe prestar vassalagem conjurando com vigor um sonoro escarro, o que bastou para nos granjear os olhares sulfúricos de um trio de beatonas que viajavam em comando na parte de trás, apetrechadas todas elas do seu exemplar de missal.

– Selvagem – murmurou a beata do flanco leste, que revelava uma assombrosa parecença com o retrato oficial do general Yagüe(*1).

**1. General franquista que chefiou o Corpo de Exército Marroquino, avançando pela Estremadura espanhola e pelo Vale do Tejo para eliminar a resistência republicana. (N. T.)*

– Ali vão elas – disse Fermín. – Três santas tem a minha Espanha. Santa Aflição, Santa Carcaça e Santa Melindres. Todos juntos transformámos este país numa anedota.

– Bem pode dizê-lo – conveio o condutor. – Com Azaria estávamos melhor. E do trânsito nem é bom falar. Mete nojo.

Um homem sentado na parte de trás riu-se, desfrutando da troca de pareceres. Reconheci-o como o mesmo que tinha estado sentado ao pé de nós no bar. A sua expressão parecia insinuar que estava do lado de Fermín e que desejava vê-lo assanhar-se com as beatas. Cruzei brevemente o olhar com ele. Sorriu-me cordialmente e regressou ao seu jornal com desinteresse. Ao chegar à Rua Ganduxer reparei que Fermín se tinha encolhido como um novelo debaixo da gabardina e estava a ferrar uma cabeçadita com a boca aberta e o rosto bem-aventurado. O autocarro deslizava pelos cavalheiros engomados do Paseo de San Gervasio quando

Fermín acordou de repente.

– Estive a sonhar com o padre Fernando – disse. – Só que no meu sonho estava vestido de avançado-centro do Real Madrid e tinha a taça da Liga ao lado, toda ela a reluzir.

– E depois? – perguntei.

– Se Freud tiver razão, isso significa que talvez o padre nos tenha metido um golo.

– A mim pareceu-me um homem honesto.

– Isso é verdade. Talvez demasiado para o seu próprio bem. Os padres com estofo de santos acabam por ser todos mandados para as missões, para ver se são comidos pelos mosquitos ou pelas piranhas.

– Não será tanto assim.

– Bendita inocência a sua, Daniel. Até acredita no Pai Natal. E, senão, tem para amostra: aquela aldrabice de Miquel Moliner que Nuria Monfort lhe impingiu. Parece-me que essa sujeita lhe enfiou ainda mais patranhas que a página editorial do *L'Osservatore Romano*. Agora vai-se a ver e é casada com um amigo de infância de Aldaya e Carax, imagine lá o Daniel. E ainda por cima temos a história da Jacinta, a aia boa, que talvez seja verídica mas soa de mais a último acto de don Alejandro Casona(*2). Isto para já não falar da aparição estelar do Fumero no papel de magarefe.

**2. Alejandro Rodríguez Álvarez, chamado Alejandro Casona, dramaturgo espanhol nascido em 1903 e falecido em 1965, que a seguir à Guerra Civil se exilou no México, onde estreou diversas peças. Regressado a Espanha em 1962, levou à cena a sua última comédia, O Cavaleiro da Espora de Ouro, em 1964. (N. T.)*

– Acha então que o padre Fernando nos mentiu?

– Não. Concorde consigo que parece honesto, mas o uniforme pesa muito e se calhar guardou uma ou outra novena na manga, por assim dizer. Creio que se nos mentiu foi por omissão e decoro, e não por mau fundo ou malícia. Aliás não o vejo capaz de inventar um enredo daqueles. Se soubesse mentir melhor, não andaria a dar aulas de álgebra e latim: estaria já no episcopado, com um gabinete de cardeal e melindres macios para o café.

– Que sugere então que façamos?

– Mais tarde ou mais cedo vamos ter de desenterrar a múmia da velhinha angelical e sacudi-la pelos tornozelos, a ver o que cai. De momento vou puxar alguns cordelinhos, a ver o que averiguo sobre esse tal Miquel Moliner. E não se perderia nada em manter debaixo de olho essa Nuria Monfort, que me parece que se está a revelar aquilo a que a minha falecida mãe chamava uma galdéria.

– Engana-se em relação a ela – aduzi eu.

– A si basta mostrarem-lhe um par de mamas bem feitas e julga logo que viu a Santa Teresa, o que na sua idade tem desculpa, que não remédio. Deixe-a comigo, Daniel, que a fragrância do eterno feminino já não me atordoa como a si. Na minha idade, a irrigação sanguínea para a cabeça adquire preferência à destinada às partes moles.

– Que conversa!

Fermín extraiu o seu porta-moedas e pôs-se a contar o montante.

– Leva aí uma fortuna – disse eu. – Sobrou isso tudo do troco desta manhã?

– Parte. O resto é legítimo. É que hoje vou sair com a minha Bernarda por aí. E eu àquela mulher não posso negar nada. Se for preciso, assalto o Banco de Espanha para lhe satisfazer todos os caprichos. E o Daniel que planos tem para o resto do dia?

– Nada em especial.

– E a tal miúda?

– Que miúda?

– A peneirenta. Que miúda é que havia de ser? A irmã do Aguilar.

– Não sei.

– Saber, sabe; o que não tem, falando bem e depressa, é colhões para pegar o touro pelos cornos.

Nisto aproximou-se de nós o revisor com ar fatigado, fazendo malabarismos com um palito que passeava e rodopiava entre os dentes com destreza circense.

– Os senhores desculpem, mas aquelas senhoras além perguntam se podem utilizar uma linguagem mais decorosa.

– É uma merda – replicou Fermín, em voz alta. O revisor voltou-se para as três damas e encolheu os ombros, dando-lhes a entender que tinha feito tudo quanto podia e que não estava disposto a andar à bofetada por uma questão de pudor semântico.

– As pessoas que não possuem vida própria têm sempre de se meter na dos outros – resmungou Fermín. – De que é que estávamos a falar?

– Da minha falta de tomates.

– Efectivamente. Um caso crónico. Oiça o que eu lhe digo. Vá procurar a sua pequena, que esta vida são dois dias, especialmente a parte que vale a pena viver. Bem viu o que o padre dizia. Tão depressa me vês como não me vês.

– Mas é que ela não é a minha pequena.

– Pois ganhe-a antes que outro a leve, especialmente um soldadinho de chumbo.

– Fala como se a Bea fosse um troféu.

– Não, como se fosse uma bênção – corrigiu Fermín. – Olhe, Daniel. O destino costuma estar ao virar da esquina. Como se fosse um gatuno, uma rameira

ou um vendedor de lotaria: as suas três encarnações mais batidas. Mas o que não faz é visitas ao domicílio. É preciso ir atrás dele.

Dediquei o resto do trajecto a considerar esta pérola filosófica enquanto Fermín empreendia outra cabeçada, mister para o qual tinha um talento napoleónico. Descemos do autocarro na esquina da Gran Via com o Paseo de Gracia sob um céu de cinza que sumia a luz. Abotoando a gabardina até ao gasganete, Fermín anunciou que partia a toda a pressa rumo à sua pensão com a intenção de se arranjar para o encontro com Bernarda.

– Note que com uma presença essencialmente modesta como a minha, a toilette não leva menos de noventa minutos. Não há génio sem figura; é essa a triste realidade destes tempos trapaceiros. *Vanitas pecata mundi*. Vi-o afastar-se pela Gran Via, um mero esboço de homenzinho abrigado na sua gabardina cinzenta que esvoaçava como uma bandeira coçada ao vento. Meti rumo a casa, onde planeava recrutar um bom livro e esconder-me do mundo. Ao dobrar a esquina da *Puerta del Ángel* com a Rua Santa Ana, deu-me o coração um salto. Fermín, como sempre, tivera razão. O destino aguardava-me diante da livraria envergando um vestido de lã cinzenta, sapatos novos e meias de seda, e a estudar o seu reflexo na montra.

– O meu pai julga que eu estou na missa do meio-dia – disse Bea sem erguer a vista da sua própria imagem.

– É como se estivesse. Aqui, a menos de vinte metros, na igreja de Santa Ana estão em sessões contínuas desde as nove da manhã. Falávamos como dois desconhecidos casualmente parados diante de uma montra, procurando o olhar um do outro no vidro.

– Não é caso para agradecer. Tive de tirar uma folha dominical para saber sobre o que era o sermão. Depois há-de pedir-me que lhe faça uma sinopse pormenorizada.

– O teu pai mete-se em tudo.

– Jurou que te partia as pernas.

– Antes disso terá de averiguar quem eu sou. E, enquanto eu as tiver inteiras, corro mais do que ele.

Bea observava-me tensa, olhando por cima do ombro os transeuntes que deslizavam atrás de nós em sopros de cinzento e de ventania.

– Não sei de que te ris – disse ela. – Ele está a falar a sério.

– Não me estou a rir. Estou morto de medo. Mas é que fico contente por te ver.

Um sorriso a meia haste, nervoso, fugaz.

– Eu também – concedeu Bea.

– Dizes isso como se fosse uma doença.

– É pior que isso. Pensava que, se te voltasse a ver à luz do dia, se calhar

ganhava juízo. Perguntei a mim mesmo se aquilo era um elogio ou uma condenação.

– Não nos podem ver juntos, Daniel. Assim não, em plena rua.

– Se quiseses, podemos entrar na livraria. Na parte de trás há uma cafeteira e...

– Não. Não quero que ninguém me veja entrar ou sair daqui. Se alguém me vê falar agora contigo, posso sempre dizer que tropecei por acaso no melhor amigo do meu irmão. Se nos virem duas vezes juntos, levantaremos suspeitas.

Suspirei.

– E quem é que nos vai ver? A quem é que importa o que façamos?

– As pessoas têm sempre olhos para o que não lhes importa, e o meu pai conhece meia Barcelona.

– Então por que é que vieste até aqui esperar-me?

– Não vim esperar-te. Vim à missa, não te lembras? Tu mesmo o disseste. A vinte metros daqui...

– Metes-me medo, Bea. Ainda mentes melhor do que eu.

– Tu não me conheces, Daniel.

– É o que o teu irmão diz.

Os nossos olhares encontraram-se no reflexo.

– Na outra noite mostraste-me uma coisa que eu nunca tinha visto - murmurou Bea. – Agora é a minha vez.

Franzi o cenho, intrigado. Bea abriu a mala, extraiu de lá um cartão de cartolina dobrado e estendeu-mo.

– Não és o único que conhece mistérios em Barcelona, Daniel. Tenho uma surpresa para ti. Espero-te nesta direcção hoje às quatro. Ninguém deve saber que combinámos encontrar-nos lá.

– Como saberei que dei com o sítio certo?

– Sabê-lo-ás.

Olhei-a de esguelha, rezando para que estivesse a brincar comigo.

– Se não apareceres, eu compreenderei – disse Bea. – Compreenderei que já não me queres voltar a ver.

Sem me conceder um instante para responder, Bea deu meia volta e afastou-se a passo ligeiro na direcção das Ramblas. Fiquei a segurar o cartão na mão e a palavra nos lábios, perseguindo-a com o olhar até que a sua silhueta se fundiu na penumbra cinzenta que precedia a tempestade. Abri o cartão. No interior, em traço azul, lia-se uma direcção que eu conhecia bem.

Avenida del Tibidabo, 32.

A tempestade não esperou pelo anoitecer para deitar os dentes de fora. Os primeiros relâmpagos surpreenderam-me pouco depois de apanhar um autocarro da linha 22. Ao contornar a praça Molina e subir Balmes acima, a cidade já se esbatia sob cortinas de veludo líquido, recordando-me que nem tinha tomado a precaução de trazer um mísero guarda-chuva.

– É preciso coragem – murmurou o condutor quando o mandei parar.

Passavam já dez minutos das quatro quando o autocarro me deixou num elo perdido no final da Rua Balmes à mercê da tempestade. Em frente, a Avenida del Tibidabo desvanecia-se numa miragem aquosa sob um céu de chumbo. Conteí até três e desatei a correr debaixo da chuva. Minutos mais tarde, ensopado até à medula e a tiritar de frio, detive-me ao abrigo de uma entrada para recuperar o fôlego. Auscultei o resto do trajecto. O hálito gelado da tempestade arrastava um manto cinzento que mascarava o contorno espectral de palacetes e casarões enterrados na névoa. Entre eles erguia-se o torreão escuro e solitário do Palacete Aldaya, varado no meio do arvoredor ondulante. Afastei o cabelo ensopado que me caía para os olhos e desatei a correr para lá, percorrendo a avenida deserta.

A portinhola do gradeamento abanava ao vento. Mais além abria-se um carreiro ondulante que subia até ao casarão. Introduzi-me pela portinhola e internei-me no prédio. No meio das ervas daninhas adivinhavam-se pedestais de estátuas arrasadas sem piedade. Ao avançar direito ao casarão, reparei que uma das estátuas, a efígie de um anjo purificador, tinha sido abandonada no interior de uma fonte que coroava o jardim. A silhueta de mármore enegrecido brilhava como um espectro sob a lâmina de água que transbordava do lago. A mão do anjo ígneo emergia das águas: um dedo acusador, aguçado como uma baioneta, apontava para a porta principal da casa. O portão de carvalho trabalhado adivinhava-se entreaberto. Empurrei a porta e aventurei-me uns passos até um vestíbulo cavernoso, cujas paredes flutuavam sob a carícia de uma vela.

– Julguei que não vinhas – disse Bea.

A sua silhueta perfilava-se num corredor cravado na penumbra, recortada na claridade mortiça de uma galeria que se abria ao fundo. Estava sentada numa cadeira, contra a parede, com uma vela aos pés.

– Fecha a porta – indicou, sem se levantar. – A chave está na fechadura. Obedeci. A fechadura rangeu com um eco sepulcral. Ouvei os passos de Bea atrás de mim e senti o roçar da sua roupa ensopada.

– Estás a tremer. É de medo ou de frio?

– Ainda não decidi. Por que é que aqui estamos? Sorriu na penumbra e

pegou-me na mão.

– Não sabes? Julgava que terias adivinhado...

– Esta era a casa dos Aldaya, é tudo quanto sei. Como conseguiste aqui entrar e como sabias...?

– Anda, vamos acender uma fogueira para aqueceres. Guiou-me através do corredor até à galeria que dominava o pátio interior da casa. O salão erguia-se em colunas de mármore e paredes nuas que rastejavam até ao artesoado de um tecto a cair aos bocados. Adivinhavam-se as marcas de quadros e espelhos que tempos atrás tinham coberto as paredes, tal como os rastos de móveis sobre o pavimento de mármore. Num extremo do salão havia uma lareira com uns troncos colocados. Uma pilha de jornais velhos descansava junto ao atiçador. O hálito da chaminé cheirava a fogo recente e a coque. Bea ajoelhou-se diante da lareira e começou a meter várias folhas de jornal entre os troncos. Extraiu um fósforo e incendiou-as, conjurando rapidamente uma coroa de chamas. As mãos de Bea agitavam os madeiros com habilidade e experiência. Imaginei que me supunha morto de curiosidade e impaciência, mas decidi adoptar um ar fleumático que deixasse claro que, se Bea queria brincar aos mistérios comigo, não sairia a ganhar. Ela derretia-se num sorriso triunfante. O meu tremor das mãos não ajudava porventura à minha representação.

– Vens muito por aqui? – perguntei.

– Hoje é a primeira vez. Intrigado?

– Vagamente.

Ajoelhou-se junto do fogo e estendeu uma manta limpa que tirou de um saco de lona. Cheirava a lavanda.

– Anda, senta-te aqui, ao pé do fogo, não vás apanhar uma pneumonia por minha culpa. O calor da fogueira devolveu-me à vida. Bea contemplava as chamas em silêncio, enfeitiçada.

– Vais-me contar o segredo? – perguntei finalmente. Bea suspirou e sentou-se numa das cadeiras. Eu permaneci colado ao fogo, a observar o vapor a subir da minha roupa como uma alma em fuga.

– Aquilo a que tu chamas o palacete Aldaya, tem na realidade nome próprio. A casa chama-se «O anjo de bruma», mas quase ninguém o sabe. O escritório do meu pai anda há quinze anos a tentar vender este prédio sem o conseguir. No outro dia, enquanto me explicavas a história do Julián Carax e da Penélope Aldaya, não reparei nisso. Depois, à noite, em casa, juntei as coisas e lembrei-me de que tinha ouvido o meu pai falar uma vez da família Aldaya, e desta casa em particular. Ontem fui ao escritório do meu pai e o secretário dele, Casasús, contou-me a história da casa. Sabias que na realidade esta não era a sua residência oficial, mas sim uma das suas casas de veraneio? Abanei a cabeça.

– A casa principal dos Aldaya era um palácio que foi demolido em 1925

para erigir um bloco de andares, no que hoje é o cruzamento das Ruas Bruch e Mallorca, desenhado por Puig i Cadafalch por encomenda do avô de Penélope e Jorge, Simón Aldaya, em 1896, quando aquilo não era mais que campos e valas. O filho mais velho do patriarca Simón, don Ricardo Aldaya, tinha-a comprado aí pelos últimos anos do século XIX a uma personagem muito pitoresca por um preço irrisório, porque a casa tinha má fama. Casasús disse-me que estava amaldiçoada e que nem os vendedores se atreviam a vir mostrá-la e fugiam com o rabo à seringa sob qualquer pretexto...

28.

Naquela tarde, enquanto se aquecia novamente, Bea referiu-me a história de como «O anjo da bruma» fora parar às mãos da família Aldaya. O relato era um melodrama escabroso que bem podia ter saído da pena de Julián Carax. A casa fora construída em 1899 pela firma de arquitectos de Naulí, Martorell i Bergadà sob os auspícios de um próspero e extravagante financeiro catalão chamado Salvador Jausà, que só viria a viver nela um ano. O potentado, órfão desde os seis anos e de origens humildes, tinha acumulado a maior parte da sua fortuna em Cuba e Porto Rico. Dizia-se que a sua era uma das muitas mãos negras por detrás da trama da queda de Cuba e da guerra com os Estados Unidos em que se haviam perdido as últimas colónias. Do Novo Mundo trouxera alguma coisa mais que uma fortuna: acompanhavam-no uma esposa norte-americana, damizela pálida e frágil da boa sociedade de Filadélfia que não falava uma palavra de castelhano, e uma criada mulata que havia estado ao seu serviço desde os primeiros anos em Cuba e que viajava com um macaco enjaulado vestido de arlequim e sete baús de bagagem. Temporariamente instalaram-se em vários quartos do hotel Colón na praça de Cataluna, à espera de adquirir a residência adequada aos gostos e apetências de Jausà.

Ninguém tinha a menor dúvida de que a criada – uma beleza de ébano dotada de um olhar e uma figura que segundo as crónicas de sociedade induziam taquicardias – era na realidade sua amante e guia em prazeres ilícitos e indizíveis. A sua qualidade de bruxa e feiticeira pressupunha-se por acréscimo. O seu nome era Marisela, ou assim lhe chamava Jausà, e a sua presença e ares enigmáticos não tardaram a converter-se no escândalo predilecto das reuniões que as damas de bom nascimento propiciavam para degustar melindres e matar o tempo e os sufocos outonais. Nestas tertúlias circulavam rumores por confirmar que sugeriam que a mulher africana, por inspiração directa dos Infernos, fornicava empoleirada no homem, isto é, cavalgando-o qual égua no cio, o que violava necessariamente pelo

menos cinco ou seis pecados mortais. Não faltou, pois, quem escrevesse ao episcopado, solicitando uma bênção especial e protecção para a alma impoluta e nêvea das famílias de bom nome de Barcelona perante semelhante influência. Como se não bastasse, Jausà tinha a desfaçatez de ir passear com a esposa e com Marisela na sua carruagem aos domingos a meio da manhã, oferecendo assim o espectáculo babilónico da depravação aos olhos de qualquer rapazito incorrupto que pudesse deambular pelo Paseo de Gracia a caminho da missa das onze. Até os jornais se faziam eco do olhar altivo e orgulhoso da pretalhona, que contemplava o público barcelonês «como uma rainha das selvas olharia para uma confraria de pigmeus». Por aquela época, a febre modernista já consumia Barcelona, mas Jausà indicou claramente aos architectos que tinha contratado para lhe construírem a sua nova morada que queria uma coisa diferente. No seu dicionário, «diferente» era o melhor dos epítetos. Jausà passara anos a passear-se diante da fiada de mansões neogóticas que os grandes magnates da era industrial americana tinham mandado construir no trecho da Quinta Avenida entre as Ruas 58 e 72, frente ao lado leste do Central Park. Agarrado aos seus devaneios americanos, o financeiro negou-se a dar ouvidos a qualquer argumento a favor de construir segundo a moda e uso do momento, do mesmo modo que se tinha recusado a adquirir um camarote no Liceo, como era de rigor, qualificando-o de babel de surdos e colmeia de indesejáveis. Desejava a sua casa afastada da cidade, nas então ainda relativamente desoladas paragens da Avenida del Tibidabo. Queria contemplar Barcelona à distância, dizia. Por única companhia só desejava um jardim de estátuas de anjos que, segundo as suas instruções (destiladas por Marisela), deviam ficar situadas nos vértices do traçado de uma estrela de sete pontas, nem uma mais nem uma menos. Resolvido a levar a cabo os seus planos, e com as arcas a abarrotar para o poder fazer a seu capricho, Salvador Jausà enviara os seus architectos três meses a Nova Iorque para que estudassem as delirantes estruturas erigidas para albergar o comodoro Vanderbilt, a família de John Jacob Astor, Andrew Carnegie e o resto das cinquenta famílias de ouro. Dera instruções para que assimilassem o estilo e as técnicas do gabinete de architectura de Stanford, White McKim e advertira-os de que não se incomodassem a bater-lhe à porta com um projecto ao gosto dos que ele denominava «charcuteiros e fabricantes de botões».

Um ano mais tarde, os três architectos dirigiram-se aos seus sumptuosos aposentos do hotel Colón para lhe apresentarem o projecto. Jausà, na companhia da mulata Marisela, escutou-os em silêncio e no final da apresentação perguntou qual seria o custo de levar a cabo a obra em seis meses. Frederic Martorell, sócio líder do gabinete de architectos, pigarreou e, por decoro, anotou a cifra num papel e estendeu-o ao potentado. Este, sem pestanejar, entregou acto contínuo um cheque no valor do montante total e mandou embora a comitiva com um cumprimento ausente.

Sete meses mais tarde, em Julho de 1900, Jausà, a mulher e a criada Marisela instalavam-se na casa. Em Agosto desse ano, as duas mulheres estariam mortas e a polícia encontraria Salvador Jausà agonizante, nu e algemado ao cadeirão do seu escritório. O relatório do sargento que instruíra o caso mencionava que as paredes de toda a casa estavam ensanguentadas, que as estátuas dos anjos que rodeavam o jardim tinham sido mutiladas – com os rostos pintados ao uso das máscaras tribais –, e que se tinham encontrado rastos de círios negros nos pedestais. A investigação durara oito meses. Por essa altura, Jausà tinha emudecido.

As pesquisas da polícia concluíram o seguinte: tudo parecia indicar que Jausà e a mulher tinham sido envenenados com um extracto vegetal que lhes fora administrado por Marisela, em cujos aposentos se encontraram vários frascos da substância. Por qualquer razão, Jausà sobrevivera ao veneno, embora as sequelas que este deixou fossem terríveis, fazendo-lhe perder a fala e o ouvido, paralisando-lhe parte do corpo com dores tremendas e condenando-o a viver o resto dos seus dias numa perpétua afonia. A senhora de Jausà fora encontrada no respectivo quarto, deitada na cama sem mais vestuário que as suas jóias e um bracelete de brilhantes. As suposições da polícia apontavam para que, cometido o crime, Marisela abrisse as veias com uma faca e percorreria a casa espalhando o seu sangue pelas paredes de corredores e quartos até cair morta no seu quarto do sótão. O móbil, segundo a polícia, tinha sido o ciúme. Ao que parecia, a mulher do potentado estava grávida no momento de morrer. Marisela, dizia-se, tinha desenhado uma caveira sobre o ventre nu da senhora com cera vermelha quente. O caso, como os lábios de Salvador Jausà, ficou selado para sempre uns meses mais tarde. A boa sociedade de Barcelona comentava que nunca tinha sucedido uma coisa assim na história da cidade, e que a súcia de indianos(*1) e gentilha que vinha da América estava a arruinar a sólida fibra moral do país. À boca pequena, muitos alegraram-se com o facto de as excentricidades de Salvador Jausà terem chegado ao fim. Como sempre, enganavam-se: mal tinham começado.

**1. A palavra indiano designa em Espanha a pessoa que enriqueceu na zona americana que foi espanhola e volta ao país natal. (N. T.)*

A polícia e os advogados de Jausà encarregaram-se de encerrar o caso, mas o indiano Jausà estava disposto a continuar. Foi por essa altura que conheceu don Ricardo Aldaya, naquela época já um próspero industrial com fama de dom-joão e temperamento leonino, que se ofereceu para lhe comprar o prédio com a intenção de o demolir e vendê-lo de novo a preço de ouro, porque o valor do terreno na zona estava a subir como a espuma. Jausà não acedeu a vender, mas convidou Ricardo Aldaya a visitar a casa com a intenção de lhe mostrar o que denominou uma experiência científica e espiritual. Ninguém tinha voltado a entrar no prédio desde o

termo da investigação. O que Aldaya presenciou lá dentro deixou-o gelado. Jausà tinha perdido completamente a razão. A sombra escura do sangue de Marisela continuava a cobrir as paredes. Jausà tinha convocado um inventor e pioneiro na curiosidade tecnológica do momento, o cinematógrafo. O homem chamava-se Fructuós Gelabert e acedera às exigências de Jausà a troco de fundos para construir uns estúdios cinematográficos no Vallés, seguro de que durante o século XX as imagens animadas iam substituir a religião organizada. Ao que parece, Jausà estava convencido de que o espírito da negra Marisela permanecia na casa. Afirmava sentir a sua presença, a sua voz e o seu cheiro, e inclusivamente o seu contacto na escuridão. A criadagem, ao ouvir estas histórias, tinha fugido a galope rumo a empregos de menor tensão nervosa na localidade vizinha de Sarriá, onde não faltavam palácios e famílias incapazes de encher um balde de água ou remendar as peúgas.

Jausà ficou, assim, sozinho, com a sua obsessão e os seus espectros invisíveis. Depressa decidiu que a chave estava em superar esta condição de invisibilidade. O indiano tivera já ocasião de ver alguns resultados da invenção do cinematógrafo em Nova Iorque, e compartilhava a opinião da falecida Marisela de que a câmara sugava almas, a do sujeito filmado e a do espectador.

Seguindo esta linha de raciocínio, encomendara a Fructuós Gelabert que rodasse metros e metros de película nos corredores de «O anjo de bruma» em busca de sinais e visões do outro mundo. Até à data e apesar do nome de baptismo do técnico no comando da operação, as tentativas tinham-se revelado infrutuosas.

Tudo mudou quando Gelabert anunciou que recebera um novo tipo de material sensível da fábrica de Thomas Edison em Menlo Park, New Jersey, que permitia filmar cenas em condições precárias de luz até ao momento inauditas. Por meio de uma técnica que nunca ficou clara, um dos assistentes de laboratório de Gelabert tinha derramado um vinho espumoso do género *xarelo*, proveniente do Penedés, na cuba de revelação e, fruto da reacção química, começaram a aparecer estranhas formas na película exposta. Era essa a película que Jausà queria mostrar a don Ricardo Aldaya na noite em que o convidou a ir ao seu casarão espectral do número 32 da Avenida del Tibidabo.

Aldaya, ao ouvir isto, imaginou que Gelabert receava ver desaparecer os fundos económicos que Jausà lhe proporcionava e tinha recorrido a tão bizantino ardil para manter o interesse do seu patrão. Jausà, porém, não tinha dúvida alguma acerca da fiabilidade dos resultados. Mais, onde outros viam formas e sombras, ele via almas. Jurava distinguir a silhueta de Marisela a materializar-se num sudário, sombra que se transformava num lobo e caminhava erecta. Ricardo Aldaya não viu na projecção mais que manchas, sustentando além disso que tanto a película projectada como o técnico que operava o projector tresandavam a vinho e outras

bebidas espirituosas. Mesmo assim, como bom homem de negócios, o industrial intuiu que tudo aquilo podia acabar por se lhe revelar vantajoso. Assim, deu-lhe razão e encorajou-o a continuar a sua empresa. Durante semanas, Gelabert e os seus homens rodaram quilómetros de película que havia de ser revelada em diferentes tanques com soluções químicas de líquidos de revelação diluídos com Aromas de Montserrat, vinho tinto abençoado na paróquia do Ninot e toda a sorte de espumantes dos solos tarraconenses. Entre projecção e projecção, Jausà transferia poderes, assinava autorizações e conferia o controlo das suas reservas financeiras a Ricardo Aldaya.

Jausà desapareceu uma noite de Novembro daquele ano durante uma tempestade. Ninguém soube o que tinha sido feito dele. Ao que parecia estava a expor um dos rolos de película especial de Gelabert quando lhe sobreveio um acidente. Don Ricardo Aldaya encarregou Gelabert de recuperar o dito rolo e, depois de o visionar em privado, deitou-lhe pessoalmente fogo e sugeriu ao técnico que esquecesse o assunto com a ajuda de um cheque de indiscutível generosidade. Por essa altura, Aldaya era já titular da maioria das propriedades do desaparecido Jausà. Houve quem dissesse que a falecida Marisela tinha regressado a fim de o levar para os infernos. Outros referiram que um mendigo muito parecido com o falecido milionário fora visto durante uns meses nos arredores da cidadela até que uma carruagem negra, de cortinas veladas, o atropelara sem parar em plena luz do dia. Nessa altura já era tarde: a lenda negra do casarão, e a invasão do son rústico nos salões de baile da cidade, eram inamovíveis.

Uns meses mais tarde, don Ricardo Aldaya mudou a sua família para a casa da Avenida del Tibidabo, onde daí a duas semanas nasceria a filha mais nova do casal, Penélope. Para o comemorar, Aldaya rebaptizou a casa como «Villa Penélope». O novo nome, porém, nunca pegou. A casa tinha o seu próprio carácter e mostrava-se imune à influência dos seus novos donos. Os recentes inquilinos queixavam-se de ruídos e pancadas nas paredes à noite, súbitos cheiros a putrefacção e correntes de ar gelado que pareciam vagar pela casa como sentinelas errantes. O casarão era um compêndio de mistérios. Tinha uma dupla cave, com uma espécie de cripta por estrear no nível inferior e uma capela no superior dominada por um grande Cristo numa cruz policroma ao qual os criados encontravam uma inquietante parecença com Rasputine, personagem muito popular na época. Os livros da biblioteca apareciam constantemente reordenados, ou virados ao contrário. Havia uma divisão no terceiro andar, um quarto de dormir que não se usava devido a inexplicáveis manchas de humidade que brotavam das paredes e pareciam formar rostos esfumados, onde as flores frescas murchavam em minutos apenas e se ouviam sempre moscas a revoltear, embora fosse impossível vê-las.

As cozinheiras asseguravam que certos artigos, como o açúcar,

desapareciam como por encanto da despensa e que o leite se tingia de vermelho com a primeira lua de cada mês. Ocasionalmente encontravam-se pássaros mortos à porta de algumas divisões, ou pequenos roedores. Outras vezes dava-se pela falta de objectos, especialmente jóias e botões da roupa guardada nos armários e gavetas. Uma vez por outra, os objectos subtraídos apareciam como por encanto meses depois nalgum canto remoto da casa, ou enterrados no jardim. Normalmente nunca mais se encontravam. A don Ricardo todos estes acontecimentos se afiguravam aldrabices e parvoeiras próprias das pessoas abastadas. Na sua opinião, uma semana de jejum teria curado a família de espantos. O que já não via com tanta filosofia eram os roubos das jóias da senhora sua esposa. Mais de cinco criadas foram despedidas ao desaparecerem diferentes peças de joalheria da senhora, embora todas jurassem lavadas em lágrimas que eram inocentes. Os mais perspicazes inclinavam-se a pensar que, sem tanto mistério, aquilo se devia ao infausto costume de don Ricardo de se enfiar nos quartos das criadas jovens à meia-noite com fins lúdicos e extramaritais. A sua reputação a este respeito era quase tão célebre como a sua fortuna, e não faltava quem dissesse que, com o ritmo que as suas proezas levavam, os bastardos que ia deixando pelo caminho haviam de organizar o seu próprio sindicato. O certo é que não desapareciam só as jóias. Com o tempo, fugiu à família o gosto de viver.

A família Aldaya nunca foi feliz naquela casa obtida por meio das turvas artes de negociante de don Ricardo. A senhora Aldaya implorava sem cessar ao marido que vendesse o prédio e que se mudassem para uma residência na cidade, ou inclusivamente que regressassem ao palácio que Puig i Cadafalch construía para o avô Simón, patriarca do clã. Ricardo Aldaya negava-se rotundamente. Uma vez que passava a maior parte do tempo em viagem ou nas fábricas da família, não encontrava nenhum problema na casa. Numa ocasião, o pequeno Jorge desapareceu durante oito horas no interior da casa. A mãe e a criadagem andaram desesperadamente à procura dele, sem êxito. Quando o rapaz reapareceu, pálido e aturdido, disse que estivera o tempo todo na biblioteca em companhia da misteriosa mulher de cor, que lhe estivera a mostrar fotografias antigas e que lhe dissera que todas as mulheres da família haveriam de morrer naquela casa para expiar os pecados dos seus homens. A misteriosa dama chegou inclusivamente a desvendar ao pequeno Jorge a data em que a mãe ia morrer: 12 de Abril de 1921. Escusado será dizer que a suposta dama negra nunca foi encontrada, embora anos mais tarde a senhora Aldaya fosse achada sem vida na cama do seu quarto ao alvorecer do dia 12 de Abril de 1921. Todas as suas jóias tinham desaparecido. Ao esvaziar o poço do pátio, um dos empregados encontrou-as no lodo do fundo, junto de uma boneca que tinha pertencido à sua filha Penélope. Uma semana mais tarde, don Ricardo Aldaya decidiu desfazer-se da casa. Por essa altura o seu império financeiro estava já ferido

de morte, e não faltava quem insinuasse que tudo era devido àquela casa maldita que trazia a desgraça a quem a ocupasse. Outros, mais cautos, limitavam-se a aduzir que Aldaya nunca tinha percebido as transformações do mercado e que tudo o que fizera ao longo da vida fora arruinar o negócio que o patriarca Simón havia erigido. Ricardo Aldaya anunciou que deixava Barcelona e se transferia com a sua família para a Argentina, onde as suas indústrias têxteis flutuavam na glória. Muitos disseram que fugia do fracasso e da vergonha.

Em 1922, «O anjo de bruma» foi posta à venda a um preço irrisório. Houve muito interesse inicial por adquiri-la, tanto por atracção doentia como pelo prestígio crescente do bairro, mas nenhum dos potenciais compradores fez uma oferta depois de visitar a casa. Em 1923, o palacete foi fechado. O título de propriedade foi transferido para uma sociedade de bens imobiliários à qual Aldaya devia dinheiro para tratar da sua venda, demolição ou o que se proporcionasse. A casa esteve à venda durante anos, sem que a empresa conseguisse encontrar um comprador. A referida sociedade, Botell i Llofré, S. L., faliu em 1939, ao serem presos os seus dois sócios titulares sob acusações que nunca ficaram claras, e, quando do trágico falecimento de ambos num acidente na penitenciária de San Viçens em 1940, foi absorvida por um consórcio financeiro de Madrid, entre cujos sócios titulares se contavam três generais, um banqueiro suíço e o membro executivo e directivo da firma, o senhor Aguilar, pai do meu amigo Tomás e de Bea. Apesar de todos os esforços promocionais, nenhum dos vendedores a mando do senhor Aguilar conseguiu colocar a casa, nem oferecendo-a a um preço muito inferior ao seu valor de mercado. Ninguém voltou a entrar no prédio em mais de dez anos.

– Até hoje – disse Bea, para mergulhar de novo num dos seus silêncios. Com o tempo habituar-me-ia a eles, a vê-la encerrar-se longe, com o olhar perdido e a voz em retirada.

– Queria mostrar-te este lugar, sabes? Queria fazer-te uma surpresa. Ao ouvir Casasús, disse para comigo que tinha de trazer-te aqui, porque isto fazia parte da tua história, de Carax e da Penélope. Tomei de empréstimo a chave do gabinete do meu pai. Ninguém sabe que estamos aqui. É o nosso segredo. Queria partilhá-lo contigo. E perguntava a mim mesma se virias.

– Já sabias que o faria.

Sorriu, acenando afirmativamente.

– Acho que nada acontece por acaso, sabes? Que, no fundo, as coisas têm o seu plano secreto, embora nós não o entendamos. Como o de teres encontrado aquele romance de Julián Carax no Cemitério dos Livros Esquecidos, ou o de tu e eu estarmos agora aqui, nesta casa que pertenceu aos Aldaya. Tudo faz parte de qualquer coisa que não conseguimos perceber, mas que nos possui.

Enquanto ela falava, a minha mão tinha-se deslocado desajeitadamente até

ao tornozelo de Bea e subido até ao seu joelho. Ela observou-a como se se tratasse de um insecto que tivesse trepado até ali. Perguntei a mim mesmo o que teria feito Fermín naquele momento. Onde estava a sua ciência quando eu mais precisava dela?

– O Tomás diz que tu nunca tiveste namorada – disse Bea, como se aquilo explicasse tudo.

Retirei a mão e baixei o olhar, derrotado. Parecia-me que Bea estava a sorrir, mas preferi não me certificar.

– Para quem é tão calado, o teu irmão está-me a sair um bom bocaaberta. Que mais diz de mim o No-Do?

– Diz que estiveste apaixonado por uma mulher mais velha que tu durante anos e que a experiência te deixou o coração desfeito.

– A única coisa desfeita com que saí de tudo aquilo foi um lábio e a vergonha.

– O Tomás diz que não voltaste a sair com nenhuma rapariga porque as comparas todas com essa mulher. O bom do Tomás e os seus golpes escondidos.

– O nome é Clara – facultei eu.

– Bem sei. Clara Barceló.

– Conhece-la?

– Toda a gente conhece alguma Clara Barceló. O nome é o menos. Ficámos calados por instantes, a ver o fogo faiscar.

– Ontem à noite, escrevi uma carta ao Pablo – disse Bea. Engoli em seco.

– Ao teu namorado, o alferes? Para quê?

Bea extraiu um envelope do bolso da blusa e mostrou-mo. Estava fechado e selado.

– Na carta digo-lhe que quero que nos casemos quanto antes, dentro de um mês, se possível, e que quero sair de Barcelona para sempre.

Enfrentei o seu olhar impenetrável, quase a tremer.

– Por que me contas isso?

– Porque quero que me digas se tenho de a enviar ou não. Foi por isso que te fiz vir hoje aqui, Daniel.

Estudei o envelope que girava nas suas mãos como uma aposta de dados.

– Olha para mim – disse ela.

Ergui a vista e sustentei-lhe o olhar. Não soube responder. Bea baixou os olhos e afastou-se até ao extremo da galeria. Uma porta conduzia à balaustrada de mármore aberta ao pátio interior da casa. Observei a sua silhueta fundir-se na chuva. Fui atrás dela e detive-a, arrebatando-lhe o envelope das mãos. A chuva fustigava-lhe o rosto, varrendo as lágrimas e a raiva. Conduzi-a de novo ao interior do casarão e arrastei-a até à calidez da fogueira. Ela evitava o meu olhar. Peguei no envelope e entreguei-o às chamas. Contemplámos a carta a quebrar-se entre as brasas e as

páginas a evaporarem-se em volutas de fumo azul, uma a uma. Bea ajoelhou-se ao pé de mim, com lágrimas nos olhos.

Abracei-a e senti o seu hálito na garganta.

– Não me deixes cair, Daniel – murmurou.

O homem mais sábio que alguma vez conheci, Fermín Romero de Torres, tinha-me explicado numa ocasião que não existia na vida experiência comparável com a da primeira vez que se despe uma mulher. Sábio como era, não me tinha mentido, mas tão-pouco me contara toda a verdade.

Nada me tinha dito daquele estranho tremelique das mãos que convertia cada botão, cada fecho-éclair, em tarefa de titãs. Nada me tinha dito daquele feitiço de pele pálida e trémula, daquele primeiro roçar de lábios nem daquela miragem que parecia arder em cada poro da pele. Nada me contara de tudo aquilo porque sabia que o milagre só sucedia uma vez e que, ao suceder, falava uma língua de segredos que, mal se desvendavam, fugiam para sempre. Mil vezes quis recuperar aquela primeira tarde no casarão da Avenida del Tíbidabo com Bea em que o rumor da chuva arrebatou o mundo. Mil vezes quis regressar e perder-me numa recordação da qual apenas consigo recuperar uma imagem roubada ao calor das chamas. Bea, nua e reluzente de chuva, deitada junto ao fogo, aberta num olhar que me perseguiu desde então. Inclinei-me sobre ela e percorri a pele do seu ventre com a ponta dos dedos. Bea deixou descair as pálpebras, os olhos, e sorriu-me, segura e forte.

– Faz-me o que quiseses – sussurrou.

Tinha dezessete anos e a vida nos lábios.

29.

Tinha anoitecido quando deixámos o casarão envoltos em sombras azuis. A tempestade tinha-se ficado num sopro de chuvinha fria. Quis devolver-lhe a chave, mas Bea indicou-me com o olhar que a guardasse eu. Descemos até ao Paseo de San Gervasio com a esperança de encontrar um táxi ou um autocarro. Caminhávamos em silêncio, de mão dada e sem nos olharmos.

– Não posso voltar a ver-te até terça-feira – disse Bea com voz trémula, como se de repente duvidasse do meu desejo de voltar a vê-la.

– Aqui te esperarei – disse eu.

Parti do pressuposto de que todos os meus encontros com Bea teriam lugar entre as paredes daquele velho casarão, que o resto da cidade não nos pertencia. Pareceu-me até que a firmeza do seu tacto empalidecia à medida que nos afastávamos dali, que a sua força e o seu calor minguavam a cada passo. Ao alcançarmos o Paseo verificámos que as ruas estavam praticamente desertas.

– Aqui não vamos encontrar nada – disse Bea. – O melhor é descermos por Balmes.

Metemos pela Rua Balmes a passo firme, caminhando sob as copas das árvores para nos resguardarmos da chuva miúda e talvez encontrarmos o olhar um do outro. Pareceu-me que Bea acelerava por momentos, que quase puxava por mim. Por um momento pensei que, se largasse a mão dela, Bea desataria a correr. A minha imaginação, envenenada ainda com o contacto e o sabor do seu corpo, ardia de desejos de a encurralar num banco, de a beijar, de lhe recitar o rosário de tolices que teriam feito qualquer outro morrer a rir à minha custa. Mas Bea já não estava ali. Havia qualquer coisa que a carcomia por dentro, em silêncio e aos gritos. - Que foi? – murmurei.

Devolveu-me um sorriso quebrado, de medo e de solidão. Vi-me então a mim mesmo através dos seus olhos; apenas um rapaz transparente que tinha conquistado o mundo numa hora e que ainda não sabia que o podia perder num minuto. Continuei a andar, sem esperar resposta. Acordando por fim. Daí a pouco ouviu-se o rumor do trânsito e o ar pareceu acender-se como uma bolha de gás ao calor de candeeiros e semáforos que me fizeram pensar numa muralha invisível.

– O melhor é separarmo-nos aqui – disse Bea, largando-me a mão.

As luzes de uma paragem de táxis vislumbravam-se na esquina, um desfile de pirilampos.

– Como queiras.

Bea inclinou-se e roçou-me a face com os lábios. O cabelo dela cheirava a cera.

– Bea – principiei, quase sem voz -, eu amo-te...

Abanou a cabeça em silêncio, selando-me os lábios com a mão como se as minhas palavras a ferissem.

– Na terça-feira às seis, de acordo? – perguntou.

Assenti de novo. Vi-a partir e perder-se num táxi, quase uma desconhecida. Um dos motoristas, que tinha seguido o intercâmbio com olho de juiz de linha, observava-me com curiosidade.

– Então? Vamos para casa, chefe?

Enfiei-me no táxi sem pensar. Os olhos do taxista examinavam-me do espelho. Os meus perdiam de vista o carro que levava Bea, dois pontos de luz a fundirem-se num poço de negrume.

Não consegui conciliar o sono até a alvorada derramar cem tons de cinzento sobre a janela do meu quarto, qual deles o mais pessimista. Quem me acordou foi Fermín, que atirava pedras à minha janela da praça da igreja. Vesti a primeira coisa que encontrei e desci para lhe abrir a porta. Fermín trazia o seu entusiasmo insuportável de segunda-feira madrugadora. Levantámos as grades e pendurámos a

tabuleta de ABERTO.

– Que ricas olheiras que tem, Daniel! Parecem terreno edificável. Vê-se que levou a cruz ao calvário.

De volta à parte de trás da loja, enfiei o meu avental azul e estendi-lhe o dele, ou melhor, atirei-lho com raiva. Fermín agarrou-o no ar, todo ele sorriso zombeteiro.

– Foi mais o calvário que nos levou à cruz e a mim – atalhei.

– Deixe lá as greguerias para don Ramón Gómez de La Serna, que as suas padecem de anemia. Vamos lá a ver, conte.

– Que quer que lhe conte?

– Deixo-o à sua escolha. O número de estocadas ou as voltas ao redondel.

– Não estou com disposição, Fermín.

– Juventude, flor da patetice. Enfim, comigo não se abespinhe porque tenho notícias frescas da nossa investigação sobre o seu amigo Julián Carax.

– Sou todo ouvidos.

Lançou-me outro olhar de intriga internacional; uma sobancelha arqueada, a outra alerta.

– Pois sucede que ontem, depois de deixar a Bernarda de volta em sua casa com a virtude intacta mas um par de boas nódoas negras nas nádegas, acometeu-me um acesso de insónia por causa daquilo da tesão vespertina, circunstância que aproveitei para ir até um dos centros informativos do submundo barcelonês, verbigratia a taberna de Eliodoro Salfumán, aliás Pichafreda(*1) sita num local insalubre mas de muito colorido na Rua de Sant Jeroni, orgulho e alma do Raval.

**1. Equivalente, em catalão, a Píchafria. (N. T.)*

– Abrevie, Fermín, pelo amor de Deus.

– Já lá ia. O caso é que, uma vez ali, congraçando-me com alguns dos habituais, velhos companheiros de fadigas, me pus a fazer indagações em torno do tal Miquel Moliner, marido da sua Mata Hari Nuria Monfort e suposto inquilino dos hotéis penitenciários do município.

– Suposto?

– E nunca tal se disse com mais propriedade, porque há que dizer que neste caso do verbo ao facto não há qualquer distância. Consta-me por experiência que no que se refere ao censo e contagem da população presidiária, os meus informadores no tabernáculo do Pichafreda gozam de mais fiabilidade que as sanguessugas do Palácio da Justiça, e posso garantir-lhe, amigo Daniel, que ninguém ouviu falar de um tal Miquel Moliner na qualidade de preso, visitante ou ser vivo nas prisões de Barcelona pelo menos desde há dez anos.

– Talvez esteja preso noutra penitenciária.

- Alcatraz, Sing-Sing ou a Bastilha. Essa mulher mentiu-lhe, Daniel.
- Imagino que sim.
- Não imagine, aceite.
- E agora? Miquel Moliner é uma pista morta.
- Ou essa Nuria é muito viva.
- Que sugere o Fermín?
- Para já, explorar outras vias. Não se perderia nada em ir visitar aquela velhota, a aia boa da história que o padre nos impingiu ontem de manhã.
- Não me diga que suspeita que a aia também tenha desaparecido.
- Não, mas parece-me que vão sendo horas de nos deixarmos de escrúpulos e bater à porta como se pedíssemos esmola. Neste assunto é preciso entrar pela porta de trás. Está comigo?
- O que o Fermín disser é ponto assente.
- Então vá sacudindo o pó do disfarce de menino de coro, que esta tarde, mal fechemos, vamos fazer uma visita de misericórdia à velha ao asilo de Santa Lucía. E agora conte lá, como se passou tudo ontem com aquela potranca? Não me venha com hermetismos, que aquilo que não me contar lhe há-de sair sob a forma de grãos de pus. Suspirei, vencido, e esvaziei-me de confissões sem deixar de fora esses nem erres. No final do meu relato e da narrativa das minhas angústias existenciais de colegial retardado, Fermín surpreendeu-me com um abraço repentino e sentido.
- O Daniel está apaixonado – murmurou emocionado, dando-me uma palmada nas costas. – Coitadinho.

Naquela tarde saímos da livraria à hora em ponto, o que bastou para nos granjear um olhar penetrante por parte do meu pai, que começava a suspeitar que tínhamos alguma coisa obscura entre mãos, com tantas idas e vindas. Fermín balbuciou algumas incoerências sobre uns recados pendentes e esgueirámo-nos com celeridade pelos fundos. Supus que mais tarde ou mais cedo teria de desvendar parte de todo aquele imbróglio ao meu pai; que parte exactamente, era farinha de outro saco.

De caminho, com o seu habitual pendor para o folclore folhetinesco, Fermín pôs-me ao corrente sobre o cenário ao qual nos dirigíamos. O asilo de Santa Lucía era uma instituição de reputação fantasmagórica que elanguescia nas entranhas de um antigo palácio em ruínas localizado na Rua Moncada. A lenda que o envolvia desenhava um perfil a meio caminho entre um purgatório e uma morgue em abismais condições sanitárias. A sua história era, no mínimo, peculiar. Desde o século XI tinha albergado entre outras coisas várias residências de famílias bem instaladas, uma prisão, um salão de cortesãs, uma biblioteca de códices proibidos, um quartel, um ateliê de escultura, um sanatório de pestilentos e um convento. Em meados do

século XIX, praticamente a cair aos bocados, o palácio fora convertido num museu de deformidades e atrocidades circenses por um extravagante empresário que se dizia chamar Laszlo de Vicherny, duque de Parma e alquimista privado da casa de Borbón, mas cujo verdadeiro nome se revelou ser Baltasar Deulofeu i Carallot, natural de Esparraguera, gigolô e intrujão profissional. O supracitado orgulhava-se de contar com a mais extensa colecção de fetos humanóides em diferentes fases de deformação preservados em frascos de formol, para não falar da ainda mais ampla colecção de mandados de captura emitidos pelas polícias de meia Europa e América. Entre outras atracções, o *Tenebrarium* (pois assim tinha rebaptizado Deulofeu a sua criação) oferecia sessões de espiritismo, necromancia, lutas de galos, ratazanas, cães, mulhereças, entrevados, ou mistas, sem descartar as apostas, um prostíbulo especializado em tolhidos e fenómenos, um casino, uma assessoria jurídica e financeira, uma oficina de filtros de amor, um palco para espectáculos de folclore regional, funções de fantoches e desfiles de bailarinas exóticas. Pelo Natal encenavam uma função de Os Pastorets com o elenco do museu e o putedo, cuja fama tinha chegado até aos confins da província.

O *Tenebrarium* foi um rotundo êxito durante quinze anos, até que, ao descobrir-se que Deulofeu tinha seduzido a mulher, a filha e a sogra do governador militar da província no espaço de uma só semana, caiu sobre o centro recreativo e o seu criador a mais negra ignomínia. Antes que Deulofeu pudesse fugir da cidade e assumir outra das suas múltiplas identidades, um bando de ferrabrases mascarados deu-lhe caça nas vielas do bairro de Santa Maria e entregou-se a pendurá-lo e deitá-lo fogo na Cidadela, abandonando a seguir o seu corpo para ser devorado pelos cães selvagens que deambulavam pela zona. Após duas décadas de abandono, e sem que ninguém se incomodasse a retirar o catálogo de atrocidades do malogrado Laszlo, o *Tenebrarium* fora transformado numa instituição de caridade pública a cargo de uma ordem de religiosas. - As Damas do Ultimo Suplício, ou qualquer morbidez do género – disse Fermín. – O pior é que são muito ciosas do secretismo do lugar (má consciência, diria eu), pelo que haverá que encontrar algum subterfúgio para nos introduzirmos lá.

Em tempos mais recentes, os inquilinos do asilo de Santa Lucía vinham sendo recrutados entre as fileiras de moribundos, velhos abandonados, dementes, indigentes e um ou outro iluminado ocasional que fazia parte do nutrido submundo barcelonês. Para sua sorte, a maioria deles tendia a durar pouco uma vez internados; as condições do local e a companhia não convidavam à longevidade. Segundo Fermín, os defuntos eram retirados pouco antes da alvorada e faziam a sua última viagem até à vala comum num carromato doado por uma empresa de Hospitalet de Llobregat especializada em produtos de carne e de charcutaria de duvidosa reputação que anos mais tarde se veria envolvida num sombrio escândalo.

– Tudo isso é o Fermín que está a inventar – protestei, consternado com aquele retrato dantesco.

– Os meus dotes inventivos não chegam a tanto, Daniel. Espere e verá.

Eu visitei o edifício em infausta ocasião há-de fazer dez anos e posso dizer-lhe que parecia que tinham contratado o seu amigo Julián Carax para decorador. É pena não termos trazido umas folhas de louro para abafar os aromas que o caracterizam.

Já nos dará trabalho que chegue conseguir que nos deixem entrar.

Com semelhantes expectativas em vista, internámo-nos na rua Moncada, que àquela hora já se recolhia em passagem de trevas flanqueada pelos velhos palácios convertidos em armazéns e oficinas. A litania de badaladas da basílica de Santa Maria del Mar pontuava o eco dos nossos passos. Daí a pouco, um hálito amargo e penetrante permeou a brisa fria de Inverno.

– Que cheiro é este?

– Já chegámos – anunciou Fermín.

30.

Um portão de madeira apodrecida conduziu-nos ao interior de um pátio custodiado por candeeiros de gás que salpicavam gárgulas e anjos cujas feições se desfaziam na pedra envelhecida. Uma escadaria subia até ao primeiro andar, onde um rectângulo de claridade vaporosa desenhava a entrada principal do asilo. A luz de gás que emanava desta abertura tingia de ocre a neblina de miasmas que se desprendia do interior. Uma silhueta angulosa e rapace observava-nos do arco da porta. Na penumbra conseguia-se distinguir o seu olhar penetrante, da mesma cor que o hábito. Segurava um balde de madeira que fumegava e deitava um fedor indescritível.

– AveMariaPuríssimaConcebidaSemPecado – declarou Fermín a correr e com entusiasmo.

– E o caixão? – replicou a voz lá no alto, grave e reticente.

– Caixão? – perguntámos Fermín e eu em uníssono.

– Não vêm da agência funerária? – perguntou a freira com voz fatigada.

Perguntei a mim mesmo se aquilo era um comentário sobre o nosso aspecto ou uma pergunta genuína. O rosto de Fermín iluminou-se diante de tão providencial oportunidade.

– O caixão está na furgoneta. Primeiro queríamos reconhecer o cliente. Simples tecnicismo.

Senti que a náusea me devorava.

- Julguei que vinha o senhor Collbató em pessoa – disse a freira.
- O senhor Collbató pede-lhe que o desculpe, mas apareceu-lhe um embalsamamento de última hora muito complicado. Um homem das forças de circo.
- Os senhores trabalham com o senhor Collbató na agência funerária?
- Somos os seus braços direito e esquerdo, respectivamente. Wilfredo Velludo, e aqui à minha beira o meu aprendiz, o bacharel Sansón Carrasco.
- Muito prazer – completei. A freira procedeu a uma verificação sumária das nossas pessoas e assentiu, indiferente ao par de espantalhos que se reflectiam no seu olhar.
- Bem-vindos a Santa Lucía. Eu sou a soror Hortênsia, a que lhes telefonou. Sigam-me.

Seguimos soror Hortênsia sem descerrar os lábios através de um corredor cavernoso cujo cheiro me lembrou o dos túneis do metro. O corredor estava flanqueado por armações sem portas atrás das quais se adivinhavam salas iluminadas com velas, ocupadas por fiadas de camas empilhadas contra a parede e cobertas por mosquiteiros que ondulavam como sudários. Ouviam-se lamentos e adivinhavam-se silhuetas por entre a rede dos cortinados.

- Por aqui – indicou soror Hortênsia, que levava a dianteira uns metros à frente.

Entrámos numa abóbada ampla na qual não me custou grandemente localizar o palco do *Tenebrarium* que Fermín me descrevera. A penumbra velava o que à primeira vista me pareceu uma colecção de figuras de cera, sentadas e abandonadas aos cantos, com olhos mortos e vítreos que brilhavam como moedas de latão à luz das velas. Pensei que talvez fossem bonecos ou restos do velho museu. Depois verifiquei que se mexiam, embora muito lentamente e com discrição. Não tinham idade ou sexo discerníveis. Os farrapos que os cobriam tinham a cor da cinza.

- O senhor Collbató disse que não tocássemos nem limpássemos nada - disse soror Hortênsia com um certo tom de desculpa. – Limitámo-nos a pôr o desgraçado num dos caixotes que havia por aqui, porque estava a começar a pingar, mas já está.

– Fizeram bem. Todo o cuidado é pouco – conveyo Fermín. Lancei-lhe um olhar desesperado. Ele abanou serenamente a cabeça, dando-me a entender que deixasse a situação por sua conta. Soror Hortênsia conduziu-nos até àquilo que parecia uma cela sem ventilação nem luz ao fim de um corredor apertado. Pegou num dos candeeiros de gás que pendiam da parede e estendeu-no-lo.

- Demorarão muito? Tenho que fazer.
- Por nós não se empate. Vá à sua vida, que nós já o levamos. Não se preocupe.

– Bem. Se precisarem de alguma coisa estou na cave, na galeria de acamados. Se não for pedir de mais, levem-no pelas traseiras. Para os outros não o verem. É mau para o moral dos internos.

– Nós percebemos – disse eu, com a voz entrecortada. Soror Hortênsia contemplou-me com uma vaga curiosidade por um instante. Ao observá-la de perto apercebi-me de que era uma mulher de certa idade, quase velha. Poucos anos a separavam do resto dos inquilinos da casa.

– Oiça, o aprendiz não é um bocado novo para este ofício?

– As verdades da vida não conhecem idade, irmã – ofereceu Fermín. A freira sorriu-me docemente, assentindo. Não havia desconfiança naquele olhar, apenas tristeza.

– Mesmo assim – murmurou.

Afastou-se nas trevas, levando o seu balde e arrastando a sua sombra como um véu nupcial. Fermín empurrou-me para o interior da cela. Era um cubículo miserável cortado entre paredes de gruta supurantes de humidade, de cujo tecto pendiam correntes terminadas por ganchos e cujo solo quebrado era dividido por um ralo de esgoto. No centro, em cima de uma mesa de mármore acinzentado, repousava um caixote de madeira de embalagem industrial. Fermín ergueu o candeeiro e adivinhámos a silhueta do defunto a assomar por entre o enchimento de palha. Traços de pergaminho, impossíveis, recortados e sem vida. A pele intumescida era de cor roxa. Os olhos, brancos como cascas de ovo quebradas, estavam abertos.

Revolveu-se-me o estômago e afastei a vista.

– Venha, mãos à obra – indicou Fermín.

– Está doido?

– Refiro-me a que temos de encontrar a tal Jacinta antes que o nosso ardil seja descoberto.

– Como?

– Como é que há-de ser? Perguntando. Assomámos ao corredor para nos certificarmos de que soror Hortênsia desaparecera. Depois, discretamente, deslizámos até ao salão que tínhamos atravessado. As figuras miseráveis continuavam a observar-nos, com olhares que iam da curiosidade ao temor e, num ou noutro caso, à cobiça.

– Esteja atento, que alguns destes, se pudessem chupar-lhe o sangue para voltarem a ser jovens, atiravam-se-lhe ao pescoço – disse Fermín.

– A idade fá-los parecer todos bons como cordeirinhos, mas aqui há tanto filho da puta como lá fora, ou mais. Porque estes são dos que cá ficaram e enterraram os outros. Não tenha pena. Ande, comece por esses do canto, que parece que não têm dentes.

Se estas palavras tinham por objectivo encorajar-me para a missão,

fracassaram miseravelmente. Observei aquele grupo de despojos humanos que languescia ao canto e sorri-lhes. A sua mera presença afigurou-se-me um estratagema propagandístico em favor do vazio moral do universo e da brutalidade mecânica com que este destruíra os que já não se lhe revelavam úteis. Fermín pareceu ler-me tão profundos pensamentos e assentiu gravemente.

– A mãe natureza é uma grandessíssima pega, essa é que é a triste realidade – disse. – Coragem e vamos ao touro.

A minha primeira ronda de interrogatórios não me granjeou mais que olhares vazios, gemidos, arrotos e desvarios por parte de todos os sujeitos que questionei sobre o paradeiro de Jacinta Coronado. Quinze minutos mais tarde colhi as velas e juntei-me a Fermín para ver se ele tinha tido mais sorte. Transbordava de desalento.

– Como é que vamos encontrar Jacinta Coronado neste buraco?

– Não sei. Isto é uma caterva de tarados. Tentei os Sugus, mas eles tomam-nos por supositórios.

– E se perguntarmos à soror Hortênsia? Dizemos-lhe a verdade e pronto.

– A verdade só se diz como último recurso, Daniel, e ainda mais a uma freira. Antes disso esgotemos os cartuchos. Olhe esse grupinho dali, que parece muito animado. De certeza sabem latim. Vá e interrogue-os.

– E o Fermín que pensa fazer?

– Eu vigiarei a retaguarda, não vá o pinguim voltar. O Daniel vá à sua vida. Com pouca ou nenhuma esperança de êxito, aproximei-me de um grupo de internos que ocupava uma esquina do salão.

– Boa noite – disse, compreendendo no mesmo instante o absurdo da minha saudação, pois ali era sempre de noite. – Procuro dona Jacinta Coronado. Co-ro-na-do. Algum dos senhores a conhece ou me pode dizer onde a encontrar?

Em frente, quatro olhares envilecidos de avidez. Aqui há uma pulsação, disse eu para comigo. Talvez nem tudo esteja perdido.

– Jacinta Coronado? – insisti.

Os quatro internos trocaram olhares e assentiram entre si. Um deles, gorducho e sem um único pêlo em todo o corpo, parecia o cabecilha. O seu semblante e a sua galhardia à vista daquele terrário de escatologias fez-me pensar num Nero feliz, a dedilhar a sua harpa enquanto Roma apodrecia aos seus pés. Com atitude majestosa, o César Nero sorriu-me, brincalhão. Devolvi-lhe o gesto, esperançado.

O sujeito fez-me sinal para me aproximar, como se quisesse sussurrar-me ao ouvido. Hesitei, mas ajustei-me às suas condições.

– Pode dizer-me onde encontrar dona Jacinta Coronado? – perguntei pela última vez.

Aproximei o ouvido dos lábios do interno, tanto que consegui sentir o seu

hálito fétido e tépido na pele. Recuei que me mordesse, mas inesperadamente pôs-se a soltar uma ventosidade de formidável contundência. Os seus companheiros desataram a rir e a dar palmas. Recuei uns passos, mas o eflúvio flatulento já me tinha apanhado sem remédio. Foi então que avistei junto de mim um ancião encolhido sobre si mesmo, armado de barbas de profeta, cabelo ralo e olhos de fogo, que se sustinha com uma bengala e os contemplava com desprezo.

– Perde o seu tempo, meu rapaz. O Juanito só sabe dar peidos e esses a única coisa que sabem é rir-se deles e aspirá-los. Como vê, aqui a estrutura social não é muito diferente da do mundo exterior. O velho filósofo falava com voz grave e dicção perfeita. Olhou-me de alto a baixo, avaliando-me.

– Procura a Jacinta, pareceu-me ouvir?

Assenti, atónito ante a aparição de vida inteligente naquele antro de horrores.

– E porquê?

– Sou neto dela.

– E eu o marquês de Matoimel. Um reles mentiroso, é o que você é. Digame para que é que a procura ou faço-me maluco. Aqui é fácil. E se pensa andar por aí a perguntar a estes desgraçados um por um, não tardará a perceber porquê.

Juanito e a sua camarilha de inaladores continuavam a rir-se a bandeiras despregadas. O solista emitiu então um bis, mais amortecido e prolongado que o primeiro, em forma de cicío, que emulava um furo num pneu e deixava claro que Juanito possuía um controlo do esfíncter que roçava o virtuosismo. Rendi-me à evidência.

– Tem razão. Não sou familiar da senhora Coronado, mas preciso de falar com ela. É um assunto de extrema importância.

O ancião aproximou-se de mim. Tinha um sorriso pícaro e felino, de menino gasto, e o olhar ardia-lhe de astúcia.

– Pode ajudar-me? – supliquei.

– Isso depende daquilo em que você me puder ajudar a mim.

– Se estiver na minha mão, terei o maior prazer em o ajudar. Quer que faça chegar uma mensagem à sua família?

O ancião começou a rir amargamente.

– Foi a minha família que me confinou a este poço. Uma rica matilha de sanguessugas, capazes de roubar até as cuecas a uma pessoa enquanto ainda estão mornas. Esses pode o Inferno ou a Câmara ficar com eles. Já os aguentei e mantive anos suficientes. O que eu quero é uma mulher.

– Perdão?

O ancião olhou-me com impaciência.

– Os poucos anos não lhe desculpam a opacidade de entendimento, rapaz.

Digo-lhe que quero uma mulher. Uma fêmea, gaja ou mula de boa raça. Jovem, isto é, com menos de cinquenta e cinco anos, e saudável, sem chagas nem fracturas.

– Não estou certo de compreender...

– Compreende-me às mil maravilhas. Quero papar uma mulher que tenha dentes e não se mije nas cuecas antes de ir para o outro mundo. Não importa se for muito bonita ou não; eu estou meio cego, e na minha idade qualquer tipa que tenha onde a pessoa se agarrar é uma Vénus. Faço-me entender?

– Como um livro aberto. Mas não vejo como lhe vou eu encontrar uma mulher...

– Quando eu tinha a sua idade, havia qualquer coisa no sector de serviços chamada mulheres de virtude fácil. Bem sei que o mundo muda, mas nunca no essencial. Arranje-me uma, cheinha e viciosa, e faremos negócio. E, caso se esteja a interrogar sobre a minha capacidade para gozar com uma mulher, pense que me contento em beliscar-lhe o traseiro e sopesar-lhe as beldades. Vantagens da experiência.

– Os tecnicismos são lá consigo, mas agora não lhe posso trazer uma mulher aqui.

– Posso ser um velho entesoado, mas imbecil, não. Isso bem eu sei. Basta-me que mo prometa.

– E como sabe que não lhe direi que sim só para que me diga onde está Jacinta Coronado?

O velhote sorriu-me, ladino.

– Dê-me a sua palavra, e deixe os problemas de consciência para mim.

Olhei em meu redor. Juanito iniciava a segunda parte do seu recital. A vida extinguia-se por momentos.

A petição daquele velhote malandreco era a única coisa que me parecia ter sentido naquele purgatório.

– Dou-lhe a minha palavra. Farei o que puder.

O ancião sorriu de orelha a orelha. Conteí três dentes.

– Loira, mesmo que seja oxigenada. Com um par de bons marmelos e com voz de ordinária, se for possível, que, de todos os sentidos, o que melhor conservo é o do ouvido.

– Verei o que posso fazer. Agora diga-me onde encontrar Jacinta Coronado.

31.

– Prometeu àquele matusalém o quê?

– Bem me ouviu.

– Deve tê-lo dito de brincadeira, espero eu.
– Eu não minto a um velhadas nas últimas, por mais atrevido que ele seja.
– E isso só o enobrece, Daniel, mas como pensa enfiar uma galdéria nesta santa casa?

– Pagando a triplicar, suponho eu. Deixo-lhe a si os pormenores específicos. Fermín encolheu os ombros, resignado.

– Enfim, um acordo é um acordo. Logo pensaremos nalguma coisa. Agora muito bem, da próxima vez que se apresente um negócio desta natureza, deixe-me ser eu a falar.

– Concedido.

Tal como me tinha indicado o ancião vivaço, encontrámos Jacinta Coronado num sótão ao qual só se podia aceder por uma escadaria no terceiro andar. Segundo o velhadas luxurioso, o sótão era o refúgio dos escassos internos que a parca não tivera a decência de privar de entendimento, estado por outro lado de escassa longevidade. Ao que parecia, aquela ala oculta tinha albergado em tempos os aposentos de Baltasar Deulofeu, aliás *Laszlo de Vicherny*, dos quais presidia às actividades do *Tenebrarium* e cultivava as artes amatórias recém chegadas do Oriente entre vapores e óleos perfumados. Tudo o que restava daquele duvidoso esplendor eram os vapores e perfumes, se bem que de outra natureza. Jacinta Coronado languescia submissa numa cadeira de verga, embrulhada num cobertor.

– Senhora Coronado? – perguntei levantando a voz, receando que a desgraçada estivesse surda, tarada ou ambas as coisas.

A anciã examinou-nos com detença e uma certa reserva. Tinha um olhar arenoso, e apenas umas mechas de cabelo esbranquiçado lhe cobriam a cabeça. Reparei que me olhava com estranheza, como se me tivesse visto antes não se lembrasse de onde. Receei que Fermín se apressasse a apresentar-me como o filho de Carax ou algum ardil semelhante, mas limitou-se a ajoelhar à beira da anciã e a pegar-lhe na mão trémula e fanada.

– Jacinta, eu sou o Fermín e este garoto é o meu amigo Daniel. Quem nos mandou cá foi o seu amigo padre Fernando Ramos, que hoje não pôde vir porque tinha doze missas para dizer, bem sabe como é esta coisa do santoral, mas manda-lhe muitíssimos cumprimentos. Como está a senhora? A anciã sorriu docemente a Fermín. O meu amigo acariciou-lhe o rosto e a testa. A anciã agradecia o contacto de outra pele como um gato fraldiqueiro. Senti que se me apertava a garganta.

– Que pergunta tão parva, não é verdade? – continuou Fermín. – O que a senhora gostaria era de andar por aí, a dançar um chotis(*1). Porque a senhora tem pinta de bailarina, toda a gente o deve dizer. Nunca o tinha visto tratar ninguém com tanta delicadeza, nem sequer Bernarda. As palavras eram pura bajulação, mas o tom e a expressão do seu rosto eram sinceros.

**1. Música e dança popular em Madrid no início do século xx, em que os pares bailam abraçados, deslocando-se normalmente muito pouco e dando três passos à esquerda, três à direita e voltas. (N. T.)*

– Que coisas tão bonitas que o senhor diz – murmurou com uma voz entrecortada, de não ter com quem falar ou nada que dizer.

– Não têm nem metade da sua boniteza, Jacinta. Acha que lhe poderíamos fazer umas perguntas? Como nos concursos da rádio, sabe?

Como única resposta, a anciã pestanejou.

– Eu diria que isso é um sim. Lembra-se da Penélope, Jacinta? Penélope Aldaya? É por ela que lhe queríamos perguntar.

Jacinta assentiu, o olhar de súbito iluminado.

– A minha menina – murmurou, e pareceu que nos ia desatar a chorar ali mesmo.

– A própria. Lembra-se, hem? Nós somos amigos do Julián. Julián Carax. O das histórias de terror, também se lembra, não é verdade?

Os olhos da anciã brilhavam, como se as palavras e o toque na pele lhe devolvessem a vida por momentos.

– O padre Fernando, do colégio de San Gabriel, disse-nos que a senhora gostava muito da Penélope. Ele também gosta muito de si e lembra-se de si todos os dias, sabe? Se não vem mais amiúde é porque o novo bispo, que é um oportunista, o trama com uma tal porção de missas que ele até anda afónico.

– O senhor já come bem? – perguntou de súbito a anciã, inquieta.

– Como que nem um abade, Jacinta, o que acontece é que tenho um metabolismo muito masculino e queimo tudo. Mas aqui onde me vê, debaixo desta roupa é tudo puro músculo. Toque, toque. Como o Charles Atlas, mas mais peludo.

Jacinta assentiu, mais sossegada. Só tinha olhos para Fermín. A mim, tinha-me esquecido completamente.

– O que é que nos pode dizer da Penélope e do Julián?

– Tiraram-ma, entre todos – disse ela. – A minha menina. Adiantei-me para dizer qualquer coisa, mas Fermín lançou-me um olhar que dizia: cala-te.

– Quem foi que lhe tirou a Penélope, Jacinta? Lembra-se?

– O senhor – disse ela, erguendo os olhos com medo, como se temesse que alguém nos pudesse ouvir.

Fermín pareceu avaliar a ênfase do gesto da anciã e seguiu o seu olhar até às alturas, cotejando possibilidades.

– Refere-se a Deus Todo-poderoso, imperador dos céus, ou ao senhor pai da menina Penélope, don Ricardo?

– Como está o Fernando? – perguntou a anciã.

– O padre? Fresco como uma alface. Qualquer dia fazem-no Papa e ele

instala-a à senhora na Capela Sistina. Manda-lhe muitas lembranças.

– É o único que me vem ver, sabe? Vem porque sabe que eu não tenho mais ninguém.

Fermín lançou-me um olhar de soslaio, como se estivesse a pensar o mesmo que eu. Jacinta Coronado estava bastante mais lúcida do que a sua aparência sugeria. O corpo apagava-se, mas a mente e a alma continuavam a consumir-se naquele poço de miséria. Perguntei a mim mesmo quantos mais como ela, e como o velhinho licencioso que nos tinha indicado onde a encontrar, haveria ali presos.

– Vem porque gosta muito de si, Jacinta. Porque se lembra como o mantinha bem tratado e alimentado em garoto, que ele contou-nos tudo. Lembra-se, Jacinta? Lembra-se dessa altura, de quando ia buscar o Jorge ao colégio, do Fernando e do Julián?

– Julián...

A sua voz era um sussurro arrastado, mas o sorriso traía-a.

– Lembra-se do Julián Carax, Jacinta?

– Lembro-me do dia em que a Penélope me disse que se ia casar com ele...

Fermín e eu olhámo-nos, atónitos.

– Casar-se? Quando foi isso, Jacinta?

– No dia que a viu pela primeira vez. Tinha treze anos e não sabia quem era nem como se chamava.

– Como sabia então que se ia casar com ele?

– Porque o tinha visto. Em sonhos.

Em criança, Maria Jacinta Coronado estava convencida de que o mundo acabava nos arrabaldes de Toledo e de que para além dos confins da cidade não havia senão trevas e oceanos de fogo. Jacinta fora buscar aquela ideia a um sonho que tivera durante uma febre que quase acabara com ela aos quatro anos. Os sonhos começaram com aquela febre misteriosa, que alguns atribuíam à mordedura de um enorme lacrau vermelho que um dia aparecera na casa e que nunca mais se voltara a ver, e outros aos maus ofícios de uma freira louca que se introduzia de noite nas casas para envenenar as crianças e que anos mais tarde morreria no garrote vil, declamando o pai-nosso ao contrário e com os olhos saídos das órbitas ao mesmo tempo que uma nuvem vermelha se estendia sobre a cidade e descarregava uma tempestade de escaravelhos mortos. Nos seus sonhos, Jacinta via o passado, o futuro e, às vezes, vislumbrava segredos e mistérios das velhas ruas de Toledo. Uma das personagens habituais que via nos seus sonhos era Zacarias, um anjo que vestia sempre de preto e que andava acompanhado de um gato escuro de olhos amarelos cujo hálito

cheirava a enxofre. Zacarias sabia tudo: tinha-lhe vaticinado o dia e a hora em que ia morrer o seu tio Benancio, o bufarinheiro de unguentos e águas bentas.

Desvendara-lhe o lugar em que a mãe, beata de respeito, escondia um molho de cartas de um ardoroso estudante de medicina de poucos recursos económicos mas sólidos conhecimentos de anatomia em cuja alcova na viela de Santa Maria descobrira antecipadamente as portas do paraíso. Tinha-lhe anunciado que havia qualquer coisa má cravada no seu ventre, um espírito morto que lhe queria mal, e que só conheceria o amor de um homem, um amor vazio e egoísta que lhe partiria a alma ao meio. Augurara-lhe que veria perecer em vida tudo aquilo que amava e que antes de chegar ao céu visitaria o inferno. No dia da sua primeira menstruação, Zacarias e o seu gato sulfúrico desapareceram dos seus sonhos, mas anos mais tarde Jacinta havia de recordar as visitas do anjo de preto com lágrimas nos olhos, pois todas as suas profecias se tinham cumprido.

Assim, quando os médicos diagnosticaram que nunca poderia ter filhos, Jacinta não se admirou. Tão-pouco se admirou, embora quase tenha morrido de desgosto, quando o seu marido de três anos lhe anunciou que a abandonava por outra porque ela era como um campo ermo e baldio que não dava fruto, porque não era mulher. Na ausência de Zacarias (a quem tomava por emissário dos céus, pois, de preto ou não, era um anjo luminoso – e o homem mais bonito que alguma vez vira ou sonhara -), a Jacinta falava com Deus a sós, pelos cantos, sem o ver e sem esperar que ele se incomodasse a responder porque havia muita mágoa no mundo e as suas ao fim e ao cabo eram minudências. Todos os seus monólogos com Deus versavam sobre o mesmo tema: só desejava uma coisa na vida, ser mãe, ser mulher. Um dia de tantos, rezando na catedral, aproximou-se dela um homem que reconheceu como Zacarias. Vestia como sempre e tinha o seu gato preto no regaço. Não tinha envelhecido um único dia e continuava a ostentar aquelas unhas magníficas, de duquesa, compridas e afiladas. O anjo confessou-lhe que aparecia ele porque Deus não pensava responder às suas preces. Zacarias disse-lhe que não se preocupasse porque, de uma maneira ou doutra, ele lhe enviaria uma criança.

Inclinou-se sobre ela, sussurrou a palavra Tibidabo, e beijou-a muito ternamente nos lábios. Ao contacto daqueles lábios finos, de rebuçado, a Jacinta teve uma visão: teria uma menina sem necessidade de conhecer varão (o que, a julgar pela experiência de três anos de alcova com o marido que insistia em fazer as suas coisas em cima dela enquanto lhe tapava a cabeça com uma almofada e lhe murmurava «não olhes, rameira»,

representou para ela um alívio). Essa menina viria a ela numa cidade muito distante, presa entre uma lua de montanhas e um mar de luz, uma cidade feita de edifícios que só podiam existir em sonhos. Mais tarde Jacinta não soube dizer se a visita de Zacarias tinha sido outro dos seus sonhos ou se realmente o anjo lhe aparecera na catedral de Toledo, com o seu gato e as suas unhas escarlates recém-manicuradas. Do que não duvidou um instante foi da veracidade daquelas predições. Naquela mesma tarde consultou um homem lido que tinha visto mundo (dizia-se que tinha chegado até Andorra e que arranhava o vasconço).

O diácono, que alegou desconhecer o anjo Zacarias de entre as legiões aladas do céu, ouviu com atenção a visão da Jacinta e, depois de muito sopesar o assunto, e atendo-se à descrição de uma espécie de catedral que, nas palavras da vidente, parecia uma grande travessa de cabelo feita de chocolate fundido, o sábio disse-lhe: «Jacinta, isso que viste é Barcelona, a grande feiticeira, e o templo expiatório da Sagrada Família...» Duas semanas mais tarde, armada de uma trouxa, um missal e o seu primeiro sorriso em cinco anos, Jacinta partia rumo a Barcelona, convencida de que tudo o que o anjo lhe tinha descrito se tornaria realidade.

Passariam meses de árduas vicissitudes antes que Jacinta encontrasse um emprego fixo num dos armazéns de Aldaya e filhos, junto aos pavilhões da velha Exposição Universal da Cidadela. A Barcelona dos seus sonhos tinha-se transformado numa cidade hostil e tenebrosa, de palácios fechados e fábricas que sopravam um hálito de névoa que envenenava a pele de carvão e enxofre. Jacinta soube desde o primeiro dia que aquela cidade era mulher, vaidosa e cruel, e aprendeu a temê-la e a nunca a olhar nos olhos. Vivia sozinha numa pensão do bairro da Ribera, onde o seu salário mal lhe permitia pagar um quarto miserável, sem janelas nem mais luz que as velas que roubava na catedral e que deixava toda a noite acesas para assustar as ratazanas que tinham comido as orelhas e os dedos do bebé de seis meses da Ramoneta, uma prostituta que alugava o quarto contíguo e a única amiga que tinha conseguido fazer em onze meses em Barcelona. Nesse Inverno choveu quase todos os dias, uma chuva negra, de fuligem e arsénico. Jacinta depressa começou a recear que Zacarias a tivesse enganado, que tivesse vindo para aquela cidade terrível para morrer de frio, de miséria e de esquecimento. Disposta a sobreviver, Jacinta comparecia todos os dias no armazém e não saía até bem entrada a noite. Ali a encontraria por acaso don Ricardo Aldaya a cuidar da filha de um dos capatazes, que adoecera de consumição, e, ao ver o zelo e a ternura que a rapariga transpirava, decidira levá-la para casa a fim de cuidar da mulher,

que estava grávida daquele que viria ser o seu primogénito. As suas preces haviam sido escutadas. Naquela noite Jacinta viu novamente Zacarias em sonhos. O anjo já não vestia de preto. Estava nu, e tinha a pele coberta de escamas. Já não era acompanhado pelo gato, mas sim por uma serpente branca enroscada no torso. O cabelo tinha-lhe crescido até à cintura e o seu sorriso, o sorriso de reбуçado que ela tinha beijado na catedral de Toledo, aparecia sulcado de dentes triangulares e serrilhados como os que tinha visto em alguns peixes do alto mar a agitarem a cauda na lota dos pescadores. Anos mais tarde, a rapariga descreveria esta visão a um Julián Carax de dezoito anos, lembrando-se de que no dia em que Jacinta ia deixar a pensão da Ribera afim de se mudar para o palacete Aldaya, soubera que a sua amiga Ramoneta tinha sido assassinada à facada à porta de entrada naquela mesma noite e que o seu bebé morrera de frio nos braços do cadáver. Ao saber-se a notícia, os inquilinos da pensão envolveram-se numa altercação aos gritos, murros, e arranhões para disputarem entre si os escassos pertences da morta. A única coisa que lhe deixaram era o seu tesouro mais precioso: um livro. Jacinta reconhecera-o, porque muitas noites a Ramoneta lhe tinha pedido se lhe podia ler uma ou duas páginas. Ela nunca aprendera a ler. Quatro meses mais tarde nascia Jorge Aldaya e, embora Jacinta lhe dispensasse todo o carinho que a mãe, uma dama etérea que lhe pareceu sempre aprisionada na sua própria imagem no espelho, nunca soube ou quis dar-lhe, a aia compreendeu que não era aquela a criança que Zacarias lhe tinha prometido. Naqueles anos, Jacinta disse adeus à sua juventude e converteu-se noutra mulher que apenas conservava o mesmo nome e o mesmo rosto. A outra Jacinta tinha ficado naquela pensão do bairro de La Ribera, tão morta como a Ramoneta. Agora vivia à sombra dos luxos dos Aldaya, longe daquela cidade tenebrosa que tanto acabara por odiar e na qual não se aventurava nem no dia que tinha livre para si uma vez por mês. Aprendeu a viver através de outros, daquela família que cavalgava uma fortuna que ela mal conseguia chegar a compreender. Vivia à espera daquela criança, que seria uma menina, como a cidade, e à qual entregaria todo o amor com que Deus lhe envenenara a alma. Às vezes Jacinta perguntava a si mesma se aquela paz sonolenta que devorava os seus dias, aquela noite da consciência, seria aquilo a que alguns chamam felicidade, e queria acreditar que Deus, no seu infinito silêncio, tinha, à sua maneira, respondido às suas preces. Penélope Aldaya nasceu na Primavera de 1903. Por essa altura don Ricardo Aldaya já tinha adquirido a casa da Avenida del Tibidabo, aquele casarão que os seus colegas da criadagem estavam convencidos de que jazia sob o influxo de

algum poderoso feitiço, mas que Jacinta não temia, pois sabia que aquilo que os outros tomavam por encantamento não era mais que uma presença que só ela podia ver em sonhos: a sombra de Zacarias, que já quase nada se parecia com o homem que ela recordava e que agora só se manifestava como um lobo que caminhava sobre as duas patas posteriores.

Penélope foi uma menina frágil, pálida e ligeira. Jacinta via-a crescer como uma flor rodeada de Inverno. Durante anos velou-a todas as noites, preparou pessoalmente todas e cada uma das suas refeições, coseu as suas roupas, esteve ao seu lado quando passou mil e uma doenças, quando disse as primeiras palavras, quando se fez mulher. A senhora Aldaya era mais uma figura na decoração, uma peça que entrava e saía de cena segundo os ditames do decoro. Antes de se deitar, ia despedir-se da filha e dizia-lhe que a amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, que era a coisa mais importante do universo para ela. Jacinta nunca disse a Penélope que a amava. A aia sabia que quem ama de verdade ama em silêncio, com actos e nunca com palavras. Em segredo, Jacinta desprezava a senhora Aldaya, aquela criatura vaidosa e vazia que envelhecia pelos corredores do casarão sob o peso das jóias com que o marido, que atracava em portos alheios, desde havia anos, a calava. Odiava-a porque, de entre todas as mulheres, Deus a tinha escolhido a ela para dar à luz Penélope ao passo que o seu ventre, o ventre da verdadeira mãe, permanecia ermo e baldio. Com o tempo, como se as palavras do marido tivessem sido proféticas, Jacinta perdeu até as formas de mulher. Tinha perdido peso e a sua figura fazia lembrar o semblante adusto que a pele cansada e o osso conferem. Os seus seios tinham minguado até se converterem em sopros de pele, as suas ancas pareciam as de um rapaz e as suas carnes, duras e angulosas, resvalavam até na vista de don Ricardo Aldaya, ao qual bastava intuir um assomo de exuberância para investir com fúria, como bem sabiam todas as criadas da casa e as das casas dos seus parentes. Antes assim, dizia Jacinta consigo mesma. Não tinha tempo para parvoíces.

Todo o seu tempo era para Penélope. Lia para ela, acompanhava-a a todo o lado, dava-lhe banho, vestia-a, despia-a, penteava-a, levava-a a passear, deitava-a e acordava-a. Mas sobretudo falava com ela. Todos a tomavam por uma aia lunática, uma solteirona sem mais vida que o seu emprego na casa, mas ninguém sabia a verdade: Jacinta não só era a mãe de Penélope, como a sua melhor amiga. Desde que a menina começou a falar e a articular pensamentos, o que aconteceu muito mais depressa do que Jacinta recordava em qualquer outra criança, ambas compartilhavam os seus segredos, os seus sonhos e as suas vidas.

A passagem do tempo só aumentou esta união. Quando Penélope atingiu a adolescência, ambas eram já companheiras inseparáveis. Jacinta viu Penélope florescer numa mulher cuja beleza e luminosidade não eram só visíveis aos seus olhos apaixonados. Penélope era luz. Quando aquele enigmático rapaz chamado Julián chegou lá a casa, Jacinta apercebeu-se desde o primeiro momento que circulava uma corrente entre ele e Penélope. Havia um vínculo que os unia, similar ao que a unia a ela a Penélope, e ao mesmo tempo diferente. Mais intenso. Perigoso. Ao princípio julgou que viria a odiar o rapaz, mas depressa verificou que não odiava Julián Carax, nem poderia odiá-lo nunca. À medida que Penélope ia caindo sob o encanto de Julián, também ela se deixou arrastar e com o tempo acabou por só desejar o que Penélope desejasse. Ninguém tinha dado por isso, ninguém tinha prestado atenção, mas, como sempre, o essencial da questão fora decidido antes que a história começasse e, nessa altura, já era tarde.

Haviam de passar muitos meses de olhares e anseios vãos antes que Julián Carax e Penélope pudessem estar a sós. Viviam do acaso. Encontravam-se nos corredores, observavam-se de extremos opostos da mesa, roçavam-se em silêncio, sentiam-se na ausência. Trocaram as primeiras palavras na biblioteca da casa da Avenida del Tibidabo numa tarde de tempestade em que a «Villa Penélope» se inundou do esplendor de círios, apenas uns segundos roubados à penumbra em que Julián julgou ver nos olhos da rapariga a certeza de que ambos sentiam o mesmo, que os devorava o mesmo segredo. Ninguém pareceu reparar nisso.

Ninguém excepto Jacinta, que via com crescente inquietude o jogo de olhares que Penélope e Julián teciam à sombra dos Aldaya. Receava por eles.

Já então Julián tinha começado a passar as noites em branco, a escrever relatos desde a meia-noite até ao amanhecer, onde esvaziava a sua alma para Penélope. Depois, visitando a casa da avenida del Tibidabo com qualquer desculpa, procurava o momento de se introduzir às escondidas no quarto de Jacinta e entregava-lhe as folhas de papel para que ela as desse à rapariga. Às vezes, Jacinta entregava-lhe uma nota que Penélope escrevera para ele e passava os dias a relê-la. Aquele jogo havia de durar meses. Enquanto o tempo lhes roubava a sorte, Julián fazia tudo o que era preciso para estar junto de Penélope. Jacinta ajudava-o, para ver Penélope feliz, para manter viva aquela luz. Julián, por seu lado, sentia que a inocência casual do início se desvanecia, e era preciso começar a sacrificar terreno. Assim começou a mentir a don Ricardo sobre os seus planos de futuro, a exhibir um entusiasmo de papelão por um porvir na banca e nas finanças, a

fingir um afecto e um apego por Jorge Aldaya que não sentia para justificar a sua presença quase constante na casa da Avenida del Tibidabo, a dizer só aquilo que sabia que os outros desejavam ouvi-lo dizer, a ler os seus olhares e os seus anseios, a encerrar a honestidade e a sinceridade no calabouço das imprudências, a sentir que vendia a alma aos bocados e a recear que, se um dia chegasse a merecer Penélope, já não restasse nada do Julián que a tinha visto pela primeira vez. Às vezes Julián acordava ao alvorecer, a arder de raiva, desejoso de declarar ao mundo os seus verdadeiros sentimentos, de encarar don Ricardo Aldaya e dizer-lhe que não sentia interesse algum pela sua fortuna, pelas suas hipóteses de futuro e pela sua companhia, que somente desejava a sua filha Penélope e que pensava levá-la para o mais longe que pudesse daquele mundo vazio e amortalhado em que ele a tinha aprisionado. A luz do dia dissipava-lhe a coragem. Em certas ocasiões Julián abria-se com Jacinta, que começava a gostar muito mais do rapaz do que desejara. Amiudadas vezes, Jacinta separava-se momentaneamente de Penélope e, com a desculpa de ir buscar Jorge ao colégio de San Gabriel, visitava Julián e entregava-lhe mensagens de Penélope. Foi assim que conheceu Fernando, que muitos anos mais tarde havia de ser o único amigo que lhe restaria enquanto esperava a morte no inferno de Santa Lucía que o anjo Zacarias lhe tinha profetizado. Às vezes, com malícia, a aia levava Penélope com ela e facilitava um breve encontro entre os dois jovens, vendo crescer entre eles um amor que ela nunca tinha conhecido, que lhe fora negado. Foi também por essa altura que Jacinta deu pela presença sombria e perturbante daquele rapaz silencioso a que todos chamavam Francisco Javier, o filho do porteiro de San Gabriel. Surpreendia-o a espiá-los, lendo os seus gestos de longe e devorando Penélope com os olhos. Jacinta conservava uma fotografia que o retratista oficial dos Aldaya, Recasens, tinha tirado a Julián e Penélope à porta da chapelaria da Ronda de San António.

Era uma imagem, inocente, tirada ao meio-dia na presença de don Ricardo e de Sophie Carax. Jacinta trazia-a sempre consigo. Um dia, enquanto esperava Jorge à saída do colégio de San Gabriel, a aia esqueceu-se da mala ao pé da fonte e ao voltar por ela verificou que o jovem Fumero deambulava por ali, olhando-a nervosamente. Naquela noite, quando procurou o retrato não o encontrou e teve a certeza de que o rapaz o tinha roubado. Noutra ocasião, semanas mais tarde, Francisco Javier Fumero aproximou-se da aia e perguntou-lhe se podia fazer chegar uma coisa a Penélope da sua parte. Quando Jacinta perguntou do que se tratava, o rapaz extraiu um pano com o qual tinha envolvido o que parecia uma figura

talhada em madeira de pinho. Jacinta reconheceu nela Penélope e sentiu um calafrio. Antes de que pudesse dizer fosse o que fosse, o rapaz afastou-se. De caminho para a casa da Avenida del Tibidabo, Jacinta atirou a figura pela janela do carro, como se se tratasse de carniça mal-cheirosa. Mais de uma vez, Jacinta havia de acordar de madrugada, coberta de suor, perseguida por pesadelos nos quais aquele rapaz de olhar turvo se lançava sobre Penélope com a fria e indiferente brutalidade de um insecto. Algumas tardes, quando Jacinta ia buscar Jorge, se este se atrasava, a aia conversava com Julián. Também ele começava a gostar daquela mulher de semblante duro e a confiar mais nela do que confiava em si mesmo. Não tardou que, quando algum problema ou alguma sombra pairavam sobre a sua vida, ela e Miquel Moliner fossem os primeiros, e às vezes os últimos, a sabê-lo. Numa ocasião, Julián contou a Jacinta que tinha encontrado a mãe e don Ricardo Aldaya no pátio das fontes a conversar enquanto esperavam pela saída dos alunos. Don Ricardo parecia estar a deleitar-se com a companhia de Sophie e Julián sentiu uma certa inquietação, pois estava ao corrente da reputação dom-juanescas do industrial e do seu voraz apetite pelas delícias do género feminino sem distinção de casta ou condição, ao qual só a sua esposa parecia imune. – Estava a comentar com a tua mãe o muito que gostas do teu novo colégio.

Ao despedir-se deles, don Ricardo piscou-lhe o olho e afastou-se com uma risadinha. A mãe fez todo o trajecto de regresso em silêncio, claramente ofendida pelos comentários que don Ricardo Aldaya lhe tinha estado afazer.

Não era só Sophie que via com receio a sua crescente vinculação aos Aldaya e o abandono a que Julián relegara os seus antigos amigos do bairro e a família. Onde a mãe mostrava tristeza e silêncio, o chapeleiro mostrava rancor de despeito. O entusiasmo inicial de ampliar a sua clientela à fina-flor da sociedade barcelonesa tinha-se evaporado rapidamente. Já quase não via o filho e teve de contratar Quimet, um rapaz do bairro, como ajudante e aprendiz na loja. Antoni Fortuny era um homem que só se sentia capaz de falar abertamente entre chapeleiros. Encerrava os sentimentos no calabouço da alma até eles se empeçonharem sem remédio. Cada dia parecia mais mal-humorado e irritável. Tudo lhe parecia mal, desde os esforços do pobre Quimet, que se desalmava a aprender o ofício, às menções da sua mulher Sophie para suavizar o aparente esquecimento a que Julián os tinha condenado.

– O teu filho julga que é alguém porque os ricos o têm como macaco de circo – dizia com ar sombrio, envenenado de rancor.

Um belo dia, quando se iam perfazer três anos desde a primeira visita de don Ricardo Aldaya à chapelaria de Fortuny e filhos, o chapeleiro deixou Quimet à frente da loja e disse-lhe que voltaria ao meio-dia. Sem mais aquelas, compareceu nos escritórios que o consórcio Aldaya tinha no Paseo de Gracia e pediu para se avistar com don Ricardo.

– E quem tenho a honra de anunciar? – perguntou um lacaios de atitude altiva.

– O seu chapeleiro pessoal.

Don Ricardo recebeu-o, vagamente surpreendido, mas de boa disposição, julgando que talvez Fortuny lhe trouxesse uma factura. Os pequenos comerciantes nunca chegam a compreender o protocolo do dinheiro.

– E diga-me, que posso fazer por si, amigo Fortunato?

Sem mais delongas, Antoni Fortuny passou a explicar a don Ricardo que estava muito enganado relativamente ao seu filho Julián.

– O meu filho, don Ricardo, não é o que o senhor pensa. Muito pelo contrário, é um rapaz ignorante, calaceiro e sem mais talento que as filáucias que a mãe lhe meteu na cabeça. Nunca chegará a ser nada, pode crer. Falta-lhe ambição, carácter. O senhor não o conhece e ele pode ser muito hábil para cativar os estranhos, para lhes fazer crer que sabe de tudo, mas não sabe nada de nada. É um medíocre. Mas eu conheço melhor que ninguém e parecia-me necessário adverti-lo.

Don Ricardo Aldaya tinha escutado este discurso em silêncio, quase sem pestanejar.

– É tudo, Fortunato?

O industrial passou a premir um botão da secretária e daí a poucos instantes apareceu à porta do gabinete o secretário que o recebera.

– O amigo Fortunato está de saída, Balcells – anunciou. – Tenha a bondade de o acompanhar à porta.

O tom gélido do industrial não foi do agrado do chapeleiro.

– Com sua licença, don Ricardo: é Fortuny, não é Fortunato.

– Seja o que for. O senhor é um homem muito triste, Fortuny. Agradeço-lhe que não volte por cá.

Quando Fortuny se encontrou de novo na rua, sentiu-se mais só que nunca, convencido de que todos estavam contra ele. Apenas dias mais tarde, os clientes de luxo que a sua relação com Aldaya tinha granjeado começaram a enviar mensagens a cancelar as encomendas e a saldar contas. Em semanas apenas, teve de despedir Quimet, porque não havia trabalho para ambos na loja. Ao fim e ao cabo, o rapaz tão-pouco servia

para nada. Era medíocre e calaceiro, como todos.

Foi por essa altura que as pessoas do bairro começaram a comentar que o senhor Fortuny parecia mais velho, mais só, mais azedo. Já quase não falava com ninguém e passava longas horas encafuado na loja, sem nada que fazer, a ver passar as pessoas do outro lado do balcão com um sentimento de desprezo e, ao mesmo tempo, de anseio. Depois disse para consigo mesmo que as modas mudavam, que a gente nova já não usava chapéu e aqueles que o faziam preferiam ir a outros estabelecimentos em que os vendiam já feitos por tamanhos, com desenhos mais actuais e mais baratos. A chapelaria de Fortuny e filhos afundou-se lentamente num letargo de sombras e silêncios.

– Estais à espera de que eu morra – dizia para consigo. – Pois se calhar vou-vos dar esse prazer.

Ele não sabia, mas tinha começado a morrer havia já muito tempo.

Depois daquele incidente, Julián embrenhou-se completamente no mundo dos Aldaya, em Penélope e no único futuro que podia conceber. Assim passaram quase dois anos na corda bamba, vivendo em segredo. Zacarias, à sua maneira, tinha-o notado muito tempo atrás. Espargiam-se sombras em seu redor e não tardariam a apertar o cerco. O primeiro sinal chegou um dia de Abril de 1918. Jorge Aldaya fazia dezoito anos e don Ricardo, fazendo de grande patriarca, decidira organizar (ou melhor, dar ordens de que se organizasse) uma monumental festa de aniversário que o filho não desejava e da qual ele, argumentando razões de alta empresa, estaria ausente para se encontrar na suite azul do hotel Colón com uma deliciosa mulher de porta aberta recém-chegada de São Petersburgo. A casa da avenida del Tibidabo ficou convertida num pavilhão circense para o evento: centenas de candeeiros, bandeirolas e barracas dispostos nos jardins para atender os convidados.

Quase todos os colegas de Jorge Aldaya do colégio de San Gabriel tinham sido convidados. Por sugestão de Julián, Jorge incluíra Francisco Javier Fumero. Miquel Moliner advertiu-os de que o filho do porteiro de San Gabriel se ia sentir deslocado naquele ambiente fátuo e pomposo de meninos bem. Francisco Javier recebeu o seu convite mas, intuindo a mesma coisa que Miquel Moliner vaticinava, decidiu declinar o oferecimento. Quando dona Yvonne, a sua mãe, soube que o filho pretendia recusar um convite para a sumptuosa mansão dos Aldaya, ficou aponto de lhe arrancar a pele. Que era aquilo senão o sinal de que depressa ela entraria na sociedade? O próximo passo só podia ser um convite para tomar chá e bolos com a senhora Aldaya e outras damas de infatigável distinção. Assim,

dona Yvonne pegou nas poupanças que vinha debicando do salário do marido e foi comprar um fatinho de marinheiro ao filho.

Francisco Javier tinha já nessa altura dezessete anos e aquele fato, azul, de calções e decididamente ajustado à refinada sensibilidade de dona Yvonne, ficava-lhe grotesco e humilhante. Pressionado pela mãe, Francisco Javier aceitou e passou uma semana a talhar um abre-cartas com o qual pensava obsequiar Jorge. No dia da festa, dona Yvonne empenhou-se em escoltar o filho até às portas da casa dos Aldaya. Queria sentir o cheiro a realeza e aspirar a glória de ver o filho franquear portas que em breve se abririam para ela. À hora de enfiar a sua estapafúrdia indumentária de marinheiro, Francisco Javier descobriu que lhe ficava apertada. Yvonne decidiu fazer um arranjo imediato. Chegaram tarde. Entretanto, e aproveitando o alvoroço da festa e a ausência de don Ricardo, que com toda a certeza estava naquele momento a saborear o melhor da raça eslava e a celebrar à sua maneira, Julián escapulira-se da festa. Penélope e ele tinham combinado encontrar-se na biblioteca, onde não havia perigo de tropeçar em nenhum membro da ilustre e requintada alta sociedade. Demasiado ocupados a devorarem os lábios um ao outro, nem Julián nem Penélope viram o delirante par que se aproximava das portas da casa. Francisco Javier, ataviado de marinheiro na sua primeira comunhão e roxo de humilhação, caminhava quase arrastado por dona Yvonne, que para a ocasião tinha resolvido tirar o pó a um chapéu de palha de abas largas a condizer com um vestido de plissados e grinaldas que a fazia parecer uma banca de doces ou, nas palavras de Miquel Moliner, que a avistou de longe, um bisonte disfarçado de Madame Recamier. Dois elementos da criadagem guardavam a porta. Não pareceram muito impressionados com os visitantes. Dona Yvonne anunciou que o filho, don Francisco Javier Fumero de Sotoceballos, fazia a sua entrada. Os dois criados replicaram, com malícia, que o nome não lhes dizia nada. Irritada, mas mantendo a compostura de grande senhora, Yvonne intimou o filho a mostrar o cartão do convite. Infelizmente, ao fazer o arranjo da confecção, o cartão tinha ficado na mesa de costura de dona Yvonne.

Francisco Javier tentou explicar as circunstâncias, mas gaguejava e o riso dos dois criados não ajudava a esclarecer o mal-entendido. Foram convidados a desaparecer com vento fresco. Dona Yvonne, afogueada de raiva, anunciou-lhes que não sabiam com quem se estavam a meter. Os criados retorquiram-lhe que o lugar de sopeira já estava preenchido. Da janela do seu quarto, Jacinta viu que Francisco Javier já se afastava quando, de repente, parou. O rapaz voltou-se e, para lá do espectáculo da

mãe a esganiçar-se aos gritos com os arrogantes criados, viu-os. Julián beijava Penélope no janelão da biblioteca. Beijavam-se com a intensidade de quem se pertence, alheios ao mundo.

No dia seguinte, durante o recreio do meio-dia, Francisco Javier apareceu de repente. A notícia do escândalo do dia anterior já tinha corrido entre os alunos e as risadas não se fizeram esperar, nem as perguntas acerca do que ele tinha feito ao seu fato de marujo. As risadas interromperam-se de chofre quando os alunos se aperceberam de que o rapaz tinha a escopeta do pai na mão. Fez-se silêncio, e muitos afastaram-se. Só o círculo de Aldaya, Moliner, Fernando e Julián se voltou e ficou a olhar para o rapaz, sem compreender. Sem uma palavra, Francisco Javier ergueu a espingarda e apontou. As testemunhas disseram depois que não havia raiva nem ira no seu rosto. Francisco Javier mostrava a mesma frialdade automática com que desempenhava as tarefas de limpeza no jardim. A primeira bala passou a roçar a cabeça de Julián. A segunda teria atravessado a garganta se Miquel Moliner não se tivesse atirado ao filho do porteiro e arrancado a escopeta a murro. Julián Carax contemplara a cena atónito, paralisado. Todos julgaram que os disparos eram dirigidos a Jorge Aldaya como vingança pela humilhação sofrida na tarde anterior. Só mais tarde, quando a Guarda Civil já levava o rapaz e o casal de porteiros era desalojado da sua morada quase a pontapé, Miquel Moliner se aproximou de Julián e lhe disse, sem orgulho, que lhe salvara a vida. Mal imaginava Julián que essa vida, ou parte do que ele queria viver dela, se estava a aproximar do final.

Aquele era o último ano para Julián e para os seus colegas no colégio de San Gabriel. Uns mais e outros menos, todos comentavam já os seus planos, ou os planos que as respectivas famílias tinham feito por eles para o ano seguinte. Jorge Aldaya já sabia que o pai o ia pôr a estudar em Inglaterra e Miquel Moliner tinha como facto consumado a sua entrada na Universidade de Barcelona. Fernando Ramos mencionara mais de uma vez que talvez entrasse para o seminário da Companhia, perspectiva que os professores consideravam a mais sábia na sua situação particular. Quanto a Francisco Javier Fumero, tudo o que se sabia era que, por intercessão de don Ricardo Aldaya, o rapaz tinha ido para um reformatório perdido no Valle de Arán, onde o esperava um longo Inverno. Vendo os seus companheiros encaminhados em alguma direcção, Julián perguntava a si mesmo o que ia ser dele. Os seus sonhos e ambições literárias pareciam-lhe mais distantes e inviáveis que nunca. Ansiava tão-somente por estar junto de Penélope.

Enquanto ele se interrogava acerca do seu futuro, outros o planeavam por ele. Don Ricardo Aldaya estava já a preparar-lhe um lugar na sua empresa para o iniciar no negócio. O chapeleiro, por seu lado, decidira que, se o filho não quisesse seguir o negócio familiar, podia tirar da ideia medrar à sua custa. Com tal fim, tinha iniciado em segredo as diligências tendentes a enviar Julián para o Exército, onde uns quantos anos de vida castrense o curariam dos delírios de grandeza. Julián ignorava esses planos e, quando averiguasse o que uns e outros tinham preparado para ele, já seria tarde. Só Penélope ocupava o seu pensamento e a distância fingida e os encontros furtivos de antanho já não o satisfaziam. Insistia em vê-la mais amiúde, arriscando-se cada vez mais a que a sua relação com a rapariga fosse descoberta. Jacinta fazia tudo quanto podia para os cobrir: mentia com quantos dentes tinha na boca, tramava reuniões secretas e urdia mil e um estratagemas para lhes conceder uns instantes a sós. Até ela compreendia que aquilo não bastava, que cada minuto que Penélope e Julián passavam juntos os unia mais. Havia tempo que a aia tinha aprendido a reconhecer nos seus olhares o desafio e a arrogância do desejo: uma vontade cega de serem descobertos, de que o seu segredo fosse um escândalo apregoado e deixassem de ter de se esconder nos cantos e desvãos para se amarem às apalpadelas. Às vezes, quando Jacinta ia ajeitar a roupa a Penélope, a rapariga desfazia-se em lágrimas e confessava-lhe os seus desejos de fugir com Julián, de apanhar o primeiro comboio e escapar para onde ninguém os conhecesse. Jacinta, que se lembrava do género de mundo que se estendia para além do palacete Aldaya, estremecia e dissuadia-a. Penélope era um espírito dócil, e o temor que via no rosto de Jacinta bastava para a sossegar. Julián era outra questão.

Durante aquela última Primavera em San Gabriel, Julián descobriu com inquietude que don Ricardo Aldaya e sua mãe Sophie se encontravam às vezes em segredo. Ao princípio receou que o industrial tivesse decidido que Sophie era uma conquista apetecível para juntar à sua colecção, mas depressa compreendeu que os encontros, que tinham sempre lugar em cafés do centro e se desenrolavam dentro do mais estrito decoro, se limitavam à conversa. Sophie mantinha estes encontros em segredo. Quando finalmente Julián decidiu abordar don Ricardo e perguntar-lhe o que estava a suceder entre ele e a mãe, o industrial riu-se.

– Não te escapa nada, hem, Julián? A verdade é que já tencionava falarte do assunto. A tua mãe e eu estamos a discutir acerca do teu futuro.

Ela veio ver-me há umas semanas, preocupada porque o teu pai está a planear mandar-te para o Exército no próximo ano. A tua mãe, como

é natural, quer o melhor para ti e recorreu a mim para ver se entre os dois podíamos fazer alguma coisa. Não te preocupes, palavra de Ricardo Aldaya que tu não serás carne para canhão. A tua mãe e eu temos grandes planos para ti. Confia em nós.

Julián queria confiar, mas don Ricardo inspirava tudo menos confiança. Falando com Miquel Moliner, o rapaz concordou com Julián.

– Se o que queres é fugir com a Penélope, Deus te ponha a virtude, o que precisas é de dinheiro.

Dinheiro era aquilo que Julián não tinha.

– Isso tem arranjo – informou-o Miquel -, é para isso que servem os amigos ricos.

Foi assim que Miquel e Julián começaram a planear a fuga dos amantes. O destino, por sugestão de Moliner, seria Paris. Moliner opinava que, resolvido a ser um artista boémio e morto de fome, pelo menos o cenário de Paris era inultrapassável. Penélope falava alguma coisa de francês e para Julián, graças aos ensinamentos da mãe, era uma segunda língua.

– Além disso, Paris é suficientemente grande para uma pessoa se perder, mas eficientemente pequena para encontrar oportunidades – calculava Miquel.

O amigo reuniu uma pequena fortuna, juntando as suas poupanças pessoais ao que conseguiu extorquir ao pai com as mais peregrinas desculpas. Só Miquel saberia para onde iam.

– E eu penso emudecer mal vocês embarquem nesse comboio.

Nessa mesma tarde, depois de ultimar os pormenores com Moliner, Julián compareceu na casa da Avenida del Tibidabo para explicar o plano a Penélope.

– Não podes contar a ninguém aquilo que te vou dizer. A ninguém. Nem sequer à Jacinta – começou Julián.

A rapariga escutou-o atónita e enfeitiçada. O plano de Moliner era impecável. Miquel compraria os bilhetes utilizando um nome falso e contratando um desconhecido para que os levantasse no guichê da estação. Se a polícia, porventura, desse com ele, tudo o que lhes podia oferecer era a descrição de uma personagem que não se parecia com Julián. Julián e Penélope encontrar-se-iam no comboio. Não haveria espera na plataforma para não dar oportunidade de serem vistos. A fuga seria num domingo ao meio-dia. Julián compareceria por sua conta na estação de Francia. Miquel estaria lá à sua espera com os bilhetes e o dinheiro.

A parte mais delicada era a que concernia a Penélope. Tinha de

enganar Jacinta e pedir à aia que inventasse uma desculpa para a tirar da missa das onze e levá-la a casa. De caminho, Penélope pedir-lhe-ia que a deixasse ir ao encontro de Julián, prometendo estar de volta antes que a família regressasse ao casarão. Penélope aproveitaria então para se dirigir à estação. Ambos sabiam que, se ela dissesse a verdade, Jacinta não os deixaria partir. Gostava demasiado deles.

– É um plano perfeito, Miquel – tinha dito Julián ao ouvir a estratégia idealizada pelo amigo.

Miquel assentiu tristemente.

– Excepto por um pormenor. A mágoa que vão causar a muita gente ao irem-se embora para sempre.

Julián tinha assentido, pensando na mãe e em Jacinta. Não lhe ocorreu pensar que Miquel Moliner estava a falar de si mesmo.

O mais difícil foi convencer Penélope da necessidade de manter Jacinta às escuras relativamente ao plano. Só Miquel saberia a verdade. O comboio partia à uma da tarde. Quando a ausência de Penélope fosse notada, já teriam atravessado a fronteira. Uma vez em Paris, instalarse-iam num albergue como marido e mulher, usando nome falso. Enviariam então uma carta a Miquel Moliner dirigida às suas famílias confessando o seu amor, dizendo que estavam bem, que os amavam, anunciando o seu casamento pela igreja e pedindo o seu perdão e compreensão. Miquel Moliner meteria a carta num segundo envelope para eliminar o carimbo de Paris e ele se encarregaria de a enviar de uma localidade das proximidades.

– Quando?-perguntou Penélope.

– Daqui a seis dias – disse Julián. – Domingo que vem.

Miquel era de opinião que, para não levantar suspeitas, o melhor era que durante os dias que faltavam para a fuga Julián não visitasse Penélope. Deviam combinar as coisas e não se voltarem a ver até se encontrarem naquele comboio rumo a Paris. Seis dias sem a ver, sem lhe tocar, afiguravam-se-lhe infinitos. Selaram o pacto, um casamento secreto, nos lábios. Foi então que Julián conduziu Penélope até ao quarto de Jacinta no terceiro andar da casa. Naquele piso só se encontravam os quartos da criada e Julián quis crer que ninguém os encontraria. Despiram-se à pressa, com raiva e anseio, arranhando a pele e desfazendo-se em silêncios. Aprenderam os corpos um do outro de cor e enterraram aqueles seis dias de separação em suor e saliva. Julián penetrou-a com fúria, cravando-a contra as tábuas do chão. Penélope recebia-o com os olhos abertos, as pernas abraçadas ao seu torso e os lábios entreabertos de ânsia. Não havia vislumbre de fragilidade nem meninice no seu olhar, no seu corpo morno

que pedia mais. Depois, com o rosto ainda preso ao seu ventre e as mãos no peito branco que ainda tremia, Julián soube que tinham de se despedir. Mal teve tempo de se levantar quando a porta do quarto se abriu lentamente e a silhueta de uma mulher se perfilou no umbral. Por um segundo, Julián julgou que se tratava de Jacinta, mas logo compreendeu que se tratava da senhora Aldaya, que os observava enfeitiçada num arroubo de fascinação e repugnância. A única coisa que conseguiu balbuciar foi: «Onde está a Jacinta?» Sem mais, voltou-se e afastou-se em silêncio enquanto Penélope se encolhia no solo numa agonia muda e Julián sentia que o mundo se desmoronava à sua volta.

– Agora vai-te embora, Julián. Vai-te embora antes que o meu pai venha.

– Mas...

– Vai-te embora. Julián assentiu.

– Aconteça o que acontecer, domingo espero-te naquele comboio. Penélope conseguiu arrancar um meio sorriso.

– Lá estarei. Agora vai-te embora. Por favor...

Ainda estava nua quando ele a deixou e deslizou pela escada de serviço até às cocheiras e, dali, para a noite mais fria de que se lembrava.

Os dias que se seguiram foram os piores. Julián tinha passado a noite em claro, esperando que a qualquer momento os sicários de don Ricardo o viessem buscar. Nem o sono o visitou. No dia seguinte, no colégio de San Gabriel, não se apercebeu de mudança alguma na atitude de Jorge Aldaya. Julián, devorado pela angústia, confessou a Miquel Moliner o que sucedera. Miquel, com a sua fleuma habitual, abanou a cabeça em silêncio.

– Estás doido, Julián, mas isso não é novidade nenhuma. O estranho é que não tenha havido rebuliço em casa dos Aldaya. O que, pensando bem, não é assim tão surpreendente. Se, como dizes, foi a senhora Aldaya que vos descobriu, há a possibilidade de que nem ela mesma saiba ainda o que fazer. Tive três conversas com ela na minha vida, e delas extraí duas conclusões: um, a senhora Aldaya tem uma idade mental de doze anos; dois, sofre de um narcisismo crónico que a impossibilita de ver ou compreender qualquer coisa que não seja o que quer ver ou crer, especialmente em referência a ela própria.

– Poupa-me o diagnóstico, Miquel.

– O que eu quero dizer é que provavelmente ainda está a pensar no que dizer, como, quando e a quem o dizer. Primeiro tem de pensar nas consequências para ela própria: o potencial escândalo, a fúria do marido... O resto, atrevo-me a supor, não a aquece nem arrefece.

– Achas então que não dirá nada?

– Talvez tarde um ou dois dias. Mas não me parece que seja capaz de conservar um segredo assim às escondidas do marido. E quanto ao plano de fuga? Continua de pé?

– Mais que nunca.

– Alegra-me ouvir isso. Porque agora é que me parece que isto não tem volta atrás.

Os dias daquela semana passaram em lenta agonia. Julián aparecia todos os dias no colégio de San Gabriel com a incerteza a pisar-lhe os calcanhares. Passava as horas fingindo estar ali, praticamente incapaz de trocar olhares com Miquel Moliner, que começava a estar tanto ou mais preocupado do que ele. Jorge Aldaya não dizia nada. Mostrava-se tão cortês como sempre. Jacinta não voltara a aparecer para ir buscar Jorge. O motorista de don Ricardo ia lá todas as tardes. Julián sentia-se morrer, quase desejando que acontecesse o que tivesse de acontecer, que aquela espera chegasse ao fim. Na quinta-feira à tarde, ao acabarem as aulas, Julián começou a pensar que a sorte estava do seu lado. A senhora Aldaya não tinha dito nada, talvez por vergonha, por estupidez ou por qualquer das razões que Miquel vislumbrava. Pouco importava. A única coisa que contava era que guardasse o segredo até domingo. Naquela noite, pela primeira vez em vários dias, conseguiu conciliar o sono.

Na sexta-feira de manhã, ao comparecer nas aulas, o padre Romanones esperava-o no gradeamento.

– Tenho de falar contigo, Julián.

– Diga, senhor padre.

– Sempre soube que chegaria este dia e tenho de te confessar que fico satisfeito por ser eu a dar-te a notícia.

– Que notícia, senhor padre?

Julián Carax já não era aluno do colégio de San Gabriel. A sua presença no recinto, nas salas de aula e até nos jardins ficava terminantemente proibida. Os seus utensílios, livros de texto e todos os pertences passavam a ser propriedade do colégio.

– O termo técnico é expulsão fulminante – resumiu o padre Romanones.

– Posso perguntar a causa?

– Ocorre-me uma dúzia, mas tenho a certeza de que tu saberás escolher a mais apropriada. Bom dia, Carax. Felicidades na vida. Vais precisar delas.

A uma trintena de metros, no pátio das fontes, um grupo de alunos

observava-o. Alguns riam, fazendo um gesto de despedida com a mão. Outros observavam-no com estranheza e compaixão. Só um lhe sorria com tristeza: o seu amigo Miquel Moliner, que se limitou a assentir e a murmurar em silêncio palavras que Julián julgou ler no ar. «Até domingo.»

Ao regressar ao andar da Ronda de San António, Julián reparou que o Mercedes Benz de don Ricardo Aldaya estava parado em frente da chapelaria. Parou na esquina e esperou. Daí a pouco, don Ricardo saiu da loja do pai e introduziu-se no carro. Julián ocultou-se na entrada de um prédio até ele desaparecer rumo à praça Universidad. Só então se apressou a subir a escada até sua casa. Sua mãe Sophie esperava-o ali, lavada em lágrimas.

– Que fizeste tu, Julián? – murmurou, sem ira.

– Desculpe, mãe...

Sophie abraçou o filho com força. Tinha perdido peso e estava envelhecida, como se entre todos lhe tivessem roubado a vida e a juventude. «Eu mais que ninguém», pensou Julián.

– Ouve-me bem, Julián. O teu pai e don Ricardo Aldaya arranjam as coisas para te mandar para o Exército dentro de uns dias. Aldaya tem influências... Tens de partir, Julián. Tens de partir para onde nenhum dos dois te possa encontrar...

Julián julgou ver uma sombra no olhar da mãe que a consumia por dentro.

– Há mais alguma coisa, mãe? Alguma coisa que não me tenha contado?

Sophie contemplou-o com os lábios trémulos.

– Deves partir. Devemos partir os dois daqui para sempre. Julián abraçou-a com força e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Não se preocupe comigo, mãe. Não se preocupe.

Julián passou o sábado encerrado no quarto, entre os seus livros e os seus cadernos de desenho. O chapeleiro tinha descido à loja quase ao alvorecer e não regressou até bem entrada a madrugada. «Nem sequer tem coragem de mo dizer na cara», pensou Julián. Naquela noite, com os olhos velados de lágrimas, despediu-se dos anos que tinha passado naquele quarto escuro e frio, perdido em sonhos que agora sabia que nunca se chegariam a concretizar. Ao alvorecer de domingo, apetrechado unicamente de um saco com alguma roupa e uns livros, beijou a testa de Sophie, que dormia enroscada entre cobertores na sala de jantar, e partiu. As ruas vestiam uma neblina azulada e despontavam cintilações de cobre sobre os terraços da cidade velha. Caminhou lentamente, despedindo-se de cada

porta, de cada esquina, perguntando a si mesmo se a cilada do tempo seria verdadeira e algum dia só seria capaz de recordar as coisas boas, de esquecer a solidão que tantas vezes o tinha perseguido naquelas ruas.

A estação de Francia estava deserta, os cais encurvados em sabres espelhados que flamejavam sob o amanhecer e se fundiam na névoa. Julián sentou-se num banco sob a abóbada e puxou do seu livro. Deixou passar as horas perdido na magia das palavras, mudando a pele e o nome, sentindo-se outro. Deixou-se arrastar pelos sonhos de personagens na sombra, julgando que não lhe restava mais refúgio nem santuário do que aquele. Já sabia que Penélope não compareceria ao encontro. Sabia que embarcaria naquele comboio sem mais companhia que a sua lembrança. Quando, por volta do meio-dia, Miquel Moliner apareceu na estação e lhe entregou a passagem e todo o dinheiro que conseguira reunir, os dois amigos abraçaram-se em silêncio. Julián nunca tinha visto Miquel Moliner chorar. O relógio sitiava-os, contando os minutos em fuga.

– Ainda há tempo – murmurava Miquel com o olhar posto na entrada da estação.

À uma e cinco, o chefe da estação fez a chamada final para os passageiros com destino a Paris. O comboio tinha começado já a deslizar pela plataforma quando Julián se voltou para se despedir do amigo. Miquel Moliner contemplava-o da plataforma, com as mãos enterradas nos bolsos.

– Escreve – disse.

– Assim que chegue, escrevo-te – replicou Julián.

– Não. A mim, não. Escreve livros. Não cartas. Escreve-os por mim. Pela Penélope.

Julián assentiu, só então se apercebendo do muito que ia sentir a falta do amigo.

– E conserva os teus sonhos – disse Miquel. – Nunca se sabe quando irás precisar deles.

– Sempre – murmurou Julián, mas o rugido do comboio já lhe tinha roubado as palavras.

– A Penélope contou-me o que lhe tinha acontecido nessa mesma noite em que a senhora os surpreendeu no meu quarto. No dia seguinte, a senhora mandou-me chamar e perguntou-me o que sabia eu do Julián. Eu disse-lhe que nada, que era um bom rapaz, amigo do Jorge... Deu-me ordens para manter Penélope no quarto até que ela lhe desse autorização para sair. Don Ricardo estava de viagem em Madrid e não regressou senão na sexta-feira. Assim que chegou, a senhora contou-lhe o sucedido. Eu estava lá. Don Ricardo saltou do cadeirão e pregou uma bofetada à senhora que

a deitou por terra. Depois, gritando como um louco, disse-lhe que repetisse o que tinha dito. A senhora estava aterrorizada. Nunca tínhamos visto o senhor assim. Nunca. Era como se todos os demónios o tivessem possuído. Vermelho de raiva, subiu ao quarto da Penélope e arrancou-a da cama arrastando-a pelos cabelos.

Eu quis detê-lo e ele afastou-me a pontapé. Nessa mesma noite mandou chamar o médico da família para observar a Penélope. Quando o médico terminou, falou com o senhor. Fecharam a Penélope à chave no quarto e a senhora disse-me que arrumasse as minhas coisas.

«Não me deixaram ver a Penélope, nem despedir-me dela. Don Ricardo ameaçou denunciar-me à polícia se eu revelasse a alguém o sucedido. Correram comigo a pontapé nessa mesma noite, sem ter sítio para onde ir, depois de dezoito anos de serviço ininterrupto na casa. Dois dias mais tarde, numa pensão da rua Muntaner, recebi a visita do Miquel Moliner, que me explicou que o Julián tinha ido para Paris. Queria que lhe contasse o que tinha sucedido com a Penélope e averiguar por que é que ela não tinha comparecido ao encontro na estação. Durante semanas regressei à casa, suplicando que me deixassem ver a Penélope, mas não me permitiram sequer atravessar o gradeamento. Às vezes postava-me na outra esquina durante dias inteiros, à espera de os ver sair. Nunca a vi. Não saía de casa. Mais tarde, o senhor Aldaya chamou a polícia e com os seus amigos de altos voos conseguiu que me metessem no manicómio de Horta, alegando que ninguém me conhecia e que eu era uma louca que espiava a família e os filhos. Passei dois anos lá, encerrada como um animal. A primeira coisa que fiz quando saí foi ir à casa da avenida del Tibidabo ver a Penélope.»

– Conseguiu vê-la? – perguntou Fermín.

– A casa já estava fechada, à venda. Ninguém lá vivia. Disseram-me que os Aldaya tinham ido para a Argentina. Escrevi para a direcção que me tinham dado. As cartas foram-me devolvidas por abrir...

– Que foi feito da Penélope? Sabe? Jacinta abanou a cabeça, desfalecendo.

– Nunca mais a voltei a ver.

A anciã gemia, chorando desabaladamente. Fermín segurou-a nos braços e embalou-a. O corpo de Jacinta Coronado tinha minguado até ficar do tamanho de uma criança, e ao seu lado Fermín parecia um gigante. Fervilhavam-me mil perguntas na cabeça, mas o meu amigo fez um gesto que indicava claramente que a entrevista terminara. Vi-o contemplar aquele buraco sujo e frio onde Jacinta Coronado consumia as suas últimas horas.

– Ande, Daniel. Vamos embora. Vá andando.

Fiz o que me dizia. Ao afastar-me voltei-me um momento e vi que Fermín se ajoelhava diante da anciã e a beijava na testa. Ela exibiu um sorriso desdentado.

– Diga-me cá, Jacinta – ouvi Fermín dizer. – Gosta de Sugus, não gosta?

No nosso périplo em direcção à saída cruzámo-nos com o legítimo agente funerário e dois ajudantes de aspecto simiesco que vinham apetrechados de um caixão de pinho, corda e vários pedaços de lençóis velhos de aplicação incerta. A comitiva exalava um sinistro aroma a formol e a colónia de pacotilha e apresentava uma tez translúcida que emoldurava sorrisos macilentos e caninos. Fermín limitou-se a apontar para a cela onde o defunto esperava e passou a abençoar o trio, que correspondeu ao gesto assentindo e persignando-se respeitosamente.

– Ide em paz – murmurou Fermín, arrastando-me para a saída, onde uma freira, trazendo uma candeia de azeite, me disse adeus com um olhar fúnebre e condenatório.

Uma vez fora do recinto, o lúgubre canhão de pedra e sombra da rua Moncada afigurou-se-me um vale de glória e esperança. Ao meu lado, Fermín respirava fundo, aliviado, e soube que eu não era o único a estar satisfeito por ter deixado atrás aquele bazar de trevas. A história que Jacinta nos relatara pesava-nos mais na consciência do que gostaríamos de admitir.

– Oiça, Daniel. E se enfiássemos uns croquetezinhos de presunto e uns espumosos aqui no Xampanet para tirar o mau sabor da boca?

– Para dizer a verdade, não diria que não.

– Não ficou de se encontrar hoje com a miúda?

– Amanhã.

– Ah, malandreco. Faz-se caro, hem? Como vamos aprendendo...

Não tínhamos dado nem dez passos rumo à ruidosa adega, apenas uns números rua abaixo, quando três silhuetas espectrais se soltaram das sombras e nos saíram ao caminho. Os dois valentões postaram-se atrás de nós, tão próximos que pude sentir o seu hálito na nuca. O terceiro, mais miúdo mas infinitamente mais sinistro, obstruiu-nos a passagem. Vestia a mesma gabardina e o seu sorriso oleoso parecia transbordar de gozo pelas comissuras.

– Ora, ora, mas quem é que temos aqui? Então não é o meu melhor amigo, o homem das mil caras? – disse o inspector Fumero.

Pareceu-me ouvir todos os ossos de Fermín estremecerem de terror ante a aparição. A sua loquacidade ficou reduzida a um gemido abafado. Nessa altura, os dois ferrabrases, que supus não serem senão dois agentes da Brigada Criminal, já nos tinham presos pela nuca e pelo pulso direito, prontos para nos torcerem o braço ao mínimo indício de movimento.

– Vejo pela cara de surpresa que fazes que pensavas que te tinha perdido o rasto há uns tempos, hem? Suponho que não terás acreditado que um pedaço de merda como tu ia poder sair da valeta e fazer-se passar por um cidadão decente, pois não? Tu és chalado, mas não tanto. Além disso contam-me que andas a meter o nariz, que no teu caso é grande, numa data de assuntos que não te dizem respeito.

Mau sinal... Em que marosca é que andas metido com as irmãzinhas? Andas a papar alguma? Quanto é que elas levam agora?

– Eu respeito os cus alheios, senhor inspector, especialmente se estão sob clausura. Se calhar, se o senhor se habituasse a fazer a mesma coisa, poupava umas lecas em penicilina e andava melhor da barriga. Fumero soltou uma risadinha envilecida de ira.

– Assim é que eu gosto. Colhões de touro. É o que eu digo. Se todos os larápios fossem como tu, o meu trabalho era canja. Diz-me cá, como é que te dizes chamar agora, cabrãozinho? Gary Cooper? Anda lá, conta-me o que fazes a meter essa narigueta no asilo de Santa Lucía e se calhar deixo-te ir embora só com um par de beliscaduras. Vamos, vomita lá. O que é que vos traz por aqui?

– Um assunto particular. Viemos visitar uma pessoa de família.

– Sim, a puta da tua mãe. Olha, a tua sorte é que hoje me apanhas de bom humor, caso contrário levava-te já para a esquadra e dava-te outra passagem com o maçarico. Anda lá, sê bom rapaz e conta de verdade ao teu amigo inspector Fumero que raio andavam tu e o teu amigo aqui a fazer. Colabora um pouco, porra, que assim poupas-me fazer uma cara nova aqui ao franganote que arranjaste para mecenas.

– Toque-lhe num cabelo e juro-lhe que...

– Olha só para mim a tremer de medo. Até me borrei nas calças. Fermín engoliu em seco e pareceu conjurar a coragem que se lhe escapava pelos poros.

– Não serão essas as calças à marujo que a sua augusta mãe lhe vestiu, a ilustre sopeira? Seria uma pena, porque me dizem que o figurino lhe assentava que nem uma luva.

O rosto do inspector Fumero empalideceu e toda a expressão se lhe escapou do olhar.

– Que foi que disseste, desgraçado?

– Dizia que me parece que herdou o gosto e a graça de dona Yvonne Sotoceballos, dama da alta sociedade...

Fermín não era um homem corpulento, e o primeiro murro bastou para o derrubar de uma penada. Estava ele ainda feito um novelo sobre o charco onde tinha aterrado quando Fumero lhe pregou uma enfiada de pontapés no estômago, nos rins e na cara. Eu perdi a conta ao quinto. Fermín perdeu o fôlego e a capacidade de mexer um dedo ou de se proteger das pancadas um instante depois. Os dois polícias que me seguravam riam-se por cortesia ou obrigação, agarrando-me com mão férrea.

– Tu não te metas – sussurrou-me um deles. – Não me apetece partir-te o braço.

Tentei em vão libertar-me do seu aperto e ao debater-me vislumbrei por um instante o rosto do agente que tinha falado comigo. Reconheci-o de imediato. Era o

homem da gabardina e do jornal do bar da Praça de Sarriá dias antes, o mesmo homem que nos tinha seguido no autocarro, a rir das piadas de Fermín.

– Olha, a mim o que mais me fode no mundo é a gente que escarafuncha na merda e no passado – clamava Fumero, rodeando Fermín. – As coisas passadas são para as deixar estar, percebes? E isso vale para ti e para o pateta do teu amigo. Tu vê bem e aprende, garoto, que depois vais tu. Contemplei o inspector Fumero a destroçar Fermín aos pontapés sob a luz enviesada de um candeeiro. Durante todo o episódio fui incapaz de abrir a boca. Lembro-me do impacto surdo, terrível, dos golpes a caírem sem piedade sobre o meu amigo. Ainda me doem. Limitei-me a refugiar-me naquela conveniente prisão dos polícias, tremendo e derramando lágrimas de cobardia em silêncio.

Quando Fumero se aborreceu de sacudir um peso morto, abriu a gabardina, correu o fecho ecler e pôs-se a urinar em cima de Fermín. O meu amigo não se mexia, desenhando apenas um fardo de roupa velha num charco. Enquanto Fumero descarregava o seu jorro generoso e vaporoso sobre Fermín, continuei a ser incapaz de abrir a boca. Quando terminou, o inspector apertou a braguilha e acercou-se de mim com o rosto suarento, a arfar. Um dos agentes estendeu-lhe um lenço com o qual enxugou a cara e o pescoço. Fumero aproximou-se de mim até deter o rosto a uns centímetros apenas do meu, e cravou o olhar em mim.

– Tu não valias esta tarefa, miúdo. É esse o problema do teu amigo: aposta sempre no lado errado. Da próxima vez fodo-o a valer, como nunca, e tenho a certeza de que a culpa vai ser tua.

Julguei que nessa altura me ia esbofetear, que tinha chegado a minha vez. Por algum motivo congratulei-me por que assim fosse. Quis acreditar que os golpes me curariam da vergonha de ter sido incapaz de mexer um dedo para ajudar Fermín quando a única coisa que estava a fazer, como sempre, era tentar proteger-me.

Mas não caiu golpe algum. Somente a chicotada daqueles olhos cheios de desprezo. Fumero limitou-se a dar-me uma palmadinha na face.

– Sossega, menino. Eu não sujo as mãos com cobardes.

Os dois polícias riram-se da graça, mais descontraídos ao verificar que o espectáculo tinha terminado. Os seus desejos de abandonarem a cena eram palpáveis. Afastaram-se a rir na sombra. Quando acorri em seu auxílio, Fermín lutava em vão para se pôr de pé e encontrar os dentes que perdera na água suja do charco. Tinha a boca, o nariz, os ouvidos e as pálpebras a sangrar. Ao ver-me são e salvo, fez menção de um sorriso e julguei que me ia morrer ali mesmo. Ajoelhei-me ao pé dele e segurei-o nos braços. O primeiro pensamento que me cruzou a cabeça foi que pesava menos do que Bea.

– Fermín, por amor de Deus, é preciso levá-lo ao hospital imediatamente. Fermín abanou energicamente a cabeça.

- Leve-me a ela.
- A quem, Fermín?
- À Bernarda. Se hei-de esticar o pernil, que seja nos braços dela.

32.

Naquela noite regressei ao andar da praça Real que anos atrás jurara não voltar a pisar. Um par de residentes que tinham presenciado a tarefa da porta do Xampanet ofereceu-se para me ajudar a levar Fermín a uma paragem de táxis na Rua Princesa enquanto um criado do estabelecimento telefonava para o número que eu lhe tinha dado a avisar da nossa chegada. A corrida no táxi pareceu-me infinita. Fermín tinha perdido o conhecimento antes de arrancar. Eu segurava-o nos braços, aferrando-o contra o peito e tentando transmitir-lhe calor. Podia sentir o seu sangue morno a ensopar-me a roupa. Eu murmurava-lhe ao ouvido, dizendo-lhe que já chegávamos, que não havia de ser nada. Tremia-me a voz. O condutor lançava-me olhares furtivos do espelho.

- Oiça, eu não quero sarilhos, hem? Se esse morre, os senhores apeiam-se.
- O senhor acelere e cale-se.

Quando chegámos à Rua Fernando, Gustavo Barceló e Bernarda esperavam à porta do edifício na companhia do doutor Soldevilla. Ao ver-nos cobertos de sangue e sujidade, Bernarda desatou a gritar, num acesso de pânico. O médico tomou rapidamente o pulso a Fermín e assegurou que o paciente estava vivo. Entre os quatro conseguimos transportar Fermín pelas escadas acima e levá-lo até ao quarto de Bernarda, onde uma enfermeira que o médico tinha trazido já estava a preparar tudo. Uma vez colocado o paciente na cama, a enfermeira começou a despi-lo. O doutor Soldevilla insistiu em que saíssemos todos do quarto e o deixássemos actuar. Fechou-nos a porta na cara com um sucinto «viverá».

No corredor, Bernarda chorava desconsoladamente, gemendo que por uma vez que encontrava um homem bom, vinha Deus e arrancava-lho aos murros. Don Gustavo Barceló tomou-a nos braços e levou-a para a cozinha, onde se entregou a enfrascá-la em *brandy* até a coitada mal se ter de pé. Uma vez que as palavras da criada começaram a ser ininteligíveis, o livreiro serviu-se de um copo e esvaziou-o de um trago.

- Lamento muito. Não sabia onde ir... – comecei eu.
- Calma. Fizeste bem. O Soldevilla é o melhor traumatologista de Barcelona – disse, sem se dirigir a ninguém em particular.
- Obrigado – murmurei.

Barceló suspirou e serviu-me um bom gole de *brandy* num copo. Declinei o

seu oferecimento, que passou às mãos de Bernarda, em cujos lábios desapareceu como por encanto.

– Faz o favor de tomar um duche e vestir qualquer roupa limpa – indicou Barceló. – Se voltas a casa com esse aspecto, matas o teu pai de susto.

– Não é preciso... Estou bem – disse eu.

– Pois então pára de tremer. Anda lá, podes usar a minha casa de banho, que tem termoacumulador. Já sabes o caminho. Eu entretanto vou telefonar ao teu pai e dir-lhe-ei que, bom, não sei o que lhe direi.

Alguma coisa me há-de ocorrer. Assenti.

– Esta continua a ser a tua casa, Daniel – disse Barceló enquanto eu me afastava pelo corredor. – Sentiu-se a tua falta.

Conseguí encontrar a casa de banho de Gustavo Barceló, mas não o interruptor da luz. Pensando bem, disse para comigo, prefiro tomar duche na penumbra. Despojei-me da minha roupa suja de sangue e porcaria e empoleirei-me na banheira imperial de Gustavo Barceló. Filtrava-se uma escuridão perlada pela grande janela que dava para o pátio interior do prédio, sugerindo os perfis do aposento e o jogo de azulejos esmaltados do solo e das paredes. A água saía a ferver e com uma pressão que, comparada com a modéstia da nossa casa de banho da rua Santa Ana, me pareceu digna de hotéis de luxo nos quais nunca tinha posto os pés. Permaneci vários minutos debaixo dos feixes de vapor do duche, imóvel.

O eco dos golpes a caírem sobre Fermín continuava a martelar-me os ouvidos. Não conseguia tirar da cabeça as palavras de Fumero, nem o rosto daquele polícia que me tinha agarrado, provavelmente para me proteger. Daí a pouco apercebi-me de que a água começava a arrefecer e supus que estava a esgotar a capacidade do termoacumulador do meu anfitrião. Esgotei até à última gota de água morna e fechei a torneira. O vapor subia da minha pele como fios de seda. Através da cortina do duche adivinhei uma silhueta imóvel diante da porta. O seu olhar vazio brilhava como o de um gato.

– Podes sair sem receio, Daniel. Apesar de todas as minhas maldades, continuo sem te poder ver.

– Olá, Clara.

Estendeu uma toalha limpa na minha direcção. Alonguei o braço e peguei nela. Envolvi-me nela com pudor de menina de colégio e inclusivamente pude ver que Clara sorria, adivinhando os meus movimentos.

– Não te ouvi entrar.

– Não bati. Por que é que tomas duche às escuras?

– Como é que sabes que a luz não está acesa?

– O zumbido da lâmpada – disse ela. – Nunca voltaste para te despedir.

– Voltei sim, pensei, mas estavas muito ocupada. As palavras morreram-me

nos lábios, distantes o seu rancor e a amargura, de repente ridículos. – Bem sei. Desculpa.

Saí do duche e pus-me em cima do tapete de felpa. O halo de vapor ardia em grãos de prata, a claridade da clarabóia era um manto branco sobre o rosto de Clara. Não tinha mudado nem um pouco em relação ao que eu recordava. Quatro anos de ausência não me tinham servido de quase nada.

– A tua voz mudou – disse ela. – Tu também mudaste, Daniel?

– Continuo tão tolo como dantes, se é isso o que te intriga.

E mais cobarde, acrescentei para mim mesmo. Ela conservava aquele mesmo sorriso quebrado que doía até na penumbra. Estendeu uma mão e, como naquela tarde oito anos atrás na biblioteca do Ateneo, percebi imediatamente. Guiei a sua mão até ao meu rosto húmido e senti os dedos dela descobrirem-me de novo, os lábios dela a desenharem palavras em silêncio.

– Nunca quis fazer-te mal, Daniel. Perdoa-me. Peguei-lhe na mão e beijei-a na escuridão.

– Perdoa-me tu a mim.

Todo e qualquer indício de melodrama se escaqueirou em pedaços quando Bernarda assomou à porta e, apesar de estar praticamente embriagada, me descobriu nu, a pingar, levando a mão de Clara aos lábios e com a luz apagada.

– Por amor de Deus, menino Daniel, que pouca-vergonha. Jesus, Maria e José. É que há gente que não toma ensinamento...

Bernarda bateu em retirada, aflita, e confiei que, quando os efeitos do *brandy* diminuíssem, a lembrança do que tinha visto se desvanecesse da sua mente como um retalho de sonho. Clara recuou uns passos e estendeu-me a roupa que segurava debaixo do braço esquerdo.

– O meu tio deu-me este fato dele para vestires. É de quando ele era novo. Diz que crescestes imenso e que te há-de ficar bem. Deixo-te para te vestires. Não devia ter entrado sem bater.

Peguei na muda que me oferecia e comecei a vestir a roupa interior, tépida e perfumada, a camisa de algodão rosada, as peúgas, o colete, as calças e o casaco. O espelho mostrava um vendedor a domicílio, desarmado de sorriso. Quando regresssei à cozinha, o doutor Soldevilla tinha saído um instante do quarto onde estava a tratar de Fermín para informar os presentes do seu estado.

De momento, o pior passou – anunciou. – Não há razão para preocupações.

Estas coisas parecem sempre mais graves do que são. O vosso amigo sofreu uma fractura no braço esquerdo e tem duas costelas quebradas, perdeu três dentes e apresenta pisaduras múltiplas, cortes e contusões, mas felizmente não há hemorragia interna nem sintomas de lesão cerebral. Os jornais dobrados que o paciente levava debaixo da roupa à guisa de abafo e realce de corpulência, como ele

diz, serviram de armadura para amortecer os golpes. Há uns instantes, ao recobrar a consciência durante uns minutos, o paciente pediu-me para vos dizer que se encontra como um miúdo de vinte anos, que quer uma sanduíche de morcela e alho-porro, um quadrado de chocolate e caramelos Sugus de limão. Em princípio não vejo inconveniente, embora creia que de momento é melhor começar por uns sumos, iogurte e talvez um pouco de arroz branco. Aliás, e como testemunho da sua louçania e presença de espírito, o paciente indicou-me que transmita aos senhores que, quando a enfermeira Amparito lhe deu uns pontos na perna, experimentou uma erecção que parecia um tronco.

– É que ele é muito homem – murmurou Bernarda, em tom de desculpa.

– Quando poderemos vê-lo? – perguntei.

– Agora é melhor não. Talvez ao alvorecer. Far-lhe-á bem um bocado de repouso e amanhã mesmo gostaria de o levar ao hospital del Mar para lhe fazer um electroencefalograma, para ficarmos sossegados, mas creio que não corremos qualquer risco e que o senhor Romero de Torres daqui a uns dias estará como novo. A julgar pelas marcas e cicatrizes que tem no corpo, este homem já saiu de transes piores e é um sobrevivente nato. Se precisarem de uma cópia do diagnóstico para apresentarem queixa na esquadra...

– Não será necessário – interrompi.

– Advirto-o de que isto podia ter sido muito sério, meu jovem. Há que fazer imediatamente a participação à polícia.

Barceló observava-me atentamente. Devolvi-lhe o olhar e ele assentiu.

– Há tempo para essas diligências, doutor, não se preocupe – disse Barceló.

– Agora o importante é certificarmo-nos de que o paciente está em bom estado. Eu próprio apresentarei a denúncia pertinente amanhã logo de manhã. Até as autoridades têm direito a um pouco de paz e sossego nocturnos.

Obviamente, o médico não via com bons olhos a minha sugestão de ocultar o incidente à polícia, mas, ao verificar que Barceló se responsabilizava pelo assunto, encolheu os ombros e regressou ao quarto para prosseguir com os cuidados. Mal ele desapareceu, Barceló fez-me sinal para o seguir até ao seu escritório. Bernarda suspirava no seu tamborete, à mercê do *brandy* e do susto.

– Entretenha-se, Bernarda. Faça café. Bem forte.

– Sim, senhor. É para já.

Segui Barceló até ao seu escritório, uma caverna submersa em névoas de tabaco de cachimbo que se perfilava entre colunas de livros e papéis.

Os ecos do piano de Clara chegavam-nos em eflúvios descompassados. As lições do professor Neri não lhe tinham obviamente servido de muito, pelo menos no terreno musical. O livreiro indicou-me que me sentasse e pôs-se a preparar uma cachimbada.

– Telefonei ao teu pai e disse que o Fermín teve um pequeno acidente e que tu o tinhas trazido para aqui.

– Ele engoliu isso?

– Não me parece.

– Ah.

O livreiro acendeu o cachimbo e recostou-se no cadeirão da secretária, deleitando-se com o seu aspecto mefistofélico. No outro extremo do andar, Clara humilhava Debussy. Barceló pôs os olhos em alvo.

– Que foi feito do professor de música? – perguntei.

– Despedi-o. Abuso de cátedra.

– Ah.

– De certeza que não te espancaram também a ti? Estás muito dado aos monossílabos. Em rapaz eras mais falador.

A porta do escritório abriu-se e Bernarda entrou trazendo uma bandeja com duas chávenas fumegantes e um açucareiro. À vista do seu andar, temi interpor-me na trajectória de uma chuva de café a ferver.

– Com licença. O senhor toma-o com um golinho de *brandy*?

– Parece-me que a garrafa de Lepanto mereceu bem o seu descanso esta noite, Bernarda. E você também. Ande, vá dormir. O menino Daniel e eu ficamos acordados para o caso de ser preciso alguma coisa. Já que o Fermín está no seu quarto, a Bernarda pode usar o meu.

– Ai, senhor, de maneira nenhuma.

– É uma ordem. E não discuta. Quero-a a dormir dentro de cinco minutos.

– Mas, senhor...

– Olhe que está em jogo o seu subsídio de Natal, Bernarda.

– O senhor manda, senhor Barceló. Embora eu durma em cima da colcha.

Era só o que faltava!

Barceló esperou cerimoniosamente que Bernarda se retirasse. Serviu-se de sete torrões de açúcar e pôs-se a mexer a chávena com a colherínha, perfilando um sorriso felino entre nuvarrões de tabaco holandês.

– Estás a ver? Tenho de governar a casa com mão de ferro.

– É verdade, está um verdadeiro ogre, don Gustavo.

– E tu um intrujão. Diz-me lá, Daniel, agora que ninguém nos ouve. Por que é que não é boa ideia darmos parte à polícia do que se passou?

– Por que eles já sabem.

– Queres dizer...? Assenti.

– Em que género de sarilho é que vocês estão metidos, se não é indiscrição? Suspirei.

– Alguma coisa em que eu possa ajudar?

Ergui o olhar. Barceló sorria-me sem malícia, com a fachada de ironia em estranha trégua.

– Não terá tudo isto, por uma daquelas coisas, que ver com aquele livro de Carax que não me quiseste vender quando devias?

A surpresa apanhou-me desprevenido.

– Eu poderia ajudar-vos – ofereceu-se. – A mim sobra-me o que a vocês vos falta: dinheiro e senso comum.

– Acredite, don Gustavo, já impliquei demasiadas pessoas neste assunto.

– Então de mais um não virá mal nenhum. Vamos, em confiança. Imagina que eu sou o teu confessor.

– Há anos que não me confesso.

– Nota-se na tua cara.

33.

Gustavo Barceló tinha um ouvir contemplativo e salomónico, de médico ou núncio apostólico. Observava-me com as mãos juntas à guisa de prece sob o queixo e os cotovelos sobre a secretária, mal pestanejando, assentindo aqui e além, como se detectasse sintomas ou pecadilhos no fluxo do meu relato e fosse compondo a sua própria sentença sobre os factos à medida que eu lhos servia em bandeja. Cada vez que eu parava, o livreiro erguia inquisitorialmente as sobrancelhas e fazia um gesto com a mão direita para indicar que continuasse a desenredar o novelo da minha história, que parecia diverti-lo enormemente. Ocasionalmente tomava notas com a mão levantada ou erguia o olhar para o infinito como se quisesse considerar as implicações de tudo o que eu lhe relatava. A maioria das vezes derretia-se num sorriso sardónico que eu não podia deixar de atribuir à minha ingenuidade ou à estupidez das minhas conjecturas.

– Oiça, se isto lhe parece uma parvoíce, eu calo-me.

– Pelo contrário. Falar é de ignorantes; calar é de cobardes; ouvir é de sábios.

– Quem disse isso? Séneca?

– Não. O senhor Braulio Recolons, que é o gerente de uma casa de toucinhos na rua Avinon e possui um dom proverbial tanto para os enchidos como para o aforismo apropriado. Continua, por favor. Estavasme a falar de uma rapariga vivaça...

– Bea. E isso é cá comigo e não tem nada que ver com tudo o resto.

Barceló ria-se disfarçadamente. Estava para continuar a narração das minhas peripécias quando o doutor Soldevilla assomou à porta do escritório com

aspecto cansado e a resfolegar.

– Desculpem. Já estava de saída. O paciente está bem, e, passe a metáfora, cheio de energia. Este cavalheiro há-de enterrar-nos a todos.

Aliás afirma que os sedativos lhe subiram à cabeça e está aceleradíssimo. Nega-se a descansar e insiste em que tem de tratar com o senhor Daniel de assuntos sobre cuja natureza não me quis esclarecer alegando que não acredita no juramento de Hipócrates, ou de hipócritas, como ele diz.

– Vamos já vê-lo. E desculpe o pobre Fermín. As suas palavras são sem dúvida consequência do trauma.

– Talvez, mas eu não poria de parte a falta de vergonha, porque não há maneira de deixar de beliscar o traseiro da enfermeira e de recitar versos a glosar a firmeza e o torneado das coxas dela.

Escoltámos o médico e a sua enfermeira até à porta e agradecemos-lhes efusivamente os seus bons ofícios. Ao entrar no quarto descobrimos que, afinal de contas, Bernarda tinha desafiado as ordens de Barceló e se deitara na cama ao lado de Fermín, onde o susto, o *brandy* e o cansaço haviam conseguido finalmente fazê-la conciliar o sono. Fermín segurava docemente, acariciando-lhe o cabelo, coberto de vendas, apósitos e braçadeiras. O seu rosto desenhava uma pisadura que doía à vista e da qual emergiam o narigão incólume, duas orelhas como antenas repetidoras e uns olhos de ratinho abatido. O sorriso desdentado e sulcado de cortes era de triunfo e recebeu-nos erguendo a mão direita com o sinal de vitória.

– Como se sente, Fermín? – perguntei.

– Vinte anos mais novo – disse em voz baixa para não acordar Bernarda.

– Não me venha com histórias, que bem se vê que está feito em caca, Fermin. Que rico susto! Tem a certeza de que se sente bem? Não sente a cabeça a andar à roda? Ouve vozes?

– Agora que fala nisso, de vez em quando parecia-me perceber um murmúrio dissonante e arrítmico, como se um macaco estivesse a tentar tocar piano.

Barceló franziu o cenho. Clara continuava a dedilhar ao longe.

– Não se preocupe, Daniel. Já levei tarefas piores. Aquele Fumero não sabe bater nem um prego.

– Com que então, quem lhe pregou a coça foi o inspector Fumero em pessoa – disse Barceló. – Já vejo que vocês se movem em altas esferas.

– Ainda não tinha chegado a essa parte da história – disse eu. Fermín lançou-me um olhar de alarme.

– Descanse, Fermín. O Daniel está-me a pôr ao corrente desse folhetim que vocês têm entre mãos. Devo reconhecer que o assunto é interessantíssimo. E o senhor, Fermín, como anda de confissões? Advirto-o de que tenho dois anos de seminário.

– Eu dava-lhe no mínimo três, don Gustavo.

– Tudo se perde, a começar pela vergonha. É a primeira vez que vem a minha casa e acaba na cama com a criada.

– Olhe para ela, pobrezinha, meu anjo. Saiba que as minhas intenções são honestas, don Gustavo.

– As suas intenções são lá consigo e com a Bernarda, que já é crescidinha. E agora, vamos lá a ver. Em que embrulhada se meteram vocês?

– Que foi que lhe contou, Daniel?

– Chegámos até ao segundo acto: entrada da femme fatale – precisou Barceló.

– Nuria Monfort? – perguntou Fermín. Barceló lambeu-se com deleite.

– Mas há mais que uma? Isto parece o rapto do serrallo.

– Peço-lhe que baixe a voz, que aqui a minha noiva está presente.

– Descanse, que a sua noiva tem nas veias meia garrafa de *brandy* Lepanto. Não a acordaríamos nem a tiro de canhão. Ande, diga ao Daniel que me conte o resto. Três cabeças pensam melhor que duas, especialmente se a terceira for a minha.

Fermín fez menção de encolher os ombros entre as ligaduras e as tiras de pano.

– Eu não me oponho, Daniel. O Daniel é que decide.

Resignado a ter don Gustavo Barceló a bordo, continuei o meu relato até chegar ao ponto em que Fumero e os seus homens nos tinham surpreendido na Rua Moncada horas antes. Concluída a narração, Barceló levantou-se e começou a percorrer o quarto acima e abaixo, meditando. Fermín e eu observávamo-lo com cautela. Bernarda roncava como um bezerrinho.

– Pequenina – sussurrava Fermín, enfeitado.

– Há várias coisas que me chamam a atenção – disse finalmente o livreiro. – Evidentemente, o inspector Fumero está metido nisto até à ponta dos cabelos, embora como e porquê seja uma coisa que me escapa. Por um lado há essa mulher...

– Nuria Monfort.

– Depois temos a questão do regresso de Julián Carax a Barcelona e o seu assassinio nas ruas da cidade passado um mês em que ninguém sabe dele. Obviamente, a sujeita mente com quantos dentes tem na boca e até sobre o tempo.

– Isso é o que eu tenho dito desde o princípio – disse Fermín. – Porque aqui há muita febre juvenil e pouca visão de conjunto.

– Olha quem fala: São João da Cruz.

– Alto. Deixemo-nos de discussões e cinjamo-nos aos factos. Há qualquer coisa no que Daniel contou que me pareceu muito estranho, ainda mais que o resto, e não pelo folhetinesco do enredo, mas sim por um pormenor essencial e

aparentemente banal – acrescentou Barceló.

– Deslumbre-nos, don Gustavo.

– Pois ei-lo: aquilo de o pai de Carax se negar a reconhecer o cadáver de Carax alegando que não tinha nenhum filho. Eu acho isso muito esquisito. Quase contra-natura. Não há pai no mundo que faça isso. Não importam os ressentimentos que pudesse haver entre ambos. A morte tem estas coisas: desperta o sentimentalismo a toda a gente. Diante de um caixão, todos vemos só a parte boa ou o que queremos ver.

– Que grande citação, don Gustavo – aduziu Fermín. – Importa-se de que eu a acrescente ao meu repertório?

– Há exceções para tudo – objectei eu. – Pelo que sabemos, o senhor Fortuny era um bocado especial.

– Tudo o que sabemos dele são boatos em terceira mão – disse Barceló. - Quando toda a gente se empenha em pintar alguém como um monstro, de duas uma: ou era um santo ou estão a calar da missa metade.

– É que a si o chapeleiro caiu-lhe em graça por ser corno – disse Fermín.

– Com todo o respeito pela profissão, quando o esboço de um vilão tem por única base o testemunho da porteira do imóvel, o meu primeiro instinto é o da desconfiança.

– Por essa regra de três não podemos ter a certeza de nada. Tudo o que sabemos é, como o senhor diz, em terceira mão, ou quarta. Com porteiros ou não.

– Não te fies no que se fia em todos – apostilou Barceló.

– Que vigília que o senhor tem, don Gustavo! – elogiou Fermín. - Pérolas cultivadas por grosso. Quem tivesse a sua visão preclara...

– Aqui a única coisa clara em tudo isto é que vocês precisam da minha ajuda, logística e provavelmente pecuniária, se pretendem resolver esta embrulhada antes que o inspector Fumero lhes reserve uma suite no presídio de San Sebas. Fermín, presumo que o senhor esteja comigo, não?

– Eu estou às ordens do Daniel. Se ele o ordenar, eu até faço de menino Jesus.

– Que dizes tu, Daniel?

– Vocês é que dizem tudo. Que propõe o senhor?

– O meu plano é este: mal o Fermín esteja restabelecido, tu, Daniel, casualmente, fazes uma visita a dona Nuria Monfort e pões-lhe as cartas na mesa. Dás-lhe a entender que te mentiu e que esconde qualquer coisa, muito ou pouco, logo veremos.

– Para quê? – perguntei.

– Para ver como ela reage. Não te há-de dizer nada, claro. Ou então mente-te outra vez. O importante é cravar a bandarilha, passe a analogia taurina, e ver onde

o touro nos conduz, neste caso a vitelinha. E é aí que o senhor entra, Fermín. Enquanto o Daniel dá o corpo ao manifesto, o senhor posta-se discretamente a vigiar a suspeita e espera que ela morda o anzol. Uma vez que ela o faça, segue-a.

– Presume o senhor que ela irá a algum lado – protestei.

– Homem de pouca fé. Fá-lo-á. Mais tarde ou mais cedo. E qualquer coisa me diz que neste caso será mais cedo que tarde. É a base da psicologia feminina.

– E entretanto que pensa o senhor fazer, doutor Freud? – perguntei.

– Isso é cá comigo e a seu tempo o saberás. E hás-de agradecer-mo.

Procurei apoio no olhar de Fermín, mas o coitado já se tinha deixado adormecer abraçado a Bernarda à medida que Barceló formulava o seu discurso triunfal. Fermín pusera a cabeça de lado e caía-lhe a baba no peito de um sorriso bem-aventurado. Bernarda emitia roncões profundos e cavernosos.

– Oxalá este lhe saia bom – murmurou Barceló.

– O Fermín é um tipo em cheio – assegurei.

– Deve ser, porque pelo aspecto não me parece que a tenha conquistado.

Anda, vamos.

Apagámos a luz e retirámo-nos silenciosamente do aposento, fechando a porta e deixando os pombinhos à mercê do seu sopor. Pareceu-me que o primeiro sopro do alvorecer despontava nas janelas da galeria ao fundo do corredor.

– Suponhamos que lhe digo que não – disse eu em voz baixa. – Que não pense nisso.

Barceló sorriu.

– Chegas tarde, Daniel. Terias de me ter vendido aquele livro há anos, quando tiveste oportunidade.

Cheguei a casa ao amanhecer, arrastando aquele absurdo fato emprestado e o naufrágio de uma noite interminável por ruas húmidas e reluzentes de escarlate. Encontrei o meu pai a dormir na sua cadeira da sala de jantar com uma manta por cima das pernas e o seu livro favorito aberto nas mãos, um exemplar do *Cândido* de Voltaire que relia um par de vezes todos os anos, o par de vezes que o ouvia rir-se com alma. Observei-o em silêncio. Tinha o cabelo grisalho, escasso, e a pele do rosto começara a perder a firmeza em volta dos pómulos. Contemplei aquele homem que em tempos tinha imaginado forte, quase invencível, e vi-o frágil, derrotado sem ele saber. Derrotados porventura os dois. Inclinei-me para o abrigar com aquela manta que havia anos prometia doar à beneficência e beijei-lhe a testa como se quisesse protegê-lo assim dos fios invisíveis que o afastavam de mim, daquele andar acanhado e das minhas recordações, como se acreditasse que com aquele beijo podia enganar o tempo e convencê-lo a passar de largo, a voltar outro dia, outra vida.

Passei quase toda a manhã a sonhar acordado na parte de trás da loja, conjurando imagens de Bea. Desenhava a sua pele nua sob as minhas mãos e julgava saborear novamente o seu hálito a pão doce. Surpreendia-me a recordar com precisão cartográfica as dobras do seu corpo, o brilho da minha saliva nos seus lábios e naquela linha de pêlo loiro, quase transparente, que lhe descia pelo ventre e à qual o meu amigo Fermín, com as suas improvisadas conferências sobre logística carnal, se referia como «o caminhito de Jerez».

Consultei o relógio e verifiquei com horror que ainda faltavam várias horas até que pudesse ver – e tocar – de novo Bea. Experimentei ordenar os recibos do mês, mas o som dos maços de papel recordava-me o roçar da roupa interior a deslizar pelas ancas e pelas coxas pálidas de dona Beatriz Aguilar, irmã do meu amigo íntimo de infância.

– Estás nas nuvens, Daniel. Estás preocupado com alguma coisa? É o Fermín? – perguntou o meu pai.

Assenti, envergonhado. O meu melhor amigo tinha deixado várias costelas para me salvar a pele umas horas antes e o meu primeiro pensamento era para o fecho de um soutien.

– Falai no mau...

Ergui a vista e ali estava ele. Fermín Romero de Torres, génio e figura, vestindo o seu melhor fato e com aquele aspecto de charutanga, entrava pela porta com um sorriso triunfal e um cravo fresco na lapela.

– Mas que faz você aqui, infeliz? Não tinha de guardar repouso?

– O repouso guarda-se sozinho. Eu sou um homem de acção. E, se não estiver aqui, os senhores não vendem nem um catecismo.

Fazendo orelhas moucas aos conselhos do médico, Fermín vinha decidido a reocupar o seu posto. Exibia uma tez amarelenta e picada de nódoas negras, coxeava imenso e movia-se como um boneco quebrado.

– O senhor vai agora mesmo para a cama, Fermín, pelo amor de Deus - disse o meu pai, horrorizado.

– Nem pensar. As estatísticas demonstram-no: morre mais gente na cama do que nas trincheiras.

Todos os nossos protestos caíram em saco roto. Daí a pouco, o meu pai cedeu, porque havia qualquer coisa no olhar do pobre Fermín que sugeria que, embora lhe doessem os ossos até à alma, mais lhe doía a perspectiva de estar sozinho no seu quarto da pensão.

– Bom, mas se o vejo levantar alguma coisa que não seja um lápis, vaimo

ouvir.

– Às suas ordens. Tem a minha palavra de que hoje não levanto nem suspeita.

Sem tardança, Fermín pôs-se a vestir a sua bata azul e armou-se de um trapo e de uma garrafa de álcool com os quais se instalou atrás do balcão com a intenção de deixar como novas as capas e as lombadas dos quinze exemplares usados que nos tinham chegado nessa manhã de um título muito procurado, O Chapéu de Três Bicos: História da Benemerita em Versos Alexandrinos, pelo bacharel Fulgencio Capón, autor muitíssimo jovem consagrado pela crítica de todo o país. Enquanto se entregava à sua tarefa, Fermín ia lançando olhares furtivos, piscando o olho como o proverbial diabrete.

– O Daniel tem as orelhas vermelhas como pimentos.

– Será de o ouvir dizer parvoíces.

– Ou da excitação que tem no corpo. Quando é que se vai encontrar com a pequena?

– Não tem nada com isso.

– Mas que mau que me saiu! Já evita o picante? Olhe que é um vasodilatador mortífero.

– Vá à merda.

Como vinha sendo costume, tivemos uma tarde entre morta e miserável. Um comprador coberto de cinzento, da gabardina à voz, entrou para perguntar se tínhamos algum livro de Zorrilla, convencido de que se tratava de uma crónica em redor das aventuras de uma rameira de curta idade na Madrid dos Áustrias(*1). O meu pai não soube o que lhe dizer, mas Fermín saiu em seu auxílio, comedido por uma vez.

**1. Trocadilho entre o apelido de José Zorrilla, poeta nascido em 1817 e falecido em 1893, um dos mais representativos autores românticos espanhóis, e o diminutivo da palavra zorra, que em espanhol significa rameira, prostituta. (N. T.)*

– Está confundido, cavalheiro. Zorrilla é um dramaturgo. Se calhar interessa-lhe o Dom João. Tem muitas complicações de saias e além disso o protagonista envolve-se com uma freira.

– Levo-o.

Entardecia já quando o metro me deixou no começo da Avenida del Tibidabo. A silhueta do eléctrico azul adivinhava-se entre as dobras de uma neblina violácea, afastando-se. Decidi não esperar o seu regresso e fiz o caminho a pé enquanto anoitecia. Daí a pouco vislumbrei a silhueta da «O Anjo de Bruma». Extraí a chave que Bea me tinha dado e pus-me a abrir a cancela recortada no gradeamento. Entrei no prédio e deixei a porta quase encostada, aparentemente fechada mas

preparada para franquear a passagem a Bea. Tinha chegado deliberadamente adiantado. Sabia que Bea tardaria pelo menos meia hora ou quarenta e cinco minutos a chegar. Queria sentir a sós a presença da casa, explorá-la antes que Bea chegasse e a fizesse sua. Detive-me um instante a contemplar a fonte e a mão do anjo a erguer-se das águas tingidas de escarlata. O dedo indicador, acusador, parecia aguçado como um punhal. Aproximei-me da borda do lago. O rosto cinzelado, sem olhar nem alma, tremia sob a superfície.

Subi a escadaria que conduzia à entrada. A porta principal estava entreaberta uns centímetros. Senti uma pontada de inquietude, pois julgava tê-la fechado ao sair dali na outra noite. Examinei a fechadura, que não parecia forçada, e supus que me tivesse esquecido de a fechar. Empurrei-a com suavidade para o interior e senti o hálito da casa a acariciar-me a cara, um bafo a madeira queimada, a humidade e a flores mortas. Extraí a caixa de fósforos de que me tinha munido antes de sair da livraria e ajoelhei-me a acender a primeira das velas que Bea deixara. Uma bolha cor de cobre acendeu-se nas minhas mãos e desvendou os contornos dançantes de paredes sulcadas de lágrimas de humidade, tectos caídos e portas desconjuntadas.

Adiantei-me até à vela seguinte e acendi-a. Lentamente, quase seguindo um ritual, percorri o rasto de velas que Bea deixara e acendi-as uma a uma, conjurando um halo de luz âmbar que flutuava no ar como uma teia de aranha aprisionada entre mantos de negrura impenetrável. O meu passeio terminou junto da lareira da biblioteca, junto dos cobertores que continuavam no chão, sujos de cinza. Sentei-me lá, de frente para o resto da sala. Tinha esperado silêncio, mas a casa respirava mil ruídos. Estalidos da madeira, o roçar do vento nas telhas do telhado, mil e um tamborilares entre as paredes, debaixo do pavimento, deslocando-se atrás das paredes.

Deviam ter transcorrido quase trinta minutos quando reparei que o frio e a penumbra começavam a adormecer-me. Pus-me de pé e comecei a percorrer a sala para me aquecer. Sobravam apenas os restos de um tronco na lareira e supus que, quando Bea chegasse, a temperatura no interior do casarão teria descido o suficiente para me inspirar momentos de pureza e castidade e dissipar todas as miragens febris que tinha albergado durante dias. Tendo encontrado um propósito prático e de menos voo poético do que a contemplação das ruínas do tempo, peguei numa das velas e dispus-me a explorar o casarão em busca de material combustível com o qual tornar habitável a sala e aquele par de cobertores que agora tiritavam diante da lareira, alheios às cálidas memórias que eu deles conservava. As minhas noções de literatura vitoriana sugeriam-me que o mais razoável era iniciar a busca pela cave, onde com toda a certeza deviam ter estado situadas as cozinhas e uma formidável carvoeira. Com esta ideia em mente, levei quase cinco minutos a localizar uma porta

ou escadaria que me conduzisse à cave. Escolhi um portão de madeira lavrada no extremo de um corredor. Parecia uma peça de marcenaria requintada, com relevos em forma de anjos e telas e uma grande cruz ao centro. O fecho situava-se no centro do portão, por baixo da cruz. Tentei forçá-lo, sem êxito. O mecanismo estava provavelmente travado ou simplesmente cheio de óxido. A única maneira de vencer aquela porta seria forçá-la com uma alavanca ou deitá-la abaixo à machadada, alternativas que pus rapidamente de lado. Examinei aquele portão à luz das velas, pensando que inspirava mais a imagem de um sarcófago que de uma porta. Perguntei a mim mesmo o que se esconderia do outro lado. Uma olhadela mais detida aos anjos lavrados sobre a porta roubou-me a vontade de o averiguar e afastei-me daquele lugar. Estava para desistir da minha busca de um caminho de acesso à cave quando, quase por acaso, dei com uma pequena portinhola no outro extremo do corredor que tomei ao princípio por um armário de vassouras e baldes. Experimentei a maçaneta, que cedeu de imediato. Do outro lado adivinhava-se uma escada que descia a pique até um charco de escuridão. Um intenso fedor a terra esbofeteou-me. Na presença daquele fedor, tão estranhamente familiar, e com o olhar pregado no poço de escuridão em frente, assaltou-me uma imagem que conservava desde a infância, enterrada entre cortinas de temor.

Uma tarde de chuva na ladeira leste do cemitério de Montjuic, olhando o mar por entre um bosque de mausoléus impossíveis, um bosque de cruzes e lápides talhadas com rostos de caveiras e crianças sem lábios nem olhar, que tresandava a morte, as silhuetas de uma vintena de adultos que só conseguia recordar como fatos pretos ensopados de chuva e a mão do meu pai a segurar a minha com demasiada força, como se quisesse abafar as lágrimas, enquanto as palavras ocas de um sacerdote caíam naquela cova de mármore para onde três coveiros sem rosto empurravam um sarcófago cinzento pelo qual o aguaceiro resvalava como cera derretida e no qual eu julgava ouvir a voz da minha mãe, a chamar-me, a suplicar-me que a libertasse daquela prisão de pedra e negrume enquanto eu só conseguia tremer e murmurar sem voz ao meu pai que não me apertasse tanto a mão, que me estava afazer doer, e aquele cheiro a terra fresca, terra de cinza e de chuva, devorava tudo, cheiro a morte e vazio.

Abri os olhos e desci os degraus quase às cegas, pois a claridade da vela mal conseguia roubar uns centímetros à escuridão. Não descobri cozinha ou despensa repleta de madeiros secos. Diante de mim abria-se um corredor apertado que ia morrer numa sala em forma de semicírculo na qual se erguia uma silhueta com o rosto sulcado de lágrimas de sangue e dois olhos negros e sem fundo, com os

braços abertos como asas e uma serpente de espinhos a brotar-lhe das têmporas. Senti uma onda de frio que me apunhalava a nuca. A certa altura recuperei a serenidade e compreendi que estava a contemplar a efígie de um Cristo talhada em madeira sobre a parede de uma capela. Avancei uns metros e vislumbrei uma imagem espectral. A um canto da antiga capela amontoava-se uma dezena de torsos femininos nus. Reparei que lhes faltavam os braços e a cabeça e que se apoiavam sobre um tripé. Cada um deles tinha uma forma claramente diferenciada, e não tive dificuldade em adivinhar o contorno de mulheres de diversas idades e constituições. Sobre o ventre liam-se umas palavras escritas a carvão. «Isabel. Eugenia. Penélope.» Por uma vez, as minhas leituras vitorianas acorreram em meu auxílio e compreendi que aquela visão era a ruína de uma prática já em desuso, um eco de tempos em que as famílias abastadas dispunham de manequins criados à medida dos membros da família para a confecção de vestidos e enxovais. Apesar do olhar severo e ameaçador do Cristo, não consegui resistir à tentação de estender a mão e roçar a cintura do torso que ostentava o nome de Penélope Aldaya.

Pareceu-me então ouvir passos no andar de cima. Pensei que Bea já teria chegado e que estaria a percorrer o casarão, à minha procura. Deixei a capela com alívio e dirigi-me de novo à escada. Estava para subir quando reparei que no extremo oposto do corredor se distinguia uma caldeira e uma instalação de aquecimento em aparente bom estado que se tornava incongruente em relação ao resto da cave. Recordei que Bea tinha comentado que a empresa imobiliária que tentara vender o palacete Aldaya durante anos realizara algumas obras de melhoramento com a intenção de atrair potenciais compradores, sem êxito. Aproximei-me para examinar com mais detenção e verifiquei que se tratava de um sistema de radiadores alimentado por uma pequena caldeira. Aos meus pés encontrei vários baldes com carvão, peças de madeira prensada e umas latas que supus deverem ser de querosene. Abri a comporta da caldeira e perscrutei o interior. Tudo parecia em ordem. A perspectiva de conseguir que aquela geringonça funcionasse depois de tantos anos afigurou-se-me desesperada, mas isso não me impediu de me pôr a encher a caldeira de pedaços de carvão e madeira velha e por um instante volvi o olhar atrás. Invadiu-me a visão de espinhos ensanguentados a soltarem-se dos madeiros e, enfrentando a penumbra, receei ver emergir a uns passos apenas de mim a figura daquele Santo Cristo que vinha ao meu encontro brandindo um sorriso lupino.

Ao contacto da vela, a caldeira acendeu-se com uma labareda que arrancou um estrondo metálico. Fechei a comporta e recuei uns passos, cada vez menos seguro da solidez dos meus propósitos. A caldeira parecia puxar com uma certa dificuldade e decidi regressar ao rés-dochão para verificar se a acção tinha alguma consequência prática. Subi a escada e regressei ao grande salão esperando encontrar

Bea, mas não havia rasto dela. Supus que teria já passado quase uma hora desde que chegara, e os meus temores de que o objecto dos meus turvos desejos não chegasse a aparecer adquiriram visos de dolorosa verosimilhança. Para matar a inquietude, decidi prosseguir com as minhas proezas de lampadeiro e parti em busca de radiadores que confirmassem que a minha ressurreição da caldeira fora um êxito. Todos os que encontrei demonstraram resistir aos meus anseios, gelados como blocos de gelo. Todos, excepto um. Num pequeno compartimento que não tinha mais de quatro ou cinco metros quadrados, uma casa de banho, que supus situada mesmo por cima da caldeira, notava-se uma certa calidez. Ajoelhei-me e verifiquei com alegria que os mosaicos do chão estavam mornos. Foi assim que Bea me encontrou, de cócoras no chão, a apalpar os mosaicos de uma casa de banho como um imbecil com o sorriso pateta do asno flautista estampado na cara.

Ao olhar para trás e tentar reconstituir os acontecimentos daquela noite no palacete Aldaya, a única desculpa que me ocorre para justificar o meu comportamento é alegar que aos dezoito anos, à falta de subtilidade e maior experiência, um velho lavabo pode fazer as vezes de paraíso. Bastou-me um par de minutos para persuadir Bea a pegarmos nos cobertores do salão e fecharmo-nos naquele compartimento diminuto tendo como única companhia duas velas e uns apliques de casa de banho de museu. O meu argumento principal, climatológico, produziu rapidamente efeito em Bea, à qual o calorzinho que emanava daqueles mosaicos dissuadiu dos primeiros temores de que a minha disparatada invenção fosse pegar fogo ao casarão. Depois, na penumbra avermelhada das velas, enquanto a despia com dedos trémulos, ela sorria, procurando-me o olhar e demonstrando-me que, então e sempre, tudo o que me pudesse ocorrer já lhe tinha ocorrido a ela antes.

Lembro-me dela sentada, de costas contra a porta fechada daquele compartimento, os braços caídos aos lados, as palmas das mãos abertas para mim.

Lembro-me de como mantinha o rosto erguido, desafiador, enquanto eu lhe acariciava a garganta com a ponta dos dedos. Lembro-me de como ela me pegou nas mãos e as poisou nos seus seios, e como lhe tremiam o olhar e os lábios quando lhe tomei os mamilos entre os dedos e os belisquei enfeitado, como ela deslizou até ao chão enquanto eu lhe procurava o ventre com os lábios e as suas coxas brancas me recebiam.

– Já tinhas feito isto antes, Daniel?

– Em sonhos.

– A sério.

– Não. E tu?

– Não. Nem sequer com a Clara Barceló? Ri-me, provavelmente de mim mesmo.

– Que sabes tu da Clara Barceló?

– Nada.

– Pois eu ainda menos – disse eu.

– Não acredito.

Inclinei-me sobre ela e olhei-a nos olhos.

– Nunca tinha feito isto com ninguém.

Bea sorriu. Escapou-se-me a mão entre as suas coxas e lancei-me em busca dos seus lábios, convencido já de que o canibalismo era a encarnação suprema da sabedoria.

– Daniel? – disse Bea num fio de voz.

– Que é? – perguntei.

A resposta nunca chegou aos seus lábios. Subitamente, uma língua de ar frio assobiou por baixo da porta e naquele segundo interminável antes de que o vento apagasse as velas, os nossos olhares encontraram-se e sentimos que o encanto daquele momento se fazia em fanicos. Bastou-nos um instante para saber que havia alguém do outro lado da porta. Vi o medo desenhar-se no rosto de Bea e um segundo depois a escuridão cobriu-nos. A pancada na porta veio depois. Brutal, como se um punho de aço tivesse martelado contra a porta, quase a arrancando dos gonzos. Senti o corpo de Bea a saltar na escuridão e rodeei-a com os braços. Recuámos para o interior do compartimento, precisamente antes de a segunda pancada se abater sobre a porta, lançando-a com uma força tremenda contra a parede. Bea gritou e encolheu-se contra mim. Por um instante só consegui ver as trevas azuis que rastejavam do corredor e as serpentes de fumo das velas apagadas, subindo em espiral. A moldura da porta desenhava fauces de sombra e julguei ver uma silhueta angulosa que se perfilava no umbral da escuridão.

Assomei ao corredor temendo, ou talvez desejando, encontrar só um estranho, um vagabundo que se tivesse aventurado num casarão em ruínas em busca de refúgio numa noite desagradável.

Mas não estava ali ninguém, apenas as línguas de azul que as janelas exalavam. Encolhida a um canto do quarto, a tremer, Bea sussurrou o meu nome.

– Não há ninguém – disse. – Talvez tenha sido um golpe de vento.

– O vento não dá murros nas portas, Daniel. Vamo-nos embora. Regressei ao quarto e recolhi a nossa roupa.

– Toma, veste-te. Vamos dar uma vista de olhos.

– O melhor é irmos já embora.

– Já vamos. Só quero certificar-me de uma coisa.

Vestimo-nos à pressa e às cegas. Em questão de segundos pudemos ver o nosso hálito a desenhar-se no ar. Apanhei uma das velas do chão e acendi-a de novo. Uma corrente de ar frio deslizava pela casa, como se alguém tivesse aberto portas e janelas.

– Vês? É o vento.

Bea limitou-se a abanar a cabeça em silêncio. Dirigimo-nos de volta à sala protegendo a chama com as mãos. Bea seguia-me de perto, quase sem respirar.

– De que é que estamos à procura, Daniel?

– É só um minuto.

– Não, vamos embora já.

– De acordo.

Voltámo-nos para nos encaminharmos para a saída e foi então que dei por ele. O portão de madeira lavrada no extremo do corredor que tinha tentado abrir uma ou duas horas antes sem o conseguir estava entreaberto.

– Que foi? – perguntou Bea.

– Espera-me aqui.

– Daniel, por favor...

Entrei no corredor, segurando a vela que tremia no sopro frio de vento. Bea suspirou e seguiu-me a contragosto. Parei diante do portão. Adivinhavam-se degraus de mármore que desciam para o negrume. Entrei na escadaria. Bea, petrificada, segurava a vela no umbral.

– Por favor, Daniel, vamos embora já...

Desci degrau a degrau até ao fundo da escadaria. O halo espectral da vela ao alto traçava o contorno de uma sala rectangular, de paredes de pedra nuas, cobertas de crucifixos. O frio que reinava naquele compartimento cortava a respiração. À frente adivinhava-se uma laje de mármore e, sobre ela, alinhados um junto ao outro, pareceu-me reconhecer dois objectos semelhantes de diferente tamanho, brancos. Reflectiam a tremura da vela com mais intensidade do que o resto da sala e imaginei que se tratasse de madeira esmaltada. Dei mais um passo em frente e só então o compreendi. Os dois objectos eram dois caixões brancos. Um deles mal media três palmos. Senti um bafo de frio na nuca. Era o sarcófago de uma criança. Estava numa cripta.

Sem me aperceber do que estava a fazer, aproximei-me da laje de mármore até me encontrar à distância suficiente para poder estender a mão e tocá-la. Distingui então que sobre os caixões estavam gravados um nome e uma cruz. O pó, um manto de cinzas, mascarava-os. Poisei a mão sobre um deles, o de maior tamanho. Lentamente, quase em transe, sem me deter a pensar no que fazia, varri as cinzas que cobriam a tampa do caixão. Mal se conseguia ler na escuridão avermelhada das velas.

PENÉLOPE ALDAYA
1902-1919

Fiquei paralisado. Havia alguma coisa ou alguém que se estava a deslocar proveniente da escuridão. Senti que o ar frio deslizava sobre a minha pele e só então retrocedi uns passos.

– Fora daqui – murmurou a voz das sombras. Reconheci-a imediatamente.

Laín Coubert. A voz do diabo. Lancei-me pelas escadas acima e, uma vez chegado ao rés-do-chão, peguei em Bea pelo braço e arrastei-a a toda a pressa para a saída. Tínhamos perdido a vela e corríamos às cegas. Bea, assustada, não compreendia o meu súbito alarme. Não tinha visto nada.

Não tinha ouvido nada. Não me detive a dar-lhe explicações. Esperava a qualquer momento que alguma coisa saltasse das sombras e nos barrasse o caminho, mas a porta principal esperava-nos ao fim do corredor, com as frinchas a projectarem um rectângulo de luz. – Está fechada – murmurou Bea.

Apalpei os bolsos, procurando a chave. Volvi os olhos atrás uma fracção de segundo e tive a certeza de que dois pontos brilhantes avançavam lentamente para nós vindos do fundo do corredor. Olhos. Os meus dedos deram com a chave. Introduzi-a desesperadamente na fechadura, abri e empurrei Bea para o exterior com brusquidão. Bea devia ter lido o temor na minha voz, porque se precipitou pelo jardim fora em direcção ao gradeamento e não parou até nos encontrarmos os dois sem fôlego e cobertos de suor frio no passeio da Avenida del Tibidabo.

– Que se passou lá em baixo, Daniel? Havia alguém?

– Não.

– Estás pálido.

– Sou pálido. Anda, vamos.

– E a chave?

Tinha-a deixado lá dentro, metida na fechadura. Não senti vontade de regressar para a ir buscar.

– Acho que a perdi ao sair. Procuramo-la noutro dia.

Afastámo-nos avenida abaixo a passo ligeiro. Atravessámos para o outro passeio e não afrouxámos o passo até nos encontrarmos a uma centena de metros do casarão e a sua silhueta mal se adivinhar na noite. Descobri então que ainda tinha a mão suja de cinzas e dei graças pelo manto de sombra da noite, que ocultava a Bea as lágrimas de terror que me deslizavam pelas faces.

Caminhámos pela rua Balmes abaixo até à praça Nunez de Arce, onde encontrámos um táxi solitário. Descemos pela Balmes até à Consejo de Ciento quase sem dizer palavra. Bea pegou-me na mão e um par de vezes descobri-a a observar-me com olhar vítreo, impenetrável. Inclinei-me para a beijar, mas ela não separou os lábios.

– Quando te volto a ver?

– Telefone-te amanhã ou depois – disse ela.

– Prometes? Assentiu.

– Podes telefonar para casa ou para a livraria. É o mesmo número. Tem-lo, não é verdade?

Assentiu de novo. Pedi ao motorista que parasse um momento na esquina da Muntaner com a Diputación. Ofereci-me para acompanhar Bea até à porta do prédio, mas ela negou-se e afastou-se sem me deixar beijá-la de novo, nem sequer roçar-lhe a mão. Desatou a correr e vi-a afastar-se do táxi. As luzes do andar dos Aguilar estavam acesas e pude ver claramente o meu amigo Tomás a observar-me da janela do seu quarto, onde tínhamos passado tantas tardes juntos a conversar ou a jogar xadrez. Cumprimentei-o com a mão, forçando um sorriso que provavelmente ele não podia ver. Não me retribuiu a saudação. A sua silhueta permaneceu imóvel, colada ao vidro, contemplando-me friamente. Uns segundos mais tarde retirou-se e as janelas obscureceram-se. Estava à nossa espera, pensei.

35.

Ao chegar a casa encontrei os restos de um jantar para dois na mesa. O meu pai já se tinha recolhido e perguntei a mim mesmo se, porventura, se teria atrevido a convidar Merceditas para jantar lá em casa. Deslizei até ao meu quarto e entrei sem acender a luz. Mal me sentei na borda do colchão reparei que havia mais alguém no compartimento, deitado na penumbra na cama como um defunto com as mãos cruzadas sobre o peito. Senti uma chicotada de frio no estômago mas reconheci rapidamente os roncos e o perfil daquele nariz sem paralelo. Acendi a lamparina de noite e encontrei Fermín Romero de Torres perdido num sorriso enfeitado e a emitir pequenos ruídos prazenteiros sobre a colcha. Ao ver-me pareceu admirado. Esperava obviamente outra companhia. Esfregou os olhos e olhou em redor, adquirindo uma noção mais ajustada do lugar. – Espero não o ter assustado. A Bernarda diz que a dormir pareço o Boris Karloff espanhol.

– Que faz na minha cama, Fermín? Semicerrou os olhos com uma certa nostalgia.

– Sonhar com a Carole Lombard. Estávamos em Tânger, nuns banhos turcos, e eu untava-a toda de óleo daquele que se vende para o cuzinho dos bebés. Já alguma vez untou uma mulher de óleo, de cima a baixo, como deve ser?

– Fermín, é meia-noite e meia e não me tenho em pé de sono.

– Desculpe, Daniel. É que o senhor seu pai insistiu para eu subir e jantar qualquer coisa e a seguir deu-me a quebreira, porque a mim a carne de rês produz-me um efeito narcótico. O seu pai sugeriu-me que me deitasse aqui um bocado, alegando que o Daniel não se importaria...

– E não importo, Fermín. É que me apanhou de surpresa. Fique com a cama e volte à Carole Lombard, que deve estar à sua espera. E enfie-se lá dentro, que está uma noite horrível e ainda apanha alguma coisa. Eu vou para a sala de jantar.

Fermín assentiu mansamente. As pisaduras da cara estavam a inflamar e a cabeça, sulcada por uma barba de dois dias e com aquela cabeleira rala, parecia uma fruta madura caída de uma árvore. Tirei um cobertor da cómoda e estendi outro a Fermín. Apaguei a luz e saí para a sala de jantar, onde me esperava o cadeirão predilecto do meu pai. Embrulhei-me no cobertor e aninhei-me como pude, convencido de que não ia pregar olho. A imagem de dois caixões brancos nas trevas não me saía da mente. Fechei os olhos e pus todo o meu empenho em dissipar aquela visão. Em seu lugar, conjurei a visão de Bea nua sobre os cobertores naquela casa de banho à luz das velas. Abandonado a estes felizes pensamentos, pareceu-me ouvir o murmúrio distante do mar e perguntei a mim mesmo se o sonho me teria vencido sem eu saber. Talvez navegasse rumo a Tânger. Daí a pouco compreendi que eram só os roncões de Fermín e um instante depois o mundo apagou-se. Nunca dormi melhor nem mais profundamente em toda a minha vida do que naquela noite.

Amanheceu chovendo a cântaros, com as ruas alagadas e a chuva a fustigar raivosamente as janelas. O telefone tocou às sete e meia. Saltei do cadeirão para responder com o coração na garganta. Fermín, de albornoz e pantufas, e o meu pai, segurando a cafeteira, trocaram aquele olhar que começava a tornar-se habitual.

– Bea? – sussurrei ao auscultador, virando-lhes costas. Pareceu-me ouvir um suspiro na linha.

– És tu, Bea?

Não obtive resposta e, segundos mais tarde, a ligação interrompeu-se. Fiquei a observar o telefone durante um minuto, esperando que voltasse a tocar.

– Já hão-de tornar a telefonar, Daniel. Agora vem tomar o pequeno-almoço.

Telefonará mais tarde, disse para comigo. Alguém devia tê-la surpreendido. Não devia ser fácil iludir o recolher obrigatório do senhor Aguilar. Não havia motivo para alarme. Com estas e outras desculpas arrastei-me até à mesa para fingir que acompanhava o meu pai e Fermín no pequeno-almoço. Talvez fosse a chuva, mas a comida tinha perdido todo o sabor.

Choveu toda a manhã e logo a seguir a abrir a livraria tivemos uma falta de electricidade em todo o bairro que durou até ao meio-dia.

– Era só o que faltava – suspirou o meu pai.

Às três começaram as primeiras infiltrações. Fermín ofereceu-se para subir a casa de Merceditas para pedir emprestados uns baldes, pratos ou qualquer receptáculo côncavo para esse fim. O meu pai proibiu-lho terminantemente. O dilúvio persistia. Para matar a angústia relatei a Fermín o sucedido na noite anterior, guardando para mim, porém, o que tinha visto naquela cripta. Fermín ouviu-me

fascinado, mas, apesar da sua titânica insistência, recusei-me a descrever-lhe a consistência, textura e disposição do busto de Bea. O dia consumiu-se no aguaceiro. Depois de jantar, sob pretexto de dar um passeio para esticar as pernas, deixei o meu pai a ler e dirigi-me até à casa de Bea. Ao chegar detive-me na esquina a contemplar os janelões do andar e perguntei a mim mesmo o que estava a fazer ali. Espiar, bisbilhotar e fazer uma figura ridícula foram alguns dos termos que me cruzaram a mente. Mesmo assim, tão desprovido de dignidade como de abafo apropriado para a gélida temperatura, resguardei-me do vento numa entrada do outro lado da rua e permaneci ali cerca de meia hora, vigiando as janelas e vendo passar as silhuetas do senhor Aguilar e da esposa. Não havia rasto de Bea.

Era quase meia-noite quando regressei a casa, tiritando de frio e com o mundo às costas.

Telefonará amanhã, repeti mil vezes para comigo mesmo enquanto tentava capturar o sonho. Bea não telefonou no dia seguinte. Nem em toda aquela semana, a mais comprida e a última da minha vida.

Daí a sete dias, estaria morto.

36.

Só alguém a quem resta apenas uma semana de vida é capaz de desperdiçar o tempo como eu fiz durante aqueles dias. Dedicava-me a velar o telefone e a roer a alma, tão prisioneiro da minha própria cegueira que mal era capaz de adivinhar o que o destino já dava como certo. Na segunda-feira ao meio-dia fui até à Faculdade de Letras, na Praça Universidad, com a intenção de ver Bea. Sabia que ela não ia achar graça nenhuma a que eu aparecesse ali e nos vissem juntos em público, mas preferia enfrentar a sua ira a continuar naquela incerteza. Perguntei na secretaria pela aula do professor Velázquez e dispus-me a esperar a saída dos estudantes. Esperei uns vinte minutos até que as portas se abriram e vi passar o semblante arrogante e apilarado do professor Velázquez, sempre rodeado do seu séquito de admiradoras. Cinco minutos depois não havia rasto de Bea. Decidi aproximar-me das portas da sala de aula para dar uma vista de olhos. Um trio de raparigas com ar de escola paroquial conversava e trocava observações ou confidências. A que parecia a líder da congregação reparou na minha presença e interrompeu o seu monólogo para me crivar com um olhar inquisitivo.

– Desculpe, procurava a Beatriz Aguilar. Sabe se ela assiste a esta aula? As raparigas trocaram um olhar venenoso e puseram-se a fazer-me uma radiografia.

– És o namorado dela? – perguntou uma delas. – O alferes? Limitei-me a oferecer um sorriso vazio, que elas tomaram por assentimento. Só a terceira rapariga

mo devolveu, com timidez e desviando a vista. As outras duas adiantaram-se, desafiadoras.

– Imaginava-te diferente – disse a que parecia a chefe do comando.

– E a farda? – perguntou a segunda oficial, observando-me com desconfiança.

– Estou de licença. Sabem se ela já se foi embora?

– Hoje a Beatriz não veio às aulas – informou a chefe, com ar desafiador.

– Ah, não?

– Não – confirmou a tenente de dúvidas e receios. – Se és o namorado dela, devias saber.

– Sou o namorado dela, não sou guarda civil.

– Anda, vamos embora, este fulano é um pateta alegre – concluiu a chefe.

Passaram ambas ao meu lado endereçando-me um olhar de soslaio e um meio sorriso de repugnância. A terceira, atrasada, deteve-se um instante antes de sair e, assegurando-se de que as outras não a viam, sussurrou-me ao ouvido:

– A Beatriz também não veio na sexta-feira.

– Sabes porquê?

– Tu não és o namorado dela, pois não?

– Não. Sou só um amigo.

– Parece-me que está doente.

– Doente?

– Foi o que disse uma das raparigas que telefonou lá para casa. Agora tenho de me ir embora.

Antes que pudesse agradecer-lhe a sua ajuda, a rapariga partiu ao encontro das outras duas, que a esperavam com olhos fulminantes no outro extremo do claustro.

– Alguma coisa se há-de ter passado, Daniel. Uma tia-avó que morreu, um papagaio com papeira, uma constipação de tanto andar com o traseiro ao léu... sabe Deus o quê. Contra aquilo que o Daniel crê a pés juntos, o universo não gira em torno das apetências do que tem entre as pernas.

Há outros factores que influem no devir da humanidade.

– Acha que eu não sei? Parece que não me conhece, Fermín.

– Meu caro, se Deus tivesse querido dar-me ancas muito largas, eu até o podia ter parido, tão bem o conheço. Oiça o que eu lhe digo. Tire isso da cabeça e areje. A espera é o óxido da alma.

– Com que então pareço-lhe ridículo.

– Não. Parece-me preocupante. Bem sei que na sua idade estas coisas parecem o fim do mundo, mas há limites para tudo. Esta noite eu e o Daniel vamos para a farra a um estabelecimento da Rua Platería que segundo parece está a fazer

furor. Disseram-me que há umas gajas nórdicas recém-chegadas de Ciudad Real que até a caspa tiram a um homem. A despesa é comigo.

– E que dirá a Bernarda?

– As meninas são para o Daniel. Eu tenciono esperar na salinha, a ler uma revista e a contemplar o material de longe, porque me converti à monogamia, se não *in mentis* pelo menos de facto.

– Agradeço-lhe, Fermín, mas...

– Um moço de dezoito anos que recusa uma oferta destas não está na plena posse das suas faculdades. É preciso fazer alguma coisa agora mesmo. Tome.

Rebuscou nos bolsos e estendeu-me umas moedas. Perguntei a mim mesmo se aqueles seriam os dobrões com os quais pensava financiar a visita ao sumptuoso harém das ninfas da Meseta.

– Isto não dá para mandar cantar um cego, Fermín.

– O Daniel é dos que caem da árvores e nunca chegam a tocar o chão.

Acha realmente que eu o vou levar às putas e devolvê-lo carregado de gonorreia ao senhor seu pai, que é o homem mais santo que conheci?

Estava a dizer-lhe aquilo das pequenas para ver se reagia, apelando à única parte da sua pessoa que parece funcionar. Isto é para ir ao telefone da esquina e telefonar à sua namorada com alguma intimidade.

– A Bea disse-me expressamente que não lhe telefonasse.

– Também disse que telefonaria na sexta-feira. Já é segunda. É lá consigo. Uma coisa é acreditar nas mulheres e outra acreditar no que elas dizem.

Convencido pelos seus argumentos, escapuli-me da livraria até ao telefone público da esquina e marquei o número dos Aguilar. Ao quinto toque, alguém levantou o auscultador do outro lado e escutou em silêncio, sem responder. Passaram cinco segundos eternos.

– Bea? – murmurei. – És tu?

A voz que respondeu assentou-me como uma martelada no estômago.

– Filho da puta, juro que te vou arrancar a alma à porrada.

O tom era cortante, de pura raiva contida. Fria e serena. Foi isso o que me meteu mais medo. Podia imaginar o senhor Aguilar a segurar o telefone no vestíbulo da sua casa, o mesmo que eu tinha utilizado muitas vezes para telefonar ao meu pai e dizer-lhe que estava atrasado depois de passar a tarde com Tomás. Fiquei a ouvir a respiração do pai de Bea, mudo, perguntando a mim mesmo se me teria reconhecido pela voz.

– Vejo que não tens colhões nem sequer para falar, desgraçado. Qualquer merdas é capaz de fazer o mesmo que tu, mas pelo menos um homem teria a coragem de dar a cara. Eu cobria a cara de preto de vergonha se soubesse que uma rapariga de dezessete anos tinha mais tomates que eu, porque ela não quis dizer

quem tu és e não o dirá. Eu conheço-a. E já que tu não tens tripas de dar a cara pela Beatriz, vai ela pagar pelo que tu fizeste.

Quando pousei o telefone tremiam-me as mãos. Não tive consciência do que acabava de fazer a não ser quando deixei a cabina e arrastei os pés de volta à livraria. Não tinha parado para considerar que a minha chamada só ia piorar a situação em que Bea se encontrasse já. A minha única preocupação fora manter o anonimato e esconder a cara, renegando daqueles que dizia amar e que me limitava a utilizar. Tinha-o feito já quando o inspector Fumero batera em Fermín. Tinha-o feito de novo ao abandonar Bea à sua sorte. Voltaria a fazê-lo desde que as circunstâncias me proporcionassem a oportunidade.

Permaneci na rua dez minutos, tentando acalmar-me, antes de voltar a entrar na livraria. Talvez devesse telefonar outra vez e dizer ao senhor Aguilar que sim, que era eu, que estava caído pela filha e pronto. Se depois lhe apetecesse vir com a sua farda de comandante dar-me cabo da cara, estava no seu direito.

Regressava já à livraria quando reparei que alguém me observava de uma porta de entrada do outro lado da rua. Ao princípio pensei que se tratava de don Federico, o relojoeiro, mas bastou-me uma simples vista de olhos para verificar que se tratava de um indivíduo mais alto e de constituição mais sólida. Detive-me a devolver-lhe o olhar e, para minha surpresa, ele assentiu, como se quisesse cumprimentar-me e indicar-me que não lhe importava absolutamente nada que eu tivesse reparado na sua presença. A luz de um candeeiro incidia-lhe no rosto de perfil. As feições eram-me familiares. Adiantou-se um passo e, abotoando a gabardina até acima, sorriu-me e afastou-se entre os transeuntes em direcção às Ramblas. Reconheci-o então como o agente de polícia que me tinha agarrado enquanto o inspector Fumero atacava Fermín. Ao entrar na livraria, Fermín ergueu a vista e lançou-me um olhar inquisitivo.

– Que cara é essa que traz?

– Fermín, creio que temos um problema.

Naquela mesma noite pusemos em marcha o plano de alta intriga e baixa consistência que tínhamos concebido dias atrás com don Gustavo Barceló.

– A primeira coisa é certificarmo-nos de que o Daniel tem razão e somos objecto de vigilância policial. Agora, como quem não quer a coisa, vamos de passeio até Els Quatre Gats para ver se esse indivíduo ainda está lá fora, à espreita. Mas ao seu pai nem uma palavra de tudo isto, ou vai acabar por criar uma pedra no rim.

– E que quer que lhe diga? Já há tempo que anda com a pulga atrás da orelha.

– Diga-lhe que vai à procura de cachimbos ou de pós para fazer um flã.

– E por que é que temos de ir precisamente a Els Quatre Gats?

– Porque é lá que servem as melhores sanduíches de linguiça num raio de cinco quilómetros e nalgum sítio temos de falar. Não seja desmanchaprazeres e faça o que lhe digo, Daniel.

Dando por bem-vinda qualquer actividade que me mantivesse afastado dos meus pensamentos, obedeci docilmente e um par de minutos mais tarde saía à rua após ter assegurado ao meu pai que estaria de volta à hora do jantar. Fermín esperava-me à esquina da *Puerta del Angel*. Mal me juntei a ele, fez um gesto com as sobrancelhas e indicou-me que começasse a andar.

– Temos a sombra a uns vinte metros. Não se vire.

– É o mesmo da outra vez?

– Não me parece, a menos que tenha encolhido com a humidade. Este parece um papalvo. Anda-me com um jornal desportivo de há seis dias. O Fumero deve andar a recrutar aprendizes no manicómio.

Ao chegar a Els Quatre Gats, o nosso homem incógnito ocupou uma mesa a poucos metros da nossa e fingiu ler pela enésima vez as incidências da jornada da liga da semana anterior. De vinte em vinte segundos lançavamos um olhar de soslaio.

– Coitadinho, olhe como ele sua – disse Fermín, abanando a cabeça. - Vejo-o um bocado disperso, Daniel. Falou com a miúda ou não?

– Atendeu o pai.

– E tiveram uma conversa amigável e cordial?

– Foi mais um monólogo.

– Estou a ver. Devo então inferir que ainda não o trata por paizinho?

– Disse-me textualmente que me ia arrancar a alma à porrada.

– É capaz de ser um recurso estilístico.

Nessa altura, a silhueta do empregado adejou sobre nós. Fermín pediu comida para um regimento, esfregando as mãos de anseio.

– E o Daniel não quer nada?

Abanei a cabeça. Quando o empregado regressou com duas bandejas repletas de tapas, sanduíches e cervejas várias, Fermín enfiou-lhe um bom dobrão e disse-lhe que podia ficar com a gorjeta.

– Chefe, está a ver aquele indivíduo da mesa ao pé da janela, o que está vestido de Grilo Falante e tem a cabeça enfiada no jornal, em jeito de cartucho?

O empregado assentiu com ar de cumplicidade.

– É capaz de me fazer o favor de lhe ir dizer que o inspector Fumero lhe manda recado urgente para comparecer imediatamente no mercado da Boquería para comprar vinte duros de grão cozido e levá-los à esquadra sem demora (de táxi, se preciso for) ou que se prepare para apresentar o escroto numa bandeja? Quer que lho repita?

– Não é preciso, cavalheiro. Vinte duros de grão cozido ou o escroto.

Fermín passou-lhe outra moeda.

– Deus o abençoe.

O empregado assentiu respeitosamente e partiu rumo à mesa do nosso perseguidor para entregar a mensagem. Ao ouvir as ordens, o sentinela ficou com o rosto desfigurado. Permaneceu quinze segundos na sua mesa, debatendo-se entre forças insondáveis, e depois lançou-se a galope para a rua. Fermín não se incomodou nem a pestanejar. Noutras circunstâncias eu teria gozado com o episódio, mas naquela noite era incapaz de tirar Bea do pensamento.

– Desça à terra, Daniel, que temos assuntos a discutir. Amanhã mesmo vai visitar Nuria Monfort, tal como tínhamos dito.

– E, uma vez lá, o que é que lhe digo?

– Assunto não lhe há-de faltar. O plano é fazer o que o senhor Barceló disse com muito tino. O Daniel pespega-lhe que sabe que ela lhe mentiu com perfídia em relação a Carax, que o suposto marido Miquel Moliner não está na prisão como ela pretende, que o Daniel averiguou que ela é a mão negra que tem andado a levantar a correspondência do antigo andar da família Fortuny-Carax usando um apartado de correio em nome de um escritório de advogados inexistente... Diz-lhe o que for necessário e conducente a acender-lhe o fogo debaixo dos pés. Tudo isso com melodrama e semblante bíblico. Depois, com golpe de efeito, vai-se embora e deixa-a macerar um pouco nos sucos da inquietação.

– E entretanto...

– Entretanto eu estarei pronto para a seguir, propósito que tenciono levar a cabo fazendo uso de avançadas técnicas de camuflagem.

– Não vai funcionar, Fermín.

– Homem de pouca fé. Vamos lá a ver: mas o que é que lhe disse o pai dessa rapariga para o pôr assim? É por causa da ameaça? Não lhe ligue importância. Vamos lá a ver: o que é que esse energúmeno lhe disse?

Respondi sem pensar:

– A verdade.

– A verdade segundo São Daniel Mártir?

– Ria-se à vontade. É bem feito.

– Não me rio, Daniel. É que não gosto nada de o ver com esse espírito autoflagelatório. Qualquer pessoa diria que está à beira do cilício. O Daniel não fez nada de mal. A vida já tem suficientes verdugos para que uma pessoa se ponha a fazer dois papéis e a armar em Torquemada consigo própria.

– Fala por experiência? Fermín encolheu os ombros.

– Nunca me contou como se cruzou com o Fumero – notei.

– Quer ouvir uma história com moral?

– Só se o Fermín ma quiser contar.

Fermín serviu-se de um copo de vinho e esvaziou-o de um gole.

– Ámen – disse para si mesmo. – O que eu lhe posso contar do Fumero é voxpopuli. Da primeira vez que ouvi falar dele, o futuro inspector era um pistoleiro ao serviço da FAI. Ganhara imensa fama porque não tinha medo nem escrúpulos. Bastava-lhe um nome e despachava-o com um tiro em plena rua ao meio-dia. Talentos assim são muito cotados em tempos agitados. O que tão-pouco tinha era fidelidade nem credo. Não queria saber para nada da causa que servia, desde que a causa lhe servisse para trepar na hierarquia. Há toneladas de gentalha assim no mundo, mas poucos têm o talento do Fumero.

Dos anarquistas passou a servir os comunistas, e daí aos fascistas era apenas um passo. Espiava e vendia informações de um lado ao outro, aceitava o dinheiro de todos. Eu andava de olho nele havia já algum tempo. Nessa altura, eu trabalhava para o governo da Generalitat. Às vezes confundiam-me com o irmão feio do Companys, o que me enchia de orgulho.

– Que fazia o Fermín?

– Um pouco de tudo. Nas séries de agora chama-se ao que eu fazia espionagem, mas em tempo de guerra somos todos espiões. Parte do meu trabalho era andar em cima dos indivíduos como o Fumero. São os mais perigosos. São como víboras, sem cor nem consciência. Nas guerras brotam de todo o lado. Em tempo de paz põe uma máscara. Mas continuam lá. Aos milhares. O caso é que mais tarde ou mais cedo averigui qual era o jogo dele. Mais tarde que cedo, diria eu. Barcelona caiu em questão de dias e a coisa deu uma volta completa. Passei a ser um criminoso perseguido e os meus superiores viram-se forçados a esconderem-se como ratos. Claro que o Fumero já estava a comandar a operação de «limpeza». A purga a tiro era levada a cabo em plena rua, ou no castelo de Montjuic. A mim prenderam-me no porto quando tentava conseguir passagem num cargueiro grego para mandar alguns dos meus chefes para França. Levaram-me para Montjuic e mantiveram-me dois dias fechado numa cela completamente escura, sem água e sem ventilação. Quando voltei a ver a luz era a da chama dum maçarico. O Fumero e um tipo que só falava alemão penduraram-me de cabeça para baixo pelos pés. O alemão tirou-me primeiro a roupa com o maçarico, queimando-a. Pareceu-me que tinha prática. Quando fiquei em pelota e com todos os pêlos do corpo chamuscados, o Fumero disse-me que, se não lhe dissesse onde estavam escondidos os meus superiores, o divertimento começaria a sério. Eu não sou um homem valente, Daniel. Nunca o fui, mas a pouca coragem que tenho usei-a para cagar na mãe dele e mandá-lo à merda. A um sinal do Fumero, o alemão injectou-me não sei o quê na coxa e esperou uns minutos. Depois, enquanto o Fumero fumava e me observava sorridente, começou a assar-me conscienciosamente com o maçarico. O Daniel viu as marcas...

Assenti. Fermín falava em tom sereno, sem emoção.

– Estas marcas são o menos. As piores ficam cá dentro. Aguentei uma hora debaixo do maçarico, ou talvez fosse só um minuto. Não sei. Mas acabei por fornecer nomes, apelidos e até o número de camisa de todos os meus superiores e até dos que o não eram. Abandonaram-me numa viela de Pueblo Seco, nu e com a pele queimada. Uma boa mulher levou-me para casa dela e tratou de mim durante dois meses. Os comunistas tinham-lhe matado o marido e os dois filhos a tiro à porta de casa. Não sabia porquê. Quando me pude levantar e ir à rua, soube que todos os meus superiores tinham sido presos e julgados horas depois de eu os ter denunciado.

– Fermín, se não me quiser contar isso...

– Não, não. Mais vale que oiça e saiba com quem está metido. Quando regressei a minha casa, informaram-me de que tinha sido expropriada pelo governo, tal como os meus bens. Tinha-me transformado num mendigo sem saber. Tentei arranjar emprego. Foi-me negado. A única coisa que conseguia arranjar era uma garrafa de vinho a granel por uns cêntimos. É um veneno lento, que come as tripas como o ácido, mas contei que mais tarde ou mais cedo faria o seu efeito. Dizia para comigo que regressaria a Cuba, para junto da minha mulata, um dia. Prenderam-me quando tentava embarcar num cargueiro rumo a Havana. Não me lembro de quanto tempo passei na prisão. Depois do primeiro ano, uma pessoa começa a perder tudo, até a razão. Ao sair passei a viver na rua, onde o Daniel me encontrou uma eternidade depois. Havia muitos como eu, companheiros de galeria ou de amnistia. Os que tinham sorte contavam com alguém de fora, alguém ou alguma coisa para onde regressar. Os restantes juntávamo-nos ao exército dos deserdados. Uma vez que nos dão o cartão desse clube, nunca deixamos de ser sócios. Muitos de nós só saem de noite, quando o mundo não olha. Conheci muitos como eu. Raramente os voltava a ver. A vida na rua é curta. As pessoas olham para nós com nojo, mesmo as que nos dão esmola, mas isso não é nada comparado com a repugnância que a pessoa inspira a si própria. É como viver aprisionado num cadáver que anda, que sente fome, que tresanda e que resiste a morrer. Uma vez por outra, o Fumero e os seus homens detinham-me e acusavam-me de algum furto absurdo, ou de desencaminhar meninas à saída de um colégio de freiras. Mais um mês na Modelo, tarefas e rua com ele outra vez. Nunca percebi que sentido tinham aquelas farsas. Ao que parece, a polícia considerava conveniente dispor de um censo de suspeitos aos quais deitar mão quando fosse necessário. Num dos meus encontros com o Fumero, que era já um senhor respeitável, perguntei-lhe por que não me tinha matado, como aos outros. Riu-se e disse-me que havia coisas piores que a morte. Ele nunca matava um bufo, disse-me. Deixava-o apodrecer vivo.

– O senhor não é um bufo, Fermín. Qualquer um no seu lugar teria feito o mesmo. O Fermín é o meu melhor amigo.

– Eu não mereço a sua amizade, Daniel. O Daniel e o seu pai salvaram-me

a vida e a minha vida pertence-lhes. O que eu possa fazer por vocês, fá-lo-ei. No dia em que o Daniel me tirou da rua, Fermín Romero de Torres voltou a nascer.

– Esse não é o seu verdadeiro nome, pois não? Fermín abanou a cabeça.

– Vi-o num cartaz na Praça de las Arenas. O outro está enterrado. O homem que antigamente vivia nestes ossos morreu, Daniel. Às vezes volta, em pesadelos.

Mas o Daniel ensinou-me a ser outro homem e deu-me uma razão para viver outra vez, a minha Bernarda.

– Fermín...

– Não diga nada, Daniel. Perdoe-me apenas, se puder.

Abracei-o em silêncio e deixei-o chorar. As pessoas olhavam-nos de esguelha, e eu retribuía-lhes um olhar de fogo. Daí a pouco resolveram ignorar-nos. Depois, enquanto eu acompanhava Fermín à pensão, o meu amigo recuperou a voz.

– Do que eu lhe contei hoje... peço-lhe por tudo que à Bernarda...

– Nem à Bernarda nem a ninguém. Nem uma palavra, Fermín. Despedimo-nos com um aperto de mão.

37.

Passei a noite em claro, deitado na cama com a luz acesa a contemplar a minha flamante caneta Montblanc, com a qual não tinha voltado a escrever havia anos e que começava a transformar-se no melhor par de luvas que alguma vez alguém ofereceu a um maneta. Não foi uma nem duas vezes que me senti tentado a ir a casa dos Aguilar e, à falta de melhor termo, entregar-me, mas depois de muita meditação imaginei que irromper de madrugada no domicílio paterno de Bea não ia melhorar muito a situação em que ela se encontrasse. Ao alvorecer, o cansaço e a dispersão ajudaram-me a localizar de novo o meu proverbial egoísmo e não tardei a convencer-me de que o óptimo era deixar correr as águas e, com o tempo, o rio levaria o sangue.

A manhã decorreu com pouca acção na livraria, circunstância que aproveitei para dormir de pé com a graça e o equilíbrio de um flamingo, na opinião do meu pai. Ao meio-dia, tal como tinha acordado com Fermín na noite anterior, fingi que ia dar uma volta e Fermín alegou que tinha hora marcada no centro de saúde para lhe tirarem uns pontos. Até onde a perspicácia me alcançou, o meu pai engoliu ambas as patranhas até aos tornozelos. A ideia de mentir sistematicamente ao meu pai começava a conspurcar-me o espírito, e assim tinha feito saber a Fermín a meio da manhã num momento em que o meu pai saía para fazer um recado.

– Daniel, a relação paterno-filial baseia-se em milhares de mentiras piedosas. O Pai Natal, o ratinho dos dentes, quem tem unhas toca guitarra, etc. Esta

é mais uma. Não se sinta culpado.

Chegado o momento, menti de novo e dirigi-me ao domicílio de Nuria Monfort, cujo contacto e cheiro conservava gravados no sótão da memória. A praça de San Felipe Neri fora tomada por um bando de pombas que repousavam sobre o empedrado. Tinha esperado encontrar Nuria Monfort em companhia do seu livro, mas a praça estava deserta. Percorri o empedrado sob a atenta vigilância de dúzias de pombas e lancei uma olhadela em redor, procurando em vão a presença de Fermín camuflado de sabe Deus o quê, pois recusara-se a revelar-me o estratagema que tinha em mente. Penetrei na escada e verifiquei que o nome Miquel Moliner continuava na caixa do correio. Perguntei a mim mesmo se aquele seria o primeiro buraco que ia assinalar a Nuria Monfort na sua história. Enquanto subia a escada na penumbra, quase desejei não a encontrar em casa. Ninguém tem tanta compaixão com um trapaceiro como alguém da sua condição. Ao chegar ao patamar do quarto, detive-me a reunir coragem e architectar alguma desculpa com a qual justificar a minha visita. O rádio da vizinha continuava a troar do outro lado do patamar, desta vez a transmitir um concurso de conhecimentos religiosos que tinha por título «O santo ao Céu» e mantinha electrizadas as audiências de Espanha inteira todas as terças-feiras ao meio-dia.

E agora, por cinco duros, diga-nos, Bartolomé, sob que forma aparece o maligno aos sábios do tabernáculo na parábola do arcanjo e da cabacinha do livro de Josué?: a) um cabrito; b) um mercador de vasilhas, ou c) um saltimbanco com uma macaca.

Ao estalar dos aplausos da assistência no estúdio da Rádio Nacional, postei-me decidido diante da porta de Nuria Monfort e premi a campainha durante vários segundos. Ouvi o eco perder-se no interior do andar e suspirei de alívio. Estava para me ir embora quando ouvi passos aproximarem-se da porta e o orifício do ralo iluminou-se com uma lágrima de luz. Sorri. Ouvi a chave rodar na fechadura e respirei fundo.

38.

– Daniel – murmurou, com um sorriso em contraluz. O fumo azul do cigarro velava-lhe o rosto. Os lábios brilhavam-lhe de batom escuro, húmidos e a deixar marcas no filtro que segurava entre o indicador e o anular.

Há pessoas que se recordam e outras que se sonham. Para mim, Nuria

Monfort tinha a consistência e a credibilidade de uma miragem: não questionamos a sua veracidade, seguimo-la simplesmente até que se desvanece ou nos destrói. Segui-a até ao acanhado salão de penumbras onde tinha a sua secretária, os seus livros e aquela colecção de lápis alinhados como um acidente de simetria.

– Julgava que não te voltava a ver.

– Lamento decepcioná-la.

Sentou-se na cadeira da secretária, cruzando as pernas e inclinando-se para trás. Arranquei os olhos da sua garganta e concentrei-me numa mancha de humidade na parede. Aproximei-me até à janela e deitei uma rápida vista de olhos à praça. Nem rasto de Fermín. Conseguia ouvir Nuria a respirar atrás de mim, sentir o seu olhar. Falei sem desviar os olhos da janela.

– Há uns dias, um bom amigo meu averiguou que o administrador de prédios responsável pelo antigo andar da família Fortuny-Carax tinha andado a mandar a correspondência para um apartado de correio em nome de um escritório de advogados que, ao que parece, não existe. Esse mesmo amigo averiguou que a pessoa que tinha andado a receber as encomendas para esse apartado de correio durante anos tinha utilizado o seu nome, senhora Monfort...

– Cala-te.

Voltei-me e deparei com ela a recuar para as sombras.

– Julgas-me sem me conheceres – disse.

– Ajude-me a conhecê-la, então.

– A quem contaste isso? Quem mais sabe o que me disseste?

– Mais gente do que parece. A polícia anda a seguir-me há tempos.

– O Fumero?

Assenti. Pareceu-me que lhe tremiam as mãos.

– Não sabes o que fizeste, Daniel.

– Diga-mo a senhora – repliquei com uma dureza que não sentia.

– Pensas que por teres tropeçado num livro tens o direito de entrar na vida de pessoas que não conheces, em coisas que não podes compreender e que não te pertencem.

– Pertencem-me agora, quer queira quer não.

– Não sabes o que dizes.

– Estive em casa dos Aldaya. Sei que Jorge Aldaya se esconde lá. Sei que foi ele quem assassinou Carax.

Olhou-me longamente, medindo as palavras.

– O Fumero sabe isso?

– Não sei.

– É melhor que saibas. O Fumero seguiu-te até essa casa?

A raiva que ardia nos seus olhos queimava-me. Tinha entrado no papel de

acusador e juiz, mas a cada minuto que passava sentia-me o culpado.

– Não me parece. A senhora sabia-o? A senhora sabia que foi Aldaya que matou Julián e que se esconde nessa casa... Por que não mo disse?

Sorriu amargamente.

– Não percebes nada, pois não?

– Percebo que a senhora mentiu para defender o homem que assassinou aquele a que chama seu amigo, que andou a encobrir esse crime durante anos, um homem cujo único propósito é apagar qualquer marca da existência de Julián Carax, que queima os livros dele. Percebo que me mentiu sobre o seu marido, que não está na prisão e evidentemente tão pouco aqui. Isso é o que eu percebo.

Nuria Monfort abanou lentamente a cabeça.

– Vai-te embora, Daniel. Vai-te embora desta casa e não voltes. Já fizeste o suficiente.

Afastei-me em direcção à porta, deixando-a na sala de jantar. Detive-me a meio caminho e voltei atrás. Nuria Monfort estava sentada no chão, encostada à parede. Todo o artifício da sua presença se tinha desfeito. Atravessei a Praça de San Felipe Neri varrendo o solo com o olhar. Arrastava a dor que tinha recolhido dos lábios daquela mulher, uma dor da qual me sentia agora cúmplice e instrumento mas sem conseguir compreender como nem porquê. «Não sabes o que fizeste, Daniel.» Só desejava afastar-me dali. Ao passar diante da igreja, mal reparei na presença daquele sacerdote enxuto e narigudo que me abençoava com parcimónia ao pé da entrada, segurando um missal e um rosário.

39.

Regressei à livraria com quase quarenta e cinco minutos de atraso. Ao ver-me, o meu pai franziu o cenho com ar de reprovação e olhou para o relógio.

– Lindas horas. Sabem que tenho de sair para visitar um cliente em San Cugat e deixam-me aqui sozinho.

– E o Fermín? Ainda não voltou?

O meu pai abanou a cabeça com aquela pressa que o consumia quando estava de mau humor.

– A propósito, tens uma carta. Deixei-ta ao pé da caixa.

– Desculpa, papá, mas...

Fez-me um gesto para que poupasse as desculpas, armou-se de gabardina e chapéu e saiu pela porta sem se despedir. Conhecendo-o, supus que a zanga se lhe teria evaporado antes de chegar à estação. O que me fazia confusão era a ausência de Fermín. Tinha-o visto ataviado de sacerdote de pacotilha na praça de San Felipe

Neri, à espera de que Nuria Monfort saísse à pressa e o guiasse até ao grande segredo da trama. A minha fé naquela estratégia tinha-se reduzido a cinzas e imaginei que, se realmente Nuria Monfort saísse à rua, Fermín ia acabar por a seguir até à farmácia ou à padaria. Rico plano! Aproximei-me da caixa para deitar uma vista de olhos à carta que o meu pai tinha mencionado. O envelope era branco e rectangular, como uma lápide, e em lugar de crucifixo tinha um timbre que conseguiu pulverizar-me o pouco ânimo que conservava para passar o dia.

GOVERNO MILITAR DE BARCELONA GABINETE DE RECRUTAMENTO

— Aleluia — murmurei.

Sabia o que continha sem necessidade de abrir o envelope, mas mesmo assim fi-lo para me revolver no lodo. A carta era sucinta, dois parágrafos naquela prosa varada entre a proclamação inflamada e a ária de opereta que caracteriza o género epistolar castrense. Era-me anunciado que no prazo de dois meses, eu, Daniel Sempere Martin, teria a honra e o orgulho de me juntar ao dever mais sagrado e edificante que a vida podia oferecer ao varão celtibérico: servir a pátria e vestir o uniforme da cruzada nacional em defesa da reserva espiritual do Ocidente. Esperei que ao menos Fermín fosse capaz de dar a volta ao assunto e fazer-nos rir um bocado com a sua versão em verso de *A Queda do Contubérnio Judeo-maçónico*. Dois meses. Oito semanas. Sessenta dias. Podia sempre dividir o tempo em segundos e obter assim uma cifra quilométrica. Restavam-me cinco milhões cento e oitenta e quatro mil segundos de liberdade. Se calhar don Federico, que segundo o meu pai era capaz de fabricar um Volkswagen, podia fazer-me um relógio com travões de disco. Se calhar alguém me explicava como ia arranjar maneira de não perder Bea para sempre. Ao ouvir a campainha da porta julguei que se tratava de Fermín que regressava finalmente persuadido de que os nossos empenhos detectivescos não davam nem para uma piada. — Era, o herdeiro a vigiar o castelo, como é devido, embora com cara de beringela. Alegria essa cara, miúdo, que pareces o boneco do Netol(*1) - disse Gustavo Barceló, engalanado com um sobretudo de pêlo de camelo e uma bengala de marfim de que não precisava e que brandia como uma mitra cardinalícia. — O teu pai não está, Daniel?

**1. Alusão à caricatura de um mordomo que figurava num anúncio de 1920 ao limpa-metais Netol. (N. T.)*

— Lamento, don Gustavo. Saiu para visitar um cliente e suponho que não

regressará antes...

– Perfeito. Porque não é ele quem eu venho ver, e é melhor que ele não oiça o que te tenho a dizer.

Piscou-me o olho, descalçando as luvas e observando a loja com displicência.

– E o nosso colega Fermín? Está por cá?

– Desaparecido em combate.

– Suponho que a aplicar os seus talentos na resolução do caso Carax.

– De corpo e alma. Da última vez que o vi vestia sotaina e distribuía a bênção urbi et orbi.

– Pois... A culpa é minha por vos instigar. Em boa hora me veio à ideia abrir a boca.

– Vejo-o um tanto inquieto. Sucedeu alguma coisa?

– Não exactamente. Ou sim, de certo modo.

– O que é que me queria contar, don Gustavo?

O livreiro sorriu-me mansamente. A sua habitual atitude altaneira e a sua arrogância de salão tinham batido em retirada. Em seu lugar pareceu-me intuir uma certa gravidade, um vislumbre de cautela e não pouca preocupação.

– Esta manhã conheci don Manuel Gutiérrez Fonseca, de cinquenta e nove anos de idade, solteiro e funcionário da morgue municipal em Barcelona desde 1924. Trinta anos de serviço no umbral das trevas. A frase é dele, não minha. Don Manuel é um cavalheiro da velha escola, cortês, agradável e serviçal. Vive num quarto alugado na rua de La Ceniza desde há quinze anos, que compartilha com doze periquitos que aprenderam a trautear a marcha fúnebre. Tem uma assinatura de galinheiro no Liceo. Gosta de Verdi e Donizetti. Disse-me que no trabalho dele o importante é seguir o regulamento. O regulamento tem tudo previsto, especialmente nas ocasiões em que a pessoa não sabe o que fazer. Há quinze anos, don Manuel abriu um saco de lona que a polícia trazia e deparou-se com o seu melhor amigo de infância. O resto do corpo vinha num saco à parte. Don Manuel, fazendo das tripas coração, seguiu o regulamento.

– Quer um café, don Gustavo? Está a ficar amarelo.

– Se fazes favor.

Fui buscar o termos e preparei-lhe uma chávena com oito torrões de açúcar. Bebeu-a de um trago.

– Melhor?

– A arribar. Como ia dizendo, o caso é que don Manuel estava de serviço no dia em que levaram o corpo de Julián Carax para o necrotério, em Setembro de 1936. Claro que don Manuel não se lembrava do nome, mas uma consulta aos arquivos, e uma doação de vinte duros para o seu fundo de reforma, refrescaram-lhe

notoriamente a memória. Estás-me a seguir? Assenti, quase em transe.

– Don Manuel lembra-se dos pormenores daquele dia porque, segundo me contou, aquela foi uma das poucas ocasiões em que fechou os olhos ao regulamento. A polícia alegou que o cadáver tinha sido encontrado numa viela do Raval pouco antes do amanhecer. O corpo chegou ao necrotério a meio da manhã. Trazia apenas um livro e um passaporte que o identificava como Julián Fortuny Carax, natural de Barcelona, nascido em 1900. O passaporte tinha um selo da fronteira de La Junquera, indicando que Carax tinha entrado no país um mês antes. A causa da morte, aparentemente, era um ferimento de bala. Don Manuel não é médico, mas com o tempo foi aprendendo o repertório. Na sua opinião, o disparo, mesmo sobre o coração, tinha sido feito à queima-roupa.- Graças ao passaporte foi possível localizar o senhor Fortuny, pai de Carax, que compareceu naquela mesma noite no necrotério para proceder à identificação do corpo.

– Até aí tudo encaixa com o que a Nuria Monfort contou. Barceló assentiu.

– Assim é. O que a Nuria Monfort não te disse foi que ele, o meu amigo don Manuel, ao suspeitar que a polícia não parecia ter muito interesse pelo caso, e ao ter verificado que o livro que tinha sido encontrado nos bolsos do cadáver mostrava o nome do falecido, decidiu tomar a iniciativa e telefonou para a editora naquela mesma tarde, enquanto esperavam a chegada do senhor Fortuny, para informar do sucedido.

– A Nuria Monfort disse-me que o empregado da morgue telefonou para a editora três dias depois, quando o corpo já tinha sido enterrado numa vala comum.

– Segundo don Manuel, ele telefonou no mesmo dia em que o corpo chegou ao necrotério. Diz-me que falou com uma menina que lhe agradeceu ter telefonado. Don Manuel lembra-se de que o chocou um tanto a atitude da referida menina. Segundo as suas próprias palavras, «era como se já o soubesse».

– E o senhor Fortuny? É verdade que se negou a reconhecer o filho?

– Isso era o que mais me intrigava. Don Manuel explica que ao cair da tarde chegou um homenzinho trémulo em companhia duns agentes da polícia. Era o senhor Fortuny. Segundo ele, isso é a única coisa a que uma pessoa nunca se chega a habituar, o momento em que os familiares vêm reconhecer o corpo de um ente querido. Don Manuel diz que é um transe que não deseja a ninguém.

Segundo ele, o pior é quando o morto é uma pessoa jovem e são os pais, ou um cônjuge recente, que têm de o reconhecer. Don Manuel lembra-se bem do senhor Fortuny. Diz que quando chegou ao necrotério mal se conseguia aguentar de pé, que chorava como uma criança e que os dois polícias o tinham de amparar nos braços. Não parava de gemer: «Que fizeram ao meu filho? Que fizeram ao meu filho?»

– Chegou a ver o corpo?

– Don Manuel contou-me que esteve a ponto de sugerir aos agentes que

passassem por cima da diligência. Foi a única vez que lhe passou pela cabeça questionar o regulamento. O cadáver estava em más condições. Provavelmente estava morto havia mais de vinte e quatro horas quando chegou ao necrotério, e não desde o amanhecer como a polícia alegava. Manuel receava que, quando aquele velhote o visse, se desfizesse aos bocados. O senhor Fortuny não parava de dizer que não podia ser, que o seu Julián não podia estar morto... Nessa altura don Manuel retirou o sudário que cobria o corpo e os dois agentes perguntaram-lhe formalmente se aquele era o seu filho Julián.

– E depois?

– O senhor Fortuny ficou mudo, a contemplar o cadáver durante quase um minuto. Nessa altura deu meia-volta e foi-se embora.

– Foi-se embora?

– A toda a pressa.

– E a polícia? Não o impediu? Não estavam lá para identificar o cadáver? Barceló sorriu com malícia.

– Em teoria. Mas don Manuel lembra-se de que havia mais alguém na sala, um terceiro polícia que tinha entrado discretamente enquanto os agentes preparavam o senhor Fortuny e que tinha presenciado a cena em silêncio, encostado à parede com um cigarro nos lábios. Don Manuel lembra-se dele porque quando lhe disse que o regulamento proibia expressamente que se fumasse no necrotério, um dos agentes lhe fez sinal para se calar. Segundo don Manuel, assim que o senhor Fortuny se foi embora, o terceiro polícia aproximou-se dele, deu uma vista de olhos ao corpo e cuspiu-lhe na cara. Depois ficou com o passaporte e deu ordens no sentido de o corpo ser enviado para Can Tunis a fim de ser enterrado numa vala comum nesse mesmo amanhecer.

– Não faz sentido.

– Foi o que don Manuel pensou. Sobretudo porque aquilo não condizia com o regulamento. «Mas nós nem sabemos quem é este homem», dizia ele. Os polícias não disseram nada. Don Manuel, irado, increpou-os: «Ou sabem-no bem de mais? Porque não escapa a ninguém que está morto há pelo menos um dia.» Obviamente, don Manuel remetia-se ao regulamento e não tinha nada de tolo. Segundo ele, ao ouvir os seus protestos, o terceiro polícia abeirou-se dele, olhou-o fixamente nos olhos e perguntou-lhe se lhe apetecia juntar-se ao finado na sua última viagem. Don Manuel contou-me que ficou aterrado. Que aquele homem tinha olhos de louco e que não duvidou um instante de que falava a sério. Murmurou que só procurava cumprir o regulamento, que ninguém sabia quem era aquele homem e que por conseguinte ainda não podia ser enterrado. «Este homem é quem eu digo que é», replicou o polícia. Nessa altura pegou na folha de registo e assinou-a, dando o caso por encerrado. Don Manuel diz que nunca se há de esquecer daquela assinatura,

porque nos anos da guerra, e a seguir durante muito tempo depois, voltaria a encontrá-la em dezenas de folhas de registo e óbito de corpos que chegavam não se sabia de onde e que ninguém conseguia identificar...

– O inspector Francisco Javier Fumero...

– Orgulho e bastião da Direcção Geral da Polícia. Sabes o que isso significa, Daniel?

– Que temos andado a avançar às apalpadelas desde o princípio. Barceló pegou no chapéu e na bengala e dirigiu-se para a porta, abanando disfarçadamente a cabeça.

– Não, que agora é que vamos começar a avançar.

40.

Passei a tarde a velar aquela funesta carta que me anunciava a minha incorporação nas fileiras e à espera de sinais de vida de Fermín. Passava já meia hora do horário de fecho e Fermín continuava em paradeiro desconhecido. Peguei no telefone e liguei para a pensão na rua Joaquín Costa. Atendeu dona Encarna, que disse com voz de bagaço que não via Fermín desde essa manhã.

– Se não estiver aqui dentro de meia hora, come o jantar frio, que isto não é o Ritz. Não lhe aconteceu nada, pois não?

– Não se preocupe, dona Encarna. Tinha um recado pendente e deve-se ter atrasado. Em qualquer caso, se o vir antes de se deitar, agradecia-lhe muito que lhe dissesse para me telefonar. Daniel Sempere, o vizinho da sua amiga Merceditas.

– Esteja descansado, mas olhe que já o previno de que às oito e meia me meto em vale de lençóis.

Telefonei de imediato para casa de Barceló, esperando que talvez Fermín tivesse passado por lá para esvaziar a despensa à Bernarda ou arrebanhá-la no quarto de engomar. Não me tinha passado pela cabeça que fosse Clara a atender o telefone.

– Daniel, ora aqui está o que se pode chamar uma surpresa!

O mesmo digo eu, pensei. Fazendo um circunlóquio digno do catedrático don Anacleto, deixei cair o objecto da minha chamada concedendo-lhe apenas uma importância passageira.

– Não, o Fermín hoje não passou por aqui. E a Bernarda esteve toda a tarde comigo, quer dizer, ela havia de saber. Estivemos a falar de ti, sabes?

– Mas que conversa tão aborrecida.

– A Bernarda diz que estás muito bonito, que estás um homem feito.

– Tomo muitas vitaminas. Um longo silêncio.

– Daniel, achas que podemos um dia voltar a ser amigos? Quantos anos serão precisos para que me perdoes?

– Amigos já somos, Clara, e eu não tenho nada a perdoar-te. Tu bem o sabes.

– O meu tio diz que ainda andas a indagar sobre Julián Carax. Vê lá se um dia passas cá por casa para lanchar e me contas novidades. Eu também tenho uma coisa para te contar.

– Um dia destes, sem falta.

– Vou-me casar, Daniel.

Fiquei a olhar para o auscultador. Tive a impressão de que os pés se me afundavam no chão e de que o meu esqueleto encolhia uns centímetros.

– Estás aí, Daniel?

– Estou.

– Surpreendi-te.

Engoli saliva com a consistência de cimento armado.

– Não. O que me surpreende é que não te tenhas casado já. Pretendentes não te hão-de ter faltado. Quem é o feliz contemplado?

– Não o conheces. Chama-se Jacobo. É um amigo do meu tio Gustavo. Quadro dirigente do Banco de Espanha. Conhecemo-nos num recital de ópera que o meu tio organizou. O Jacobo é um apaixonado da ópera. É mais velho que eu, mas somos muito bons amigos e o que interessa é isso, não achas?

Inflamou-se-me a boca de malícia, mas mordi a língua. Sabia a veneno.

– Claro... Ouve, olha, felicidades.

– Nunca me perdoarás, não é verdade, Daniel? Para ti hei-de ser sempre Clara Barceló, a pérfida.

– Para mim hás-de ser sempre a Clara Barceló, ponto final. E isso também o sabes.

Registou-se outro silêncio, daqueles em que crescem cabelos brancos à traição.

– E tu, Daniel? O Fermín diz-me que tens uma namorada lindíssima.

– Agora tenho de te deixar, Clara, está a entrar um cliente. Telefono-te um dia desta semana e combinamos lanchar. Felicidades mais uma vez. Poisei o telefone e suspirei.

O meu pai regressou da sua visita ao cliente com o semblante abatido e pouca vontade de conversar. Preparou o jantar enquanto eu punha a mesa, quase sem me perguntar por Fermín ou pelo dia na livraria. Jantámos com o olhar mergulhado no prato e entrincheirados na conversa fiada das notícias do rádio. O meu pai mal tocara no prato. Limitava-se a mexer aquela sopa aguada e sem sabor com a colher, como se procurasse ouro no fundo.

– Não comeste nada – disse eu.

O meu pai encolheu os ombros. O rádio continuava a metralhar-nos com patéticas. O meu pai levantou-se e apagou-o.

– O que é que dizia a carta do Exército? – perguntou finalmente.

– Sou incorporado daqui a dois meses. Pareceu-me que o olhar o envelhecia dez anos.

– O Barceló diz-me que vai arranjar uma cunha para me transferirem para o Governo Militar de Barcelona depois da recruta. Até vou poder vir dormir a casa – declarei.

O meu pai replicou com um assentimento anémico. Tornou-se-me doloroso sustentar-lhe o olhar e pus-me de pé para levantar a mesa. O meu pai permaneceu sentado, com a vista perdida e as mãos cruzadas sob o queixo. Dispunha-me a lavar os pratos quando ouvi uns passos a ecoar na escada. Passos firmes, apressados, que castigavam o soalho e conjuravam um código funesto. Ergui a vista e cruzei o olhar com o meu pai. As passadas detiveram-se no nosso patamar. O meu pai pôs-se de pé, inquieto. Um segundo mais tarde ouviram-se várias pancadas na porta e uma voz atrojadora, raivosa e vagamente familiar.

– Polícia! Abram!

Apunhalaram-me o pensamento mil adagas. Uma nova descarga de batidas fez cambalear a porta. O meu pai dirigiu-se ao umbral e levantou a rede do ralo.

– Que querem os senhores a estas horas?

– Ou abre esta porta ou deitamo-la abaixo a pontapé, senhor Sempere.

Não me obrigue a repeti-lo.

Reconheci a voz de Fumero e invadiu-me um sopro gelado. O meu pai lançou-me um olhar inquisitivo. Assenti. Abafando um suspiro, abriu a porta. As silhuetas de Fumero e dos seus dois sequazes recortavam-se no relume amarelado do umbral. Gabardinas cinzentas a arrastar fantoches de cinza.

– Onde está ele? – gritou Fumero, afastando o meu pai com uma palmada e abrindo caminho até à sala de jantar.

O meu pai fez menção de o deter, mas um dos agentes que cobria a retaguarda do inspector aferrou-o pelo braço e empurrou-o contra a parede, segurando-o com a frialdade e a eficácia de uma máquina acostuada à tarefa.

Era o mesmo indivíduo que nos tinha seguido, a Fermín e a mim, o mesmo que me agarrara enquanto Fumero espancava o meu amigo defronte do asilo de Santa Lucía, o mesmo que me tinha vigiado um par de noites atrás. Lançou-me um olhar vazio, inescrutável. Saí ao encontro de Fumero, brandindo toda a calma que era capaz de fingir. O inspector tinha os olhos injectados de sangue. Um arranhão recente sulcava-lhe a face esquerda, cravejado de sangue seco.

– Onde está ele?

– Ele, quem?

Fumero deixou cair os olhos e abanou a cabeça, murmurando de si para si. Quando ergueu o rosto exibia uma careta canina nos lábios e um revólver na mão. Sem afastar os olhos dos meus, Fumero espetou uma coronhada no jarrão de flores murchas sobre a mesa. O jarrão desfez-se em pedaços, entornando a água e os talos fanados sobre a toalha. Contra a minha vontade, estremeci. O meu pai vociferava no vestíbulo sob a prisão dos dois agentes. Mal consegui decifrar as suas palavras. A única coisa que era capaz de absorver era a pressão gelada do cano do revólver enfiado na minha face e o cheiro a pólvora.

– A mim não me fodas, franganote de merda, senão o teu pai vai ter de apanhar os teus miolos do chão. Estás a ouvir?

Assenti, tremendo. Fumero pressionava o cano da arma com força contra o meu pómulo. Senti que me cortava a pele, mas não me atrevi nem a pestanejar.

– É a última vez que to pergunto. Onde está ele?

Vi-me a mim mesmo reflectido nas pupilas negras do inspector, que se contraíam lentamente à medida que ele retesava o cão com o polegar.

– Aqui, não. Não o vejo desde o meio-dia. É a verdade.

Fumero permaneceu imóvel durante quase meio minuto, escarafunchando-me a cara com o revólver e lambendo os lábios.

– Lerma – ordenou. – Dê uma vista de olhos.

Um dos agentes apressou-se a inspeccionar o andar. O meu pai debatia-se em vão com o terceiro polícia.

– Se me mentiste e o encontramos nesta casa, juro que parto as duas pernas ao teu pai – sussurrou Fumero.

– O meu pai não sabe nada. Deixe-o em paz.

– Tu é que não sabes no que te metes. Mas, quando eu filar o teu amigo, acabou-se a brincadeira. Nem juízes, nem hospitais, nem o caraças. Desta vez vou-me encarregar eu mesmo de o retirar da circulação. E vou gozar ao fazer isso, podes crer. Vou fazer render o peixe. Podes-lho dizer se o vires. Porque eu o vou encontrar nem que ele se esconda debaixo das pedras. E tu és o cliente que se segue.

O agente Lerma reapareceu na sala de jantar e trocou um olhar com Fumero, uma leve negativa. Fumero afrouxou o cão e retirou o revólver.

– É pena – disse Fumero.

– De que é que o acusa? Por que é que o procura?

Fumero virou-me as costas e aproximou-se dos dois agentes, que, a um sinal seu, soltaram o meu pai.

– O senhor há-de lembrar-se disto – cuspiu o meu pai.

Os olhos de Fumero poisaram-se sobre ele. Instintivamente, o meu pai deu um passo atrás. Receei que a visita do inspector não tivesse senão começado, mas

subitamente Fumero abanou a cabeça, rindo-se disfarçadamente, e abandonou o andar sem mais cerimónia. Lerma seguiu-o. O terceiro polícia, a minha perpétua sentinela, parou um instante no umbral. Olhou-me em silêncio, como se quisesse dizer-me qualquer coisa.

– Palácios! – bramou Fumero, com a voz sumida no eco da escada.

Palácios baixou o olhar e desapareceu pela porta. Saí para o patamar. Perfilavam-se cutelos de luz vindos das portas entreabertas de vários vizinhos, cujos rostos atemorizados assomavam na penumbra. As três silhuetas escuras dos polícias perdiam-se pelas escadas abaixo e o martelar furioso dos seus passos batia em retirada como uma maré envenenada, deixando um rasto de medo e negrume. Rondava a meia-noite quando ouvimos de novo batidas na porta, desta vez mais débeis, quase receosas. O meu pai, que me estava a limpar com água oxigenada a pisadura que o revólver de Fumero me tinha deixado, parou de chofre. Os nossos olhares encontraram-se. Ouviram-se três novas batidas.

Por um instante julguei que se tratava de Fermín, que talvez tivesse presenciado todo o incidente escondido num recanto escuro da escada.

– Quem é? – perguntou o meu pai.

– Don Anacleto, senhor Sempere.

O meu pai suspirou. Abrimos a porta para deparar com o catedrático, mais pálido que nunca.

– Que foi, don Anacleto? Sente-se bem? – perguntou o meu pai, fazendo-o entrar.

O catedrático trazia um jornal dobrado nas mãos. Limitou-se a estenderno-lo, com um olhar de horror. O papel ainda estava morno e a tinta fresca.

– É a edição de amanhã – murmurou don Anacleto. – Página seis.

A primeira coisa que notei foram as duas fotografias que havia por baixo do título. A primeira mostrava um Fermín mais cheio de carnes e cabelo, talvez quinze ou vinte anos mais novo. A segunda revelava o rosto de uma mulher com os olhos cerrados e a pele de mármore. Levei uns segundos a reconhecê-la, porque me tinha habituado a vê-la entre penumbras.

INDIGENTE ASSASSINA MULHER EM PLENA LUZ DO DIA.

Barcelona – agências (*Redacção*)

A polícia procura o indigente que assassinou esta tarde a punhaladas Nuria Monfort Masdedeu, de trinta e sete anos de idade e residente em

Barcelona.

O crime teve lugar a meio da tarde no bairro de San Gervasio, onde a vítima foi assaltada sem razão aparente pelo indigente, que, segundo parece, e de acordo com informações da Direcção Geral da Polícia, a andava a seguir por motivos que ainda não foram esclarecidos.

Ao que parece, o assassino, António José Gutiérrez Alcayete, de cinquenta e um anos de idade e natural de Villa Inmunda, província de Cáceres, é um conhecido malfeitor com um largo historial de transtornos mentais fugido da prisão Modelo há seis anos e que conseguiu iludir as autoridades desde então assumindo diferentes identidades. No momento do crime vestia uma sotaina. Está armado e a polícia classifica-o como altamente perigoso. Desconhece-se ainda se a vítima e o seu assassino se conheciam ou qual possa ter sido o móbil do crime, embora fontes da Direcção Geral da Polícia indiquem que tudo parece apontar para tal hipótese. A vítima foi objecto de seis ferimentos de arma branca no ventre, pescoço e peito. O assalto, que teve lugar nas imediações de um colégio, foi presenciado por vários alunos que alertaram o corpo docente da instituição, que por sua vez chamou a polícia e uma ambulância. Segundo o relatório policial, os ferimentos sofridos pela vítima foram mortais. A vítima entrou já cadáver no Hospital Clínico de Barcelona às 18.15.

41.

Não tivemos notícias de Fermín em todo o dia. O meu pai insistiu em abrir a livraria como em qualquer outro dia e oferecer uma fachada de normalidade e inocência. A polícia tinha postado um agente defronte da escada e um segundo vigiava a praça de Santa Ana, oculto na entrada da igreja como santo de última hora. Víamo-lo tiritar de frio sob a intensa chuva que tinha chegado com o alvorecer, o hálito de vapor cada vez mais diáfano, as mãos mergulhadas nos bolsos da gabardina. Não era um nem dois vizinhos que passavam de largo, olhando de soslaio através da montra, mas nem um único comprador se aventurou a entrar.

– Já deve ter corrido o rumor – disse eu.

O meu pai limitou-se a assentir. Tinha passado a manhã sem me dirigir a palavra e exprimindo-se por gestos. A página com a notícia do assassinio de Nuria Monfort jazia em cima do balcão. De vinte em vinte minutos aproximava-se e relia com expressão impenetrável. Tinha passado o dia a acumular ira no seu interior, hermético.

– Por mais que leias a notícia uma e outra vez, não passa a ser verdade –

disse eu.

O meu pai ergueu a vista e olhou-me com severidade.

– Tu conhecias esta pessoa? Nuria Monfort?

– Tinha falado com ela um par de vezes – disse eu.

O rosto de Nuria Monfort monopolizou-me o pensamento. A minha falta de sinceridade tinha sabor a náusea. Ainda me perseguia o seu cheiro e o roçar dos seus lábios, a imagem daquela secretária esmeradamente arrumada e o seu olhar triste e sábio. «Um par de vezes.»

– Por que é que tiveste de falar com ela? Que tinha ela que ver contigo?

– Era uma velha amiga de Julián Carax. Fui visitá-la para lhe perguntar o que recordava de Carax. Mais nada. Era filha do Isaac, o guardião. Foi ele que me deu a direcção dela.

– O Fermín conhecia-a?

– Não.

– Como é que podes ter a certeza?

– Como podes tu duvidar dele e dar crédito a essas patranhas? A única coisa que o Fermín sabia dessa mulher foi o que eu lhe contei.

– E era por isso que andava a segui-la?

– Era.

– Porque tu lho tinhas pedido. Guardei silêncio. O meu pai suspirou.

– Não percebes, papá.

– Claro que não. Não te percebo a ti, nem ao Fermín, nem...

– Papá, pelo que sabemos do Fermín, o que diz aí é impossível.

– E que sabemos nós do Fermín, hem? Para começar, está visto que nem sequer sabíamos o verdadeiro nome dele.

– Estás enganado a respeito dele.

– Não, Daniel. Quem está enganado és tu, e em muitas coisas. Quem te manda a ti escarafunchar na vida das pessoas?

– Sou livre de falar com quem quiser.

– Imagino que também te sentes livre das consequências.

– Estás a insinuar que sou responsável pela morte dessa mulher?

– Essa mulher, como tu lhe chamas, tinha nome e apelido, e tu conhecia-la.

– Não preciso que mo lembres – repliquei com lágrimas nos olhos.

O meu pai contemplou-me com tristeza, abanando a cabeça.

– Santo Deus, nem quero pensar em como estará o pobre Isaac – murmurou o meu pai para consigo mesmo.

– Eu não tenho culpa de ela estar morta – disse eu num fio de voz, pensando que talvez se o repetisse suficientes vezes começasse a acreditar nisso.

O meu pai retirou-se para a parte de trás da loja, abanando disfarçadamente

a cabeça.

– Tu lá saberás pelo que és responsável ou não, Daniel. Às vezes, já não sei quem és.

Peguei na gabardina e escapei até à rua e à chuva, onde ninguém me conhecia nem me podia ler a alma.

Entreguei-me à chuva gelada sem rumo fixo. Caminhava com o olhar baixo, arrastando a imagem de Nuria Monfort, sem vida, deitada numa fria laje de mármore, o corpo crivado de punhaladas. A cada passo, a cidade desvanecia-se em meu redor. Ao atravessar um cruzamento na rua Fontanella, não parei nem para olhar o semáforo. Quando senti a pancada do vento na cara voltei-me para uma parede de metal e luz que se lançava sobre mim a toda a velocidade. No último instante, um transeunte à minha retaguarda puxou-me para trás e afastou-me da trajetória do autocarro. Contemplei a fuselagem a cintilar a uns centímetros apenas do meu rosto, uma morte certa desfilando a um décimo de segundo. Quando tomei consciência do que havia acontecido, o transeunte que me tinha salvo a vida afastava-se pela passagem para peões, apenas uma silhueta numa gabardina cinzenta. Fiquei ali pregado, sem respiração. Na miragem da chuva pude notar que o meu salvador tinha parado do outro lado da rua e me observava sob a chuva. Era o terceiro polícia, Palácios. Uma muralha de tráfego deslizou entre nós e, quando voltei a olhar, o agente Palácios já lá não estava.

Encaminhei-me para a casa de Bea, incapaz de esperar mais. Precisava de recordar o que de bom havia em mim, o que ela me tinha dado. Precipitei-me escadas acima a toda a pressa e parei diante da porta dos Aguilar, quase sem fôlego. Peguei na aldraba e bati três vezes com força. Enquanto esperava, armei-me de coragem e adquiri consciência do meu aspecto: ensopado até aos ossos. Afastei o cabelo da testa e disse para comigo que já estava. Se aparecesse o senhor Aguilar disposto a partir-me as pernas e a cara, quanto mais depressa, melhor. Bati de novo e daí a pouco ouvi uns passos aproximarem-se da porta. O ralo entreabriu-se. Um olhar escuro e receoso observava-me.

– Quem é?

Reconheci a voz de Cecilia, uma das criadas ao serviço da família Aguilar.

– Sou o Daniel Sempere, Cecilia.

O ralo fechou-se e daí a uns segundos iniciou-se o concerto de fechaduras e trancas que blindavam a entrada no andar, o portão abriu-se lentamente e Cecilia recebeu-me, de touca e farda, com um círio num castiçal. Pela sua expressão de alarme depreendi que devia oferecer um aspecto cadavérico.

– Boa tarde, Cecília. A menina Bea está?

Olhou-me sem compreender. No protocolo conhecido da casa, a minha presença, que nos últimos tempos era um acontecimento invulgar, era associada

unicamente a Tomás, o meu antigo colega de escola.

– A menina Beatriz não está...

– Saiu?

Cecília, que não passava de um susto perpetuamente cosido a um avental, assentiu.

– Sabes quando voltará?

A criada encolheu os ombros.

– Foi com os senhores ao médico há-de haver umas duas horas.

– Ao médico? Está doente?

– Não sei, menino.

– A que médico foram?

– Eu isso não sei, menino.

Decidi não martirizar mais a pobre criada. A ausência dos pais de Bea abria-me outros caminhos a explorar.

– E o menino Tomás, está em casa?

– Está, sim, menino. Entre, que eu já o aviso.

Entrei no vestíbulo e esperei. Noutros tempos teria ido directamente ao quarto do meu amigo, mas havia já tanto tempo que não ia àquela casa que me sentia de novo um estranho. Cecília desapareceu corredor abaixo envolta na aura de luz, abandonando-me à escuridão. Pareceu-me ouvir a voz de Tomás ao longe e a seguir uns passos que se aproximavam. Improvisei uma desculpa com a qual justificar perante o meu amigo a minha repentina visita. A figura que apareceu no umbral do vestíbulo era de novo a da criada. Cecília dirigiu-me um olhar compungido e desfez-se-me o sorriso amarelo.

– O menino Tomás diz que está muito ocupado e que não o pode ver agora.

– Disseste-lhe quem sou? Daniel Sempere.

– Disse, sim, menino. Disse-me para dizer ao menino que se vá embora.

Nasceu-me um frio no estômago que me decepou a respiração.

– Lamento, menino – disse Cecília.

Assenti, sem saber o que dizer. A criada abriu a porta daquela que, não havia assim tanto tempo, eu tinha considerado a minha segunda casa.

– O menino quer um guarda-chuva?

– Não, obrigado, Cecília.

– Lamento, menino Daniel – reiterou a criada. Sorri-lhe sem força.

– Não te preocupes, Cecília.

A porta fechou-se, encerrando-me na sombra. Permaneci ali uns instantes e depois arrastei-me escadas abaixo. A chuva continuava a recrudescer, implacável. Afastei-me pela rua abaixo. Ao dobrar a esquina parei e voltei-me um instante. Ergui o olhar para o andar dos Aguilar. A silhueta do meu velho amigo Tomás recortava-se

na janela do seu quarto. Contemplava-me imóvel. Cumprimentei-o com a mão. Não me retribuiu o gesto. Daí a poucos segundos retirou-se para o interior. Esperei quase cinco minutos na esperança de o ver reaparecer, mas foi em vão. A chuva arrancou-me as lágrimas e eu afastei-me na sua companhia.

42.

De regresso à livraria passei defronte do cinema Capitol, onde dois pintores empoleirados num andaime contemplavam desolados o cartaz que não tinha acabado de secar a desfazer-se-lhes sob o aguaceiro. A efígie estóica da sentinela de turno postada diante da livraria distinguia-se ao longe. Ao aproximar-me da relojoaria de don Federico Flaviá reparei que o relojoeiro tinha saído ao umbral para contemplar a bátega de água. Ainda se lhe liam no rosto as cicatrizes da sua estadia na esquadra. Vestia um impecável fato de lã cinzenta e segurava um cigarro que não se incomodara a acender. Cumprimentei-o com a mão e ele sorriu-me.

– Que tens tu contra o guarda-chuva, Daniel?

– Que há de mais bonito que a chuva, don Federico?

– A pneumonia. Anda, entra, que já tenho aquilo teu arranjado.

Olhei-o sem compreender. Don Federico olhava-me fixamente, com o sorriso intacto. Limitei-me a assentir e segui-o até ao interior do seu bazar de maravilhas. Mal nos encontrámos lá dentro, estendeu-me um pequeno saco de papel de embrulho.

– Sai já, que aquele paspalho que está a vigiar a livraria não nos tirava os olhos de cima.

Espreitei o interior do saco. Continha um livrinho encadernado a pele. Um missal. O missal que Fermín tinha nas mãos da última vez que o vira. Don Federico, empurrando-me de volta à rua, selou-me os lábios com um grave gesto de assentimento. Uma vez na rua recuperou o semblante risonho e ergueu a voz.

– E não te esqueças de não forçar a manivela ao dar-lhe corda, senão volta a saltar, de acordo?

– Fique descansado, don Federico, e obrigado.

Afastei-me com um nó no estômago que se apertava a cada passo que me aproximava do agente à paisana que vigiava a livraria. Ao passar diante dele cumprimentei-o com a mesma mão que segurava o saco que don Federico me tinha dado. O agente fitava-me com vago interesse. Introduzi-me na livraria. O meu pai continuava de pé atrás do balcão, como se não se tivesse mexido desde a minha partida. Olhou-me pesaroso.

– Ouve, Daniel, acerca daquilo de há bocado...

– Não te preocupes. Tinhas razão.

– Estás a tiritar...

Assenti vagamente e vi-o partir em busca do termos. Aproveitei a circunstância para me enfiar no pequeno lavabo da parte de trás da loja a fim de examinar o missal. A nota de Fermín deslizou no ar, revolteando como uma borboleta. Apanhei-a em voo. A mensagem estava escrita numa folha quase transparente de mortalha de cigarro com uma caligrafia diminuta que tive de segurar contra a luz para poder decifrar.

Amigo Daniel

Não acredite numa palavra do que os jornais dizem sobre o assassinio de Nuria Monfort. Como sempre, é pura aldrabice. Eu estou são, salvo e oculto em lugar seguro. Não procure encontrar-me ou enviar-me mensagens. Destrua esta nota assim que a tiver lido. Não é preciso engoli-la, basta que a queime ou afaça em fânicos. Eu entrarei em contacto consigo graças ao meu engenho e aos bons ofícios de terceiros em concórdia. Peço-lhe que transmita a essência desta mensagem, em cifra e com toda a discrição, à minha amada. Não faça nada. Seu amigo, o terceiro homem,

FRdT.

Começava a reler a nota quando alguém bateu à porta da retrete com os nós dos dedos.

– Pode-se? – perguntou uma voz desconhecida.

Senti um baque no coração. Sem saber que outra coisa fazer, fiz um novelo com a folha de mortalha e enfiei-a na boca. Puxei a corrente e aproveitei o estrondo de canalizações e autoclismos para engolir a bolinha de papel. Sabia a cera e a caramelo Sugus. Ao abrir a porta deparei com o sorriso réptil do agente da polícia que segundos antes tinha estado postado defronte da livraria.

– Desculpe. Não sei se será o ouvir chover todo o dia, mas é que me estava quase a urinar, para não dizer outra coisa...

– Era o que faltava – disse, dando-lhe passagem. – É todo seu.

– Agradecido.

O agente, que à luz da lâmpada me pareceu uma pequena doninha, olhou-me de alto a baixo. O seu olhar de esgoto poisou no missal que eu tinha nas mãos.

– É que eu, se não tiver nada para ler, não há maneira – argumentei.

– Comigo acontece o mesmo. E ainda dizem que os espanhóis não lêem. Empresta-mo?

– Aí em cima do autoclismo tem o último Prémio da Crítica – atalhei. - Infalível.

Afastei-me sem perder a compostura e juntei-me ao meu pai, que me estava a preparar uma chávena de café com leite.

– E esse? – perguntei.

– Jurou-me que se cagava. Que havia eu de fazer?

– Deixá-lo na rua, que assim logo se aquecia. O meu pai franziu o cenho.

– Se não te importas, subo já para casa.

– Claro que não. E veste roupa seca, que ainda apanhas uma pneumonia. O andar estava frio e silencioso. Dirigi-me ao meu quarto e espreitei pela janela. A segunda sentinela continuava lá em baixo, à porta da igreja de Santa Ana. Despi a roupa ensopada e enfiei um pijama grosso e um roupão que tinha sido do meu avô. Deitei-me na cama sem me incomodar a acender a luz e abandonei-me à penumbra e ao som da chuva nos vidros. Fechei os olhos e procurei conciliar a imagem, o toque e o cheiro de Bea. Na noite anterior não tinha pregado olho e não tardou que a fadiga me vencesse. Nos meus sonhos, a silhueta encapuçada de uma parca de vapor cavalgava sobre Barcelona, um vislumbre espectral que pairava sobre torres e telhados, segurando nos seus fios negros centenas de pequenos caixões brancos que deixavam à passagem um rasto de flores negras em cujas pétalas, escrito com sangue, se lia o nome de Nuria Monfort.

Acordei por altura de um alvorecer cinzento, de vidros embaciados. Vesti-me para o frio e calcei umas botas de meio cano. Saí discretamente para o corredor

e atravessasse o andar quase às apalpadelas. Escapuli-me pela porta e saí para a rua. Os quiosques das Ramblas já mostravam as suas luzes ao longe. Abeirei-me do que navegava defronte da embocadura da Rua Tallers e comprei a primeira edição do dia, que ainda cheirava a tinta morna. Corri as páginas a toda a pressa até encontrar a secção da necrologia. O nome de Nuria Monfort jazia caído sob uma cruz de imprensa e senti que me tremia o olhar. Afastei-me com o jornal dobrado debaixo do braço, à procura da escuridão. O enterro era nessa tarde, às quatro, no cemitério de Montjuïc. Voltei a casa fazendo um desvio. O meu pai continuava a dormir e regressei ao meu quarto. Sentei-me à secretária e tirei a minha caneta Meisterstick do estojo. Peguei numa folha em branco e desejei que o aparo me guiasse. Nas minhas mãos, a caneta não tinha nada para dizer. Conjurei em vão as palavras que queria oferecer a Nuria Monfort, mas fui incapaz de escrever ou de sentir fosse o que fosse excepto aquele terror inexplicável da sua ausência, de a saber perdida, arrancada pela raiz. Soube que um dia voltaria para mim, meses ou anos mais tarde, que havia de trazer sempre a sua recordação no contacto de um estranho, de imagens que não me pertenciam, sem saber se era digno de tudo isso. Vais-te em sombras, pensei. Como viveste.

43.

Pouco antes das três da tarde apanhei o autocarro, no Paseo de Colón, que havia de me levar até ao cemitério de Montjuïc. Através do vidro contemplava o bosque de mastros e bandeiras a adejar na doca do porto. O autocarro, que ia quase vazio, contornou a montanha de Montjuïc e tomou a rota que subia até à entrada leste do grande cemitério da cidade. Eu era o último passageiro.

– A que horas passa o último autocarro? – perguntei ao condutor antes de me apear.

– Às quatro e meia.

O condutor deixou-me às portas do recinto. Erguia-se na bruma uma avenida de ciprestes. Até dali, no sopé da montanha, se entrevia a infinita cidade de mortos que tinha escalado a ladeira até ultrapassar o cume. Avenidas de sepulturas, passeios de lápides e vielas de mausoléus, torres coroadas por anjos ígneos e bosques de sepulcros multiplicavam-se uns contra os outros. A cidade dos mortos era uma vala de palácios, um ossário de mausoléus monumentais custodiados por exércitos de estátuas de pedra putrefacta que se enterravam na lama. Respirei fundo e internei-me no labirinto. A minha mãe jazia enterrada a uma centena de metros daquele caminho flanqueado por galerias intermináveis de morte e desolação. A cada passo podia sentir o frio, o vazio e a fúria daquele lugar, o horror do seu

silêncio, dos rostos aprisionados em velhos retratos abandonados à companhia de velas e flores mortas. Daí a pouco consegui ver ao longe os candeeiros de gás acesos em redor da cova. As silhuetas de meia dúzia de pessoas alinhavam-se contra um céu de cinza. Apertei o passo e parei no sítio aonde chegavam as palavras do sacerdote.

O caixão, um cofre de madeira de pinho por polir, repousava no barro. Dois coveiros custodiavam-no, apoiados sobre as pás. Perscrutei os presentes. O velho Isaac, o guardião do Cemitério dos Livros Esquecidos, não tinha comparecido ao enterro da filha. Reconheci a vizinha do patamar da frente, que soluçava sacudindo a cabeça enquanto um homem de aspecto derrotado a consolava acariciando-lhe as costas. O marido, imaginei. Junto a eles havia uma mulher de uns quarenta anos, vestida de cinzento e trazendo um ramo de flores. Chorava em silêncio, desviando a vista da cova e apertando os lábios. Nunca a tinha visto. Separado do grupo, enfiado numa gabardina escura e segurando o guardachuva às costas, estava o polícia que me tinha salvo a vida no dia anterior. Palácios. Ergueu o olhar e observou-me sem pestanejar uns segundos. As palavras cegas do sacerdote, desprovidas de sentido, eram tudo o que nos separava do terrível silêncio. Contemplei o caixão, salpicado de argila. Imaginei-a deitada no interior e não me apercebi de que estava a chorar a não ser quando aquela desconhecida de cinzento se abeirou de mim e me ofereceu uma das flores do seu ramo. Permaneci ali até que o grupo se dispersou e, a um sinal do sacerdote, os coveiros dispuseram-se a fazer o seu trabalho à luz dos candeeiros. Guardei a flor no bolso do sobretudo e afastei-me, incapaz de dizer o adeus que me tinha levado até ali.

Começava a anoitecer quando cheguei à porta do cemitério e supus que já tinha perdido o último autocarro. Dispus-me a empreender uma longa caminhada à sombra da necrópole e comecei a caminhar pela estrada que bordejava o porto, de regresso a Barcelona. Um automóvel preto estava estacionado a uma vintena de metros à frente, com as luzes acesas. Ao aproximar-me, Palácios abriu-me a porta do passageiro e indicou-me que entrasse.

– Entra, que eu levo-te a casa. A estas horas não vais encontrar autocarros nem táxis por aqui.

Hesitei um instante.

– Prefiro ir a pé.

– Não digas disparates. Entra.

Falava com o tom cortante de quem está habituado a mandar e a ser imediatamente obedecido.

– Por favor – acrescentou.

Entrei no carro e o polícia pôs o motor a trabalhar.

– Enrique Palácios – disse, oferecendo-me a mão. Não lha apertei.

– Se me deixar em Colón, já me serve.

O carro arrancou com um sacolejão. Perdemos-nos na estrada e percorremos um bom trecho sem abrir a boca.

– Quero que saibas que sinto muito isto da senhora Monfort.

Nos seus lábios, aquelas palavras pareceram-me uma obscenidade, um insulto.

– Agradeço-lhe ter-me salvo a vida no outro dia, mas tenho de lhe dizer que não me importa a ponta dum corno o que sente, senhor Enrique Palácios.

– Eu não sou o que tu pensas, Daniel. Gostaria de te ajudar.

– Se espera que lhe diga onde está o Fermín, pode-me deixar aqui mesmo.

– Não me interessa nem um bocadinho onde está o teu amigo. Agora não estou de serviço.

Eu não disse nada.

– Não confias em mim, e eu não te culpo. Mas pelo menos ouve-me. Isto já foi longe de mais. Aquela mulher não tinha nada que morrer. Peço-te que deixes correr este assunto e que te esqueças para sempre desse homem, de Carax.

– O senhor fala como se o que está a acontecer fosse vontade minha. Eu sou apenas um espectador. Quem monta o espectáculo são o seu chefe e os senhores.

– Estou farto de enterros, Daniel. Não quero ter de assistir ao teu.

– Ainda bem, porque ninguém o convidou.

– Estou a falar a sério.

– E eu também. Faça o favor de parar e de me deixar aqui.

– Em dois minutos estamos em Colón.

– Para mim vem a dar no mesmo. Este carro cheira a morto, como o senhor. Deixe-me sair.

Palácios abrandou a marcha e parou na berma. Apeei-me do carro e fechei a porta com força, evitando o olhar de Palácios. Esperei que ele se afastasse, mas o polícia não se decidia a arrancar de novo. Voltei-me e vi que abria a janela. Pareceu-me ler sinceridade, até mágoa, no seu rosto, mas neguei-me a dar-lhes crédito.

– Nuria Monfort morreu nos meus braços, Daniel – disse. – Creio que as suas últimas palavras foram uma mensagem para ti.

– Que disse ela? – perguntei, com a voz entorpecida de frio. – Mencionou o meu nome?

– Estava a delirar, mas julgo que se referia a ti. A certa altura disse que há prisões piores do que as palavras. Depois, antes de morrer, pediu-me para te dizer que a deixasses partir.

Olhei-o sem compreender.

– Que deixasse partir quem?

– Uma tal Penélope. Imaginei que devia ser a tua namorada.

Palácios baixou o olhar e partiu com o crepúsculo. Fiquei a ver as luzes do carro perderem-se na tenebrosidade azul e escarlate, desconcertado.

Daí a pouco encaminhei-me de regresso ao Paseo de Colón, repetindo para mim mesmo aquelas palavras de Nuria Monfort sem lhes encontrar significado. Ao chegar à praça do Portal de La Paz parei a contemplar os molhes junto ao embarcadouro dos barcos de transporte. Sentei-me nos degraus que se perdiam nas águas turvas, no mesmo sítio onde, uma noite já perdida muitos anos atrás, tinha visto pela primeira vez Laín Coubert, o homem sem rosto.

– Há prisões piores que as palavras – murmurei.

Só então compreendi que a mensagem de Nuria Monfort não era destinada a mim. Não era eu que devia deixar Penélope fugir. As suas últimas palavras não tinham sido para um estranho, mas sim para o homem que amara em silêncio durante quinze anos: Julián Carax.

44.

Cheguei à praça de San Felipe Neri ao cair da noite. O banco em que tinha avistado Nuria Monfort pela primeira vez jazia aos pés de um candeeiro, vazio e tatuado a canivete com nomes de apaixonados, insultos e promessas. Ergui a vista para as janelas do lar de Nuria Monfort e no terceiro andar notei um relume mortiço, oscilante. Uma vela.

Internei-me na gruta da portaria escura e subi a escada às apalpadelas. Tremiam-me as mãos quando atingi o patamar do terceiro. Um cutelo de luz avermelhada despontava sob o caixilho da porta entreaberta. Poisei a mão na maçaneta e permaneci ali imóvel, à escuta. Julguei ouvir um sussurro, uma respiração entrecortada que provinha do interior. Por um instante pensei que, se abrisse aquela porta, a encontraria à minha espera do outro lado, a fumar ao pé da varanda com as pernas encolhidas e apoiada contra a parede, ancorada no mesmo sítio em que a deixara. Suavemente, receando incomodá-la, abri a porta e entrei no andar. As cortinas da varanda ondulavam na sala. A silhueta estava sentada junto à janela, o rosto sumido a contraluz, imóvel, segurando um círio aceso entre as mãos. Uma pérola de claridade deslizou-lhe pela pele, brilhante como resina fresca, para lhe cair depois no regaço. Isaac Monfort virou-se com o rosto sulcado de lágrimas.

– Não o vi esta tarde no enterro – disse eu.

Abanou a cabeça em silêncio, enxugando os olhos com o avesso da lapela.

– A Nuria não estava lá – murmurou daí a um bocado. – Os mortos nunca comparecem ao seu próprio enterro.

Lançou um olhar em redor, como se com isso me quisesse indicar que a filha estava naquela sala, sentada ao pé de nós na penumbra, a ouvirmos.

– Sabe que nunca tinha estado nesta casa? – perguntou. – Sempre que nos víamos era a Nuria que vinha ter comigo. «Para si é mais fácil, pai - dizia ela. – Para que é que há-de subir escadas?» Eu dizia-lhe sempre: «Bem, se não me convidas, não vou», e ela respondia: «Não é preciso que o convide a ir a minha casa, pai, quem se convida são os estranhos. O pai pode vir quando quiser.» Em mais de quinze anos não a vim ver uma única vez. Disse-lhe sempre que tinha escolhido um bairro mau. Pouca luz. Um prédio velho. Ela só assentia. Como quando lhe dizia que tinha escolhido uma vida má. Pouco futuro. Um marido sem ofício nem benefício. É curioso como julgamos os outros e não nos apercebemos do que há de miserável do nosso desdém a não ser quando nos faltam, a não ser quando no-los tiram. Tiram-nos porque nunca foram nossos... A voz do ancião, despida do seu véu de ironia, ia-se abaixo e soava quase tão velha como o seu olhar.

– A Nuria gostava muito de si, Isaac. Não duvide disso nem por um instante. E consta-me que ela também se sentia amada por si - improvisei.

O velho Isaac abanou de novo a cabeça. Sorria, mas as lágrimas caíam-lhe sem cessar, caladas.

– Talvez gostasse de mim, à sua maneira, como eu gostei dela, à minha.

Mas não nos conhecíamos. Talvez porque eu nunca a tenha deixado conhecer-me, ou nunca tenha dado um passo para a conhecer a ela. Passámos a vida como dois estranhos que todos os dias se viram e se cumprimentam por cortesia. E penso que talvez tenha morrido sem me perdoar.

– Isaac, garanto-lhe...

– O Daniel é jovem e bem se empenha, mas, embora eu tenha bebido e não saiba o que digo, ainda não aprendeu suficientemente a mentir para enganar um velho com o coração podre de misérias.

Baixei o olhar.

– A polícia diz que o homem que a matou é seu amigo – arriscou Isaac.

– A polícia mente. Isaac assentiu.

– Bem sei.

– Garanto-lhe...

– Não é preciso, Daniel. Sei que está a dizer a verdade – disse Isaac, extraindo um envelope do bolso do sobretudo.

– Na tarde antes de morrer, a Nuria veio ver-me, como costumava fazer anos atrás. Lembro-me de que costumávamos ir comer a um café da rua Guardiã, ao qual eu a levava em criança. Falávamos sempre de livros, de livros velhos. Ela contava-me às vezes coisas do seu trabalho, insignificâncias, coisas que se contam a um estranho num autocarro... Uma vez disse-me que lamentava ter sido uma

decepção para mim. Perguntei-lhe onde tinha ido buscar aquela ideia absurda. «Aos seus olhos, pai, aos seus olhos», disse ela. Nem uma única vez me ocorreu que talvez eu tenha sido uma decepção ainda maior para ela. Às vezes julgamos que as pessoas são décimos da lotaria: que estão ali para tornar realidade as nossas ilusões absurdas.

– Isaac, com o devido respeito, bebeu como um cossaco e já não sabe o que diz.

– O vinho transforma o sábio em ignorante, e o ignorante em sábio. Sei o suficiente para compreender que a minha própria filha nunca confiou em mim. Confiava mais em si, Daniel, e só o tinha visto um par de vezes.

– Garanto-lhe que está enganado.

– A última tarde que nos vimos trouxe-me este envelope. Estava muito inquieta, preocupada com qualquer coisa que não me quis contar. Pediu-me que guardasse este envelope e que, se acontecesse alguma coisa, lho entregasse a si.

– Se acontecesse alguma coisa?

– Foram essas as suas palavras. Vi-a tão alterada que lhe propus que fôssemos juntos à polícia, que fosse qual fosse o problema encontraríamos uma solução. Nessa altura ela disse-me que a polícia era o último sítio onde podia ir. Pedi-lhe que me revelasse do que se tratava, mas ela disse que tinha de ir embora e fez-me prometer que lhe entregaria este envelope a si se ela não voltasse para o vir buscar dentro de um par de dias. Pediu-me que não o abrisse. Isaac estendeu o envelope. Continha um maço de folhas de papel escritas à mão.

– Leu-as? – perguntei.

O ancião assentiu lentamente.

– Que dizem?

O ancião ergueu o rosto. Tremiam-lhe os lábios. Pareceu-me que tinha envelhecido cem anos desde a última vez que o vira.

– É a história que o Daniel procurava. A história de uma mulher que nunca conheci, embora tivesse o meu nome e o meu sangue. Agora pertence-lhe a si.

Guardei o envelope no bolso do sobretudo.

– Vou-lhe pedir que me deixe sozinho, aqui com ela, se não se importa.

Há bocado, enquanto lia essas páginas, pareceu-me que a reencontrava. Eu, por mais que me esforce, só me consigo lembrar dela como quando era criança. Em pequena era muito calada, sabe? Olhava para tudo, pensativa, e nunca se ria. Do que mais gostava era das histórias. Pedia-me sempre que lhe lesse histórias e não me parece que tenha havido alguma criança que apreendesse a ler mais cedo. Dizia que queria ser escritora e redigir enciclopédias e tratados de filosofia. A mãe dizia que tudo aquilo era culpa minha, que a Nuria me adorava e, como pensava que o pai só gostava de livros, queria escrever livros para que o pai gostasse dela.

– Isaac, não me parece boa ideia ficar sozinho esta noite. Por que não vem comigo? Fique esta noite lá em casa, e assim faz companhia ao meu pai.

Isac abanou de novo a cabeça.

– Tenho que fazer, Daniel. Vá o Daniel para casa, e leia essas páginas. Pertencem-lhe a si.

O ancião desviou o olhar e eu dirigi-me para a porta. Estava no umbral, quando a voz de Isaac me chamou, apenas um sussurro.

– Daniel?

– Sim.

– Tenha muito cuidado.

Quando saí para a rua pareceu-me que o negrume se arrastava pelo empedrado, pisando-me os calcanhares. Apertei o passo e não afrouxei o ritmo até chegar ao andar de Santa Ana. Ao entrar em casa encontrei o meu pai refugiado no seu cadeirão com um livro aberto no regaço. Era um álbum de fotografias. Ao ver-me, levantou-se com uma expressão de alívio que lhe arrancou o céu de cima.

– Já estava preocupado – disse. – Como foi o enterro?

Encolhi os ombros e o meu pai assentiu gravemente, dando o assunto por encerrado.

– Preparei-te qualquer coisa para o jantar. Se te apetece, volto a aquecer-to e...

– Não tenho fome, obrigado. Petisquei qualquer coisa por aí. Olhou-me nos olhos e assentiu de novo. Voltou-se e começou a levantar os pratos que tinha posto na mesa. Foi então, sem saber bem porquê, que me aproximei dele e o abracei. Senti que o meu pai, surpreendido, me abraçava por sua vez.

– Sentes-te bem, Daniel?

Estreitei o meu pai nos braços com força.

– Gosto muito de ti – murmurei.

Repicavam os sinos da catedral quando comecei a ler o manuscrito de Nuria Monfort. A sua caligrafia miúda e ordenada recordou-me a arrumação da sua secretária, como se tivesse querido procurar nas palavras a paz e a segurança que a vida não quisera conceder-lhe.

NURIA MONFORT: MEMÓRIA DE APARIÇÕES 1933-1955

1.



ão há segundas oportunidades, excepto para o remorso. Julián Carax e eu conhecemo-nos no Outono de 1933. Nessa altura, eu trabalhava para o editor Josep Cabestany. O senhor Cabestany tinha-o descoberto em 1927 durante uma das suas viagens «de prospecção editorial» a Paris. O Julián ganhava a vida tocando piano à tarde numa casa de alterne e escrevia de noite. A dona do estabelecimento, uma tal Irene Marceau, tinha contactos com a maioria dos editores de Paris e, graças aos seus rogos, favores ou ameaças de indiscrição, Julián Carax tinha conseguido publicar vários romances em diferentes editoras com resultados comerciais desastrosos. Cabestany adquirira os direitos exclusivos para editar a obra de Carax em Espanha e na América do Sul por uma quantia irrisória que incluía a tradução dos originais em francês para castelhano por parte do autor. Contava poder vender uns três mil exemplares de cada uma, mas os dois primeiros títulos que publicou em Espanha foram um rotundo fracasso: apenas se vendeu uma centena de exemplares de cada um. Apesar dos maus resultados, de dois em dois anos recebíamos um novo manuscrito do Julián, que Cabestany aceitava sem fazer reparos, alegando que subscrevera um compromisso com o autor, que o lucro não era tudo e que era preciso promover a boa literatura.

Um dia, intrigada, perguntei-lhe por que continuava a publicar romances de Julián Carax e a perder dinheiro no empreendimento. Como única resposta, Cabestany foi até à sua estante, pegou num exemplar de um livro do Julián e convidou-me a lê-lo. Assim fiz. Duas semanas mais tarde tinha-os lido todos. Desta vez a minha pergunta foi como era possível que vendêssemos tão poucos exemplares daqueles romances.

– Não sei – disse Cabestany. – Mas continuaremos a tentar. Pareceu-me um gesto nobre e admirável que não condizia com a imagem fenícia que tinha feito do

senhor Cabestany. Talvez o tivesse julgado mal. A figura de Julián Carax cada vez me intrigava mais. Tudo o que se lhe referia estava envolvido em mistério. Pelo menos uma ou duas vezes por mês alguém telefonava a perguntar a direcção de Julián Carax. Depressa notei que era sempre a mesma pessoa, que se identificava com nomes diferentes. Eu limitava-me a dizer-lhe o que já diziam as contracapas dos livros, que Julián Carax vivia em Paris. Com o tempo, esse homem deixou de telefonar. Eu, por causa das moscas, tinha apagado a direcção de Carax dos arquivos da editora. Eu era a única que lhe escrevia e sabia-a de cor.

Meses mais tarde, por acaso, deparei com as folhas de contabilidade que a casa impressora enviava ao senhor Cabestany. Ao dar-lhes uma vista de olhos reparei que as edições dos livros de Julián Carax eram integralmente custeadas por um indivíduo alheio à empresa do qual eu nunca tinha ouvido falar: Miquel Moliner. Mais, os custos de impressão e distribuição das obras eram substancialmente inferiores à soma facturada ao senhor Moliner. Os números não mentiam: a editora estava a fazer dinheiro imprimindo livros que iam parar directamente a um armazém. Não tive coragem para questionar as inscrições financeiras do senhor Cabestany. Receava perder o meu lugar. O que fiz foi anotar a direcção para a qual enviávamos as facturas em nome de Miquel Moliner, um palacete da rua Puertaferri. Guardei aquela direcção durante meses antes de me atrever a visitá-lo. Finalmente, a minha consciência levou a melhor e fui a casa dele disposta a dizer-lhe que Cabestany o estava a intrujar. Sorriu e disse-me que já sabia.

– Cada qual faz aquilo para que serve.

Perguntei-lhe se fora ele que tinha andado a ligar tantas vezes para averiguar a direcção de Carax. Disse que não e, com ar sombrio, advertiu-me de que não devia dar essa direcção a ninguém. Nunca. Miquel Moliner era um homem enigmático. Vivia sozinho num palácio cavernoso e quase em ruínas que fazia parte da herança do pai, um industrial que enriquecera com o fabrico de armas e, dizia-se, a promoção de guerras. Longe de viver no meio do luxo, o Miquel levava uma existência quase monástica, decidido a dilapidar aquele dinheiro que considerava ensanguentado no restauro de museus, catedrais, escolas, bibliotecas, hospitais e em assegurar-se de que as obras do seu amigo da juventude, Julián Carax, fossem publicadas na sua cidade natal.

– Dinheiro sobra-me, e amigos como o Julián faltam-me – dizia como única explicação.

Mal mantinha contactos com os irmãos ou com o resto da família, aos quais se referia como estranhos. Não se casara e raramente saía do recinto do palácio, no qual ocupava apenas o andar superior. Era ali que tinha montado o seu escritório, onde trabalhava febrilmente escrevendo artigos e colunas para vários jornais e revistas de Madrid e Barcelona, traduzindo artigos técnicos do alemão e do francês,

fazendo a correcção de estilo de enciclopédias e manuais escolares... Miquel Moliner estava possuído por aquela doença da laboriosidade culpada e, embora respeitasse e até invejasse a ociosidade nos outros, fugia dela como da peste. Longe de se gabar da sua ética de trabalho, gracejava sobre a sua compulsão produtiva e descrevia-a como uma forma menor de cobardia.

– Enquanto se trabalha, não se olha a vida nos olhos. Fizemo-nos bons amigos quase sem nos apercebermos. Tínhamos ambos muito em comum, talvez demasiado. O Miquel falava-me de livros, do seu adorado doutor Freud, de música, mas principalmente do seu velho amigo Julián. Víamo-nos quase todas as semanas. O Miquel contava-me histórias dos dias do Julián no colégio de San Gabriel. Conservava uma colecção de antigas fotografias, de relatos escritos por um Julián adolescente. O Miquel adorava o Julián e através das suas palavras e lembranças aprendi a descobri-lo, a inventar uma imagem na ausência. Um ano depois de nos conhecermos, o Miquel Moliner confessou-me que se tinha apaixonado por mim. Não quis feri-lo, mas tão-pouco enganá-lo. Era impossível enganar o Miquel. Disse-lhe que o apreciava imenso, que se tinha convertido no meu melhor amigo, mas que não estava apaixonada por ele. O Miquel disse-me que já sabia. – Estás apaixonada pelo Julián, mas ainda não o sabes. Em Agosto de 1933, o Julián escreveu-me anunciando-me que tinha quase terminado o manuscrito de um novo romance intitulado *O Ladrão de Catedrais*. Cabestany tinha uns contratos pendentes de renovação em Setembro com a Gallimard. Havia já semanas que estava paralisado com um ataque de gota e, como prémio pela minha dedicação, decidiu que fosse eu a França em seu lugar para tratar dos novos contratos e, de caminho, visitar Julián Carax e trazer a nova obra. Escrevi ao Julián anunciando a minha visita para meados de Setembro e perguntando-lhe se me podia recomendar um hotel modesto e de preço acessível. O Julián respondeu dizendo que me podia instalar em casa dele, um modesto andar no bairro de St. Germain, e eu pouparia o dinheiro do hotel para outros gastos. No dia anterior à partida visitei o Miquel para lhe perguntar se tinha alguma mensagem para o Julián. Hesitou um longo pedaço, e depois disse que não.

A primeira vez que vi o Julián em pessoa foi na estação de Austerlitz. O Outono tinha chegado a Paris à traição e a estação estava inundada de nevoeiro. Fiquei à espera na plataforma, enquanto os passageiros se afastavam rumo à saída. Não tardei a ficar só e vi um homem enfiado num sobretudo preto postado à entrada da plataforma que me observava por entre o fumo de um cigarro. Durante a viagem tinha perguntado a mim mesma como ia reconhecer o Julián.

As fotografias que tinha visto dele tinham pelo menos treze ou catorze anos. Olhei para um lado e outro da plataforma. Não havia mais ninguém a não ser aquela figura e eu. Reparei que o homem me contemplava com uma certa curiosidade, talvez esperando outra pessoa, tal como eu. Não podia ser ele. De acordo com os

meus dados, o Julián contava então trinta e dois anos, e aquele homem pareceu-me mais velho. Tinha o cabelo branco e uma expressão de tristeza ou cansaço. Demasiado pálido e demasiado magro, ou talvez fosse só o nevoeiro e o cansaço da viagem. Tinha aprendido a imaginar um Julián adolescente. Aproximei-me daquele desconhecido com cautela e olhei-o nos olhos.

– Julián?

O estranho sorriu-me e assentiu. Carax tinha o sorriso mais bonito do mundo. Era a única coisa que ficava dele.

O Julián ocupava uma água-furtada no bairro de St. Germain. O andar reduzia-se a duas divisões: uma sala com uma cozinha diminuta que dava para uma balaustrada de onde se viam as torres de Notre-Dame emergindo no meio de uma selva de telhados e neblina, e um quarto sem janelas com uma cama de solteiro. A casa de banho ficava ao fundo do corredor do andar de baixo e era compartilhada com o resto dos vizinhos. O conjunto da residência era mais pequeno do que o escritório do senhor Cabestany. O Julián tinha feito uma limpeza conscienciosa e dispusera tudo para me receber com simplicidade e decoro. Fingi estar encantada com a casa, que ainda cheirava ao desinfetante e à cera que o Julián tinha aplicado com mais empenho do que jeito. Via-se que os lençóis da cama estavam por estrear. Pareceu-me que eram de um estampado com desenhos de dragões e castelos. Lençóis de criança. O Julián desculpou-se dizendo que as tinha conseguido a um preço excepcional, mas que eram de primeira qualidade. As que não tinham estampado custavam o dobro, argumentou, e eram mais aborrecidas.

Na sala havia uma secretária de madeira velha virada para a visão das torres da catedral. Sobre ela jazia a máquina Underwood que tinha adquirido com o adiantamento de Cabestany e duas pilhas de folhas de papel, uma em branco e a outra escrita de ambos os lados. O Julián compartilhava o andar com um enorme gato branco ao qual chamava Kurtz. O felino observava-me com receio aos pés do dono, lambendo as garras. Conteí duas cadeiras, um cabide e pouco mais. O resto eram livros. Muralhas de livros cobriam as paredes do chão até ao tecto, em duas camadas. Enquanto eu inspeccionava o lugar, o Julián suspirou.

– Há um hotel a duas ruas daqui. Limpo, acessível e respeitável.

Permiti-me fazer uma reserva...

Tive as minhas hesitações, mas receava ofendê-lo.

– Aqui ficarei perfeitamente, desde que não seja um incómodo para ti, nem para o Kurtz.

O Kurtz e o Julián trocaram um olhar. O Julián abanou a cabeça, e o gato imitou o seu gesto. Não me tinha apercebido do muito que um e outro se pareciam. O Julián insistiu em ceder-me o quarto. Ele, alegava, dormia muito pouco e instalar-se-ia na sala numa cama de armar que lhe tinha sido emprestada pelo vizinho,

monsieur Darcieu, um ancião ilusionista que lia as linhas da mão às meninas a troco de um beijo. Naquela primeira noite dormi de uma assentada, esgotada pela viagem. Acordei ao alvorecer e descobri que o Julián tinha saído. O Kurtz dormia em cima da máquina de escrever do dono. Ressonava como um mastim. Aproximei-me da secretária e vi o manuscrito do novo romance que tinha vindo buscar.

O Ladrão de Catedrais.

Na primeira página, tal como em todos os romances do Julián, figurava a legenda, escrita à mão:

Para P.

Senti-me tentada a começar a ler. Estava a ponto de pegar na segunda página quando reparei que o Kurtz me olhava de esguelha. Tal como tinha visto o Julián fazer, abanei a cabeça. O gato abanou-a por sua vez, e eu devolvi as páginas ao seu lugar. Daí a pouco, o Julián apareceu trazendo pão acabado de fazer, um termos de café e queijo fresco. Tomámos o pequeno-almoço na balaustrada. O Julián falava sem parar mas evitava o meu olhar. À luz do alvorecer pareceu-me uma criança envelhecida. Tinha feito a barba e vestido aquilo que supus ser a sua única indumentária decente, um fato de algodão de cor creme que parecia coçado mas elegante. Ouvi-o falar-me dos mistérios de Notre-Dame, de uma suposta barça fantasma que sulcava o Sena à noite recolhendo as almas dos amantes desesperados que se tinham suicidado atirando-se às águas geladas, de mil e um feitiços que inventava do pé para a mão a fim de que eu não lhe pudesse perguntar nada. Eu contemplava-o em silêncio, assentindo, procurando nele o homem que escrevera os livros que conhecia quase de cor de tanto os reler, o rapaz que o Miquel Moliner me descrevera tantas vezes.

– Quantos dias vais estar em Paris? – perguntou ele.

Os meus assuntos com a Gallimard iam levar-me uns dois ou três dias, imaginava eu. O meu primeiro encontro era nessa mesma tarde. Disse-lhe que tinha pensado tirar um par de dias para conhecer a cidade antes de regressar a Barcelona.

– Paris exige mais de dois dias – disse o Julián. – Não se compadece com razões.

– Não disponho de mais tempo, Julián. O senhor Cabestany é um patrão generoso, mas tudo tem um limite.

– O Cabestany é um pirata, mas até ele sabe que Paris não se vê em dois

dias, nem em dois anos.

– Não posso estar dois anos em Paris, Julián.

O Julián fitou-me durante um longo espaço de tempo em silêncio e sorriu-me.

– Porquê? Tens alguém à espera?

As diligências com a Gallimard e as minhas visitas de cortesia a vários editores com os quais Cabestany tinha contratos ocuparam três dias completos, tal como previra. O Julián tinha-me atribuído um guia e protector, um rapaz chamado Hervé que contava apenas treze anos e conhecia perfeitamente a cidade. O Hervé acompanhava-me de porta em porta, tinha o cuidado de me indicar em que cafés comer qualquer coisa, que ruas evitar, que vistas aproveitar. Esperava-me durante horas à porta dos escritórios dos editores sem perder o sorriso e sem aceitar qualquer gorjeta. O Hervé arranhava um espanhol divertido, que misturava com matizes de italiano e português.

– Signore Carax já me ha pagato com tuoda generosidade pos meus serviços...

Segundo consegui deduzir, o Hervé era órfão de uma das damas do estabelecimento de Irene Marceau, em cujo sótão vivia. O Julián tinha-lhe ensinado a ler, escrever e a tocar piano. Aos domingos levava-o ao teatro ou a um concerto. O Hervé idolatrava o Julián e parecia disposto a fazer fosse o que fosse por ele, incluindo guiar-me até ao fim do mundo se fosse necessário. No nosso terceiro dia juntos perguntou-me se eu era namorada do signore Carax. Disse-lhe que não, apenas uma amiga de visita. Pareceu decepcionado.

O Julián passava quase todas as noites em claro, sentado à sua secretária com o Kurtz no regaço, a rever páginas ou simplesmente a olhar para as silhuetas das torres da catedral ao longe. Uma noite em que eu tão-pouco conseguia dormir por causa do ruído da chuva a arranhar o telhado, saí para a sala. Olhá-mo-nos sem dizer nada e o Julián ofereceu-me um cigarro. Contemplámos a chuva em silêncio durante um longo espaço de tempo. Depois, quando a chuva parou, perguntei-lhe quem era P.

– Penélope – respondeu.

Pedi-lhe que me falasse dela, daqueles treze anos de exílio em Paris. A meia-voz, na penumbra, o Julián contou-me que Penélope era a única mulher que amara.

Uma noite de Inverno de 1941(*1), Irene Marceau encontrou o Julián Carax a vaguear pelas ruas, incapaz de se lembrar do seu nome e a vomitar sangue. Trazia consigo apenas umas moedas e umas páginas dobradas, escritas à mão. Irene leu-as, e julgou que tinha dado com um autor famoso, perdido de bêbado, e que talvez um editor generoso a recompensasse quando ele recobrasse o conhecimento. Essa era

pelo menos a sua versão, mas o Julián sabia que lhe salvara a vida por compaixão. Passara seis meses num quarto no sótão do bordel de Irene, a restabelecer-se. Os médicos advertiram Irene de que, se aquele indivíduo se voltasse a envenenar, não respondiam por ele. Tinha destruído o estômago e o fígado, e ia passar o resto dos seus dias sem se poder alimentar a não ser de leite, queijo fresco e pão mole. Quando o Julián recuperou a fala, Irene perguntou-lhe quem era.

**1. Provavelmente esta data é 1931 (N. D.)*

– Ninguém – respondeu o Julián.

– Pois ninguém vive à minha custa. Que sabes tu fazer? O Julián disse que sabia tocar piano.

– Mostra.

O Julián sentou-se ao piano do salão e, perante uma intrigada assistência de quinze putazinhas adolescentes em trajes menores, interpretou um nocturno de Chopin. Todas aplaudiram menos Irene, que disse que aquilo era música de mortos e que elas estavam no negócio dos vivos. O Julián tocou para ela um ragtime e um par de peças de Offenbach.

– Isso é melhor.

O seu novo emprego granjeava-lhe um ordenado, um tecto e duas refeições quentes por dia.

Em Paris sobreviveu graças à caridade de Irene Marceau, que era a única pessoa que o entusiasmava a continuar a escrever. Ela gostava de novelas românticas e das biografias de santos e mártires, que a intrigavam enormemente. Na sua opinião, o problema do Julián era que tinha o coração envenenado e que por isso só conseguia escrever aquelas histórias de espantos e trevas. Apesar dos seus reparos, fora Irene quem conseguira que o Julián encontrasse editor para os seus primeiros romances, quem lhe tinha arranjado aquela água-furtada onde se escondia do mundo, quem o vestia e arrancava de casa para apanhar sol e ar, quem lhe comprava livros e o obrigava a acompanhá-la à missa ao domingo e depois a passear pelas Tulherias. Irene Marceau mantinha-o vivo sem lhe pedir outra coisa em troca a não ser a sua amizade e a promessa de que continuaria a escrever. Com o tempo, Irene permitiu-lhe que levasse uma ou outra das raparigas para a água-furtada, mesmo que fosse só para dormirem abraçados. Irene gracejava dizendo que elas estavam quase todas tão sozinhas como ele e a única coisa que queriam era algum carinho.

– O meu vizinho, monsieur Darcieu, tem-me pelo homem mais feliz do universo.

Perguntei-lhe por que razão nunca tinha regressado a Barcelona para reencontrar a Penélope. Mergulhou num longo silêncio e, quando lhe procurei o rosto

na escuridão, encontrei-o sulcado de lágrimas. Sem saber bem o que fazia, ajoelhei-me junto dele e abracei-o. Permanecemos assim, abraçados naquela cadeira, até que o alvorecer nos surpreendeu. Já não sei quem beijou primeiro quem, nem se isso tem importância. Sei que encontrei os seus lábios e que me deixei acariciar sem me aperceber de que também eu estava a chorar e não sabia porquê. Naquele amanhecer, e em todos os que se seguiram durante as duas semanas que passei com o Julián, amámo-nos no chão, sempre em silêncio. Depois, sentados num café ou a passear pelas ruas, eu olhava-o nos olhos e sabia sem necessidade de lho perguntar que ele continuava a amar a Penélope. Lembro-me de que nesses dias aprendi a odiar aquela rapariga de dezessete anos (porque para mim a Penélope teve sempre dezessete anos), que nunca conhecera e com a qual começava a sonhar. Inventei mil e uma desculpas para telegrafar a Cabestany e prolongar a minha estadia. Já não me preocupava perder aquele emprego nem a existência cinzenta que deixara em Barcelona. Perguntei muitas vezes a mim mesma se terei chegado a Paris com uma vida tão vazia que caí nos braços do Julián como as raparigas de Irene Marceau, que mendigavam carinho a contragosto. Só sei que aquelas duas semanas que passei com o Julián foram o único momento da minha vida em que senti por uma vez que era eu mesma, em que compreendi com aquela absurda clareza das coisas inexplicáveis que nunca poderia gostar de outro homem como gostava do Julián, mesmo que passasse o resto dos meus dias a tentá-lo. Um dia o Julián adormeceu nos meus braços, exausto. Na tarde anterior, ao passar defronte da montra de uma loja de penhores, tinha parado para me mostrar uma caneta de tinta permanente que estava exposta na vitrina havia anos e que segundo o lojista tinha pertencido a Victor Hugo. O Julián nunca tivera um cêntimo para a comprar, mas ia vê-la todos os dias. A caneta custava uma fortuna que eu não tinha, mas o lojista disse-me que me aceitaria um cheque em pesetas sobre qualquer banco espanhol com balcão em Paris. Antes de morrer, a minha mãe tinha-me prometido que amealharia durante anos para me comprar um vestido de noiva. A caneta de Victor Hugo levou o meu véu de roldão e, embora soubesse que era uma loucura, nunca gastei dinheiro de melhor vontade. Ao sair da loja com o fabuloso estojo, reparei numa mulher que me seguia. Era uma dama muito elegante, com o cabelo prateado e os olhos mais azuis que alguma vez vi. Aproximou-se de mim e apresentou-se. Era Irene Marceau, a protectora do Julián. O meu moço de cego Hervé tinha-lhe falado de mim.

Só queria conhecer-me e perguntar-me se eu era a mulher de quem o Julián tinha estado à espera todos aqueles anos. Não precisei de responder. Irene limitou-se assentir e beijou-me na face. Vi-a afastar-se pela rua abaixo e soube então que o Julián nunca seria meu, que o tinha perdido antes de começar. Regressei à água-furtada com o estojo da caneta oculto na mala. O Julián esperava-me acordado. Despiu-me sem dizer nada e fizemos amor pela última vez. Quando me perguntou

por que chorava, disse-lhe que eram lágrimas de felicidade. Mais tarde, quando o Julián desceu a fim de ir buscar qualquer coisa para comer, fiz a mala e deixei o estojo com a caneta em cima da sua máquina de escrever. Meti o manuscrito do romance na mala e parti antes que o Julián regressasse. No patamar encontrei-me com monsieur Darcieu, o velhote ilusionista que lia a mão das raparigas a troco de um beijo. Pegou-me na mão esquerda e observou-me com tristeza.

– *Vous avez poison au coeur, mademoiselle.*

Quando quis satisfazer a sua tarifa, abanou suavemente a cabeça e foi ele quem me beijou a mão.

Cheguei à estação de Austerlitz mesmo a tempo de apanhar o comboio do meio-dia para Barcelona. O revisor que me vendeu o bilhete perguntou-me se me sentia bem. Assenti e encerrei-me no compartimento. O comboio partia já quando olhei pela janela e avistei a silhueta do Julián na plataforma, no mesmo sítio onde o tinha visto a primeira vez. Fechei os olhos e não os abri até o comboio deixar para trás a estação e aquela cidade enfeitiçada à qual nunca poderia regressar. Cheguei a Barcelona ao amanhecer do dia seguinte. Nesse dia fiz vinte e quatro anos, sabendo que o melhor da minha vida tinha ficado para trás.

2.

No meu regresso a Barcelona deixei passar algum tempo antes de voltar a visitar o Miquel Moliner. Precisava de tirar Julián da cabeça e percebia que, se o Miquel me perguntasse por ele, não ia saber o que dizer. Quando nos encontrámos de novo não foi preciso dizer-lhe nada. O Miquel olhou-me nos olhos e limitou-se a assentir. Pareceu-me mais magro do que antes da minha viagem a Paris, o rosto de uma palidez quase enfermiza, que atribuí ao excesso de trabalho com que se castigava. Confessou-me que estava a passar por dificuldades económicas. Tinha gasto quase todo o dinheiro que herdara nas suas doações filantrópicas e agora os advogados dos irmãos estavam a tratar de o desalojar do palacete alegando que uma cláusula do testamento do velho Moliner especificava que o Miquel só poderia fazer uso daquele lugar desde que o mantivesse em boas condições e pudesse demonstrar solvência para manter o imóvel. Caso contrário, o palácio de Puertaferri passaria à custódia dos seus outros irmãos.

– Até antes de morrer, o meu pai teve a intuição de que eu ia gastar o seu dinheiro em tudo aquilo que ele detestava em vida, até ao último cêntimo.

Os seus proventos como colunista e tradutor estavam longe de lhe permitir manter semelhante domicílio.

– O difícil não é ganhar dinheiro do pé para a mão – lamentava-se. – O

difícil é ganhá-lo fazendo alguma coisa a que valha a pena dedicar a vida.

Suspeitei que estava a começar a beber às escondidas. Às vezes tremiam-lhe as mãos. Eu visitava-o todos os domingos e obrigava-o a sair à rua e a afastar-se da sua mesa de trabalho e das suas enciclopédias. Sabia que o magoava ver-me. Agia como se não se lembrasse de que me tinha proposto casamento e que eu o tinha rejeitado, mas às vezes surpreendia-o a observar-me com ânsia e desejo, com um olhar de derrota. A minha única desculpa para o submeter àquela crueldade era puramente egoísta: só o Miquel sabia a verdade sobre o Julián e a Penélope Aldaya.

Durante aqueles meses que passei afastada do Julián, a Penélope Aldaya tinha-se convertido num espectro que me devorava o sono e o pensamento. Ainda recordava a expressão de decepção no rosto de Irene Marceau ao verificar que eu não era a mulher de que o Julián estava à espera. A Penélope Aldaya, ausente e à traição, era uma inimiga demasiado poderosa para mim. Invisível, imaginava-a perfeita, uma luz em cuja sombra me perdia, indigna, vulgar, tangível. Nunca julgara possível que pudesse odiar tanto, e tão contra a minha vontade, alguém que nem sequer conhecia, que nunca vira uma única vez. Suponho que julgava que, caso a encontrasse cara a cara, caso verificasse que ela era de carne e osso, o seu feitiço se quebraria e o Julián voltaria a ser livre. E eu com ele. Quis acreditar que era uma questão de tempo, de paciência. Mais tarde ou mais cedo, o Miquel contar-me-ia a verdade. E a verdade far-me-ia livre. Um dia, enquanto passeávamos pelo claustro da catedral, o Miquel voltou a insinuar o seu interesse por mim. Fitei-o e vi um homem só, sem esperanças. Sabia o que fazia quando o levei a casa e me deixei seduzir por ele. Sabia que estava a enganá-lo, e que ele o sabia também, mas não tinha mais nada no mundo. Foi assim que nos convertemos em amantes, por desespero. Eu via nos seus olhos o que teria querido ver nos do Julián. Sentia que, ao entregar-me a ele, me vingava do Julián e da Penélope e de tudo aquilo que me era negado. O Miquel, que estava doente de desejo e de solidão, sabia que o nosso amor era uma farsa, e mesmo assim não conseguia deixar-me ir. Cada dia bebia mais e muitas vezes mal conseguia possuir-me. Então gracejava amargamente que no fim de contas nos tínhamos transformado num casal exemplar num tempo recorde. Estávamos a fazer mal um ao outro por despeito e cobardia. Uma noite, quando se completava quase um ano sobre o meu regresso de Paris, pedi-lhe que me contasse a verdade sobre a Penélope. O Miquel tinha bebido e tornou-se violento, como nunca o tinha visto antes. Cheio de raiva, insultou-me e acusou-me de nunca ter gostado dele, de ser uma rameira qualquer. Fez-me a roupa em farrapos e, quando me quis forçar, eu deitei-me, oferecendo-me sem resistência e chorando em silêncio. O Miquel foi-se abaixo e suplicou-me que o perdoasse. Quanto teria gostado de tê-lo amado a ele e não ao Julián, de poder optar por ficar ao seu lado! Mas não podia. Abraçámo-nos na escuridão e pedi-lhe perdão por todo o mal que lhe tinha feito.

Disse-me então que se isso era realmente o que eu queria, me contaria a verdade sobre a Penélope Aldaya. Até nisso me enganei. Naquele domingo de 1919 em que o Miquel Moliner tinha ido à estação de Francia entregar o bilhete para Paris e despedir-se do seu amigo Julián, já sabia que a Penélope não compareceria ao encontro. Sabia que dois dias antes, quando don Ricardo Aldaya regressara de Madrid, a mulher lhe tinha confessado que surpreendera o Julián e a sua filha Penélope no quarto da aia Jacinta. O Jorge Aldaya tinha revelado ao Miquel o sucedido no dia anterior, fazendo-o jurar que nunca o contaria a ninguém. O Jorge explicou-lhe que, ao receber a notícia, don Ricardo explodiu de cólera e, gritando como um louco, correu ao quarto da Penélope, que ao ouvir a berraria do pai se fechara à chave e chorava de terror. Don Ricardo deitou a porta abaixo a pontapé e encontrou a Penélope de joelhos, tremendo e suplicando o seu perdão. Don Ricardo pregou-lhe então uma bofetada que a deitou ao chão. Nem o próprio Jorge foi capaz de repetir-lhe as palavras que don Ricardo proferiu, ardendo de raiva. Todos os membros da família e a criadagem esperavam em baixo, atemorizados, sem saber o que fazer. Jorge ocultou-se no seu quarto, às escuras, mas mesmo ali chegavam os gritos de don Ricardo. A Jacinta foi despedida nesse mesmo dia. Don Ricardo nem se dignou vê-la. Ordenou aos criados que a pusessem fora de casa e ameaçou-os com um destino similar se qualquer deles voltasse a ter algum contacto com ela. Quando don Ricardo desceu à biblioteca era já meia-noite. Deixara a Penélope fechada à chave naquele que tinha sido o quarto da Jacinta e proibiu terminantemente que alguém subisse para a ver, nem membros da criadagem nem da família. Do seu quarto, o Jorge ouviu os pais falarem no andar de baixo. O médico chegou de madrugada. A senhora Aldaya conduziu-o até à alcova onde mantinham a Penélope encerrada e esperou à porta enquanto o médico a observava. Ao sair, o médico limitou-se a assentir e a receber o seu pagamento.

O Jorge ouviu don Ricardo dizer-lhe que, se comentasse com alguém o que ali tinha visto, ele se encarregaria pessoalmente de lhe arruinar a reputação e de impedir que voltasse a exercer medicina. Até o Jorge sabia o que isso significava.

O Jorge confessou estar muito preocupado com a Penélope e com o Julián. Nunca tinha visto o pai possuído por semelhante cólera. Mesmo tendo em conta a ofensa cometida pelos amantes, não compreendia o alcance daquela ira. Tem de haver alguma coisa mais, disse, alguma coisa mais. Don Ricardo dera já ordens para que o Julián fosse expulso do colégio de San Gabriel e entrara em contacto com o pai do rapaz, o chapeleiro, para o meter imediatamente no Exército. O Miquel, ao ouvir aquilo, decidiu que não podia dizer a verdade a Julián. Se lhe revelasse que don Ricardo Aldaya mantinha a Penélope encerrada e que ela trazia nas entranhas o filho de ambos, o Julián nunca apanharia aquele comboio para Paris. Sabia que ficar em Barcelona seria o fim do amigo. Assim, decidiu enganá-lo e deixá-lo partir para

Paris sem saber o que tinha sucedido, permitindo-lhe acreditar que a Penélope mais tarde ou mais cedo se lhe reuniria. Ao despedir-se do Julián naquele dia na estação de Francia, queria crer que nem tudo estava perdido.

Dias mais tarde, quando se soube que o Julián tinha desaparecido, abriram-se os infernos. Don Ricardo Aldaya deitava espuma pela boca. Pôs meio departamento da polícia na procura e captura do fugitivo, sem êxito. Acusou então o chapeleiro de ter sabotado o plano que tinham combinado e ameaçou-o com a ruína absoluta. O chapeleiro, que não percebia nada, acusou por sua vez a sua mulher Sophie de ter tramado a fuga daquele filho infame e ameaçou-a de a pôr na rua para sempre. A ninguém ocorreu que era o Miquel Moliner que tinha idealizado todo o assunto. A ninguém excepto ao Jorge Aldaya, que duas semanas mais tarde o foi ver. Já não ressumava o temor e a preocupação que o tinham imobilizado dias atrás. Aquele era outro Jorge Aldaya, adulto e esbulhado de inocência. Fosse o que fosse que se ocultava atrás da raiva de don Ricardo, o Jorge tinha-o descoberto. O motivo da visita era sucinto: disse-lhe que sabia que era ele que tinha ajudado o Julián a fugir. Anunciou-lhe que já não eram amigos, que nunca mais o queria voltar a ver e ameaçou matá-lo se contasse a alguém o que lhe tinha revelado duas semanas antes.

Umas semanas mais tarde, o Miquel recebeu a carta sob nome falso que o Julián enviava de Paris dando-lhe a sua direcção e comunicando-lhe que estava bem e sentia a sua falta e interessando-se pela sua mãe e pela Penélope. Incluía uma carta dirigida à Penélope para que o Miquel a reexpedisse de Barcelona, a primeira de tantas que a Penélope nunca chegaria a ler. O Miquel deixou passar prudentemente uns meses. Escrevia semanalmente ao Julián referindo-lhe apenas aquilo que julgava oportuno, que era quase nada. O Julián, por sua vez, falava-lhe de Paris, de quanto tudo se estava a revelar difícil, de como se sentia só e desesperado. O Miquel enviava-lhe dinheiro, livros e a sua amizade. Juntamente com cada carta, o Julián acompanhava as suas remessas de outra missiva para a Penélope. O Miquel mandava-as por diferentes estafetas, mesmo sabendo que era inútil. Nas suas cartas, o Julián não parava de perguntar pela Penélope. O Miquel não podia contar-lhe nada. Sabia pela Jacinta que a Penélope não saíra de casa desde que o pai a tinha fechado no quarto do terceiro andar. Uma noite, o Jorge Aldaya saiu-lhe ao caminho no meio das sombras a dois quarteirões de sua casa. «Vens já matar-me?», perguntou o Miquel. O Jorge anunciou que lhe vinha fazer um favor a ele e ao seu amigo Julián. Entregou-lhe uma carta e sugeriu-lhe que a fizesse chegar ao Julián, onde quer que se tivesse ocultado. «Para bem de todos», sentenciou. O envelope continha uma folha de papel escrita pelo punho da Penélope Aldaya.

Escrevo-te para te anunciar o meu casamento próximo e para te pedir que não me escrevas mais, que me esqueças e que refaças a tua vida. Não te guardo rancor, mas não seria sincera se não te confessasse que nunca te amei e nunca poderei amar-te. Desejo-te o melhor, onde quer que estejas.

Penélope.

O Miquel leu-a e releu-a mil vezes. O traço era inequívoco, mas não acreditou nem por um momento que Penélope tivesse escrito aquela carta por vontade própria. «Onde quer que estejas...» A Penélope sabia perfeitamente onde o Julián estava: em Paris, à espera dela. Se fingia desconhecer o seu paradeiro, reflectiu o Miquel, era para o proteger. Por esse mesmo motivo, o Miquel não conseguia compreender o que poderia tê-la levado a redigir aquelas linhas. Que mais ameaças podia don Ricardo Aldaya brandir sobre ela do que mantê-la encerrada durante meses naquela alcova como uma prisioneira? Mais do que ninguém, a Penélope sabia que aquela carta constituía uma punhalada envenenada no coração do Julián: um jovem de dezenove anos, perdido numa cidade distante e hostil, abandonado por todos, sobrevivendo com dificuldade graças a vãs esperanças de a voltar a ver. De que queria protegê-lo ao afastá-lo daquela maneira de junto de si? Depois de muito meditar, o Miquel decidiu não enviar a carta. Não sem antes saber a sua causa. Sem uma boa razão, não seria a sua mão que enterraria aquele punhal na alma do amigo.

Dias mais tarde soube que don Ricardo Aldaya, farto de ver a Jacinta Coronado a rondar como uma sentinela as portas de sua casa mendigando notícias da Penélope, tinha recorrido às suas muitas influências e feito encerrar a aia da filha no manicómio de Horta. Quando o Miquel Moliner quis visitá-la, foi-lhe negada autorização. A Jacinta Coronado ia passar os seus três primeiros meses numa cela incomunicável. Depois de três meses no silêncio e na escuridão, explicou-lhe um dos médicos, um indivíduo muito jovem e sorridente, a docilidade da paciente estava garantida. Seguindo um pressentimento, o Miquel decidiu visitar a pensão em que a Jacinta tinha estado a viver durante os meses subsequentes ao seu despedimento. Ao identificar-se, a patroa recordou que a Jacinta deixara uma mensagem em seu nome e três semanas por pagar. Liquidou a dívida e apoderou-se da mensagem em que a aia dizia que tinha conhecimento de que uma das criadas da casa, Laura, fora despedida ao saber-se que tinha enviado em segredo uma carta escrita pela Penélope ao Julián. O Miquel deduziu que a única direcção para a qual a Penélope, do seu cativeiro,

teria podido dirigir a missiva era para o andar dos pais do Julián, na Ronda de San António, contando que eles por sua vez a fizessem chegar ao filho, em Paris.

Decidiu, pois, visitar Sophie Carax a fim de recuperar aquela carta para a enviar a Julián. Ao visitar o domicílio da família Fortuny, o Miquel teve uma surpresa de mau agouro: Sophie Carax já não residia ali. Tinha abandonado o marido uns dias atrás, ou esse era o rumor que circulava na escada. O Miquel tentou então falar com o chapeleiro, que passava os dias encerrado na sua loja carcomido pela raiva e pela humilhação. O Miquel insinuou-lhe que tinha vindo buscar uma carta que devia ter chegado em nome do seu filho Julián havia uns dias.

– Eu não tenho nenhum filho – foi a única resposta que obteve.

O Miquel Moliner saiu dali sem saber que aquela carta tinha ido parar às mãos da porteira do edifício e que muitos anos depois tu, Daniel, a encontrarias e lerias as palavras que a Penélope tinha enviado, desta vez do coração, ao Julián, e que ele nunca chegou a receber. Ao sair da chapelaria Fortuny, uma vizinha da escada que se identificou como a Viçenteta abeirou-se dele e perguntou-lhe se estava à procura de Sophie. O Miquel assentiu.

– Sou amigo do Julián.

A Viçenteta informou-o de que Sophie estava a viver com dificuldades numa pensão situada numa viela atrás do edifício dos Correios à espera da partida do barco que a levaria para a América. O Miquel foi àquela direcção, uma escada acanhada e miserável que evitava a luz e o ar. No cimo daquela espiral poeirenta de degraus inclinados, o Miquel encontrou Sophie Carax numa divisão do quarto andar, encharcada de sombras e humidade. A mãe do Julián estava de frente para a janela sentada na borda de um catre no qual ainda jaziam duas malas fechadas como caixões encerrando os seus vinte e dois anos em Barcelona. Ao ler a carta assinada pela Penélope que o Jorge Aldaya tinha entregado ao Miquel, Sophie derramou lágrimas de raiva.

– Ela sabe – murmurou. – Sabe, coitadinha...

– Sabe o quê? – perguntou o Miquel.

– A culpa é minha – disse Sophie. – A culpa é minha.

O Miquel segurava-lhe as mãos, sem compreender. Sophie não se atreveu a enfrentar-lhe o olhar.

– A Penélope e o Julián são irmãos – murmurou.

3.

Muitos anos antes de se converter na escrava de Antoni Fortuny, Sophie Carax tinha sido uma mulher que vivia do seu talento. Contava apenas dezenove

anos quando chegou a Barcelona em busca de uma promessa de emprego que nunca se viria a materializar. Antes de morrer, o pai tinha-lhe conseguido referências para que entrasse ao serviço dos Benarens, uma próspera família de comerciantes alsacianos estabelecida em Barcelona.

– Quando eu morrer – instou-a -, vai ter com eles, e acolher-te-ão como a uma filha.

O caloroso acolhimento que recebeu foi parte do problema. *Monsieur* Benarens tinha decidido acolhê-la de braços, e gónadas, abertos e a toda a força. Madame Benarens, não sem se apiedar dela e da sua má sorte, entregou-lhe cem pesetas e pô-la na rua.

– Tu tens toda a vida pela frente, mas eu só tenho este marido miserável e lúbrico.

Uma escola de música da Rua Diputación prestou-se a dar-lhe emprego como professora particular de piano e solfejo. Era à época de bom-tom que as filhas de famílias bem instaladas fossem instruídas nas artes sociais e aspergidas com o dom da música de salão, onde a polaca era menos perigosa do que a conversa ou as leituras questionáveis. Assim, Sophie Carax começou a sua rotina de visitar casarões apalaçados onde criadas engomadas e mudas a conduziam a salões de música nos quais a infância hostil da aristocracia industrial a esperava para fazer troça do seu sotaque, da sua timidez ou da sua condição de serviçal, mais ou menos pentagrama. Com o tempo aprendeu a concentrar-se naquela exígua décima parte dos seus alunos que se elevava acima da condição de vermes perfumados, e a esquecer o resto.

Por essa altura, Sophie conheceu um jovem chapeleiro (pois assim se fazia ele chamar com orgulho corporativo) chamado Antoni Fortuny que parecia decidido a fazer-lhe a corte a qualquer preço. Antoni Fortuny, por quem Sophie sentia uma cordial amizade e nada mais, não tardou a propor-lhe casamento, oferta que Sophie rejeitava uma dúzia de vezes por mês. Cada vez que se despediam, Sophie contava nunca mais voltar a vê-lo, porque não desejava magoá-lo. O chapeleiro, impermeável a toda a negativa, voltava ao ataque, convidando-a para um baile ou para dar um passeio ou para um lanche de biscoitos e chocolate na rua Canuda. Sozinha em Barcelona, Sophie achava difícil resistir ao seu entusiasmo, à sua companhia e à sua devoção. Bastava-lhe olhar para Antoni Fortuny para saber que nunca o poderia amar. Não como ela sonhava vir um dia a amar alguém. Mas custava-lhe rejeitar a imagem de si mesma que via nos olhos enfeitiçados do chapeleiro. Só neles via a Sophie que teria desejado ser.

Assim, por ânsia ou debilidade, Sophie continuava a brincar com a corte do chapeleiro, convencida de que um dia ele conheceria outra rapariga mais pelos ajustes e partiria em rumos mais proveitosos. Entretanto, sentir-se desejada e

apreciada bastava para queimar a solidão e a nostalgia de tudo quanto tinha deixado para trás. Via Antoni aos domingos, a seguir à missa. O resto da semana dedicava-o às suas aulas de música. A sua aluna predilecta era uma rapariga de notável talento chamada Ana Valls, filha de um próspero fabricante de maquinaria têxtil que fizera a sua fortuna a partir do nada, à custa de enormes esforços e sacrifícios, mormente alheios. Ana declarava o seu desejo de vir a ser uma grande compositora e interpretava para Sophie pequenas peças que compunha imitando motivos de Grieg e Schumann, não sem um certo engenho. O senhor Valls, convencido de que as mulheres eram incapazes de compor outra coisa que não fossem meias e colchas de renda, via contudo com bons olhos que a sua filha se convertesse numa competente intérprete ao teclado, pois tinha planos de a casar com algum herdeiro de bom apelido, e sabia que as pessoas requintadas gostavam de qualidades extravagantes nas raparigas casadoiras, além da docilidade e da exuberante fertilidade de uma juventude em flor.

Foi em casa dos Valls que Sophie conheceu um dos maiores benfeitores e padrinhos financeiros do senhor Valls: don Ricardo Aldaya, herdeiro do império Aldaya, já então a grande esperança branca da plutocracia catalã dos finais do século. Ricardo Aldaya tinha-se casado meses atrás com uma rica herdeira de beleza ofuscante e nome impronunciável, atributos que as más-línguas davam por verídicos, pois dizia-se que nem o seu recente marido via beleza alguma nela nem se incomodava a mencionar o seu nome. Tinha sido um casamento entre famílias e bancos, não uma criancice romântica, dizia o senhor Valls, para o qual se tornava muito claro que uma coisa eram os leitos e outra os feitos. Bastou a Sophie cruzar um olhar com don Ricardo para saber que estava perdida para sempre. Aldaya tinha olhos de lobo, famintos e afiados, que abriam caminho e sabiam inevitavelmente onde assestar a dentada mortal. Aldaya beijou-lhe lentamente a mão, acariciando-lhe os nós dos dedos com os lábios. Tudo quanto o chapeleiro destilava de afabilidade e entusiasmo, exalava don Ricardo de crueldade e fortaleza. O seu sorriso canino deixava claro que era capaz de ler os seus pensamentos e os seus desejos e que se ria deles. Sophie sentiu por ele aquele anémico desprezo despertado pelas coisas que mais desejamos sem o saber. Disse a si mesma que não o voltaria a ver, que se fosse necessário deixaria de dar aulas à sua aluna preferida se com isso evitasse voltar a esbarrar em Ricardo Aldaya. Nada a tinha aterrado tanto na vida como pressentir aquele animal sob a pele, e reconhecer o seu predador, vestido de luxos de linho. Todos estes pensamentos lhe perpassaram pela mente em segundos apenas, enquanto forjava uma grosseira desculpa para se ausentar perante a perplexidade do senhor Valls, a gargalhada de Aldaya e o olhar derrotado da pequena Ana, que entendia as pessoas melhor do que a música e sabia que tinha perdido a sua professora sem apelo nem agravo.

Uma semana mais tarde, às portas da escola de música da Rua Diputación, Sophie encontrou-se com don Ricardo Aldaya, que a esperava fumando e passando a vista por um jornal. Trocaram um olhar e, sem dizer uma palavra, ele conduziu-a a um edifício a dois quarteirões dali. Era um imóvel novo, ainda sem inquilinos. Subiram até ao primeiro andar. Don Ricardo abriu a porta e deixou-a entrar. Sophie penetrou no andar, um labirinto de corredores e galerias, de paredes nuas e tectos invisíveis. Não havia móveis nem quadros nem candeeiros nem objecto algum que identificasse aquele espaço como uma residência. Don Ricardo Aldaya fechou a porta e ambos se olharam.

– Durante toda esta semana não parei de pensar em ti. Diz-me que não te aconteceu o mesmo e eu deixo-te partir e nunca mais me voltarás a ver - disse Ricardo.

Sophie abanou a cabeça.

A história dos seus encontros furtivos durou noventa e seis dias. Viam-se ao entardecer, sempre naquele andar vazio na esquina entre a Diputación e a Rambla de Catalunya. Terças e quintas, às três da tarde. Os seus encontros nunca duravam mais de uma hora. Às vezes Sophie ficava a sós, depois de Aldaya ter saído, a chorar ou a tremer a um canto daquela alcova. Depois, ao chegar o domingo, Sophie procurava desesperadamente nos olhos do chapeleiro vestígios da mulher que estava a desaparecer, ansiando pela devoção e pelo engano. O chapeleiro não via as marcas na pele, os cortes ou as queimaduras que lhe salpicavam o corpo. O chapeleiro não via o desespero no seu sorriso. Talvez por isso, aceitou a sua promessa de casamento. Já nessa altura ela pressentia que trazia o filho de Aldaya nas entranhas, mas receava dizer-lho, quase tanto como receava perdê-lo. Uma vez mais, foi Aldaya quem viu nela o que Sophie era incapaz de confessar. Deu-lhe quinhentas pesetas, uma direcção na Rua Platería e a ordem de que se desfizesse da criança. Quando Sophie se recusou, esbofeteou-a até que os ouvidos lhe sangraram e ameaçou mandá-la matar caso se atrevesse a mencionar os seus encontros ou a afirmar que o filho era dele. Quando ela disse ao chapeleiro que uns bandidos a tinham assaltado na Praça del Pino, ele acreditou. Quando lhe disse que queria ser sua mulher, ele acreditou. No dia do casamento, alguém mandou por engano uma grande coroa funerária à igreja. Todos riram nervosamente, perante a confusão do florista. Todos menos Sophie, que sabia perfeitamente que don Ricardo Aldaya continuava a lembrar-se dela no dia do seu casamento.

4.

Sophie Carax nunca pensou que anos mais tarde voltaria a ver Ricardo (já

um homem maduro à frente do império familiar, pai de dois filhos), nem que Aldaya regressaria para conhecer o filho que tinha querido suprimir por quinhentas pesetas.

– Talvez seja porque estou a ficar velho – deu como única explicação –, mas quero conhecer esse rapaz e dar-lhe as oportunidades na vida que um filho do meu sangue merece. Não me tinha ocorrido pensar nele durante todos estes anos e agora, estranhamente, não consigo pensar noutra coisa.

Ricardo Aldaya concluía que não se revia no seu primogénito Jorge. O rapaz era débil, reservado e faltava-lhe a presença de espírito do pai. Faltava-lhe tudo, menos o apelido. Um dia, don Ricardo tinha acordado na cama de uma criada sentindo que o seu corpo envelhecia, que Deus lhe tinha retirado a graça. Presa do pânico, correu a ver-se ao espelho, nu, e sentiu que o espelho lhe mentia. Aquele não era ele.

Quis então encontrar de novo o homem que lhe tinham roubado. Havia anos que sabia do filho do chapeleiro. Tão-pouco esquecera Sophie, à sua maneira. Don Ricardo Aldaya nunca esquecia nada. Chegado o momento, decidiu conhecer o rapaz. Era a primeira vez em quinze anos que tropeçava em alguém que não tinha medo dele, que ousava desafiá-lo e inclusivamente fazer troça dele. Reconheceu nele a galhardia, a ambição silenciosa que os ignorantes não vêem mas que consome por dentro. Deus tinha-lhe devolvido de novo a juventude. Sophie, apenas um eco da mulher que ele recordava, não tinha sequer forças para se interpor entre eles. O chapeleiro não passava de um bobo, de um parolo malévolo e rancoroso cuja cumplicidade considerava comprada. Decidiu arrancar o Julián daquele mundo irrespirável de mediocridade e pobreza para lhe abrir as portas do seu paraíso financeiro. Seria educado no colégio de San Gabriel, gozaria de todos os privilégios da sua classe e iniciar-se-ia nos caminhos que o pai tinha escolhido para ele. Don Ricardo queria um sucessor digno de si mesmo. O Jorge viveria sempre à sombra do seu privilégio, num leito de rosas e fracassos. A Penélope, a bela Penélope, era mulher e portanto tesouro, não tesoureiro. O Julián, que tinha alma de poeta, e portanto de assassino, reunia as qualidades. Era só uma questão de tempo. Don Ricardo calculava que em dez anos se teria esculpido a si mesmo naquele rapaz. Nunca, durante todo o tempo que o Julián passou com os Aldaya, como mais um (inclusivamente como o eleito), lhe ocorreu pensar que o Julián não desejava nada dele, excepto a Penélope. Não lhe ocorreu nem por um instante que secretamente o Julián o desprezava e que toda aquela farsa não passava para ele de um pretexto para estar perto da Penélope. Para a possuir total e plenamente. Nisso eram parecidos.

Quando a mulher lhe anunciou que tinha descoberto o Julián e a Penélope nus em circunstâncias inequívocas, o universo inteiro pegou fogo. O horror e a traição, a raiva indizível de se saber ultrajado no que tinha por mais sagrado,

enganado no seu próprio jogo, humilhado e apunhalado por aquele que aprendera a adorar como a si mesmo, assaltaram-no com tal fúria que ninguém conseguiu compreender o alcance da sua consternação. Quando o médico que foi examinar a Penélope confirmou que a rapariga tinha sido desflorada e que provavelmente estava grávida, a alma de don Ricardo Aldaya afundou-se no líquido espesso e viscoso do ódio cego. Via a sua própria mão na mão do Julián, a mão que tinha enterrado o punhal no mais profundo do seu coração. Não o sabia ainda, mas o dia em que mandou fechar Penélope à chave na alcova do terceiro andar foi o dia em que principiou a morrer. Tudo quanto fez a partir de então não foram senão os estertores da sua autodestruição.

Em colaboração com o chapeleiro, que tanto tinha desprezado, conspirou para que o Julián desaparecesse da cena e fosse mandado para o Exército, onde daria ordens para que a sua morte fosse declarada acidente. Proibiu que quem quer que fosse, nem médicos, nem criados, nem membros da família, excepto ele e a mulher, visse a Penélope nos meses em que a rapariga permaneceu fechada naquele quarto que cheirava a morte e a doença. Nessa altura já os sócios lhe tinham retirado secretamente o apoio e manobravam nas suas costas para lhe arrebatarem o poder empregando a fortuna que ele lhes tinha proporcionado. Nessa altura já o império Aldaya se desmoronava em silêncio, em assembleias secretas e reuniões de corredor em Madrid e nos bancos de Genebra. O Julián, como devia ter suspeitado, fugira. No fundo sentia-se secretamente orgulhoso do rapaz, mesmo desejando-o morto. Tinha feito o mesmo que ele no seu lugar. Alguém pagaria por ele.

A Penélope Aldaya deu à luz um rapaz que nasceu cadáver a 26 de Setembro de 1919. Se um médico tivesse podido examiná-la, teria declarado que a criança estava já em perigo havia dias e que era preciso intervir e realizar uma cesariana. Se tivesse estado presente um médico, talvez tivesse podido conter a hemorragia que levou a vida de Penélope no meio de gritos, arranhando a porta fechada, do outro lado da qual o seu pai chorava em silêncio e a mãe o fitava tremendo. Se tivesse estado presente um médico, teria acusado don Ricardo Aldaya de assassínio, pois não havia uma palavra que pudesse descrever a visão que aquela cela ensanguentada e escura encerrava. Mas não havia lá ninguém e, quando finalmente abriram a porta e encontraram a Penélope, morta e deitada num charco do seu próprio sangue, a abraçar uma criatura roxa e brilhante, ninguém foi capaz de abrir a boca. Os dois corpos foram enterrados na cripta da cave, sem cerimónia nem testemunhas. Os lençóis e os despojos foram atirados para dentro das caldeiras e o quarto fechado com uma parede de tijolos.

Quando o Jorge Aldaya, bêbado de culpa e vergonha, revelou o sucedido ao Miquel Moliner, este decidiu enviar ao Julián aquela carta assinada pela Penélope em que ela declarava que não o amava e lhe pedia que a esquecesse, anunciando-lhe

um casamento fictício. Preferiu que o Julián acreditasse naquela mentira, e refizesse a vida à sombra de uma traição, a confiar-lhe a verdade. Dois anos mais tarde, quando a senhora Aldaya morreu, houve quem quisesse culpar os feitiços do casarão, mas o seu filho Jorge soube que aquilo que a tinha matado era o fogo que a comia por dentro, os gritos da Penélope e as suas pancadas desesperadas naquela porta, que continuavam a ecoar no seu interior sem parar. Por essa altura já a família tinha caído em desgraça e a fortuna dos Aldaya desfazia-se em castelos de areia frente à maré da cobiça mais raivosa, da vingança e da história inevitável. Secretários e tesoureiros urdiram a fuga para a Argentina, o início de um novo negócio, mais modesto. Tudo o que importava era ganhar distância. Distância dos espectros que percorriam os corredores do casarão Aldaya, que sempre os tinham percorrido.

Partiram num alvorecer de 1926 no mais negro dos anonimatos, viajando sob um falso nome a bordo daquele navio que os levaria através do Atlântico até ao porto de La Plata. O Jorge e o pai compartilhavam o camarote. O velho Aldaya, pestilento de morte e doença, mal se tinha de pé. Os médicos aos quais não tinha permitido verem a Penélope temiam-no demasiado para lhe dizerem a verdade, mas ele sabia que a morte embarcara com eles e que aquele corpo que Deus lhe começara a roubar naquela manhã em que decidira procurar o seu filho Julián se consumia. Ao longo daquela comprida travessia, sentado na coberta, a tremer debaixo dos cobertores e enfrentando o infinito vazio do oceano, soube que não chegaria a ver terra. Às vezes, sentado à popa, observava o cardume de tubarões que tinha vindo a seguir o barco pouco depois de fazer escala em Tenerife. Ouviu dizer a um dos oficiais que aquele sinistro séquito era habitual nos cruzeiros transoceânicos. Os animais alimentavam-se da carniça que o barco ia deixando atrás. Mas don Ricardo não acreditava nisso. Tinha a convicção de que aqueles demónios o seguiam a ele. «Estais à minha espera», pensava, vendo neles o verdadeiro rosto de Deus. Foi então que obrigou o seu filho Jorge, que tantas vezes tinha desprezado e a quem agora se via irremediavelmente obrigado a recorrer, a jurar que cumpriria a sua última vontade.

– Encontrarás o Julián Carax e matá-lo-ás. Jura-mo.

Um amanhecer, dois dias antes de chegar a Buenos Aires, o Jorge acordou e verificou que o beliche do pai estava vazio. Saiu a fim de o procurar na coberta, salpicada de nevoeiro e salitre, deserta. Encontrou o roupão do pai abandonado sobre a popa do navio, ainda morno. A esteira do navio perdia-se num bosque de brumas escarlata e o oceano sangrava reluzente de calma. Pôde então ver que o cardume de tubarões já não os seguia, e que uma dança de barbatanas dorsais se agitava em círculo ao longe. Durante a travessia, nenhum passageiro voltou a avistar o cardume de esqualos e, quando o Jorge Aldaya desembarcou em Buenos Aires e o

oficial da alfândega lhe perguntou se viajava sozinho, limitou-se a assentir. Havia muito que viajava sozinho.

5.

Dez anos depois de desembarcar em Buenos Aires, Jorge Aldaya, ou o despojo humano em que se tinha transformado, regressou a Barcelona. Os infortúnios que tinham começado a corroer a família Aldaya no Velho Mundo não tinham feito mais do que multiplicar-se na Argentina. Ali Jorge tivera de enfrentar sozinho o mundo e o moribundo legado de Ricardo Aldaya, uma luta para a qual nunca tivera as armas nem a serenidade do pai. Chegara a Buenos Aires com o coração vazio e a alma picada de remorsos. A América, diria mais tarde à guisa de desculpa ou epitáfio, é uma miragem, uma terra de depredadores e carniceiros, e ele tinha sido educado para os privilégios e os melindres insensatos da velha Europa, um cadáver que se sustinha por inércia. No curso de poucos anos perdeu tudo, a começar pela reputação e a acabar no relógio de ouro que o pai lhe tinha oferecido por ocasião da sua primeira comunhão. Graças a ele conseguiu comprar a passagem de volta. O homem que regressou a Espanha era apenas um mendigo, um saco de amargura e fracasso que só conservava a lembrança de que tudo o que sentia lhe tinha sido arrebatado e do ódio por quem considerava o culpado da sua ruína: Julián Carax.

Ainda lhe ardia na memória a promessa que fizera ao pai. Mal chegou a Barcelona, farejou o rasto de Julián para descobrir que Carax, tal como ele, também parecia ter-se desvanecido de uma Barcelona que já não era a que tinha deixado ao partir dez anos atrás. Foi por essa altura que se reencontrou com uma velha personagem da sua juventude, com aquele acaso desprendido e calculado do destino. Depois de uma assinalável carreira em reformatórios e prisões do Estado, Francisco Javier Fumero ingressara no Exército, atingindo o posto de tenente. Muitos auguravam-lhe um futuro de general, mas um turvo escândalo que nunca se chegaria a esclarecer originou a sua expulsão do Exército. Mesmo então, a sua reputação excedia o seu posto e as suas atribuições. Diziam muita coisa dele, mas temiam-no ainda mais. Francisco Javier Fumero, aquele rapaz tímido e perturbado que costumava apanhar as folhas caídas no pátio do colégio de San Gabriel, era agora um assassino. Corria o rumor de que Fumero liquidava notórias personagens por dinheiro, que despachava figuras políticas por encomenda de diversas mãos negras e que era a morte personificada.

Aldaya e ele reconheceram-se de imediato nas brumas do café Novedades. Aldaya estava doente, consumido por uma estranha febre da qual culpava os insectos das selvas americanas.

«Lá até os mosquitos são uns filhos da puta», lamentava-se. Fumero ouvia-o com um misto de fascinação e repugnância. Ele sentia veneração pelos mosquitos e pelos insectos em geral. Admirava a sua disciplina, a sua fortaleza e a sua organização. Não existia neles a calaceirice, a irreverência, a sodomia nem a degeneração da raça. Os seus espécimes predilectos eram os aracnídeos, com a sua rara ciência para tecerem uma armadilha em que, com infinita paciência, esperavam as suas presas, que mais tarde ou mais cedo sucumbiam, por estupidez ou preguiça. Na sua opinião, a sociedade civil tinha muito a aprender com os insectos. Aldaya era um caso estranho de ruína moral e física. Tinha envelhecido notavelmente e parecia descuidado, sem tónus muscular. Fumero detestava as pessoas sem tónus muscular. Induziam-lhe vômitos.

– Estou muito mal, Javier – implorou Aldaya. – Podes-me dar uma mão por uns dias?

Intrigado, Fumero decidiu levar Jorge Aldaya para sua casa. Fumero vivia num tenebroso andar no Raval, na rua Cadena, em companhia de numerosos insectos que armazenava em frascos de farmácia e meia dúzia de livros. A Fumero aborreciam tanto os livros como adorava os insectos, mas aqueles não eram volumes correntes: eram os romances de Julián Carax que a editora Cabestany tinha publicado. Fumero pagou às manhosas que ocupavam o andar da frente – um duo de mãe e filha que se deixavam beliscar e queimar com um cigarro quando a clientela fraquejava, sobretudo no fim do mês – para tratarem de Aldaya enquanto ele ia trabalhar. Não tinha interesse algum em vê-lo morrer. Ainda não.

Francisco Javier Fumero tinha ingressado na Brigada Criminal, onde havia sempre trabalho para pessoal qualificado e capaz de afrontar os estuchos mais ingratos que era preciso resolver com discrição para que as pessoas respeitáveis pudessem continuar a viver de ilusões. Era qualquer coisa assim que lhe tinha dito o tenente Durán, um homem dado à prosopopeia contemplativa sob cujo comando se iniciara na corporação. – Ser polícia não é um emprego, é uma missão -proclamava Durán. -A Espanha precisa de mais colhões e menos tertúlias.

Infelizmente, o tenente Durán não tardaria a perder a vida num aparatoso acidente ocorrido durante uma rusga na Barceloneta. Na confusão da refrega com uns anarquistas, Durán tinha-se precipitado cinco andares por uma clarabóia, estatelando-se num cravo de vísceras. Todos concordaram que Espanha tinha perdido um grande homem, um prócer com visão de futuro, um pensador que não receava a acção. Fumero assumiu o seu lugar com orgulho, ciente de que tinha feito bem ao empurrá-lo, pois Durán já estava velho para o trabalho. Fumero tinha nojo dos velhos – tal como dos entrevados, dos ciganos e dos maricas -, com tónus muscular ou não. Deus, às vezes, enganava-se. Era dever de todo o homem íntegro corrigir essas pequenas falhas e manter um mundo apresentável.

Umas semanas depois do seu encontro no café Novedades, em Março de 1932, Jorge Aldaya começou a sentir-se melhor e abriu-se com Fumero. Pediu-lhe desculpa pela maneira como o tinha tratado nos seus dias de adolescência e, com lágrimas nos olhos, contou-lhe a sua história inteira, sem deixar nada de fora. Fumero escutou-o em silêncio, assentindo, absorvendo. Enquanto o fazia, perguntou a si mesmo se devia matar Aldaya naquele instante ou esperar. Perguntava a si mesmo se ele estaria tão débil que a lâmina da faca apenas arrancaria uma tibia agonia na sua carne malcheirosa e amolecida pela indolência. Decidiu protelar a vivissección. A história intrigava-o, especialmente no que tocava a Julián Carax.

Sabia pelas informações que pudera obter na editora Cabestany que Carax vivia em Paris, mas Paris era uma cidade muito grande e ninguém na editora parecia conhecer a direcção exacta. Ninguém a não ser uma mulher apelidada Monfort que se recusava a divulgá-la. Fumero seguira-a duas ou três vezes ao sair dos escritórios da editora sem que ela desse por isso. Tinha chegado a viajar no eléctrico a meio metro dela. As mulheres nunca reparavam nele e, se o faziam, desviavam o olhar para outro lado, fingindo não o ter visto. Uma noite, depois de a ter seguido até à porta do prédio dela na praça del Pino, Fumero voltou a casa e masturbou-se furiosamente enquanto se imaginava a mergulhar a lâmina da faca no corpo daquela mulher, dois ou três centímetros por facada, lenta e metodicamente, olhando-a nos olhos. Talvez então se dignasse dar-lhe a direcção de Carax e a tratá-lo com o respeito devido a um oficial da polícia.

Julián Carax era a única pessoa que Fumero se tinha proposto matar e não o tinha conseguido. Talvez por ter sido a primeira, e com o tempo tudo se aprende. Ao ouvir aquele nome outra vez, sorriu do modo que tanto espantava as suas vizinhas, as manhosas, sem pestanejar, lambendo lentamente o lábio superior. Ainda se lembrava de Carax a beijar Penélope Aldaya no casarão da Avenida del Tibidabo. A sua Penélope. O seu amor tinha sido puro, a sério, pensava Fumero, como os que se viam no cinema. Fumero gostava muito de cinema e ia pelo menos duas vezes por semana. Tinha sido numa sala de cinema que Fumero compreendera que Penélope fora o amor da sua vida. O resto, especialmente a mãe, tinham sido só putas. Ao ouvir os últimos retalhos do relato de Aldaya, decidiu que ao fim e ao cabo não o ia matar. Aliás, sentiu-se satisfeito por o destino os ter reunido. Teve uma visão, como nos filmes que tanto prazer lhe davam: Aldaya ia-lhe servir os outros de bandeja. Mais tarde ou mais cedo, todos eles acabariam apanhados na sua rede.

6.

No Inverno de 1934, os irmãos Moliner conseguiram finalmente despejar o

Miquel e expulsá-lo do Palacete de Puertaferri, que ainda hoje continua vazio e em estado de ruína. Só desejavam vê-lo na rua, despojado do pouco que lhe restava, dos seus livros e daquela liberdade e isolamento que os ofendia e lhes inflamava as vísceras de ódio. Não me quis dizer nada nem recorrer a mim em busca de ajuda. Só soube que se tinha transformado quase num mendigo quando fui procurá-lo àquele que tinha sido o seu lar e me encontrei com os sicários dos irmãos, que estavam a fazer o inventário do prédio e a liquidar os poucos objectos que lhe tinham pertencido. O Miquel estava havia já várias noites a dormir numa pensão da rua Canuda, um tugúrio lúgubre e húmido que exalava o calor e o cheiro de um ossário. Ao ver o quarto a que estava confinado, uma espécie de caixão sem janelas e com um catre prisional, peguei no Miquel e levei-o para casa. Não parava de tossir e parecia consumido. Ele disse que era uma constipação mal curada, um mal menor de solteirona que não tardaria a ir embora por aborrecimento. Duas semanas mais tarde estava pior.

Como vestia sempre de preto, levei tempo a compreender que aquelas nódoas nas mangas eram de sangue. Chamei um médico que, mal o examinou, me perguntou por que tinha esperado até então para o chamar. O Miquel tinha tuberculose. Arruinado e doente, vivia apenas de recordações e remorsos. Era o homem mais bondoso e frágil que eu tinha conhecido, o meu único amigo. Casámo-nos numa manhã de Fevereiro num juízo municipal. A nossa viagem de núpcias limitou-se a irmos tomar o funicular do Tibidabo e subir para contemplar Barcelona dos terraços do parque, uma miniatura de névoas. Não dissemos a ninguém que nos tínhamos casado, nem a Cabestany, nem ao meu pai, nem à família dele, que o dava como morto. Cheguei a escrever uma carta ao Julián a contar-lho, mas nunca lha enviei. O nosso casamento foi um casamento secreto. Vários meses depois da boda bateu à porta um indivíduo que disse chamar-se Jorge Aldaya. Era um homem demolido, com o rosto velado de suor apesar do frio que mordida até as pedras. Ao reencontrarem-se depois de mais de dez anos, o Aldaya sorriu amargamente e disse: «Estamos todos amaldiçoados, Miquel. Tu, o Julián, o Fumero e eu.» Alegou que o motivo da sua visita era um gesto de reconciliação com o seu velho amigo Miquel na esperança de que este lhe providenciaria agora a maneira de contactar com o Julián Carax, pois tinha uma mensagem muito importante para ele da parte do seu falecido pai, don Ricardo Aldaya. O Miquel disse desconhecer onde se encontrava Carax.

– Há anos que perdemos o contacto – mentiu. – A última coisa que soube dele foi que estava a viver em Itália.

O Aldaya já esperava esta resposta.

– Decepcionas-me, Miquel. Esperava que o tempo e a desgraça te tivessem tornado mais sábio.

– Há decepções que honram quem as inspira.

O Aldaya, minúsculo, raquítico e a ponto de se desmoronar em pedaços de fel, riu-se.

– O Fumero manda-vos as suas mais sinceras felicitações pelo vosso casamento – disse, a caminho da porta.

Aquelas palavras gelaram-me o coração. O Miquel não quis dizer nada, mas nessa noite, enquanto eu o abraçava e fingíamos conciliar um sono impossível, soube que o Aldaya tinha razão. Estávamos amaldiçoados. Passaram vários meses sem que tivéssemos notícias do Julián ou do Aldaya. O Miquel continuava a manter algumas colaborações fixas nas rotativas de Barcelona e Madrid. Trabalhava sem parar sentado à máquina de escrever, destilando aquilo a que chamava patacoadas e pasto para leitores de eléctrico. Eu mantinha o meu lugar na editora Cabestany, talvez porque era essa a única maneira de me sentir mais próxima do Julián. Ele tinha-me enviado uma breve nota a anunciar-me que estava a trabalhar num novo romance intitulado *A Sombra do Vento*, que contava acabar daí a uns meses. A carta não fazia qualquer referência ao sucedido em Paris. O tom era mais frio e distante que nunca. As minhas tentativas para o odiar foram vãs. Começava a acreditar que o Julián não era um homem, era uma doença.

O Miquel não se enganava a respeito dos meus sentimentos. Entregava-me o seu afecto e a sua devoção sem nada pedir em troca além da minha companhia e talvez a minha discrição. Não ouvia dos seus lábios uma censura ou uma mágoa. Com o tempo comecei a sentir por ele uma ternura infinita, para além da amizade que nos tinha unido e da paixão que a seguir nos tinha condenado. O Miquel abrira uma conta de aforro em meu nome na qual depositava quase todos os proventos que obtinha escrevendo para os jornais. Nunca dizia que não a uma colaboração, uma crítica ou uma gazetilha. Escrevia com três pseudónimos, catorze ou dezesseis horas por dia. Quando lhe perguntava por que trabalhava tanto, limitava-se a sorrir, ou dizia-me que sem fazer nada se aborreceria. Nunca houve falsidades entre nós, nem sequer sem palavras. O Miquel sabia que ia morrer em breve, que a doença lhe rondava os meses com cupidez.

– Tens de me prometer que, se acontecer alguma coisa, pegarás nesse dinheiro e voltarás a casar-te, que terás filhos e que nos esquecerás a todos, a mim em primeiro lugar.

– E com quem é que me ia casar, Miquel? Não digas tolices.

Às vezes surpreendia-o a fitar-me de um canto com um sorriso manso, como se a mera contemplação da minha presença fosse o seu maior tesouro. Todas as tardes me ia buscar à saída da editora, o seu único momento de descanso em todo o dia. Eu via-o caminhar curvado, a tossir e a fingir uma fortaleza que se lhe perdia na sombra. Levava-me a lanchar ou a ver as montras da Rua Fernando e depois

voltávamos a casa, onde ele continuava a trabalhar até depois da meia-noite. Bendizia em silêncio cada minuto que passávamos juntos e todas as noites adormecia abraçado a mim, e eu tinha de ocultar as lágrimas que me arrancava a cólera de ter sido incapaz de amar aquele homem como ele a mim, incapaz de lhe dar o que tinha abandonado aos pés do Julián para nada. Muitas noites jurei a mim mesma que esqueceria o Julián, que dedicaria o resto da minha vida a fazer aquele pobre homem feliz e a devolver-lhe apenas umas migalhas do que ele me dera. Fui a amante do Julián durante duas semanas, mas seria a mulher do Miquel o resto da minha vida. Se algum dia estas páginas te chegarem às mãos e me julgares, como eu fiz ao escrevê-las e ver-me neste espelho de maldições e remorsos, recorda-me assim, Daniel.

O manuscrito do último romance do Julián chegou em fins de 1935. Não sei se por despeito ou por medo, entreguei-o ao impressor sem sequer o ler. As últimas poupanças do Miquel tinham já financiado adiantadamente a edição meses atrás. Cabestany, já nessa altura com problemas de saúde, não queria saber do resto para nada. Naquela mesma semana, o médico que examinava o Miquel foi ver-me à editora, muito preocupado. Explicou-me que, se o Miquel não abrandasse o ritmo de trabalho e não observasse repouso, o pouco que ele podia fazer para combater a tísica não dava em nada.

– Teria de estar na montanha, não em Barcelona a respirar nuvens de lixívia e carvão. Nem ele é um gato com nove vidas nem eu uma ama-seca.

Faça-o a senhora reconsiderar. A mim não me dá ouvidos.

Ao meio-dia resolvi ir até casa para falar com ele. Antes de abrir a porta do andar ouvi vozes lá dentro. O Miquel discutia com alguém. A princípio julguei que se tratava de alguém do jornal, mas pareceu-me ouvir o nome do Julián na conversa. Ouvi passos que se aproximavam da porta e corri a esconder-me no patamar do sótão. Dali pude vislumbrar o visitante.

Um homem de preto, de feições cinzeladas com indiferença e lábios finos como uma cicatriz aberta. Tinha uns olhos pretos e sem expressão, olhos de peixe. Antes de se perder escadas abaixo, parou e ergueu o olhar em direcção à penumbra. Apoiei-me contra a parede, sustendo a respiração. O visitante permaneceu ali durante uns instantes, como se me pudesse cheirar, lambendo-se com um sorriso canino. Esperei que os seus passos se desvanecessem completamente antes de abandonar o meu esconderijo e entrar no andar. Flutuava um cheiro a cânfora no ar. O Miquel estava sentado junto à janela, as mãos caídas de ambos os lados da cadeira. Tremiam-lhe os lábios. Perguntei-lhe quem era aquele homem e o que queria.

– Era o Fumero. Veio trazer notícias do Julián.

– Que sabe ele do Julián?

O Miquel olhou para mim, mais abatido que nunca.

– O Julián vai-se casar.

A notícia deixou-me sem fala. Abati-me numa cadeira e o Miquel pegou-me nas mãos. Falava com dificuldade e cansaço. Antes que eu conseguisse abrir a boca, Miquel pôs-se a resumir-me os factos que o Fumero lhe tinha referido e o que era de imaginar a esse respeito. O Fumero tinha utilizado os seus contactos na polícia de Paris para dar com o paradeiro do Julián Carax e observá-lo. O Miquel supunha que aquilo podia ter sucedido meses ou até anos antes. O que o preocupava não era que o Fumero tivesse encontrado Carax, coisa que era questão de tempo, mas sim o ter decidido revelar-lho agora, juntamente com a peregrina notícia de umas núpcias improváveis. O casamento, pelo que se sabia, deveria ter lugar no princípio do Verão de 1936. Da noiva só se sabia o nome, que neste caso era mais que suficiente: Irene Marceau, a patroa do estabelecimento onde o Julián trabalhara como pianista durante anos.

– Não compreendo – cochichei. – O Julián vai casar com a sua mecenas?

– Precisamente. Não é um casamento. É um contrato.

Irene Marceau tinha mais uns vinte e cinco ou trinta anos do que o Julián. O Miquel suspeitava que Irene decidira acordar naquele enlace com o Julián para lhe trespassar o seu negócio e assegurar-lhe o futuro.

– Mas ela já o ajuda. Tem-no ajudado desde sempre.

– Talvez saiba que não vai estar cá para sempre – sugeriu o Miquel.

O eco daquelas palavras perturbava-nos demasiado de perto. Ajoelhei junto dele e abracei-o. Mordi os lábios para que ele não me visse chorar.

– O Julián não gosta dessa mulher, Nuria – disse-me ele, julgando que era essa a causa da minha aflição.

– O Julián não gosta de ninguém a não ser de si mesmo e dos seus malditos livros – murmurei.

Ergui o olhar e deparei com o sorriso do Miquel, de criança velha e sábia.

– E que pretende o Fumero ao trazer todo este assunto a lume agora? Não tardámos a descobri-lo. Dias mais tarde, um Jorge Aldaya fantasmal e famélico apareceu-nos em casa, inflamado de ira e indignação. O Fumero tinha-lhe contado que o Julián Carax se ia casar com uma mulher rica numa cerimónia de luxo folhetinesco. O Aldaya andava havia dias a carcomer-se com as visões do causador da sua desgraça, trajado de ouropéis e a cavalo numa fortuna que ele tinha visto perder. O Fumero não lhe tinha contado que Irene Marceau, se bem que fosse uma mulher de uma certa posição económica, era dona de um bordel e não uma princesa de fábula vienense. Não lhe tinha contado que a noiva era trinta anos mais velha que Carax e que, mais do que um casamento, aquilo era um acto de caridade para com um homem acabado e sem meios de subsistência. Não lhe tinha contado nem a data

nem o local do casamento. Limitara-se a lançar as sementes de uma fantasia que devorava por dentro o pouco que as febres tinham deixado no seu corpo definhado e hediondo.

– O Fumero mentiu-te, Jorge – disse o Miquel.

– E tu, o rei dos mentirosos, ousas acusar o próximo! – delirava o Aldaya. Não foi preciso que o Aldaya revelasse os seus pensamentos, que em tão exíguas carnes se lhe liam no semblante cadavérico como palavras sob a pele macilenta. O Miquel viu claramente o jogo do Fumero. Ele tinha-lhe ensinado a jogar xadrez mais de vinte anos atrás no colégio de San Gabriel. O Fumero tinha a estratégia de uma louva-a-deus e a paciência dos imortais. O Miquel mandou uma nota ao Julián a adverti-lo. Quando o Fumero considerou oportuno, chamou o Aldaya de parte, envenenou-lhe o coração de rancor e disse-lhe que o Julián se casava daí a três dias. Sendo ele um oficial da polícia, argumentou, não se podia comprometer num assunto assim. O Aldaya, porém, como civil, podia deslocar-se a Paris e assegurar-se de que aquele casamento nunca chegasse a realizar-se. Como?, perguntaria um Aldaya febril, carbonizado de aversão. Desafiando-o para um duelo no próprio dia do casamento. O Fumero chegou até a proporcionar-lhe a arma com que o Jorge estava convencido de que perfuraria aquele coração de fel que arruinara a dinastia dos Aldaya. O relatório da polícia de Paris diria mais tarde que a arma encontrada aos seus pés era defeituosa e que nunca poderia ter feito mais do que fez: rebentar-lhe na cara. O Fumero já o sabia quando lha entregou num estojo na plataforma da estação de Francia. Sabia perfeitamente que a febre, a estupidez e a raiva cega o impediriam de matar o Julián Carax num duelo tresnoitado de honra e amanheceres no cemitério de Père Lachaise. E se por acaso reunisse as forças e faculdades para o fazer, a arma que levava seria a encarregada de o abater. Não era Carax quem devia morrer naquele duelo, mas sim o Aldaya. A sua existência absurda, o seu corpo e alma em suspenso que o Fumero tinha permitido vegetarem pacientemente, cumpririam assim a sua função.

O Fumero sabia também que o Julián nunca aceitaria defrontar-se com o seu antigo colega, moribundo e reduzido a um lamento. Por esse motivo instruiu claramente o Aldaya sobre os passos a seguir. Deveria confessar-lhe que a carta que a Penélope lhe escrevera anos atrás a anunciar-lhe o seu casamento e pedindo-lhe que a esquecesse era uma trapaça. Deveria revelar-lhe que fora ele próprio, o Jorge Aldaya, que tinha obrigado a irmã a redigir aquele rosário de mentiras enquanto ela chorava desesperadamente, proclamando aos quatro ventos o seu amor imortal pelo Julián. Deveria dizer-lhe que ela tinha estado à espera dele, com a alma desfeita e o coração a sangrar, desde então, morta de abandono. Isso bastaria. Bastaria para que Carax premisse o gatilho e a cara fatalmente se lhe desfizesse. Bastaria para que esquecesse todo o plano do casamento e não conseguisse albergar mais nenhum

pensamento do que regressar a Barcelona em busca da Penélope e de uma vida derramada. E em Barcelona, aquela grande teia de aranha que ele tinha feito sua, o Fumero estaria à sua espera.

7.

O Julián Carax atravessou a fronteira francesa poucos dias antes de deflagrar a guerra civil. A primeira e única edição de *A Sombra do Vento* tinha saído um par de semanas antes do prelo rumo ao cinzento anonimato e à invisibilidade dos seus antecessores. Nessa altura o Miquel já quase não podia trabalhar e, embora se sentasse duas ou três horas todos os dias à frente da máquina de escrever, a debilidade e a febre impediam-no de arrancar palavras ao papel. Perdera várias das colaborações por causa dos atrasos nas entregas. Outros jornais receavam publicar os seus artigos depois de terem recebido várias ameaças anónimas. Restava-lhe apenas uma coluna diária no *Diário de Barcelona* que assinava como Adrián Maltês. Sentia-se já no ar o fantasma da guerra. O país tresandava a medo. Sem ocupação e demasiado débil até para se lamentar, o Miquel costumava descer à praça ou ir até à avenida de La Catedral, levando sempre consigo um dos livros do Julián como se fosse um amuleto. Da última vez que o médico o tinha pesado não chegava aos sessenta quilos. Ouvimos a notícia do levantamento em Marrocos pela rádio e poucas horas depois um colega do jornal do Miquel veio ter connosco para nos dizer que o Cansinos, o chefe de redacção, tinha sido assassinado duas horas antes com um tiro na nuca defronte do café Canaletas. Ninguém se atrevia a levar o corpo, que continuava ali, tingindo uma teia de aranha de sangue sobre o passeio.

Os breves mas intensos dias de terror inicial não se fizeram esperar. As tropas do general Goded tomaram a Diagonal e o Paseo de Gracia em direcção ao centro, onde começou o fogo. Era domingo e muitos barceloneses ainda tinham saído à rua julgando que iam passar o dia num restaurante ao ar livre na estrada de Las Planas. Os dias mais negros da guerra em Barcelona, porém, ainda estavam a dois anos de vista. Pouco depois de se iniciar a refrega, as tropas do general Goded renderam-se, por um milagre ou por má informação entre os comandos. O governo de Lluís Companys parecia ter recuperado o controlo, mas o que realmente sucedera tinha muito mais alcance e começaria a ser evidente nas semanas subsequentes.

Barcelona tinha passado a estar em poder dos sindicatos anarquistas. Após dias de distúrbios e combates de rua, correu finalmente o rumor de que os quatro generais rebeldes tinham sido sentenciados no castelo de Montjuic pouco depois da rendição. Um amigo do Miquel, um jornalista britânico que estivera presente, disse que o pelotão de fuzilamento era de sete homens, mas que no último momento

dezenas de milicianos se juntaram ao festim. Quando foi aberto fogo, os corpos receberam tantos tiros que se desfizeram em pedaços irreconhecíveis e foi preciso metê-los nos caixões em estado quase líquido. Alguns quiseram crer que aquilo era o fim do conflito, que as tropas fascistas nunca chegariam a Barcelona e que a rebelião se extinguiria pelo caminho. Era só o aperitivo.

Soubemos que o Julián estava em Barcelona no dia da rendição de Goded, ao receber a carta de Irene Marceau, na qual nos contava que o Julián tinha matado o Jorge Aldaya no decurso de um duelo no cemitério de Père Lachai-se. Antes mesmo de o Aldaya expirar, uma chamada anónima tinha alertado a polícia do sucedido. O Julián teve de fugir de Paris de imediato, perseguido pela polícia que o procurava por assassinio. Não tivemos nenhuma dúvida de quem tinha feito aquela chamada. Esperámos ansiosamente saber do Julián para o advertir do perigo que o espreitava e para o proteger de uma cilada pior do que aquela que o Fumero lhe tinha armado: descobrir a verdade. Três dias mais tarde, o Julián continuava sem dar sinal de vida. O Miquel não queria partilhar comigo a sua preocupação, mas eu sabia perfeitamente o que ele estava a pensar.

O Julián tinha regressado para procurar a Penélope, e não a nós.

– Que sucederá quando ele souber a verdade? – perguntava eu.

– Nós nos encarregaremos de que isso não aconteça – respondia o Miquel.

Para já, a primeira coisa que ia verificar era que a família Aldaya tinha desaparecido sem deixar rasto. Não ia encontrar muitos sítios onde começar a procurar a Penélope. Fizemos uma lista desses sítios e iniciámos o nosso périplo. O casarão da Avenida del Tibidabo não era mais do que um prédio deserto, vedado atrás de correntes e mantos de hera. Uma florista ambulante que vendia molhos de rosas e cravos na esquina oposta disse-nos que só se lembrava de uma pessoa que se tivesse aproximado da casa recentemente, mas era um homem de certa idade, quase velho e ligeiramente coxo.

– Por sinal que tinha bastante mau génio. Quis-lhe vender um cravo para a lapela e mandou-me à merda, dizendo que estávamos em guerra e os tempos não estavam para flores.

Não tinha visto mais ninguém. O Miquel comprou-lhe umas rosas murchas e, em todo o caso, deixou-lhe o telefone da redacção do *Diário de Barcelona* para ela lhe deixar recado se porventura aparecesse alguém que correspondesse à figura de Carax. Dali, a nossa paragem seguinte foi o colégio de San Gabriel, onde o Miquel se reencontrou com Fernando Ramos, seu antigo companheiro de estudos.

Fernando era agora professor de latim e grego e vestia o hábito. Ao ver o Miquel em tão precário estado de saúde, caiu-lhe a alma aos pés. Disse-nos que não tinha recebido a visita do Julián, mas prometeu entrar em contacto connosco se isso acontecesse, e tentar retê-lo. O Fumero tinha lá estado antes de nós, confessou-nos

com temor. Agora dava pelo nome de inspector Fumero e tinha-lhe dito que, em tempos de guerra, o melhor era estar alerta.

– Muita gente ia morrer muito em breve, e os uniformes, de padre ou de soldado, não paravam as balas...

Fernando Ramos confessou-nos que não era claro a que corporação ou grupo pertencia o Fumero, e que não fora ele que se atrevera a perguntar-lho. É-me impossível descrever-te aqueles primeiros dias da guerra em Barcelona, Daniel. O ar parecia envenenado de medo e de ódio. Os olhares eram de receio e as ruas cheiravam a um silêncio que se sentia no estômago. Todos os dias, a toda a hora, corriam novos rumores e murmurações. Lembro-me de uma noite, ao voltar a casa, em que o Miquel e eu descíamos pelas Ramblas. Estavam desertas, sem uma alma à vista. O Miquel fitava as fachadas, os rostos ocultos entre os postigos a esquadriharem as sombras da rua, e dizia que se podiam sentir as facas a seremafiadas atrás das paredes.

No dia seguinte dirigimo-nos à chapelaria Fortuny, sem grandes esperanças de lá encontrar o Julián. Um vizinho da escada disse-nos que o chapeleiro estava aterrado com os tumultos dos últimos dias e que se tinha fechado dentro da loja. Por mais que batêssemos, não nos quis abrir. Naquela tarde tinha havido um tiroteio a um quarteirão apenas dali e os charcos de sangue ainda estavam frescos na Ronda de San António, onde o cadáver de um cavalo continuava abatido no empedrado à mercê dos cães vadios e que começavam a abrir-lhe o bucho esburacado às dentadas enquanto algumas crianças observavam de perto e lhes atiravam pedras. Tudo o que conseguimos foi ver-lhe o rosto espantado através do ralo da porta. Dissemos-lhe que procurávamos o seu filho Julián. O chapeleiro disse-nos que o filho estava morto e que nos puséssemos a andar ou chamaria a polícia. Fomo-nos embora descoroçados.

Durante dias percorremos cafés e lojas, perguntando pelo Julián. Indagámos em hotéis e pensões, em estações de comboio, em bancos aos quais pudesse ter ido para trocar moeda... Ninguém se lembrava de um homem que correspondesse à descrição do Julián. Tememos que tivesse porventura caído nas mãos do Fumero, e o Miquel arranjou maneira de um dos seus colegas do jornal, que tinha contactos na esquadra, indagar se o Julián tinha dado entrada na prisão. Não havia indício algum de que assim fosse. Tinham passado duas semanas e parecia que a terra engolira o Julián.

O Miquel mal dormia, à espera de ter notícias do amigo. Um entardecer, o Miquel regressou do seu passeio de todas as tardes com uma garrafa de vinho do Porto, nem mais nem menos. Tinham-lha oferecido no jornal, disse ele, porque o subdirector lhe comunicara que não podiam publicar mais a sua coluna.

– Não querem complicações, e eu percebo-os.

- E que vais fazer?
- Embebedar-me, para já.

Miquel bebeu apenas meio copo, mas eu emborquei a garrafa quase inteira sem me aperceber e com o estômago vazio. Era quase meia-noite quando me assaltou um sopor impossível e me abati sobre o sofá. Sonhei que o Miquel me beijava na testa e me tapava com uma estola. Ao acordar senti terríveis pontadas de dor na cabeça que reconheci como o prelúdio de uma ressaca feroz. Fui à procura do Miquel para amaldiçoar a hora em que lhe tinha ocorrido embebedar-me, mas apercebi-me de que estava sozinha no andar. Abeirei-me da secretária e vi que havia uma nota em cima da máquina de escrever na qual me pedia que não me alarmasse e o esperasse ali. Tinha ido à procura do Julián e depressa o traria para casa. Acabava dizendo-me que me amava. A nota caiu-me das mãos. Reparei então que, antes de sair, o Miquel tinha tirado as suas coisas da secretária, como se não pensasse voltar a utilizá-la, e soube que nunca mais voltaria a vê-lo.

8.

Naquela tarde, o vendedor ambulante de flores tinha telefonado para a redacção do *Diário de Barcelona* e deixado um recado para Miquel informando-o de que vira o homem que tínhamos descrito a vaguear perto do casarão como um espectro. Passava da meia-noite quando Miquel chegou ao número 32 da Avenida del Tibidabo, um vale lúgubre e deserto açoitado por dardos de luar que se filtravam por entre o arvoredado. Embora houvesse dezessete anos que não o via, Miquel reconheceu em Julián aquele andar leve, quase felino. A sua silhueta deslizava por entre a penumbra do jardim, junto à fonte. Julián tinha saltado a sebe e rondava a casa como um animal inquieto. Miquel poderia tê-lo chamado dali, mas preferiu não alertar possíveis testemunhas. Tinha a impressão de que olhares furtivos espiavam a avenida das janelas escuras das mansões confinantes. Contornou o muro do prédio até à parte que dava para os antigos campos de ténis e as cocheiras. Pôde reconhecer os entalhes na pedra que Julián tinha usado como degraus e as lajes soltas sobre o muro. Empoleirou-se quase sem ofegar, sentindo profundas pontadas no peito e chicotadas de cegueira no olhar. Deitou-se sobre o muro, com as mãos a tremer, e chamou Julián num sussurro. A silhueta que cercava a fonte permaneceu imóvel, unindo-se às restantes estátuas. Miquel pôde ver o brilho de uns olhos, cravados sobre ele. Perguntou a si mesmo se Julián o ia reconhecer, após dezessete anos e uma doença que lhe tinha levado até a respiração. A silhueta aproximou-se lentamente dele, brandindo um objecto na mão direita, brilhante e alongado. Um vidro.

– Julián... – murmurou Miquel.

A figura parou de chofre. Miquel ouviu o vidro cair sobre a gravilha. O rosto de Julián emergiu do negrume. Uma barba de duas semanas cobria-lhe as feições, mais afiladas.

– Miquel?

Incapaz de saltar para o outro lado, ou sequer de voltar pelo mesmo caminho até à rua, Miquel estendeu a mão. Julián empoleirou-se no muro e, puxando o punho do amigo com força, poisou-lhe a palma da mão no rosto. Olharam-se em silêncio durante um longo espaço de tempo, pressentindo as feridas que a vida talhara no outro.

– Temos de ir embora daqui, Julián. O Fumero anda à tua procura. Aquilo do Aldaya foi uma armadilha.

– Eu sei – murmurou Carax, sem tom nem inflexão.

– A casa está fechada. Há anos que não vive aqui ninguém – acrescentou Miquel. – Anda, ajuda-me a descer e vamos embora daqui.

Carax trepou de novo o muro. Ao agarrar Miquel com ambas as mãos, sentiu como o corpo do amigo se tinha consumido sob as roupas demasiado folgadas. Mal se pressentia carne ou músculo. Uma vez do outro lado, Carax segurou Miquel por baixo dos ombros e, quase carregando com todo o peso, afastaram-se na escuridão pela rua Román Macaya.

– Que tens? – murmurou Carax.

– Não é nada. Umas febres. Já me estou a restabelecer.

Miquel exalava já o cheiro da doença e Julián não perguntou mais. Desceram pela León XIII até ao Paseo de San Gervasio, onde se vislumbravam as luzes de um café. Refugiaram-se numa mesa ao fundo, longe da entrada e das grandes janelas. Um par de fregueses velava ao balcão em duo com um cigarro e o rumor do rádio. O empregado, um homem com a pele cor de cera e os olhos crucificados no chão, tomou nota do pedido. *Brandy* morno, café e o que ainda houvesse de comer.

Miquel não comeu nada. Carax, aparentemente voraz, comeu por ambos. Os dois amigos olhavam-se à luz pegajosa do café, arrebatados no feitiço do tempo. A última vez que se haviam visto cara a cara tinham metade da idade. Tinham-se separado como rapazes e agora a vida devolvia-lhes um fugitivo a um e um moribundo ao outro. Ambos perguntavam a si mesmos se teriam sido as cartas que a vida lhes tinha dado, ou se teria sido a maneira como as haviam jogado.

– Nunca te agradeci por tudo o que fizeste por mim nestes anos, Miquel.

– Não comeces agora. Fiz o que devia e queria. Não há nada a agradecer.

– Como está a Nuria?

– Como a deixaste. Carax baixou o olhar.

– Casámo-nos há meses. Não sei se ela te escreveu para te contar.

Os lábios de Carax congelaram-se enquanto abanava lentamente a cabeça.

– Não tens o direito de lhe censurar nada, Julián.

– Bem sei. Não tenho direito a nada.

– Por que não recorreste a nós, Julián?

– Não vos queria comprometer.

– Isso já não está nas tuas mãos. Onde estiveste estes dias? Julgámos que a terra te tinha engolido.

– Quase. Estive em casa. Em casa do meu pai.

Miquel olhou-o com espanto. Julián passou a relatar-lhe como, ao chegar a Barcelona, sem saber onde ir, se tinha dirigido à casa onde fora criado, receando que já lá não houvesse ninguém. A chapelaria continuava de pé, aberta, e um homem envelhecido, sem cabelo nem fogo no olhar, languescia atrás do balcão. Não tinha querido entrar, nem dar-lhe a saber que tinha regressado, mas Antoni Fortuny erguera o olhar para o estranho que se erguia do outro lado da montra. Os olhos de ambos tinham-se encontrado e Julián, embora tivesse querido desatar a correr, ficou paralisado. Viu formarem-se lágrimas no rosto do chapeleiro, que se arrastou até à porta e saiu à rua mudo. Sem dizer uma palavra, guiou o filho até ao interior da loja, baixou as persianas e, uma vez fechado o mundo exterior, abraçou-o, tremendo e uivando lágrimas. Mais tarde, o chapeleiro explicara-lhe que a polícia tinha andado havia dois dias a perguntar por ele. Um tal Fumero, um homem de má fama que se dizia que um mês antes tinha estado a soldo dos magarefes do general Goded e que agora se armava em amigo dos anarquistas, tinha-lhe dito que Carax estava a caminho de Barcelona, que tinha assassinado Jorge Aldaya a sangue frio em Paris e que era procurado por outros tantos delitos, cuja enumeração o chapeleiro não se dera ao trabalho de ouvir. Fumero esperava que, a dar-se o remoto e improvável acaso de o filho pródigo aparecer por ali, o chapeleiro houvesse por bem cumprir o seu dever de cidadão e participá-lo. Fortuny dissera-lhe que com certeza podiam contar com ele. Incomodara-o que uma víbora como Fumero desse a sua vileza por garantida, mas, mal o sinistro cortejo da polícia abandonara a loja, o chapeleiro partira rumo à capela da catedral onde tinha conhecido Sophie para pedir ao santo que conduzisse os passos do filho de volta a casa antes que fosse demasiado tarde. Quando Julián foi ter com o pai, o chapeleiro advertiu-o do perigo que pairava sobre ele. – Seja o que for que te trouxe a Barcelona, meu filho, deixa-me ser eu a fazê-lo por ti enquanto tu te escondes em casa. O teu quarto continua como o deixaste e é teu por todo o tempo que dele precisas.

Julián confessou-lhe que tinha regressado para procurar Penélope Aldaya. O chapeleiro jurou-lhe que a descobriria e que, uma vez reunidos, os ajudaria a fugirem juntos para lugar seguro, longe de Fumero, do passado, longe de tudo.

Durante dias Julián manteve-se escondido no andar da Ronda de San António enquanto o chapeleiro percorria a cidade em busca do rasto de Penélope. Passava os dias no seu antigo quarto, que, fiel à promessa do pai, continuava igual, se bem que agora tudo parecesse mais pequeno, como se as casas e os objectos, ou talvez fosse só a vida, encolhessem com o tempo. Muitos dos seus velhos cadernos continuavam ali, lápis que se lembrava de ter afiado na semana em que partira para Paris, livros à espera de serem lidos, roupa lavada de rapaz nos armários. O chapeleiro contou-lhe que Sophie o tinha deixado pouco depois de ele fugir, e, embora durante anos não tivesse sabido dela, finalmente escrevera-lhe de Bogotá, onde vivia há uns tempos com outro homem. Escreviam-se com regularidade, «falando sempre de ti», segundo confessou o chapeleiro, «porque é a única coisa que nos une». Ao pronunciar estas palavras, parecia a Julián que o chapeleiro tinha esperado para se apaixonar pela mulher até depois de a ter perdido.

– Só se ama verdadeiramente uma vez na vida, Julián, mesmo que não nos apercebamos.

O chapeleiro, que parecia apanhado numa corrida com o tempo para desfazer toda uma vida de infortúnios, não tinha dúvida de que Penélope era aquele amor de uma só estação na vida do filho e julgava, sem dar por isso, que se o ajudasse a recuperá-la, talvez também ele recuperasse alguma coisa do que tinha perdido, aquele vazio que lhe pesava na pele e nos ossos com a raiva de uma maldição.

Apesar de todo o seu empenho, e para seu desespero, o chapeleiro não tardou a averiguar que não havia rasto de Penélope Aldaya, nem da família, em toda a Barcelona. Homem de origem humilde, que tivera de trabalhar toda a vida para se manter à tona, o chapeleiro concedera sempre ao dinheiro e à casta a dúvida da imortalidade. Quinze anos de ruína e miséria tinham bastado para varrer da face da terra os palácios, as indústrias e as marcas de uma estirpe. À menção do apelido Aldaya, muitos reconheciam a música da palavra, mas quase ninguém recordava o seu significado. No dia em que Miquel Moliner e Nuria Monfort foram à chapelaria perguntar por Julián, o chapeleiro teve a certeza de que não eram senão esbirros de Fumero. Ninguém lhe ia arrebatá-lo de novo. Desta vez Deus Todo-Poderoso poderia descer dos céus, o mesmo Deus que andava há uma vida inteira a ignorar as suas preces, e ele mesmo, de bom grado, lhe arrancaria os olhos se ousasse afastar Julián uma vez mais do naufrágio da sua vida.

O chapeleiro era o homem que o florista ambulante recordava ter visto dias atrás, a vaguear pelo casarão da Avenida del Tibidabo. O que o florista interpretara como mau génio não era senão a firmeza de espírito que só assiste àqueles que, antes tarde que nunca, encontraram um propósito para as suas vidas e o perseguem com a ferocidade que dá o tempo derramado em vão. Lamentavelmente, não quis o

Senhor escutar desta última vez os rogos do chapeleiro, e passado já o umbral do desespero, foi incapaz de encontrar aquilo que procurava, a salvação do filho, de si próprio, no rasto de uma rapariga de que ninguém se lembrava e de quem ninguém sabia nada. De quantas almas perdidas necessitas, Senhor, para saciar o teu apetite?, perguntava o chapeleiro. Deus, no seu infinito silêncio, olhava-o sem pestanejar.

– Não a encontro, Julián... Juro-te que...

– Não se preocupe, pai. Isto é uma coisa que devo ser eu a fazer. O pai ajudou-me tudo o que podia.

Naquela noite, Julián saíra por fim à rua disposto a recuperar o rasto de Penélope.

Miquel ouvia o relato do seu amigo, duvidando se se tratava de um milagre ou de uma maldição. Não lhe ocorreu pensar no empregado, que se dirigia ao telefone e murmurava de costas para eles, nem que depois vigiava a porta de esguelha, limpando com demasiado zelo os copos de um estabelecimento do qual a sujidade se assenhoreava com fúria, enquanto Julián referia o sucedido à sua chegada a Barcelona. Não lhe ocorreu que Fumero teria já estado naquele café, em dezenas de cafés como aquele, a dois passos do Palacete Aldaya, e que, mal Carax pusesse o pé num deles, a chamada era questão de segundos. Quando o carro da polícia parou diante do café e o empregado se retirou para a cozinha, Miquel sentiu a calma fria e serena da fatalidade. Carax leu-lhe o olhar e ambos se voltaram ao mesmo tempo. Os traços espectrais de três gabardinas cinzentas a adejarem atrás das janelas. Três rostos a cuspirem vapor no vidro. Nenhum deles era Fumero. Os carneiros precediam-no.

– Vamos embora daqui, Julián...

– Não há para onde ir – disse Carax, com uma serenidade que levou o amigo a observá-lo com detença.

Reparou então no revólver na mão de Julián, e na fria disposição no seu olhar. A campainha da porta arranhou o murmúrio do rádio. Miquel arrebatou a pistola das mãos de Carax e olhou-o fixamente.

– Dá-me a tua documentação, Julián.

Os três polícias fingiram sentar-se ao balcão. Um deles observava-os de esguelha. Os outros dois apalpavam o interior das gabardinas.

– A documentação, Julián. Agora. Carax abanou a cabeça em silêncio.

– Restam-me um, dois meses, se tiver sorte. Um dos dois tem de sair daqui, Julián. Tu tens mais pontos que eu. Não sei se encontrarás a Penélope. Mas a Nuria espera-te.

– A Nuria é tua mulher.

– Lembra-te do acordo que fizemos. Quando eu morrer, tudo o que é meu será teu...

– ... menos os sonhos.

Sorriram pela última vez. Julián estendeu-lhe o passaporte. Miquel colocou-o juntamente com o exemplar de *A Sombra do Vento* que trazia no sobretudo desde o dia em que o recebera.

– Até breve – murmurou Julián.

– Não há pressa. Eu esperarei.

Precisamente quando os três polícias se voltavam para eles, Miquel levantou-se da mesa e dirigiu-se para eles. Ao princípio só viram um moribundo pálido e trémulo que lhes sorria enquanto o sangue assomava pelas comissuras dos lábios magros, sem vida. Quando repararam no revólver na sua mão direita, Miquel já estava apenas a três metros deles. Um deles quis gritar, mas o primeiro disparo estoirou-lhe com o maxilar inferior. O corpo caiu inerte, de joelhos, aos pés de Miquel. Os outros dois agentes já tinham sacado as suas armas dos coldres. O segundo disparo atravessou o estômago do que parecia mais velho. A bala partiu-lhe a coluna vertebral em duas e cuspiu um punhado de vísceras contra o balcão. Miquel não chegou a ter tempo de efectuar um terceiro disparo. O polícia restante já o tinha alvejado. Sentiu a arma nas costelas, sobre o coração, e o seu olhar afiado, incendiado de pânico.

– Quietos, filho da puta, ou juro-te que te racho em dois.

Miquel sorriu e ergueu lentamente o revólver até ao rosto do polícia.

Não devia ter mais de vinte e cinco anos e tremiam-lhe os lábios.

– Vais dizer ao Fumero, da parte do Carax, que me lembro do seu disfarce de marinheirozinho.

Não sentiu dor, nem fogo. O impacto, com uma martelada surda que sumiu o som e a cor das coisas, arremessou-o contra as vidraças. Ao atravessá-las e reparar que um frio intenso lhe trepava pela garganta e a luz se afastava como pó ao vento, Miquel Moliner volveu o olhar pela última vez e viu o seu amigo Julián correr pela rua abaixo. Tinha trinta e seis anos, mais do que aqueles que tinha esperado viver. Antes de se abater sobre o passeio semeado de vidro ensanguentado, já estava morto.

9.

Naquela noite, enquanto o Julián se perdia na noite, um furgão sem identificação respondeu à chamada do homem que tinha matado Miquel. Nunca se soube o seu nome, nem creio que ele soubesse quem tinha assassinado. Como todas as guerras, pessoais ou em grande escala, aquilo era um jogo de marionetas. Dois homens carregaram os corpos dos agentes mortos e encarregaram-se de sugerir ao

empregado do bar que se esquecesse do que tinha acontecido ou teria sérios problemas. Nunca subestimes o talento para esquecer que as guerras despertam, Daniel. O cadáver do Miquel foi abandonado numa viela do Raval doze horas mais tarde para que a morte dele não pudesse ser relacionada com a dos agentes. Quando o corpo chegou finalmente à morgue, estava morto havia dois dias. O Miquel tinha deixado toda a sua documentação em casa antes de sair. Tudo o que os funcionários do necrotério encontraram foi um passaporte em nome de Julián Carax, desfigurado, e um exemplar de *A Sombra do Vento*. A polícia concluiu que o falecido era Carax. O passaporte ainda referia como residência o andar dos Fortuny na Ronda de San António.

Por essa altura, a notícia já tinha chegado aos ouvidos do Fumero, que foi ao necrotério para se despedir do Julián. Encontrou-se lá com o chapeleiro, que a polícia tinha ido buscar para proceder à identificação do corpo. O senhor Fortuny, que não via o Julián havia dois dias, temia o pior. Ao reconhecer o corpo que apenas uma semana antes lhe tinha batido à porta a perguntar pelo Julián (e que tinha tomado por um esbirro do Fumero), desatou aos gritos e foi-se embora. A polícia pressupôs que aquela reacção era uma admissão de reconhecimento. O Fumero, que tinha presenciado a cena, aproximou-se do corpo e examinou-o em silêncio. Havia dezessete anos que não via o Julián Carax. Quando reconheceu o Miquel Moliner, limitou-se a sorrir e assinou o relatório forense confirmando que aquele corpo pertencia a Julián Carax e ordenando a sua transferência imediata para uma vala comum em Montjuïc.

Durante muito tempo perguntei a mim mesmo por que razão o Fumero haveria de fazer uma coisa assim. Mas aquilo não era mais que a lógica do Fumero. Ao morrer com a identidade do Julián, o Miquel tinha-lhe proporcionado involuntariamente o álibi perfeito. A partir daquele instante, Julián Carax não existia. Não haveria qualquer vínculo legal que permitisse relacionar o Fumero com o homem que, mais tarde ou mais cedo, esperava encontrar e assassinar. Eram dias de guerra e muito poucos pediriam explicações pela morte de alguém que nem sequer tinha nome. Julián tinha perdido a identidade. Era uma sombra. Passei dois dias à espera do Miquel ou do Julián em casa, pensando que enlouquecia. Ao terceiro dia, segunda-feira, voltei a trabalhar na editora. O senhor Cabestany tinha dado entrada no hospital havia umas semanas e já não voltaria ao seu gabinete. O filho mais velho, Álvaro, tinha tomado conta do negócio. Não disse nada a ninguém. Não tinha a quem.

Nessa mesma manhã recebi na editora a chamada de um funcionário da morgue, Manuel Gutiérrez Fonseca. O senhor Gutiérrez Fonseca explicou-me que o corpo de um tal Julián Carax tinha chegado ao necrotério e que, ao confrontar o passaporte do falecido e o nome do autor do livro que trazia quando dera entrada na

morgue, e suspeitando, se não de uma clara irregularidade, de um certo fechar de olhos ao regulamento por parte da polícia, tinha sentido o dever moral de telefonar para a editora a fim de dar parte do sucedido. Ao ouvi-lo, julguei que morria. A primeira coisa que pensei foi que se tratava de uma cilada do Fumero. O senhor Gutiérrez Fonseca expressava-se com o esmero do funcionário consciencioso, embora houvesse qualquer coisa mais que gotejava na sua voz, qualquer coisa que nem ele mesmo teria conseguido explicar. Eu tinha atendido a chamada no gabinete do senhor Cabestany. Graças a Deus, Álvaro tinha saído para almoçar e eu estava sozinha, caso contrário ter-me-ia sido difícil explicar as lágrimas e o tremor nas mãos enquanto segurava o telefone. Gutiérrez Fonseca disse-me que tinha achado oportuno informar do sucedido.

Agradei-lhe a chamada com aquela falsa formalidade das conversas em cifra. Mal desliguei, fechei a porta do gabinete e mordi os punhos para não gritar. Lavei a cara e fui imediatamente para casa, deixando recado para Álvaro de que estava doente e que regressaria no dia seguinte antes da hora para pôr a correspondência em dia. Tive de fazer um esforço para não correr na rua, para caminhar com aquela parcimónia anónima e cinzenta de quem não tem segredos. Ao introduzir a chave na porta do andar compreendi que a fechadura tinha sido forçada. Fiquei paralisada. A maçaneta começou a rodar a partir do interior. Perguntei a mim mesma se ia morrer assim, numa escada escura e sem saber o que tinha sido feito do Miquel. A porta abriu-se e enfrentei o olhar obscuro de Julián Carax. Que Deus me perdoe, mas naquele instante senti que a vida me voltava e dei graças ao céu por me devolver o Julián em vez do Miquel.

Fundimo-nos num abraço interminável, mas, quando lhe procurei os lábios, o Julián afastou-se e baixou os olhos. Fechei a porta e, pegando no Julián pela mão, guiei-o até ao quarto. Deitámo-nos na cama, abraçados em silêncio. Entardecia e as sombras do andar ardiam de púrpura. Ouviam-se disparos isolados ao longe, como todas as noites desde que a guerra começara. O Julián chorava sobre o meu peito e senti que me invadia um cansaço que escapava às palavras. Mais tarde, caída a noite, os nossos lábios encontraram-se, e ao abrigo daquela escuridão urgente desfizemo-nos daquelas roupas que cheiravam a medo e a morte. Quis recordar o Miquel, mas o fogo daquelas mãos no meu ventre roubou-me a vergonha e a mágoa. Quis perder-me nelas e não regressar, mesmo sabendo que ao amanhecer, exaustos e talvez doentes de desprezo, não conseguiríamos olhar-nos nos olhos sem perguntarmos a nós próprios em quem nos tínhamos transformado.

Fui acordado pelo tamborilar da chuva ao alvorecer. A cama vazia, o quarto alumiado de uma treva cinzenta.

Encontrei o Julián sentado diante daquilo que fora a secretária do Miquel, a acariciar as teclas da sua máquina de escrever. Ergueu o olhar e brindou-me com aquele sorriso morno, distante, que dizia que ele nunca seria meu. Senti desejos de lhe cuspir a verdade, de o ferir. Teria sido tão fácil! Revelar-lhe que a Penélope estava morta. Que vivia de ilusões. Que eu era tudo quanto tinha agora no mundo.

– Nunca devia ter regressado a Barcelona – murmurou, sacudindo a cabeça. Ajoelhei-me junto dele.

– O que tu procuras não está aqui, Julián. Partamos. Os dois. Para longe daqui. Enquanto há tempo.

O Julián olhou-me demoradamente, sem pestanejar.

– Tu sabes qualquer coisa que não me disseste, não é verdade? Abanei a cabeça, engolindo em seco. O Julián limitou-se a assentir.

– Esta noite vou voltar lá.

– Julián, por favor...

– Tenho de me certificar.

– Então irei contigo.

– Não.

– Da última vez que fiquei aqui à espera, perdi o Miquel. Se tu vais, eu vou.

– Isto não tem nada que ver contigo, Nuria. É uma coisa que me diz respeito só a mim.

Perguntei a mim mesma se realmente não se apercebia do mal que as suas palavras me faziam, ou se lhe importava sequer.

– Isso é o que tu julgas.

Quis acariciar-me a face mas eu afastei-lhe a mão.

– Deverias odiar-me, Nuria. Dar-te-ia sorte.

– Bem sei.

Passámos o dia fora, longe da treva opressiva do andar que ainda cheirava a lençóis mornos e a pele. O Julián queria ver o mar. Acompanhei-o até à Barceloneta e entrámos na praia quase deserta, uma miragem cor de areia que se fundia na caligem. Sentámo-nos na areia, perto da beira-mar, como fazem as crianças e os velhos. O Julián sorria em silêncio, recordando a sós.

Ao entardecer apanhámos um eléctrico junto ao aquário e subimos a Via Layetana até ao Paseo de Gracia, depois a praça de Lesseps e depois a Avenida de La República Argentina até ao término do trajecto. O Julián observava as ruas em silêncio, como se receasse perder a cidade à medida que a percorria. A meio do caminho pegou-me na mão e beijou-a sem dizer nada. Segurou-a até nos atermos.

Um velho que acompanhava uma menina de branco olhava para nós, sorridente, e perguntou-nos se éramos namorados. Era já noite cerrada quando metemos pela Román Macaya em direcção ao casarão dos Aldaya na Avenida del Tibidabo. Caía uma chuva fina que tingia de prata os paredões de pedra. Trepámos o muro do prédio pela parte de trás, junto aos campos de ténis. O casarão erguia-se na chuva. Reconheci-o imediatamente. Tinha lido a fisionomia daquela casa em mil encarnações e ângulos nas páginas do Julián. Em A Casa Vermelha, o palacete aparecia como um tenebroso casarão, maior por dentro do que por fora, que mudava lentamente de forma, crescia em corredores, galerias e sótãos impossíveis, escadarias infinitas que não conduziam a parte nenhuma e iluminavam quartos escuros que apareciam e desapareciam da noite para o dia, levando consigo os incautos que penetravam neles sem que alguém os voltasse a ver. Parámos defronte do portão, reforçado com correntes e um cadeado do tamanho de um punho. Os janelões do primeiro andar estavam entaipados com tábuas cobertas de hera. O ar cheirava a ervas daninhas mortas e a terra molhada. A pedra, escura e viscosa sob a chuva, reluzia como o esqueleto de um grande réptil.

Quis perguntar-lhe como pensava franquear aquele portão de carvalho, de basílica ou prisão. O Julián extraiu um frasco do sobretudo e desenroscou a tampa. Libertou-se do interior um vapor fétido numa espiral lenta e azulada. Segurou o cadeado pela extremidade e verteu o ácido no interior da fechadura. O metal assobiou como ferro em brasa, envolvido numa cortina de fumo amarelado. Esperámos uns segundos e então ele tirou um paralelepípedo do meio das ervas daninhas e partiu o cadeado com meia dúzia de pancadas. O Julián empurrou a porta com um pontapé. Ela abriu-se lentamente, como um sepulcro, cuspiendo um hálito espesso e húmido. Para além do umbral adivinhava-se uma escuridão aveludada. O Julián trazia um isqueiro a gasolina, que acendeu ao adiantar-se uns passos no vestíbulo. Segui-o e semicerrei a porta atrás de nós. O Julián andou uns metros, segurando a chama por cima da cabeça. Estendia-se aos nossos pés uma tapete de pó, sem mais pegadas que as nossas. As paredes, nuas, iluminavam-se ao âmbar da chama. Não havia móveis, nem espelhos ou candeeiros. As portas permaneciam nos gonzos, mas as maçanetas de bronze tinham sido arrancadas. O casarão mostrava apenas o esqueleto nu. Parámos aos pés da escadaria. O olhar do Julián perdeu-se direito ao alto. Voltou-se um instante a fim de olhar para mim e eu quis sorrir-lhe, mas na penumbra mal adivinhávamos o olhar um do outro. Segui-o pelas escadas acima, percorrendo os degraus onde o Julián tinha visto a Penélope pela primeira vez. Sabia onde nos dirigíamos e invadiu-me um frio que nada tinha da atmosfera húmida e mordente daquele lugar.

Subimos até ao terceiro andar, onde um estreito corredor abria caminho em direcção ao flanco sul da casa. O tecto ali era muito mais baixo e as portas mais

pequenas. Era o andar que albergava os aposentos da criadagem. O último, soube eu sem necessidade de que o Julián dissesse alguma coisa, tinha sido a alcova da Jacinta Coronado. O Julián aproximou-se lentamente, receoso. Aquele fora o último lugar onde tinha visto a Penélope, onde tinha feito amor com uma rapariga de dezessete anos apenas, que meses mais tarde morreria esvaída em sangue naquela mesma cela. Quis detê-lo, mas o Julián já tinha alcançado o umbral e olhava para o interior, ausente. Assomei ao pé dele. A divisão não era mais que um cubículo, despojado de qualquer ornamentação. Liam-se ainda as marcas de uma antiga cama sob a maré de pó das tábuas do chão. Um emaranhado de manchas negras rastejava pelo centro do quarto. O Julián observou aquele vazio pelo espaço de quase um minuto, desconcertado. Vi no seu olhar que mal conseguia reconhecer o lugar, que tudo se lhe afigurava um truque macabro e cruel. Tomei-o pelo braço e guiei-o de regresso à escada.

– Aqui não há nada, Julián – murmurei. – A família vendeu tudo antes de partir para a Argentina.

O Julián assentiu debilmente. Descemos de novo até ao andar térreo. Uma vez ali, o Julián dirigiu-se à biblioteca. As estantes estavam vazias, a chaminé inundada de escombros. As paredes, pálidas de morte, adejavam sob o hálito da chama. Os credores e usurários tinham conseguido levar até a memória, que devia estar agora perdida no labirinto de algum sucateiro.

– Voltei para nada – murmurava o Julián.

Antes assim, pensei. Contava os segundos que nos separavam da porta. Se conseguisse afastá-lo dali e deixá-lo com aquela punhalada de vazio, talvez ainda tivéssemos uma oportunidade. Deixei que o Julián absorvesse a ruína daquele lugar, que purgasse a sua recordação.

– Tinhas de voltar e vê-la outra vez – disse eu. – Agora já vês que não há nada. É apenas um casarão velho e desabitado, Julián. Vamos para casa.

Olhou para mim, pálido, e assentiu. Peguei-lhe pela mão e metemos pelo corredor que nos conduzia à saída. A brecha de claridade do exterior ficava apenas a meia dúzia de metros. Consegui sentir o cheiro das ervas daninhas e da chuva miúda no ar. Nessa altura senti que perdia a mão do Julián. Parei e virei-me para deparar com ele imóvel, de olhar cravado na escuridão.

– Que foi, Julián?

Não respondeu. Contemplava enfeitiçado a embocadura de um estreito corredor que conduzia às cozinhas. Avancei até lá e perscrutei as trevas que a chama azul do isqueiro a gasolina feria. A porta na extremidade do corredor estava entaipada. Um muro de tijolos vermelhos, toscamente dispostos entre argamassa que sangrava pelas comissuras. Não percebi bem o que significava, mas senti que o frio me roubava a respiração. O Julián aproximava-se lentamente dali. Todas as outras

portas, no corredor – em toda a casa -, estavam abertas, desprovidas de fechaduras e maçanetas. Excepto aquela. Uma comporta de tijolos vermelhos oculta ao fundo de um corredor lúgubre e escondido. O Julián poisou as mãos nos paralelepípedos de argila escarlate.

– Julián, por favor, vamo-nos embora já... O impacto do punho dele sobre a parede de tijolos arrancou um eco oco e cavernoso ao outro lado. Pareceu-me que lhe tremiam as mãos quando poisava o isqueiro no chão e me fazia sinal para me afastar uns passos.

– Julián...

O primeiro pontapé arrancou uma chuva de pó avermelhado. O Julián investiu de novo. Pareceu-me que tinha ouvido os seus ossos ranger. O Julián não se alterou. Batia no muro uma e outra vez, com a raiva de um preso a abrir caminho para a liberdade. Sangravam-lhe os punhos e os braços quando o primeiro tijolo se quebrou e caiu para o outro lado. Com dedos ensanguentados, o Julián começou então a esforçar-se por alargar aquela moldura na escuridão. Ofegava, exausto e possuído por uma fúria que eu nunca teria julgado possível. Um a um, os tijolos foram cedendo e o muro abateu. O Julián parou, coberto de suor frio, com as mãos esfoladas. Pegou no isqueiro e poisou-o sobre a borda de um dos tijolos. Uma porta de madeira trabalhada com motivos de anjos erguia-se do outro lado. O Julián acariciou os relevos da madeira, como se lesse um hieróglifo. A porta abriu-se sob a pressão das suas mãos. Uma treva azul, espessa e gelatinosa, emanava do outro lado. Mais além pressentia-se uma escadaria. Uns degraus de pedra negra desciam até onde a sombra se perdia. O Julián voltou-se um instante e encontrei o seu olhar. Vi nele medo e desespero, como se pressentisse o negrume. Abanei a cabeça em silêncio, implorando-lhe que não descesse. Voltouse, abatido, e mergulhou na obscuridade. Assomei à moldura de tijolos e vi-o descer pela escada, quase a cambalear. A chama tremia, não passando já de um sopro de azul transparente.

– Julián?

Só me chegou silêncio. Podia ver a sombra do Julián, imóvel ao fundo da escada. Cruzei o umbral de tijolos e descí os degraus. A sala era uma divisão rectangular, de paredes de mármore. Exalava um frio intenso e penetrante. As duas lápides estavam cobertas por um manto de teias de aranha que se desfez como seda podre à chama do isqueiro. O mármore branco estava sulcado de lágrimas negras de humidade que pareciam sangrar das fendas que o cinzel do gravador tinha deixado. Jaziam junto uma da outra, como maldições encadeadas.

PENÉLOPE ALDAYA DAVID ALDAYA
1902-1919 1919

Parei muitas vezes a pensar naquele momento de silêncio, tentando imaginar o que o Julián devia ter sentido ao verificar que a mulher da qual tinha estado à espera durante dezessete anos estava morta, que o filho de ambos se fora com eles, que a vida com que tinha sonhado, o seu único alento, nunca existira. A maioria de nós temos a felicidade ou a desgraça de ver a vida desmoronar-se pouco a pouco, quase sem que demos por isso. Para o Julián, aquela certeza acendeu-se em questão de segundos. Por um instante pensei que desataria a correr pelas escadas acima, que fugiria daquele lugar maldito e que nunca mais o voltaria a ver. Talvez tivesse sido melhor assim.

Lembro-me de que a chama do isqueiro se extinguiu lentamente e que perdi a sua silhueta na escuridão. Procurei-o na sombra. Encontrei-o tremendo, mudo. Mal se conseguia ter de pé e arrastou-se até um canto. Abracei-o e beijei-lhe a testa. Não se mexia. Apalpei-lhe o rosto com os dedos, mas não havia lágrimas. Julguei que talvez, inconscientemente, o tivesse sabido durante todos aqueles anos, que talvez aquele encontro fosse necessário para se confrontar com a certeza e libertar-se. Tínhamos chegado ao fim do caminho. O Julián compreendia agora que já nada o retinha em Barcelona e que partiríamos para longe. Quis acreditar que a nossa sorte ia mudar e que a Penélope nos tinha perdoado.

Procurei o isqueiro no chão e acendi-o de novo. O Julián observava o vazio, alheio à chama azul. Tomei-lhe o rosto nas mãos e obriguei-o a olhar para mim. Deparei-me com uns olhos sem vida, vazios, consumidos de raiva e de perda. Senti o veneno do ódio a espalhar-se lentamente pelas suas veias e consegui ler os seus pensamentos. Odiava-me por o ter enganado. Odiava o Miquel por ter querido obsequiá-lo com uma vida que lhe pesava como uma ferida aberta. Mas sobretudo odiava o homem que tinha causado toda aquela desgraça, aquele rasto de morte e miséria: ele mesmo. Odiava aqueles miseráveis livros aos quais tinha dedicado a vida e que não importavam a ninguém. Odiava uma existência entregue ao engano e à mentira. Odiava cada segundo roubado e cada respiração. Olhava-me sem pestanejar, como se olha um estranho ou um objecto desconhecido. Eu abanava lentamente a cabeça, procurando-lhe as mãos. Afastou-se bruscamente e pôs-se de pé. Tentei pegar-lhe no braço mas ele empurrou-me contra o muro. Vi-o subir a escada em silêncio, um homem que eu já não conhecia. Julián Carax estava morto. Quando saí para o jardim do casarão, já não havia rasto dele. Escalei o muro e saltei para o outro lado. As ruas desoladas sangravam debaixo da chuva. Gritei o nome dele, caminhando pelo meio da avenida deserta. Ninguém respondeu ao meu apelo. Quando regresssei a casa eram quase quatro da manhã. O andar estava inundado de

fumo e cheirava a queimado. O Julián tinha estado ali. Corri a abrir as janelas. Encontrei um estojo em cima da minha secretária que continha a caneta que lhe tinha comprado anos antes em Paris, a caneta de tinta permanente pela qual tinha pago uma fortuna em virtude da sua suposta pertença a Alexandre Dumas ou Victor Hugo. O fumo provinha da caldeira do aquecimento. Abri a comporta e verifiquei que o Julián tinha atirado para o interior todos os exemplares dos seus romances que faltavam na estante. Apenas se lia o título sobre as lombadas de pele. O resto eram cinzas.

Horas depois, quando fui à editora a meio da manhã, Álvaro Cabestany mandou-me chamar ao seu gabinete. O pai já quase não passava pelos escritórios e os médicos haviam-lhe dito que tinha os dias contados, tal como o meu lugar na empresa. O filho de Cabestany anunciou-me que nessa mesma manhã às primeiras horas tinha aparecido lá um cavalheiro chamado Laín Coubert interessado em adquirir todos os exemplares dos romances de Julián Carax que tivéssemos em existência. O filho do editor dissera que tínhamos um armazém cheio deles em Pueblo Nuevo, mas que havia uma grande procura deles e portanto exigira um preço superior ao que Coubert oferecia. Coubert não regateara e fora-se embora com vento fresco. Agora Cabestany filho queria que eu localizasse o tal Laín Coubert e aceitasse a sua oferta. Disse àquele ignorante que Laín Coubert não existia, que era uma personagem de um romance de Carax. Que não tinha qualquer interesse em comprar-lhe os livros; só queria saber onde estavam. O senhor Cabestany tinha por costume guardar um exemplar de cada um dos títulos publicados pela casa na biblioteca do seu gabinete, inclusivamente das obras de Julián Carax. Introduzi-me no gabinete dele e levei-os.

Naquela mesma tarde fui visitar o meu pai ao Cemitério dos Livros Esquecidos e escondi-os onde ninguém, especialmente o Julián, pudesse encontrá-los. Tinha já anoitecido quando saí de lá. Vagueando pelas Ramblas abaixo cheguei até à Barceloneta e entrei na praia, à procura do sítio onde tinha ido contemplar o mar com o Julián. A pira de chamas do armazém de Pueblo Nuevo adivinhava-se ao longe, o rasto âmbar a derramar-se sobre o mar e as espirais de fumo e fogo a subirem ao céu como serpentes de luz. Quando os bombeiros conseguiram extinguir as chamas pouco antes do amanhecer, não restava nada, apenas o esqueleto de tijolos e metal que sustentava a abóbada. Encontrei lá Lluís Carbó, que tinha sido o vigia nocturno durante dez anos. Contemplava os escombros fumegantes, incrédulo. Tinha as sobrancelhas e os pêlos dos braços queimados e a pele brilhava como bronze húmido. Foi ele que me contou que as chamas haviam começado pouco depois da meia-noite e tinham devorado dezenas de milhares de livros até o alvorecer se transformar num rio de cinza. Lluís segurava ainda nas mãos um punhado de livros que conseguira salvar, colecções dos versos de Verdaguer e dois

volumes da *História da Revolução Francesa*. Era tudo o que sobrevivera. Vários membros do sindicato tinham comparecido para ajudar os bombeiros. Um deles contou-me que os bombeiros haviam encontrado um corpo queimado entre os escombros. Tinham-no tomado por morto, mas um deles apercebera-se de que ainda respirava e levaram-no para o Hospital del Mar.

Reconheci-o pelos olhos. O fogo tinha-lhe devorado a pele, as mãos e o cabelo. As chamas haviam-lhe arrancado a roupa à chicotada e todo o seu corpo era uma ferida em carne viva que supurava entre as ligaduras. Tinham-no confinado a um quarto solitário ao fundo de um corredor com vista para a praia, carregado de morfina, à espera de que morresse. Quis segurar-lhe a mão, mas uma das enfermeiras advertiu-me de que quase não havia carne por baixo das ligaduras. O fogo tinha devorado as pálpebras e o seu olhar enfrentava o vazio perpétuo. A enfermeira que me encontrou caída no chão, a chorar, perguntou-me se sabia quem era. Disse-lhe que sim, que era o meu marido. Quando um padre rapace apareceu para ministrar os últimos sacramentos, afugentei-o aos gritos. Três dias mais tarde, o Julián continuava vivo. Os médicos disseram que era um milagre, que a vontade de viver o mantinha vivo com forças que a medicina era incapaz de imitar. Enganavam-se. Não era a vontade de viver. Era o ódio. Uma semana mais tarde, vendo que aquele corpo escarchado de morte se recusava a apagar-se, foi oficialmente internado com o nome Miquel Moliner. Havia de permanecer ali pelo espaço de onze meses. Sempre em silêncio, com o olhar ardente, sem descanso. Eu ia todos os dias ao hospital. Não tardou que as enfermeiras me comessem a tratar por tu e a convidar-me para comer com elas na sua sala. Eram todas mulheres sozinhas, fortes, que esperavam que os seus homens voltassem da frente. Alguns voltavam. Ensina-me a limpar as feridas do Julián, a mudar-lhe as ligaduras, a pôr lençóis lavados e a fazer uma cama com um corpo inerte deitado. Também me ensinaram a perder a esperança de voltar a ver o homem que um dia se sustivera sobre aqueles ossos. Tirámo-lhe as ligaduras da cara ao terceiro mês. O Julián era uma caveira. Não tinha lábios, nem faces. Era um rosto sem traços, apenas um boneco carbonizado. As órbitas dos olhos tinham-se dilatado e agora dominavam a sua expressão. As enfermeiras não mo confessavam, mas sentiam repugnância, quase medo. Os médicos tinham-me dito que uma espécie de pele violácea, réptil, se iria formando lentamente à medida que as feridas sarassem. Ninguém se atrevia a comentar o seu estado mental. Todos davam por garantido que o Julián - o Miquel - tinha perdido a razão no incêndio, que vegetava e sobrevivia graças aos cuidados obsessivos daquela esposa que permanecia firme onde tantas teriam fugido espavoridas. Eu olhava-o nos olhos e sabia que o Julián continuava ali dentro, vivo, consumindo-se lentamente. Esperando. Perdera os lábios, mas os médicos achavam que as cordas vocais não haviam sofrido dano irreparável e que as queimaduras na

língua e na laringe tinham sarado meses atrás. Partiam do princípio de que o Julián não dizia nada porque a sua mente se tinha extinguido. Uma tarde, seis meses depois do incêndio, estando ele e eu a sós no quarto, inclinei-me e beijei-o na testa.

– Amo-te – disse-lhe.

Um som amargo, rouco, emergiu daquela careta canina a que a sua boca se reduzira. Tinha os olhos avermelhados de lágrimas. Quis secar-lhas com um lenço, mas ele repetiu aquele som.

– Deixa-me – tinha dito. «Deixa-me.»

A editora Cabestany tinha falido decorridos dois meses sobre o incêndio do armazém de Pueblo Nuevo. O velho Cabestany, que morreu nesse ano, prognosticara que o filho conseguiria arruinar a empresa em seis meses. Optimista impenitente até à sepultura. Tentei arranjar emprego noutra editora, mas a guerra devorava tudo. Todos me diziam que a guerra acabaria em breve, e que a seguir as coisas melhorariam. A guerra ainda tinha dois anos pela frente, e o que veio depois foi quase pior. Ao completar-se um ano sobre o incêndio, os médicos disseram-me que tudo o que se podia fazer num hospital estava feito. A situação era difícil e precisavam do quarto. Recomendaram-me que pusesse o Julián num sanatório como o asilo de Santa Lucía, mas eu recusei-me. Em Outubro de 1937 levei-o para casa. Não tinha pronunciado uma única palavra desde aquele «Deixa-me».

Eu repetia-lhe todos os dias que o amava. Estava instalado num cadeirão frente à janela, coberto de mantas. Alimentava-o com sumos, pão torrado e, quando encontrava, leite. Lia-lhe todos os dias um par de horas. Balzac, Zola, Dickens... O corpo dele começava a recuperar volume. Pouco tempo depois de regressar a casa começou a mexer as mãos e os braços. Virava o pescoço. Às vezes, ao voltar a casa, deparava com as mantas no chão e objectos derrubados. Um dia encontrei-o no chão, a arrastar-se. Um ano e meio depois do incêndio, numa noite de tempestade, acordei a meio da noite. Alguém se tinha sentado na minha cama e me acariciava o cabelo. Sorri-lhe, ocultando as lágrimas. Tinha conseguido encontrar um dos meus espelhos, embora eu os tivesse escondido todos. Com uma voz entrecortada, disse-me que se tinha transformado num dos seus monstros de ficção, em Laín Coubert. Quis beijá-lo, mostrar-lhe que o aspecto dele não me repugnava, mas ele não me deixou. Não tardou que mal me deixasse tocar-lhe. Ia recobrando forças de dia para dia. Deambulava pela casa enquanto eu saía a fim de procurar alguma coisa para comer. Os aforros que o Miquel tinha deixado mantinham-nos à tona, mas depressa tive de começar a vender jóias e trastes velhos. Quando já não havia outro remédio, peguei na caneta de Victor Hugo e saí para a vender ao melhor licitador. Descobri uma loja atrás do Governo Militar que recebia artigos desse tipo. O empregado não pareceu impressionado pelo meu solene juramento de que aquela caneta tinha pertencido a Victor Hugo, mas reconheceu que era uma peça magistral e conveio em pagar-me o

mais que pôde, tendo em conta que os tempos que corriam eram de escassez e miséria.

Quando disse ao Julián que a tinha vendido, receei que se encolerizasse. Limitou-se a dizer que tinha feito bem, que ele nunca a tinha merecido. Um dia, um de tantos em que eu tinha saído à procura de emprego, regressei e deparei com o facto de o Julián não estar. Não regressou até ao alvorecer. Quando lhe perguntei onde tinha ido, limitou-se a esvaziar os bolsos do abafó (que tinha sido do Miquel) e deixar um punhado de dinheiro em cima da mesa. A partir de então começou a sair quase todas as noites. Na escuridão, coberto com um chapéu e um cachecol, com as luvas e a gabardina, era uma sombra mais. Nunca me dizia onde ia. Trazia quase sempre dinheiro ou jóias. Dormia de manhã, sentado direito no seu cadeirão, com os olhos abertos. Numa ocasião encontrei-lhe uma navalha nos bolsos. Era uma arma de dois gumes, de mola automática. A lâmina estava cheia de manchas escuras. Foi por essa altura que comecei a ouvir pelas ruas as histórias acerca de um indivíduo que quebrava as montras das livrarias de noite e queimava livros. Noutras ocasiões, o estranho vândalo introduzia-se numa biblioteca ou na sala de um coleccionador. Levava sempre dois ou três volumes, que queimava. Em Fevereiro de 1938 fui a um alfarrabista para perguntar se era possível encontrar algum livro de Julián Carax no mercado. O empregado disse-me que era impossível: tinha andado alguém a fazê-los desaparecer. Ele próprio tivera um par e vendera-os a um indivíduo muito estranho, que ocultava o rosto e ao qual dificilmente se conseguia decifrar a voz.

— Até há pouco tempo ainda havia alguns exemplares em colecções particulares, aqui e em França, mas muitos coleccionadores começam a desfazer-se deles. Têm medo — dizia -, e eu não os culpo. Às vezes o Julián desaparecia durante dias inteiros. Não tardou que as suas ausências fossem de semanas. Saía e voltava sempre de noite. Nunca dava explicações ou, se o fazia, limitava-se a fornecer pormenores sem sentido. Disse-me que tinha estado em França. Paris, Lião, Nice. Ocasionalmente chegavam cartas de França em nome de Laín Coubert. Eram sempre de alfarrabistas, coleccionadores. Alguém tinha localizado um exemplar perdido das obras de Julián Carax. Nessa altura desaparecia vários dias e regressava como um lobo, tresandando a queimado e a rancor.

Foi durante uma dessas ausências que encontrei o chapeleiro Fortuny no claustro da catedral, a vaguear como um iluminado. Ainda me lembrava da vez que tinha ido com o Miquel perguntar pelo seu filho Julián, havia dois anos. Conduziu-me a um recanto e disse-me confidencialmente que sabia que o Julián estava vivo, nalgum sítio, mas que suspeitava que o filho não podia entrar em contacto connosco por algum motivo que não conseguia discernir. «Qualquer coisa relacionada com aquele desalmado do Fumero.» Disse-lhe que eu estava convencida do mesmo. Os anos da guerra estavam a revelar-se muito prósperos para o Fumero. As suas

alianças mudavam de mês para mês, dos anarquistas para os comunistas, e dali para o que viesse. Uns e outros acusavam-no de espião, de esbirro, de herói, de assassino, de conspirador, de intriguista, de salvador ou de demiurgo. Pouco importava. Todos o temiam. Todos o queriam do seu lado. Talvez demasiado ocupado com as intrigas da Barcelona da guerra, o Fumero parecia ter esquecido o Julián. Provavelmente, como o chapeleiro, imaginava-o já foragido e longe do seu alcance. O senhor Fortuny perguntou-me se eu era uma velha amiga do filho e eu disse-lhe que sim. Pediu-me que lhe falasse do Julián, do homem em que se tinha transformado, porque ele, confessou-me entristecido, não o conhecia. «A vida separou-nos, sabe?» Contou-me que tinha percorrido todas as livrarias de Barcelona à procura dos romances do Julián, mas não havia maneira de os encontrar. Alguém lhe contara que um louco recorria o mapa à procura deles para os queimar. Fortuny estava convencido de que o culpado não era senão o Fumero. Não o contradisse. Menti como pude, por piedade ou por despeito, não sei. Disse-lhe que julgava que o Julián tinha regressado de Paris, que estava bem e que me constava que apreciava muito o chapeleiro Fortuny e que, logo que as circunstâncias o tornassem possível, se reuniria de novo a ele. «E esta guerra – lamentava-se ele –, que apodrece tudo.» Antes de nos despedirmos insistiu em dar-me a sua direcção e a da ex-mulher, Sophie, com a qual tinha voltado a reatar o contacto depois de longos anos de «mal-entendidos». Sophie vivia agora em Bogotá com um prestigiado médico, disse-me ele. Geria a sua própria escola de música e escrevia sempre a perguntar pelo Julián.

– Já é a única coisa que nos une, sabe? A lembrança. Uma pessoa comete muitos erros na vida, menina, e só se apercebe quando é velha. Diga-me, a menina tem fé?

Despedi-me prometendo-lhe informá-lo a ele e a Sophie se tivesse notícias do Julián.

– Nada faria a mãe mais feliz do que voltar a saber dele. Vocês, as mulheres, ouvem mais o coração e menos as parvoeiras – concluiu o chapeleiro com tristeza. – Por isso vivem mais.

Apesar de ter ouvido tantas histórias virulentas acerca dele, não pude evitar sentir pena daquele pobre velho que quase não tinha mais que fazer no mundo do que esperar o regresso do filho e parecia viver das esperanças de recuperar o tempo perdido graças a um milagre dos santos que visitava com tanta devoção nas capelas da catedral.

Tinha-o imaginado como um ogre, um ser vil e rancoroso, mas pareceu-me um homem bondoso, talvez ofuscado, perdido como todos. Talvez porque me lembrava o meu próprio pai, que se escondia de todos e de si próprio naquele refúgio de livros e sombras, talvez porque, sem ele o suspeitar, também nos unia a ânsia de recuperar o Julián, afeiçoei-me a ele e transformei-me na sua única amiga.

Sem que Julián o soubesse, ia vê-lo amiúde ao andar da Ronda de San António. O chapeleiro já não trabalhava.

– Não tenho nem as mãos, nem a vista, nem os clientes... – dizia.

Esperava-me quase todas as quintas-feiras e oferecia-me café, bolachas e doces que ele mal provava. Passava as horas a falar-me da infância do Julián, de como trabalhavam juntos na chapelaria, a mostrar-me fotografias. Conduzia-me ao quarto do Julián, que mantinha imaculado como um museu, e mostrava-me velhos cadernos, objectos insignificantes que ele adorava como relíquias de uma vida que nunca tinha existido, sem se aperceber de que já mos tinha mostrado antes, que já me relatara outro dia todas aquelas histórias. Uma dessas quintas-feiras cruzei-me na escada com um médico que acabava de ir ver o senhor Fortuny.

Perguntei-lhe como estava o chapeleiro e ele olhou-me de esguelha.

– A senhora é família dele?

Disse-lhe que era o mais próximo disso que o pobre homem tinha. O médico disse-me então que Fortuny estava muito doente, que era questão de meses.

– O que é que ele tem?

– Poderia dizer à senhora que é o coração, mas o que o mata é a solidão. As recordações são piores que as balas.

Ao ver-me, o chapeleiro ficou contente e confessou-me que aquele médico não lhe merecia confiança. Os médicos são uma espécie de bruxos de pacotilha, dizia. O chapeleiro tinha sido toda a vida um homem de profundas convicções religiosas e a velhice só as acentuara. Explicou-me que via em todo o lado a mão do demónio. O demónio, confessou-me, ofusca a razão e perde os homens.

Era o demónio que tinha levado o Julián de junto dele, acrescentou.

– Deus dá-nos a vida, mas o caseiro do mundo é o demónio... Passávamos a tarde entre teologia e melindres bafientos.

Certa vez disse ao Julián que, se queria voltar a ver o pai vivo, o melhor era apressar-se. Dava-se o caso de que o Julián tinha andado também a visitar o pai sem que ele o soubesse. De longe, ao crepúsculo, sentado no outro extremo de uma praça, a vê-lo envelhecer. O Julián replicou que preferia que o velho ficasse com a recordação do filho que tinha fabricado na sua mente durante aqueles anos e não com a realidade na qual se tinha transformado.

– Essa, guarda-la para mim – disse-lhe eu, arrependendo-me de imediato.

Não disse nada, mas por um instante pareceu-me que lhe voltava a lucidez e se apercebia do inferno no qual nos tínhamos encurralado. Os prognósticos do médico não tardaram a tornar-se realidade. O senhor Fortuny não chegou a ver o fim da guerra. Encontraram-no sentado no seu cadeirão, a ver as fotografias antigas de Sophie e do Julián. Crivado de recordações.

Os últimos dias da guerra foram o prelúdio do inferno. A cidade vivera o

combate à distância, como uma ferida que lateja adormecida. Tinham transcorrido meses de escaramuças e lutas, bombardeamentos e fome. O espectro de assassinios, lutas e conspirações andava há anos a corroer a alma da cidade, mas, mesmo assim, muitos queriam acreditar que a guerra continuava longe, que era um temporal que passaria de largo. Se é possível, a espera tornou o inevitável pior. Quando a dor despertou, não houve misericórdia. Nada alimenta o esquecimento como uma guerra, Daniel. Todos nos calamos e as pessoas esforçam-se por nos convencer de que aquilo que vimos, aquilo que fizemos, o que apreendemos de nós próprios e dos outros, é uma ilusão, um pesadelo passageiro. As guerras não têm memória e ninguém se atreve a compreendê-las até não haver vozes para contar o que aconteceu, até chegar o momento em que já ninguém as reconhece e regressam, com outra cara e outro nome, para devorar o que deixaram atrás.

Por essa altura o Julián já quase não tinha livros para queimar. Era um passatempo que já passara para mãos mais importantes. A morte do pai, da qual nunca falaria, tinha-o transformado num inválido no qual já não ardia nem a raiva nem o ódio que o tinham consumido ao princípio.

Vivíamos de rumores, em reclusão. Soubemos que o Fumero traíra todos os que o tinham exaltado durante a guerra e que agora estava ao serviço dos vencedores. Dizia-se que ele estava a justiça pessoalmente - estoirando-lhes a cabeça com um tiro na boca – os seus principais aliados e protectores dos calabouços do castelo de Montjuic. O mecanismo do esquecimento começou a matraquear no mesmo dia em que as armas se calaram. Naqueles dias aprendi que nada mete mais medo do que um herói que vive para contar, para contar o que todos os que caíram ao seu lado nunca poderão contar. As semanas que se seguiram à queda de Barcelona foram indescritíveis. Derramou-se tanto ou mais sangue durante aqueles dias do que durante os combates, só quem em segredo e às escondidas. Quando finalmente a paz chegou, cheirava àquela paz que enfeitiça as prisões e os cemitérios, uma mortalha de silêncio e vergonha que apodrece sobre a alma e nunca se vai. Não havia mãos inocentes nem olhares brancos. Os que lá estivemos, todos sem excepção, ficaremos com o segredo connosco até à morte.

A calma restabelecia-se entre receios e ódios, mas o Julián e eu vivíamos na miséria. Tínhamos gasto todas as poupanças e as presas das andanças nocturnas de Laín Coubert, e não restava nada para vender em casa. Eu procurava desesperadamente emprego como tradutora, mecanógrafa ou como sopeira, mas aparentemente a minha passada afiliação com Cabestany tinha-me marcado como indesejável e alvo de suspeitas indizíveis. Um funcionário de fato reluzente, brilhantina e bigode fininho, um das centenas que pareciam estar a sair de debaixo das pedras, durante aqueles meses, insinuou-me que uma mulher atraente como eu não tinha nada que recorrer a empregos tão mundanos. Os vizinhos, que aceitavam

de boa fé a minha história de que vivia a cuidar do meu pobre marido Miquel que ficara inválido e desfigurado na guerra, ofereciam-nos esmolas de leite, queijo ou pão, inclusivamente às vezes peixe salgado ou enchidos que os familiares lhes mandavam da aldeia. Após meses de penúria, convencida de que passaria muito tempo antes que pudesse arranjar emprego, decidi urdir um estratagema que fui buscar emprestado a um dos romances do Julián. Escrevi à mãe do Julián, em Bogotá, em nome de um suposto advogado de extracção recente com quem o falecido senhor Fortuny se tinha aconselhado nos seus últimos dias para pôr os assuntos em ordem. Informava-a de que, tendo o chapeleiro morrido intestado, o seu património, no qual se incluía o andar da Ronda de San António e a loja sita no mesmo imóvel, era agora propriedade teórica do seu filho Julián, que se supunha a viver no exílio em França. Visto que os direitos de sucessão não haviam sido satisfeitos, e encontrando-se ela no estrangeiro, o advogado, que baptizei como José Maria Requejo em lembrança do primeiro rapaz que me tinha beijado na boca, pedia-lhe autorização para iniciar as diligências pertinentes e solucionar a transferência das propriedades para o nome do seu filho Julián, com quem pensava contactar através da embaixada espanhola em Paris assumindo a titularidade das mesmas a título temporário e transitório, assim como uma certa compensação económica. Solicitava-lhe igualmente que entrasse em contacto com o administrador do prédio para que remetesse a documentação e os pagamentos destinados a satisfazer as despesas do prédio para o escritório do advogado Requejo, em cujo nome abri um apartado de correio e ao qual atribuí uma direcção fictícia, uma velha garagem desocupada a duas ruas do casarão em ruínas dos Aldaya. A minha esperança era que, cega pela possibilidade de ajudar o Julián e de voltar a estabelecer contacto com ele, Sophie não se deteria a questionar todo aquele arrazoado legal e consentiria em nos ajudar dada a sua próspera situação na longínqua Colômbia.

Um par de meses mais tarde, o administrador do prédio começou a receber um vale mensal cobrindo as despesas do andar da Ronda de San António e os emolumentos destinados ao escritório de advogados de José Maria Requejo, que se encarregava de mandar sob a forma de cheque ao portador para o apartado 2321 de Barcelona, tal como lhe indicava Sophie Carax na sua correspondência.

O administrador, reparei, ficava todos os meses com uma percentagem não autorizada, mas eu preferi não dizer nada. Assim ele ficava satisfeito e não fazia perguntas perante tão fácil negócio. Com o resto, o Julián e eu tínhamos o suficiente para sobreviver. Assim passaram anos terríveis, sem esperança. Lentamente, tinha conseguido alguns trabalhos como tradutora. Já ninguém se lembrava de Cabestany e praticava-se uma política de perdão, de esquecer de escantilhão velhas rivalidades e rancores. Eu vivia com a perpétua ameaça de que o Fumero decidisse voltar a escarafunchar no passado e reiniciar a perseguição ao Julián. Às vezes convencia-

me de que não, de que já o teria dado como morto, ou o teria esquecido. O Fumero já não era o ferrabrás de anos antes. Agora era uma personalidade pública, um homem de carreira no Regime, que não se podia permitir o luxo do fantasma de Julián Carax. Outras vezes acordava a meio da noite, com o coração a bater e ensopada em suor, julgando que a polícia estava a bater à porta. Receava que algum dos vizinhos suspeitasse daquele marido doente, que nunca saía de casa, que às vezes chorava e batia nas paredes como um louco, e que nos denunciasse à polícia. Receava que Julián fugisse de novo, que decidisse sair à caça dos seus livros para os queimar, para queimar o pouco que restava de si mesmo e apagar definitivamente qualquer sinal de que alguma vez tivesse existido. De tanto recear, esqueci-me de que me fazia velha, que a vida me passava ao lado, que tinha sacrificado a minha juventude amando um homem destruído, sem alma, apenas um espectro. Mas os anos passaram em paz. O tempo passa tanto mais depressa quanto mais vazio está. As vidas sem significado passam de largo como comboios que não param na nossa estação. Entrementes, as cicatrizes da guerra fechavam-se à força. Encontrei trabalho num par de editoras. Passava a maior parte do dia fora de casa. Tive amantes sem nome, rostos desesperados que encontrava num cinema ou no metro, com os quais trocava a minha solidão. Depois, absurdamente, a culpa devorava-me e ao ver o Julián dava-me vontade de chorar e jurava a mim mesma que nunca mais voltaria a atraí-lo, como se lhe devesse alguma coisa. Nos autocarros ou na rua surpreendia-me a olhar para outras mulheres mais novas do que eu com crianças pela mão. Pareciam felizes, ou em paz, como se aqueles pequenos seres, na sua insuficiência, preenchessem todos os vazios sem resposta. Nessa altura recordava-me dos dias em que, fantasiando, tinha chegado a imaginar-me como uma daquelas mulheres, com um filho nos braços, um filho do Julián. Depois lembrava-me da guerra e de que aqueles que a faziam também tinham sido crianças. Quando começava a acreditar que o mundo nos tinha esquecido, apareceu-me um dia um indivíduo em casa. Era um tipo jovem, quase imberbe, um aprendiz que se ruborizava quando me olhava nos olhos. Vinha perguntar pelo senhor Miquel Moliner, supostamente procedendo a uma rotineira actualização de um arquivo do colégio de jornalistas. Disse-me que talvez o senhor Moliner pudesse ser beneficiário de uma pensão mensal, mas que para a processar era necessário actualizar uma série de dados. Disse-lhe que o senhor Moliner já não morava ali desde o princípio da guerra, que tinha partido para o estrangeiro. Respondeu-me que lamentava muito e partiu com um sorriso oleoso e o seu acne de aprendiz de bufo. Soube que tinha de fazer desaparecer o Julián de casa nessa mesma noite, sem falta. Por essa altura o Julián tinha-se reduzido a quase nada. Era dócil como uma criança e toda a sua vida parecia depender dos momentos que passávamos juntos algumas noites a ouvir música no rádio, enquanto eu o deixava pegar-me na mão e ele ma

acariciava em silêncio.

Nessa mesma noite, utilizando as chaves do andar da Ronda de San António que o administrador do prédio remetera ao inexistente advogado Requejo, acompanhei o Julián de regresso à casa onde tinha crescido. Instalei-o no seu quarto e prometi-lhe que voltaria no dia seguinte e que devíamos ter muito cuidado.

– O Fumero anda outra vez à tua procura – disse-lhe.

Assentiu vagamente, como se não se lembrasse, ou já não lhe importasse quem era Fumero. Assim passámos várias semanas. Eu ia à noite ao andar, depois da meia-noite. Perguntava ao Julián o que tinha feito durante o dia e ele olhava-me sem compreender. Passávamos a noite juntos, abraçados, e eu partia ao amanhecer, prometendo-lhe voltar assim que pudesse. Ao sair, deixava o andar fechado à chave. O Julián não tinha nenhuma cópia. Preferia tê-lo preso a morto.

Ninguém voltou a passar por casa para me perguntar pelo meu marido, mas eu encarreguei-me de fazer correr pelo bairro que o meu marido estava em França. Escrevi um par de cartas para o consulado espanhol em Paris dizendo que me constava que o cidadão espanhol Julián Carax estava na cidade e solicitando a sua ajuda para o localizar. Supus que, mais tarde ou mais cedo, as cartas chegariam às mãos adequadas. Tomei todas as precauções, mas sabia que era tudo uma questão de tempo. As pessoas como o Fumero nunca deixam de odiar. Não há sentido nem razão no seu ódio. Odeiam como respiram.

O andar da Ronda de San António era um andar de cobertura. Descobri que havia uma porta de acesso ao terraço que dava para a escada. Os terraços de todo o quarteirão formavam uma rede de pátios geminados separados por muros de apenas um metro onde os vizinhos vinham estender a roupa. Não tardei a encontrar um edifício do outro lado do quarteirão, com fachada para a Rua Joaquín Costa, do qual se podia ter acesso ao terraço e, uma vez ali, saltar o muro e chegar ao edifício da Ronda de San António sem que ninguém me pudesse ver entrar ou sair do prédio. Numa ocasião recebi uma carta do administrador dizendo-me que alguns vizinhos tinham notado ruídos no andar dos Fortuny. Respondi em nome do advogado Requejo alegando que ocasionalmente um ou outro elemento do escritório tivera de ir buscar papéis ou documentos ao andar e que não havia motivo para alarme, embora os ruídos fossem nocturnos. Acrescentei um certo rodeio para dar a entender que, entre cavalheiros, contabilistas e advogados, uma casa de encontros secreta era mais sagrada do que o Domingo de Ramos. O administrador, mostrando solidariedade corporativa, respondeu que não me preocupasse minimamente, que ele se encarregava da situação. Naqueles anos, desempenhar o papel do advogado Requejo foi a minha única diversão. Uma vez por mês ia visitar o meu pai ao Cemitério dos Livros Esquecidos. Ele nunca mostrou interesse em conhecer aquele marido invisível e eu nunca me ofereci para lho apresentar. Contornávamos o

assunto na nossa conversa como navegantes experimentados que evitam um escolho ao lume de água, esquivando o olhar. Às vezes, ficava a olhar-me em silêncio e perguntava-me se precisava de ajuda, se havia alguma coisa que ele pudesse fazer. Alguns sábados, ao amanhecer, acompanhava o Julián a ver o mar. Subíamos ao terraço e passávamos para o edifício contíguo para sairmos na Rua Joaquín Costa. Dali descíamos até ao porto através de vielas do Raval. Ninguém nos saía ao caminho. Receavam o Julián, mesmo de longe. Às vezes chegávamos até ao quebra-mar. O Julián gostava de se sentar nas rochas, a olhar para a cidade. Passávamos horas assim, quase sem trocarmos uma palavra. Uma ou outra tarde enfiávamo-nos num cinema, quando a sessão já tinha começado. Na escuridão ninguém reparava no Julián. À medida que os meses passavam aprendi a confundir a rotina com a normalidade, e com o tempo acabei por acreditar que o meu plano fora perfeito. Pobre imbecil!

12.

1945, um ano de cinzas. Tinham passado apenas seis anos desde o fim da guerra e, embora se sentissem a cada passo as suas cicatrizes, quase ninguém falava abertamente dela. Agora falava-se da outra guerra, a mundial, que tinha empestado o mundo com um fedor a carniça e baixeza de que nunca voltaria a libertar-se. Eram anos de escassez e miséria, estranhamente abençoados por aquela paz que os mudos e os entrevados inspiram, a meio caminho entre a pena e a repugnância. Após anos de procurar trabalho como tradutora em vão, encontrei finalmente um emprego como revisora de provas numa editora fundada por um empresário de recente extracção chamado Pedro Sanmartí. O empresário tinha edificado o negócio investindo a fortuna do sogro, que a seguir instalara num asilo em frente do lago de Banolas à espera de receber pelo correio a sua certidão de óbito. Sanmartí, que gostava de cortejar rapariguinhas com metade da sua idade, tinha-se beatificado pelo lema na altura tão em voga do homem que se fez a si mesmo. Arranhava um inglês com sotaque de Vilanova i La Geltrú, convencido de que era o idioma do futuro, e rematava as suas frases com a muleta do «Okey».

A editora (que Sanmartí baptizara com o peregrino nome de «Endymion» porque lhe soava a catedralesco e propício para fazer caixa) publicava catecismos, manuais de boas maneiras e uma colecção de séries romanceadas de leitura edificante protagonizadas por freirinhas de comédia ligeira, pessoal heróico da Cruz Vermelha e funcionários felizes e de alta fibra apostólica. Editávamos também uma série de historietas de soldados americanos intitulada «Comando Coragem», que fazia furor no seio de uma juventude desejosa de heróis com aspecto de comer carne

sete dias por semana. Eu tinha feito uma boa amiga na empresa na pessoa da secretária de Sanmartí, uma viúva de guerra chamada Mercedes Prieto com a qual não tardei a sentir uma afinidade completa e com a qual me conseguia entender com um simples olhar ou um sorriso. A Mercedes e eu tínhamos muito em comum: éramos duas mulheres à deriva, rodeadas de homens que estavam mortos ou se tinham escondido do mundo. A Mercedes tinha um filho de sete anos doente de distrofia muscular que criava como podia. Tinha apenas trinta e dois anos, mas lia-se-lhe a vida nos sulcos da pele. Durante todos aqueles anos, a Mercedes foi a única pessoa à qual me senti tentada a contar tudo, a abrir-lhe a minha vida.

Foi ela que me contou que Sanmartí era um grande amigo do cada dia mais condecorado inspector-chefe Francisco Javier Fumero. Faziam ambos parte de uma camarilha de indivíduos surgidos de entre as cinzas da guerra que alastrava como uma teia de aranha pela cidade, inexorável. A nova sociedade. Um belo dia o Fumero apareceu na editora. Ia visitar o seu amigo Sanmartí, com o qual combinara ir almoçar. Eu, com uma desculpa qualquer, escondi-me na sala do arquivo até ambos saírem. Quando voltei à minha secretária, a Mercedes lançou-me um olhar que dizia tudo. Desde então, cada vez que o Fumero aparecia nos escritórios da editora, ela avisava-me para eu me esconder.

Não passava um dia que Sanmartí não tentasse levar-me a jantar, convidar-me para ir ao teatro ou ao cinema com qualquer desculpa. Eu respondia sempre que o meu marido estava à minha espera em casa e que a mulher dele devia estar preocupada, que se fazia tarde. A senhora Sanmartí, que funcionava como móvel ou fardo mutável, cotando-se muito abaixo do obrigatório Bugatti na escala de afectos do marido, parecia ter já perdido o seu papel no sainete daquele casamento, uma vez passada a fortuna do sogro para as mãos de Sanmartí.

A Mercedes já me tinha advertido do que a casa gastava. Sanmartí, dotado de uma capacidade de concentração limitada no espaço e no tempo, tinha apetite pela carne fresca e pouco vista, concentrando as suas bagatelas dom-juanescas na recém-chegada, que neste caso era eu. Sanmartí lançava mão de todos os recursos para iniciar uma conversa comigo.

– *Dizem-me que o teu marido, esse tal Moliner, é escritor... Se calhar estaria interessado em escrever um livro sobre o meu amigo Fumero, para o qual já tenho título: Fumero, o Terror do Crime ou A Lei das Ruas. Que dizes tu, Nurieta?*

– Agradeço-lhe imenso, senhor Sanmartí, mas é que o Miquel está enfronhado num romance e não me parece que neste momento possa...

Sanmartí ria às gargalhadas.

– *Um romance! Valha-me Deus, Nurieta... O romance está morto e enterrado. Dizia-mo no outro dia um amigo que acaba de chegar de Nova Iorque.*

Os americanos estão a inventar uma coisa que se chama televisão e que vai ser como o cinema, mas em casa. Nunca mais serão precisos livros, nem missa, nem nada de nada. Diz ao teu marido que se deixe de romances. Se ao menos tivesse nome, fosse futebolista ou toureiro... Olha, que achas de pegarmos no Bugatti e irmos comer uma paelha a Castelldefels para discutir tudo isto? É que tens de contribuir com um pouco da tua vontade... Bem sabes que eu gostaria de te ajudar. E ao teu maridinho também. Bem sabes que neste país, sem padrinhos, nada feito.

Comecei a vestir-me como uma viúva do Corpo de Deus ou uma daquelas mulheres que parecem confundir a luz do sol com o pecado mortal. Ia trabalhar com o cabelo apanhado num carrapito e sem pintura. Apesar dos meus estratagemas, Sanmartí continuava a polvilhar-me com as suas insinuações, sempre suspensas daquele sorriso untuoso e gangrenado de desprezo que caracteriza os eunucos prepotentes que pendem como morcelas tumefactas dos altos escalões de todas as empresas. Tive duas ou três entrevistas na perspectiva de outros empregos, mas mais tarde ou mais cedo acabava por deparar com outra versão de Sanmartí. Cresciam como uma praga de cogumelos que fazem ninho no esterco com que se semeiam as empresas. Um deles deu-se ao trabalho de telefonar a Sanmartí e dizer-lhe que Nuria Monfort andava à procura de emprego nas suas costas. Sanmartí convocou-me ao seu gabinete, magoado de ingratidão. Pôs-me a mão na face e fez menção de uma carícia. Os dedos cheiravam a tabaco e a suor. Fiquei lívida.

– Mulher, se não estás satisfeita, só tens de mo dizer. Que posso eu fazer para melhorar as tuas condições de trabalho? Bem sabes que te aprecio e magoa-me saber por terceiros que nos queres deixar. Que tal se tu e eu fôssemos jantar por aí e fizéssemos as pazes?

Tirei-lhe a mão da minha cara, sem conseguir ocultar mais a repugnância que me causava.

– Desapontas-me, Nuria. Tenho de te confessar que não vejo em ti espírito de equipa nem fé no projecto desta empresa.

A Mercedes já me tinha avisado de que, mais tarde ou mais cedo, havia de acontecer qualquer coisa assim. Dias depois, Sanmartí, que competia em gramática com um orangotango, começou a devolver todos os manuscritos que eu corrigia alegando que estavam cheios de erros. Quase todos os dias ficava no escritório até às dez ou onze da noite, a refazer uma e outra vez páginas e páginas com os riscos e comentários de Sanmartí.

– Demasiados verbos no passado. Soa a morto, sem garra... O infinito não se usa a seguir a ponto e vírgula. Toda a gente sabe isso...

Algumas noites, Sanmartí ficava também até tarde, fechado no seu gabinete. A Mercedes procurava estar lá, mas em mais de uma ocasião Sanmartí mandava-a para casa. Nessa altura, quando ficávamos a sós na editora, Sanmartí saía do seu

gabinete e aproximava-se da minha secretária.

– *Trabalhas muito, Nurieta. O trabalho não é tudo. Também é preciso a pessoa divertir-se. E tu ainda és nova. Embora a juventude passe e nem sempre saibamos tirar partido dela.*

Sentava-se na borda da minha secretária e olhava-me fixamente. Às vezes colocava-se atrás de mim e ficava ali durante um par de minutos e eu podia sentir o seu hálito fétido no cabelo. Outras vezes poisava-me a mão nos ombros.

– *Estás tensa, mulher. Descontra-te.*

Eu tremia, queria gritar ou desatar a correr e nunca mais voltar àquele escritório, mas precisava do emprego e do mísero ordenado que ele me proporcionava. Uma noite, Sanmartí começou com a sua rotina da massagem e principiou a apalpar-me com avidez.

– *Um dia vais-me fazer perder a cabeça – gemia.*

Escapei-me das suas garras de um salto e corri até à saída, arrastando o casaco e a mala. Sanmartí ria-se nas minhas costas. Na escada tropecei numa figura escura que parecia deslizar pelo vestíbulo sem roçar o chão.

– *Bons olhos a vejam, senhora Moliner...*

O inspector Fumero ofereceu-me o seu sorriso de réptil.

– *Não me diga que trabalha para o meu bom amigo Sanmartí. Ele, como eu, é o melhor no seu ofício. E diga-me, como está o seu marido?*

Soube que tinha os dias contados. No dia seguinte correu o rumor no escritório de que Nuria Monfort era «fressureira», visto que se mantinha imune aos encantos e ao hálito a alho de don Pedro Sanmartí, e que andava enrolada com Mercedes Prieto. Não foi uma nem duas jovens de futuro na empresa que garantiram ter visto aquele «par de porcas» a beijocar-se no arquivo em determinadas ocasiões. Nessa tarde, ao sair, a Mercedes perguntou-me se podíamos falar um momento. Mal me conseguia olhar nos olhos. Fomos ao café da esquina sem trocar palavra. Ali, a Mercedes contou-me que Sanmartí lhe tinha dito que não via com bons olhos a nossa amizade, que a polícia lhe tinha dado informações sobre mim, sobre o meu suposto passado de activista comunista.

– *Nuria, eu não posso perder este emprego. Preciso dele para criar o meu filho...*

Abateu-se entre lágrimas, consumida pela vergonha e pela humilhação, envelhecendo a cada segundo.

– *Não te preocupes, Mercedes. Eu percebo – disse eu.*

– *Aquele homem, o Fumero, anda atrás de ti, Nuria. Não sei o que tem ele contra ti, mas vê-se-lhe na cara...*

– *Bem sei.*

Na segunda-feira seguinte, quando cheguei ao escritório, encontrei-me com

um indivíduo enxuto e engomado a ocupar a minha secretária. Apresentou-se como Salvador Benades, o novo revisor.

– *E quem é o senhor?*

Nem uma única pessoa em todo o escritório se atreveu a trocar um olhar ou a palavra comigo enquanto eu juntava as minhas coisas. Ao descer pela escada, a Mercedes correu atrás de mim e entregou-me um envelope que continha um maço de notas e moedas.

– *Quase todos contribuíram com o que puderam. Aceita-o, por favor. Não por ti, por nós.*

Nessa noite fui ao andar da Ronda de San António. O Julián esperava-me como sempre, sentado na escuridão. Tinha escrito um poema para mim, disse. Era o primeiro que escrevia em nove anos. Quis lê-lo, mas fui-me abaixo nos seus braços. Conte-lhe tudo, porque já não podia mais. Porque receava que o Fumero, mais tarde ou mais cedo, o encontrasse. O Julián ouviu-me em silêncio, segurando-me nos braços e acariciando-me o cabelo. Era a primeira vez em anos que sentia que, por uma vez, me podia apoiar nele. Quis beijá-lo, doente de solidão, mas o Julián não tinha lábios nem pele para me oferecer. Adormeci nos seus braços, encolhida na cama do quarto dele, uma caminha de rapaz. Quando acordei, o Julián não estava lá. Ouvei os seus passos no terraço ao alvorecer e fingi estar ainda a dormir. Mais tarde, nessa manhã, ouvi a notícia no rádio sem me aperceber. Tinha sido encontrado um corpo num banco no Paseo del Borne, contemplando a basílica de Santa Maria del Mar, sentado com as mãos cruzadas sobre o regaço. Um bando de pombas que lhe debicavam os olhos chamou a atenção de um vizinho, que alertou a polícia. O cadáver tinha o pescoço partido. A senhora Sanmartí identificou-o como o seu marido, Pedro Sanmartí Monegal. Quando o sogro do falecido recebeu a notícia no seu asilo de Banolas, deu graças aos céus e disse para consigo que agora podia morrer em paz.

13.

O Julián escreveu uma vez que os acasos são as cicatrizes do destino. Não há acasos, Daniel. Somos títeres da nossa inconsciência. Durante anos tinha querido acreditar que o Julián continuava a ser o homem por quem me tinha apaixonado, ou as suas cinzas. Tinha querido acreditar que iríamos avante com sopros de miséria e de esperança. Tinha querido acreditar que Laín Coubert morrera e regressara às páginas de um livro. As pessoas estão dispostas a acreditar no que quer que seja em vez da verdade.

O assassinio de Sanmartí abriu-me os olhos. Compreendi que Laín Coubert

continuava vivo e a mexer. Mais do que nunca. Hospedava-se no corpo fanado pelas chamas daquele homem do qual nem a voz restava e se alimentava da sua memória. Descobri que ele tinha encontrado a maneira de entrar e sair do andar da Ronda de San António através de uma janela que dava para a clarabóia central sem necessidade de forçar a porta que eu fechava todas as vezes que de lá saía. Descobri que Laín Coubert, disfarçado de Julián, tinha andado a percorrer a cidade, visitando o casarão dos Aldaya. Descobri que na sua loucura regressara àquela cripta e quebrara as lápides, que tinha extraído os sarcófagos da Penélope e do filho. «Que fizeste tu, Julián?»

A polícia esperava-me em casa para me interrogar sobre a morte do editor Sanmartí. Conduziram-me à esquadra, onde depois de cinco horas de espera num gabinete às escuras, o Fumero compareceu vestido de preto e me ofereceu um cigarro.

– *A senhora e eu podíamos ser bons amigos, senhora Moliner. Dizem-me os meus homens que o seu marido não está em casa.*

– O meu marido deixou-me. Não sei onde está.

Atirou-me da cadeira abaixo com uma bofetada brutal. Arrastei-me até um canto, presa de pânico. Não me atrevi a levantar a vista. O Fumero ajoelhou-se ao meu lado e agarrou-me pelos cabelos.

– *Toma bem nota, galdéria de merda: eu vou encontrá-lo e, quando isso acontecer, matar-vos-ei aos dois. A ti primeiro, para que ele te veja com as tripas ao dependuro. E depois a ele, quando lhe tiver contado que a outra rameira que ele mandou para a cova era irmã dele.*

– *Primeiro matar-te-á ele a ti, filho da puta.*

O Fumero cuspiu-me na cara e soltou-me. Julguei então que ia dar cabo de mim à pancada, mas ouvi os seus passos a afastarem-se pelo corredor. Tremendo, pus-me de pé e limpei o sangue da cara. Conseguia sentir o cheiro da mão daquele homem na pele, mas desta vez reconheci o fedor do medo.

Retiveram-me naquele quarto, às escuras e sem água, durante seis horas. Quando me soltaram já era de noite. Chovia a cântaros e as ruas ardiam de vapor. Ao chegar a casa deparei com um mar de escombros. Os homens do Fumero tinham estado ali. Entre móveis caídos, gavetas e estantes derrubadas, encontrei a minha roupa feita em farrapos e os livros do Miquel desfeitos. Em cima da minha cama encontrei uma pilha de fezes e sobre a parede, escrito com excrementos, lia-se «Putá». Corri ao andar da Ronda de San António, fazendo mil desvios e certificando-me de que nenhum dos esbirros do Fumero me tinha seguido até à porta da rua Joaquín Costa. Atravessei os telhados alagados de chuva e verifiquei que a porta do andar continuava fechada. Entrei discretamente, mas os ecos dos meus passos denunciava a ausência. O Julián não estava lá. Esperei-o sentada na sala de jantar

escura, a ouvir a tempestade, até ao alvorecer. Quando a bruma do amanhecer lambeu os postigos da varanda, subi ao terraço e contemplei a cidade esmagada sob céus de chumbo. Soube que o Julián não voltaria ali. Já o tinha perdido para sempre.

Voltei a vê-lo dois meses depois. Tinha-me enfiado num cinema à noite, sozinha, incapaz de voltar ao andar vazio e frio. A meio do filme, uma estupidez de amoricos entre uma princesa romena desejosa de aventura e um bem-parecido repórter norte-americano imune ao esguedelhamento, sentou-se um indivíduo ao meu lado. Não era a primeira vez. Os cinemas daquela época andavam enxameados de fantoches que tresandavam a solidão, urina e água-de-colónia, brandindo as suas mãos suarentas e trémulas como línguas de carne morta. Dispunha-me a levantar-me e avisar o arrumador quando reconheci o perfil fanado do Julián. Aferrou-me a mão com força e permanecemos assim, a olhar o ecrã sem o ver.

– Foste tu que mataste o Sanmartí? – murmurei.

– Alguém sente a falta dele?

Falávamos em sussurros, sob o olhar atento dos homens solitários semeados pela plateia que se roíam de inveja ante o aparente êxito daquele sombrio competidor. Perguntei-lhe onde tinha andado a esconderse, mas não me respondeu.

– Existe outro exemplar de *A Sombra do Vento* – murmurou. – Aqui, em Barcelona.

– Estás enganado, Julián. Destruíste-os todos.

– Todos menos um. Ao que parece, alguém mais astuto do que eu o escondeu num lugar onde nunca o poderia encontrar. Tu.

Foi assim que ouvi falar pela primeira vez de ti. Um livreiro fanfarrão e desbocado chamado Gustavo Barceló tinha estado a gabar-se diante de alguns colecionadores de ter localizado um exemplar de *A Sombra do Vento*. O mundo dos livros de alfarrabista é uma câmara de eco. Num par de meses apenas, o Barceló estava a receber ofertas de colecionadores de Berlim, Paris e Roma para adquirirem o livro. A enigmática fuga do Julián de Paris após um sangrento duelo e a sua propalada morte na guerra civil espanhola tinham conferido às suas obras um valor de mercado com que nunca teriam podido sonhar. A lenda negra de um indivíduo sem rosto que percorria livrarias, bibliotecas e colecções privadas para as queimar só contribuía para multiplicar o interesse e a cotação. «Temos o circo no sangue», dizia Barceló.

O Julián, que continuava a perseguir a sombra das suas próprias palavras, não tardou a ouvir o rumor. Soube assim que Gustavo Barceló não tinha o livro, mas que, segundo parecia, o exemplar era propriedade de um rapaz que o descobrira por acidente e que, fascinado pelo romance e pelo seu enigmático autor, se negava a vendê-lo e o conservava como a sua mais apreciada possessão. Esse rapaz eras tu, Daniel.

– Pelo amor de Deus, Julián, não vais fazer mal a uma criança... - murmurei, não muito segura.

O Julián disse-me então que todos os livros que tinha roubado e destruído haviam sido arrebatados das mãos de quem não sentia nada por eles, de gente que se limitava a comerciar com eles ou que os mantinha como curiosidades de coleccionadores e diletantes bafientos. Tu, que te negavas a vender o livro fosse a que preço fosse e tentavas recuperar Carax dos recantos do passado, inspiravas-lhe uma estranha simpatia, e até respeito. Sem que o soubesses, o Julián observava-te e estudava-te.

– Talvez, se vier a averiguar quem eu sou e o que sou, também ele decida queimar o livro.

O Julián falava com aquela lucidez firme e taxativa dos loucos que se livraram da hipocrisia de se aterem a uma realidade que não encaixa.

– Quem é esse rapaz?

– Chama-se Daniel. É filho dum livreiro que o Miquel costumava frequentar na Rua Santa Ana. Vive com o pai num andar por cima da loja. Perdeu a mãe em muito pequeno.

– Até parece que estás a falar de ti.

– Se calhar. Esse rapaz lembra-me eu próprio.

– Deixa-o em paz, Julián. É apenas uma criança. O seu único crime foi admirar-te.

– Isso não é um crime, é uma ingenuidade. Mas há-de passar-lhe. Talvez então me devolva o livro. Quando deixar de me admirar e começar a compreender-me.

Um minuto antes do desenlace, o Julián levantou-se e afastou-se ao abrigo das sombras. Durante meses vimo-nos sempre assim, às escuras, em cinemas e vielas à meia-noite. O Julián encontrava-me sempre. Eu sentia a sua presença silenciosa sem o ver, sempre vigilante. Às vezes mencionava-te e, ao ouvi-lo falar de ti, parecia-me detectar na sua voz uma estranha ternura que o confundia e que havia muitos anos julgava perdida nele. Soube que tinha regressado ao casarão dos Aldaya e que agora vivia lá, a meio caminho entre espectro e mendigo, percorrendo a ruína da sua vida e velando os restos da Penélope e do filho de ambos. Aquele era o único sítio no mundo que ainda sentia seu. Há piores prisões que as palavras.

Eu ia lá uma vez por mês, para me certificar de que ele estava bem, ou simplesmente vivo. Saltava a sebe meio derrubada da parte de trás, invisível da rua. Às vezes encontrava-o ali, outras vezes Julián tinha desaparecido. Deixava-lhe comida, dinheiro, livros... Esperava-o durante horas, até ao anoitecer. Em certas ocasiões atrevia-me a explorar o casarão. Foi assim que averigui que ele tinha quebrado as lápides da cripta e extraído os sarcófagos. Já não julgava que o Julián

estivesse louco, nem via monstruosidade naquela profanação, mas tão-só uma trágica coerência. Nas vezes que o encontrava lá falávamos durante horas, sentados ao pé do fogo. O Julián confessou-me que tinha tentado voltar a escrever, mas que não era capaz. Lembrava-se vagamente dos seus livros como se os tivesse lido, como se fossem obra de outra pessoa. As cicatrizes da sua tentativa estavam à vista. Descobri que o Julián confiava ao fogo páginas que escrevera febrilmente durante o tempo em que não nos tínhamos visto. Uma vez, aproveitando a sua ausência, recuperei um molho de folhas de entre as cinzas. Falava de ti. O Julián tinha-me dito certa vez que um relato era uma carta que o autor escreve a si próprio para contar coisas a si mesmo que de outro modo não poderia averiguar. Havia tempo que o Julián perguntava a si mesmo se tinha perdido a razão. Saberá o louco que está louco? Ou os loucos são os outros, que se empenham em convencê-lo da sua insanidade para salvaguardarem a sua existência de quimeras? O Julián observavate, via-te crescer e perguntava a si mesmo quem eras. Perguntava a si mesmo se porventura a tua presença não seria senão um milagre, um perdão que tinha de conquistar ensinando-te a não cometeres os seus próprios erros. Em mais de uma ocasião interroguei-me sobre se o Julián não teria acabado por se convencer de que tu, naquela lógica tortuosa do seu universo, te tinhas transformado no filho que ele perdera, numa nova página em branco para voltar a começar aquela história que não podia inventar, mas que não podia recordar.

Passaram aqueles anos no casarão e o Julián vivia cada vez mais suspenso de ti, dos teus progressos. Falava-me dos teus amigos, de uma mulher chamada Clara pela qual te tinhas apaixonado, do teu pai, um homem que ele admirava e apreciava, do teu amigo Fermín e de uma rapariga em que ele quis ver outra Penélope, a tua Bea. Falava de ti como de um filho. Vocês procuravam-se um ao outro, Daniel. Ele queria crer que a tua inocência o salvaria de si mesmo. Deixara de perseguir os seus livros, de ter vontade de queimar e destruir o seu rasto na vida. Estava a aprender a voltar a memorizar o mundo através dos teus olhos, de recuperar o rapaz que tinha sido em ti. No dia em que foste lá a casa pela primeira vez senti que já te conhecia. Fingi receio para ocultar o temor que me inspiravas. Tinha medo de ti, do que poderias averiguar. Tinha medo de ouvir o Julián e começar a acreditar como ele que todos estávamos realmente ligados numa estranha cadeia de destinos e acasos. Tinha medo de reconhecer o Julián que perdera em ti. Sabia que tu e os teus amigos estavam a fazer investigações sobre o nosso passado. Sabia que mais tarde ou mais cedo descobririas a verdade, mas a seu devido tempo, quando pudesses vir a compreender o seu significado. Sabia que mais tarde ou mais cedo tu e o Julián se encontrariam. Foi esse o meu erro. Porque havia mais alguém que o sabia, alguém que pressentia que, com o tempo, tu o conduzirias ao Julián: o Fumero. Compreendi o que estava a acontecer quando já não havia retorno, mas nunca perdi a esperança

de que perdesse o rasto, de que te esquecesses de nós ou de que a vida, a tua e não a nossa, te levasse para longe, a salvo. O tempo ensinou-me a não perder as esperanças, mas a não confiar demasiado nelas. São cruéis e vaidosas, desprovidas de consciência. Há já muito tempo que o Fumero anda no meu encalço. Ele sabe que cairei, mais tarde ou mais cedo. Não tem pressa, e por isso parece incompreensível. Vive para se vingar. De todos e de si mesmo. Sem a vingança, sem a raiva, evaporar-se-ia. O Fumero sabe que tu e os teus amigos me levarão até ao Julián. Sabe que, depois de quase quinze anos, já não me restam forças nem recursos. Viu-me morrer durante anos e só espera o momento de me assestar o último golpe. Nunca duvidei de que morrerei às suas mãos. Agora sei que o momento se aproxima. Entregarei estas páginas ao meu pai com o encargo de as fazer chegar se me acontecer alguma coisa. Peço a Deus, com quem nunca me cruzei, que nunca chegues a lê-las, mas pressinto que o meu destino, apesar da minha vontade e apesar das minhas vãs esperanças, é confiar-te esta história. O teu, apesar da tua juventude, é libertá-la. Quando leres estas palavras, esta prisão de recordações, significará que já não poderei despedir-me de ti como quereria, que não te poderei pedir que nos perdoes, sobretudo ao Julián, e que cuides dele quando eu não estiver cá para o fazer. Sei que não te posso pedir nada, salvo que te salves. Talvez tantas páginas me tenham acabado por convencer de que, aconteça o que acontecer, terei sempre em ti um amigo, que tu és a minha única e verdadeira esperança. De todas as coisas que o Julián escreveu, aquela que sempre senti mais próxima é que enquanto nos recordam, continuamos vivos. Como tantas vezes me sucedeu com o Julián, anos antes de me encontrar com ele, sinto que te conheço e que, se posso confiar em alguém, é em ti. Lembra-te de mim, Daniel, mesmo que seja num canto e às escondidas. Não me deixes ir.

Nuria Monfort.

A SOMBRA DO VENTO

1955

1.



manhecia já quando acabei de ler o manuscrito de Nuria Monfort. Aquela era a minha história. A nossa história. Nos passos perdidos de Carax reconhecia agora os meus, já irrecuperáveis. Levantei-me, devorado pela ansiedade, e comecei a percorrer o quarto como um animal enjaulado. Todos os meus escrúpulos, os meus receios e temores se desfaziam agora em cinzas, insignificantes. A fadiga, o remorso e o medo venciam-me, mas senti-me incapaz de permanecer ali, a esconder-me do rasto das minhas acções. Envolvi-me no sobretudo, meti o manuscrito dobrado no bolso interior e corri pelas escadas abaixo. Tinha começado a nevar quando saí a porta da rua e o céu desfazia-se em lágrimas preguiçosas de luz que assentavam no bafo e desapareciam. Corri em direcção à Praça Cataluna, deserta. No centro da praça, solitário, erguia-se a silhueta de um velho, ou talvez fosse um anjo desertor, encimada por uma cabeleira branca e enfiado num formidável sobretudo cinzento. Rei do alvorecer, erguia o olhar ao céu e tentava em vão apanhar flocos de neve com as luvas, rindo-se. Ao passar ao lado dele olhou-me e sorriu com gravidade, como se pudesse ler-me a alma numa olhadela. Tinha os olhos dourados como moedas enfeitiçadas no fundo de um lago.

– Felicidades – pareceu-me ouvi-lo dizer.

Tentei agarrar-me àquela bênção e apertei o passo, rezando para que não fosse tarde de mais e que Bea, a Bea da minha história, ainda estivesse à minha espera.

Ardia-me a garganta de frio quando cheguei ao edifício onde os Aguilar viviam, ofegando após a corrida. A neve começava a coagular. Tive a sorte de encontrar don Saturno Molleda, porteiro do edifício e (segundo Bea me tinha contado) poeta surrealista às escondidas, postado à entrada. Don Saturno tinha saído para contemplar o espectáculo da neve de vassoura na mão, embrulhado em nada menos que três cachecóis e botas de assalto.

– É a caspa de Deus – disse, maravilhado, estreando o nevão de versos

inéditos.

– Vou a casa dos senhores Aguilar – anunciei.

– É sabido que a quem madruga Deus ajuda, mas estas suas horas são como pedir-lhe uma bolsa de estudo, jovem.

– Trata-se de uma emergência. Estão à minha espera.

– *Ego te absolvo – recitou, concedendo-me uma bênção.*

Corri pelas escadas acima. Enquanto subia, contemplava as minhas possibilidades com uma certa reserva. Com sorte, viria abrir-me uma das criadas, cujo bloqueio me dispunha a franquear sem contemplações. Com pior sorte, talvez fosse o pai de Bea quem me abrisse a porta, dadas as horas. Quis acreditar que na intimidade do seu lar não andaria armado, pelo menos antes do pequeno-almoço. Antes de bater, parei uns instantes para recuperar o fôlego e tentar conjurar umas palavras que não me vieram. Já pouco importava. Bati a aldraba três vezes com força. Quinze segundos depois repeti a operação, e assim sucessivamente, ignorando o suor frio que me cobria a testa e as batidas do meu coração. Quando a porta se abriu, ainda segurava a aldraba nas mãos.

– Que queres?

Os olhos do meu velho amigo Tomás perfuraram-me, sem sobressalto. Frios e supurante de ira.

– Venho ver a Bea. Podes partir-me a cara, se quiseses, mas não vou daqui sem falar com ela.

Tomás observava-me sem pestanejar. Perguntei a mim mesmo se me ia partir em dois ali mesmo, sem contemplações. Engoli em seco.

– A minha irmã não está.

– Tomás...

– A Bea foi-se embora.

Havia abandono e mágoa na sua voz, que a custo conseguia mascarar de raiva.

– Foi-se embora? Para onde?

– Esperava que tu soubesses.

– Eu?

Ignorando os punhos cerrados e o semblante ameaçador de Tomás, introduzi-me no interior do andar.

– Bea? – gritei. – Bea, sou o Daniel...

Parei a meio do corredor. O andar cuspiu o eco da minha voz com aquele desprezo dos espaços vazios. Nem o senhor Aguilar, nem a mulher, nem a criadagem apareceram em resposta aos meus bramidos.

– Não está cá ninguém. Já te disse – declarou Tomás à minha retaguarda.

– Agora põe-te a andar e não voltes. O meu pai jurou que te matava e não

vou ser eu quem o impeça.

– Pelo amor de Deus, Tomás. Diz-me onde está a tua irmã. Contemplava-me como quem não sabe se cuspir ou passar de largo.

– A Bea foi-se embora de casa, Daniel. Os meus pais andam há dois dias à procura dela por todo o lado como doidos e a polícia também.

– Mas...

– Na outra noite, quando voltou de te ver, o meu pai estava à espera dela. Abriu-lhe os lábios à bofetada, mas não te preocupes, que se negou a dar o teu nome. Tu não a mereces.

– Tomás...

– Cala-te. No dia seguinte, os meus pais levaram-na ao médico.

– Porquê? A Bea está doente?

– Doente de ti, imbecil. A minha irmã está grávida. Não me digas que não sabias.

Senti que me tremiam os lábios. Um frio intenso espalhava-se-me pelo corpo, a voz sumida, o olhar aprisionado. Arrastei-me até à saída, mas

Tomás agarrou-me pelo braço e arremessou-me contra a parede.

– Que foi que lhe fizeste?

– Tomás, eu...

Descaíram-lhe as pálpebras de impaciência. O primeiro golpe cortou-me a respiração. Resvalei até ao chão com as costas apoiadas contra a parede, os joelhos a fraquejar. Um aperto terrível aferrou-me a garganta e susteve-me de pé, espetado contra a parede.

– Que foi que lhe fizeste, filho da puta?

Tentei libertar-me do aperto, mas Tomás lançou-me por terra com um murro na cara. Caí numa escuridão interminável, com a cabeça envolvida em labaredas de dor. Abati-me sobre as lajes do corredor. Procurei rastejar, mas Tomás agarrou-me pela gola do sobretudo e arrastou-me sem contemplações até ao patamar. Atirou-me para as escadas como um despojo.

– Se aconteceu alguma coisa à Bea, juro que te mato – disse do umbral da porta.

Ergui-me de joelhos, implorando um segundo, uma oportunidade de recuperar a voz. A porta fechou-se abandonando-me na escuridão. Assaltou-me uma pontada no ouvido esquerdo e levei a mão à cabeça, retorcendo-me de dor. Apalpei sangue morno. Pus-me de pé conforme pude. Os músculos do ventre que tinham encaixado o primeiro golpe de Tomás ardiam numa agonia que só agora principiava. Deslizei pelas escadas abaixo, onde don Saturno, ao ver-me, abanou a cabeça.

– Eh lá, entre um momento e recomponha-se...

Fiz um gesto de recusa, agarrando o estômago com as mãos. Latejava-me o

lado esquerdo da cabeça, como se os ossos quisessem desprender-se da carne.

– Está a sangrar – disse don Saturno, inquieto.

– Não é a primeira vez.

– Então continue a brincar e não terá oportunidade de sangrar muito mais.

Vamos, entre e eu chamo um médico, faça-me o favor.

Consegui chegar à porta da rua e livrar-me da boa vontade do porteiro. Agora nevava com força, velando o passeio com mantos de bruma branca. O vento gelado abria caminho pelo meio da minha roupa, lambendo a ferida que me sangrava na cara. Não sei se chorei de dor, de raiva ou de medo. A neve, indiferente, levou o meu pranto cobarde e afastei-me lentamente no alvorecer de poeira, uma sombra mais a abrir sulcos na caspa de Deus.

2.

Quando me aproximava do cruzamento da Rua Balmes reparei que um carro me estava a seguir, bordejando o passeio. A dor de cabeça tinha dado lugar a uma sensação de vertigem que me fazia cambalear e caminhar apoiando-me nas paredes. O carro parou e dois homens apearam-se dele. Um apito estridente tinha-me inundado os ouvidos e não consegui ouvir o motor, nem os apelos daquelas duas silhuetas de preto que me seguravam cada uma de seu lado e me arrastavam com urgência para o carro. Caí no banco de trás, embriagado de náusea. A luz ia e vinha, como uma maré de claridade ofuscante. Senti que o carro se movia. Umas mãos apalpavam-me o rosto, a cabeça e as costelas. Ao dar com o manuscrito de Nuria Monfort oculto no interior do meu sobretudo, uma das figuras arrebatoumo. Quis detê-lo com braços de gelatina. A outra silhueta debruçou-se sobre mim. Soube que estava a falar comigo ao sentir o seu hálito na cara. Esperei ver o rosto de Fumero e sentir o gume da sua faca na garganta. Um olhar poisou sobre o meu e, enquanto o véu da consciência se soltava, reconheci o sorriso desdentado e obsequioso de Fermín Romero de Torres.

Acordei encharcado num suor que me ardia na pele. Duas mãos seguravam-me com firmeza pelos ombros, acomodando-me sobre um catre que me pareceu rodeado de círios, como num velório. O rosto de Fermín assomou à minha direita. Sorria, mas até em pleno delírio pude perceber a sua inquietude. Ao seu lado, de pé, distingui don Federico Flaviá, o relojoeiro.

– Parece que está a voltar a si, Fermín – disse don Federico. – Acha bem que lhe prepare um pouco de caldo para o reanimar?

– Mal não lhe há-de fazer. Já que está com as mãos na massa, o senhor podia preparar-me uma sanduíche do que encontre, que com estes nervos veio-me

uma larica que não lhe digo nada.

Federico retirou-se com louçania e deixou-nos a sós.

– Onde estamos, Fermín?

– Em lugar seguro. Tecnicamente, achamo-nos num andarzinho à esquerda do Ensanche, propriedade de umas amizades de don Federico, ao qual devemos a vida e não só. Os maldizentes qualificá-lo-iam de casa de encontros, mas para nós é um santuário. Procurei pôr-me de pé. A dor no ouvido fazia-se sentir agora num latejar ardente.

– Vou ficar surdo?

– Surdo, não sei, mas por pouco não ficou meio mongolóide. Esse energúmeno do senhor Aguilar por pouco não lhe liquefez as meninges à porrada.

– Não foi o senhor Aguilar que me bateu. Foi o Tomás.

– O Tomás? O seu amigo inventor? Assenti.

– Alguma coisa o Daniel terá feito.

– A Bea fugiu de casa... – comecei. Fermín franziu o cenho.

– Continue.

– Está grávida.

Fermín observava-me, pasmado. Por uma vez, a sua expressão era impenetrável e severa.

– Não me olhe assim, Fermín, por Deus.

– Que quer que faça? Distribuir charutos?

Tentei levantar-me, mas a dor e as mãos de Fermín detiveram-me.

– Tenho de a encontrar, Fermín.

– Quietinho. O Daniel não está em condições de ir a lado nenhum. Diga-me onde está a rapariga e eu irei à procura dela.

– Não sei onde está.

– Vou-lhe pedir que seja um pouco mais específico.

Don Federico apareceu pela porta trazendo uma taça fumegante de caldo. Sorriu-me calidamente.

– Como te sentes, Daniel?

– Muito melhor, obrigado, don Federico.

– Toma um par destas pastilhas com o caldo. Cruzou um olhar leve com Fermín, que assentiu.

– São para as dores.

Engoli as pastilhas e sorvi a taça de caldo, que sabia a xerez. Don Federico, um prodígio de discrição, abandonou o quarto e fechou a porta. Foi então que reparei que Fermín tinha no regaço o manuscrito de Nuria Monfort. O relógio que tilintava na mesa-de-cabeceira marcava a uma, supus que da tarde.

– Ainda neva?

– Nevar é pouco. Isto é um dilúvio em pó.

– Já o leu? – perguntei. Fermín limitou-se a assentir.

– Tenho de encontrar a Bea antes que seja tarde. Acho que sei onde ela está. Sentei-me na cama, afastando os braços de Fermín. Olhei à minha volta.

As paredes ondulavam como algas sob um lago. O tecto distanciava-se num ápice. Mal me consegui ter de pé. Fermín, sem esforço, devolveu-me de novo ao catre.

– O Daniel não vai a sítio nenhum.

– O que eram aquelas pastilhas?

– O linimento de Morfeu. O Daniel vai dormir como uma pedra.

– Não, agora não posso...

Continuei a balbuciar até que as pálpebras, e o mundo, se me abateram sem apelo nem agravo. Foi um sono negro e vazio, de túnel. O sono dos culpados.

O crepúsculo espreitava quando a laje daquele letargo se evaporou e abri os olhos a um quarto escuro e velado por dois círios cansados que pestanejavam na mesa-de-cabeceira. Fermín, desbaratado sobre a poltrona do canto, ressonava com a fúria de um homem três vezes maior. Aos seus pés, esparramado num pranto de páginas, jazia o manuscrito de Nuria Monfort. A dor de cabeça tinha-se reduzido a um latejar lento e morno. Deslizei com discrição até à porta do quarto e saí para uma pequena sala com uma varanda e uma porta que parecia dar para a escada. O meu sobretudo e os meus sapatos repousavam sobre uma cadeira. Uma luz púrpura penetrava pela janela, mosqueada de reflexos irisados. Aproximei-me até à varanda e vi que continuava a nevar. Os telhados de meia Barcelona vislumbravam-se sarapintados de branco e escarlata. Ao longe distinguiam-se as torres da escola industrial, agulhas entre a bruma acesa nos últimos suspiros do sol. O vidro estava embaciado de geada. Poisei o indicador no vidro e escrevi:

Vou à procura da Bea. Não me siga. Voltarei em breve.

A certeza tinha-me assaltado ao acordar, como se um desconhecido me tivesse sussurrado a verdade em sonhos. Saí para o patamar e lancei-me pelas escadas abaixo até sair a porta da rua. A Rua Urgel era um rio de areia reluzente do qual emergiam candeeiros e árvores, mastros num nevoeiro sólido. O vento cuspi a neve às rajadas. Caminhei até ao metro do Hospital Clínico e mergulhei nos túneis de vapor e calor em segunda mão. Hordas de barceloneses, que costumavam confundir a neve com os milagres, continuavam a comentar o insólito do temporal. Os jornais da tarde traziam a notícia na primeira página, com uma fotografia das

Ramblas nevadas e da fonte de Canaletas a sangrar estalactites. «O NEVÃO DO SÉCULO», prometiam os cabeçalhos. Deixei-me cair num banco da plataforma e aspirei aquele perfume a túneis e fuligem que o rumor das composições invisíveis traz. Do outro lado das vias, num cartaz publicitário, proclamando as delícias do parque de atracções do Tibidabo, aparecia o eléctrico azul iluminado como uma verbena, e atrás dele adivinhava-se a silhueta do casarão dos Aldaya. Perguntei a mim mesmo se Bea, perdida naquela Barcelona dos que caíram do mundo, teria visto a mesma imagem e compreendido que não tinha outro sítio para onde ir.

3.

Começava a anoitecer quando emergi das escadarias do metro. Deserta, a Avenida del Tibidabo desenhava uma fuga infinita de ciprestes e palácios sepultados numa claridade sepulcral. Vislumbrei a silhueta do eléctrico azul na paragem, com a campainha do revisor a decepar o vento. Apressei-me e apanhei-o quase ao mesmo tempo que ele iniciava o seu trajecto. O revisor, velho conhecido, aceitou as moedas murmurando de si para si. Procurei lugar no interior da cabina, um pouco mais resguardado da neve e do frio. Os casarões sombrios desfilavam lentamente por detrás dos vidros velados de gelo. O revisor observava-me com aquele misto de receio e ousadia que o frio parecia ter-lhe congelado no rosto.

– O número trinta e dois, jovem. Voltei-me e vi a silhueta espectral do casarão dos Aldaya, avançando em direcção a nós como a proa de um navio escuro no nevoeiro. O eléctrico parou com uma sacudidela. Desci, fugindo do olhar do revisor.

– Felicidades – murmurou ele.

Contemplei o eléctrico a perder-se avenida acima até só se perceber o eco da campainha. Uma penumbra sólida desabou à minha volta. Apressei-me a contornar a vedação em busca da brecha caída na parte posterior. Ao escalar o muro pareceu-me ouvir passos sobre a neve no passeio oposto, a aproximarem-se. Parei um instante, imóvel no cimo do muro. A noite caía já, inexorável. O rumor de passos extinguiu-se no rasto do vento. Saltei para o outro lado e penetrei no jardim. As ervas daninhas tinham congelado em talos de vidro. As estátuas dos anjos derrubados jaziam cobertas por sudários de gelo. A superfície da fonte tinha congelado num espelho negro e reluzente do qual só emergia a garra de pedra do anjo submergido como um sabre de obsidiana. Lágrimas de gelo pendiam do dedo indicador. A mão acusadora do anjo apontava directamente para o portão principal, entreaberto.

Subi os degraus com a esperança de que não fosse demasiado tarde. Não

me preocupei a amortecer o eco dos meus passos. Empurrei o portão e entrei no vestíbulo. Uma procissão de círios penetrava até ao interior. Eram as velas de Bea, quase consumidas até ao chão. Segui o seu rasto e detive-me aos pés da escadaria. O carreiro de velas subia pelos degraus até ao primeiro andar. Aventurei-me escada acima, seguindo a minha sombra deformada sobre as paredes. Ao chegar ao patamar do primeiro andar verifiquei que havia mais duas velas que se internavam no corredor. A terceira tremulava defronte daquele que tinha sido o quarto de Penélope. Aproximei-me e bati suavemente com os nós dos dedos na porta.

– Julián? – chegou-me a voz trémula.

Agarrei na maçaneta da porta e dispus-me a entrar, sem saber já quem me esperava do outro lado. Abri lentamente. Bea contemplava-me do canto, embrulhada num cobertor. Corri para o seu lado e abracei-a em silêncio. Senti que se desfazia em lágrimas.

– Não sabia para onde ir. Telefonei-te várias vezes para casa, mas não estava ninguém. Assustei-me...

Bea enxugou as lágrimas com os punhos e cravou o olhar em mim. Assenti, e não foi preciso que dissesse mais.

– Por que foi que me chamaste, Julián?

Bea lançou um olhar na direcção da porta entreaberta.

– Ele está aqui. Nesta casa. Entra e sai. Surpreendeu-me no outro dia, quando tentava entrar na casa. Sem que lhe dissesse nada, soube quem era. Soube o que estava a acontecer. Instalou-me neste quarto e trouxe-me um cobertor, água e comida. Disse-me que esperasse. Que tudo havia de correr bem. Disse-me que tu virias à minha procura. À noite falámos durante horas. Falou-me da Penélope, da Nuria... sobretudo falou-me de ti, de nós os dois. Disse-me que tinha de te ensinar a esquecer-lo...

– Onde está ele agora?

– Lá em baixo. Na biblioteca. Disse-me que estava à espera de alguém, que não me mexesse daqui.

– À espera de quem?

– Não sei. Disse que era alguém que viria contigo, que tu o trarias...

Quando assomei ao corredor, as passadas já se ouviam aos pés da escada. Reconheci a sombra dessangrada nas paredes como uma teia de aranha, a gabardina preta, o chapéu enterrado na cabeça como um capuz e o revólver na mão reluzente como uma foice. Fumero. Sempre me tinha lembrado alguém, ou alguma coisa, mas até àquele instante eu não percebera o quê.

Extingui as velas com os dedos e fiz um sinal a Bea para que guardasse silêncio. Ela agarrou-me na mão e olhou-me inquisitivamente. Os passos lentos de Fumero ouviam-se aos nossos pés. Conduzi Bea de novo ao interior do quarto e indiquei-lhe que permanecesse ali oculta atrás da porta.

– Não saias daqui, aconteça o que acontecer – sussurrei.

– Não me deixes agora, Daniel. Por favor.

– Tenho de avisar o Carax.

Bea implorou-me com o olhar, mas eu retirei-me para o corredor antes de me render. Deslizei até ao umbral da escadaria principal. Não havia rasto da sombra de Fumero, nem dos seus passos. Tinha parado em algum ponto da escuridão, imóvel. Paciente. Recuei de novo para o corredor e contornei a galeria de quartos até à fachada principal do casarão. Um janelão embaciado de gelo destilava quatro feixes azuis, turvos como água estagnada. Aproximei-me da janela e pude ver um carro preto postado em frente do gradeamento principal. Reconheci o automóvel do tenente Palácios. Uma brasa de cigarro na escuridão denunciava a sua presença atrás do volante. Regressei lentamente até à escadaria e desci degrau a degrau, poisando os pés com infinita cautela. Parei a meio do trajecto e perscrutei as trevas que inundavam o andar térreo. Fumero tinha deixado o portão principal aberto à sua passagem. O vento apagara as velas e cuspiu remoinhos de neve. A folhagem gelada dançava na abóbada, flutuando no túnel de claridade poeirenta que insinuava as ruínas do casarão. Desci mais quatro degraus, apoiando-me na parede. Captei um vislumbre da porta de vidros da biblioteca. Continuava sem detectar Fumero. Perguntei a mim mesmo se teria descido à cave ou à cripta. O pó de neve que penetrava do exterior estava a dissipar-lhe as pegadas. Deslizei até aos pés da escadaria e lancei uma olhadela ao corredor que conduzia à entrada. O vento gelado cuspiu-me na cara. A garra do anjo mergulhado na fonte entrevia-se nas trevas. Olhei na outra direcção. A entrada da biblioteca ficava a uma dezena de metros dos pés da escadaria. A antecâmara que conduzia até lá ficava velada de escuridão. Compreendi que Fumero podia estar a observar a uns metros apenas do ponto em que eu me encontrava, sem que eu pudesse vê-lo. Perscrutei a sombra, impenetrável como as águas de um poço. Respirei fundo e, quase arrastando os pés, cruzei às cegas a distância que me separava da entrada da biblioteca.

O grande salão oval ficava submergido numa penúria de luz vaporosa, crivada de pontos de sombra projectados pela neve a abater-se gelatinosamente atrás dos janelões.

Um objecto emergia da parede a dois metros apenas à minha direita. Por um instante pareceu-me que se deslocava, mas era só o reflexo da lua sobre o gume. Uma faca, talvez uma navalha de dois gumes, estava cravada na parede. Trespassava um rectângulo de cartão ou papel. Aproximei-me até lá e reconheci a imagem

apunhalada sobre a parede. Era uma cópia idêntica da fotografia meio queimada que um estranho tinha abandonado no balcão da livraria. No retrato, Julián e Penélope, apenas uns adolescentes, sorriam a uma vida que se lhes tinha escapado sem o saberem. O fio da navalha atravessava o peito de Julián. Compreendi então que não tinha sido Laín Coubert, ou Julián Carax, quem tinha deixado aquela fotografia como um convite. Fora Fumero. A fotografia havia sido um isco envenenado. Levantei a mão para a arrebatara a faca, mas o contacto gelado do revólver de Fumero na nuca deteve-me.

– Uma imagem vale mais que mil palavras, Daniel. Se o teu pai não tivesse sido um livreiro de merda, já to teria ensinado. Voltei-me lentamente e enfrentei o cano da arma. Tresandava a pólvora recente. O rosto cadavérico de Fumero sorria numa careta crispada de terror.

– Onde está o Carax?

– Longe daqui. Sabia que você viria à procura dele. Foi-se embora.

Fumero observava-me sem pestanejar.

– Vou-te estoirar a cara em pedaços, miúdo.

– De pouco lhe servirá. O Carax não está aqui.

– Abre a boca – ordenou Fumero.

– Para quê?

– Abre a boca ou abro-ta eu com um tiro.

Descerrei os lábios. Fumero introduziu-me o revólver na boca. Senti um vômito a trepar-me pela garganta. O polegar de Fumero retesou-se no cão.

– Agora, desgraçado, pensa se tens alguma razão para continuar a viver.

Que dizes?

Assenti lentamente.

– Então diz-me onde está o Carax.

Tentei balbuciar. Fumero afastou lentamente o revólver.

– Onde está?

– Lá em baixo. Na cripta.

– Tu guias-me. Quero que estejas presente quando eu contar a esse filho da puta como a Nuria Monfort gemia quando lhe enfiei a faca no...

A silhueta abriu caminho do nada. Espreitando por cima do ombro de Fumero julguei ver que a escuridão se remexia em cortinados de bruma e uma figura sem rosto, de olhar incandescente, deslizava direita a nós num silêncio absoluto, como se mal roçasse o solo. Fumero leu o reflexo nas minhas pupilas embaciadas de lágrimas e o seu rosto desfigurou-se devagar.

Quando se virou e disparou sobre o manto de negrume que o envolvia, duas garras de couro, sem linhas nem relevo, tinham-lhe atenazado a garganta. Eram as mãos de Julián Carax, crescidas das chamas. Carax afastou-me com um empurrão e

esmagou Fumero contra a parede. O inspector aferrou o revólver e tentou colocá-lo debaixo do queixo de Carax. Antes que pudesse accionar o gatilho, Carax agarrou-o pelo pulso e martelou com força uma e outra vez contra a parede, sem conseguir que Fumero largasse o revólver. Um segundo disparo deflagrou na escuridão e estoirou contra a parede, abrindo uma brecha no painel de madeira. Lágrimas de pólvora inflamada e lascas em brasa salpicaram o rosto do inspector. O fedor a carne chamuscada inundou a sala.

Com uma sacudidela, Fumero tentou libertar-se daquelas mãos que lhe mantinham o pescoço imobilizado e a mão que segurava o revólver contra a parede. Carax não afrouxava o aperto. Fumero rugiu de raiva e virou a cabeça até morder o punho de Carax. Possuía-o uma fúria animal. Ouvi o estalido dos seus dentes a rasgar a pele morta e vi os lábios de Fumero a ressumar sangue. Carax, ignorando a dor, ou talvez incapaz de a sentir, agarrou então no punhal. Descravou-o da parede com um puxão e, perante o olhar aterrado de Fumero, trespassou o pulso direito do inspector contra a parede com um golpe brutal que cravou a lâmina no painel de madeira quase até ao cabo. Fumero deixou escapar um terrível bramido de agonia. A mão soltou-se com um espasmo e o revólver caiu aos seus pés. Carax cuspiu-o em direcção às sombras com um pontapé. O horror daquela cena tinha desfilado diante dos meus olhos nuns segundos apenas. Sentia-me paralisado, incapaz de agir ou de articular um único pensamento. Carax virou-se na minha direcção e cravou o olhar em mim. Contemplando-o, consegui reconstituir as suas feições perdidas que tantas vezes tinha imaginado, ao ver retratos e ouvir velhas histórias.

– Leva a Beatriz daqui, Julián. Ela sabe o que devem fazer. Não te separe dela. Não deixes que ta arrebatem. Nada nem ninguém. Cuida dela. Mais do que da tua vida. Quis assentir, mas os olhos desviaram-se-me para Fumero, que estava a debater-se com a faca que lhe atravessava o pulso. Arrancou-a com um puxão e abateu-se de joelhos, agarrando no braço ferido que lhe sangrava sobre o flanco.

– Vai – cochichou Carax.

Fumero contemplava-nos do solo, cego de ódio, segurando a faca ensanguentada na mão esquerda. Carax dirigiu-se para ele. Ouvimos uns passos apressados a aproximarem-se e compreendi que Palácios tinha acorrido em auxílio do seu chefe, alertado pelos disparos. Antes que Carax pudesse arrebatá-la faca a Fumero, Palácios entrou na biblioteca com a arma em riste.

– Para trás – avisou.

Lançou um rápido olhar a Fumero, que se punha de pé com dificuldade, e depois observou-nos, primeiro a mim e depois a Carax. Percebi o horror e a dúvida naquele olhar.

– Para trás, disse eu.

Carax deteve-se e retrocedeu. Palácios observava-nos friamente, tentando

dilucidar como resolver a situação. Os seus olhos poisaram sobre mim.

– Tu põe-te a andar. Isto não é contigo. Vamos. Hesitei um instante.

Carax assentiu.

– Daqui ninguém sai – cortou Fumero. – Palácios, entregue-me o seu revólver.

Palácios permaneceu em silêncio.

– Palácios – repetiu Fumero, estendendo a mão totalmente velada de sangue em demanda da arma.

– Não – murmurou Palácios, apertando os dentes.

Os olhos enlouquecidos de Fumero encheram-se de desprezo e de fúria. Agarrou na arma de Palácios e empurrou-o com uma palmada. Cruzei o olhar com Palácios e soube o que ia suceder. Fumero ergueu lentamente a arma. Tremia-lhe a mão e o revólver brilhava, reluzente de sangue. Carax retrocedeu passo a passo, procurando a sombra, mas não havia escapatória. O cano do revólver seguia-o. Senti que os músculos do corpo se me incendiavam de raiva. A careta de morte de Fumero, que se lambia de loucura e rancor, despertou-me de chofre. Palácios olhava para mim, abanando a cabeça em silêncio. Ignorei-o. Carax tinha-se já abandonado, imóvel no centro da sala, à espera da bala.

Fumero não me chegou a ver. Para ele só existia Carax e aquela mão ensanguentada unida a um revólver. Arremessei-me sobre ele de um salto. Senti que os meus pés se erguiam do chão, mas nunca cheguei a recobrar o contacto. O mundo tinha-se congelado no ar. O estrondo do disparo chegou-me distante, como um eco de tempestade que se afasta. Não houve dor. O impacto do disparo atravessou-me as costelas. A primeira labareda foi cega, como se uma barra de metal me tivesse atingido com fúria indizível e me tivesse propulsionado no vazio um par de metros, até me lançar por terra. Não senti a queda, embora me parecesse que as paredes convergiam e o tecto descia a toda a velocidade como se ansiasse por me esmagar.

Uma mão segurou-me a nuca e vi o rosto de Julián Carax a inclinar-se sobre mim. Na minha visão, Carax aparecia exactamente como eu o tinha imaginado, como se as chamas nunca lhe tivessem arrancado o semblante. Distingui o horror no seu olhar, sem compreender. Vi que poisava a mão no meu peito e perguntei a mim mesmo o que era aquele líquido fumegante que brotava entre os seus dedos. Foi então que senti aquele fogo terrível, como um hálito de brasas a devorar-me as entranhas. Um grito quis escapar-me dos lábios, mas aflorou afogado em sangue tépido. Reconheci o rosto de Palácios ao meu lado, derrotado de remorsos. Ergui o olhar e então vi-a. Bea avançava lentamente da porta da biblioteca, o rosto ungido de horror e as mãos trémulas sobre os lábios. Abanava a cabeça em silêncio. Quis adverti-la, mas um frio mordente percorria-me os braços e as pernas, abrindo caminho no meu corpo às facadas. Fumero espreitava oculto atrás da porta. Bea não

reparou na sua presença. Quando Carax se pôs de pé de um salto e Bea se voltou, alertada, o revólver do inspetor já lhe roçava a testa. Palácios lançou-se para o deter. Chegou tarde. Carax pairava já sobre ele. Ouvi o seu grito, longínquo, levando o nome de Bea. A sala iluminou-se com o resplendor do disparo. A bala atravessou a mão direita de Carax. Um instante mais tarde, o homem sem rosto caía sobre Fumero. Inclinei-me para ver Bea correr até junto de mim, incólume. Procurei Carax com um olhar que se me apagava, mas não o encontrei. Outra figura tinha ocupado o seu lugar. Era Laín Coubert, tal como tinha aprendido a temê-lo lendo as páginas de um livro tantos anos atrás. Desta vez, as garras de Coubert enterraram-se nos olhos de Fumero e arrastaram-no como ganchos. Consegui ver as pernas do inspetor a arrastarem-se pela porta da biblioteca, o seu corpo a debater-se aos sacões enquanto Coubert o puxava sem piedade até ao portão, os seus joelhos a baterem nos degraus de mármore e a neve a cuspir-lhe no rosto, o homem sem rosto a aferrá-lo pelo pescoço e, erguendo-o como um fantoche, a lançá-lo contra a fonte gelada, a mão do anjo a atravessar-lhe o peito e a trespassá-lo e a alma maldita a derramar-se em vapor e hálito negro que caía em lágrimas geladas sobre o espelho enquanto as suas pálpebras se agitavam até morrer e os seus olhos pareciam lascar-se com arranhaduras de escarcha. Abati-me então, incapaz de sustentar o olhar mais um segundo. A escuridão tingia-se de luz branca e o rosto de Bea afastava-se num túnel de névoa. Fechei os olhos e senti a mão de Bea sobre o meu rosto e o sopro da sua voz a suplicar a Deus que não me levasse, a sussurrar-me que me amava e que não me deixaria partir, que não me deixaria partir. Só recordo que me desprendi naquela miragem de luz e frio, que uma estranha paz me envolveu e levou a dor e o fogo lento das minhas entranhas. Vi-me a mim mesmo a caminhar pelas ruas daquela Barcelona enfeitiçada pela mão de Bea, quase velhos. Vi o meu pai e Nuria Monfort a depositarem rosas brancas sobre a minha sepultura. Vi Fermín a chorar nos braços de Bernarda, e o meu velho amigo Tomás, que tinha emudecido para sempre. Vi-os como se vêem os estranhos de um comboio que se afasta demasiado depressa. Foi então, quase sem me aperceber, que recordei o rosto da minha mãe, que tinha perdido tantos anos atrás, como se um recorte perdido tivesse escorregado do meio das páginas de um livro. A sua luz foi tudo quanto me acompanhou no meu descenso.

27 DE NOVEMBRO DE 1955

POST MORTEM



quarto era branco, forjado de linhos e cortinados tecidos de vapor e de sol reluzente. Da minha janela via-se um mar azul infinito. Certo dia, alguém queria convencer-me de que não, que da clínica Corachán não se vê o mar, que os seus quartos não são brancos nem etéreos e que o mar daquele mês de Novembro era uma jangada de chumbo fria e hostil, que continuou a nevar todos os dias daquela semana até sepultar o sol e Barcelona inteira sob um metro de neve e de que até Fermín, o eterno optimista, julgava que eu ia morrer outra vez.

Já tinha morrido antes, na ambulância, nos braços de Bea e do tenente Palácios, que estragou o seu fato oficial com o meu sangue. A bala, diziam os médicos, que falavam de mim julgando que eu não os ouvia, tinha desfeito duas costelas, roçado o coração, cortado uma artéria e saído a galope pelo flanco, arrastando tudo o que encontrou no caminho.

O meu coração deixou de bater durante sessenta e quatro segundos.

Disseram-me que, ao regressar da minha excursão ao infinito, abri os olhos e sorri antes de perder o conhecimento.

Não recuperei os sentidos a não ser oito dias mais tarde. Por essa altura, os jornais já tinham publicado a notícia do falecimento do insigne inspector-chefe da polícia, Francisco Javier Fumero, numa rixa com um bando armado de malfetores, e as autoridades andavam demasiado ocupadas a encontrar-lhe uma rua ou passagem para rebaptizar em sua memória. O seu corpo foi o único encontrado no velho casarão dos Aldaya. Os corpos de Penélope e do filho nunca apareceram.

Acordei ao alvorecer. Lembro-me da luz, de ouro líquido, a derramar-se pelos lençóis. Tinha deixado de nevar e alguém tinha trocado o mar atrás da minha janela por uma praça branca da qual emergiam uns baloiços e pouco mais. O meu pai, enterrado numa cadeira junto à minha cama, ergueu a vista e observou-me em silêncio. Sorri-lhe e ele desatou a chorar. Fermín, que dormia a sono solto no corredor, e Bea, que lhe sustinha a cabeça no regaço, ouviram as suas lágrimas, um lamento que se perdia aos gritos, e entraram no quarto. Recordo que Fermín estava branco e magro como uma espinha de peixe. Contaram-me que o sangue

que me corria nas minhas veias era dele, que eu tinha perdido o meu todo, e que o meu amigo andava há dias a enfrascar-se em sanduíches de lombo na cafetaria da clínica afim de criar glóbulos vermelhos para o caso de eu precisar de mais. Talvez isso explicasse a razão por que eu me sentia mais sábio e menos Daniel. Recordo que havia um bosque de flores e que naquela tarde, ou talvez dois minutos depois, não sei dizer, desfilaram pelo quarto desde Gustavo Barceló e a sua sobrinha Clara, à Bernarda e ao meu amigo Tomás, que não se atrevia a olhar-me nos olhos e que, quando o abracei, desatou a correr e foi chorar para a rua. Recordo vagamente don Federico, que vinha acompanhado da Merceditas e do catedrático don Anacleto. Sobretudo recordo Bea, que me olhava em silêncio enquanto todos se desfaziam em alegrias e promessas ao céu, e o meu pai, que tinha dormido naquela cadeira durante sete noites, a rezar a um Deus em que não acreditava.

Quando os médicos obrigaram toda a comitiva a evacuar o quarto e abandonar-me a um repouso que eu não queria, o meu pai aproximou-se um momento e disse-me que tinha trazido a minha caneta, a caneta de tinta permanente de Victor Hugo, e um caderno, para o caso de eu querer escrever. Fermín, da porta, anunciava que se informara junto da equipa de médicos da clínica e lhe tinham garantido que eu não ia fazer o serviço militar. Bea beijou-me na testa e levou o meu pai para apanhar ar, porque havia mais de uma semana que não saía daquele quarto. Fiquei a sós, esmagado de cansaço, e rendi-me ao sono, contemplando o estojo da minha caneta em cima da mesa-de-cabeceira.

Acordaram-me uns passos na porta e pareceu-me ver a silhueta do meu pai aos pés da cama, ou talvez fosse o doutor Mendoza que não me tirava os olhos de cima, convencido de que eu era filho de um milagre. O visitante contornou a cama e sentou-se na cadeira do meu pai. Sentia a boca seca e mal conseguia falar. Julián Carax chegou-me um copo de água dos lábios e segurou-me a cabeça enquanto os humedecia. Tinha olhos de despedida, e bastou-me olhá-los para compreender que nunca tinha chegado a averiguar a verdadeira identidade de Penélope. Não recordo bem as suas palavras, nem o som da sua voz. Sei, isso sim, que me pegou na mão e que senti que me pedia que vivesse por ele, e que nunca mais voltaria a vê-lo. Do que não me esqueci foi do que eu lhe disse. Pedi-lhe que levasse aquela caneta, que tinha sido sua desde sempre, e que voltasse a escrever.

Quando acordei, Bea estava a refrescar-me a testa com um pano humedecido em água-de-colónia. Sobressaltado, perguntei-lhe onde estava Carax. Olhou-me, confundida, e disse-me que Carax desaparecera na tempestade oito dias atrás deixando um rasto de sangue na neve e que todos o davam como morto. Eu disse que não, que tinha estado ali mesmo, comigo, havia apenas segundos. Bea sorriu-me, sem dizer nada. A enfermeira que me tomava o pulso abanou lentamente a cabeça e explicou-me que eu estava a dormir havia seis horas, que

ela tinha estado sentada à sua secretária frente à porta do meu quarto durante todo esse tempo e que, entretanto, ninguém tinha entrado no meu quarto.

Naquela noite, ao tentar conciliar o sono, voltei a cabeça em cima da almofada e verifiquei que o estojo estava aberto e que a caneta tinha desaparecido.

1956

As Águas de Março



Bea e eu casámo-nos na igreja de Santa Ana dois meses mais tarde. O senhor Aguilar, que ainda me falava por monossílabos e continuaria a fazê-lo até ao fim dos tempos, tinha-me concedido a mão da filha perante a impossibilidade de obter a minha cabeça numa bandeja. O desaparecimento de Bea tinha-lhe embolado a fúria, e agora parecia viver em estado de perpétuo susto, resignado a que em breve o seu neto me chamasse papá e que a vida, valendo-se de um desavergonhado remendado de um tiro, lhe roubasse a menina que ele, apesar das bifocais, continuava a ver como no dia da primeira comunhão, nem um dia mais velha. Uma semana antes da cerimónia, o pai de Bea apareceu na livraria para me oferecer um alfinete de gravata de ouro que tinha pertencido ao pai dele e para me apertar a mão.

– A Bea é a única coisa boa que fiz na vida – disse. – Cuida-me dela. O meu pai acompanhou-o até à porta e viu-o afastar-se pela rua Santa Ana com aquela melancolia que amolece os homens que envelhecem ao mesmo tempo sem que ninguém lhes tenha pedido licença.

– Ele não é má pessoa, Daniel – disse. – Cada um ama à sua maneira. O doutor Mendoza, que duvidava da minha capacidade para me ter de pé durante mais de meia hora, tinha-me advertido de que a fadiga de um casamento e dos seus preparativos não eram o melhor remédio para curar um homem que tinha estado a ponto de deixar o coração na sala de operações.

– Não se preocupe – tranquilizei-o. – Não me deixam fazer nada.

Não mentia. Fermín Romero de Torres tinha-se erigido em ditador absoluto e factótum da cerimónia, banquete e miscelânea vária. O pároco da igreja, ao saber que a noiva chegava prenhe ao altar, tinha-se recusado rotundamente a celebrar o casamento e ameaçou conjurar os fados da Santa Inquisição para que impedissem o evento. Fermín encolerizou-se e arrancou-o de rastos da igreja, gritando aos quatro ventos que era indigno do hábito, da paróquia, e jurando-lhe que se lhe ocorresse levantar uma pestana lhe armaria semelhante escândalo no episcopado que no mínimo o desterrariam para o rochedo de Gibraltar para evangelizar as macacas por ser mesquinho e miserável. Vários transeuntes aplaudiram, e o florista da praça ofereceu a Fermín um cravo branco que ele logo passou a ostentar na lapela até as

pétalas ficarem da cor do colarinho da camisa. Preparados e sem padre, Fermín dirigiu-se ao colégio de San Gabriel e procedeu ao recrutamento dos serviços do padre Fernando Ramos, que nunca tinha celebrado um casamento na vida e cuja especialidade era o latim, a trigonometria e a ginástica sueca, por esta ordem.

– Eminência, é que o noivo está muito fraco e agora eu não lhe posso dar outro desgosto. Ele vê em si uma reencarnação dos grandes padres da Santa Madre Igreja, lá no alto com São Tomás, Santo Agostinho e Nossa Senhora de Fátima. Ali onde o senhor o vê, o rapaz é como eu, devotíssimo. Um místico. Se agora lhe digo que o senhor me deixa ficar mal, ainda temos que celebrar um funeral em vez de um casamento.

– Se me põe as coisas assim...

Segundo me contaram depois – porque eu não me lembro e quem mais se empenha sempre em lembrar-se dos casamentos são os outros –, antes da cerimónia, a Bernarda e don Gustavo Barceló (seguindo instruções pormenorizadas de Fermín) enfrascaram o pobre sacerdote em moscatel para o descontrair. À hora de officiar o padre Fernando, armado de um sorriso bem-aventurado e de um tom rosado muito favorecedor, optou, num voo de licença protocolar, por substituir a leitura de não sei que Carta aos Coríntios por um soneto de amor, obra de um tal Pablo Neruda, que alguns dos convidados do senhor Aguilar identificaram como comunista e bolchevique impenitente enquanto outros procuravam no missal aqueles versos de rara beleza pagã, perguntando a si próprios se já se começariam a ver os primeiros efeitos do concílio em preparação.

Na noite anterior ao casamento, Fermín, arquitecto do evento e mestre-de-cerimónias, anunciou-me que me tinha organizado uma despedida de solteiro para a qual só ele e eu tínhamos sido convidados.

– Não sei, Fermín. A mim essas coisas...

– Confie em mim.

Chegada a noite dos acontecimentos segui docilmente Fermín até um tugúrio infecto situado na rua Escudillers onde os fedores a humanidade conviviam com os fritos mais abjectos do litoral mediterrânico. Um plantel de damas com a virtude para alugar e muita quilometragem em cima recebeu-nos com sorrisos que teriam feito as delícias de uma faculdade de ortodontia.

– Vimos à procura da Rociíto – anunciou Fermín a um chulo cujas patilhas tinham uma surpreendente semelhança com o cabo Finisterra.

– Fermín – cochichei, aterrado. – Pelo amor de Deus...

– Tenha fé.

A Rociíto apareceu lesta em toda a sua glória, que calculei confinante com os oitenta quilos sem contar o xaile de poliéster e o vestido de viscose colorido, e fez-me um inventário consciencioso.

– Olá, crido. Eu fazia-te mai velho, vê lá tu.

– Não é este o sujeito – esclareceu Fermín.

Compreendi então a natureza do enredo e os meus receios desvaneceram-se.

Fermín nunca se esquecia de uma promessa, especialmente se era ele que a tinha feito. Partimos os três em busca de um táxi que nos conduzisse ao asilo de Santa Lucía. Durante o trajecto, Fermín, que em deferência para com o meu estado de saúde e a minha condição de noivo me tinha cedido o banco da frente, compartilhava o de trás com a Rociíto, sopesando as suas evidências com notável deleite.

– Que boazona que tu estás, Rociíto! Este teu cu serrano é o apocalipse segundo Botticelli.

– Ai, sô Fermín, que dês carranjou namorada esqueceu-se de mim e botoumó desprezo, sô patife.

– É que tu és muita mulher, Rociíto, eu estou numa de monogamia.

– Qual quê, isso né nada ca Rociíto na cure cumas boas fregas de penicilina.

Chegámos à rua Moncada passava da meia-noite, escoltando o corpo celestial da Rociíto. Introduzimo-la no asilo de Santa Lucía pela porta das traseiras que se utilizava para retirar os defuntos para uma viela que se parecia e cheirava como o esófago dos infernos. Uma vez nas trevas do *Tenebrarium*, Fermín pôs-se a dar as últimas instruções à Rociíto enquanto eu localizava o velhote a quem tinha prometido um último baile com Eros antes que Tânato lhe saldasse as contas.

– Não te esqueças, Rociíto, de que o velhadas está um bocado taralhoco, de maneira que fala-lhe alto, claro e grosso, com picardia, como tu sabes, mas sem exagerar, que também não é caso para lhe facturar o reino dos céus antes da hora com uma paragem cardíaca.

– Fica sogado, crido, queu cá sou uma profissional.

Encontrei o beneficiário daqueles amores de empréstimo num canto do primeiro andar, um sábio ermitão entrincheirado atrás de paredes de solidão. Ergueu a vista e contemplou-me, desconcertado.

– Estou morto?

– Não. Está vivo. Não se lembra de mim?

– Lembro-me de si como da primeira camisa que vesti, jovem, mas ao vêlo assim, cadavérico, julguei que era uma visão do além. Não ligue.

Aqui uma pessoa perde aquilo a que vocês, os exteriores, chamam o discernimento. Portanto, o senhor não é uma visão?

– Não. A visão tenho-a à espera lá em baixo, se tiver a bondade.

Conduzi o velhote até uma cela lúgubre que Fermín e a Rociíto tinham ataviado de festa com umas velas e alguns sopros de perfume. Ao poisar o olhar na

abundante beldade da nossa Vénus jerezana, o rosto do velhote iluminou-se de paraísos sonhados.

– Deus os abençoe.

– E o senhor que veja – disse Fermín, indicando à sereia da rua Escudillers que passasse a exercer as suas artes.

Vi-a pegar no velhote com infinita delicadeza e beijar-lhe as lágrimas que lhe caíam pelas faces. Fermín e eu retirámo-nos da cena para lhes conceder a merecida intimidade. No nosso périplo por aquela galeria de desesperos topámos com a irmã Emília, uma das freiras que administravam o asilo. Endereçou-nos um olhar sulfúrico.

– Dizem-me uns internos que os senhores introduziram aqui uma rameira, e que agora eles também querem uma.

– Irmã ilustríssima, por quem nos toma? A nossa presença aqui é estritamente ecuménica. Aqui o infante, que amanhã se faz homem aos olhos da Santa Madre Igreja, e eu vínhamos cá para nos interessarmos pela interna Jacinta Coronado.

A irmã Emília arqueou uma sobrancelha.

– Os senhores são família?

– Espiritualmente.

– A Jacinta faleceu há quinze dias. Veio um cavalheiro visitá-la na noite anterior. É parente dela?

– Refere-se ao padre Fernando?

– Não era um sacerdote. Disse-me que se chamava Julián. Não me lembro do apelido.

Fermín olhou para mim, mudo.

– Julián é um amigo meu – disse eu. A irmã Emília assentiu.

– Esteve várias horas com ela. Havia anos que não a ouvia rir. Quando ele se foi embora, ela disse-me que tinham estado a falar doutros tempos, de quando eram novos. Disse-me que este senhor lhe trazia notícias da sua filha Penélope. Não sabia que a Jacinta tinha tido uma filha. Lembro-me, porque nessa manhã a Jacinta me sorriu e quando lhe perguntei por que estava tão contente disse-me que ia para casa, para o pé da Penélope. Morreu ao alvorecer, enquanto dormia.

A Rociíto concluiu o seu ritual de amor um momento depois, deixando o velhote extenuado e nos braços de Morfeu. Quando saíamos, Fermín pagou-lhe a dobrar, mas ela, que chorava de pena diante do espectáculo daqueles desarranjados da cabeça esquecidos de Deus e do demónio, empenhou-se em doar os seus emolumentos à irmã Emília para que dessem um lanche com churros a todos, porque a ela era uma coisa que lhe tirava sempre as mágoas da vida, essa rainha das putas.

– É queu cá sou uma sentimental. Veja lá, sô Fermín, caquele pobrezinho...

só cria queu o abraçasse e lhe fizesse festas. Uma pessoa fica toda rota...

Colocámos a Rociíto num táxi com uma boa gorjeta e metemos pela Rua Princesa, que estava deserta e semeada de mantos de vapor.

– Haveria que ir dormir, por causa de amanhã – disse Fermín.

– Não me parece que consiga.

Começámos a andar rumo à Barceloneta e, quase sem darmos por isso, entrámos pelo quebra-mar dentro até que toda a cidade, reluzente de silêncio, ficou aos nossos pés como a maior miragem do universo a emergir do lago das águas do porto. Sentámo-nos na borda do molhe a contemplar a visão. A uma vintena de metros iniciava-se uma procissão imóvel de automóveis com as janelas veladas de vapor e folhas de jornal.

– Esta cidade é bruxa, sabe, Daniel? Mete-se-nos na pele e rouba-nos a alma sem darmos por isso.

– Fala como a Rociíto, Fermín.

– Não se ria, que são as pessoas como ela que fazem deste mundo cão um sítio que vale a pena visitar.

– As putas?

– Não. Putas todos o somos, mais tarde ou mais cedo. Eu digo as pessoas de bom coração. E não olhe assim para mim. A mim os casamentos põem-se que nem um pudim flan.

Ficámos ali sentados nos braços daquela estranha quietude, a catalogar reflexos sobre a água. Daí a pouco, o alvorecer espargiu o céu de âmbar e Barcelona incendiou-se de luz. Ouviram-se os sinos distantes na basílica de Santa Maria del Mar, que emergia das brumas do outro lado do porto.

– Acha que Carax continua ali, nalgum sítio da cidade?

– Pergunte-me outra coisa.

– Tem as alianças? Fermín sorriu.

– Vamos, ande. Que nos esperam ao Daniel e a mim. Espera-nos a vida.

Vestia de marfim e trazia o mundo no olhar. Mal me lembro das palavras do padre, nem dos rostos perdidos de esperança dos convidados que enchiam a igreja naquela manhã de Março. Permanece apenas em mim o roçar dos seus lábios e, ao entreabrir os olhos, o juramento secreto que trazia na pele e que recordaria todos os dias da minha vida.

1966

DRAMATIS PERSONAE



Julián Carax conclui *A Sombra do Vento* com uma breve memória para alinhar os destinos das suas personagens anos mais tarde. Li muitos livros desde aquela longínqua noite de 1945, mas o último romance de Carax continua a ser o meu preferido. Hoje, com três décadas atrás de mim, já não tenho esperanças de mudar de opinião.

Enquanto escrevo estas linhas em cima do balcão da livraria, o meu filho Julián, que faz amanhã dez anos, observa-me sorridente e intrigado com aquela pilha de folhas que cresce e cresce, talvez convencido de que o pai contraiu aquela doença dos livros e das palavras. Julián tem os olhos e a inteligência da mãe, e agrada-me acreditar que talvez possua a minha ingenuidade. O meu pai, que tem dificuldade em ler as lombadas dos livros embora não o admita, está lá em cima, em casa. Pergunto muitas vezes a mim mesmo se ele será um homem feliz, em paz, se a nossa companhia o ajuda ou se vive dentro das suas recordações e daquela tristeza que sempre o perseguiu. Agora quem toma conta da livraria somos a Bea e eu. Eu trato das contas e dos números, Bea faz as compras e atende os clientes, que a preferem a mim. Não os culpo.

O tempo fê-la forte e sábia. Quase nunca fala do passado, embora eu a surpreenda amiúde varada num dos seus silêncios, a sós consigo mesma. Julián adora a mãe. Observo-os juntos e vê-se que os une um laço invisível que eu mal consigo começar a compreender. Basta-me sentir-me parte da sua ilha e saber-me afortunado. A livraria dá para viver sem luxos, mas sou incapaz de me imaginar a fazer outra coisa. As vendas reduzem-se de ano para ano. Eu sou optimista e digo que o que sobe desce, e o que desce, um dia há-de subir. Bea diz que a arte de ler está a morrer muito lentamente, que é um ritual íntimo, que um livro é um espelho e que só podemos encontrar nele o que já temos dentro, que ao ler aplicamos a mente e a alma, e que estes são bens cada dia mais escassos. Todos os meses recebemos ofertas para nos comprarem a livraria e transformá-la numa loja de televisores ou de alpergatas. Não nos tiram daqui a não ser com os pés para a frente.

Fermín e a Bernarda deram o nó em 1958 e já vão em quatro crianças, todas elas do sexo masculino e com o nariz e as orelhas do pai. Fermín e eu vemo-nos

menos do que antes, embora às vezes ainda repitamos aquele passeio pelo quebramar ao alvorecer e componhamos o mundo à martelada. Fermín deixou o emprego na livraria há anos e recebeu o testemunho, por morte de Isaac Monfort, à frente do Cemitério dos Livros Esquecidos. Isaac está enterrado ao pé de Nuria em Montjuïc. Visito-os com frequência. Falamos. Há sempre flores sobre a sepultura de Nuria.

O meu velho amigo Tomás Aguilar foi para a Alemanha, onde trabalha como engenheiro numa empresa de maquinaria industrial a inventar prodígios que nunca cheguei a compreender. Às vezes escreve cartas, sempre em nome da sua irmã Bea. Casou-se há um par de anos e tem uma filha que nunca vimos. Manda sempre lembranças para mim, mas sei que o perdi sem remédio há anos. Gosto de pensar que a vida nos arrebatou os amigos de infância porque sim, mas nem sempre acredito nisso.

O bairro continua como sempre, mas há dias em que me parece que a luz se atreve cada vez mais, que volta a Barcelona, como se entre todos a tivéssemos expulsado mas ela no fim nos tivesse perdoado. Don Anacleto deixou a cátedra do instituto e agora dedica-se em exclusividade à poesia erótica e às suas glosas de contracapa, mais monumentais que nunca. Don Federico Flaviá e a Merceditas foram viver juntos quando a mãe do relojoeiro faleceu. Fazem um par flamante, embora não falem os invejosos que assegurem que a cabra puxa sempre para o monte e que, de vez em quando, don Federico faz uma ou outra escapadela para a farra ataviado de fúfia.

Don Gustavo Barceló fechou a livraria e trespassou-nos o seu fundo. Disse estar farto do grémio até à ponta dos cabelos e desejoso de empreender novos desafios. O primeiro e último deles foi a criação de uma editora dedicada à reedição das obras de Julián Carax. O primeiro volume, contendo os seus três primeiros romances (recuperados de um conjunto de provas de imprensa perdido num armazém de mobílias da família Cabestany), vendeu trezentos e quarenta e dois exemplares, muitas dezenas de milhares abaixo do êxito do ano, uma hagiografia ilustrada de El Cordobés. Don Gustavo dedica-se agora a viajar pela Europa em companhia de damas distintas e a enviar postais de catedrais. A sua sobrinha Clara casou-se com o banqueiro milionário, mas a sua união durou apenas um ano. A lista dos seus amantes continua a ser prolixa, embora encolha de ano para ano, como a sua beleza. Agora vive sozinha no andar da praça Real, do qual cada dia sai menos. Houve tempos em que a visitava, mais porque Bea me recordava a sua solidão e a sua pouca sorte do que por meu próprio desejo. Com os anos vi brotar nela uma amargura que quer vestir de ironia e desprendimento.

Às vezes julgo que continua à espera que aquele Daniel enfeitiçado de quinze anos apareça para a adorar na sombra. A presença de Bea, ou de qualquer outra mulher, envenena-a. Da última vez que a vi procurava as rugas do rosto com as

mãos. Contam-me que às vezes ainda se encontra com o seu antigo professor de música, Adrián Neri, cuja sinfonia continua inacabada e que, segundo parece, fez carreira como gigolô entre as damas do círculo do Liceo, onde as suas acrobacias de alcova lhe mereceram o apodo de A Flauta Mágica.

Os anos não foram generosos para com a memória do inspector Fumero. Nem sequer os que o odiavam e temiam parecem recordá-lo já. Há anos topei no Paseo de Gracia com o tenente Palácios, que abandonou a corporação e se dedica agora a dar aulas de educação física num colégio da Bonanova. Contou-me que ainda há uma placa comemorativa em honra de Fumero nas caves da esquadra central da Via Layetana, mas a nova máquina distribuidora de refrescos a moedas tapa-a completamente. Quanto ao casarão dos Aldaya, continua lá, contra todos os prognósticos. Finalmente, a imobiliária do senhor Aguilar conseguiu vendê-lo. Foi completamente restaurado e as estátuas dos anjos reduzidas a gravilha para cobrir a pista do estacionamento que ocupa aquilo que foi o jardim dos Aldaya. Hoje em dia é uma agência de publicidade, dedicada à criação e promoção daquela estranha poesia das peúgas de malha, pudins flã em pó e carros desportivos para executivos de altos voos. Tenho de confessar que um dia, alegando razões inverosímeis, fui lá e pedi para visitar a casa. A velha biblioteca onde estive a ponto de perder a vida é agora uma sala de reuniões decorada com cartazes de anúncios de desodorizantes e detergentes com poderes milagrosos. O compartimento onde Bea e eu concebemos Julián é agora a casa de banho do director-geral.

Naquele dia, ao regressar a Barcelona depois de visitar o antigo palacete dos Aldaya, deparei com um embrulho no correio que trazia carimbo de Paris. Continha um livro intitulado O Anjo de Brumas, romance de um tal Boris Laurent. Passei as folhas à pressa, sentindo aquele perfume mágico a promessa dos livros novos, e detive a vista no início de uma frase ao acaso. Soube de imediato quem o tinha escrito, e não me surpreendeu regressar à primeira página e encontrar, no traço azul daquela caneta que tanto tinha adorado em criança, a seguinte dedicatória:

*Para o meu amigo Daniel,
que me devolveu a voz e a caneta.
E para Beatriz,
que nos devolveu a ambos a vida.*

Um homem jovem, coroadado já de alguns cabelos brancos, caminha pelas ruas de uma Barcelona apanhada sob céus de cinza e um sol de vapor que se derrama sobre a Rambla de Santa Mónica como uma grinalda de cobre líquido.

Leva pela mão um rapaz de uns dez anos, olhar embriagado de mistério perante a promessa que o pai lhe fez ao alvorecer, a promessa do Cemitério dos Livros Esquecidos.

– Julián, não podes contar a ninguém aquilo que vais ver hoje. A ninguém.

– Nem sequer à mamã? – inquire o rapaz a meia-voz.

O pai suspira, amparado naquele sorriso triste que o persegue pela vida.

– Claro que sim – responde. – Para ela não temos segredos. A ela podes contar tudo.

Daí a pouco, figuras de vapor, pai e filho confundem-se entre a multidão das Ramblas, os seus passos para sempre perdidos na sombra do vento.

FIM